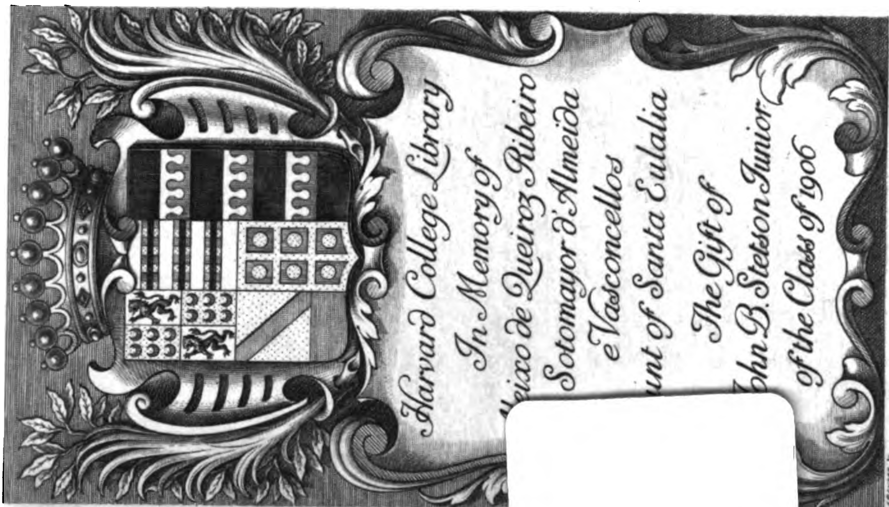

NEDL TRANSFER
HN 4R79 1


Harvard College Library
In Memory of
eixo de Queiroz Ribeiro
Sotomayor d'Almeida
e Vasconcellos
unt of Santa Eulalia
The Gift of
ohn B. Stetson Junior
of the Class of 1906

OVIDIO E CASTILHO

OS FASTOS

OS FASTOS

DE

PUBLIO OVIDIO NASÃO

COM TRADUCÇÃO EM VERSO PORTUGUEZ

POR

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

SEGUIDOS DE COPIOSAS ANNOTAÇÕES

POR

QUASI TODOS OS ESCRIPTORES PORTUGUEZES CONTEMPORANEOS



TOMO I

LISBOA

POR ORDEM E NA IMPRENSA DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS

M DCCC LXII

TRIBUTO

PUBLICO, SOLEMNE, IMMUTAVEL,

DE

ADMIRAÇÃO, RESPEITO, E AFFECTO.

AO AUTOR

DOS MAIS RICOS FASTOS HISTORICOS PORTUGUEZES,

O TRADUCTOR

DOS FABULOSOS FASTOS ROMANOS.

AO INCOMPARAVEL

MARECHAL DUQUE DE SALDANHA,

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

O. D. C.

PROLOGO

Temos na presente obra a parte mais curiosa e instructiva, senão a mais bella, do monumento ovidiano. O que os *Fastos* sejam, e quanto valham, repete-o ha mil e oitocentos annos em todo o mundo, e por todas as linguas, um côro ininterrupto de eruditos e poetas, e continuará ainda a repetir-se em quanto por entre os edificadores do futuro andarem, como hão de sempre andar, estudiosos e devotos do passado.

Amiudar todas as ponderações que abonam este universal consenso em favor dos *Fastos*, fôra desde o principio o assumpto com que o traductor andava traçando regalar num preambulo substancial e florído aos seus leitores. Tomou-lhe porém o passo, e bem haja elle, quem perfeitamente o podia executar: um escriptor em quem o saber se casa com a elegancia, um poeta com fóros para julgar poetas. Mendes Leal, annotando o titulo do poema, disse tudo. Varios outros dos mais de cem commentadores que enriquecem estes volumes, exhauriram, cada um por sua parte, os pontos mais momentosos do elogio do Sulmonense. Depois de taes ceifadores, e quando o celleiro está já pelos telhados e reben-

tando, que é o que nos fica para o rabusco? Em verdade coisa nenhuma. Assentemo-nos portanto a conversar em pratica chã, desenfadados e satisfeitos, como é uso dos lavradores apoz uma colheita abençoada. Amanhã, se irá lavrar noutro chão dos latifundios do nosso poeta; hoje, imitemos o estilo dos que tiram da terra pão e fructos para todo o povo, e que no ocio do dia festivo levantam os pensamentos a outra mais alta esfera de considerações, d'onde o espirito e o coração se lhes fecunda, em quanto o solo lhes descança. Deleitemo-nos, que não será de todo em todo sem proveito, em revolver, mas que não seja senão á superficie, algumas das ponderações, não já eruditas nem poeticas, senão moraes e religiosas, que se nos vieram suscitando ao longo da leitura d'estes *Fastos*.

Uma questão se levanta desde todo o principio: Que tem que ver com os *Fastos* de Ovidio a moral ou a religião, se a religião nelles estampada é falsa e absurda, e a moral do tempo em que elles brotaram era pouca, nulla, ou depravadissima? Eis-ahi precisamente uma valiosa recommendação.

O estudo da historia, quando paira do alto com olhos de aguia sobre os largos periodos da humanidade, descobre-lhes relações e influxos, que de perto e no momento se não viam; ora esse estudo é, e todos o confessam, não só curioso, mas abundante de ensinamento. Logo, quem escurecerá ser para nós hoje em dia tão prestadio, como glorioso, o confronto dos costumes e crenças d'aquella idade, com os costumes e as crenças d'esta nossa? O que hoje sentimos e dizemos da polida barbarie de então, dil-o-hão por certo da civilisação d'estes dias os curiosos que d'aqui a dezoito seculos consultarem por acaso os monumentos do que nós fomos. A crença no progresso, que é tambem uma religião,

e sem a qual a Providencia não seria intelligivel, necessita, para se fortalecer em quanto é nova, para se acreditar em quanto é duvidada, de que em tudo e de toda a parte se lhe venham adduzindo estas e outras provas solemnes e incontestaveis da perpetua evolução das trevas para a claridade, da escravidão para o livramento, do egoismo para o amor, da discordia para a harmonia, da torpeza, da abjecção, do desconforto, para o bello, para a dignidade, para o contentamento. É bom, para que o presente se anime de uma santa fé em si mesmo, que os seculos defuntos se lhe apresentem com todas suas miserias e andrajos, como o escravo ébrio nos jogos do povo austero da Laconia.

Postas as coisas a esta luz, verdadeira e solemne, pena é que Ovidio só nos escrevesse a primeira metade do anno pagão, ou que, se o escrevera todo, a segunda metade ande ainda sumida ou se perdesse. Se o poema existisse completo, seria a copia authentica inteira do abundantissimo testamento de Roma, a rainha escrava e prostituta, em favor de sua irmã mais nova, a Roma santificada pelo christianismo; d'esta Roma que addiu a beneficio de inventario a herança do mundo com mais efficazes auspicios de duração.

A Roma defunta não nos interessa menos que a Roma viva; se temos na segunda a capital dos espiritos, á primeira devemos conquistados o nascente arrebol da civilisação; devemos-lhe na maxima parte a lingua, os costumes, a legislação, os mais preciosos documentos historicos e politicos, os monumentos mais explendidos das artes e da litteratura. Se uma piedade de interesse nos liga á que subsiste, outra piedade de gratidão e de interesse quasi filial nos recommenda a que passou.

Na transição da primeira para a ultima Roma pelos tempos em que o scepticismo das classes illustradas, a philoso-

phia austera dos estoicos, a depravação dos costumes publicos, e o absolutismo tyrannico dos primeiros imperadores, tinham já alluido os fundamentos da sociedade velha, e se estava entrando pela incrivel depravação de todos os principios no tempo dos reinados ephemeros, para d'elles se passar a principes já crentes, pacificos, e moralisadores, nesse praso, repetimos, assignalado pela Providencia para a mais assombrosa decomposição e recomposição do genero humano, nos apparecem grandes homens, grandes escriptores, grandes poetas trabalhando, sem o saberem, para a grande obra. É Julio Cesar, o Pontifice incredulo; é Cicero, o Augur que discute os deuses, e mofa dos augurios; é Virgilio, discipulo de Lucrecio o atheu, a proclamar felizes os que, estudando as causas dos phenomenos, calcam aos pés os pavores do Averno, e que proclama divindade um protector imperial:

Namque erit ille mihi semper Deus.....

ao mesmo passo que perfuma, não sabe d'onde, os seus versos com uma fragrancia vaga, pura e melancolica de uma crença ainda não declarada; é Horacio, o philosopho zombeteiro, que empresta o seu estro á credulidade plebea, para cantar o *Carmen seculare* em honra de Diana e Apollo, e de si confessa, que não é prodigo com os deuses, e bem pouco os visita:

Parcus deorum cultor et infrequens;

é em summa, por não multiplicarmos exemplos superfluos, Ovidio, descrente manifesto das lendas peregrinas e nacionaes, que hão de ser para todo sempre o seu mais incontestavel titulo de gloria.

Quarenta e tres annos contava de idade Ovidio, quando

Jesu Christo nasceu; e dezoito de vida Jesu Christo, quando Ovidio entre os gelos da Ursa acabou de se apagar.

Não se vos figura como quer que seja providencial este encontrarem-se no tempo o Inventariante das fabulas politeísticas, e o Semeador das verdades mais augustas! O cantor das *Metamorphoses* sonhadas, que dizia sentir em si um Deus, com ludibriar a todos os deuses, deixa o mundo a um Homem Deus que o vai transformar desde o profundo até á superficie, desde os infernos até ao alto do firmamento. Era aquelle, ou o não havia, o praso de se concentrarem ao fogo de um possante engenho os *Fastos* religiosos, historicos, e politicos, *urbanos* e *rusticos* do povo rei num poema solido e brilhante, que sob igual titulo ficasse dizendo á posteridade o que elles tinham sido, pois que iam desapparecer, deixando o campo livre aos *Fastos* novos do unico Autor Divino.

O olympo esvaecia-se; os semi-numes desertavam da terra; por sobre as ondas despovoadas de Nereidas e Tritões, tornava a ser levado, como na origem, o espirito do Senhor; o Cysne romano podia entoar as suas exequias. Tinham-lhe chegado as sombras longinquas das palmeiras de Idoméa para elle mortiferas; enxergava porventura nas turbações da agonia levantar-se no horisonte, lá para o nascente, um Capitolio novo, e no escalvado cume um patibulo altar, uma *Deidade ignota*, uma estranha apotheose feita de tormentos e ignominias; o Cysne podia fechar os olhos e acabar; Ovidio expirou; mas este canto, o seu derradeiro canto (milagre terrestre da poesia!) sôa ainda em todos os idiomas, por todos os recantos da terra, sobrevivente á sua lingua, ao seu povo, á sua religião; e ainda depois de desacreditado, de aniquilado como idéa, applaudido, explicado nas escólas, decorado pelos sabios, multiplicado em edições de continuo recrescentes.

A concorrencia do Filho de Sulmona, com o Homem de Nazareth, passe muito embora por mera casualidade; aventámos o ponto, não o defendemos nem insistimos. Mas eisaqui novas coincidencias para muito reparo, ainda que ninguem até este dia o haja feito, que nos conste.

Todos sabem como a cidade por excellencia *Urbs* esta Roma, anciã já hoje de mais de dois mil e seiscentos annos, similhante ao Esão da fabula, ou, melhor, ao Lazaro do Evangelho, compõe a sua vida de duas vidas consecutivas: a pagã e a christã; a noite que passou, o dia que não ha de passar. O crepusculo d'aquella noite para este dia, foi a era de Cesar, e da paz universal; do novo Calendario Juliano, e do Evangelho; a epoca, segundo vimos, dos *Fastos* do nosso poeta.

Sem nos determos na prolixa historia das mil transformações por que passou em cada um dos dois periodos esta singular e unica cidade desde os seus primordios aldeões até os nossos dias, já ameaçada, já victoriosa, já rendida, ora affrontada com os despojos, ora saqueada, coberta de templos, afogada em ruinas, doirada, incendiada, resurgida, sempre a finar-se, e sempre a renascer mais vivaz, observemol-a com maior attenção nos dois pontos precipuos do seu nascimento e do seu renascimento: em Romulo, em Christo. Veremos como Christo, sete seculos antes de nascer, parece profanamente prophetisado, se assim se pode dizer sem quebra da reverencia, na pessoa de Romulo.

Não ignoramos como a critica moderna enfraqueceu, e em parte derribou, muitas das tradições historicas das origens romanas. Seja-nos entretanto concedido tomal-as na sua ingenua integridade, taes como o consenso dos historiadores nol-as havia conservado, e a poesia recoberto e amenisado com as suas flores. Demos de mão por um pouco ás nega-

tivas Romas dos Vicos, dos Michelets, dos Niebuhrs, e contemplemos est'outra Roma com que nos criámos, á qual ainda meninos juramos fé e lealdade, e contra cuja aniquilação não sei que voz interior nos murmura e nos protesta. Se outra especie de verdade lhe fallece, tem a subjectiva, e sobra-lhe esta. Consintamos, como Livio, á antiguidade, o *entertecer coisas divinas com as humanas, para tornar os primordios das cidades mais augustos*: Para o parallelo que vamos estabelecer, chegariam só por si os feitos e successos que o scepticismo historico não invalidou; mas as proprias falsidades manifestas terão ainda aqui uma vantagem: reconhecer-se-ha que as maravilhas ficticias da primeira Roma, com serem de tamanho vulto, foram igualadas e excedidas pelas da Roma que hoje é nossa.

Conta-se que viajando pelos mares das Antilhas algumas vezes se descortina pela atmosphera a mais esplendida miragem com que nunca olhos humanos se enlevaram: a realidade das terras, das montanhas, dos bosques, das cidades, das praias, e das ondas, tudo apparece pelo natural debuxado e vivo no firmamento. São fallazes o desenho e as cores, mas retratam o que existe, o que é solido, o que se palpa, o que se demanda, o que emfim se possue; naquelle mappa aereo e fugitivo se espelha e se reconhece o que ainda se não descobre mas já se presente, se adivinha e se assevera. Invertei os termos alto e baixo, terra e ceo, e percebereis no poetico principio da Roma que foi, a visão precursora da Roma resurgida, indisputavel, presente e perennal. Estai comigo, diria Vieira; acompanhai-nos se vos apraz que vamos longe, vos dizemos nós.

Profugos de Troya arrazada aportam na Italia; entre elles se conta um descendente da antiga, da gloriosa dynastia de Pérgamo começada em Dárdano; é Ascanio, por sua mãi

Creúsa netò d'el-rei Príamo. Ascanio funda a cidade de Alba-Longa, onde a sua descendencia continúa a reinar por decurso de tres seculos. Ultimo rebento de tão profundas raizes apparece Romulo. O neto de mais de vinte reis, não encontra um sceptro no berço, nem berço tem sequer.

Outro tanto acontecerá a Jesus, vergontea da Tribu Real de Judá, descendente em mais de quadragessimo grão de el-rei David: entra no mundo sem herança nem vislumbre de grandezas terrestres.

É mãi de Romulo uma virgem vestal que tendo-se deixado adormecer á beira do Tibre teve por sonhos uma apparição divina e concebeu.

A Virgem das virgens serve no templo de Jerusalem desde os tres até aos quatorze annos de sua idade; aos quinze recebe d'um Mensageiro celeste o ineffavel annuncio de que dará á luz um Filho Bemdito, gerado sem concurso de homem, emanação da Divindade, mencionado nas mais antigas prophecias, desejado e esperado de todas as gentes, e cujo nome será Jesus.

O pai putativo de Romulo, o que elle ha de invocar e servir em toda a sua vida, ninguem o viu; é um deus, o maior deus do Lacio, o deus das batalhas e ao mesmo tempo da fertilidade, o creador, o *Mars Pater*, a quem, sob diversos nomes, dão culto vario as povoações italicas.

O verdadeiro Pai espiritual de Jesus, invisivel e omnipotente é o *Deus dos exercitos*, o autor unico de toda a *creação*.

Um tyranno sanguinario, receoso de uma usurpação no futuro, condemna á morte Romulo recemnascido.

Receoso de uma usurpação no futuro, um despota feroz quer exterminar a Jesus apenas desabroxado.

O primeiro, não atinando a escolher entre dois gemeos sacrifica-os a ambos.

O segundo, para que o Messias desconhecido lhe não escape, abrange na sentença de morte a quantos innocentes ha no reino.

Romulo é salvo. Jesus é salvo.

E aquella caverna, o Lupercal, ás abas do Palatino, convisinha á Figueira Ruminal, covil onde a loba amamentou a Romulo, e animaes lhe deram piedade que entre homens não achára, não lembra por longe o caridoso desconforto do presepio de Bellem? o pastor Faustulo e Acca Larencia primeiros soccorredores do filho da vestal, não se figuram sombras dos pegureiros que hão de trazer ás palhinhas do Menino da Virgem os seus presentes e adorações?

Uma grande escuridade cobre em commum a infancia, a puericia, a primeira adolescencia de um e outro personagem: do Homem Grande, e do Homem Deus.

D'essa escuridade vemos sair o Primeiro, cheio d'altos espiritos, a vencer e castigar malfeitores e bandoleiros que assolam a campanha das cercanias. O Segundo vemol-o sair dominado de outros infinitamente mais altos espiritos, a colher no templo victoria dos doutores da lei antiga.

Já anda cada um na missão que o ceo lhe dispartiu.

Proseguil-a-ha o Primeiro adestrando-se nas armas para as guerras que medita.

O Segundo, dissipando erros, operando milagres, curando, resuscitando, doutrinando, santificando, marchará com passo firme e incessante para a conquista das almas.

Cerca-se o Heroe Albanez de rusticos, rusticamente armados, valorosos como elle.

O Nazareno rodeia-se d'uns poucos de plebeus humildes como elle, corações puros e despegados da terra, que attrahidos da suavidade da sua doutrina, desamparam tudo para o seguir.

Já o campeador da beira do Tibre ousa conceber a fundação de uma cidade. Alba-Longa, d'onde elle saiu, trema desde os fundamentos! A troyana Vesta, que ha trezentos annos a protege, pouco tardará que se transfira com o poderio para os muros que está fantasiando o Filho da sua real sacerdotisa. São chegados os dias de um imperio summo, prophetisados por Carmenta. Romulo tem plena fé em seu pai, plenissima no proprio coração, e no seu braço já provado. Alvorece o vinte e um de abril, festa de Pales, a boa deusa dos pastores. Abre-se no logar escolhido uma cova onde cada um vem lançar devotamente flores, fructos, sementes, e terra trazida de toda a parte, e do mais longe que se pode. Romulo recobre este symbolico thesoiro de fecundidade, predominio e duração; abre com um arado de bronze os alicerces para a muralha quadrada, com portas por onde sairão no crescer dos seculos vencedores para todos os quatro pontos do orbe; e invocando a Jupiter, Vesta, e Marte, impetra d'elles estabilidade para a sua obra. Aves do ceo lhe fadaram imperio; ao primeiro que ousou zombar dos seus muros nascentes e saltal-os, não lhe valeu o ser irmão; cahiu sem vida. « E assim cahirão para todo sempre, exclamou elle, os que desacatarem esta mansão de Numes e de Heroes. »

D'est'arte preludiava nesciamente não á sua Roma, mas á que havia de renascer d'ella, fundada pelos humildes de Jesus, de Jesus, a quem a *pomba* do Empyreo augurou melhor que os *abutres*; e com mais certa prophecia annunciou que edificava em *pedra firme a Igreja contra a qual não prevaleceriam as portas do inferno*, e d'onde os seus Apostolos e Discipulos se derramariam pela terra universa instruindo, baptisando e convertendo.

A fé é a primeira virtude, mesmo em politica; Christo

faz d'ella o fundamento da sua religião. Romulo soubera incutir aos seus uma crença nas proprias forças e destinos, que foi a principal origem do seu dominio universal.

Roma, a velha, nasce destruindo sua mãi Alba.

Roma, a nova, nasce destruindo Roma a velha, sua mãi.

O oraculo que promettera ao deus Termino não pararia senão no fim do mundo, realisou-se, mas foi para com o o christianismo.

Romulo funda um asylo onde os escravos e os foragidos encontram a liberdade e foros de cidadão.

Jesus introduz a religião da liberdade e da igualdade.

No tempo de Romulo faz-se o primeiro arrolamento do povo romano.

No tempo de Christo faz-se o grande arrolamento do imperio.

Mais: Se attendermos a Dionysio de Halicarnasso, Romulo não foi só um guerreiro politico; foi tambem um grande legislador, foi um civilisador religioso, um verdadeiro, um digno precursor de Numa. « Romulo, diz elle, desterrou as fabulas e tradições que vogavam ácerca dos deuses, e que eram, muitas d'ellas pelo menos, blasphemias crassas. Acostumou o povo a não boquejar em divindades senão com decencia, a só as imaginar sublimes, a lhes não attribuir acção indigna de sua natureza bemaventurada e immortal. » Poderá ser favorecido o retrato desenhado pelo historiador grego, mas o certo é que a Roma primitiva nos apparece como um exemplar de costumes rigidos e puros.

Será tudo? Não é ainda tudo. O singular parallelo não acaba com a vida.

Romulo, diz a lenda, não morre: é assumido aos ceos por Marte, seu eterno pai; fabuloso vaticinio da verdade evangelica da ascenção de Jesu-Christo.

Tumultuoso desconcerto de toda a natureza nos ceos, na terra, e nos sepulchros assignalará o fim da agonia da cruz.

Uma tempestade horrorosa tinha assignalado não menos o desapparecimento de Romulo do meio do seu povo na margem da lagoa Cáprea.

Duvida-se na Judea, como se duvidára em Roma, do que foi feito: cá, do fundador da religião; lá, do fundador do reino.

Uma fraude piedosa do senado faz acreditar, que o fantasma glorioso de Romulo apparecêra na estrada de Alba, por noite, a Julio Próculo, o serenára da turbação, e o incumbíra de ir narrar aquella mesma visão á curia e ao povo, exigindo honras divinas e sacrificios para o novo Celícola.

Era a credulidade sonhando a veneranda historia da resurreição.

Rematemos este já longo parallelo com a mais estranha das coincidencias.

Romulo, immortal e impassivel, desapparecido d'entre os seus, fica-lhes todavia presente sob o nome de deus Quirino, e occulto sob as apparencias de uma lança; antecipada, vã, e estulta parodia do mysterio da transsubstanciação, do Sacramento Augustissimo dos nossos altares. Mas que infinita differença de Roma a Roma! lá, por sacramento, o ferro; cá, o pão e o vinho; lá, a guerra, a devastação; cá, o amor, a paz, o convite, o banquete do ceo á terra.

Pelo seu Quirino emfim todos os romanos se ficaram presando de Quirites; como nós hoje por Christo de Christãos.

Mas, se nem a contemporanea idade de Ovidio e Jesus, nem as extraordinarias similhanças entre os começos das duas Romas, entre o semi-fabuloso ser de Romulo e o ser evangelico do Messias, mereceram ao leitor a attenção que

lhes acabamos de conceder, outro tanto não acontecerá talvez ás rapidas observações em que vamos entrar sobre a religião romana, procurando descobrir a ligação logica e providencial das antigas crenças com as modernas, do culto idolatra com o espiritual, da Roma em summa dos *trinta mil deuses*, com a Roma do Deus Unico.

O Lacio, anterior á cidade eterna, apparece-nos do meio das tradições confusas e contradictorias dos tempos remotissimos e mal historicos, como um paiz de attracção pela sua formosura, e de hospitalidade pela sua abundancia e pela indole bondosa dos seus moradores aborigenes. Ainda hoje conserva essas feições. Colonias de toda a parte confluem á Italia. Antenor, Enêas, Evandro, Gregos do continente e da Sicilia, Gallos, Ibéros, talvez até Egypcios e Phenicios, tudo para ali acode; tudo ali se estabelece; tudo traz elementos para futura civilisação. Este caracter da hospitalidade latina, consagrado no proprio nome de *Lacio*, apparece no asylo de Romulo, na mistura das terras lançadas na sua fossa, no systema de aggregação e assimilação, seguido depois pelos reis e pela republica, em virtude do qual os inimigos vencidos se tornavam em geral cidadãos. É já então o systema de hospitalidade, que, mais desenvolvido e santificado, constituirá a principal feição caracteristica do christianismo, d'esta religião tão eminentemente communicativa e social, quanto a judaica, sua mãi, fôra concentrada, e, porque assim o digamos, restricta á nação hebréa.

Não seria facil hoje deslindar o que foram nas eras primordiaes as crenças e praxes das religiões italicas; tão poucos, tão desconnexos, tão imperfeitos e tão vagos são os monumentos que de si nos deixaram.

Isto porém se apura como coisa provavel em summo gráo: que o benigno dos ares e o dadivoso do solo, influin-

do suavidade nos animos, brandura nos corações dos moradores, desgastaram e destruiram sempre com o seu natural influxo tudo quanto de ferino e monstruoso lá entrára com os ritos e sacrificios oriundos de plagas menos favorecidas, e climas desamoraveis. Ar e solo aconselham para o bem, como para o mal. Se advenas de regiões agrestes e inhospitas, alguma vez introduziram por lá sacrificios de sangue humano para conciliar o favor celeste, essas horrorosas immolações breve se transformaram em festas incruentas. O Tibre via cahir despenhados nas suas aguas em vez de estrangeiros que se lhe haviam sacrificado em quanto era Albula, ou ainda mais antigamente, simulacros humanos, sob o titulo de Argeus; notavel e significativa solemnidade, ainda em tempo de Ovidio celebrada duas vezes por anno. Não se objecte, contra esta virtude, que attribuimos de mitigar costumes ao temperamento dos ares e da terra, a prodigalidade quasi festiva com que se veiu a derramar nos jogos publicos o sangue dos escravos. Os gladiadores e as feras na arena, debaixo do esplendido sol e das fragrancias da Italia, espectaculos que só lidos nos fazem estremecer, eram tão alheios á verdadeira indole italiana, como estranhos á religião. O longo uso da guerra fizera baratear na estimação as existencias; a superabundancia da escravaria impedernira, até nas mulheres, parte da sensibilidade nativa; as riquezas monstruosas e as delicias confluentes a Roma de todas as conquistas, haviam saciado tantas sêdes, que era já forçoso ir procurar nas sensações mais violentas um simulacro de deleite. O povo gigante devorára tanto, bebêra tanto no vaso de oiro das prosperidades, que para dormitar agradavelmente a sua derradeira sesta. carecia de se embriagar, e não sabia como: inventou uma taça monstruosa: o circo; mandou-a encher d'um licor ardente e vertiginoso: o sangue

dos escravos, dos gladiadores, dos martyres e das feras; provou, sorriu, cresceu-lhe a avidez, delirou, adormeceu, cahiu. Era para morrer.

Não foram porém assim os aborigenes: para a sua fantasia ainda simples e infantil, bastava, como complemento das necessidades satisfeitas, o espectaculo de uma natureza que de toda a parte se devia rir, que de toda a parte murmurava caricias como de mãi. A religião teve a innocencia, o perfume, o viço, os devaneios amantes do idylio; os animos agradecidos, davam-se bem com deuses quasi familiares, que exigiam pouco em oblações, e davam tudo. Os *Fastos* romanos, especialmente os rusticos, *Rustici Fasti*, transvasaram para o poema de Ovidio, e o poema de Ovidio nos conservou, preciosos fragmentos, que provam haver sido esta a poetica religião d'aquelles tempos. Era uma religião tão conchegada com o bom, tão agradecida a beneficios, tão louvavel em affectos, ainda quando desalumiada de fé e philosophia, que, se folheamos os Fastos da Igreja, é impossivel não divisarmos nelles como por baixo d'um escripto de piedade se enxerga um Virgilio num codice respansado, vestigios d'aquellas simplezas tão sympathicas de outr'ora. A Igreja, sempre amante, e sempre illustrada, as metteu em si, e as consagrou para as perpetuar, porque eram boas, como nadas e creadas no Paraiso, lembradas da destinação original do homem, a vida agricola, e com leves differenças de fórma conservadas sem quebra atravez de todos os tempos até ao nosso.

Era pois aquella uma religião sobre tudo campestre e agricola como o viver dos seus sectarios.

O pastor, o lavrador, o lenhador, o caçador, condemnados a passar os dias cada um na solidão mais ou menos profunda do seu mister, consolavam-se pensando que em

realidade não estavam tão sós como aos seus olhos parecia, pois que a terra era uma grande deusa, a atmosphera circunfusa outra, o ether o maior de todos os deuses; que sumido em cada rio morava um genio amigo e poderoso; uma Nayade, mais formosa que todas as mulheres, em cada fonte e em cada lago; que um bosque era uma cidade, e cada tronco a morada de uma Ninfa; que o rebanho, a seara, a vinha, o pomar, a horta, a montaria, a jornada, o marco da fazenda, o fogo domestico, o forno, a porta, o casamento, os filhos, tudo era velado e protegido.

Quem de tanto se gosava no torrão em que nascera, tinha obrigação e necessidade de o defender. O camponez pacifico, ao primeiro rebate de invasão convertia em armas os instrumentos do seu grangeio, invocava o seu Marte, que então se transformava, como elle, de creador em guerreiro, e confiado em tão alta protecção ia, pelejava por tudo que tinha de mais caro, e regressava modesto e contente; o carro da aceifa era o coche de triumpho que o esperava; o seu Capitolio, a choupana segura para a sua mulher e para a sua descendencia; a sua hecatomba, um festim singelo e folgasão com a familia e os visinhos, talvez por traz da capella de Vacuna, talvez diante do oratorio dos Lares protectores, talvez á sombra regalada das arvores semeadas por seus avós para elle, e por elle agora redimidas para seus netos pelos tempos fóra.

Se bem reparamos no aspecto da Roma primeva, reconhecemos facilmente que os homens que trouxeram para a fossa de Romulo flores, sementes, e terra de diversos pontos do paiz, trouxeram tambem em si para a communidade a religião mixta de campestre e bellicosa.

Mas o elemento agrario, que havia sido o preponderante no viver e no culto das povoações italianas, das quaes se

encheu, graças ao asylo, a cidadinha quadrada de Romulo, o elemento agrario houve de ceder para logo á primazia ao elemento guerreiro. O Marte da paz e dos fructos vestiu as armas para proteger e ampliar a fundação de seu filho, e nunca mais as largou.

O culto, verdade é, nunca se esqueceu de que o soldado nascêra camponez, e ainda no tempo de Julio Cesar se ouvia com deleite nos versos de Virgilio a arte da agricultura, ensinada não menos por Varrão, Catão, e Columella; mas a cidadinha recemnascida, presentia já os seus destinos, e não os podia realisar senão ceifando cidades em logar de farragiaes, e enfeixando com mão robusta povos: primeiro os comarcãos, depois os apartados, por ultimo os de todo o orbe. Tal foi, com pequenas interrupções, a obstinada missão, a missão assombrosamente feliz, da monarchia, da republica, e do imperio.

Tiveram porventura os romanos desde o principio uma consciencia clara e positiva de que trabalhavam para a dominação universal? Talvez não; é mais verosimil que o seu estado se foi encorpando e crescendo, desde o quasi nada da sua origem, até á sua remota immensidade, sem nunca pensar verdadeiramente senão em absorver o proximo, o accessivel, o que se podia sem custo digerir e assimilar. As victorias de hontem, inspiravam os commettimentos de hoje; a fortuna de hoje, os arrojos de ámanhã. Como das conquistas brotavam os triumphos, brotavam dos triumphos as conquistas. Pode-se applicar para aqui o que da fama de Marcello dizia Horacio:

Crescit occulto, velut arbor, aevo.

É entretanto forçoso confessar, que, se os romanos não tinham, porque não a podiam ter, uma convicção antecipa-

da de fados tão inverosimeis e enormes, como os que lhes estavam guardados no thesoiro da Providencia, de feito obravam como se os conhecessem, e para lá encaminhavam tudo com um instincto de acerto que mal se explicaria se se recusasse á Providencia uma cooperação mais ou menos occulta em todas as coisas d'este mundo.

O povo romano, quando attentamos em certos actos de sua vida social, lembra-nos a ave ainda virgem que arribou de longes terras, sem guia, por estrada aerea que ninguem lhe assignalou, vai poisar na arvore que nunca viu, e que a hospéda como se já fossem antigas conhecidas, ou como se os ventos que vão e vem as tivessem uma á outra annunciado; vai tomando pelos arredores, com a certeza de quem os tivesse lá deixado, os materiaes dispersos de que ha de engenhar ninho, fortalecel-o por fóra, afôfál-o por dentro, ageital-o á medida e feição de ovos que ninguem lhe prophetisou, deposital-os ali no calculado asylo das ramas que melhor se alastraram para toldo contra soes e chuvas, abrigo contra os ventos, e anteparo contra os olhos prespicazes dos salteadores alados, e dos reptís perfidos e industriosos, como se as exhalações da terra, e do ceo as estrellas, lhe segredaram os perigos todos que do baixo lhe podiam trepar, ou despenhar-se-lhe do alto, e assim descançada, contente e feliz, já mãi no amor antes de ter filhos, esquece a comida e o vôo, abraça com as azas, fecunda com o seu calor o que ainda se não representa mais que umas pedrinhas redondas, mas em que se contém a sua posteridade, as legitimas ufanias da seguinte primavera. Os cantos com que o marido a desenfada a esvoaçar-se de alvoroço nos ramos proximos, parece estarem-lhe augurando boas ditas; e ella, pelo modo como olha para as alturas d'onde elle baixou, affirmar-se-hia que as espera.

O Sabio Invisivel, que tantas coisas ensinou á avesinha inexperta, foi o mesmo que industriou o desalumiado povo da antiga Roma para apparelhar nella, sem o cuidar, o berço para a nova, para a suprema religião que os prophetas predisseram, e que a passos contados se approximava.

Já recordámos que ao asylo aberto no monte Capitolino para foragidos, devêra Romulo os primeiros cidadãos; com ruins companheiros começava sem duvida, mas não os havia melhores por então. Careciam de mulheres; deu-lh'as o rapto das sabinas. Foi acto innegavelmente de violencia perfida, odiosa, execranda; mas uma fatal urgencia o tornava indispensavel. D'ahi resultou não só vida e incremento á povoação, amansamento nos costumes, e amor ao lar domestico, primeiro fundamento do afferro á patria, mas tambem, como beneficio sobre beneficios, dilatação de estados. Em allianças, e em promiscuidade vieram a parar as guerras, provenientes d'aquella brutal injuria, guerras, em que as proprias involuntarias causadoras d'ellas, foram a final os candidos laços da concordia. Acrescentemos agora que o solo, asylo de criminosos, não tardou em fazer-se asylo tambem dos numes forasteiros; e que os mesmos que tanto haviam lucrado em tomar esposas á força nas proprias festas do deus *Conso*, do deus do *Bom Conselho*, não hesitaram em raptar igualmente para os seus muros as deusas e os deuses dos povos adversarios. Imaginaram andar nisso com mui prudente aviso como politicos, e assim era; mas a politica humana ia pelo caminho encoberto da Providencia; vê-se hoje cá de longe, e do alto da historia.

Era crença geral, e de todos os tempos, que assim como cada casa se mantinha e prosperava por mercê dos seus Lares, e cada navio pela dos seus, enthesoirados á pôpa, cada cidade tinha o seu melhor seguro no padroeiro ou padroei-

ros da sua peculiar invocação (até d'isto restam na christandade vestigios santificados!): Baccho, tutelava a Thebas; Apollo, a Delphos; Minerva, a Athenas; Pallas, Neptuno e Vesta, a Pérgamo; Juno, a Samos e a Carthago; Diana, a Aulide; Jupiter, a Creta; Venus, a Amathunta, a Paphos, a Gnido; Isis, a Memphis; Marte, com diversos nomes e attributos, a um sem conto de povoações por toda a Italia.

Marte, o pai de Romulo, foi, desde que Roma se ergueu, o seu primeiro Nume. O proprio rei da paz, Numa Pompilio, lhe adsoreveu culto especial, a cargo do collegio dos Salios, e o fez depositario do Ancilio, um dos talismans do imperio, como o fogo de Vesta e o Palladio. O numero dos templos a Marte cresceu na cidade pelos tempos alem, com o progresso das guerras, das victorias e das conquistas.

Terem por si a Marte e Quirino, e com elles todos os deuses de primeira, de segunda, e de terceira plana, albergados em marmore e em oiro dos muros a dentro, parece que já se podia dar por bastante para a segurança interna dos Quirites, que não se descuidavam de renovar de continuo sacrificios e oblações, lectisternios e jogos dos mais solemnes a tão venerandos, sobre tudo a tão potentes hospedes. Mas Roma é que se não contentava com a certeza da sua inviolabilidade; era mister que essa ventura fosse nella um privilegio, privilegio exclusivo em todo o orbe. Antes de arremetterem contra qualquer cidade para a avassallar, ou demolir, o general romano convidava os deuses protectores d'ella, conhecidos ou desconhecidos, para que se dignassem de lh'a desamparar á boamente, entendendo que assim se quebrava o escudo, e se embotava a espada ao inimigo.

Macrobio nos transmittiu a formula ritual d'aquellas deprecações ou *devoções*, como em latim as appellidavam: reduziam-se a supplicar-lhes, infundissem nos moradores e seus

soldados pavor e desacordo, nos acommettedores valentia; promettendo-lhes, em paga da victoria, trasladar para melhores templos em Roma os Numes desertados dos seus antigos altares, com obrigação de sacrificios mais solemnes e jogos mais brilhantes na capital do mundo. «É assim, continúa o mesmo autor, que eu acho noticia de terem sido ritualmente amaldiçoadas *(devotas)* pelos romanos, a fim de poderem ser por elles expugnadas, as seguintes cidades: Stonios, Fregellas, Gabios, Veios, Fidenas; isto dentro na Italia; e fóra d'ella: Carthago e Corintho, sem fallar em muitas outras das Gallias, das Hespanhas, da Africa, da Mauritania, e d'outras nações, de que rezam os antigos Annaes.»

Para se precaverem de represalias, e tornal-as até impossiveis, é que em Roma, segundo o autor dos Saturnaes, se mantinha no maior mysterio, não só qual fosse o seu verdadeiro nume tutelar, mas até o proprio nome da cidade. Roma lhe chamavam os seus filhos, e todo o mundo; e todo o mundo, e os proprios romanos, sabiam que era outra, ignota, e innefavel, a sua denominação.

Estes dois enigmas, que desatinaram a sete seculos, aclarou-os a religião nova: o nume latente saiu Christo; a cidade innominada descobriu-se Jerusalem terrestre.

Emquanto Roma esponjava para si as idolatrias de todo o mundo, absorvendo na sua as nacionalidades alheias, e pela propria superstição se precavia de retaliações, outro phenomeno, jámais visto antes nem depois, se lhe observava no interior.

Era a religião monopolio da aristocracia; neste sentido o povo romano se dividia em duas *castas* perfeitamente distinctas: a plebe, os patricios; o corpo, e o estomago, segundo a parabola de Menennio Agrippa; ou, com mais exacção:

d'uma parte, os membros operosos; da outra, o ventre e a cabeça.

Nunca desde o principio da republica, deixou a plebe de olhar de travez, com ciume e aversão, com animo hostil, com audacia de obras muitas vezes, para os que ella tinha por usurpadores dos seus direitos naturaes, e conculcadores insolentes de sua imprescriptivel liberdade. Innegavelmente dos plebeus para os magnates, pouco menos distancia medeiava que dos escravos para os livres.

Não era só a exorbitancia das riquezas accumuladas nas familias nobres, os usurarios emprestimos dos opulentos aos necessitados, e a desabrida jurisprudencia enfeudando, porque assim o digamos, o devedor ao credor, o que mantinha esta desigualdade civica, sempre murmurada, e a miudo sacudida, mas sacudida em vão, pelos opprimidos; era tambem o exercicio dos cargos mais importantes do estado, de que os proceres se não deixavam desapossar, por mais que as sedições lh'os disputassem; mas era, com especialidade, a gerencia do sacerdocio e de tudo que de perto, ou por longe, tocava na religião, que era tudo absolutamente; as demais cadêas ainda eram humanas, podiam quebrar-se; esta porém, que era de bronze, e agrilhoava pés e mãos a todo o corpo social, tinha o seu primeiro argolão no Olympo, debaixo dos pés do Destino, e o seu argolão ultimo no fundo do Tártaro, defendido pelas Furias.

Coisa nenhuma se passava na vida romana, sem ter sido primeiro sanccionada por agoiros rituaes, e poucas sem serem acompanhadas de sacrificios. Eram usanças antigas, herdadas dos etruscos, e mais povos latinos; bebiam-se com o leite; constituiam segunda natureza. Ora para os sacrificios e para os agoiros, o plebeu estava á mercê, quasi nunca desinteressada, e nem sempre leal, da classe privilegiada.

Tanto como os actos summos da guerra e da paz, tanto como os do Foro Comicial e os dos tribunaes, a ritos eram sugeitos os contractos, os testamentos, os consorcios, os repudios, a tomada da toga viril, as exequias, as demarcações dos campos, o edificar das casas, o rompimento de uma porta nova, a erecção de um forno, ou de um muro, o arroteamento de um solo, a plantação de um arvoredo, a lustração de um predio, a manumissão de um escravo... tudo, pela palavra tudo. Os dias das festas mudaveis, os de bom ou máo agoiro, os de trabalho ou de guarda, os fastos e os nefastos, saiam-lhe determinados em tabellas feitas pelos seus senhores da ordem sacerdotal. A cargo d'elles é que estavam esses registos, de que alguma idéa se pode conceber por estes do poeta. (O catholicismo, com serem nelle dominio publico os almanachs, ainda hoje recorda aos fieis na estação da missa conventual dos domingos as solemnidades da semana que entra). O plebeu não podia formar um projecto, dar um passo, voltar os olhos, sem ver, sem sentir sobre si o braço dos que tinham monopolisado o commercio dos deuses com os homens, e do mundo com o alem-mundo.

« Auspiciis hanc urbem conditam esse, auspiciis bello ac pace, domi militiaeque omnia geri, quis est qui ignoret? Penes quos igitur sunt auspicia more majorum? Nempe, penes Patres: nam plebeius quidem magistratus, nullus auspicato creatur » (1). Assim exclamava um nobre defendendo sem hypocrisia os privilegios da sua classe, quando uma voz de magistrado da classe inferior ousou pedir communhão de direitos para a plebe nas coisas divinas.

O plebeu via-se pois rodeado de collegios ou congregações, *em* que só figuravam as familias illustres, e a cujos

(1) Tit. Liv. lib. VI, cap. XLI.

multiplices influxos lhe não era possivel, nem licito lhe fôra, subtrahir-se: Collegio dos Pontifices, verdadeira congregação dos ritos e a que o proprio Julio Cesar ambicionou presidir; Collegio dos Augures ou agoureiros; Collegio dos Septemviros Epulões, superintendentes dos festins e jogos votivos e sagrados; Collegio dos Quindecemviros (os escrutadores dos versos sibyllinos); Collegio dos Aruspices, vaticinadores pelas entranhas das victimas; Collegio dos Feciaes, reguladores das ceremonias dos direitos e das condições das guerras e das pazes; Collegio das Vestaes, depositarias da salvação publica; Collegio dos Salios, propiciadores de Marte, e guardas do Ancilio; Collegio dos Ticios, conservadores das praxes religiosas dos Sabinos; Collegio dos Flamines, para os sacrificios especiaes de Jupiter, de Marte e de Quirino; por isso não admira que entre tantas divindades risonhas, como Venus, Graças, Amor, Flora, Vertumno, e Anna Perena, houvesse ali altares para Jove Trovejante, para Marte Vingador, para o *Medo*, e para a *Pallidez*. Quanto a Lupercos e Gallos, festeiros ignobeis de Pan e Cybelle, esses que fossem plebeus quanto quizessem; a sua importancia era nulla, e os proprios plebeus se riam d'elles nas encruzilhadas.

Duas verdades se apuram no que deixamos esboçado: primeira, que a religião de Roma não era romana; segunda, que não era sequer religião. Não era romana, porque o elemento italiano, de que originariamente se compozera, se confundiu, e quasi se perdeu, no concurso inextricavel e cahotico de tantos cultos adventicios, contradictorios, e mais consistentes em praticas externas que em pensamentos ou affectos; e não era religião, não só por esse vicio radical, senão porque era, vê-se, uma politica, um meio de predominio do patriciado sobre o povo, e da cidade sobre o mundo (1).

(1) Ver *Le Génie des réligions*, de mr. Edgard Quinet.

D'estes dois absurdos apparentes se compunha nos arcanos da Providencia a regeneração do futuro; porque d'esta sorte, Roma, só muito superficialmente radicada nas crenças politheisticas, Roma com fome e sede, sempre a mais, de uma verdadeira fé, de que a razão se não envergonhasse, era solo preparado para nelle se plantar a cruz e fructificar. Do Pontifice Maximo dos *trinta mil deuses*, passaria, porque era um progresso, para o Summo Pontifice, representante, por uma especie d'apotheose em vida, do Deus Unico. Julio Cesar e seus successores tinham por herdeiro e testamenteiro ao santo pescador do mar de Tiberiade.

A romanisação das nações, o habito em que ellas estavam de receberem do Tibre as suas leis, e de aguardarem sempre do Capitolio os seus destinos, faria com que, apenas amanhecesse sobre os sete montes, a luz se diffundisse victoriosa para toda a parte até os confins do orbe conhecido. Os povos que haviam dado tão longamente á cidade do Filho da Vestal os seus cultos vãos, insensatos, caducos, receberiam d'ella, baptisada pelo Filho da Sempre Virgem, o livro da *Boa nova*; o que o ferro lhes tirára de independencia, ia o amor restituir-lh'o centuplicado em independencia e em liberdade.

Como já indicámos: a caducidade do paganismo, effeito d'estes vicios de substancia, e de organisação, era ainda augmentada: de uma parte, pela crueldade, coisa sempre repugnada pela natureza; d'outra pela devassidão, embriaguez contra a qual protestam sempre no fundo da alma instinctos honestos que no povo se não acabam; e de outra, pelas doutrinas austeras do Portico, porque em realidade o estoicismo era na cerração da corrupta idolatria um arrebol precursor do christianismo. Mas ha mais. A Providencia de tudo faz materiaes para as suas edificações.

O monopolio dos agoiros e dos sacrificios pela aristocracia romana, essa causa permanente das murmurações e do dessocego da plebe, tinha, não sem tempo, nem sem custo, cedido a final ás reivindicações do bom senso e do interesse. O plebeu era já perante os altares igual ao patricio, ou pouco menos. Este facto importante, esta victoria de Roma sobre Roma, já era nella uma parte de iniciação para a religião democratica do filho do operario e dos pescadores seus companheiros, religião onde até os minimos podem ascender ao throno pontifical.

Finalmente: a superabundancia e a horrorosa miseria da escravaria estava multiplicando ao infinito o numero dos predispostos para abraçarem com enthusiasmo, confessarem e defenderem até ao martyrio, uma crença que prégava o dogma natural e sacrosanto da igualdade de todos os homens perante Deus.

A transformação estava deveras começada; e os imperadores, mesmo resistindo-lhe, a apressavam por todos os modos. As aguias, com o raio nas garras já meio apagado, trepidavam diante da pomba que só trazia no bico o ramo da oliveira. A lança cure, o emblema sacramental de Quirino, levantava-se por si para ir em mãos de Constantino ser o *labarum*; preenchia-se a prophecia das sybillas, enterradas havia muito. O vaticinio virgiliano, resolvia-se em historia: vinha de feito assomando uma era nova:

Magnus ab integro seclorum nascitur ordo.
Jam reddit et virgo; reddeunt saturnia regna.

Este praso não foi curto, e foi sobre tudo trabalhoso. Tres seculos de lucta intestina, nos espiritos, nos costumes,

nos interesses se haviam de passar desde Christo até Constantino Magno, o pagão christão, ou christão pagão; o homem que adorava o Deus, sacrificando aos deuses; que edificava ainda um templo á Concordia, quando ia decretar emfim a paz á Igreja; que celebrou jogos funebres da gentilidade, e premiou cidades, por desterrarem os idolos; que aboliu o supplicio da cruz, outorgou foros e immunidades ao clero, fez convocar o primeiro Concilio ecumenico, publicou leis humanas de caridade, e rematou com o seu proprio baptismo um reinado não isento de faustos orientaes, de perfidias e de verdadeiras crueldades. A igreja grega festeja-o como santo; a historia, mais severa, hesita. Para muitos, Constantino só foi um politico, jogando com as crenças segundo as inspirações da conveniencia. Fosse o que fosse, amantes da civilisação, não seremos nós dos que o condemnam. O seu apparecimento no throno foi um beneficio, foi um progresso incontestavel.

Se na alma de Constantino travaram batalhas reaes as opiniões novas e as antigas, levando alternativamente umas e outras a melhoria, até a final triumphar do Olympo o *Filho do Homem*, outro tanto se passava no imperio.

Roma era como a phenix: debatia-se affrontada entre o fumo e as chammas, para renascer. Desde os primeiros perseguidores até Galerio Diocleciano, martyrisados e algozes, tinham sido todos romanos, concidadãos, consanguineos. No espectaculo d'estas magnificas tragedias, em que se continha na ignominia a glorificação, parte do povo applaudia, parte derramava lagrimas de piedosa inveja, esperando a sua vez de conquistar tambem o ceo. Nada ali era estrangeiro, senão as feras, mandadas vir da Africa, para que os verdugos podessem descançar alguns momentos. D'aquella arêa ensopada em sangue, se fabricava o cimento romano para os alicerces

da Igreja. O sacrificio incruento saíu por derradeiro das catacumbas depois de tres seculos, como Christo do sepulchro depois dos tres dias; foi celebrar-se nos altares donde os deuses, saciados de sangue, tinham sido atirados ao Lethes pelos seus antigos adoradores.

Aqui, e d'aqui ávante, apparece completa a metamorphose, o rejuvenescimento, ou o renascimento da capital do mundo.

A segunda Roma conserva da primeira quanto baste para mostrar a sua identidade; tudo mais despiu-o; parte por suas mãos, parte por mãos barbaras accorridas de longe a vingar as passadas injurias do universo.

O logar que ella occupa é ainda o mesmo no mappa do mundo; mas o solo em que se levanta é já composto das suas proprias ruinas; a Roma primeira jaz dez e quinze palmos sob os pés da Roma viva; comprehende esta no seu gremio as mesmas collinas; confronta-se com o mesmo Tibre e montes d'outr'ora; mas as estradas que d'ella se dispartiam para as regiões mais longinquas, estão desertas. Resumiu-se-lhe a espantosa população; dissiparam-se-lhe as opulencias; acalmou-se-lhe o susurro immenso das festas, dos commicios, dos exercitos, das sedições, dos negocios, das escólas, dos mercados de servos, dos theatros, das procissões, dos jogos publicos, das armadas, e do trafego das gentes das conquistas, e de seus idiomas innumeraveis. Pallida, sentada no meio da campanha triste, despojada e doentia, lembra a antiga peccadora da Alexandria, penitente no deserto de alem-Jordão; tem um solio, e ainda domina; mas agora sem rumor, e sobre espiritos; é a soberania que lhe resta, mas soberania infinita e sem rebeldes, soberania sem os odios e os perigos, a que a temporal a trouxe e traz exposta agora mesmo.

Neste sentido, o verso com que Virgilio designava os seus contemporaneos, poderia ter sido escripto ainda hoje:

Romanos rerum dominos gentemque togatam.

Sim! até a toga, as roupas talares dos antigos, as conservou no seu sacerdocio a igreja, como nos seus ritos salvou os ultimos restos da lingua de Cicero, e mil fragmentos do abolido culto e das artes que o acompanhavam.

Bem que o imperial calendario Juliano se reformou sob a autoridade papal de Gregorio IX, os nomes dos mezes, os dos signos do Zodiaco, os dos dias da semana, são ainda pagãos. As cannonisações succederam com vantagem ás apotheoses. As procissões dos santos giram por onde giravam as dos deuses. Estréa-se o anno, como se estreava, com emboras e presentes. A alleluia accende o *lume novo*, como para Vesta se accendia no primeiro de março. Os banquetes das Caristias, para apertar ou renovar convivencia entre os parentes, não são menos lembrados na festa paschal do que a propria paschoa dos hebreus. Maio vê os parochos sairem a abençoar os fructos da terra, e recorda-se de quando os Arvaes, coroados de espigas e ínfulas alvas, andavam por ali a lustrar com sacrificios as fazendas. Os oratorios foram os lararios; mas os Lares não se ausentaram sem deixarem claros vestigios de si no nome da *lareira*, no respeito ao fogo, nos loiros com que se enfeitam as cosinhas. Os mortos têem ainda as suas festas; a partida para as guerras as suas preces; a celebração das victorias os seus canticos de graças; as esterilidades as suas supplicações, como no tempo da Rubigine; as festas de Saturno, commemorativas da igualdade humana em eras apartadas, são, ponto por ponto, os folguedos delirantes do carnaval; as Pallilias, renovam-se

C *

nas fogueiras do S. João. O casamento perpetuou o nome de hymeneu; celebrou-se nos templos, celebra-se na igreja; teve dias bem e mal agoirados, como tem dias em que lhe são concedidas e outros em que lhe são recusadas, as benções. Pendemos nos templos memorias votivas, como as dos romanos, pela saude recuperada, ou outros beneficios obtidos por favor superno.

Então se consideramos as superstições que revestem, e em parte escondem e carcomem, como musgos, o tronco da religião, as palavras de virtude, os bruchedos, as feiticerias, os dias aziagos, os passaros de agoiro, os lobishomens, e mil outras coisas d'este genero, espantamo-nos de ver que tambem nisto não possuimos quasi senão romanismos. A credulidade, e a tendencia para o maravilhoso, inextirpaveis no povo, fizeram para estas conservações muito mais que a piedade verdadeira e illustrada. A igreja salvou, mettendo-o em si, tudo quanto convinha salvar; a superstição tudo absolutamente quanto poude.

Mais um ponto de contacto, mais uma inesperada similhança entre as duas Romas: a antiga, de quem fomos conquistados; a moderna, de quem somos convertidos.

Os epithetos com que a primeira se gloriou, eram: *Victrix*, *Invicta*, *Aeterna*, *Sacra*, *Parens;* de todos elles se gosa entre os escriptores piedosos a segunda. Aquella, representava-se commummente nas estatuas, nas pinturas, nos camapheus, e nas moedas, em forma feminil, com emblemas de victoria e poderio; esta, figura-se num vulto de mulher, armada, em pé, de capacete e coiraça, fraldada de purpura; na direita, uma lança com uma cruz por ferro, marcada com um P, e para recosto um escudo com as chaves do Paraizo, encruzadas, e o conto da lança a pesar sobre a cabeça do dragão que lhe jaz aos pés.

Emfim : se a pagã foi adorada como Nume, e obteve sacrificios dos muros a dentro e em regiões remotas (1), a moderna, é saudada como santa ; e é a metropole do mundo, como sua mãi fôra a cidade por excellencia.

Nesta nossa conversação desalinhada e correntia, nesta, não dissertação de eruditos, mas excursão á ventura pelo campo das saudades, teremos porventura cahido em visitar segunda vez algum dos pontos já mostrados. Isso tem comsigo o passear por entre ruinas dotadas de summa força attractiva todas ellas : torna-se muitas vezes, sem o cuidar, das ultimas ás primeiras, e com serem velhas e sabidas todas, todas se nos figuram sempre novas e interessantes. Á mão estava o remedio ; era decotar as redundancias ; mas escacêa-nos o tempo, fallece-nós o animo sobre tudo. Confessâmos o peccado, pedimos venia ; e prosigamos já agora para arribarmos quanto antes ao verdadeiro fim d'este nosso colloquio.

Todo o chão actual de Roma está recheado de ruinas preciosas ; maior numero d'ellas jaz talvez no fundo do Tibre. Não pouca gente se tem enriquecido com as empreitadas das excavações. Uma companhia de hebreus propunha a um Pontifice limpar o rio para commodo e saude da cidade, dando-se-lhe unicamente em paga o que d'entre as arêas e lodos surdisse de estatuas afogadas. Nada d'isto admira ; aquella corrente lucrou por muitas vezes com as sedições e com as invasões ; a vindicta civica lhe arremessava as effigies ora bronzeas, ora marmoreas, das suas victimas ; o mesmo fazia o patriotismo ás dos seus benemeritos, para as subtrahir ao excidio dos barbaros quando a sua entrada era imminente e innevitavel ; e o mesmo, ou pouco menos, os barbaros quando chegavam para saquear e destruir.

(1) Tit. Liv. lib. XLIII, cap. VI.

As reliquias enterradas não o foram só pelo medo, pelo ciume, ou pela violencia; foram-no tambem pela natureza e pelo tempo, que são os mais certos e irresistiveis de todos os Brennos, e Allaricos. Depois, o que a enchente do solo a recrescer perennemente á custa dos montes, não chegou a engolir de todo, tem-no vindo derrocando em grande parte a edificação moderna. Com roubos ao Collysêo, ainda assim descommunal, se erigiram palacios de cantaria; templos e templos cahiram para se levantarem casarias; outros, mais bem livrados, só á sua christianisação é que deveram o conservarem-se; tal, tão geral, e tão profunda, tem sido por ali a derrota, de tão multiplices causas procedida, que o viajante procura em vão na Roma hodierna a Roma das suas reminiscencias eruditas; descortina uma cidade pequena e moderna, onde o que existe de brazões d'outras eras carece de lhe ser mostrado pelos praticos, e interpretado pelas conjecturas. ¿Onde eram os mais dos templos, entre os quaes os havia celeberrimos, e que pareciam indestructiveis?

Onde os de Jano: Quadrifronte, na praça das hortalices, no Argileto? onde o de Ops? onde o de Nemesis? onde o de Rhamnusia? onde o de Vesta? onde o de Vulcano? onde os dois de Saturno? onde os de Jupiter: Arbitrador, Capitolino, Conservador, Custodio, Feretrio, Palatino, Invicto, Predádor, Propugnador, Sponsor, Stator, Tonante, Vencedor, Viminio, Ultor? onde o de Díjove, e o de Véjove? onde os de Juno: Lucina, Matuta, Moneta, Raìnha, Samia, Sospita? onde os de Neptuno: no campo Marcio, no circo Flaminio, no Palatino, na margem do Tibre? onde os de Minerva: Aventina, Capita, Chalcidica, Medica, Circense, Palatina? onde o de Bellona? onde os de Diana: no Aventino, no Celio, na rua Patricia? onde o de Mercurio, deus dos mercadores? onde o de Laverna, deusa dos ladrões?

onde o de Libitina? onde o de Orco? onde o de Summano? onde os tres do Sol? onde o do Sol e da Lua? onde os dois da Lua? onde os de Venus: Calva, Circense, Cloacina, Erycina, Genitrix, Pompeiana, Verticordia, Salustiana? onde o de Venus e Cupido? onde o de Venus e Roma? onde o do Amor Esquecediço? onde o da Pudicicia? onde os de Baccho: no Palatino, e visinho ao circo? onde o de Libero e Libera? onde os de Apollo: Medico, Palatino, Tortor? onde o das Camenas? onde o de Castor e Pollux? onde o de Castor só? onde o da Bona deusa? onde os de Hercules: na Ara Maxima, Custodio, Defensor, Musagete, Quirinal, Vencedor? onde o de Carmenta? onde os de Marte: no campo do seu nome, no circo Flaminio, no Vaticano, Ultor e Bisultor? onde o de Romulo? onde os tres de Quirino? onde os dois da deusa Roma? onde o do Genio Publico? onde o do Povo? onde o de Fauno? onde o de Sylvano? onde o de Termino? onde os de Ceres? onde o de Segecia, deusa das searas? onde o da Annona, deusa da abastança? onde o de Flora? onde o de Vertumno? onde o de Vacuna, deusa do descanço? onde o de Murcia, deusa da preguiça? onde o de Juturna? onde o dos Penates? onde os dos Lares? onde o das Gralhas? onde o de Carna? onde o de Aio Locucio? onde o de Mutino? onde os da Fortuna: no Velabro, Barbada, Boa, Má, Dubia, Equestre, Forte, Livre, Mammosa, Mulheril, Viril, Obsequiosa, Pequena, Primigenia, Privada, Publica, Réduce, Respiciente, Stata, Virgem, Viscada, e da Cidade? onde o da Felicidade? onde o do Bom Evento? onde os da Fé: no Capitolio e no Palatino? onde o de Fidio? onde o da Honra e da Virtude? onde o da Virtude? onde os dois da Victoria? onde o da Concordia? onde o da Paz? onde os dois da Liberdade? onde o da Mente? onde o da Piedade? onde o do Socego? onde o da Salvação? onde o da Tem-

pestade? onde o da Febre? onde o do Pallor? onde o do Pavor? onde o de Bruto Callaico? onde o de Cesar Dictador? onde o dos Cesares no Palatino? onde o de Augusto? onde o de Antonia? onde o de Caligula? onde o de Tito Vespasiano? onde o de Trajano? onde o de Claudio? onde o de Adriano? onde os de Antonino Pio, e de Antonino Philosopho? onde o de Heliogabalo? onde o de Faustina? onde o da Familia Flavia? onde o de Adonis? onde os quatro de Isis? onde o de Serapis? onde os dos Judeus?

Onde eram todos elles?!...

Disputa-se.

Mostrae-nos um só d'aquelles magnificos Porticos, onde todos iam passear, á sombra fresquissima das abobadas nas calmas do verão, e ao abrigo nos dias de agua! O portico de Agrippa, o de Antonino Pio, o do Apollo Palatino, o dos Argonautas, o de Balbo, o do Bom Evento, o de Quinto Catullo, o do Circo Maximo, o da Concordia, o de Constantino, o Corinthio, o de Europa, o Fabario, o de Faustina, o de Gallieno, o de Cordiano, o de Gracciano, o Hecatonstylos, o de Hercules, o de Jupiter Ultor, o de Isis, o de Julio, o da Liberdade, o de Livia, o de Marcello, o das Margaridas, o Meleagrico, o de Mercurio, o de Metello, o Milliarense, o Minucio, o de Neptuno, o de Nero, o de Nerva, o Numicio, o de Octavia, o de Octavio, o do Palatino, o de Paulo, o de Philippo, o de Pola, o de Pompêo, o Porphyretico, o de Quirino, o de Scipião, o de Severo, o de Sylvano, o de Trajano, o Vepsanio?

Sumiram-se todos os Porticos!

Sumiram-se como elles os theatros: o de Balbo, o de Marcello, o de Pompêo, o de Scauro, o de Statilio, o de Suburra, o de Tiberio; os amphitheatros: Castrense, de Claudio, de Vespasiano, o Statiliano, o do Campo Marcio, o Nemausense.

Como os theatros e amphitheatros, desappareceram os circos: de Adriano, Agonal, de Antonino Caracala, de Aureliano, Castrense, Constantinopolitano, de Domicia, de Heliogabalo, Flaminio, de Flora, Intimo, de Julio Cesar, Maximo, de Nero, de Sallustio e Vaticano.

Subverteram-se os banhos e as thermas, esses edificios como sonhos de *contos orientaes*, com gymnasios, jogos, musicas, danças, bibliothecas, guarda-roupas; ornados de columnas, de estatuas, de pinturas, de mosaicos, de tapetes, de candelabros, de leitos, de flores; perfumados, servidos de escravos e escravas em viço de annos e formosura, centros de reunião de poetas recitadores, de casquilhos, de estrangeiros; uns, frequentados todo o dia; outros, todo o dia e toda a noite; uns, só por mulheres; outros, só por homens; outros por homens e mulheres promiscuamente:

Thermas Abascansianas, de Adriano, de Agrippa, de Agrippina, de Alexandre, de Ampelos, Antiochianas, Antoninianas, Aurelianas, de Bolano e Mamertino, de Cesar Dictador, de Cneio, de Domicio Calvino, de Claudio Hetrusco, de Commodo, de Constantino, de Daphnis, de Decio, de Diocleciano, de Domiciano, de Gordiano, de Narciso, de Novato, de Nero, de Olympias, Palatinas, de Paulo, de Philippo, de Polycleto, de Severo, de Sura, de Tacito, de Tito, de Torquato, de Trajano, Varianas ou de Heliogabalo, de Vespasiano.... Basta.

Por mais de oitocentas orça as Thermas Publio Victor! Nenhumas subsistem!

Subsistirão ao menos as Praças ou *Foros?* Tão pouco! Nem o Campo Marcio, nem o Foro de Augusto, nem o de Cesar, nem o Romano, nem o de Salustio, nem o de Trajano, nem o de Vespasiano, nem o de Aurelio, nem o Julio, nem o de Ahenobarbo, nem o Antonino, nem o de Do-

miciano, nem o de Nerva, nem o de Appio, nem o de Cassio, nem o de Cornelio, nem o de Fulvio, nem o Agonio, nem o Archemorio, nem o Cupedinis, nem o Olitorium, nem o Boarium, nem o Suarium, nem o Archemorium, nem o Piscarium, nem o Pistorium, nem o Vinarium!...

Seccaram-se e foram-se os soberbos aqueductos, os chafarizes estrepitosos, as brilhantes fontes e repuxos:

As aguas Albudinas, as Alexandrinas, as Algencianas, as Alsietinas ou Augustas, as Annias, as Antonianas, as Appias, as Aurelias, as Caducas, as Capitolinas, as Ciminas, as Claudias, as Crabras, as de Egeria, as Felizes, as Herculeas, as Janiculenses, as Julias, as do Juturna, as Labicanas, as Lollianas, as Marcias, as Marianas, as de Mercurio, as Petronias, as Sabatinas, as Septimianas, as Tepulas, as Trajanas, e as Virgineas!....

Quem nos dirá por onde havemos de tomar para os Passeios Publicos, copados de platanos, arvores tão amadas que se regavam com vinho em vez de agoa, variegados de flores, povoados de estatuas? Ninguem!

Aniquilaram-se os hortos: de Adonis, de Agrippa, de Antero, de Antonino Pio, de Argiano, de Asinio, de Caio e Lucio, de Celonia Fabia, do Celio, de Crassipede, de Dolabella, de Domicia, de Domiciano, os da Casa Aurea, os Epaphrodicianos, os de Galba, os de Gallieno, os de Geta, os de Heliogabalo ou da Esperança velha, os de Julio Cesar, os de Lamiano, os de Luculo, os de Mecenas, os Marianos, os do poeta Marcial, os de Marcial Tullio ou Julio, os cognominados Admiraveis, os de Nero, os de Numa, os Pallacianos, os de Pompêo, os de Salustio, os do Philosopho Seneca, os de Servilio, os de Statilio, os de Tarquinio Soberbo, os Terencianos, e os Torquacianos!....

Depois os Monumentos, os Obeliscos, os Arcos de trium-

pho, os Palacios imperiaes e particulares, os milhões de portentos de todo o genero com que se aformosentavam todos aquelles antigos quatorze bairros, ou como então com propriedade se dizia *regiões (regiones)*, tudo se dissipou, como o fumo se dissipava da pyra dos mortos, ficando apenas para as lagrimas e saudades, de envolta com as cinzas, escassos fragmentos dos ossos desgastados.

O gosto de descobrir reliquias da antiguidade romana, não sem razão tem sido universal, constante e crescente, e ha de sempre durar sem nenhuma duvida.

Emquanto uns escavam no solo, outros escavam pelo estudo na litteratura. A Roma velha intermostrada aos olhos está resuscitada toda nos espiritos dos sabios.

O grande trafego do mundo moderno enfraqueceu, verdade seja, temporariamente ha poucos annos esta devoção para com o passado; chegou-se até a olhar com uma especie de desprezo e escarneo para este genero de investigações; e pela saciedade talvez a que se chegára, e pela nova direcção dada aos espiritos pela escóla da litteratura boreal e christã, especie de segunda invasão dos barbaros sobre Roma, os estudos dos Grenovios, dos Heinsios, dos Newports, dos Manucios, dos Pitiscos, dos Rosinis, dos Scaligeros, dos Montfaucons, foram postos de parte, e os seus achados tão copiosos e opulentos passaram tambem, como os seus proprios assumptos, ao estado de fosseis; mas a attracção do passado é, e ha de sempre ser, repetimol-o, irresistivel. Fartada a primeira cubiça de conhecer a idade media, tornou-se a pouco e pouco a sentir o encanto que se aspirava d'aquellas idades mais antigas, mais cultas, mais artisticas, mais poeticas, da bella Grecia, e da bella Roma, que hoje voltam a ser evocadas á luz de estudos severos por homens ao mesmo tempo graves e de gosto.

Ao lado dos sabios que trabalham dia e noite nos observatorios, nos laboratorios, nas officinas, para se tornar rapida, segura, aprazivel, e frequentada a estrada do futuro, outros muitos empregam as noites e os dias em recompor a historia do nosso globo, já remontando de achado em achado, de inducção em inducção, até ao berço das eras geologicas; já pedindo á crusta superior do globo os vestigios das nações de quem tanto herdámos, ou espremendo, destillando, e distribuindo em vasos litterarios de modernas fórmas elegantes, o espirito e os conhecimentos dos poetas e prosadores com quem a voracidade dos tempos se não atreveu.

Assim vemos na Italia preparar-se com toda a fé a sua resurreição politica, ao mesmo tempo que se procuram debaixo dos pés novas inspirações millenarias de virtude e de heroicidade; por toda a parte se multiplicam á competencia os *Vade-Mecum* archeologicos dos viajantes, os *Diccionarios de antiguidades illustrados, os poemas e romances do tempo dos Cesares, as edições, as traducções e os commentarios* em todas as linguas dos principaes escriptores d'aquelles logares e tempos, que tantos d'entre nós visitavamos com delicias, quando cursavamos as escólas de nossos primeiros e saudosos estudos.

Não será tudo isto uma altissima recommendação do poema dos *Fastos?* Não se adivinha já desde todo o principio o feitiço que hão de achar ao lêl-o quaesquer espiritos que não sejam dos inteiramente desallumiados?

Nos *Fastos* apparecem successivamente, ora no primeiro plano, ora no segundo, ora na penumbra, já em grande, já a escapar, os pontos principaes da historia romana, desde Troya até Germanico Cesar; apparecem o culto e os ritos; reflectem-se usos e costumes; intermisturam-se a cada passo,

com os estrondos e faustos d'uma grande civilisação, as simplezas da vida campestre, de cujo amor nunca os romanos inteiramente se desapossaram; dominando por cima de todas estas coisas o vasto e diaphano ceo italiano com as suas constellações em movimento, animadas com o mais gracioso das ficções da Grecia.

A pena é, não nos cançaremos de o dizer, que de tal poema só metade nos viesse. O dia em que o restante se desencantasse de algum tisnado volume de Herculanum, ou de algum palimpsesto esquecido, mereceria que as Musas o festejassem illuminando os loireiraes e grutas do seu Parnaso, e a historia o assignalasse em lamina de oiro com perolas de Cleopatra. Oxalá!

O mesmo assumpto de *Fastos* romanos parece haver sido tratado tambem em poema por Aulo Sabino, contemporaneo e amigo de Ovidio, obra que a morte do autor deixára incompleta, e de que nenhum vestigio nos foi salvo.

Quique suam Traezena imperfectumque dierum
Deseruit celeri morte Sabinus opus (1).

Parece que andava com o assumpto uma fatalidade aniquiladora!

O que existe dos *Fastos* de Ovidio, eil-o ahi vai face a face com a traducção portugueza.

(1) Pont. Eleg. Ult. vers. 15 e 16.

D'esta não fallaremos; limitâmo-nos em dizer que forcejámos pela fazer fiel, sem exageração de escrupulos, e, quanto em nós coubesse, clara e elegante, que não deslustrasse muito o autor.

Alguns embaraços nos occorreram; (aqui fallâmos com pouca gente): occorreram-nos em realidade algumas difficuldades não pequenas, quando houvemos de verter razões etymologicas, e outros pormenores propriamente da linguagem latina, para que não havia termos equivalentes em nossa lingua. Nesses casos, muito frequentes, procurámos o remedio: ora em derivações, mais ou menos achegadas, ora em analogias entre os dois idiomas, ora num pouco de desenvolvimento e explicação, arteiramente insinuado na redacção da nossa frase. Não affirmaremos que nos saissemos sempre bem; mas affirmáramos, se preciso fosse, que o procurámos bem deveras. Dita nos foi ainda assim o sermos portuguezes; é uma lingua esta para muitissimo, se não é para tudo. Mais latina então não quero que a haja; neguem-no embora os italianos; o Camões é que tinha razão. Se para algum dos modernos idiomas se podem os *Fastos* passar como deve ser, é para este, para este hoje tão calumniado por quem o não sabe nem estuda, monumento venerando e immenso dos nossos pais, que por ahi nos andam parvoamente emplastrando e sarapintando á franceza escrevedores mui anchos e gloriosos com estes ricos feitios. Posso pôr isto aqui afoitamente, porque sei que me não hão de ler elles! Deus os livre! Se o diabo os tentasse a lerem os *Fastos*, lá os tinham em boa prosa franceza, que até vale mais que dez latins. Mas voltemos ao que é nosso.

Pelo que pertence á versificação, desejei, quanto m'o consentia o empenho da fidelidade e clareza, que esse era o primeiro, dal-a facil e melodiosa. Outra, fôra desacerto e

profanação em obra Ovidiana. Não são versos musicaes de primeira qualidade; mas são-no, cuido eu, quanto basta para se conhecerem por versos; por isso não levam a calça da lettra maiuscula no principio. Fiquem essas condecorações typographicas, ou para as poesias que temem ser confundidas com a triste prosa; ou para aquellas a que todas as honras vão somenos; as minhas, correm pelo meio dos dois extremos: nem tão fidalgas, nem tão plebeas: *inter utrumque*. Se algum dia as poder fazer estupendas, tambem me não hei de contentar com uma só maiuscula no principio de cada linha: hei de lhe pôr outra no remate; não ha menos razão para ella. Se se trata de dignidade, antes duas venéras do que uma; se de mero enfeite, a linha assim com seu castão e ponteira deve ficar muito mais airosa. Perdoem-me os leitores sisudos: isto foi uma resposta que eu estava devendo a certo conservador meu visinho ali da outra rua, de quem aliás sou muito amigo, porque é excellente pessoa e até de muito juizo em tudo, uma vez que se lhe não bula na tecla das maiusculas.

Compoz Ovidio o seu poema quando as coisas de que elle havia de ser cheio eram vivas, eram presentes, eram familiares aos leitores a quem o destinava, e em cuja lingua, que era a sua propria, elle o escrevia. O traductor laborava aqui numa extraordinaria desvantagem, que tornava desigualissimo o duello; (toda a traducção é um verdadeiro duello). Se completasse o que no original só vinha acenado, sairia paraphrasta, e não era esse o seu proposito; se deixasse tudo ao desenvolvimento, á completação mental dos leitores presupondo-os todos antiquarios, enganar-se-hia estranhamente, e pagaria caro o erro. Que arbitrio lhe restava então? confiar o complemento do texto a commentarios.

Os commentarios largos e amenos, tinham segunda uti-

lidade: não se limitavam em elucidar o poema; espertariam o gosto do antigo, e o antigo (poucos o duvidarão hoje) é um fermento excellente que a litteratura moderna já não despreza, nem desagradece, nem verdadeiramente dispensaria. Para quem tinha sido obrigado a estudar os *Fastos* com a mais escrupulosa individuação, era trabalho agradavel, e não difficil, redigir-lhes os commentarios; mas occorreu melhor arbitrio, e adoptou-se: foi convidar para a empreza a quantos homens de sciencia e lettras se conheciam hoje em dia entre os nossos conterraneos; distribuir-lhes os assumptos segundo os seus particulares estudos e tendencias, quando estas fossem conhecidas, e deixar a cada um quanta margem lhe aprouvesse para se desenvolver com toda a liberdade de opiniões, de philosophia e até de politica; assignando elles, cada um responderia pelo que era seu. Ao pé do monumento classico romano, ficaria d'est'arte levantado outro portuguez de summo interesse e curiosidade; ver-se-hiam pela primeira, e pode ser que unica vez, reunidas em alardo geral pessoas que todos folgariam de conhecer, e cujo inesperado encontro aqui seria ainda mais agradavel a ellas proprias; brilhante congresso, que assignalaria de alguma sorte uma épocasinha na historia litteraria de Portugal.

E depois, quem não sabe quanto esta especie de justas e torneios litterarios, desperta emulações, accende brios, suscita engenhos e póde tirar do nada maravilhas! Que o digam os jogos floraes de Clemencia Isaura; que o digam mesmo as palestras scientificas, e os saráos artisticos já por sete vezes tentados entre nós, mallogrados outras tantas, mas que algum dia emfim poderão pegar. Todos elles em quanto duraram produziram fructos e flores que nunca aliás haveriam apparecido.

Dirigiu-se pois o traductor animoso e confiado a cada um

d'estes seus confrades, conhecidos ou desconhecidos, affeiçoados ou não; se alguns preteriu, foi unicamente os de que não houve noticia, ou que não occorreram á memoria. A estes pede agora desculpa da omissão involuntaria.

A cento e seis chegaram os benevolos e cortezes que vieram ao convite.

Para que se não estranhe o acharem-se no fim de cada um dos tres volumes notas que pela chamada do texto deveriam ter sido collocadas antes, advertimos que essas preterições só foram occasionadas de não haverem chegado a tempo os respectivos originaes.

Passariam largamente de duzentos os annotadores (por credito das nossas lettras o declaro) se alguns dos rogados, apertados, obsecrados, com primeiras, segundas, terceiras e decimas instancias, não houvessem a tudo resistido. Sem encarecimento o posso dizer: em volumes iguaes aos tres d'esta obra, mal se poderiam encerrar as cartas que baldei nestas diligencias; obtendo de uns promessas que nunca se chegaram a realisar, e não merecendo a outros nem sequer o favor de uma resposta. Fizeram o que entenderam; eu fiz o que devia. Julguei indispensavel esta explicação para que se não cuidasse que eu tinha feito excepções villãs e mal cabidas.

Aos meus serviçaes e valiosos collaboradores, renovo pois aqui perante o publico os meus agradecimentos, e ao mesmo publico peço venia de ter eu consentido em que o meu nome saisse tantas vezes por essas notas carregado de louvores; ditara-os a amisade enthusiasta; quiz supprimil-os eu, que me affrontavam, mas tive de ceder aos rogos intimativos dos que assim me queriam em carro de triumpho por umas victorias que só elles imaginavam.

A cento e seis annotadores pois, sommando o seu trabalho

mil duzentas e oitenta e duas paginas, pertence a commentação que nos desvanecemos em dar á luz. Os nomes d'elles achar-se-hão alphabeticamente catalogados logo apoz este prologo, com a declaração do logar do nascimento de cada um, das suas condecorações e titulos, das academias e sociedades a que pertence, dos cargos ou funcções que exerceu ou exerce, das obras que imprimiu, das obras que tem para imprimir, e da nota ou notas que nesta compilação lhe pertencem. Para este curioso catalogo, diligentemente elaborado, prestou mui valioso auxilio o *Diccionario Bibliographico* do nosso amigo e tambem collaborador o sr. Innocencio Francisco da Silva; o mais que nesse precioso livro minguava, por se não achar completa ainda a sua impressão, ou por ter escapado á summa diligencia do autor, houve de se andar mendigando por uma e outra parte, e não raro foi forçoso extorquil-o dos proprios individuos.

Tem pois o leitor nesta galeria litteraria um bosquejo biographico e ao mesmo tempo um specimen do trabalho de não poucos dos homens com quem se honra a nossa terra. Apresentando-lh'os, não sou mais do que era entre os romanos o Nomenclador; mas nem por isso deixo de sentir muita ufania.

Formam em ponto pequeno estas notas uma especie do livro francez dos *Cento e um*, e provam que não era eu muito desassisado utopista quando propunha á nossa benemerita Academia, como coisa utilissima, exequivel, e facil, a feitura de um *Diccionario da conversação* ou *Encyclopedia popular portugueza*. Oxalá que por esta ou outra qualquer via chegue emfim a apparecer obra que tanto pode contribuir para a publica instrucção; quem na execute já se vê que não falta; e saindo ella como deve, tambem não faltará quem a procure.

Tenho emfim concluido mais um lanço, não pequeno, do Monumento Ovidiano, — o poema dos *Fastos*.

Ora quero confessar aqui uma tentação que bem a miudo me andou salteando pelo decurso do trabalho. Só para não levantar mão d'elle é que lhe resisti; mas era realmente seductora! O que eu então não pude, nem talvez poderei já agora em tempo algum, por adstricto e ajuramentado a outras lidas e lides litterarias indeclinaveis, aqui o deixo lembrado aos talentos ambiciosos de gloria, e com animo e perseverança para a conquistarem.

Porque não ha de alguem emprehender, e levar ao cabo, o que Fylinto Elysio tentou, ainda que, força é dizel-o, sem grande felicidade: um poema dos *Fastos christãos e nacionaes?* A historia portugueza, tão heroica, o *Flos Sanctorum* e as lendas, as festas populares, as origens das terras, as tradições locaes, as festas campestres, os variados trabalhos da vida agricola, as demolições e as creações do nosso tempo, mil novidades scientificas, industriaes, commerciaes, artisticas, politicas, etc., não offereciam messe illimitada ao ceifeiro poetico mais intrepido? Se alguma coisa se pode a tal assumpto reprehender, é a superabundancia e não a mingua; não ha que desbravar, não ha que semear; tudo está nascido, tudo está em flor, tudo está á mão, abundante, variadissimo, para todos os gostos. É a alampada de Aladino: esfregar e pedir por boca.

Possa algum dos tantos mancebos que por ahi nascem poetas e se desfolham incultos e ignorados, como a flor pelos matos, ceder ás tentações d'este convite, e metter para o desempenho todo o necessario cabedal de boa vontade, de estudo e de diligencia. Por suas mãos nos poderá vir um livro monumental portuguez dos mais preciosos.

Volto ao meu assumpto: ás traducções de Ovidio. Oxalá

que a vida ou a saude me não faltem para o que ainda resta.

A minha versão paraphrastica e lyrica dos *Amores*, impressa no Rio de Janeiro em 1858, e seguida de preciosos e amplos commentarios por meu irmão o dr. José Feliciano de Castilho, está pelas bibliothecas dos curiosos.

Brevemente sairão dos excellentes prelos do sr. Laemmert, na mesma cidade, a minha traducção, verso por verso, da *Arte de Amar*, e a paraphrastica e lyrica do *Remedio do Amor*, obras ambas findas ha já muito, e ambas enriquecidas tambem pelo mesmo diligentissimo e elegante annotador.

As *Metamorphoses*, de que ha vinte e um annos se deram á estampa os primeiros cinco livros, vão agora entrar incessantemente na forja para sairem completas de uma vez.

Ás *Metamorphoses*, seguir-se-hão as *Heroides*; ás *Heroides* as *Tristezas*, o *Ponto* e os mais escriptos e fragmentos que de tão fecunda e gentil musa subsistem.

Possa o nosso exemplo de trabalhador perseverante, concitar outros e melhores engenhos em Portugal e no Brazil, já que a lingua é commum, e as duas litteraturas uma unica em realidade; possa lá ou cá um governo crente no bello, uma Academia, uma sociedade qualquer, convidar, estimular com subsidios e premios, futuros exhumadores das opulencias litterarias dos romanos, até que possuamos completo o corpo dos poetas e dos prosadores d'aquella pasmosissima nação. Pode-se dizer (e ainda que vergonhoso seja o dito deve-se repetir): de todos os povos civilisados, só nós, que fallâmos a mais latina de todas as linguas, só nós estamos privados de lermos em vulgar, de estudarmos sem o enorme sacrificio de annos de aprendizado, os admiraveis productos dos talentos immortaes d'aquellas eras. O francez, o allemão, o inglez, o hollandez, o italiano, o hespanhol, todos pos-

suem em seus idiomas estes livros de que uma educação litteraria bem feita já não pode prescindir. Uns paizes, os alardeiam em collecções uniformes, verdadeiros padrões compactos de duas glorias; outros só os tem soltos, mas tem-nos; neste caso está a visinha Hespanha. As suas bibliothecas, se não blasonam collecções como as de Panckoucke, Nisard, e Hachette, não temem que se lhes peça a traducção de qualquer romano poeta ou prosador; tem-nas de todos; de alguns d'elles muitas, e algumas d'essas optimas. Só nós, se o latim nos é desconhecido ou pouco familiar que o não deslindamos sem esforço, estamos condemnados, ou a prescindirmos de um estudo que é ao mesmo tempo um deleite, ou a recorrermos para supprir, como quer que seja, a tamanha mingua, a traducções forasteiras, que, inda quando nos dão a idéa do original, sempre nos descontam mais ou menos o beneficio pelo alheio do dizer. Não sei se ha lingua mais formosa do que a nossa; o que sei é que o escripto bem vernaculo é sempre o melhor e o mais util para os nascidos na terra em que elle tambem nasceu.

É pois esta uma lacuna deploravel nas lettras patrias; convem que o repitamos bem vezes e bem alto, até que se lhe acuda. O reinado recemfindo não fez pouco fundando um Curso Superior de Lettras; mas o estudo da litteratura antiga, que é talvez das materias ali professadas a mais deveras necessaria, mal poderá reputar-se valioso, solido, real, em quanto se não fizerem apparecer em estado de poderem ser lidos correntemente, e com deleite, os autores que ali têem de ser julgados. A escóla de litteratura antiga, ainda que regida, como o está sendo, por um dos mais habeis philologos, hellenista e romanista consumado, nunca poderá corresponder, nem ao intuito do Fundador, nem aos conscienciosos esforços de quem a preside, *avido colono*, faltando-

lhe os livros que são a materia prima e indispensavel dos seus trabalhos; é como a zoologia ou a botanica, se as quizessem explicar sem se terem á vista animaes e plantas.

O Rei que perdemos era entendimento para comprehender isto; ainda mal que se lhe apagou a vida logo no começo da jornada! O Rei que lhe succedeu, e que Deus mantenha por largos annos, não lhe cede em espiritos e amor ás lettras. Esperemos que ha de completar a obra do seu Augusto Irmão. O corpo dos classicos romanos em portuguez ficará sendo um monumento dos dois Principes, e uma gloria ao mesmo tempo da presente idade.



CATALOGO ALPHABETICO

DOS

106 Srs. ANNOTADORES D'ESTA OBRA

DESIGNANDO-SE A RESPEITO DE CADA UM:

A TERRA EM QUE NASCEU
AS CONDECORAÇÕES E TITULOS QUE O DISTINGUEM
AS SOCIEDADES A QUE PERTENCE
OS CARGOS QUE EXERCEU OU EXERCE
AS OBRAS QUE PUBLICOU
AS QUE TEM PARA PUBLICAR
E A NOTA OU NOTAS COM QUE FIGURA NESTA COLLECÇÃO

POR

Manuel Vidal de Castilho



Abel Maria Dias Jordão. De Lisboa. Bacharel em medicina, e doutor na mesma faculdade pela Universidade de París, lente substituto na Escola de Medicina de Lisboa, da Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa, das Sociedades Medicas do Panthéon de París, de la Mozelle de Metz, da de Athenas, do Circulo Pharmaceutico de Montpellier.

Autor das seguintes obras impressas:

Considérations sur un cas de diabète. — A diabete, artigos publicados no Jornal da Sociedade das Sciencías Medicas.

Pertence-lhe a nota *Abortos*, I - 504.

Aboim (vide José Moreira Freire Manoel de).

Abranches (vide Antonio Joaquim da Silva).

Abranches (vide Guilherme da Silva).

Alexandre Magno de Castilho. Do Puy (França). Habili-

tado com os cursos da Escola Polytechnica e Naval, primeiro tenente da armada, engenheiro na commissão hydrographica.

Autor da seguinte obra por publicar:

Roteiro e descripção da Costa d'Africa.

Pertence-lhe a nota *Aerostatica*, I-546.

Amorim (vide Francisco Gomes de).

Andrade (vide Antonio Joaquim Gonçalves de).

Andrade (vide Francisco Martins de).

Andrade Corvo (vide João de).

Antonia Gertrudes Pusich (D.) De Cabo Verde. Da Associação Promotora de Educação Popular, e do Gremio Popular.

Autora das seguintes obras impressas:

Elegia á morte das infelizes victimas assassinadas por Francisco de Mattos Lobo na noite de 25 de julho de 1841. — Elegia á morte de D. Marianna de Sousa Holstein. — Elegia á morte da Duqueza de Palmella. — O sonho ou os gemidos das classes inactivas. — Á minha patria, memoria sobre um ramo de agricultura e commercio. — Olinda, ou a Abbadia de Cumnor-Place, poema original. — As minhas observações na galeria das senhoras na camara dos senhores deputados. — Irminio e Edgarde, ou dois mysterios, romance. — Constança, drama. — Canticos devotos. — Lamentos á saudosa memoria de D. Maria Henriqueta do Casal Ribeiro. — Saudade em memoria da virtuosa Rainha a Senhora D. Estephania. — Parabens a Sua Magestade o Senhor D. Fernando pelo consorcio de Sua Augusta Filha a Princeza D. Marianna. — Apontamentos biographicos e poesia, sobre o infeliz José Pedro de Senna, capitão do brigue *Marianna*, nau-

fragado em Aveiro. — Canto saudoso ou lamentos na solidão, em memoria do virtuoso monarcha o Senhor D. Pedro v. — Biographia do marechal A. Pusich.

Fundadora, e ex-redactora dos jornaes: Assembléa Litteraria, a Beneficencia, e a Cruzada. — Tem varias poesias no iv vol. da Revista Universal Lisbonense, e em outros jornaes. — Diversos artigos sobre politica ou utilidade publica, em muitos periodicos.

Tem por publicar:

Jerusalem, drama. — Julia, idem. — Amessis, idem. — Placidia, idem. — A conquista de Tunis, idem. — Vingança por vingança, idem. — O regedor de parochia, comedia. — Ashavero, idem. — O espargo no monte, idem. — Meditações em abril, poesia. — Sobre educação, compendio. — Sonetos, idylios, odes, cantatas, elegias, decimas, quartetos, epistolas, e varias poesias de differentes generos, antigas e modernas.

Pertence-lhe a nota *Hercules Musagete*, iii - 571.

Antonio d'Almeida d'Alarcão Soares Portugal (D.) (vide Marquez de Lavradio).

Antonio Augusto Soares de Passos. Do Porto. Bacharel em direito, advogado.

Autor da seguinte obra impressa:

Poesias, um vol. (Fallecido).

Pertence-lhe a nota *Tibur*, iii - 522.

Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos. Do Porto. Moço fidalgo com exercicio no Paço, Commendador das ordens: de Christo, de Carlos iii e de Izabel a Catholica de Hespanha, Cavalleiro da ordem de Leopoldo da Belgica, e de S. Luiz de Parma; bacharel formado em direito pela Universidade de Coim-

bra, da Academia Real das Sciencias de Lisboa, do Instituto de Coimbra, do Conservatorio Real de Lisboa, da Academia Lisbonense das Sciencias e das Lettras, do Instituto Industrial do Porto, ex-presidente da Camara Municipal de Loanda na Provincia de Angola.

Autor das seguintes obras impressas:

Succinta narração das circumstancias que precederam, e seguiram a união dos realistas insurgentes com a Junta do Porto. — Oração funebre recitada nas exequias do ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. Pedro Alexandrino da Cunha. — Carta ácerca do trafico dos escravos na provincia de Angola, dirigida ao Ministro e Secretario de Estado dos negocios da marinha e ultramar. — Roberto Valença, romance. — Les contemporains portugais, espagnols, et bresiliens. — Portugal et la Maison de Bragance. — Galerie portugaise: Antonio Rodrigues Sampaio. — O Sampaio da Revolução de Setembro, paraphrase e ampliação da obra precedente. — Carta philosophica e critica sobre o estudo da historia portugueza. — Nós e elles. Primeira parte das memorias de A. A. Teixeira de Vasconcellos, estudante do 2.º anno juridico. — O juramento dos deputados realistas. — Biographias: de Silvestre Pinheiro, João de Loureiro, José Corrêa da Serra, Duque de Lafões, Condessa de Oyenhausen, Pedro de Mello Breyner, Conde das Antas, Rodrigues de Bastos, Barão de Mauá, Latino Coelho, Antonio Rodrigues Sampaio. — De París a Madrid, romance. — De París a Lisboa, idem. — A Ermida de Castromino, idem. — Collaborador da Nova Academia Dramatica de Coimbra. — Proprietario e redactor principal do 2.º tomo da Illustração, jornal universal. — Redactor principal do jornal politico o Arauto. — Autor de muitos artigos em diversos jornaes estrangeiros e portuguezes, e nomeadamente no Commercio do Porto, na Revolução de Setembro, na Revista Contemporanea, no Mercantil do Rio, no Courrier du Dimanche de París etc.

Tem por publicar:

Fundação da monarchia portugueza. — A origem dos portuguezes. — Os lavradores. — O gado. — Os homens de officio. — A religião. — O Mestre de Aviz. — Os tributos. — O ultimo fidalgo de provincia. — A mania de ir para o Brazil. — As ilhas da Madeira e dos Açores. — A liberdade do povo. — As pataratas. — A saude do povo. — O convento da Batalha. — Camões. — O Senhor D. Pedro. — Os Hohenzollern-Sigmaringen. — A cidade do Porto. — A divida publica. — A instrucção popular. — Do officio de rei. — Dos reis pequenos. — Os Philippes de Castella. — Os caminhos de ferro. — O exercito. — A marinha. — Os duques de Bragança. — Os empregados publicos. — O marquez do Pombal. — A Universidade de Coimbra. — Os livreiros em Portugal. — O commercio e a industria. — As commendas. — Garrett. — O Senhor D. Miguel. — O duque de Saldanha. — Um vol. de poesias africanas. — Um poema heroi-comico em quatro cantos. — Um vol. de poesias e prosas. — Encyclopedia das creanças que saem das aulas de instrucção primaria.

Pertence-lhe a nota *Palladio*, III - 492.

Antonio Ayres de Gouvea. Do Porto. Bacharel formado em theologia pela Universidade de Coimbra, doutorando em direito, habilitado com o curso de administração na Universidade de Coimbra, do Instituto de Coimbra, da Sociedade Agricola do Porto, deputado ás Cortes de 1862.

Autor da seguinte obra impressa:

A reforma das cadêas em Portugal.

Principal redactor do periodico o Novo Trovador, redactor do Instituto, traductor de Tibullo.

Tem por publicar:

Obra sobre agricultura.

Pertence-lhe a nota *Tarpeia*, I - 403.

Antonio de Cabedo. De Lisboa. Da Secretaria de Estado dos negocios do reino, da Associação Promotora da Educação Popular, da Protectora da Infancia Indigente, da antiga Academia de Minerva, da Associação dos Professores, da Sociedade dos Amigos das Lettras e Artes em S. Miguel, do Centro Promotor dos Melhoramentos das Classes Laboriosas, do Centro Promotor da Instrucção Primaria no districto de Leiria.

Autor das seguintes obras impressas:

O doutor a daguerreotypo. — Artigos em prosa e verso em varios jornaes politicos e litterarios.

Tem por publicar:

Um vol. de poesias.

Pertence-lhe a nota *Trabalho em dia de anno bom*, i - 335.

Antonio Cardoso Borges de Figueiredo. Da Castanheira de Fajão, comarca de Arganil. Cavalleiro da ordem da Conceição, presbytero, ex-professor publico de latim, actual de rhetorica e poetica no Lyceu Nacional de Coimbra.

Autor das seguintes obras impressas:

Instituições Rhetoricas em latim e em portuguez. — Bosquejo Historico da Litteratura Classica, grega, latina, e portugueza. — Logares Selectos dos classicos portuguezes em prosa.

Pertence-lhe a nota *Labyrinthos*, ii - 282.

Antonio da Costa Paiva (vide Barão de Castello de Paiva).

Antonio da Costa de Sousa de Macedo (D.) De Lisboa. Moço Fidalgo com exercicio no paço, Commendador da ordem da Conceição, bacharel formado em direito, primeiro official, e chefe de repartição da direcção geral da Instrucção publica no ministerio do reino, ex-secretario geral do governo civil do districto de Leiria, ex-deputado ás Cortes, ex-commissario do go-

verno junto ao theatro normal, um dos fundadores e presidente do Centro de Educação e de Instrucção Primaria do districto de Leiria, da Associação Promotora de Educação Popular.

Autor das seguintes obras impressas:

Moliere, drama. — Estatistica do districto administrativo de Leiria. — A instrucção primaria.

Tem por publicar:

Historia da pena de morte. — A reforma das cadêas. — O espirito do evangelho e beneficencia. — Alberto, drama. — O livro da vida, idem. — A pena de morte, idem. — Amor e gloria, idem. — Traducções: Chatterton, drama d'Alfredo de Vigni. — Izabel de Inglaterra, tragedia de Paulo Giacommetti. — Luiza de Nanteuil, de Leon Gozlan. — Os extravagantes de París. — Um dos fundadores e redactor do jornal Leiriense.

Pertence-lhe a nota *Julio Cesar*, II - 621.

Antonio Feliciano de Castilho. De Lisboa. Cavalleiro da Torre e Espada e Official da Rosa; Commissario Geral de Instrucção Primaria pelo Methodo Portuguez no reino e ilhas, bacharel formado em direito pela Universidade de Coimbra, da Academia Real das Sciencias de Lisboa, do Conservatorio Real da Arte Dramatica, do Conselho Dramatico, da Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa, presidente honorario e vitalicio da Sociedade dos Amigos das Lettras e Artes em S. Miguel, 1.º socio honorario do Centro Promotor de Instrucção Primaria no districto de Leiria, do Centro Promotor dos Melhoramentos das Classes Laboriosas, da Sociedade dos Professores, do Instituto de Coimbra, da Associação Civilisadora da mesma cidade, da Sociedade Promotora da Agricultura Michaelense, da Associação Industrial Portuense, da Academia das Sciencias e Bellas Lettras de Ruão, da Arcadia de Roma, da Academia dos Ardentes de Viterbo, do Instituto Historico de París, do Instituto Historico e Geogra-

phico Brazileiro, da Sociedade de Leitura de Gibraltar, socio honorario da Academia das Bellas Artes, e do Gabinete de Leitura de Pernambuco, presidente da Associação Promotora da Educação Popular, socio benemerito do Gremio Alemtejano de Coimbra.

Autor das seguintes obras impresas:

Epicedio á morte da Rainha a Senhora D. Maria I. — Poema á acclamação do Senhor D. João VI. — Cartas de Echo e Narciso. — A Primavera. — Amor e Melancolia, ou a Novissima Heloisa. — Tributo portuguez á Memoria do Libertador. — A Noite do Castello e os Ciumes do Bardo. — Excavações Poeticas. — Quadros Historicos de Portugal. — Camões, estudo historico poetico. — Felicidade pela agricultura. — Estreias poetico-musicaes para o anno de 1853. — Chronica da Maria da Fonte. — Mil e um mysterios, romance dos romances. — Noções rudimentaes para uso das escolas. — Tratado de metrificação portugueza. — Tratado de mnemonica. — Methodo Portuguez Castilho. — Ou eu ou elles. — Tosquia de um camello. — Felicidade pela instrucção. — Elogio historico de Augusto Frederico de Castilho. — Directorio para os senhores professores das escolas primarias pelo Methodo Portuguez. — Ajuste de contas com os adversarios do Methodo Portuguez. — Officio dirigido á Associação dos Professores do reino e ilhas, publicado no Diario do Governo, começando no n.º 70 de 25 de março de 1856, e continuando successivamente em muitos numeros d'este e do seguinte anno. — Tributo portuguez no transito d'El-Rei o Senhor D. Pedro V. — Biographias: de D. Francisca de Paula Pussolo da Costa, de Adelaide Ristori, de Emilia das Neves, de Fr. Francisco de Monte Alverne, de D. Maria Peregrina de Sousa. — Traducção paraphrastica dos Amores de Ovidio. — Traducção dos primeiros livros do Genio do Christianismo de Chateaubriand. — Idem das Palavras de um crente de Lamenais. — Idem das Metamorphoses de Ovi-

dio. — Idem de Uma noite no serralho, e das Desgraças de um millionario, romances de Mery.

Foi redactor dos primeiros quatro annos da Revista Universal Lisbonense, do Agricultor Michaelense, collaborador effectivo ou accidentalmente de um grande numero de outros jornaes.

Tem por publicar:

Traducção de Anacreonte. — Novas Excavações Poeticas. — Usbeck ou os serões d'estio, conto persico. — As florinhas do Atrio — O Presbyterio da montanha. — Hero e Leandro, ou a sacerdotisa de Venus, romance em cartas em verso. — Novo curso da lingua latina. — Arte poetica, etc.

Pertencem-lhe as notas *Viuvez*, I - 265. *Escripta*, I - 306. *Moreto*, II - 483. *Rapto de Europa*, III - 270. *Coroas*, III - 537.

Antonio Gil. De Villa Franca de Xira. Bacharel em direito, advogado em Lisboa, da Academia Real das Sciencias de Lisboa.

Autor das seguintes obras impressas:

Considerações sobre algumas partes mais importantes da moral religiosa, e systema de jurisprudencia dos pretos do continente da Africa occidental portugueza alem do equador. — Fundador e redactor da Gazeta dos Tribunaes.

Pertence-lhe a nota *As Fogueiras*, III - 456.

Antonio Ignacio Coelho de Moraes. De Cotivelos, comarca da Guarda. Presbytero secular, bacharel em canones, professor de grego no Lyceu Nacional de Coimbra.

Autor das seguintes obras impressas:

Compendio da Grammatica da lingua grega para uso das escolas do reino. — Diccionario greco-latino de José Vicente Gomes de Moura.

Pertence-lhe a nota *Victimas nos sacrificios a Ceres*, II - 523.

Antonio Joaquim Gonçalves de Andrade. Do Funchal. Official da ordem da Rosa; da Academia Real das Sciencias de Lisboa, ex-professor de lingua latina e philosophia, e antigo lente de theologia dogmatica e moral, antigo juiz do Resido Ecclesiastico e Fabricas, deputado da Mesa Episcopal, examinador synodal, procurador da Mitra, defensor dos matrimonios e profissões religiosas, ex-vigario geral e visitador em todo o bispado, e chanceler (tudo no Funchal), antigo beneficiado na collegiada da camara de Lobos, conego magistral na cathedral da Madeira, deão da mesma, ex-commissario subdelegado da Bulla da Cruzada, confessor e capellão de Sua Magestade a Imperatriz do Brasil.

Pertencem-lhe as notas *Anno dos Romanos*, I - 217. *Sacerdocio Romano*, II - 585.

Antonio Joaquim da Silva Abranches. Da villa de Avô, comarca de Arganil. Bacharel formado em direito pela Universidade de Coimbra, advogado em Lisboa, do Conselho d'Estado Administrativo, secretario perpetuo da Associação dos Advogados de Lisboa, socio correspondente da Academia de Legislação de Tolosa, do Instituto dos Advogados Brasileiros, do Instituto de Coimbra, do Conservatorio Real de Lisboa, do Conselho Dramatico, ex-fiscal do Theatro de D. Maria II.

Autor das seguintes obras impressas:

O captivo de Fez, drama — Bibliotheca do advogado. — Influencia da religião sobre a politica do estado. — Relatorios juridico-litterarios lidos nas conferencias solemnes da abertura da Associação dos Advogados. — Necrologios dos advogados Luiz Duprat, José Maria da Costa, e Silveira da Motta. — A Ermida, comedia. — O barão de gallegos, idem. — Commentario do Codigo Commercial de Portugal. — Consultas da apreciação dos advogados, annotadas e comparadas.

Pertence-lhe a nota *Os Juramentos*, III - 244.

Antonio Jose' d'Avila. Da cidade da Horta no Fayal. Do Conselho de Sua Magestade, Commendador das ordens de Christo, e da Rosa do Brazil, Grão Cruz das de Leopoldo da Belgica e S. Mauricio da Sardenha, Cavalleiro da Legião de Honra da França, Ministro e Secretario d'Estado honorario, deputado ás cortes em quasi todas as legislaturas desde 1834 em diante, socio e vice-presidente da Academia Real das Sciencias de Lisboa, e membro de outras corporações litterarias e scientificas estrangeiras.

Autor das seguintes obras impressas:

Relatorio sobre o cadastro. — Relatorio sobre os trabalhos do congresso de estatistica reunido em Bruxellas em 1853. — Relatorio ácerca da administração e monopolio do tabaco por conta do governo apresentado ao Ministro da fazenda em 11 de fevereiro de 1857. — Relatorio do commissario regio junto á commissão imperial da exposição universal de Paris. — Varios discursos nas camaras legislativas, já como deputado, já como ministro.

Pertencem-lhe as notas *Systema monetario dos romanos*, I-350. *Pêso do pão romano*, II-499.

Antonio Jose' de Figueiredo. De Lisboa. Cavalleiro das ordens de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa e da de S. Gregorio Magno, da antiga Academia dos Pacificos, da Sociedade das Sciencias e Lettras, ex-professor publico de latim na villa de Constança, ex-archivista e secretario, e actual escrivão das bullas na nunciatura de Lisboa.

Autor das seguintes obras impressas:

Introducção latina á obra De immaculato B. Virginis Conceptu Disquisitio theologica. — Introducção portugueza e annotações á Dissertação, escripta em italiano pelo cardeal Lambruscini sobre o mesmo assumpto da Conceição, e traduzida por D. fr. Fortunato de S. Boa-Ventura. — Serie de artigos no Diario

do Governo sobre as ceremonias que se fazem em Roma por occasião da morte, das exequias, da eleição, sagração e coroação dos Papas, etc. — Traducção do italiano das Conferencias sobre a definição dogmatica da Immaculada Conceição. — Idem da vida do abbade João de Brito. — Idem da questão romana, ou resposta ao folheto O Papa e o Congresso. — Idem dos Annaes da Propagação da Fé.

Tem por publicar:

Composições em prosa e verso latino e italiano, e em prosa portugueza. — Grammatica italiana para portuguez. — Apontamentos de litteratura latina, portugueza e italiana, de historia ecclesiastica portugueza, e de historia chronologica dos legados da Santa Sé em Portugal, correcção ou addicionamento ao 1.º tomo da Lusitania Sacra, obra inedita do padre Antonio Pereira de Figueiredo, e do Indice Chronologico que sobre a mesma materia publicou João Pedro Ribeiro, no tomo 1.º das suas Dissertações Chronologicas. — Traducção de Lucio Floro.

Pertencem-lhe a notas *Os dias romanos*, I-287. *Do anno, dos mezes, e dos dias romanos, e especialmente das calendas, das nonas e dos idos*, I-298.

ANTONIO JOSE' DE SOUSA. De Lisboa. Ex-continuo da Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa, um dos fundadores, vice-presidente, e 2.º secretario da antiga Sociedade Escholastico-Philomatica, ex-cirurgião ajudante de infanteria n.º 7, actual facultativo municipal em Vianna do Alemtejo, administrador substituto do concelho, socio correspondente da Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa.

Autor de varios artigos em diversos jornaes.

Pertence-lhe a nota *Ferroadas de vespa*, II-317.

ANTONIO JOSE' VIALE. De Lisboa. Commendador da ordem

de Christo, do Conselho de Sua Magestade, official da Bibliotheca Nacional de Lisboa, mestre de humanidades de Suas Altezas, lente do Curso Superior de Lettras, da Academia Real das Sciencias de Lisboa, do Conservatorio Real da Arte Dramatica, socio honorario do Instituto de Coimbra.

Autor das seguintes obras impressas:

Bosquejo metrico da Historia de Portugal. — Novo epitome da Historia de Portugal. — David triumphante. — O VI canto da Illiada e os dois primeiros cantos do Inferno, traduzidos das linguas originaes. — O canto V do Inferno de Dante nos Annaes das Sciencias e Lettras. — Fragmento do canto I da Odisséa, traduzida em verso solto. — Elogio historico do sr. João da Cunha Neves e Carvalho Portugal lido na sessão publica da Academia em 10 de março de 1861. — O canto III do Inferno de Dante, e varios trechos de poesia grega traduzidos em verso, publicados no Instituto de Coimbra. — Collaborador do Jornal da Sociedade Catholica.

Pertencem-lhe as notas *Advento de Saturno á Italia*, I-391. *Februas*, I-544.

ANTONIO LOBO DE BARBOSA FERREIRA TEIXEIRA GIRÃO (vide Visconde de Villarinho de S. Romão).

ANTONIO LUIZ DE SEABRA. Nascido no Rio de Janeiro. Commendador da ordem de Christo, Ministro de estado honorario, do Conselho de Sua Magestade, bacharel formado em direito pela Universidade de Coimbra, juiz da Relação do Porto, deputado ás Cortes em varias legislaturas desde 1834, e presidente nas de 1862, da Academia Real das Sciencias de Lisboa.

Autor das seguintes obras impressas:

Satyras e epistolas de Quinto Horacio Flacco traduzidas e annotadas. — A propriedade philosophica do direito, para servir

de introducção ao commentario sobre a lei dos foraes. — Observações sobre o artigo 630.º da Novissima reforma judiciaria. — Projecto do Codigo civil portuguez. — Apostilla ás observações do ill.mo e ex.mo sr. Alberto Antonio de Moraes Carvalho sobre a 1.ª parte do projecto do Codigo civil etc. — Exposição apologetica dos portuguezes emigrados na Belgica, que recusaram prestar o juramento d'elles exigido no dia 26 d'agosto de 1820. — Observações do ex-corregedor d'Alcobaça, Antonio Luiz de Seabra, sobre um papel enviado á camara dos senhores deputados ácerca da arrecadação dos bens do mosteiro d'aquella villa. — Varios discursos na camara electiva como ministro e como deputado. — Fundador e collaborador do antigo jornal o Cidadão litterato, e do jornal politico o Independente.

Pertence-lhe a nota *Festa do deus Termino*, I - 578.

Antonio Manoel da Cunha Bellem. De Lisboa. Bacharel formado em medicina pela Universidade de Coimbra.

Autor das seguintes obras impressas:

Poesias um vol. — Novas poesias um vol. — O estudante, folheto em verso. — Redactor e collaborador do jornal poetico a Estrea litteraria.

Tem por publicar:

Scenas contemporaneas, romance. — Luiza a engeitada, idem. — Affonso Vasques, drama. — O amor de um artista, comedia. — As duas mãis, idem. — Varias poesias ineditas serias e jocosas.

Pertence-lhe a nota *O incenso*, II - 309.

Antonio Manoel da Fonseca. De Lisboa. Cavalleiro da ordem de Christo, e da de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa; professor da aula de pintura historica da Academia das Bellas Artes de Lisboa, mestre de Suas Altezas Reaes, pintor da

Real Camara, academico de merito da Congregação dos Artistas Amadores do Pantheon, vice-presidente honorario da Sociedade Universal de Londres.

Autor das seguintes obras artisticas:

Venus e Adonis. — O rapto das Sabinas. — A subsequente batalha entre os sabinos e os romanos. — A apotheose de Romulo. — O assalto da rocha Tarpeia. — O tecto da igreja de Nossa Senhora da Conceição Nova de Lisboa. — O panno de bocca de S. Carlos, e o da Rua dos Condes. — O retrato, de grandeza natural, do Sr. D. João VI na camara municipal de Lisboa. — A sacra familia. — Um peregrino portuguez. — Uma prédica de S. João. — A morte de Virginia. — Dois quadros de costumes orientaes. — A musa da pintura. — Uma paizagem representando a antiga cidade de Tivoli. — Outra representando umas montanhas cobertas de neve. — Uma peregrina sonineza prostrada em oração. — Quatro quadros e outras medalhas, e toda a decoração do tecto da igreja de S. Nicoláo em Lisboa. — A Senhora da Caridade. — A visitação de Nossa Senhora. — Jesu Christo entre os doutores. — Enêas salvando seu pai do incendio de Troia. — A morte de Affonso de Albuquerque. — Um grande numero de retratos, e de outras pequenas composições. — A communhão de S. Jeronymo do celebre Dominichino Zampiero. — A Sybilla romana de Dominichino. — Outra *replica* do mesmo autor. — A Fornarina de Raphael de Urbino. — O Christo na agonia, de Vandyck. — A Virgem da Soledade, de Sasso Ferrati. — A Santa Luzia, de Carlo Dolce. — A musa da poesia, do mesmo autor. — Copia da parte superior de um quadro que existe na galeria pontificia em Roma, chamado vulgarmente La Madonna del Monte Lucido, de Julio Romano. — Retrato de um almirante hespanhol de Vandyck. — Copia de um quadro que existe na galeria da Academia de S. Lucas em Roma, e é obra de Sasso Ferrati. — Um claro-escuro, copia de um baixo-relevo em marmore

grego antigo. — A transformação de Christo, do grande Raphael Sanzio d'Urbino.

Autor da seguinte obra impressa:

O quadro de Enêas, carta dirigida aos redactores da imprensa portugueza.

Pertence-lhe a nota *Processo da pintura encaustica usada pelos antigos romanos*, II-365.

ANTONIO MARIA BAPTISTA. De Lisboa. Professor de instrucção primaria, da Associação Promotora de Educação Popular, da Protectora da Infancia Indigente, da antiga Academia de Minerva, da Associação dos Professores, do Centro Promotor dos Melhoramentos das Classes Laboriosas, e do Gremio Popular.

Autor das seguintes obras impressas:

Compendio elementar de Grammatica portugueza. — O livro do povo, exercicios de leitura.

Pertence-lhe a nota *Castor e Pollux*, III-282.

ANTONIO MARIA DOS SANTOS BRILHANTE. De Lisboa. Cirurgião-medico pela Escola de Lisboa.

Autor da seguinte obra impressa:

Biographia do sr. dr. Manuel dos Santos Cruz. — Fundador e collaborador do jornal o Esculapio, e do jornal a Agulha medica.

Pertence-lhe a nota *Cegueira*, III-383.

ANTONIO PEREIRA DA CUNHA. De Vianna do Minho. Fidalgo da Casa Real, senhor do paço e torre do Solar de Cunha, bacharel formado em direito pela Universidade de Coimbra, do Conservatorio Dramatico de Lisboa, do Instituto de Coimbra, da antiga Sociedade Philomatica de Lisboa, presidente da Sociedade dos Artistas de Vianna, deputado ás Cortes em 1856 e 1862.

Autor das seguintes obras impressas:

As duas filhas, drama. — A herança do Barbadão, idem. — O governo nas mãos do villão, romance em prosa. — Macilgado, idem. — Os quatro irmãos, idem. — O Conde Marcos, idem de tradicção popular e em verso. — O Castello de Gondar, idem. — D. Sapo (Florentim Barreto), idem. — Peccado em noite benta, idem. — A moira de Santa Luzia, e o Poço de D. Sancha, idem. — Martim Moniz, romance historico. — A filha por um cavallo, idem. — Vasconcellos, romance heraldico. — Leites, idem. — Pintos Botados, idem. — Diversas poesias, e algumas religiosas e politicas. — Não, resposta á obra de D. Senibaldo Más, intitulada a Iberia 1.º vol. acompanhado de notas e documentos. — Brios historicos de portuguezas.

Tem por publicar:

D. Leonor de Mendonça, drama em verso. — Brazia Parda, drama em prosa. — Victor Hugo em Guimarães, comedia. — A companhia monstro, idem. — Um poeta no tempo d'el-rei D. João v, idem. — A mineira, romance em prosa. — Camaras, romance heraldico em verso. — Mesquitas, idem. — Arraes, idem. — Não, 2.º vol. — Algumas poesias religiosas e politicas.

Pertence-lhe a nota *A plebe no Monte Sacro*, II - 292.

Antonio Ribeiro Saraiva. De Sernancelhe, comarca de Trancoso. Commendador, cavalleiro fidalgo; bacharel formado em direito, mathematica e philosophia pela Universidade de Coimbra.

Autor das seguintes obras impressas:

A lyra erotica um vol. de poesias. — A nação portugueza por occasião do dia anniversario do fausto nascimento de Sua Magestade Imperial e Real a Senhora D. Carlota Joaquina de Bourbon. — A trombeta final (anonymo). — Analyse sobre o tratado de commercio de Portugal com Inglaterra. — O sr. Beirão e

o seu discurso deffeccionario de 20 de julho (anonymo). — Cartas conspiradoras. — Um consideravel numero de opusculos politicos, scientificos e litterarios. — Foi correspondente por mais de dois annos do jornal da Haya, e collaborador por muito tempo do jornal de Dublin The Telegraph, do Morning Post, e de varios jornaes inglezes catholicos.

Tem por publicar:

A musa quotidiana, um vol. de poesias, e grande numero de extractos, reflexões, memorias, apontamentos, lembranças, para uma serie de volumes.

Pertence-lhe a nota *Saudades da patria*, II - 390.

Antonio Rodrigues Sampaio. De Esposende, districto de Braga. Ex-professor de portuguez e de latim, ex-secretario geral da administração de Bragança, ex-administrador geral de Castello Branco, deputado ás Cortes de 1851 a 1857, presidente do Centro Promotor dos Melhoramentos das Classes Laboriosas, Conselheiro do Supremo Tribunal de Contas, redactor principal da Revolução de Setembro desde 1844, ex-redactor do Espectro.

Pertence-lhe a nota *Festa dos parvos*, I - 573.

Antonio Telles da Silva (D.) (vide Marquez de Rezende).

Antonio Xavier de Barros Corte Real. Do Rojão Pequeno, na Beira. Fidalgo cavalleiro da Real Casa, bacharel formado em canones pela Universidade de Coimbra, antigo juiz de fóra da villa de S. Lourenço do Bairro e seu termo, ex-secretario geral no districto administrativo do Porto, ex-administrador geral no de Vizeu, ex-governador civil no de Aveiro, e actualmente adjuncto na administração do Hospital de S. José em Lisboa.

Autor da seguinte obra por publicar:

Um vol. de poesias.

Pertence-lhe a nota *Eumenides*, II - 476.

Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro. De Leiria. Bacharel formado em direito pela Universidade de Coimbra, deputado ás Cortes de 1851 a 1857.

Autor das seguintes obras impressas:

Elogio historico de Luiz da Silva Mousinho de Albuquerque. — Varios discursos na camara electiva como deputado. — Fundador do jornal poetico o Trovador. — Collaborador com grande numero de artigos em prosa e em verso nos seguintes jornaes: Revista Universal Lisbonense, Estrella do Norte, Revista Academica, Observador, Leiriense, e Futuro. — Collaborador do Almanach de Lembranças de 1862 e 1863. — Redactor das Sessões da Camara Electiva.

Pertence-lhe a nota *Cesar Germanico*, I - 255.

Assis Rodrigues (vide Francisco de).

Augusto Luso da Silva. Do Porto. Ex-professor de geographia, chronologia e historia, d'oratoria, poetica e litteratura classica no Lyceu Nacional de Leiria, e actual proprietario das mesmas cadeiras no do Porto, socio da Sociedade Agricola de Leiria.

Autor da seguinte obra impressa:

Um vol. de rimas. — Varios artigos e poesias em diversos jornaes.

Tem por publicar:

Uma obra de historia natural sobre os nossos molluscos terrestres e fluviaes.

Pertence-lhe a nota *A sciencia de Jupiter*, III - 242.

Avila (vide Antonio José de).

Ayres de Gouvea (vide Antonio).

B

Baptista (vide Antonio Maria).

Barão de Castello de Paiva (Antonio da Costa Paiva). Bacharel formado em philosophia pela Universidade de Coimbra, doutor em medicina na faculdade de París, lente jubilado na Academia Polytechnica do Porto, socio effectivo da Academia Real das Sciencias de Lisboa, membro correspondente das Academias de medicina e cirurgia de Marselha, Tolosa, e Montpellier, socio correspondente da Sociedade de Aclimatação da Prussia, membro do Conselho Dramatico, vogal do Conselho Geral do Commercio, Agricultura, e Manufacturas, vogal extraordinario do Conselho Geral de Instrucção Publica.

Autor das seguintes obras impressas:

Aphorismos de medicina e cirurgia praticas. — Descripção de dois insectos. — Descripção de duas novas especies de colleopteros das ilhas Canarias. — Collaborador com o lente da Academia Polytechnica do Porto o sr. Diogo Kopke na publicação do Roteiro de D. Vasco da Gama á India. — Collaborador com o sr. Alexandre Herculano na publicação da Chronica d'el-rei D. Sebastião.

Pertencem-lhe as notas *Origem do mez de março*, II - 217. *Origens de maio*, III - 191.

Barão de Villa Nova da Foscoa (Francisco Antonio de

Campos). De Villa Nova da Foscoa. Commendador da ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, cavalleiro da ordem de Christo; bacharel formado em direito pela Universidade de Coimbra, ex-Ministro e Secretario d'Estado por duas vezes, ex-presidente da Camara Municipal de Lisboa, ex-deputado em varias legislaturas.

Autor das seguintes obras impressas:

A lingua portugueza é filha da latina. — Traducção do Burro aureo de Appuleio. — Traducção da Apologia do mesmo.

Tem por publicar:

Juizo critico do Genio da lingua portugueza pelo sr. Francisco Evaristo Leoni. — Relatorio do Ministro e Secretario de Estado dos negocios da fazenda, apresentado na camara dos senhores deputados em sessão de 29 de fevereiro de 1836.

Pertence-lhe a nota *Os appellidos entre os romanos e entre nós*, I-499.

Barreiros (vide Fortunato José).

Barros Corte Real (vide Antonio Xavier de).

Bastos (vide José Joaquim Rodrigues de).

Beirão (vide Caetano Maria Ferreira da Silva).

Bordalo (vide Francisco Maria).

Bordalo Pinheiro (vide Manoel Maria).

Borges de Figueiredo (vide Antonio Cardoso).

Brilhante (vide Antonio Maria dos Santos).



Cabedo (vide Antonio de).

Cabreira (vide Frederico Leão).

Caetano Maria Ferreira da Silva Beirão. De Lisboa. Commendador da ordem de Christo, condecorado com a medalha de gratidão de Lisboa pela epidemia da febre amarella, bacharel formado em medicina pela Universidade de Coimbra, medico da Real Camara de Sua Alteza Real a Serenissima Senhora Infanta D. Izabel Maria, deputado ás Cortes, director do hospital de molestias de pelle de S. Lazaro, lente de materia medica na Escola Medico-Cirurgica de Lisboa, e no Instituto Agricola, socio effectivo da Academia Real das Sciencias de Lisboa, honorario e tres vezes presidente da Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa, membro benemerito da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, socio effectivo da Sociedade de Archeologia Lusitana, da Associação Industrial do Porto, da Sociedade de Medicina de Anvers, da de Emulação de S. Thiago, do Instituto Medico Valenciano, da Academia Cirurgica Malhorchina, da Academia d'Esculapio de Madrid, do Instituto Palestino das Sciencias Medicas, da Academia das Sciencias Medicas da Bahia, da Academia Cirurgica Cesar-Augustianna de Saragoça.

Autor das seguintes obras impressas:

Memorias ácerca da elephantiase dos gregos. — Memoria ácerca dos arrozaes em Portugal. — Nota sobre a applicação da canabina nos cancros ulcerados. — Folheto ácerca da molestia das vinhas em Portugal. — Outro sobre o uso das aguas de

S. João do Deserto no tratamento da elephantiase. — Considerações sobre a reforma da instrucção superior da medicina em Portugal. — Gazeta medica. — Tres dissertações recitadas perante a Sociedade Medica de Lisboa ácerca da importancia da hygiene publica. — Historia da instrucção medica desde o principio da monarchia até á reforma de 1772, e das casas de alienados consideradas como meio de tratamento da loucura. — Memoria contendo apontamentos para a historia dos alienados em Portugal. — Descripção dos apparelhos electro-magneticos e sua apreciação medica. — Duas dissertações recitadas perante o corpo cathedratico da Escola Medico-Cirurgica de Lisboa na abertura solemne das aulas. — Outra sobre a physiologia da respiração, no concurso para demonstrador de medicina em 1843. — Projecto de regulamento sanitario para a cidade de Lisboa, no caso de ser invadida novamente pela cholera morbus epidemica, apresentado á Sociedade das Sciencias Medicas. — Discurso recitado na Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa na sessão anniversaria de 10 de junho de 1849. — Apontamento para a biographia do dr. Leal de Gusmão. — Discurso ou elogio funebre do distincto facultativo Joaquim José de Almeida. — Dissertação recitada na sessão solemne anniversaria da Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa em 8 de janeiro de 1853. — Considerações ácerca do breve relatorio da cholera morbus em Portugal nos annos de 1853 e 1854 feito pelo Conselho de Saude Publica do Reino. — Compendio de materia medica.

Tem por publicar:

Os elementos de mechanica agricola para uso dos estudantes d'agricultura geral do Instituto. — Observações meteorologicas, feitas em Lisboa desde 1847 até 1859.

Pertence-lhe a nota *Castração*, II - 461.

CAMPOS (vide João Ferreira).

CANUTO (vide D. Maria José da Silva).

CARLOS RIBEIRO. De Lisboa. Commendador da ordem de Christo, cavalleiro da ordem de Carlos III de Hespanha, capitão de artilheria, membro director da Commissão Geologica de Portugal, chefe da segunda repartição da Direcção Geral das Obras Publicas no ministerio correspondente, socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa, do Instituto de Coimbra, da Sociedade Geologica de França, e do Instituto Geologico e Imperial de Vienna.

Autor das seguintes obras impressas:

Considerações geraes sobre a grande conserva de aguas projectadas na ribeira de Carenque. — Relatorio em forma de carta sobre a escolha do local para o matadoiro publico de Lisboa. — Reconhecimento geologico e hydrologico dos terrenos das visinhanças de Lisboa com relação ao abastecimento das aguas d'esta cidade com um mappa geologico. — Memorias sobre as minas de carvão dos districtos do Porto e de Coimbra; de carvão e de ferro do districto de Leiria. — On the carboniferous and silurian formation of the neighbourhood of Bussaco in Portugal. — Memorias sobre as minas de chumbo de S. Miguel d'Ache e de Segura no concelho de Idanha a nova, do Castello das Caldeiras no concelho do Sardoal. — Memoria sobre o grande filão metallifero que passa ao nascente d'Albergaria a velha e d'Oliveira d'Azemeis.

Tem por publicar:

Um reconhecimento da constituição physica e geologica de Portugal. — Descripção physica e geologica dos terrenos das visinhanças de Lisboa.

Pertence-lhe a nota *O fogo do globo*, III - 400.

CARREIRA DE MELLO (vide Joaquim Lopes).

Carvalho (vide Thomaz de).

Cascaes (vide Joaquim da Costa).

Castilho (vide Alexandre Magno de, Antonio Feliciano de, e José Feliciano de).

Celestino Soares (vide Joaquim Pedro).

*Claudio José' Nunes. De Lisboa. Secretario da camara dos deputados.

Tem publicado artigos em varios jornaes.

Pertence-lhe a nota *Relação entre abril e Venus*, II-397.

Coelho de Moraes (vide Antonio Ignacio).

Condessa de Oyenhausen (D. Henriqueta de Almeida). De Lisboa. Dama das Senhoras Rainhas D. Maria II e D. Estephania, condecorada com a Cruz Estrellada d'Alemanha. (Fallecida).

Pertence-lhe uma carta na nota *Coroas*, III-531.

Cordeiro (vide Antonio Xavier Rodrigues).

Corte Real (vide Antonio Xavier de Barros).

Costa Cascaes (vide Joaquim da).

Costa Lima (vide Polycarpo Francisco da).

Costa Paiva (vide Barão de Castello de Paiva).

Costa Sequeira (vide José da).

Cunha Bellem (vide Antonio Manoel da).

D

Dalhunty (vide Marcus).

Damasio (vide José Victorino).

Duque de Saldanha (João Carlos de Saldanha Oliveira e Daun). Conde, Marquez e Duque de Saldanha, Grão-Cruz da muito antiga e nobre ordem da Torre e Espada, do Valor Lealdade e Merito, da de Nosso Senhor Jesu Christo, por Sua Magestade Fidelissima, Cavalleiro da distincta ordem do Tosão d'Oiro, Grão Cruz da honrosa ordem de Carlos III, e da benemerita e militar ordem de S. Fernando de Hespanha, por Sua Magestade Catholica, Grão-Cruz da muito distincta ordem da Coroa de Arruda, por El-Rei de Saxonia, da de S. Gregorio o Grande, por Sua Santidade Pio IX, Grão-Cruz da Aguia Branca, por Sua Magestade o Imperador de todas as Russias, da de Leopoldo pelo Imperador d'Austria, da Legião de Honra, por Sua Magestade o Imperador dos francezes, da de Ernesto Pio na Saxonia, Grão-Cruz de Leopoldo I, por Sua Magestade o Rei da Belgica, da militar ordem de S. Mauricio e S. Lazaro por Sua Magestade El-Rei da Sardenha, do Leão Neerlandez por Sua Magestade El-Rei dos Paizes Baixos, da ordem do Salvador por Sua Magestade El-Rei da Grecia, Cavalleiro da sagrada ordem de S. João de Jerusalem, Commendador das ordens da Conceição de Villa Viçosa, e da Torre e Espada, condecorado com varias cruzes, e medalhas de campanha, e commando em batalhas, por Suas Magestades: Fidellissima, Catholica, e Britannica, e com a estrella d'oiro pelas campanhas do Rio da Prata, do Conselho de Sua Magestade Fidellissima, Con-

selheiro d'Estado, Ministro e Secretario de Estado honorario, Par do reino, presidente do Supremo Tribunal de Justiça Militar, mordomo-mór da Casa de Sua Magestade Fidellissima, marechal do exercito, e primeiro ajudante de campo de Sua Magestade El-Rei o Sr. D. Fernando II, socio emerito e presidente honorario da Associação Promotora de Educação Popular, ex-vice-presidente da Academia Real das Sciencias de Lisboa, membro da Sociedade Geologica de França, e da Sociedade de Mineralogia e de Geognosia do grão-ducado de Saxe, socio da Academia das Sciencias e das Béllas Lettras de Anvers, membro da Sociedade Archeologica da Belgica e da Sociedade de Estatistica de França, premiado com uma medalha de oiro pela mesma sociedade, e membro de differentes outras associações scientificas.

Autor das seguintes obras impressas:

Exposição franca e ingenua dos motivos que decidiram o brigadeiro João Carlos de Saldanha a não acceitar o commando da expedição á Bahia. — Observações sobre a carta que os membros da junta do Porto dirigiram a Sua Magestade o Imperador do Brazil em 5 de agosto de 1828. — A perfidia desmascarada ou carta da junta do Porto a Sua Magestade o Imperador do Brazil e observações á mesma carta pelo conde de Saldanha e por outro emigrado. — Concordancia das sciencias naturaes, e principalmente da geologia com o Genesis, fundada sobre as opiniões dos santos padres e dos mais distinctos theologos, extrahida de um trabalho do marechal marquez de Saldanha sobre a philosophia de Schelling. — Curtissima exposição de alguns factos. — Requerimento e correspondencia do duque de Saldanha com o ministro da guerra, por occasião de ser demittido do officio de mordomo-mór da Casa Real. — O duque de Saldanha e o conde de Thomar. — O conde de Thomar e o duque de Saldanha, apontamentos para a historia contemporanea. — O folheto do nobre duque de Saldanha ou os seus detractores des-

F *

mascarados. — Correspondencia do marechal duque de Saldanha e o jornal a Lei. — Algumas idéas sobre a fé. — Estado da medicina em 1858. — O sr. dr. Bernardino Antonio Gomes e o seu folheto.

Pertence-lhe a nota *Familia dos Fabios*, I - 566



Estacio da Veiga (vide Sebastião Philippe Martins).



Felix Manoel Placido da Silva Negrão. Da villa de Albufeira. Antigo alumno de philosophia, rhetorica, chronologia, historia, e theologia moral no Seminario de Faro, presbytero secular, conego da Sé Patriarchal Metropolitana de Lisboa, examinador synodal do patriarchado, da Academia Real das Sciencias de Lisboa.

Autor das seguintes obras impressas:

Traducção em latim do prologo dos Monumentos historicos da Academia Real das Sciencias de Lisboa, e do codigo Wisigothico, e dos mais codices e chronicas latinas que vem no 1.º fasciculo I vol. — Grande numero de artigos nos jornaes: Bibliotheca Familiar, Panorama, Revista Universal, e outros.

Tem por publicar:

Obra sobre varios pontos de direito e disciplina ecclesias-

tica, como a respeito da ordem episcopal, se é ou não sacramento. — Outra sobre o primado de S. Pedro. — Memorias da igreja africana contra o celibato. — Traducção paraphrastica da philosophia de Kant, composta por Charles Villers.

Pertence-lhe a nota *Festas do culto romano*, 1 - 512.

FERREIRA CAMPOS (vide João).

FIGANIERE (vide Jorge Cesar de la).

FIGUEIREDO (vide Antonio Cardozo Borges de).

FIGUEIREDO (vide Antonio José de).

FILIPPE FOLQUE. De Portalegre. Commendador das ordens de Aviz e de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, do Conselho de Sua Magestade, Fidalgo da Casa Real, doutor em mathematica, coronel graduado do corpo de engenheiros, lente da Escola Polytechnica, director geral dos trabalhos geodesicos do reino, mestre de mathematica de Suas Altezas, da Academia Real das Sciencias de Lisboa.

Autor das seguintes obras impressas:

Memoria sobre os trabalhos geodesicos executados em Portugal. — Mais cinco memorias sobre os mesmos trabalhos, em continuação á primeira. — Diccionario do serviço dos trabalhos geodesicos e topographicos do reino. — Instrucções pelas quaes se devem regular o director e officiaes encarregados dos trabalhos geodesicos e topographicos, seguidas da descripção e rectificações do theodolito. — Trabalhos geodesicos e topographicos do reino. — Varias reflexões a um artigo do ill.^mo^ e ex.^mo^ sr. Marino Miguel Franzini sobre os trabalhos geodesicos e topographicos do reino. — Taboa para determinar a influencia do

êrro dos angulos sobre o calculo dos lados do triangulo. — Taboas para o calculo trigonometrico das cotas do nivel. — Taboas para o calculo da reducção ao centro. — Taboas para o calculo das distancias á meridiana. — Instrucções para a execução, fiscalisação e remuneração dos trabalhos geodesicos e corographicos do reino. — Elementos de astronomia coordenados para uso dos alumnos da Escola Polytechnica. — Advertencias e reflexões no tomo VII da Collecção de noticias para a historia e geographia das nações ultramarinas.

Pertence-lhe a nota *Contagem decimal*, II - 225.

Folque (vide Filippe).

Fonseca (vide Antonio Manoel da).

Fortunato José Barreiros. D'Elvas. Cavalleiro da ordem da Torre e Espada, Commendador de Aviz, e de Leopoldo da Belgica, do Conselho de Sua Magestade, brigadeiro do exercito, socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa, lente jubilado da Escola do Exercito, da antiga commissão que organisou a Escola Polytechnica, e reformou a do Exercito, ex-governador geral de Cabo Verde, inspector geral do Arsenal do Exercito.

Autor das seguintes obras impressas:

Ensaio sobre os principios geraes de estrategia e de grande tactica. — Principios geraes de castrametação, applicados ao acampamento das tropas portuguezas. — Memoria sobre os pêsos e medidas de Portugal, Hespanha, Inglaterra e França, que se empregam nos trabalhos do corpo de engenheiros e da arma de artilheria. — Um artigo contendo considerações sobre a defensa do porto de Lisboa, e outro ácerca dos odres nas pontes militares. — No Panorama: Memoria descriptiva da praça d'Elvas, e fortes adjacentes. — Na Revista militar: o artigo Nacionalidade por-

tugueza e outros. — Seis relatorios relativos ás suas viagens de dezanove mezes a Inglaterra, Belgica, Prussia, Austria, Sardenha e França, com o fim de estudar os melhoramentos militares effectuados no material de guerra d'estas potencias. — Instrucção theorico-pratica para uso dos alumnos da Escola do Exercito.

Tem por publicar:

Compendio de artilheria. — Memoria sobre os principaes melhoramentos que tem recebido a espingarda de infanteria desde 1815 até 1842.

Pertence-lhe a nota *Milicia romana*, II - 230.

Francisco Antonio de Campos (vide Barão de Villa Nova da Foscôa).

Francisco Antonio Rodrigues de Gusmão. De Carvalhal, districto de Vizeu. Bacharel formado em medicina pela Universidade de Coimbra, socio correspondente da Academia Real das Sciencias de Lisboa, socio da das Sciencias Medicas da mesma cidade, socio honorario do Instituto de Coimbra, commissario dos estudos e reitor do Liceu Nacional de Castello Branco.

Autor das seguintes obras impressas:

Breve noticia sobre as aguas sulphurosas de Alpedrinha. — Breve noticia do collegio dos meninos orphãos que vai fundar na aldêa do Louriçal o sr. fr. Agostinho da Annunciação, seguida de algumas considerações sobre a inconveniencia do local. — Bosquejos biographicos: O abbade Corrêa da Serra, e Felix de Avellar Brotero. — Ensaio estatistico: Expostos do concelho de Alpedrinha. — Summula de preceitos hygienicos ordenada para uso dos professores e alumnos das escolas de instrucção primaria. — Memoria da vida e escriptos do reverendo padre José Vicente Gomes de Moura. — Memoria da vida e escriptos de

Estevão Dias Cabral. — O estudo das linguas grega e latina é necessario para o perfeito conhecimento da portugueza. — Apontamentos para a historia da epidemia da cholera-morbus que reinou em Portalegre em 1856. — Estudos philologicos. — Glossario das palavras e frases da lingua franceza... que se tem introduzido na locução portugueza moderna, pelo cardeal D. Francisco de S. Luiz Saraiva. — Brevissima noticia da parochial igreja de Santa Maria Magdalena da cidade de Portalegre. — Biographia do sr. José Accurcio das Neves. — Relatorio da Sociedade Agricola de Portalegre em 1856. — Breves apontamentos para a historia da epidemia de Castellejo. — Succinta noticia da epidemia que grassou na Lardosa em abril e maio de 1859. — Paralysia dos membros inferiores; memoria escripta em latim... e traduzida em portuguez. — Emphysema geral por causa traumatica. — Erysipela periodica felizmente prevenida. — Epilepsia curada pelo uso do cotyledon umbilicus, depois de dezoito annos de duração. — Providencias de policia sanitaria aconselhadas á camara de Alpedrinha. — Considerações analyticas ácerca das instituições de hygiene publica do sr. Candido Albino. — Sobre a phrenologia e homeopathia. — Relatorio da epidemia de Valvedre. — Relatorios medico-legaes. — Memorias biographicas de medicos e cirurgiões portuguezes, fallecidos no presente seculo, e que se deram a conhecer nos seus escriptos. — Juizo sobre o opusculo: O marechal duque de Saldanha e os medicos, etc. Breves considerações por Bernardino Antonio Gomes. — Juizo critico ácerca do Diccionario bibliographico portuguez, tom. I.

Pertence-lhe a nota *A prostituição entre os romanos*, II-553.

Francisco de Assis Rodrigues. De Lisboa. Discipulo de Joaquim Machado de Castro, lente de esculptura, e director da Academia das Bellas Artes.

Autor das seguintes obras artisticas:

Varios retratos em cera, em gesso, e em marmore, o da regente do collegio da rua da Rosa, D. Anna Vicencia d'Oliveira; o de A. F. de Castilho; o de Antonio Evaristo do Valle, em marmore d'Italia; o do marechal João José Ferreira de Sousa; o do padre Biencardi; o de Benjamim Conti; o de Silvestre Pinheiro Ferreira; os dos dois habeis professores da nossa Academia José Francisco Ferreira de Freitas, e Domingos José da Silva; da estatua de Gil Vicente no angulo culminante do frontão do theatro de D. Maria II; dos modelos para o grupo do tympano do mesmo frontão que representam Apollo e as musas; da Comedia e da Tragedia sobre os angulos, e das quatro partes do dia nas tabellas do attico; da estatua da Piedade collocada em um dos nichos do vestibulo do real palacio d'Ajuda. — A naiade da cascata do passeio publico. — O busto de Camões em gesso, e a estatua do mesmo poeta. — Em marmore de Carrara, para El-Rei o Senhor D. Fernando: o amor dormindo, copia de um modelo de C. A. Freikin, e o genio da musica para o mesmo Augusto Senhor. — Muitos objectos sacros, taes como imagens de Nossa Senhora da Conceição, das Dores, S. Filippe Benicio, S. Julião e Santa Basilissa para a freguezia de S. Julião de Lisboa, Santa Cecilia para Setubal, e alguns modelos para o monumento de D. Pedro IV.

Autor das seguintes obras impressas:

Memoria d'esculptura sobre o methodo e processo dos trabalhos em pedra. — Methodo das proporções e anatomia do corpo humano, dedicado á mocidade estudiosa, que se applica ás artes do desenho. — Discurso pronunciado por occasião da sessão solemne, e distribuição de premios da Academia de Bellas Artes. — Alguns necrologios de professores da mesma Academia insertos na Revista Universal e Diario do governo.

Tem por publicar:

Memoria sobre a origem, progresso, e estado actual das bel-

las-artes em Portugal. — Um diccionario de pintura, esculptura, architectura, e gravura.

Pertence-lhe a nota *Estatuas*, II - 302.

Francisco Evaristo Leoni. De Lisboa. Cavalleiro das ordens: da Torre e Espada, e de S. Bento de Aviz, coronel de artilheria, socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa.

Autor das seguintes obras impressas:

Obras poeticas um vol. — Genio da lingua portugueza, ou causas racionaes e philologicas de todas as formas e derivações da mesma lingua, comprovadas com innumeraveis exemplos, extrahidos dos autores latinos e vulgares. — Varios artigos no jornal o Michaelense, Illustração luso-brazileira, e no Almanach de lembranças.

Tem por publicar:

Novo diccionario portuguez de phrases, annexins e outras peculiaridades d'esta lingua.

Pertence-lhe a nota *Salios*, II - 578.

Francisco Gomes de Amorim. De Avelomar, na provincia do Minho. Ajudante do escrivão da Pagadoria Geral do Ministerio da Marinha, com a graduação de tenente da armada nacional, e 2.º official da Secretaria da Junta Geral da Bulla da Cruzada, socio correspondente da Academia Real das Sciencias de Lisboa.

Autor das seguintes obras impressas:

Ghigi, drama. — Cantos matutinos. — Uma viagem ao Minho.

Tem por publicar:

A viuva, comedia. — O casamento e a mortalha, comedia-proverbio. — Odio de raça, drama de costumes brazileiros. — O cedro vermelho, idem. — O melodrama dos melodramas, dis-

parate carnavalesco. — A escravatura branca, drama. — A comedia da vida, idem. — O corsario, idem. — D. Sancho I, idem.

Pertence-lhe a nota *Fiandeiras*, II - 340.

Francisco Maria Bordalo. De Lisboa. Com o curso de mathematica da Escola Polytechnica, capitão tenente da armada, encarregado pelo governo de compilar a legislação vigente de marinha, e continuar os ensaios estatisticos sobre o ultramar começados pelo fallecido Lopes de Lima, ex-secretario geral do governo de Macau, Timor e Solor, e ex-vice-commandante da companhia dos guardas marinhas.

Autor das seguintes obras impressas:

Rei ou impostor, drama. — Navegadores estrangeiros. — Viagem pittoresca á roda do mundo. — Um passeio de sete mil leguas. — Relação de uma viagem á China pelo Egypto. — Ignoto Deo, tradição portugueza. — O voador. — Eugenio, romance maritimo. — Viagem á roda de Lisboa. — Quadros maritimos. — Viagens na Africa e na America. — Trinta annos de peregrinação. — D. Sebastião o desejado, lenda nacional. — Ensaio sobre a estatistica de Moçambique. — Navegadores portuguezes, D. Fuas Roupinho, Gil Eanes, Pero de Alemquer, os visitadores da America. — A nau de viagem. — Artigos em quasi todos os jornaes litterarios e em muitos politicos de Portugal e Brazil. (Fallecido).

Pertence-lhe a nota *A navegação dos antigos e dos modernos*, II - 480.

Francisco Martins de Andrade. De Lisboa. Conservador da Bibliotheca Nacional de Lisboa, encarregado da repartição dos manuscriptos e antiguidades, professor da cadeira de numismatica, e ex-beneficiado da Basilica Patriarchal de Santa Maria Maior.

Autor das seguintes obras impressas:

Opusculo ácerca da origem da lingua portugueza. — Catalogo das obras do XV seculo que possue a Bibliotheca Nacional de Lisboa. — Compendio de doutrina popular. — As irmãs da caridade ou a questão do momento. — Rudimentos de numismatica grega e romana. — Breves considerações ácerca de alguns pontos da numaria portugueza. — Apontamentos relativos ao insigne escriptor o padre Francisco de Macedo. — Recordações de um grande principe portuguez (o infante D. Henrique). — Apontamentos a respeito de D. João de Castro e dos seus conhecimentos scientificos extrahidos de escriptos nacionaes e estrangeiros. — Breve noticia de alguns monumentos litterarios ineditos existentes em Portugal, notaveis pela forma dos caracteres, e pela belleza das illuminuras. — Breves considerações a respeito da natureza origem e progressos do conto.

Tem por publicar:

Catalogo methodico dos manuscriptos paleographicos que possue a Bibliotheca Nacional de Lisboa, illustrado com notas historicas, criticas, e bibliographicas. — Catalogo da collecção biblica da Bibliotheca Nacional de Lisboa, igualmente illustrado com notas. — Grammatica philosophica da lingua portugueza. — Selecta portugueza, ou excerpto dos classicos portuguezes de melhor nota. — Breve compendio da historia da peninsula iberica.

Pertence-lhe a nota *Dinheiro em Roma*, I-385.

FRANCISCO RAPHAEL DA SILVEIRA MALHÃO. De Obidos. Ex-beneficiado na igreja matriz d'aquella villa, socio do Instituto de Coimbra, com o curso do Seminario de Santarem, capellão da igreja da Misericordia de Obidos, fundador da igreja de Olho-marinho.

Autor das seguintes obras impressas:

Oração funebre recitada na igreja de S. Vicente de Fora de

Lisboa nas exequias do conde de Barbacena. — Sermão prégado na igreja de Nossa Senhora dos Martyres de Lisboa a 13 de maio de 1855. — Sermões publicados pelo beneficiado Francisco Raphael da Silveira Malhão. — Varias poesias publicadas nos jornaes Panorama, Revista Universal, e Semana. (Fallecido).

Pertence-lhe a nota *As cãs e a ruga senil*, III - 197.

Franzini (vide Marino Miguel).

Frederico Leão Cabreira de Brito e Alvelos Drago Valente. De Villa Real de Santo Antonio de Arenilha. Fidalgo cavalleiro da Casa Real, do Conselho de Sua Magestade Fidelissima, Commendador da ordem de Aviz, e da de Izabel Catholica de Hespanha; lente e director da Academia Militar de Goa, ex-commandante de artilheria da mesma cidade, ex-ajudante general do exercito da India, ex-director de todas as praças e fortalezas, e ex-secretario geral dos mesmos estados, ex-governador das ilhas de Timor e Solor, ex-governador do castello de S. Jorge em Lisboa, ex-secretario militar do duque de Saldanha, ex-commandaute da sub-divisão militar da ilha de S. Miguel, ex-governador militar da praça de Valença, da antiga commissão para a inspecção e reforma do Arsenal do Exercito, presidente da antiga commissão mixta luso-hispana destinada a regular os limites territoriaes dos dois paizes, ex-commandante do material de artilheria na 1.ª divisão militar, commandante geral interino da mesma arma, brigadeiro do exercito, deputado por varias vezes ás Cortes, da Associação Maritima e Colonial de Lisboa, da Associação dos Professores Portuguezes, e do Gremio Africano de París.

Autor das seguintes obras impressas:

Instrucções dadas pelo vice-rei marquez de Alorna ao seu successor marquez de Tavora, sendo precedidas de uma noticia

historica sobre o primeiro d'elles, e de algumas notas illustrativas. — Inquerito industrial ácerca dos ilhas de Timor e Solor, impresso nos Annaes da Associação Maritima e Colonial de Lisboa. — Resumo historico da vida e serviços do ultimo vice-rei da India D. Manuel de Portugal e Castro. — Varias poesias avulsas e em jornaes. — Collaborou na Revista dos Açores.

Tem por publicar:

Noticias das ilhas de Timor e Solor, contendo na primeira parte, todas as historicas que poude colligir desde o descobrimento das mesmas ilhas feito pelos portuguezes até aos nossos dias; na segunda, as puramente geographicas e territoriaes de que teve conhecimento; e na terceira, as do caracter, usos, costumes, e superstições d'aquelles povos, com uma extensa carta hydro-corographica das referidas ilhas, a qual existe no archivo do conselho ultramarino.

Pertence-lhe a nota *Pertinacia dos assedios antigos*, I - 597.



Gil (vide Antonio).

Gomes de Amorim (vide Francisco).

Gomes Monteiro (vide José).

Gonçalo Tello de Magalhães Collaço Vellasques Sarmento. Da Vinha da Rainha no districto de Coimbra. Fidalgo cavalleiro da Casa Real, Cavalleiro da ordem da Torre e Espada; bacharel formado em leis pela Universidade de Coimbra,

juiz de direito no quadro da magistratura, ex-alferes de lanceiros da Rainha; da Sociedade Agricola de Coimbra.

Autor do Estandarte da resistencia legal. — Antigo collaborador de diversos jornaes.

Pertencem-lhe as notas *As feiticeiras e bruxas dos romanos*, III-306. *Os mesinheiros e mesinheiras dos romanos*, III-354. *Deuses Lares e Penates* III-556.

GONÇALVES DE ANDRADE (vide Antonio Joaquim).

GUILHERME DA SILVA ABRANCHES. Da villa de Avô, districto de Coimbra, do Conselho de Sua Magestade, Commendador da ordem de Christo; bacharel formado em medicina pela Universidade de Coimbra, medico da Real Casa, do Hospital de S. José, da Misericordia, e das cadêas centraes; presidente do Conselho de Saude Publica do Reino, ex-vice-provedor de Saude Publica do bairro do Rocio.

Collaborador de varios jornaes de medicina, e dos relatorios officiaes da cholera-morbus e febre amarella.

Pertence-lhe a nota *Aguas mineraes*, I-409.

GYRÃO (vide Visconde de Villarinho de S. Romão).



HENRIQUE AUGUSTO DA SILVA. Do Porto. Com os cursos: de engenheiros de pontes e estradas, da Academia Polytechnica do Porto, e de artistas da mesma Academia; professor de principios de physica e chimica e introducção á historia natural dos

tres reinos no Lyceu Nacional de Vizeu, e membro da Sociedade Agricola da mesma cidade.

Tem publicado alguns folhetins, artigos, e poesias em diversos jornaes.

Tem por publicar alguns dramas e comedias.

Pertence-lhe a nota *Baccho*, II - 306.

Henriqueta d'Almeida (D.) (vide Condessa de Oyenhausen).



Ignacio Francisco Silveira da Motta. De Lisboa. Bacharel formado em direito, da Associação dos Advogados de Lisboa e da Promotora de Educação Popular.

Fundador do Archivo Universal. — Collaborador neste e em muitos outros periodicos litterarios e politicos.

Pertence-lhe a nota *O escravo*, II - 241.

Innocencio Francisco da Silva. De Lisboa. Com o curso de mathematica da Academia de Marinha, amanuense de primeira classe na secretaria do governo civil, socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa, do Instituto de Coimbra, do Instituto Historico e Geographico brazileiro.

Autor das seguintes obras impressas:

Diccionario bibliographico portuguez. — Relatorio lido na sessão solemne do anniversario da Sociedade Patriotica Lisbonense. — Serie de apontamentos ou memorias biographicas de portuguezes modernos no Archivo Pittoresco. — Carta ao sr. Manuel Joaquim Marques Torres. — Compilador e editor das

composições poeticas do dr. José Anastacio da Cunha e da Pequena Chrestomathia portugueza, offerecida á mocidade estudiosa. — Coordenador das poesias de Manuel Maria Barbosa du Bocage. — Varios artigos nos jornaes: Verdadeiro amigo do povo, Revolução de Setembro, Panorama, Archivo Pittoresco, Nação, Jornal para todos.

Tem por publicar:

Vida do padre José Agostinho de Macedo.

Pertence-lhe a nota *Sicilia*, II - 529.



JOÃO D'ANDRADE CORVO. De Torres Novas. Commendador da ordem de Christo; tenente do corpo de engenheiros, lente da Escóla Polytechnica, da Academia Real das Sciencias de Lisboa.

Autor das seguintes obras impressas:

Um anno na corte. — Nem tudo o que luz é oiro, proverbio. — O alliciador, drama. — O astrologo, idem. — Memoria sobre a mangra, ou doença das vinhas, nas ilhas da Madeira e Porto Santo. — Relatorio sobre a exposição universal de Paris. — Varios artigos sobre agricultura e poesias em diversos jornaes.

Pertence-lhe a nota *Abelhas*, II - 651.

JOÃO ANTONIO DE LEMOS PEREIRA DE LACERDA (vide Visconde de Juromenha).

JOÃO CARLOS DE SALDANHA DE OLIVEIRA E DAUN (vide Duque de Saldanha).

João Felix Pereira. De Lisboa. Com o curso da Escóla Medico-Cirurgica de Lisboa, com o de mathematica na Escóla Polytechnica, com a maior parte do de engenharia civil da Escóla do Exercito, com o do Lyceu de Lisboa, e das cadeiras de linguas annexas ao mesmo Lyceu: francez, inglez, alemão, e grego, com o de tachigraphia, professor de geographia, chronologia e historia universal do Lyceu de Lisboa, socio effectivo da Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa.

Autor das seguintes obras impressas:

As expedições de Dario e Xerxes contra a Grecia. — Historia de Portugal desde o principio da monarchia até á morte de D. João VI, em 1826. — Compendio de historia de Portugal para uso das aulas de instrucção secundaria. — Cholera-morbus: o artigo *cholera* da Encyclopedia britannica, traduzido do inglez. — Chirurgomicroscopiatromachia. — Compendio de chorographia portugueza, para uso das aulas de instrucção primaria e secundaria. — Resumo de historia de Portugal para uso das aulas de instrucção primaria. — Idem. — Idem. — Febre amarella: o artigo *febre amarella* da Encyclopedia britannica, traduzido do inglez. — Anesthesia cirurgica. These defendida, em 16 de outubro de 1851 na Escóla Medico-Cirurgica de Lisboa. — Compendio de chronologia, para uso das aulas de instrucção secundaria. — Terceiro relatorio annual sobre a efficacia therapeutica das cadeias galvano-electricas de Goldberg, na sua applicação contra as molestias rheumaticas, gotosas e nervosas de todas as especies, traduzido do alemão. — Rudimentos de geometria, destinados principalmente aos alumnos, que frequentam as aulas de geographia, chronologia e historia. — Compendio de geographia, para uso das aulas de instrucção secundaria. — Resumo de geographia physica, politica e commercial, para uso das aulas de instrucção primaria. — Compendio de historia sagrada, para uso das aulas de instrucção secundaria. — Com-

pendio de historia sagrada, para uso das aulas de instrucção primaria. — O Visionario *(Geisterseher)*, romance de Schiller, traduzido do alemão, (esta traducção é precedida da biographia de Schiller). — Rudimentos de arithmetica, para uso das aulas de instrucção primaria. — Abrégé de l'histoire de Portugal. — Fabulas de Lessing, traduzidas do alemão, (esta traducção é acompanhada do texto, e é precedida da biographia de Lessing). — Logica, ou analyse do pensamento. — Elementos de geometria para uso dos lyceus, (estes elementos são precedidos da historia resumida da geometria). — Abridgement of the history of Portugal. — Chorographia do Brazil. — Cyropedia *(Kirou paideia)*, ou historia de Cyro, escripta em grego por Xenophonte, e traduzida do original, (esta traducção é precedida da biographia de Xenophonte). — Preceitos de civilidade, para uso das aulas de instrucção primaria. — Vidas dos capitães illustres *(De vita excellentium imperatorum)* por Cornelio Nepote (as que se acham na selecta segunda) traduzidas do latim; (esta traducção é precedida da biographia de Cornelio Nepote). — Additamento á 2.ª edição do compendio de geographia de João Felix Pereira, para o adaptar ao programma publicado pela Escóla Polytechnica, na parte que diz respeito á geographia mathematica. — Additamento aos elementos de geometria, extrahidos dos melhores autores para accommodal-os ao programma, que regula os exames preparatorios de geometria elementar na Escóla Polytechnica. — Compendio de geographia mathematica, accommodado ao programma, que regula os exames preparatorios d'esta disciplina na Escóla Polytechnica. — Mappa de Portugal para intelligencia do compendio de chorographia portugueza acima indicado. — Mappa de Portugal para intelligencia do mencionado compendio, em escala maior que o antecedente. — Principios de moral, e cathecismo ou compendio de doutrina christã, para uso das aulas de instrucção primaria, approvado pelo Eminentissimo Senhor Cardeal Patriar-

cha. — Epitome da historia sagrada em verso rimado endecasyllabo; (o compendio de historia sagrada, acima indicado, é o desenvolvimento em prosa d'este pequeno poema biblico). — Diccionario alemão-portuguez e portuguez-alemão. Neues deutsch-portugiesisch und portugiesisch-deutsch handworterbuch 2 volumes da primeira parte. — Primeiro livro da historia dos gregos e dos persas por Herodoto, traduzido do grego; (este primeiro livro contém principalmente a historia de Cyro, um dos maiores personagens da antiguidade). — Compendio da historia de França, tirado textualmente dos Estudos historicos de Chateaubriand, traduzido do francez. — Historia da philosophia, traduzida do francez. — Apreciação philosophica dos descobrimentos dos portuguezes, e das razões que os determinaram, seus effeitos sobre a civilisação na Europa e no Oriente. — These do concurso para a 5.ª cadeira do Curso Superior de Lettras, sustentada no dia 9 de fevereiro de 1860.

Pertence-lhe a nota *Mysterios de Eleusis*, II - 658.

João Ferreira Campos. — De Lisboa. Cavalleiro da ordem de Aviz; bacharel formado em mathematica pela Universidade de Coimbra, coronel graduado de engenharia, lente jubilado da Escóla Polytechnica, socio correspondente da Academia Real das Sciencias de Lisboa.

Autor da seguinte obra impressa:

Lições de algebra elementar para uso dos alumnos da Escóla Polytechnica.

Pertencem-lhe as notas *Nascimentos e occasos heliacos*, I - 248. *Os cães celestes*, II - 576.

João José' de Simas. De Olhão. Cavalleiro da ordem de Carlos III de Hespanha; bacharel em lettras pela Universidade de Montpellier, doutor em medicina pela Universidade de Paris,

medico da Real Camara, do Hospital de S. José, e da Santa Casa da Misericordia de Lisboa, presidente da Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa, socio das Academias de Medicina da Bahia e de Cadix.

Tem publicado varios artigos e relatorios sobre questões de medicina e d'hygiene em diversos jornaes.

Pertence-lhe a nota *Da papoila como afrodisiaco*, II-456.

JOÃO JOSE' DE SOUSA TELLES. De Lisboa. Com o curso de pharmacia da Escóla Medico-Cirurgica, da Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa, da Pharmaceutica Lusitana, da Associação Industrial Portuense, da Promotora de Educação Popular, professor de materia medica, pharmacia, philosophia e sciencias naturaes em varios cursos publicos e particulares.

Autor das seguintes obras impressas:

A filha da caridade, romance original. — Visitas ao horto botanico da Escóla Medico-Cirurgica de Lisboa. — A açucena, romance original. — Reflexões ácerca da pharmacopea do dr. Agostinho Albano da Silveira Pinto. — O Cicero da Mouraria avaliado por Florencio Florindo Florido, professor de instrucção em Caparica, obra offerecida a todos os Tedeschis presentes e futuros. — Compendio elementar de botanica. — Compendio de introducção á historia natural dos tres reinos. — Varios artigos sobre medicina e chimica no jornal o Esculapio, e Jornal de Pharmacia.

Tem por publicar:

Compendio de hygiene privada. — Historia dos hospitaes de Lisboa.

Pertence-lhe a nota *Eliciação do raio*, II-249.

JOÃO DE SOUSA PINTO DE MAGALHÃES. Grão-Cruz da ordem de Christo, e da ordem romana de S. Gregorio Magno;

bacharel formado em leis pela Universidade de Coimbra, ex-juiz do crime do bairro de Mocambo, deputado pela provincia do Minho nas Cortes constituintes de 1820, e nas de 1822 em que foi presidente; vogal da Junta creada em 1823 para formar um projecto de Carta Constitucional, official da Secretaria de Estado dos Negocios do Reino, e deputado da Junta da Fazenda da cidade em 1826, sub-inspector dos correios e postas do reino em 1833, director da Secretaria de Estado da presidencia do conselho de ministros em 1834, Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios do Reino, e depois, dos Negocios Ecclesiasticos e de Justiça em 1835, deputado ás Cortes de 1836, e ás de 1840, em que foi presidente, Conselheiro de Estado extraordinario em 1845, Conselheiro do Tribunal de Contas em 1853, Conselheiro de Estado effectivo em 1858.

Pertençe-lhe a nota *Vejove*, II - 279.

JOAQUIM ANTONIO DA SILVA. De Lisboa. Com o curso da Escóla Medico-Cirurgica, lente da Escóla Polytechnica, da Academia Real das Sciencias de Lisboa, da Sociedade das Sciencias Medicas.

Autor das seguintes obras impressas:

Estudo da composição da agua da chuva que cahe em Lisboa. — Noticia dos trabalhos magneticos executados no observatorio do infante D. Luiz em 1859. — Varios artigos em differentes jornaes. (Fallecido).

Pertencem-lhe as notas *Collocação do orbe terraqueo no universo*, III - 448. *A esphera de Syracusa*, III - 452.

JOAQUIM DA COSTA CASCAES. De Aveiro. Cavalleiro da ordem de Aviz; ex-alumno e actual professor no Collegio Militar, com o curso d'engenharia, major d'artilheria, da autiga Socie-

dade Philomatica, do Conservatorio Dramatico, ex-vogal da antiga commissão inspectora do theatro de D. Maria II.

Autor das seguintes obras impressas:

Prosas e poesias varias em muitos jornaes, nomeadamente no Panorama e Revista Universal.

Das seguintes peças representadas:

O valido, drama. — O castello de Faria, idem. — O alcaide de Faro, idem. — Giraldo sem sabor, ou uma noite de Santo Antonio na praça da Figueira, comedia. — Nem russo nem turco, idem. — O estrangeirado, idem — Fanatismo politico, idem. — O mineiro de Cascaes, idem. — A pedra das carapuças, idem.

Tem por publicar:

A inauguração da estatua equestre. — Descripção do edificio de Mafra. — Os anti-barbaros, poemeto.

Pertence-lhe a nota *Romarias*, II-286.

JOAQUIM JANUARIO DE SOUSA TORRES E ALMEIDA. De Braga. Cavalleiro da ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa; bacharel formado em direito pela Universidade de Coimbra, socio e ex-secretario do Instituto de Coimbra, ex-vice-presidente da Camara Municipal de Braga, vogal do Concelho de Districto da mesma cidade, deputado ás Cortes de 1862.

Collaborador dos jornaes: o Instituto, Revista Academica, Murmurio, Grinalda, Farol do Minho. — Redactor do Independente.

Autor das seguintes obras por publicar:

Paula, drama. — O barão de fresca data, comedia. — O advogado nos auditorios de Braga.

Pertence-lhe a nota *Jogos equirios*, I-604.

JOAQUIM LOPES CARREIRA DE MELLO. Da Mealhada, districto de Coimbra. Socio do Instituto de Coimbra, e da Associa-

ção Promotora de Educação Popular, director do collegio de Nossa Senhora da Conceição.

Autor das seguintes obras impressas:

Tratado de chorographia portugueza historica e politica. — Compendios: de civilidade moral e religiosa, de doutrina christã dogmatica e moral, de historia de Portugal, de geographia universal, e de chronologia. — Biographia do padre José Agostinho de Macedo. — Selecta portugueza. — Resumo da historia sagrada antiga e da igreja christã. — Resumo da historia universal profana. — Redactor do jornal a Instrucção publica.

Pertence-lhe a nota *Porta Capena*, II - 482.

JOAQUIM PEDRO CELESTINO SOARES. De Lisboa. Do Conselho de Sua Magestade Fidellissima, Cavalleiro das ordens da Torre e Espada, e de Christo; Chefe de divisão, director da Escóla Naval, e da Escóla de Construcção e Architectura Naval, commandante da companhia de guardas marinhas, socio correspondente da Academia Real das Sciencias de Lisboa, socio honorario da Academia das Bellas Artes da mesma cidade, ex-deputado ás Cortes em 1835, 1837, 1839, 1841, e 1852.

Autor das seguintes obras impressas:

Bosquejo das possessões portuguezas no Oriente. — Folhetins maritimos, publicados no Patriota, e reimpressos em um volume separado.

Tem por publicar:

Epopéa naval portugueza. — Varias poesias e prosas.

Pertence-lhe a nota *Marinha*, II - 401.

JORGE CESAR DE LA FIGANIÈRE. Nascido no Rio de Janeiro. Commendador da ordem de Christo, do numero extraordinario de Carlos III e de Izabel a Catholica de Hespanha, do Salvador da Grecia, e da ordem imperial ottomana da Nichan-Iftchar;

official ordinario e chefe de repartição no Ministerio dos Negocios Estrangeiros, do Conservatorio Dramatico de Lisboa, socio correspondente do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico brazileiro, e honorario do Gabinete de Leitura no Maranhão.

Autor das seguintes obras impressas:

Epitome chronologico da historia dos reis de Portugal, e da bibliographia historica portugueza. — Varios artigos nos jornaes: Panorama, Revista Universal, Archivo Pittoresco, etc.

Tem por publicar:

Algumas obras começadas, e entre ellas Apontamentos genealogicos (da sua familia).

Pertence-lhe a nota *Bairros de Roma*, III-227.

José Antonio Marques. De Lisboa. Cavalleiro da ordem de Christo, da de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, e da de Leopoldo da Belgica; cirurgião medico pela Escóla de Lisboa, doutor em medicina pela Universidade de Bruxellas, cirurgião de brigada honorario do exercito, socio honorario de 1.ª classe da Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa, e actualmente seu presidente; da Academia Real das Sciencias de Lisboa, socio de merito do Instituto Medico Valenciano, correspondente da Academia Medico-Cirurgica de Madrid, da Sociedade Humanitaria de Londres, chefe da 6.ª repartição da 1.ª direcção do Ministerio da Guerra.

Autor das seguintes obras impressas:

Elementos de hygiene militar ou collecção de assumptos e preceitos de hygiene, que interessam, ou são indispensaveis aos que se dedicam á profissão militar. — Aperçu historique de l'ophthalmie militaire portugaise; memoire presenté au congrés ophthalmologique de Bruxelles. — Resultado d'uma commissão medico-militar em Inglaterra, França, Belgica e Paizes-Baixos,

seguido de varios capitulos sob o titulo de Londus-medica. — Discurso pronunciado na sessão solemne e anniversaria da Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa em 1860. — Escholiaste Medico, periodico quinzenal de sciencias medicas, que está no seu decimo setimo anno de existencia.

Pertence-lhe a nota *A doutrina das crises e dias criticos das doenças*, III - 251.

JOSE' DA COSTA SEQUEIRA. De Lisboa. Professor e ex-secretario interino da Academia das Bellas Artes de Lisboa, ex-ajudante architecto de 1.ª classe da repartição das Obras Publicas.

Autor das seguintes obras impressas:

Compendio de geometria pratica applicada ás operações de desenho. — Elementos de perspectiva theorica e pratica. — Noções theoricas de architectura civil, seguidas de um breve tratado das cinco ordens de Jacomo Barrozio de Vinhol, (3.ª edição). — Methodo graphico de desenho. — Memoria descriptiva do projecto para o monumento que se pretende consagrar á memoria de Sua Magestade Imperial o Senhor D. Pedro Duque de Bragança, offerecido aos amigos dos artistas nacionaes. — Relatorio que o professor substituto servindo de secretario da Academia das Bellas Artes de Lisboa, leu no dia 30 de novembro de 1840, em que teve logar a sessão magna da mesma academia. — Varios artigos publicados na Revista Universal Lisbonense.

Tem por publicar:

Estudos de architectura civil ou dissertações sobre os originaes fundamentos, e os principios theoricos d'esta nobre arte.

Pertence-lhe a nota *Dos theatros gregos e romanos comparados com os modernos*, II - 502.

JOSE' EDUARDO DE MAGALHÃES COUTINHO. De Evora. Do

Conselho de Sua Magestade Fidelissima; com o curso da Escóla Medico-Cirurgica de Lisboa, onde é professor; da Academia Real das Sciencias de Lisboa, da Sociedade das Sciencias Medicas, deputado ás Cortes, e director geral de Instrucção Publica.

Autor das seguintes obras impressas:

Projecto de lei para a reforma das Escólas Medico-Cirurgicas de Lisboa e Porto. — Discurso recitado na abertura da Escóla Medico-Cirurgica de Lisboa em 9 de janeiro de 1858. — Discurso do presidente da Sociedade das Sciencias Medicas recitado na sessão de 17 de fevereiro de 1859. — Principal redactor do jornal Zacuto Lusitano.

Pertence-lhe a nota *Mezes da gestação*, II-237.

JOSÉ' FELICIANO DE CASTILHO BARRETO E NORONHA. De Lisboa. Do Conselho de Sua Magestade Fidelissima, Fidalgo cavalleiro da Sua Real Casa, Commendador das ordens de Christo e de Nossa Senhora da Conceição; doutor e bacharel em direito, medicina e philosophia pelas Universidades de Coimbra, París e Rostock, presidente da commissão do Nacional e Real Archivo da Torre do Tombo, ex-bibliothecario mór e ex-deputado ás Cortes em varias legislaturas, tenente coronel, socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa, membro da Sociedade Real dos Antiquarios do Norte, da Academia de Historia de Copenhague, das Sociedades Pharmaceuticas: do Norte da Alemanha, de Salzufflen, e de Lisboa, do Instituto Historico de París, do Conservatorio Real, e da Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa, do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, do Gremio Litterario Portuguez no Rio de Janeiro, do Instituto Historico da Bahia, do Conservatorio da mesma cidade, da Sociedade dos Amigos das Lettras e Artes em S. Miguel, da Associação Promotora de Educação Popular, e de outras sociedades sabias etc.

Autor das seguintes obras impressas:

Grinalda ovidiana. — O Iris jornal do Rio de Janeiro. — Iris classico. — Livraria classica. — Arte de ser amado. — Traité du consulat. — Relatorio sobre a Bibliotheca Nacional de Lisboa. — Apologia e defeza do barão de Moreira. — Biographia do mesmo. — Tributo á morte do Senhor D. Pedro v. — União iberica. — Tratado de orthographia. — Traité de mnémotechnie. — Dissertação inaugural sobre a nostalgia. — Dissertação sobre o regimen da tutela. — Regulamento consular. — Noticia da vida e obras de Manuel Maria Barbosa du Bocage. — Noticia da vida e obras de Fernão Mendes Pinto. — Cartas de Manuel pequeno a seu compadre artilheiro. — Memorias de um endemoninhado. — Discurso sobre a necessidade de se protegerem as sciencias, as lettras e as artes no imperio do Brazil. — Razões do appellante e do appellado na causa entre partes: appellante José Antonio das Neves; appellado Felix Maria de Noronha. — O casamento de Sua Alteza Imperial a Senhora Princeza D. Izabel com Sua Alteza Real o Senhor Infante D. Luiz, Duque do Porto; Extractos. — A questão da barca *Charles et George*. — Carta a um dos directores da Lysia poetica. — Relatorio e proposta das medidas concernentes á coordenação e classificação dos archivos existentes na Torre do Tombo. — Traductor do Judeu errante, de Madame la Farge, da Mulher catholica. — Redactor e collaborador de muitos jornaes politicos.

Tem por publicar:

Os estudantes de Coimbra ou um fidalgo como ha muitos, comedia. — Amor e morte, drama. — A precipitação, idem. — O mundo, idem. — A esposa da moda, comedia. — Pujol, drama imitado de Jacques Arago. — O noivado em Paquetá, drama lyrico. — A estrêa de uma artista, opera comica. — Brincar com fogo, idem. — Traducção em verso da Pharsalia de Lucano e das tragedias de Seneca.

Pertencem-lhe as notas *Desterro de Ovidio*, I - 201. *O amor*, II - 381. *Venus*, II - 385.

JOSE' FREIRE DE SERPA PIMENTEL (vide Visconde de Gouvea).

JOSE' GOMES MONTEIRO. Do Porto.

Autor das seguintes obras impressas:

Carta ao illm.° sr. Thomaz Norton, sobre a situação da ilha de Venus, e em defeza de Camões, contra uma arguição que na obra intitulada Cosmos, lhe faz o sr. Alexandre de Humboldt. — Collaborador da Miscellanea litteraria. — Traductor dos Ecos da lyra teutonica, ou traducção de algumas poesias dos poetas mais populares d'Alemanha. — Edictor das obras de Gil Vicente e de Camões.

Pertence lhe a nota *A deusa Bonna*, III - 289.

JOSE' IGNACIO ROQUETE. De Bicesse, termo de Cascaes. Cavalleiro das ordens de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, e da Rosa do Brasil; ex-religioso franciscano, ex-lente de theologia na sua ordem, da Academia Real das Sciencias de Lisboa, ex-vigario coadjutor na freguezia de S. Paulo em París, coadjuvador litterario do visconde de Santarem, lente no Seminario Patriarchal de Santarem, secretario do em.^mo Cardeal Patriarcha.

Autor das seguintes obras impressas:

Deus é amor purissimo. — Exercicio da via-sacra. — Novas Horas Mariannas. — Horas Mariannas pequenas. — Manuaes da missa e da confissão. — Manual abreviado da missa. — Manual pequeno da missa. — Manual dos officios da semana santa. — Visitas ao Santissimo Sacramento. — Traducção da Imitação de Christo. — Cathecismo de Montpellier. — Historia sagrada do

antigo e novo testamento. — Resumo da Historia sagrada. — Cartas selectas do padre Antonio Vieira. — Codigo do bom tom. — Diccionario portuguez-francez. — Diccionario da lingua portugueza. — Diccionario de Synonimos. — Grammatica para os portuguezes e brasileiros. — Grammatica elementar da lingua franceza. — Historia do descobrimento da America. — Historia dos meninos celebres. — Alphabeto portuguez, ou novo methodo para aprender a ler com muita facilidade a letra redonda e manuscripta. — Cacographia portugueza, ou collecção de themas extrahidos dos melhores autores portuguezes, escriptos errada e incorrectamente, destinados a exercitar a mocidade no estudo e applicação das regras da orthographia. — Correcção da Cacographia portugueza, segundo a grammatica publicada pela junta da Directoria dos Estudos em Coimbra. — Lições de geographia. — Livro d'oiro dos meninos. — Museu pittoresco ou historia dos tres reinos da natureza. — Novo secretario portuguez. — Ornamentos da memoria. — Selecta franceza. — Idem pequena. — Thesouro da mocidade. — Thesouro de meninas. — Curso elementar de perspectiva. — Oração gratulatoria pelas melhoras e feliz restabelecimento de Sua Magestade El-Rei Nosso Senhor D. Miguel I. — Consulta do Supremo Conselho de Castella sobre a Tentativa theologica do padre Antonio Pereira de Figueiredo, traduzida em portuguez. — Edictor de: Leal Conselheiro. — Cornelius Nepos, De viris illustribus. — Epitome historiae sacrae. — Phoedri fabularum. — Ciceronis epistolae. — Titi Livii, Rex memorabiles et narrationes selectae; (todos estes livros enriquecidos de notas grammaticaes, litterarias, geographicas e criticas, que muito ajudam os professores e alumnos, assim como diccionarios completos para cada livro, que dispensam diccionarios volumosos). — A nomenclatura de botanica e historia natural, introduzida na ultima edição de Virgilio *ad usum Delphini*.

Tem por publicar:

Homilias em francez prégadas por elle em París, e alguns sermões parochiaes, que em tempo opportuno conta traduzir em portuguez, juntando outras e outros para completar um curso d'este genero de prégação em harmonia com as regras que estabeleceu no seu Manual de eloquencia sagrada. — Sermões antigos.

Pertencem-lhe as notas *Lucrecio e Ovidio*, III-288. *Estro poetico*, III-290. *Fugacidade da vida*, III-534.

José' Joaquim Rodrigues de Bastos. De Murtede, bispado de Aveiro. Do Conselho de Sua Magestade Fidellissima, Fidalgo cavalleiro da Casa Real, Cavalleiro da ordem de Christo; ex-advogado do numero da Relação do Porto, juiz de fóra da villa do Eixo, juiz do tombo da Casa de Bragança com jurisdição ordinaria na comarca de Barcellos, deputado nas Cortes constituintes e nas primeiras que se lhes seguiram, desembargador graduado, corregedor provedor da comarca do Porto, membro da Junta da carta de lei fundamental, intendente geral da policia da corte e reino, desembargador do Paço.

Autor das seguintes obras impressas:

Meditações ou discursos religiosos. — Collecção de pensamentos maximas e proverbios. — A virgem da Polonia. — O medico do deserto. — Os dois artistas. — Biographia da Senhora Infanta D. Izabel Maria.

Pertence-lhe a nota *Pontifices*, III-304.

José' Maria Latino Coelho. De Lisboa. Tenente do corpo de engenheiros, lente da Escóla Polytechnica, secretario geral interino da Academia Real das Sciencias de Lisboa, vogal do Conselho Geral de Instrucção Publica, ex-director do Diario de Lisboa, deputado ás Cortes em varias legislaturas.

Autor das seguintes obras impressas:

Curso de introducção á historia natural dos tres reinos. — Opposição systematica, proverbio num acto. — Relatorios dos trabalhos da Academia Real das Sciencias de Lisboa, lidos nas sessões publicas de: 19 de novembro de 1856; 20 de fevereiro de 1859; 10 de março de 1861. — Elogios historicos recitados nas sessões publicas da Academia: o de D. Fr. Francisco de S. Luiz na de 19 de novembro de 1856; o de Rodrigo da Fonseca Magalhães na de 20 de fevereiro de 1859; o do barão de Humboldt na de 10 de março de 1861. — Juizo critico sobre o Arco de Sant'Anna de Almeida Garrett. — Estudos sobre os differentes methodos do ensino do ler e do escrever. — O visconde de Almeida Garrett, estudo biographico critico. — Casal-Ribeiro, perfil critico. — Antonio Feliciano de Castilho, biographia. — Encyclopedia das escólas de instrucção primaria dividida em tres partes composta por distinctos escriptores sob a direcção de José Maria Latino Coelho. — Varios artigos nos jornaes: Emancipação, Revolução de Setembro, Civilisação, Discussão, Politica Liberal, Revista Contemporanea, etc.

Pertence-lhe a nota *Proposição do poema*, I-207.

JOSE' MARIA PEREIRA RODRIGUES. De Lisboa. Com estudos mathematicos na Escóla Polytechnica, aspirante da Alfandega Municipal, alumno do Curso Superior de Lettras.

Fundador e redactor do jornal a Revista de Lisboa. — Collaborador accidental na parte litteraria de alguns periodicos.

Autor da seguinte obra impressa:

Biographia de Ristori.

Tem por publicar:

Elogio de Lisboa.

Pertence-lhe a nota *Lyra*, III-301.

Jose' Maria da Piedade Lencastre (D.) (vide Marquez de Abrantes).

Jose' Maria de Sousa Monteiro. Do Porto. Cavalleiro da ordem de Nossa Senhora da Conceição; official graduado da Secretaria da Marinha, chefe de repartição na Secretaria da Camara dos Pares, presidente honorario da Sociedade Amante da Instrucção do Rio de Janeiro.

Autor das seguintes obras impressas:

Historia de Portugal desde o reinado da Senhora D. Maria I até á convenção de Evora-monte, com um resumo dos acontecimentos mais notaveis que tem tido logar desde então até aos nossos dias. — Diccionario geographico das provincias e possessões portuguezas no ultramar, em que se descrevem as ilhas e pontos continentaes que actualmente possue a coroa portugueza, e se dão muitas outras noticias dos habitantes, sua historia, costumes, religião e commercio. É precedido de uma introducção geographico-politico-estatistico-historica de Portugal. — Algumas considerações sobre a fixação da séde do governo na provincia e salubridade da ilha de S. Thiago de Cabo-Verde. — Representação dirigida ao governo de Sua Magestade pelas camaras municipaes e cidadãos da mesma ilha. — Tem collaborado nos jornaes: Chronica Constitucional, Dialveta, Nacional, Independente, Correio Brasileiro. — Redigiu a Regeneração e o Bem Publico.

Pertence-lhe a nota *Summano*, III - 526.

Jose' Martinho Thomaz Dias. De Lisboa. Cavalleiro da ordem de S. Bento de Aviz; com os cursos da Academia de Fortificação e o da Aula do Commercio, major graduado de engenharia, lente proprietario da 1.ª cadeira da Escóla do Exercito.

Pertence-lhe a nota *Acampamento dos romanos*, I - 580.

JOSE' MOREIRA FREIRE MANUEL DE ABOIM. De Lisboa. Habilitado com o curso da Escóla Polytechnica, tenente de engenheiros.

Pertence-lhe a nota *Vias publicas e outras grandezas romanas*, III-363.

JOSE' RAMOS COELHO. De Lisboa. Amanuense do Real e Nacional Archivo da Torre do Tombo.

Autor das seguintes obras impressas:

Preludios poeticos, um vol. — Artigos em varios jornaes.

Tem por publicar:

Traducção em oitava rima da Jerusalem libertada, do Tasso.

Pertence-lhe a nota *O juizo de Páris*, III-234.

JOSE' DA SILVA MENDES LEAL. De Lisboa. Commendador da ordem de S. Thiago da Espada, Cavalleiro das ordens de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa e de S. Lazaro e S. Mauricio da Sardenha; capitão de voluntarios de Vianna, Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios da Marinha e do Ultramar, socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa, secretario da classe de sciencias moraes e politicas da mesma Academia, do Conservatorio Real de Lisboa, ex-presidente da Sociedade Escholastico-Philomatica, da Sociedade dos Antiquarios do Norte (Copenhague), do Instituto Dramatico de Coimbra, do Instituto Africano de París, da Sociedade dos Amigos das Lettras e Artes de S. Miguel, da Sociedade Nacional Italiana de Turin, de varias associações litterarias brazileiras, etc., ex-secretario geral do districto de Vianna, ex-governador civil interino, deputado ás Cortes, ex-secretario geral da Inspecção Geral dos Theatros, ex-presidente da Commissão de Censura Dramatica, vogal do Conselho Dramatico, bibliothecario mór.

Autor das seguintes obras impressas:

Canticos, um vol. — O pavilhão negro, ode. — O braço de Nero, tragedia. — Ultimos momentos de Camões, idem. — Dois renegados, drama. — Mascara negra, idem. — Madre-Silva, idem. — Pagem de Aljubarrota, idem. — Pobre das ruinas, idem. — Homens de marmore, idem. — Homem de oiro, idem. — Escala social, idem. — Pedro, idem. — Pobreza envergonhada, idem. — Alva estrella, idem. — O tributo das cem donzellas, idem. — O tio André que vem do Brazil, comedia. — Receita para curar saudades, idem. — Quem porfia mata caça, idem. — A afilhada do barão, idem. — As tres cidras do amor, idem. — A herança do chanceller, idem em verso redondilho. — O 1.° e 2.° volume da Historia da guerra do Oriente. — Elogios historicos: do visconde de Almeida Garrett, e do duque de Lafões D. João Carlos de Bragança, recitados nas sessões publicas da Academia Real das Sciencias de Lisboa. — Infante santo, romance historico. — Não val a lição mil dobras? idem. — Memorias insulanas, idem. — Mestre Marçal, idem. — O forte de S. Jorge, idem. — Os irmãos Carvajales, idem. — Por bem fazer mal haver, idem. — Como um povo surge, idem. — Um sonho da vida, romance da actualidade. — Flor do mar, idem. — Estatua de Nabuco, 1.° vol., idem. — Ir buscar lã e vir tosqueado (em começo), idem. — Cartas da viscondessa de Bellarte. — Esboços e perfis. — Redactor em chefe do Tempo, da Lei, da Imprensa e Lei. — Collaborador effectivo na Carta, na Restauração, no Telegrapho, no Jornal Mercantil, no Jornal do Commercio, na Revista Universal, na Aurora, na Illustração, na Illustração Luso-Brazileira, no Archivo Universal, nos Annaes da Academia Real das Sciencias, no Jornal das Bellas Artes, na Revista Contemporanea, na Revista de Lisboa, no Archivo Pittoresco.

Tem por publicar:

Saul, tragedia. — Viriato, idem. — Um dia do seculo x em

Roma, idem. — Pai e ministro, drama. — Templo de Salomão, idem. — Miramar, idem. — Filho prodigo, idem. — Dote de Suzana, idem. — A praia dos naufragios, idem. — Auzenda, idem. — Miguel Angelo Buonaroti, idem. — D. Antonio de Portugal, idem. — S. Gonçalo de Amarante, idem. — O dedo de Deus, idem. — Os homens de bem, idem. — Egas Moniz, idem. — Um namoro da janella, comedia. — Satanaz em Lisboa, idem. — O theatro e a cosinha, idem. — Quem tudo quer tudo perde, idem. — A calçada da Pampulha, idem. — Pascoal Gonçalves, idem. — A filha de Figaro, idem. — Flores e fructos, idem. — O bombardeamento de Odessa, idem. — Heráclito, idem. — Demócrito, idem. — Os candidatos, idem. — Canticos, 2.º vol. poesia. — Fabulario da puericia, idem. — As africanas, idem. — Satyras, idem. — Cintra, poema. — Historia da guerra do Oriente, 3.º e 4.º volumes. — Elogios historicos do visconde de Santarem, e do conde de Sabugal. — Da arte novissima, memoria. — Influencia de Garrett na litteratura nacional, idem. — Excellencias e degeneração da lingua, philologia. — Calabar, 4 volumes, romance historico. — O conde de Castello Melhor, 2 volumes, idem. — Estatua de Nabuco, romance da actualidade, 2.º e 3.º volumes.

Pertence-lhe a nota *Fastos*, I - 177.

José Silvestre Ribeiro. De Idanha a nova, districto de Castello Branco. Conselheiro d'Estado extraordinario, Ministro e Secretario d'Estado honorario, Commendador da ordem de Christo, e da Coroa de Carvalho da Hollanda, Cavalleiro das da Torre e Espada e Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, Grão-Cruz da de S. Estanislau da Russia; bacharel formado em canonés pela Universidade de Coimbra, ex-secretario geral da prefeitura da Beira Baixa, ex-secretario do governo civil de Castello Branco, ex-governador civil interino do districto de Por-

talegre, ex-administrador geral do districto de Angra do Heroismo, e ex-governador civil dos de Beja e Funchal, ex-Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios Ecclesiasticos e de Justiça, ex-deputado ás Cortes em varias legislaturas.

Autor das seguintes obras impressas:

Resoluções do conselho de estado na secção do contencioso administrativo. — Alguns fructos da leitura e da experiencia, offerecidos á mocidade portugueza. — Estudo moral e politico sobre os Lusiadas. — Primeiros traços de uma resenha de litteratura portugueza. — Os Lusiadas e o Cosmos. — Dante e a Divina comedia. — Uma época administrativa da Madeira e Porto Santo. — Collecção dos documentos relativos á crise da fome por que passaram as ilhas da Madeira e Porto Santo no anno de 1847. — Apontamentos sobre as classes desvalidas e institutos de benificencia. — Collecção de alguns escriptos administrativos do governador civil de Beja. — Beja no anno de 1845. — Collecção dos escriptos do governador civil de Angra do Heroismo. — Traducções em portuguez do Leproso d'Aosta, dos Desposados, da Resignação, e de João Sbogar.

Tem por publicar:

Diccionario geral da administração e do direito administrativo de Portugal. — Continuação das resoluções, fructos e resenha da litteratura.

Pertence-lhe a nota *Carna*, III - 299.

Jose' Victorino Damasio. Da villa da Feira. Commendador da ordem de S. Bento de Aviz, e official da antiga ordem da Torre e Espada; bacharel formado em mathematica pela Universidade de Coimbra, tenente coronel d'artilheria, membro do conselho das Obras Publicas, e do de Minas, inspector das Obras Publicas, professor da Academia Polytechnica do Porto, ex-director do Instituto Industrial de Lisboa, da Associação Industrial

Portuense, da Société libre d'Émulation du Commerce et de l'Industrie de la Seine inférieure.

Pertence-lhe a nota *Industria dos metaes e pedras entre os antigos e os modernos*, II-367.

JULIO CESAR MACHADO. De Lisboa.

Autor das seguintes obras impressas:

Claudio, romance. — A mulher casada, romance contemporaneo. — Estevão, paginas da ultima noite da vida, idem. — Amigos! amigos! proverbio. — O tio Paulo, drama. — O annel de alliança, comedia. — A vida em Lisboa. — Contos ao luar. — Scenas da minha terra. — Biographias dos actores Sargedas, Izidoro, e Taborda, e da cantora Lotti. — Varios artigos e folhetins em muitos jornaes.

Pertence-lhe a nota *Dia de anno bom*, I-345.

JULIO MAXIMO DE OLIVEIRA PIMENTEL (vide Visconde de Villar Maior).

L

LATINO COELHO (vide José Maria).

LEÃO CABREIRA (vide Frederico).

LEONI (vide Francisco Evaristo).

LEVY MARIA JORDÃO PAIVA MANSO. De Lisboa. Do Conselho de Sua Magestade, doutor em direito pela Universidade de Coimbra, advogado em Lisboa, ajudante do procurador geral da Coroa junto ao Ministerio da Marinha, advogado da Serenissima Casa de Bragança, membro da commissão revisora do Co-

digo penal, ex-vereador da Camara Municipal de Lisboa, lente do Curso Superior de Lettras, socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa, da Sociedade dos Amigos das Lettras e Artes em S. Miguel, do Instituto de Coimbra, da Sociedade de Agricultura de Ponta Delgada, honorario da Academia Real das Sciencias de Modena, correspondente das Academias Imperiaes das Sciencias de Rheims e de Toulouse, do Instituto Nacional da Suissa, da Academia de Legislação de Toulouse, e das Sociedades dos Antiquarios da Picardia em Amiens, da Historica de Alger, e da de Estudos diversos do Havre.

Autor das seguintes obras impressas:

Ensaio sobre a historia do direito romano. — Dissertação inaugural para o acto de conclusões magnas. — Commentario ao Codigo penal portuguez. — A suspensão do ex.mo arcebispo de Mitylene ou defeza do primado de Sua Santidade. — Resposta ao dr. Cicouro. — Minuta de appellação na causa de divorcio entre J. Antonio Dantas da Gama e sua mulher. — Memoria sobre a camara cerrada. — Étude historique sur la quotité disponible en Portugal. — Relatorios sobre a Casa de Santo Antonio e Mercieiras do Alqueidão, apresentados á Camara Municipal de Lisboa pelos vereadores dr. Levy Maria Jordão e José do Nascimento Gonçalves Corrêa. — Memoria historica sobre os bispados de Ceuta e Tanger. — Petição de aggravo que em defensa do prelado de Moçambique fez o advogado Levy Maria Jordão por Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara, etc. — Elogio do padre Antonio Pereira de Figueiredo, recitado na sessão publica da Academia Real das Sciencias de Lisboa em 20 de fevereiro de 1859. — Portugalliae inscriptiones romanas edidit Levy Maria Jordão.. — A propriedade litteraria não existia entre os romanos, memoria apresentada á Academia Real das Sciencias de Lisboa. — A philosophia do direito em Portugal. — Projecto de concordata sobre o padroado do Oriente. — Projecto do Codigo

penal. — Cours de droit pénal. — Essai sur l'historie du droit pénal portugais. — Essai sur la quotité disponible en Portugal. — Le morgengabe portugais. — Essai historique sur le régime de la communauté en Portugal. — Varios artigos em muitos jornaes.

Tem por publicar:

Essai historique sur les épidémies et maladies contagieuses qui ont régné à Lisbonne depuis le XII siècle jusqu'a la fin du XVIII sèicle. — Études sur l'influence de l'élément germanique dans le droit portugais.

Pertencem-lhe as notas *Annaes dos pontifices*, I-261. *Dias fastos, nefastos, comiciaes e nundinaes*, I-292.

LIMA (vide Polycarpo Francisco da Costa).

LUIZ ANTONIO DE ABREU E LIMA (vide Visconde da Carreira).

LUIZ AUGUSTO REBELLO DA SILVA. De Lisboa. Professor da cadeira de historia patria e universal no Curso Superior de Lettras, deputado ás Cortes em varias legislaturas, membro do Conselho Geral de Instrucção Publica, socio do Conservatorio Real, da Academia Real das Sciencias de Lisboa, do Instituto de Coimbra, ex-fiscal do Theatro de D. Maria II, e ex-redactor do Diario do Governo.

Autor das seguintes obras impressas:

A tomada de Ceuta. — Contos do serão. — Rauno por homisio. — Odio velho não cança, romance historico. — A mocidade de D. João V, idem. — A pena de Talião, idem. — Contos e lendas, uma aventura do rei D. Pedro. — Othelo, ou o moiro de Veneza, tragedia. — O infante santo, drama. — Fastos da igreja: historia da vida dos santos, ornamentos do chris-

tianismo, com autorisação e censura do patriarchado. — D. João II e a nobreza. — A ultima corrida de toiros em Salvaterra. — O mosteiro da Batalha. — A torre de Belem. — Introducção ás viagens de Beckford a Portugal. — A arcadia portugueza. — Poetas da arcadia. — Memoria biographica e litteraria ácerca de Manoel Maria Barbosa du Bocage. — Estadistas portuguezes. — A escóla moderna litteraria. O sr. Garrett. — Oradores portuguezes (fragmentos de um livro inedito). — João Baptista de Almeida Garrett. — Juizo critico sobre o drama Fr. Luiz de Sousa. — Alexandre Herculano (estudo litterario). — Juizo critico sobre o Monge de Cister. — Poetas lyricos da geração nova. Mendes Leal. — Memorias de litteratura contemporanea. — Oradores portuguezes. José Estevão; Raymundo Antonio de Bulhão Pato. — Cartas ao sr. ministro da justiça sobre o uso que faz do pulpito e da imprensa uma facção do clero portuguez. — O duque de Saldanha e o conde de Thomar. — Muitos artigos em varios jornaes portuguezes.

Pertence-lhe a nota *Adivinhação e prophecia*, I-451.

Luso da Silva (vide Augusto).



Machado (vide Julio Cesar).

Magalhães Coutinho (vide José Eduardo).

Magalhães (vide João de Sousa Pinto de).

Malhão (vide Francisco Raphael da Silveira).

Manoel Maria Bordalo Pinheiro. De Lisboa. Da Secretaria da Camara dos Dignos Pares, antigo alumno da Academia das Bellas Artes de Lisboa, introductor da gravura em madeira em Portugal com o jornal o Panorama, fundador e director da officina de esculptura da Praça da Alegria, desenhador por muitos annos dos vestuarios dos principaes theatros de Lisboa.

Autor das seguintes obras artisticas:

Desenhos no Museu Pittoresco. — Illustrações dos poemas: Miragaia, Ruy o escudeiro, Figueiredo. — Copias feitas em Madrid, e conservadas no gabinete dos ex.^mos^ duques de Palmella de quadros de Velasquez e Murillo. — Quadros originaes como o Juizo de Salomão, o Tributo das cem donzellas, Vasco da Gama na ilha dos Amores, Camões e o Jáo, O baptismo do Senhor existente na igreja de S. José de Lisboa, O padre João de Brito cathequisando os indios de Maduré. — Retratos em grande numero e nomeadamente o de El-Rei o Senhor D. Pedro v. — Quadros; tem executado em esculptura: os anjos apparecendo a Abrahão, uma estatua de Moysés, outra do Repouso, outra da Jurisprudencia, o busto para o tumulo de José Felix Nogueira, o do cardeal Carvalho para a camara dos dignos pares, o grupo do Camões e o Jáo, a estatua do duque de Palmella, e a de A. F. de Castilho.

Autor das seguintes obras litterarias:

A Esmeralda, relicario infantil. — O Duende, comedia imitada do hespanhol. — Os costumes militares da monarchia portugueza. — Fundador do Jornal das Bellas Artes.

Pertence-lhe a nota *A fuga de Eneas*, III - 266.

Manoel da Silva Passos. Do Porto. Bacharel formado em canones e em leis pela Universidade de Coimbra, deputado ás

Cortes em quasi todas as legislaturas, Ministro e Secretario de Estado honorario.

Autor d'um grande numero d'artigos em jornaes, de muitos relatorios e projectos de lei.

Tinha ineditas poesias. (Fallecido).

Pertence-lhe a nota *Sybelle e Attis*, II - 472.

Marcelliano Ribeiro de Mendonça. Do Funchal. Cavalleiro da ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa; vereador da Camara Municipal do Funchal, membro da Junta do Conselho do Districto, secretario, commissario dos estudos, ex-professor de grammatica latina e latinidade, de grammatica geral e logica, de oratoria, poetica e litteratura classica, e principalmente a nacional, de historia chronologica e geographia, fundador da Associação de Conferencias.

Tem publicado varios artigos e relatorios em diversos jornaes.

Pertence-lhe a nota *Juizos humanos*, III - 238.

Marcus Dalhunty. De Belfast, na Irlanda. Com o curso de mathematica na antiga Academia de Marinha, professor do Collegio Militar.

Autor das seguintes obras impressas:

Grammatica ingleza. — Explicações de arithmetica theorica e pratica para o ensino popular. — Explicações de arithmetica superior, em seguimento ás da elementar. — Coincidencias notaveis dos nove algarismos com a historia de Portugal, em quanto durou neste reino a linha Affonsina. — A Compendium of the new system of weights and measures, by Joaquim Henriques Fradesso da Silveira, etc. adopted for the use of schools in England. — The National Printing Office and its products; historical and statistical eclaircissiments by an employe in that establishment, dedicated to the great international jury.

Tem por publicar:

Compendio de Geometria. — Diccionario portuguez-inglez e inglez-portuguez.

Pertence-lhe a nota *Razão de começar o anno no inverno*, I-331.

Maria do Carmo de Castro (D.) De Lisboa.

Tem por publicar varios versos.

Pertence-lhe a nota *Os casamentos entre os romanos*, III-390.

Maria Jose' da Silva Canuto (D.) De Lisboa. Professora regia, da Associação Promotora de Educação Popular, e do Gremio Popular.

Autora de varios artigos em prosa e verso em muitos jornaes. — Traductora do Jocelyn de Lamartine.

Pertence-lhe a nota *Lemurias*, III-261.

Maria do Patrocinio de Sousa (D.) Do Porto.

Tem publicado poesias fugitivas em varios periodicos.

Pertence-lhe a nota *Saudades da patria*, III-278.

Maria Peregrina de Sousa (D.) Do Porto.

Autora das seguintes obras impréssas:

Retalho do mundo. — Bernardo del Carpio. — Erico e Batilde. — Jacques I. — Chacara. — Um cavalleiro portuguez. — A noiva de Lissibona. — Historia de Adelaide. — A falta de uma mãi. — Longuinhos. — Zulima ou a cruz de oiro. — Ricardo e Margarida. — Roberta. — O amor missionario. — Vinganças de vinganças. — Uma historia contada a tempo. — Egoismo com capa de amor. — O tutor de Virginia. — Uma boa filha é a alegria de uma boa mãi. — Uma vida amargurada. — O caval-

leiro do cruzado novo, e o cavalleiro do botão de rosa. — O jogador. — O magnetismo. — O homem dos proverbios. — Fatalidade. — Carolina. — Consequencias de um máo passo. — Amarilis no campo. — Sala de visitas e pavorosa saída. — Os fantasmas. — Testamentos vocaes. — Aristocracias diversas, ou o genro desejado. — Providencias de Alvaro, e incurias de seu irmão. — O sobrinho da tia Brigida. — Passados quatro annos. — Henriqueta. — Inconstancia involuntaria. — Pepa. — Collaborou com romances, artigos, e poesias nos jornaes Archivo Popular, Pobres do Porto, Revista Universal Lisbonense, Lidador, Braz Tisana, Miscellanea Poetica do Porto, Bardo, Grinalda, Pirata, Iris do Rio de Janeiro.

Tem por publicar:

Rhadamanto.

Pertencem-lhe as notas (sem titulo), I - 571. *Cá e lá*, I - 381. *Influxos do leite*, I - 572. *Pancadas de amor*, I - 572. *Casamentos mal estreiados*, I - 577. *Additamento á eliciação do raio*, II - 278. *Saturno*, II - 471. *Conjurios ao nascer do sol*, II - 551. *Saltar fogueiras*, II - 552. *Maias*, III - 236. *Medo aos finados*, III - 264. *Maleficios de pessima qualidade*, III - 363. *Como os tempos julgam os tempos*, III - 460. *Incerteza das balanças do mundo*, III - 502. *Privilegio das aves*, III - 532. *Estriges e bruxas*, III - 582.

Marino Miguel Franzini. De Lisboa. Conselheiro e Ministro de Estado honorario, Grão-Cruz e Commendador da ordem de Christo, Par do Reino; ex-brigadeiro da extincta brigada de marinha, socio effectivo da Academia Real das Sciencias de Lisboa, ex-sub-director do Archivo Militar, ex-inspector da Real Cordoaria, deputado ás Cortes em varias legislaturas, vogal do Conselho de Justiça Militar.

Autor das seguintes obras impressas:

Carta hydrographica das costas de Portugal, e o seu respectivo roteiro, offerecido a Sua Magestade o Senhor D. João VI, a qual foi gravada em Inglaterra por ordem do almirantado em tres folhas, e reproduzida em França no deposito maritimo por ordem do governo. Este trabalho teve a felicidade de ser assaz aceito e elogiado pelas duas primeiras nações maritimas da Europa, e serve hoje ainda para regular e dirigir a navegação dos navios que demandam as nossas costas. — Extensa analyse ácerca do regulamento militar do marechal Beresford. — Estatisticas e considerações sobre a mortalidade annual e mensal de Lisboa, e sobre as duas epidemias que recentemente assolaram esta capital. — Orçamento da receita e despeza de Portugal e da sua divida, acompanhado de observações, e exames criticos sobre tal assumpto, a qual foi mui bem aceita em Portugal e até mesmo em paizes estrangeiros. — Varios artigos e memorias sobre meteorologia, e outros assumptos em varios jornaes e especialmente na Revista Universal Lisbonense e no Diario do Governo.

Tem por publicar:

Carta topographica do reino de Portugal, em grande escala. — Carta do golpho Adriatico. (Fallecido).

Pertence-lhe a nota *A meteorologia e o seu porvir*, III - 578.

MARQUES (vide José Antonio).

MARQUEZ DE ABRANTES. (D. José Maria da Piedade de Lancastre Tavora e Lorena Silveira Valente Castello Branco Almeida e Sá Menezes e Vasconcellos). De Lisboa. 1.º Marquez de Abrantes com honras de parente, 13.º Conde de Penaguião, 10.º Conde de Villa Nova de Portimão, Senhor das villas de Abrantes, Sardoal, Penaguião, Cever e Sobrado

Autor de varias poesias e artigos nos jornaes Revista Universal, Catholico, e Nação.

Pertence-lhe a nota *Sacrificios*, I - 430.

Marquez de Lavradio. (D. Antonio de Almeida Portugal Soares Alarcão Mello Castro Ataide Eça Mascarenhas Silva e Lencastre). De Lisboa. 5.° Marquez de Lavradio, e 8.° Conde de Avintes; membro em Roma das Academias: de Religião Catholica, de S. Lucas, dos Virtuosos do Pantheon, de Archeologia, e pastor da Arcadia.

Autor das seguintes obras impressas:

Algumas reflexões em resposta á reação ultramontana em Portugal ou á concordata de 21 de fevereiro. — Discurso repetido pelo marquez de Lavradio D. Antonio, procurador eleito pelos povos de Torres Vedras, na 1.ª conferencia que o braço dos povos celebrou em S. Francisco da cidade. — Historia abreviada das sociedades secretas. — Reflexões sobre a cholera morbus nos animaes brutos. — Algumas observações sobre a inquisição, sobre os cruzados e outros objectos analogos, etc.

Pertence-lhe a nota *Capitolio*, III - 461.

Marquez de Rezende. (D. Antonio Telles da Silva Caminha e Menezes). De Torres Vedras. Grão-Cruz das ordens de Christo, da Torre e Espada, da Coroa de Ferro, da Estrella Polar, e de S. Jorge; Cavalleiro de Malta, mordomo mór de Sua Magestade a Imperatriz do Brazil viuva, duqueza de Bragança, antigo Gentil-Homem da Real Camara, e antigo ministro nas Cortes de Vienna, S. Petersbourg, e París; socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa, da Academia Real das Sciencias de Munich, do Instituto d'Africa, da Academia franceza d'Industria Agricola, Manufactureira e Commercial, da Sociedade de Estatistica Universal, e da Sociedade Real de Navegação de Londres.

Autor das seguintes obras impressas:

Eclaircissements historiques sur mes negotiations relatives aux affaires de Portugal. — Memoire sur l'origine de la langue portugaise. — Souvenirs de Coimbre. — Elogio historico de Sua Magestade o Senhor D. Pedro Duque de Bragança. — Observações de uma passagem da oração funebre de Sua Magestade o Senhor D. Pedro I, imperador do Brazil e Rei de Portugal, recitada pelo arcebispo de Lacedemonia em 24 de setembro de 1835. — Descripção e recordações historicas do paço e quinta de Queluz. — Embaixada d'El-Rei D. Manoel ao papa Leão X. — Uma semana santa em Roma. — Breve noticia da familia real de Hohenzollern. — Descripção de Dresde. — Ultimos momentos da Rainha D. Estephania. — Memoria sobre quatro cartas geographicas antigas e manuscriptas em pergaminhos, que se acham no Conservatorio Militar de mappas em Munich; (esta memoria foi lida por s. ex.ª na sessão litteraria da Academia Real das Sciencias de Lisboa em 30 de outubro de 1850). — Uma carta na Revista Contemporanea desfazendo uma equivocação historica, ácerca da sua familia. — Elogio historico de José de Seabra e Silva, recitado na sessão publica da Academia Real das Sciencias de Lisboa em 10 de março de 1861. — Varios artigos publicados no Panorama e na Illustração Luso-Brazileira.

Tem por publicar:

Taboas chronologicas dos reis de Portugal. — Rhetorica portugueza.

Pertence-lhe a nota *Titulo de Augusto*, I - 478.

MARTINS DE ANDRADE (vide Francisco).

MATHILDE DE SANT'ANNA (D.) Da Madeira.

Tem para publicar:

Contos a minhas netas, e outros opusculos.

Pertence-lhe a nota *Maio*, III - 189.

Mendes Leal (vide José da Silva).

Mendonça (vide Marcelliano Ribeiro de).

Monteiro (vide José Gomes).

Monteiro (vide José Maria de Sousa).

Moraes (vide Antonio Joaquim Coelho de).

Moreira Freire Manoel de Aboim (vide José).

N

Negrão (vide Felix Manoel Placido da Silva).

Nunes (vide Claudio José).

O

Oliveira Pimentel (vide Visconde de Villar Maior).

P

Paiva (vide Barão de Castello de).

Passos (vide Manoel da Silva).

Pereira da Cunha (vide Antonio).

Pereira Rodrigues (vide José Maria).

Pereira (vide João Felix).

Pimentel (vide Visconde de Villar Maior).

Pinto de Magalhães (vide João de Sousa).

Polycarpo Francisco da Costa Lima. De Lisboa.

Autor das seguintes obras impressas:

Elementos de economia politica. — Artigos de economia publica na Revista Universal e em varios jornaes. — Fundador e redactor dos jornaes: a Liga, e Revista Mensal.

Tem por publicar:

Memoria sobre historia philosophica da administração publica, para ser offerecida á Academia Real das Sciencias.

Pertence-lhe a nota *Padaria antiga e moderna*, III - 467.

Pusich (vide D. Antonia Gertrudes).

R

Ramos Coelho (vide José).

Rebello da Silva (vide Luiz Augusto).

RIBEIRO DE MENDONÇA (vide Marcelliano).

RIBEIRO SARAIVA (vide Antonio).

RIBEIRO (vide Carlos).

RIBEIRO (vide José Silvestre).

RODRIGUES DE BASTOS (vide José Joaquim).

RODRIGUES CORDEIRO (vide Antonio Xavier).

RODRIGUES DE GUSMÃO (vide Francisco Antonio).

RODRIGUES SAMPAIO (vide Antonio).

RODRIGUES (vide Francisco de Assis).

RODRIGUES (vide José Maria Pereira).

ROQUETE (vide José Ignacio).



SA' E CASTRO (vide Antonio Lopo Corrêa de).

SALDANHA (vide Duque de).

SAMPAIO (vide Antonio Rodrigues).

SANT'ANNA (vide D. Mathilde).

SEABRA (vide Antonio Luiz de).

SEBASTIÃO PHILIPPE MARTINS ESTACIO DA VEIGA. De Tavira. Official da Secretaria da Sub-Inspecção Geral dos Correios e Postas do Reino.

Ex-redactor e collaborador de varios jornaes litterarios e politicos, e actualmente na secção litteraria do jornal A Nação, e no periodico de Madrid La America. — Collaborador na Encyclopedia para o uso das escólas, e no Almanach de lembranças.

Autor das seguintes obras por publicar:

Romanceiro do Algarve, um vol. — Cantigas populares da minha terra, um vol. — Memoria sobre varios monumentos, inscripções, e outras antiguidades do Algarve, comprehendendo uma noticia das notaveis moedas romanas, e arabes, encontradas naquella provincia, um vol. — Poesias, um vol. — A Rosa do mosteiro, poemeto lyrico em 4 cantos. — A Captiva de Santa Cruz, drama historico.

Pertençe-lhe a nota *Hercules e os seus templos*, I-469.

SEQUEIRA (vide José da Costa).

SERPA PIMENTEL (vide Visconde de Gouvea).

SILVA ABRANCHES (vide Guilherme da).

SILVA CANUTO (vide D. Maria José da).

SILVA PASSOS (vide Manoel da).

SILVA (vide Henrique Augusto).

Silva (vide Innocencio Francisco da).

Silva (vide Joaquim Antonio da).

Silveira Lopes (vide Valentim José de).

Silveira Malhão (vide Francisco Raphael).

Silveira da Motta (vide Ignacio Francisco).

Simas (vide João José de).

Soares de Passos (vide Antonio Augusto).

Sousa de Macedo (vide D. Antonio da Costa de).

Sousa Monteiro (vide José Maria de).

Sousa Telles (vide João José de).

Sousa (vide Antonio José de).



Teixeira de Vasconcellos (vide Antonio Augusto).

Telles (vide João José de Sousa).

Thomaz de Carvalho. Do Porto. Lente da Escóla Medi-

co-Cirurgica de Lisboa, da Academia Real das Sciencias, da Sociedade das Sciencias Medicas, da Associação Promotora de Educação Popular, deputado ás Cortes em varias legislaturas.

Autor das seguintes obras impressas:

Memoria sobre os ossos do carpo e do metacarpo. — Discurso pronunciado na camara dos senhores deputados sobre o monopolio do tabaco. — Discurso pronunciado na Escóla Medico-Cirurgica de Lisboa na sessão solemne de abertura no dia 5 d'outubro de 1859. — O ministerio, o rei, e o paiz, revelações. — Varios artigos em diversos jornaes.

Pertence-lhe a nota *Esculapio*, I - 421.

THOMAZ DIAS (vide José Martinho).

THOMAZ RIBEIRO. De Parada de Gonta, concelho de Tondella, districto de Vizeu. Bacharel formado em direito pela Universidade de Coimbra, socio do Instituto da mesma cidade, deputado ás Cortes.

Autor das seguintes obras impressas:

D. Jayme ou a dominação de Castella. — Varias poesias em diversos jornaes scientificos e litterarios.

Tem por publicar:

Um vol. de poesias.

Pertence-lhe a nota *Caristias*, I - 609.

TORRES E ALMEIDA (vide Joaquim Januario de Sousa).



Valentim Jose' da Silveira Lopes. De Lisboa.

Autor das seguintes obras impressas:

Almanach omnibus para os annos de 1854 e 1855. — Relatorio do Collegio de Humanidades. — Compendio de corographia portugueza. — Sete de setembro, drama. — Traducção da historia do judeu errante. — Varios artigos em muitos jornaes.

Pertence-lhe a nota *Bruto o Callaico*, III - 497.

Viale (vide Antonio José).

Visconde da Carreira. (Luiz Antonio de Abreu e Lima). De Vianna do Minho. 1.º Visconde da Carreira com grandeza. Grão-Cruz das ordens da Torre e Espada, e de S. Bento de Aviz, Commendador da de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, Grão-Cruz da de Leopoldo da Belgica, do Leão Neerlandez dos Paizes-Baixos, da Aguia Vermelha da Prussia, da de Ernesto Pio de Saxe-Coburgo-Gotha, de S. Genaro de Napoles, de Albrecht de Saxe, da Legião de Honra de França, da de S. Januario das Duas Sicilias, da de S. Mauricio e S. Lazaro da Sardenha, Cavalleiro de 3.ª classe da de S. Wladimiro da Russia, Conselheiro de Estado effectivo, Aio de Suas Altezas os Infantes, Official mór da Casa Real, Ministro e Plenipotenciario em disponibilidade; marechal de campo reformado, antigo ajudante de campo do governador geral de Angola, ex-secretario e encarregado de negocios da Legação Portugueza em S. Petersburgo, designado membro da regencia da Terceira, agente em Londres do governo de D. Maria II durante a guerra dynastica,

socio correspondente da Academia Real das Sciencias de Lisboa, da fundação do Instituto Historico de París, da Academia Nacional de Agricultura, Industria Fabril, e Commercio de França, da Sociedade Franceza de Estatistica Universal, da Academia de Santa Cecilia de Roma, da Real Sociedade Jenneriana de Londres.

Autor das seguintes obras impressas:

Carta escripta a Silvestre Pinheiro Ferreira, ministro dos negocios estrangeiros, que acompanhava outra para Sua Magestade com a exposição dos motivos que decidiram a Luiz Antonio de Abreu e Lima, ministro na corte de S. Petersburgo, a não prestar juramento á constituição politica da monarchia portugueza. — La legitimité et le Portugal, reveries d'un portugais. — Investigations politiques par mr. d'Albemireau, portugais. — Quelques observations sur l'article *Portugal* de l'annuaire historique universel pour 1834. — Exposição dos motivos porque o visconde da Carreira, ministro de Portugal em París, se recusa a jurar a constituição de 1822. — Mémoires et pièces justificatives sur les reclamations des sujets portugais contre la France. — Memoria pratica sobre o modo de colher a azeitona, de a guardar, e tratar entre a colheita e a moenda, e de fazer o azeite, offerecida aos lavradores de Portugal. — Discurso do sr. visconde da Carreira, vice-presidente da Sociedade Promotora da Industria Nacional, em 24 de novembro, na sessão da inauguração do busto do duque de Palmella. — Memoria sobre pêsos e medidas, e a reforma de que carecem em Portugal, feita por Albemireau. — Memoria sobre as colonias de Portugal, situadas na costa occidental d'Africa, mandada ao governo pelo antigo governador e capitão general do reino de Angola, Antonio de Saldanha da Gama, em 1814, precedida de um discurso preliminar, e augmentada de alguns additamentos e notas.

Pertence-lhe a nota *Musica*, III - 503.

Visconde de Gouvea. (José Freire de Serpa Pimentel). De Coimbra. 2.º Visconde de Gouvea, Senhor dos morgados dos Prazeres de Gouvea, Amparo dos Paços, Sacramento do Penso, S. Sebastião da Guarita, e Nabainhos, Par do Reino; juiz de direito de Celorico da Beira, ex-governador civil do districto do Porto, socio honorario do Instituto de Coimbra, membro do Conservatorio Real de Lisboa.

Autor das seguintes obras impressas:

D. Sisnando conde de Coimbra, drama. — O Almansor Aben-Afan ultimo rei do Algarve, drama premiado pelo jury dramatico do Porto. — D. Sancho II, drama rejeitado pelo Real Conservatorio de Lisboa no concurso das peças para a chamada abertura do theatro de D. Maria II, em sessão de 7 de março de 1846. — Paulo e Virginia, cantata dedicada ás bellas conimbricenses. — Soláos. — Tradições cavalleirosas da minha patria: 1.ª época. — A Moira de Monte-mór, romance. — Cancioneiro, parte I, soláos. — A morte da infanta D. Maria Telles, episodio. — O infanção das trovas, fragmentos de uma historia. — D. Lucinda Moniz, soláo em tres partes. — S. Thiago e Belzebuth, soláo em seis partes. — Bernardim Ribeiro, soláo em quatro partes. — A virgem e martyr Santa Comba, soláo. — Engracia Lamilha, idem. — O cid, soláos. — Varias poesias em diversos jornaes.

Tem por publicar:

A boda em trajes de frasqueira, farça. — A actriz, drama. — Uma judia na corte de El-Rei D. João III, idem.

Pertence-lhe a nota *Fim*, III - 583.

Visconde de Juromenha. (João Antonio de Lemos Pereira de Lacerda). De Lisboa. 2.º Visconde e segundo Alcaide-mór de Juromenha, 15.º Senhor do morgado de Valle Formoso, Commendador da ordem de S. Bento de Aviz.

Autor das seguintes obras impressas:

Cintra pintoresca, ou memoria descriptiva das villas de Cintra, Collares e seus arredores. — Obras de Luiz de Camões, sua biographia e notas.

Pertence-lhe a nota *Ovidio e Camões*, II - 314.

VISCONDE DE VILLARINHO DE S. ROMÃO. (Antonio Lobo de Barbosa Ferreira Teixeira Gyrão). De Traz-os-Montes. 1.º Visconde com grandeza, 8.º morgado de Villarinho de S. Romão, Commendador da ordem de Nossa Senhoras da Conceição de Villa Viçosa, Par do Reino, Fidalgo cavalleiro da Casa Real, e Conselheiro; socio da Academia Real das Sciencia de Lisboa, da Sociedade Promotora da Industria Nacional, honorario da Academia das Bellas Artes de Lisboa, da Sociedade Pharmaceutica de Lisboa, ex-prefeito de Traz-os-Montes e de Lisboa, ex-inspector das Aguas-livres de Lisboa, e das fabricas annexas de faianças e de sedas, e ex-inspector da officina do papel sellado e da Casa da Moeda.

Autor das seguintes obras impressas:

Tratado theorico e pratico da agricultura das vinhas, da extracção do mosto, bondade e conservação dos vinhos, e da distillação das aguas-ardentes. — Analyse do manifesto que o Principe Real fez ás nações da Europa. — Memoria sobre os pêsos e medidas de Portugal, sua origem, antiguidade, denominação e mudanças que têem soffrido até nossos dias, bem como a reforma que devem ter; acompanhada de varias tabellas de reducção e comparação de todas as medidas e pêsos do mundo conhecido, antigos e modernos, com os actuaes de Lisboa. — Memoria historica e analytica sobre a Companhia dos vinhos, denominada da Agricultura das vinhas do Alto Douro. — Historias de meninos, para quem não for creança, escriptas por um homisiado

que soffreu o martyrio de estar escondido cinco annos e dois mezes. — Memoria sobre a economia do combustivel por meio de varios melhoramentos que se devem fazer nos lares ordinarios, fornalhas, fornos e fogões. — Economia rural e domestica, ou ensaio sobre os gados lanigero e cornigero, sobre o methodo de os crear, apascentar, preservar das doenças que lhes são proprias, e curar-lh'as quando as tiverem ; bem como sobre a maneira de tratar os animaes domesticos de todas as qualidades, particularmente os cavallos, com avisos mui importantes aos lavradores etc. — Reflexões criticas sobre os projectos e argumentos que se tem feito contra as prefeituras. — Arte do cosinheiro e do copeiro, compilada das melhores que sobre isto se escreveram modernamente... dada á luz por um amigo dos progressos da civilisação. — Reflexões criticas e artisticas sobre a edificação do novo theatro portuguez, denominado Theatro da Gloria. — Tratado theorico e pratico sobre a maneira de construir fogões de sala economicos e salubres. — Manual pratico da cultura das batatas, e do seu uso na economia domestica. — Memoria sobre a epioenonia, ou molestia geral das vinhas. — Traducção livre, ou imitação da satyra de Boileau, denominada A Satyra do homem. — Idem do Latrin ou Estante do côro, poema de mr. de Boileau. — A chimica ensinada em vinte e seis lições, contendo o desenvolvimento d'esta sciencia, posta ao alcance de toda a gente, traducção do inglez.

Tinha por publicar :

Arte do carpinteiro. — Memoria geographica e estatistica sobre o Egypto, com explicação dos pêsos, medidas e moedas de Constantinopla, Smyrna, ilhas gregas, portos de mar, e praças de commercio russas, bem como de Alexandria, Cairo, Syria e Persia, e varios additamentos em que se acham reduzidas ás nossas portuguezas para uso do commercio, traducção do inglez. — Collaborou em diversos jornaes taes como Revista Universal Lis-

bonense, Annaes da Sociedade Promotora de Industria Nacional, etc. (Fallecido).

Pertence-lhe a nota *Festas vinaes*, II-566.

VISCONDE DE VILLAR MAIOR. (Julio Maximo d'Oliveira Pimentel). Da Torre de Moncorvo. 1.º Visconde de Villar Maior. Commendador da ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, Cavalleiro da Torre e Espada, de S. Bento de Aviz, e da Legião de Honra, Fidalgo cavalleiro da Casa Real; bacharel formado em mathematica, lente de chimica na Escóla Polytechnica, ex-presidente da 1.ª classe da Academia Real das Sciencias de Lisboa, director do Instituto Agricola, ex-director interino na Escóla Polytechnica, e no Instituto Industrial, ex-presidente da Camara Municipal de Lisboa, major graduado, ex-deputado ás Cortes, ex-membro do Jury internacional na exposição de París, da Commissão de Pautas, do Conselho Geral do Commercio e Industria, e vogal no Conselho de Saude por occasião da febre amarella.

Autor das seguintes obras impressas:

Curso de chimica elementar. — Lições de chimica geral e suas principaes applicações. — A agricultura e a chimica, lições sobre a dependencia em que a agricultura racional está da chimica, professadas no Gremio Litterario em 1849. — Analyse das aguas mineraes das Caldas da Rainha em julho de 1849, com um additamento importante a esta obra em 1858. — Analyse das aguas mineraes do Gerez feita em 1850. — Estudo chimico da agua mineral de S. João do Deserto, em Aljustrel, offerecida á Sociedade Pharmaceutica Lusitana. — Uma carta sobre a composição chimica das aguas de Moira, no Alemtejo. — Memoria sobre a composição chimica da semente do amenduby (arachis hypogea). — Memoria sobre a producção do sulfato de soda natural do volcão da ilha do Fogo no archipelago de Cabo Verde.

— Elogio historico de Luiz Mousinho d'Albuquerque. — Rapport sur les Huiles et Graisses, dans la collection des rapports du jury mixte international á l'exposition universelle de 1855. — Sur la composition du suif de mafurre, communication faite á l'Academie des Sciences de Paris par mrs. Oliveira Pimentel et J. Bouis. — Note sur les acides gras du brindão de Goa. — Relatorio sobre a exposição universal de Paris; artes chimicas. — Revista chimica e varios artigos originaes nos Annaes das Sciencias e Lettras da Academia Real das Sciencias de Lisboa.

Pertencem-lhe as notas *Os tira-nodoas e o sabão*, II - 318. *A tinturaria dos antigos*, II - 327. *Dos esmaltes e da pintura encaustica entre os antigos*, II - 351.

PUBLII OVIDII NASONIS

FASTORUM



LIBER I

Januarius mensis



Tempora cum causis Latium digesta per annum,
Lapsaque sub terras, ortaque signa, canam.

Excipe pacato, Caesar Germanice, vultu
Hoc opus; et timidae dirige navis iter.
Officiique levem non aversatus honorem,
In tibi devoto munere, dexter ades.

Sacra recognosces Annalibus eruta priscis:
Et quo sit merito quaeque notata dies.
Invenies illic et festa domestica vobis:
Saepe tibi pater est, saepe legendus avus.
Quaeque ferunt illi pictos signantia Fastos,

OS FASTOS DE OVIDIO

TRADUZIDOS EM VERSO PORTUGUEZ

POR

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

LIVRO I

O mez de Janeiro

Festas do lacio anno, origens suas,
quaes astros vão, quaes vêm, dirão meus versos. Proposição e dedicatoria do Poema

Acolhe-os tu, Germanico! surri-lhes!
a timido baixel sê norte, ó Cesar!
proteja teu favor a humilde off'renda.

Na dos priscos annaes sagrada mina
ver-me-has andar notando os fundamentos
ás modernas usuaes solemnidades,
e a cada dia consignar seus fóros.
Fastos vossos domesticos mil vezes
virão de Roma aos fastos inlaçar-se:
já do pae, já do avô lerás os nomes.
Como elles ambos nos annaes do culto

Tu quoque cum Druso praemia fratre feres.
Caesaris arma canant alii; nos Caesaris aras;
Et, quoscumque sacris addidit ille, dies.
Annue conanti per laudes ire tuorum;
Deque meo pavidos excute corde metus.
Da mihi te placidum; dederis in carmina vires.
Ingenium vultu statque, caditque, tuo.
Pagina judicium docti subitura movetur
Principis, ut Clario missa legenda Deo.
Quae sit, enim, culti facundia, sensimus, oris,
Civica pro trepidis quum tulit arma reis.
Scimus et, ad nostras quum se tulit impetus artes,
Ingenii currant flumina quanta tui.
Si licet, et fas est, vates, rege vatis habenas:
Auspice te felix totus ut annus eat.

Tempora digereret quum conditor urbis, in anno
Constituit menses quinque bis esse suo.

mereceram á patria o ser inscriptos,
premio egual de virtude haveis de obtêl-o,
ó Germanico, ó Druzo, irmãos na gloria.

Armas de Cesar que as celebrem outros;
eu de Cesar sómente as aras canto,
e os dias que ha juntado aos sacros dias.

Ao vate que dos teus imprende as glorias,
animo, audacia, teu favor influa.
De teu semblante, placido, ou severo,
baixará fogo ou gelo á mente incerta.
Só no cuidar que por juiz vai ter-te,
já sob a dextra a pagina estremece,
qual se houvera de a ler o deus de Claros.
¿Pois quem ha hi que não sentisse o encanto
d'essa culta facundia, quando estrenua
acudia no foro aos reos trementes?
¿Quem não bebeu no teu tratar co'as musas
caudaes torrentes que brotavas d'estro?
Ao vate humilde pois, grão vate, acode!;
e, porque auspicios bons todo o anno aditem,
rege (se cabe a rogo audacia tanta)
rege tu proprio aos meus frisões as redeas.



De Roma o fundador, marcando os tempos, Anno de Romulo
em mezes dez circumscreveu seu anno;

Scilicet arma magis, quam sidera, Romule, noras;
    Curaque finitimos vincere major erat.

Est tamen et ratio, Caesar, quae moverit illum;
    Erroremque suum quo tueatur, habet:
Quod satis est, utero matris dum prodeat infans,
    Hoc anno statuit temporis esse satis.
Per totidem menses a funere conjugis uxor
    Sustinet in vidua tristia signa domo.
Hoc igitur vidit trabeati cura Quirini,
    Quum rudibus populis annua jura daret.
Martis erat primus mensis, Venerisque secundus;
    Haec generis princeps, ipsius ille pater;
Tertius a senibus; juvenum de nomine quartus:
    Quae sequitur, numero turba notata fuit.

At Numa nec Janum, nec avitas praeterit umbras,
    Mensibus antiquis apposuitque duos.

Ne tamen ignores variorum jura dierum,
    Non habet officii Lucifer omnis idem.

Ille nefastus erit, per quem tria verba silentur:
    Fastus erit, per quem lege licebit agi.

Neu toto prestare die sua jura putaris;
    Qui jam fastus erit, mane nefastus erat.
Nam simul exta Deo data sunt, licet omnia fari;
    Verbaque honoratus libera praetor habet.

Se, como de astros, intendêras de armas,
mal por ti, pobre Romulo! esses loiros
que em derredor ceifaste, onde estariam?!

D'aquelle erro de Romulo com tudo
inda alguma rasão se aventa, ó Cesar:
do gerar ao nascer dez mezes correm;
dez mezes a viuvez conserva o lucto;
suppoz que espaço egual bastasse ao anno.
De um povo inculto o inculto purpurado
não abrangia a mais. A Marte offrece
o mez primeiro, a Venus o segundo;
porque em Venus lhe prende a clara estirpe,
e Marte foi seu pae; terceiro, aos velhos;
aos mancebos o quarto ha destinado.
Aos outros seis do numero fez nome.

Vem Numa; vê que a Jano, e aos patrios mortos, Anno de Numa
fallece um culto; para dar-lh'o, cria
mais dois mezes, que aos dez prepõe na ordem.

Indole vária as leis hão dado aos dias; Dias fastos e nefastos
têm diverso mister os soes diversos.

Cala o *dia nefasto* as *tres palavras;*
causas versa no fôro o *fasto dia.*

D'estas duas oppostas naturezas
dias com tudo vêm que participam:
nefastos de manhã, de tarde fastos.
Mal que a entranha da rez ao deus foi dada,
póde livre soar pregão forense,
e exercer o pretor seu nobre encargo.

Est quoque, quo populum jus est includere septis;
    Est quoque, qui nono semper ab orbe redit.

Vindicat Ausonias Junonis cura Kalendas:
    Idibus alba Jovi grandior agna cadit.
Nonarum tutela Deo caret; omnibus istis,
    Ne fallare, cave, proximus ater erit.
Omen ab eventu est: illis nam Roma diebus
    Damna sub adverso tristia Marte tulit.

Haec mihi dicta semel, totis haerentia Fastis,
    Ne seriem rerum scindere cogar, erunt.

Ecce tibi faustum, Germanice, nuntiat annum;
    Inque meo primus carmine Janus adest.

Jane biceps, anni tacite labentis origo;
    Solus de Superis qui tua terga vides;
Dexter ades ducibus, quorum secura labore

Dias ha, outrosim, para comicios,
que apinhoam de povo o Campo-Marcio;
e dias, que ao mercado impreteriveis
de cada lua o nono disco aponta.

Dias comiciaes, dias nundinaes

As *Calendas* na Ausonia arroga-as Juno;
nos *Idos* cahe a Jupiter cordeira
alva e nedia; sem nume as *Nonas* ficam.
Nonas, *idos*, *calendas*, egualmente,
(notae bem, que no errar corrêreis p'rigo!)
têm *dia negro* apoz; tremendo agoiro,
que a historia com successos nos confirma,
pois sempre em dias taes contrario evento
deu Marte mal propicio ás nossas armas.

Calendas, Idos e Nonas

D'estas noções, que têm de vir frequentes
co'os *Fastos* misturar-se, aqui me aprouve
tecer preludio breve aos longos cantos,
que importunas depois m'os não quebrassem.



Lá vem Jano! lá chega! a ti, grão Cesar,
traz novo anno feliz nuncio risonho;
para mim, cantor seu, traz-se a si mesmo.

Janeiro 1 —Jano e sua festa

Nas boas horas para nós descendas,
bifronte divinal, eterna origem
dos annos tacitifluos; deidade,
que, unica entre ellas, para traz descobres!
propicio assiste aos chefes generosos,

Otia terra ferax, otia pontus agit.
Dexter ades, patribusque tuis, populoque Quirini;
Et resera nutu candida templa tuo.
Prospera lux oritur; linguisque animisque favete;
Nunc dicenda bono sunt bona verba die.
Lite vacent aures, insanaque protinus absint
Jurgia; differ opus, livida lingua, tuum.
Cernis, odoratis ut luceat ignibus aether,
Et sonet accensis spica Cilissa focis?
Flamma nitore suo templorum verberat aurum,
Et tremolum summa spargit in aede jubar.
Vestibus intactis Tarpeias itur in arces;
Et populus festo concolor ipse suo est.
Jamque novi praeeunt fasces; nova purpura fulget;
Et nova conspicuum pondera sentit ebur.
Colla rudes operum praebent ferienda juvenci,
Quos aluit campis herba Falisca suis.
Jupiter, arce sua totum quum spectet in orbem,
Nil, nisi Romanum, quod tueatur, habet.

cujo heroico valor mantem segura
a fertil terra em paz, em paz os mares!
propicio ao teu senado! alfim propicio.
a todo o povo do immortal Quiríno!
Vem, vem! ao teu aceno os alvos templos
de par em par festivos se descerrem.

Que alegre aurora pelos ceos desponta!
religiosa attenção, silencio, ó turbas!
ruim palavra sussurrar não ouse!
convêm ao *dia bom* palavras *boas*.
Longe os pleitos crueis, a rixa insana;
e tu, censor mordaz, teu fel não vertas!

O dia de anno bom no Capitolio

¿Vedes as rescendentes labaredas?
¿Sentís no fogo crepitar fumosas
fartas espigas de cilisso nardo?
Da viva flama o rosicler esplendido
da sacra estancia nos doirados tremulos
borbuletêa, e na profunda abobada
estampa alto clarão! de toda a parte,
de gallas novas, como cabe á festa,
acode povo e povo ao Capitolio!

Vêl-os que vêm chegando, os novos *feixes!*
Nova *purpura* os segue! A consul novo
vai o *curul marfim* ser nobre assento!
Gordos bezerros dos faliscos pastos
dão a intacta cerviz ao sacro ferro.

Jove, que lá do Olympo abrange o orbe,
romano todo o vê. Salve mil vezes,

Salve, laeta dies; meliorque revertere semper,
A populo rerum digna potente coli.

Quem tamen esse Deum te dicam, Jane biformis?
Nam tibi par nullum Graecia numen habet.
Ede simul causam, cur de caelestibus unus,
Sitque quod a tergo, sitque quod ante, vides.

Haec ego quum sumptis agitarem mente tabellis,
Lucidior visa est, quam fuit ante, domus.
Tum sacer ancipiti mirandus imagine Janus
Bina repens oculis obtulit ora meis.
Obstupui; sensique metu riguisse capillos;
Et gelidum subito frigore pectus erat.
Ille tenens dextra baculum, clavemque sinistra,
Edidit hos nobis ore priore sonos:
Disce, metu posito, vates operose dierum,
Quod petis, et voces percipe mente meas.
Me Chaos antiqui (nam res sum prisca) vocabant.
Adspice, quam longi temporis acta canam.
Lucidus hic aer, et, quae tria corpora restant,
Ignis, aquae, tellus, unus acervus erant.
Ut semel haec rerum secessit lite suarum,
Inque novas abiit massa soluta domos;
Flamma petit altum; propior locus aera cepit:

ó mui risonho dia! e mais risonho
possas tu de anno em anno alvorecer-nos,
sempre do povo-rei credor aos cultos!

¿Que Nume és tu porem, biforme Jano,
para que os versos meus te não falsêem?
deidade egual a ti não teve a Grecia!
¿Por que razão tambem, só tu desfrutas
esse vêr simultaneo atraz e ávante?

Invoca o Poeta a Jano

Como entre mim d'est'arte eu meditava,
de estilo em punho, co'as tabellas promptas,
sem me ousar decidir, eis, per si mesma,
se me claréa a subitas a estancia!,
e me apparece Jano! o proprio! o nume
dos rostos dois, da duplicada vista!
bago na dextra, na sinistra, chave!
Eu pasmo! eu tremo! eu gelo! eu me arripio!....
Foge-me a côr e a voz!.... — «Despede o susto,
«laborioso cantor dos lacios dias —
em tom benigno exclama — «a luz que imploras,
«quiz eu proprio trazer-t'a: *origens* sondas,
«mostrar-te *origens* venho. Entre os antigos
«(que eu sou coisa antiquissima) fui cahos;
«(vê de quão longe te deduzo a historia)
«este ar lucido, a terra, o fogo, as aguas,
«foram congerie vasta; a massa informe
«fermentou pouco a pouco; os elementos,
«obrigados da mutua antipathia,
«se desgregam, se apartam, se collocam
«cada qual em seu posto: o leve fogo,
«na região mais alta; o ar, sob elle;

Apparece Jano ao Poeta

Origem, nome, forma, e attributos de Jano, explicados por elle mesmo

Sederunt medio terra fretumque solo.
Tunc ego, qui fueram globus, et sine imagine moles,
In faciem redii, dignaque membra deo.
Nunc quoque, confusae quondam nota parva figurae,
Ante quod est in me, postque videtur idem.

Accipe, quesitae quae causa sit altera formae;
Hanc simul ut noris, officiumque meum:
Quidquid ubique vides, coelum, mare, nubila, terras,
Omnia sunt nostra clausa, patentque, manu.
Me penes est unum vasti custodia mundi;
Et jus vertendi cardinis omne meum est.
Quum libuit Pacem placidis emittere tectis,
Libera perpetuas ambulat illa vias.
Sanguine letifero totus miscebitur orbis,
Ni teneant rigidae condita bella serae.
Praesideo foribus coeli cum mitibus Horis;
It, redit officio Jupiter ipse meo:
Inde vocor Janus. Cui quum Cereale sacerdos
Imponit libum, mixtaque farra sali;
Nomina ridebis: modo namque Patulcius idem,
Et modo sacrifico Clusius ore vocor.
Scilicet alterno voluit rudis illa vetustas
Nomine diversas significare vices.

«no meio do universo, a terra, os mares.
«Foi então que eu de mole informe e rude
«assumi como deus figura e *faces;*
«sim: *faces;* ¿ não m'as vês? ¿ não vês no ambiguo
«do meu reverso e anverso inda lembranças
«do meu antigo ser desordenado?

«Outra razão de serem dois meus rostos
«me vais agora ouvir, que juntamente
«explica o mister meu; tudo que avistas,
«ceo, nuvens, terra, mar, tudo se fecha,
«se abre, por minha mão; sou do universo
«o guardador supremo, o que o revolve
«em continuado giro. A paz ridente
«sai do meu templo, porque eu mando; e livre
«vai folgar, vai florir por toda a parte.
«Se eu descerrasse os meus portões ás guerras,
«todo esse globo se affogára em sangue.
«Vélo no atrio do ceo co'as Horas ledas.
«Para sair e intrar, Jupiter mesmo
«necessita de mim; d'onde me hão feito
«de *janitor* o titulo de *Jano,*
«e inda outros mais, que ao mesmo officio alludem:
«quando no altar me offerta o sacerdote
«os salsos grãos co'a cereal fogaça,
«que me chama o Sacrífico? (são nomes
«que te hão de fazer rir): *Patulcio* e *Clusio:*
«*Patulcio*, porque entradas *patenteio;*
«*Clusio*, por *clausurar;* no que em dois termos
«me abrangeu todo a rude antiguidade.

«Já de minha figura extravagante

Vis mea narrata est: causam nunc disce figurae,
    Jam tamen hanc aliqua tu quoque parte vides.
Omnis habet geminas, hinc atque hinc, janua frontes;
    E quibus haec populum spectat, at illa Larem.
Utque sedens vester primi prope limina tecti
    Janitor, egressus introitusque videt;
Sic ego perspicio, caelestis janitor aulae,
    Eoas partes, Hesperiasque simul.
Ora vides Hecates in tres vergentia partes,
    Servet ut in ternas compita secta vias?
Et mihi, ne flexu cervicis tempora perdam,
    Cernere non moto corpore bina licet.

Dixerat: et vultu, si plura requirere vellem,
    Se mihi difficilem non fore, fassus erat.
Sumsi animum; gratesque Deo non territus egi;
    Verbaque sum spectans pauca locutus humum:
Dic, age, frigoribus quare novus incipit annus,
    Qui melius per ver incipiendus erat?
Omnia tunc florent; tunc est nova temporis aetas;
    Et nova de gravido palmite gemma tumet;
Et modo formatis amicitur frondibus arbos;
    Prodit et in summum seminis herba solum;
Et tepidum volucres concentibus aera mulcent;
    Ludit et in pratis, luxuriatque pecus.
Tum blandi soles; ignotaque prodit hirundo;
    Et luteum celsa sub trabe fingit opus.

«em parte a razão vês; mas ouve o resto:
«tem cada porta *duas faces;* uma,
«a encarar o caminho; a outra, os lares.
«Como o porteiro nas poisadas vossas
«sentado ao limiar está notando
«quanto entra quanto sáe; assim, porteiro
«do celeste palacio, a um tempo eu noto
«as regiões da aurora, as do occidente.
«¿Em trivia encruzilhada a imagem de Hécate
«não tem rostos a um tempo a tres caminhos?
«Tal eu tambem, por não perder instantes
«em voltar a cerviz, a um lado, a outro,
«abarco n'um relance a dois oppostos.» —

Disse. Nas mostras do semblante amigo
lhe li: que, se mais luzes desejava,
podia interrogál-o. Agradeci-lhe;
e já tornado em mim do sobresalto,
mas co'os olhos no chão — «¿Porque motivo
«entra frigido o anno? — lhe pergunto —
«mais proprio fôra abrir-se em primavera:
«então, revive o mundo; é tudo flores;
«rebentam vinhas; desabrolham selvas;
«surde a seara; os troncos nus se vestem;
«vestem-se os negros chãos de verdes galas;
«aves cantando pelos ares tepidos
«amor diffundem; pelos prados brinca
«lascivo gado; claro o sol nos côa
«calor vivaz aos corações e ás mentes.
«Volve a alegre andorinha, amavel hóspeda;
«e industriosa artifice, pendura,
«sob a orla do tecto conhecido,

Rasão de principiar o anno em inverno

Tum patitur cultus ager, et renovatur aratro:
　　Haec anni novitas jure vocanda fuit.
Quaesieram multis; non multis ille moratus,
　　Contulit in versus sic sua verba duos:
Bruma novi prima est, veterisque novissima solis;
　　Principium capiunt Phoebus et annus idem.

Post ea mirabar, cur non sine litibus esset
　　Prima dies. Causam percipe, Janus ait.
Tempora commisi nascentia rebus agendis,
　　Totus ab auspicio ne foret annus iners.
Quisque suas artes ob idem delibat agendo:
　　Nec plus quam solitum testificatur opus.

Mox ego: Cur, quamvis aliorum numina placem,
　　Jane, tibi primo tura merumque fero?
Ut per me possis aditum, qui limina servo,
　　Ad quoscumque velim prorsus habere Deos.

At cur laeta tuis dicuntur verba Kalendis,
　　Et damus alternas, accipimusque preces?
Tum Deus incumbens baculo, quem dextra gerebat:

«terreo bercinho á suspirada prole.
«Então que o lavrador renova as lidas
«novo anno encetar mais proprio fôra.» —

Calo, escuto; á pergunta derramada
cifra resposta o Nume em sós dois versos:
— «Na bruma finda um sol, outro começa;
«assim partem de um ponto os soes e os annos.» —

Rasão de ser dia de trabalho o dia de anno bom

Perguntei mais, porque era permittido
que o dia de anno bom, tão caro a todos,
com forenses questões se entediasse.

— «A razão, eil-a aqui — me volve Jano —
«praz-me que os tempos começando activos,
«se auspiciem fecunda actividade:
«todos por isso no primeiro dia
«ao solito exercicio as mãos entregam.» —

Rasão de se brindar a Jano antes de qualquer sacrificio

— «Tão pouco me é notorio — acudo eu logo —
«o porque, se aos mais numes sacrifico,
«primeiro a ti o incenso e o vinho offerto.» —

— «É que sem mim, que aos aditos presido,
accesso a nenhum deus obter podéras.» —

Rasão das boas festas

— «¿E d'onde vem que nas calendas tuas
«nos damos mutuamente as boas festas,
«este ir e vir de comprimentos faustos?

Arrimando-se ao baculo — «Principios
«são tudo — me responde — «o ser das coisas

Omina principiis, inquit, inesse solent.
Ad primam vocem timidas advertitis aures;
Et visam primum consulit augur avem.
Templa patent, auresque Deum; nec lingua caducas
Concipit illa preces, dictaque pondus habent.
Desierat paucis; nec longa silentia feci;
Sed tetigi verbis ultima verba meis:
Quid vult palma sibi, rugosaque carica, dixi,
Et data sub niveo candida mella cado?
Omen, ait, causa est, ut res sapor ille sequatur,
Et peragat coeptum dulcis ut annus iter.
Dulcia cur dentur, video: stipis adjice causam,
Pars mihi de festo ne labet ulla tuo.
Risit, et, O quam te fallunt tua saecula, dixit,
Qui stipe mel sumta dulcius esse putes!
Vix ego Saturno quemquam regnante videbam,
Cujus non animo dulcia lucra forent.
Tempore crevit amor, qui nunc est summus, habendi.
Vix ultra, quo jam progrediatur, habet.
Pluris opes nunc sunt, quam prisci temporis annis;
Dum populus pauper, dum nova Roma fuit;
Dum casa Martigenam capiebat parva Quirinum,

«d'elles sóe depender: ¿rompe uma falla?....
«fitaes o ouvido entre curioso e timido;
«¿pelos ermos dos ceos uma ave aponta?....
«n'ella o Augur estuda um vaticinio.
«N'este dia os Celicolas têm franco
«seu templo ás turbas, sua mente ás preces;
«quantos votos lá vão, cumprem-se todos.» —

Mal findou, repliquei: — «¿Que significa
«este presentearmo-nos com tamaras,
«encarquilhados figos, e cheiroso
«candido mel em barrilinhos alvos?» —

Rasão das estréas doces no dia de anno bom

— «São presagio, são votos; — me responde —
«quer-se que d'esta sorte auspiciado
«corra sabr'oso e doce o anno inteiro.» —

— «Bem: dos suaves dons entendo a causa;
«mas dinheiro! um vil cobre! um az! o estipe!
«¿que mimo pode ser?! dá-me que o saiba;
«nada ignorar do teu festejo quero.» —

Rasão porque em dia de anno bom se dá o estipe

Ri-se, e a rir me responde: — «O' simples, simples!
«não pareces do seculo em que vamos!
«¿Pois ha mel que ao dinheiro eguale em gosto?
«Nos dias mesmo de Saturno, o velho,
«mais de um humano, ou dois, não sei se hei visto,
«para quem o metal não fosse encanto.
«Medrou de edade a edade o amor do lucro;
«hoje, é no galarim. Lá no principio,
«quando o povo era pobre, e Roma infante;
«quando ao filho de Marte, ao grão Quirino,

Et dabat exiguum fluminis ulva torum.
Jupiter angusta vix totus stabat in aede ;
Inque Jovis dextra fictile fulmen crat.
Frondibus ornabant, quae nunc Capitolia gemmis ;
Pascebatque suas ipse senator oves.
Nec pudor in stipula placidam cepisse quietem,
Nec foenum capiti supposuisse, fuit.
Jura dabat populis posito modo consul aratro,
Et levis argenti lamina crimen erat.

At postquam Fortuna loci caput extulit hujus,
Et tetigit summos vertice Roma Deos ;
Creverunt et opes, et opum furiosa cupido ;
Et, quum possideant plurima, plura volunt.
Quaerere ut absumant, absumta requirere certant ;
Atque ipsae vitiis sunt alimenta vices.
Sic, quibus intumuit suffusa venter ab nnda,
Quo plus sunt potaé, plus sitiuntur aquae.
In pretio pretium nunc est : dat census honores ;
Census amicitias ; pauper ubique jacet.

Tu tamens auspicium si sit stipis utile, quaeris,

«bastava por vivenda uma choupana,
«e os juncos fluviaes por brando leito;
«de Jove a imagem no acanhado templo
«custava-lhe a caber, e o formidando
«raio que tinha em punho era de argila.
«O Capitolio, que adereçam gemmas
«fulgidas hoje, verdes ramos rusticos
«enfeitavam-n-o então. Levava ao pasto
«o proprio senador suas ovelhas;
«não se corria de jazer na palha,
«e em cabeceira de oleroso feno
«somnos tomava a bom levar dormidos;
«iam do arado ao tribunal os consules;
«ter de prata uma barra era delicto.

«Porem, depois que explendida fortuna
«fez da aldêa cidade, e os cumes féros
«foram de Roma topetar co'as nuvens,
«foram crescendo bens, co'os bens cubiças:
«mais se tem, mais se quer; lidam freneticos
«para haver de que afrouxo desbaratem;
«freneticos depois de novo lidam
«porque o desbaratado ás mãos lhes volte.
«Varía, vem e vai fortuna incerta;
«mas sempre, ou vá, ou venha, é pasto a vicios.
«Hydropisia de oiro insaciavel!
«só o oiro tem valor: mercam-se as honras,
«mercam-se protecções, mercam-se amigos;
«em toda a parte agora ai do que é pobre!

«Intendo os olhos teus que me interrogam:
«queres saber se na verdade encerra

Curque juvent nostras aera vetusta manus:
Aera dabant olim; melius nunc omen in auro est:
Victaque concedit prisca moneta novae.
Nos quoque templa juvant, quamvis antiqua probemus,
Aurea; majestas convenit ista Deo.
Laudamus veteres, sed nostris utimur annis:
Mos tamen est aeque dignus uterque coli.

Finierat monitus; placidis ita rursus, ut ante,
Clavigerum verbis alloquor ipse Deum:
Multa quidem didici; sed cur navalis in aere
Atera signata est, altera forma biceps?
Noscere me duplici posses in imagine, dixit;
Ni vetus ipsa dies extenuaret opus.
Causa ratis superest: Tuscum rate venit in amnem
Ante pererrato falcifer orbe Deus.
Hac ego Saturnum memini tellure receptum:
Coelitibus regnis ab Jove pulsus erat.
Inde diu genti mansit Saturnia nomen;
Dicta quoque est Latium terra, latente Deo.

«presagios bons o *estipe*, e porque aceito
«um dom safado de vetustos cobres.
«É porque só de cobres costumava
«prendar-me a antiga gente; a gente d'hoje
«com o oiro tem mais fé; cederam palma
«os velhos numos aos dobrões modernos.
«A nós mesmos (confesso-te) nos prazem
«aureos templos tambem (sem que por isso
«desdenhemos de outr'ora os cultos simplices);
«sim prazem-nos, que o fausto é proprio a deuses.
«Louva-se o antigo, do presente se usa;
«merecem um e outro acatamento.» —

Suas explicações aqui findava,
quando outra vez, em respeitosos termos,
ao clavigero deus d'est'arte inquiro:

Explica-se o cunho do estipe.

— «Á fé que muito arcano has descuberto;
«¿mas d'onde vem que no offertado *estipe*
«se vê cunho *bicipite* de um lado,
«do outro lado *um navio?*» — «Emblemas ambos
«relativos a mim — responde o Nume. —
«Sómente o denso veo da ancianidade
«te impedio por ti mesmo decifrál-os.
«Quanto aos dois rostos, de sobejo hei dito;
«do baixel direi ora. O deus da foice,
«peregrinado o orbe, ao Tusco rio
«chegou no seu baixel; triste Saturno,
«dos ceos por Jove expulso (inda me lembra)
«só aqui finalmente achaste asilo!
«d'onde a hospedeira gente edade longa
«*Saturnia* se chamou, e *Lacio* a terra,

Advento de Saturno á Italia.

At bona posteritas puppim servavit in aere,
Hospitis adventum testificata Dei.

Ipse solum colui; cujus placidissima laevum
Radit arenosi Tibridis unda latus.
Hic, ubi nunc Roma est, incaedua sylva virebat;
Tantaque res paucis pascua bubus erat.
Arx mea collis erat, quem cultrix nomine nostro
Nuncupat haec aetas, Janiculumque vocat.
Tunc ego regnabam, patiens quum terra Deorum
Esset, et humanis numina mixta locis.
Nondum Justitiam facinus mortale fugarat;
Ultima de superis illa reliquit humum.
Proque metu populum sine vi pudor ipse regebat:
Nullus erat justis reddere jura labor.
Nil mihi cum bello: pacem postesque tuebar;
Et clavem ostendens, Haec, ait, arma gero.

Presserat ora Deus. Tunc sic nostra ora resolvo,
Voce mea voces eliciente Dei.
Quum tot sint Jani, cur stas sacratus in uno,

«porque *latente* n'ella o deus esteve.
«Por memoria da vinda e da hospedagem,
«na popular moeda os pios netos
«ficaram retratando o sacro lenho.

«Amenas terras, que da esquerda lambe
«placida veia do arenoso Tibre,
«deidade unica em vós não foi Saturno;
«que eu tambem vos fui hóspede. Aqui mesmo,
«onde hoje é Roma, verdejava outr'ora
«intonsa mata; de alguns bois, apenas,
«este, agora portento, era pastio.
«Tive pois minha alcaçova no oiteiro,
«que religiosamente inda em teus dias
«de meu nome *Janiculo* se chama.
«Reinei aqui nas fortunadas eras,
«quando entre homens na terra andavam numes,
«e a justiça tambem; por derradeiro,
«dos crimes ella propria horrorisada,
«e dos mais deuses imitando o exemplo,
«se arrancou, se partiu do globo indigno.
«Bons tempos, quando, adstricto a seus deveres,
«vergonha, e não temor, continha o povo!
«Sobre taes corações ao bem propensos,
«sem custo, e com delicias, se imperava.
«Guerras, não n-as havia; os meus cuidados
«eram manter a paz, velar as portas;
«que as minhas armas unicas.... são estas.» —
(Amostrava-me a chave.) Eu, receandò
que pozesse alli fim, pois se callára,
tornei-o a provocar. — «De templos tantos,
«como os que em Roma tens, n'um só diviso

Da residencia de Jano toma nome o monte Janiculo

Reinou Jano em Italia na edade de oiro

A estatua de Jano junto ás duas praças; sua origem

Hic ubi juncta foris templa duobus habes?
Ille manu mulcens propexam ad pectora barbam,
Protinus Oebalii rettulit arma Tati;
Utque levis custos, armillis, capta Sabinis,
Ad summae Tatium duxerit arcis iter.
Inde, velut nunc est, per quem descenditis, inquit,
Arduus in valles et fora clivus erat;
Et jam contigerat portam; Saturnia cujus
Demserat appositas insidiosa seras.
Cumtanto veritus committere numine pugnam,
Ipse meae movi callidus artis opus;
Oraque, qua pollens ope sum, fontana reclusi;
Sumque repentinas ejaculatus aquas.
Ante tamen gelidis subjeci sulphura venis,
Clauderet ut Tatio fervidus humor iter.
Cujus ut utilitas pulsis percepta Sabinis;
Quaeque fuit, tuto reddita forma loco est;
Ara mihi posita est, parvo conjuncta sacello;
Haec adolet flammis cum strue farra suis.

«patente a adorações a imagem tua:
«d'esse fallo, que é junto ás duas praças.» —

Anediando as barbas venerandas,
placido preceptor, entra a contar-me
as guerras de El-Rei Tacio, oebalia prole;
como a insensata moça, a quem deslumbram
aureas manilhas da sabina tropa,
franquêa a Tacio, guardadora infida,
accesso ao cume da Tarpêa Rocha.
— «De lá descia ao valle e ás duas praças
«a vereda precipite — diz elle —
«que hoje em dia inda existe; iam chegando
«já por aquella parte os inimigos
«á porta da cidade, e Juno infesta
«com tréda mão lh'a havia aberto; oppor-me
«cara a cara a tal deusa era impossivel;
«¿que me ficava? a fraude; á fraude acudo;
«(e bem aponto que me veio a idéa,
«pois só de mim pendia o desempenho).
«Co' o meu condão de abrir, abro uma fonte,
«que a subitas rebenta espadanando
«estrepitosa encachoada fervida,
«pois de sulfureo fogo, antes de abril-a
«a matriz lhe ataquei, por que a torrente
«co' a insolita fervura intransitavel
«tolhesse o passo ás legiões sabinas.
«Surtiu-se o effeito: os barbaros refogem,
«e ao ser primeiro restituo o sitio.
«Vês aqui por que essa ara me erigiram,
«que á pequena capella está conjuncta,
«onde grãos cereaes e um bolo queimam.» —

At cur pace lates, motisque recluderis armis?
    Nec mora; quaesiti reddita causa mihi:

Ut populo reditus pateant ad bella profecto,
    Tota patet demta janua nostra sera;
Pace fores obdo, ne qua discedera possit.
    Caesareoque diu nomine clausus ero.

Dixit: et attolens oculos diversa tuentes,
    Adspexit toto quidquid in orbe fuit:
Pax erat; et vextri, Germanice, causa triumphi
    Tradiderat famulas jam tibi Rhenus aquas.
Jane, face aeternos, Pacem, Pacisque ministros;
    Neve suum, praesta, deserat auctor opus.
Quod tamen ex ipsis licuit mihi discere Fastis;
    Sacravere patres hac duo templa die.
Accepit Phoebo Nymphaque Coronide natum
    Insula, dividua quam premit amnis aqua.
Jupiter in parte est. Cepit locus unus utrumque:
    Junctaque sunt magno templa nepotis avo.

Quid vetat et stellas, ut quaeque oriturque, caditque,
    Dicere? promissi pars fuit ista mei.

Felices animos, quibus haec cognoscere primis,

— «E esta usança: que em paz ninguem te avista,
«e apenas sôa guerra as portas abres?» —
Perguntei, respondeu no mesmo instante:

Universalidade da paz no tempo de Cesar

— «Quando vão para a guerra, as portas abro
«como presagio de feliz regresso;
«e na paz, porque a paz não fuja, fecham-se.
«Fechadas d'esta vez, confio em Cesar
«que as terei tempo largo!» — Assim fallando,
co'os olhos longos abarcava o mundo:
floría tudo em paz! altivo Rheno,
de que alfim, ó Germanico, triunfas,
servo e romano ao longe se arrastava!

Tal paz, e taes heróes, da paz autores,
faze, propicio Jano, que desfrutem
perpetua duração por bem do Imperio.

Passo de ouvir as prelecções de um Nume
a estudar nos Annaes dos proprios ritos.

Templos de Esculapió e Jupiter na ilheta do Tibre.

Em dia egual ao de hoje, hão consagrado
nossos paes templos dois: n'aquella ilhota,
que ao Tibre fende a vêa, agazalhou-se
de Coronis e Phebo o sabio filho,
e Jupiter tambem; o avô e o neto
convizinhos alli têm pois seus templos.

Astronomia; seus louvores

Mas não prometti eu notar dos astros
o nascimento, o occaso? e quem m'o veda?

Ó credores de inveja, homens sublimes,

Inque domos superas scandere cura fuit!
Credibile est illos pariter vitiisque locisque
Altius humanis exseruisse caput.
Non Venus et vinum sublimia pectora fregit;
Officiumve fori, militiaeve labor.
Nec levis ambitio, perfusaque gloria fuco;
Magnarumve fames sollicitavit opum.
Admovere oculis distantia sidera nostris,
Aetheraque ingenio supposuere suo.
Sic petitur coelum; non, ut ferat Ossan Olympus,
Summaque Peliacus sidera tangat apex.
Nos quoque sub ducibus caelum metabimur illis,
Ponemusque suos ad stata signa dies.

Ergo ubi nox aderit venturis tertia Nonis,
Sparsaque coelesti rore madebit humus,
Octipedis frustra quaruntur brachia Cancri;
Praeceps occiduas ille subivit aquas.

Institerint Nonae; missi tibi nubibus atris
Signa dabunt imbres, exoriente Lyra.

Quatuor adde dies ductis ex ordine Nonis;
Janus Agonali luce piandus erit.

que, anciosos de saber, primeiro vôo,
pela amplidão dos ceos abalançastes;
lá, tão por cima da terrena esfera,
cuido vêr-vos folgar, surrir, isentos
dos vicios, das paixões, que o mundo infestam!
Baccho, Venus, Amor, não vos deliram;
não se vos foi o abril da edade fertil,
no arido fôro, na milicia crua;
mesquinhas honras, gloria vã, cubiça,
não vos quebraram somno; ingenhos raros,
dos ceos a região, dominio vosso,
vós aos olhos do mundo a avisinhastes!

D'est'arte, sem cargar no Olimpo o Ossa,
no Ossa o Pélion, se remonta ao Pólo
e se conquista a luminosa esfera!
Gigantes da sciencia, a vós eu sigo;
messo comvosco os ceos, e aos dias vários
suas constellações vou designando.

Á terça noite pois antes das *Nonas*, Janeiro 3 Occaso do cancro
lá pelas horas do sereno orvalho,
já o octípede *cancro* em vão se encherga;
mar do occaso o sumiu. Chegam as *Nonas*: Janeiro 5 Nascimento da lira
por entre as negras nuvens borrascosas
lá vos desponta a *Lira!* O dia quarto Janeiro 9 Agonaes
sobre as nonas contado, vos intíma
nas *Agonaes* sacrificar a Jano.

Nominis esse potes succinctus causa minister,
    Hostia coelitibus quo feriente cadit;
Qui calido strictos tincturus sanguine cultros,
    Semper, Agone? rogas; nec, nisi jussus, agis.
Pars, quia non veniant pecudes, sed agantur, ab actu
    Nomen Agonalem credit habere diem.
Pars putat hoc festum priscis Agnalia dictum;
    Una sit ut proprio litera demta loco.
An, quia praevisos in aqua timet hostia cultros,
    A pecoris lux est ista notata metu?
Pars etiam, fieri solitis aetate priorum
    Nomina de ludis Graja tulisse diem.

Et pecus antiquus dicebat Agonia sermo;
    Veraque judicio est ultima causa meo.
Utque ea nunc certa est, ita rex placare sacrorum
    Numina lanigerae conjuge debet ovis.

Victima, quae dextra cecidit victrice, vocatur.

? Mas do nome *Agonaes*, cantor de origens,
que razão darei eu? talvez provenha
do ritual vocabulo, que emprega
o immolador das victimas, já quando,
prestes, arregaçado, o ferro em punho...
para que o descarregue, e rompa o sangue
pergunta alfim: se *hade ferir; o Agóne*
do nome de *Agonaes* suscita idéa,
Alguns, por ver que as rêzes só forçadas
ao sacrificio vão, do *acto* que as força,
deduzem *Agonal.* Prezumem outros
que os *Agonaes* de *Agnaes*, antiga festa,
se hão formado, ajuntando-lhe uma lettra.
Poderá tambem ser, que, porque as victimas
vendo no espelho d'agua estar brilhando
o ameaçador cutello se apavoram......
d'essa *agonia* se fizesse o nome.
Ha quem grego vocabulo o repute,
por se haverem d'ess'arte appellidado
publicos jogos nas passadas eras.

No lacio idioma antigo acho comtudo
mais propria explicação, mais verosimil:
Agónia se dizia outr'ora o gado;
e alafé, que hoje o *rei dos sacrificios*,
para applacar os deuses, lhes immola
das ovelhas lanigeras o esposo.

¿ Mas de *Victima* o nome?! o nome de *Hostia?!* Origem de VICTIMA e HOSTIA

Victima se chamou, porque a principio
a dextra *vencedora* as immolára;

Hostibus amotis hostia nomen habet.

Ante, deos homini quod conciliare valeret,
Far erat, et puri lucida mica salis.
Nondum pertulerat lacrymatas cortice myrrhas
Acta per aequoreas hospita navis aquas;
Tura nec Euphrates, nec miserat India costum;
Nec fuerant rubri cognita fila croci.
Ara dabat fumos herbis contenta Sabinis,
Et non exiguo laurus adusta sono.
Si quis erat, factis prati de flore coronis
Qui posset violas addere, dives erat.
Hic, qui nunc aperit percussi viscera tauri,
In sacris nullum culter habebat opus.

Prima Ceres avidae gavisa est sanguine porcae,
Ulta suas merita caede nocentis opes;
Nam sata vere novo teneris lactentia succis,
Eruta setigerae comperit ore suis.
Sus dederat poenas; exemplo territus hujus
Palmite debueras abstinuisse, caper.

hostia, alludindo ás repulsadas *hostes*.

Sacrificios incruentos

Nem de hostias, nem de victimas comtudo
precisavam mortaes lá 'noutra edade,
para conciliar favor celeste:
um punhado de candida farinha,
um grão de puro sal, eram bastantes.
Inda os choros balsamicos da myrrha
por solidões do mar em lenho ousado
não vinham do Oriente ás praias nossas;
não nos dava India o cósto, Eufrate incensos;
nem o rubro açafrão vertia aromas:
fumava ara contente hervas sabinas,
co'as laureas ramas a estrallar no fogo;
o devoto, que em rustica grinalda
chegava a entrelaçar umas violetas,
dava offerta de rico; o largo ferro,
que hoje abre entranhas a soberbos toiros,
não havia uso algum nos sacrificios.

O primeiro sacrificio cruento foi o da porca exigido por Ceres

Foi Ceres, que do sangue abrindo exemplo
folgou, que a morte de nociva porca
pagasse estragos que lhe fez nas messes.
Da primavera ao bafo inda nos sulcos
mal começava a inchar o grão lactente,
quando a immunda cerdosa fossadora
co'a voraz tromba a sementeira investe;
mas co'a vida o pagou. Podera os olhos
pôr nella o cabro, que atassalha as vinhas,
e a tempo escarmentar no damno alheio;

Porque se imolaram cabro e cabra a Bacho

Quem spectans aliquis dentes in vita prementem.
Talia non tacito dicta dolore dedit:
Rode, caper, vitem; tamen huic, quum stabis ad aram,
In tua quod spargi cornua possit, erit.
Verba fides sequitur: noxae tibi deditus hostis
Spargitur affuso cornua, Bacche, mero.

Culpa sui nocuit; nocuit quoque culpa capellae;
Quid, bos? quid, placidae commeruistis, oves?
Flebat Aristaeus, quod apes cum stirpe necatas
Viderat incoeptos destituisse favos.
Caerula quem genitrix aegre solata dolentem
Addidit haec dictis ultima verba suis:
Siste, puer, lacrimas; Proteus tua damna levabit;
Quoque modo repares, quae periere, dabit.
Decipiat ne te versis tamen ille figuris,
Impediant geminas vincula firma manus.

não n-o fez ; foi teimando ; até que um dia,
alguem, que o vio na empreza andar mui ancho,
morde aqui pucha além, e a fluz tozando
pelos verdes sarmentos pampinosos,
lastimado exclamou : — « Farta-te, bruto ;
« roe roe, que sempre ao cabo á pobre vide
« ha de ficar com que te regue os cornos,
« quando o altar junto a si te vir pasmado. » —

Cumpriu-se a imprecação : no altar de Baccho
de Baccho o estragador pagou seu crime,
e da vide o licôr tingio-lhe a fronte.
Era reo, teve a pena. A cabra teve-a,
porque tambem foi ré ! ¿ Mas vós morrerdes,
mansos bois ?! ¿ vós, pacificas ovelhas ?!
Porque ? Dirvol-o-hei. Rezam memorias,
que uma vez Aristeu, como ia intrando
pelo seu colmeal, o achou perdido :
mortas até á ultima as abelhas ;
os seus favos em meio, e tudo em roda
solidão, e silencio ! A dor tamanha
não poude resistir ; chorou, carpiu-se,
quiz-se mal ; eis que a mãe Sirene, a aquosa,
accorre de taes lastimas doída ;
não sem custo o consola, e — « Secca o pranto
« ó filho meu — por derradeiro ajunta —
« para o mal que te afflige inda ha remedio ;
« vai pedil-o a Protheu ; porém cuidado
« em lhe atares primeiro ambos os pulsos
« rijo rijo ; senão.... burlou-se o empenho,
« pois bem sabes do trêfego o costume,
« que é transformar-se e transformar-se a fio,

Origem de se sacrificarem bois ; fabula de Aristeu

Pervenit ad vatem juvenis; resolutaque somno
    Alligat aequorei brachia capta senis.
Ille sua faciem transformis adulterat arte;
    Mox domitus vinclis in sua membra redit:
Oraque caerulea tollens rorantia barba,
    Qua, dixit, repares arte, requiris, apes?
Obrue mactati corpus tellure juvenci:
    Quod petis a nobis, obrutus ille dabit.
Jussa facit pastor; fervent examina putri
    De bove: mille animas una necata dedit.
Poscit ovem fatum: verbenas improba carpsit,
    Quas pia Dis ruris ferre solebat anus.
Quid tuti superest, animam quum ponat in aris
    Lanigerumque pecus, ruricolaeque boves?
Placat equo Persis radiis Hyperiona cinctum,
    Ne detur celeri victima tarda Deo.

« té que logre evadir-se aos que o consultam. » —

Dormia a frouxo o deus ancião fatidico,
ao instante em que Aristeu foi dar com elle;
prospero ensejo! o moço resoluto,
qual lh'o ensinara a mãe, as mãos lhe liga.
Em vão recorre ás solitas astucias,
figuras variando, o equoreo Nume;
das prisões constrangido, emfim se rende,
e ao proprio ser tornado, alçando um pouco
madido rosto de ceruleas barbas,
— ¿ « Buscas industria — diz — « com que renoves —
« a povoação de teus cortiços ermos?
« De immolado novilho interra o corpo;
« o que a mim vens pedir, tel-o-has por elle. » —
Aristeu assim faz: na rez corrupta
começam de brotar zumbir abelhas;
ferve reluz ao sol doirado enxame;
uma destruição brotou mil vidas.

Peccados teus, ó mansa, ó doce ovelha, Origem de se sacrificarem ovelhas; historia da velha das verbenas
ao sacrificio cru te hão conduzido!
Sacras *verbenas*, que piedosa velha
offertar costumava aos deuses rusticos,
tu, tu, pobre sacrilega, as roeste!

Que existencia haverá do ferro immune,
quando assim vemos perecer nas aras
a ovelhinha indefensa, o boi rurícola?!

Ao Sol, porque veloz percorre a esfera, Cavallos sacrificados ao Sol
sangue de ageis corceis derrama a Persia.

Quod semel est triplici pro virgine caesa Dianae,
Nunc quoque pro nulla virgine cerva cadit.

Exta canum vidi Triviae libare Sapaeos,
Et quicumque tuas accolit, Haeme, nives.
Caeditur et rigido Custodi ruris asellus.
Causa pudenda quidem est, huic tamen apta Deo:

Festa corymbiferi celebrabas, Graecia, Bacchi,
Tertia quae solito tempore bruma refert.
Di quoque cultores in idem venere Lycaei,
Et quicumque jocis non alienus erat:
Panes, et in Venerem Satyrorum prona juventus,
Quaeque colunt amnes, solaque rura, Deae.
Venerat et senior pando Silenus asello;
Quique rubro pavidas inguine terret aves.

Dulcia qui dignum nemus in convivia nacti,
Gramine vestitis accubuere toris.

Para resgate de innocente virgem
deu-se alva corsa á triplice Diana;
por memoria, e não já para resgate,
a Diana alva corsa inda se offerta.

Sacrificio da corça a Diana

Entre os Sapeus vi eu, vi entre os povos
do Hemo nivoso, a Hécate libar-se
o deventre dos cães. Ao deus membrudo
dos campos guardador, o asninho immolam.
O caso de que a usança ha procedido,
se não é muito honesto, é digno d'elle.

Cães a Hecate

Sacrificio do jumento

Era no inverno; celebrava a Grecia
seu triennal festejo em honra a Baccho,
ao folgasão gentil coroado de heras.
Haviam concorrido até deidades
(que as ha devotas d'elle); em summa quantas
de rir, de retoiçar, não perdem azo:
Pan, os lascivos satiros, as ninfas,
dos frescos rios, das soidões campestres.
Vel-o vai no ajoujado jumentinho
bambaleando incerto o bom Sileno,
ebrifestante velho!, e o deus das hortas,
esse que rubro e nu vareja as aves!...

Festas gregas triennaes a Baccho, fabula de Priapo e Lotis

Todos e todas por commum consenso
para logar da festa um bosque elegem,
mui proprio pela umbrosa amenidade.
Alli, por cima dos relvosos leitos
é delicia em banquete reclinarem-se.

Vina dabat Liber: tulerat sibi quisque coronam:
    Miscendas parce rivus agebat aquas.

Naides effusis aliae sine pectinis usu,
    Pars aderant positis arte manuque comis.
Illa super suras tunicam collecta ministrat;
    Altera dissuto pectus aperta sinu.
Exserit haec humerum; vestem trahit illa per herbas.
    Impediunt teneros vincula nulla pedes:
Hinc aliae Satyris incendia mitia praebent;
    Pars tibi, qui pinu tempora nexa geris.
Te quoque, inexstinctae Silene libidinis, urunt:
    Nequitia est quae te non sinit esse senem.

At ruber, hortorum decus et tutela, Priapus
    Omnibus ex illis Lotide captus erat.
Hanc cupit, hanc optat; sola suspirat in illa;

Vinhos, dá-lh'os o deus heroe da festa;
agua para os lotarem (parcamente)
fugaz arroio lh'à ministra; as flores,
cada qual para a cr'oa em torno as acha.

Eram de ver as naiades! : Aquellas,
soltas e ondadas as madeixas lucidas
que o pentem não brunhio! n'estas, as tranças
de industriosa mão recem-toucadas!
Das que vagam de pé, servindo ás mezas,
qual anda té á curva arregaçada,
qual deslaçando as pouco avaras roupas,
permitte aos olhos devorar famintos
soberbos pomos de animada neve;
um hombro, que de candido deslumbra,
se vê alem passar; aqui, de rojo
vão pelas hervas magestosas vestes,
libertos de prisões os pés mimosos.
Oh! que abrazar de sofregas cubiças
em corações de Satiros! oh! pobre
pobre deus de pinheiro ingrinaldado!
Que tentações sem conto o desatinam!
Até Sileno, o derrengado velho,
(velho sim, mas no amor sempre viçoso)
de apetites (coitado!) anda comido.

Só o deus que os jardins ampara, enfeita,
só rubido Priápo é quem não gira,
mariposa infiel de rosa em rosa:
de Lotis, mal que a viu, sentiu-se escravo;
só n'ella os olhos tem, só n'ella o gosto;
só por ella suspira; arde por ella.

Signaque dat nutu, sollicitatque notis.
Fastus inest pulchris, sequiturque superbia formam;
Irrisum vultu despicit illa suo.

Nox erat; et, vino somnum faciente, jacebant
Corpora, diversis victa sopore locis.
Lotis in herbosa, sub acernis ultima ramis,
Sicut era lusu fessa, quievit humo.

Surgit amans; animamque tenens, vestigia furtim
Suspenso digitis fert taciturna gradu;
Ut tetigit niveae secreta cubilia Nymphae
Ipsa sui flatus ne sonet aura, cavet.
Et jam finitima corpus librabat in herba;
Illa tamen multi plena soporis erat.
Gaudet; et, a pedibus tracto velamine, vota
Ad sua felici coeperat ire via;
Ecce rudens rauco Sileni vector asellus
Intempestivos edidit ore sonos;
Territa consurgens Nymphe manibusque Priapum
Rejicit, et fugiens concitat omne nemus.

Com furtivos signaes lhe expõe seu fogo;
manda-lhe em brando olhar convites meigos.
O orgulho é condição da formosura,
é senão da beldade o ser esquiva;
Lotis ri do amador, despresa-o, foge-o.

Baixa a noite; aos festins ebriridentes
succede a languidez, succede o somno.
Jazem, aqui, alem, dormentes corpos,
e sepulcral silencio involve a selva.
Da selva quasi á orla, ao pé de um bordo
que insombra co'a ramada hervosa cama,
rendida de Morpheu poisa sosinha
Lotis, longe das mais. Eis surge o amante;
e, reprimindo o folego, tremendo
que o minimo rumor o denuncie,
vai no bico dos pés té onde alveja
no camarim silvestre a clara ninfa;
nem já de leve a respirar se afoita.
No relvado bem perto aos seus amores
já n'um só pé suspenso se balança,
sem que a bella dormente o presentisse.
Mal cabe em si de jubilo o ditoso!
Lá vai... co'a subtil dextra arregaçando
vestido que resguarda as plantas niveas,
feliz caminho ao templo de seus votos.
N'isto o hirsuto animal de longa orelha,
que ao tropego Sileno as pernas supre,
de intempestivo orneio atroa os echos.
Sobresaltada a ninfa, acorda a subitas;
repulsa o temerario, e parte aos gritos,
que alvorotando o bosque a turba espertam.

At Deus, obscena nimium quoque parte paratus,
Omnibus ad lunae lumina risus erat.
Morte dedit paenas auctor clamoris; et hinc est
Hellespontiaco victima grata Deo.

Intactae fueratis aves, solatia ruris;
Adsuetum silvis innocuumque genus;
Quae facitis nidos, quae plumis ova fovetis,
Et facili dulces editis ore modos.
Sed nihil ista juvant: quia linguae crimen habetis,
Dique putant mentes vos aperire suas.
Nec tamen id falsum: nam, Dis ut proxima quaeque,
Nunc penna veras, nunc datis ore notas.
Tuta diu volucrum proles, tum denique caesa est:
Juveruntque Deos indicis exta sui.
Ergo saepe suo conjux abducta marito
Uritur ignitis alba columba focis.
Nec defensa juvant Capitolia, quo minus anser
Det jecur in lances, Inachi lauta, tuas.
Nocte Deae Nocti cristatus caeditur ales,
Quod tepidum vigili provocat ore diem.

Acode-se em tropel; e ao descobrir-se
Priápo, que ao luar ficou pasmado,
mas inda prestes á amorosa luta,
despara tudo em longas gargalhadas.
O rebate que deu co'a voz troante
pagou co'a morte o burro, e ficou sendo
sempre ao deus do Hellesponto acceita victima.

Sacrificios d'aves, e origem d'elles

Só vós de immolador vos não temieis,
passarinhos do ar, praser dos campos,
magos cantores que animais as selvas;
vós, que entre os ramos suspendendo os ninhos,
nutrindo a prole e modulando amores,
na innocencia, na paz, volveis a vida.
Sim, mas que prol?! sois garrulos; e os deuses
têm que os arcanos seus contais á terra.
Culpa da lingua vos levou ás aras,
e aos deuses razão dou, que á patria sua
vós vos alais, e no cantar, nos vôos,
avisos do porvir trazeis aos homens.
Eis porque vossa antiga immunidade,
miseras aves, se quebrou, e aprouve
aos immortaes, que o ferro descosesse
dos delatores seus as quentes visceras.

Sacrificio de pombas

Eis porque tanta vez alva pombinha
se arranca do consorte, e é dada ás chammas;

Sacrificio do ganso a Io

eis porque haver salvado o Capitolio
não livra ao ganso de mandar seus figados
a teus lautos festins, Inachia deusa.

Sacrificio do gallo á noite

Nas horas da nocturna escuridade
se immola á deusa que prezide ás trevas
ave cristada que provoca o dia.

Interea Delphin clarum super aequora sidus
    Tollitur, et patriis exserit ora vadis.

Postera lux hiemem medio descrimine signat;
    Aequaque praeteritae, quae superabit, erit.

Proxima prospiciet Tithono nupta relicto
    Arcadiae sacrum pontificale Deae.
Te quoque lux eadem, Turni soror, aede recepit;
    Hic ubi Virginea campus obitur aqua.

Unde petam causas horum moremque sacrorum?
    Dirigat in medio quis mea vela freto?
Ipsa mone, quae nomen habes a carmine ductum,
    Propositoque fave, ne tuus erret honos.

Orta prior Luna (de se si creditur ipsi),
    A magno tellus Arcade nomen habet.
Hic fuit Evander; qui, quamquam clarus utroque,
    Nobilior sacrae sanguine matris erat;
Quae, simul aetherios animo conceperat ignes,
    Ore dabat vero carmina plena Dei.
Dixerat haec: nato motus instare sibique;
    Multaque praeterea, tempore nacta fidem.
Nam juvenis, vera nimium cum matre, fugatus

Mas já do patrio mar ascende ao polo
o esplendido *Golfinho*.

Janeiro 9 — Ascenção do Golfinho

O sol, que o segue,
da invernosa estação designa o meio.

Janeiro 10 — Parte-se a meio o inverno

A aurora que apoz vem, vos alumia,
ritos pontificaes da Arcadia deusa.
Foi esse mesmo o dia, irmã de Turno,
que um templo te sagrou, lá onde regam
o nobre Campo-Marcio agoas virgineas.

Janeiro 11 Festas Carmentaes; fundação do templo de Juturna

¿D'este culto porem quaes os principios?
¿quem será meu piloto em mar tão amplo?
Vem, Carmenta, a quem nome os *Carmes* deram;
tu mesma a teu cantor soccorre, inspira,
porque em louvores teus não vague á toa!

A Arcadia, que (se as chronicas lhe ouvimos)
pede messas de antiga á propria lua,
recebeu do grão Arcade seu nome.
N'aquella região viveu Evandro,
de heroes por mãe e pae famoso herdeiro,
mas pela mãe fatidica mais nobre.
Esta, assim que na mente um deus lhe ardia,
na arrebatada voz caudal rojava
luz do porvir em turbilhões de carmes.
Já lhe tinham prognosticos ouvido
de alterações no estado, e grãos successos
a seu filho, a si propria, aparelhados.
D'isso e do mais que nos futuros lêra
nada se descumpriu. Da Arcadia sua

Arcadia

Evandro e Carmenta

Deserit Arcadiam, Parrhasiumque larem.

Cui genitrix flenti: Fortuna viriliter, inquit,
    (Siste, puer, lacrymas) ista ferenda tibi est.
Sic erat in fatis; nec te tua culpa fugavit;
    Sed Deus. Offenso pulsus es urbe Deo.
Non meriti poenam pateris, sed numinis iram;
    Est aliquid magnis crimen abesse malis.
Conscia mens ut cuique sua est, ita concipit intra
    Pectora pro facto spemque metumque suo.
Nec tamen ut primus moere mala talia passus;
    Obruit ingentes ista procella viros.
Passus idem, Tyriis qui quondam pulsus ab oris,
    Cadmus, in Aonia constitit exsul humo;
Passus idem Tydeus, et idem Pagasaeus Iason,
    Et quos praeterea longa referre mora est.
Omne solum forti patria est; ut piscibus aequor;
    Ut volucri, vacuo quidquid in orbe patet.
Nec fera tempestas toto tamen horret in anno;
    Et tibi, (crede mihi), tempora veris erunt.

Vocibus Evander firmata mente parentis,
    Nave secat fluctus, Hesperiamque tenet.
Jamque ratem doctae monitu Carmentis in amnem
    Egerat, et Tuscis obvius ibat aquis.

de seu Parrhasio lar expulso foge
o moço Evandro (ai dor!) co'a mãe longeva,
profetisa em seu mal nimio veridica.

— «Filho, filho — diz ella — «enxuga o pranto;
«oppõe tua hombridade á sorte adversa;
«culpa tua não foi; foi lei dos fados,
«foi a vingança de offendido nume,
«quem da cidade te lançou no exilio.
«Pagas iras de um deus, não crimes proprios;
«suavise-te a innocencia as agras dores.
«Esperança ou temor das obras nasce;
«para nos dar a paz, ou destruil-a,
«mora nos corações a consciencia.
«¿A que vem affligir?! ¿És o primeiro
«que esses males padece? Heroes sem conto
«correrem na fortuna iguaes tormentas.
«Vê Cadmo! expulso vai da patria Tyro
«desterrar-se na Aonia! olha o que passam
«um Tydeo, um Jasão.... e tantos, tantos,
«que o numeral-os só daria enfado!
«para os fortes é patria o mundo todo,
«como ás aves o ar, o oceano aos peixes.
«Mas, filho, ¿viste nunca o anno inteiro
«só de inverno constar? florente quadra
«após este negrume inda te espera.» —

Com taes palavras confortado Evandro,
em vagabundo lenho as ondas rasga,
e dá vista da Hesperia. Obediente
ao maternal aviso, imboca o Tibre,
á margem Tusca indireitando a prôa.

Fluminis illa latus, cui sunt vada juncta Terenti,
   Adspicit; et sparsas per loca sola casas.
Utque erat, immissis puppim stetit ante capillis;
   Continuitque manum torva regentis iter;
Et procul in dextram tendens sua brachia ripam,
   Pinea non sano ter pede texta ferit.
Neve daret saltum properans insistere terrae,
   Vix est Evandri vixque retenta manu.
Dique petitorum, dixit, salvete locorum;
   Tuque novos caelo terra datura Deos;
Fluminaque et fontes, quibus utitur hospita tellus,
   Et nemorum Nymphae, Naiadumque chori;
Este bonis avibus visi natoque, mihique;
   Ripaque felici tacta sit ista pede.
Fallor? an hi fient ingentia moenia colles?
   Juraque ab hac terra caetera terra petet?
Montibus his olim totus promittitur orbis.
   Quis tantum fati credat habere locum?

Et jam Dardaniae tangent haec litora pinus.
   Hic quoque causa novi femina Martis erit.
Care nepos, Palla, funesta quid induis arma?
   Indue: non humili vindice caesus eris.

Victa tamen vinces, eversaque Troja, resurges:
   Obruet hostiles ista ruina domos.

Grandeza romana profetisada por Carmenta

Ali a Profetisa olhos estende
á sestra parte, e avista as cercanias
dos paúes de Terento, e campos ermos
de rara choça a longe interrompidos.
Desgrenhada, qual vinha, accorre á pôpa;
e agarrando ao piloto a mão do leme,
com torva catadura alonga os braços
contra a direita riba; insana fere
por vezes tres co'a planta a pinea tolda;
quer insoffrida arremessar-se á terra;
sustem-n-a a custo o filho — « O' numes, salve —
exclama delirada — « amados numes
« d'estas paragens que buscamos! Terra
« que inda hasde dar ao ceo deidades novas!
« E vós, ó d'estas plagas hospedeiras
« rios, fontes, Oréades e Driades,
« dae que meu filho e eu vos descobrissemos
« em hora boa e com *felices aves;*
« calque-te fausto pé, margem do Tibre!
« ¿Ingano-me?.... que é isto!.... uns montes bravos
« surgem cidade e capital do globo!
« quem previra a tal brenha um tal futuro!

« Lá vem Dardaneas prôas fugitivas!
« cá vibra outra mulher brandões da guerra!
« Palante, amado neto, armas não vistas,
« ou morrerás. Morrer! ¿morrer que importa?:
« cais ás mãos de outro heroe; com gloria expiras.

« Inda, ó Troia vencida, inda triunfas;
« da queda surgirás! nobre ruina
« que os inimigos teus em torno esmagas.

Urite, victrices, Neptunia Pergama, flammae:

Num minus hic toto est altior orbe cinis?

Jam pius Aeneas sacra, et, sacra altera, patrem,

Afferet, Iliacos excipe, Vesta, Deos.

Tempus erit, quum vos, orbemque, tuebitur idem,

Et fient ipso sacra colente Deo;

Et penes Augustos patriae tutela manebit.

Hanc fas imperii frena tenere domum.

Inde nepos, natusque Dei, (licet ipse recuset),

Pondera coelesti mente paterna feret.

Utque ego perpetuis olim sacrabor in aris,

Sic Augusta novum Julia numen erit.

Talibus ut nostros dictis descendit in annos,

Substitit in medios praescia lingua sonos.

Puppibus egressus Latia stetit exsul in herba.

Felix, exsilium cui locus ille fuit!

Nec mora longa fuit: stabant nova tecta; nec alter

« Consuma embora triunfal incendio
« esse Pergamo altivo, essa formosa
« fundação neptunina ; as cinzas suas
« têm de assombrar por altas o Universo.

« Lá te vejo sahir por entre chammas,
« piedoso Eneas ! vens curvado ao pezo
« de teu sacro thesoiro, e de um thesoiro
« não menos sacro : o Pae ! suprema Vesta,
« acolhe, hospéda, Iliacas Deidades !
« um dia todos vós e o Orbe todo
« d'um protector commum tereis o abrigo,
« sendo Homem-Nume o que ministre a Numes.
« Então que á sombra Augusta a Patria medre !
« nos Cézares o Imperio está seguro.
« Logo o Filho de um deus de um deus o Neto,
« constrangido a acceitar paterna herança,
« divino aguenta o leme á náo do Estado !

« Lá n'essas eras do porvir longinquo
« vejo altares incognitos erguer-se.
« eis-me deusa ! eis-te deusa, Augusta Julia ! » —

Como assim no clarão da profecia
lhe vinha alvorecendo a nossa edade,
de repente calou. Salta do lenho
o foragido Evandro ao chão do exilio,
feliz exilio na viçosa Italia !

Não tarda que esses páramos tão mudos
brotem habitações pollulem povo,
e uma joven cidade ao sol floresca.

Evandro funda cidade junto ao Aventino

Montibus Ausoniis Arcade major erat.
Ecce boves illuc Erytheidas applicat heros
Emensus longi claviger orbis iter.
Dumque huic hospitium domus est Tegeaea, vagantur
Incustoditae laeta per arva boves.

Mane erat; excussus somno Tirynthius hospes
De numero tauros sentit abesse duos.
Nulla videt taciti quaerens vestigia furti:
Traxerat aversos Cacus in antra feros;

Cacus, Aventinae timor atque infamia silvae,
Non leve finitimis hospitibusque malum.
Dira viro facies; vires pro corpore; corpus
Grande: pater monstri Mulciber hujus erat.
Proque domo, longis spelunca recessibus ingens,
Abdita, vix ipsis invenienda feris.

Ora super postes affixaque brachia pendent,
Squalidaque humanis ossibus albet humus.

Por toda essa amplidão dos Lacios montes
ninguem disputa a Evandro o poderio.
Hercules, o da clava assoladora,
peregrinado o mundo aqui chegara
co'a manada soberba, opima gloria
dos pastos Erytheus; dera-lhe Evandro
gazalhado condigno em seu palacio,
e pelos verdes campos espaçosos
ficára o gordo armento errando á toa.

Hercules hospedado por Evandro

Vem rompendo a manhã; desperta Alcides;
os seus toiros reconta, e dois lhe faltam.
Pelas pégadas rastrear o furto
busca.... mas lida em vão. Manhoso Caco,
porque vestigios taes o não trahissem,
pela cauda arrastara ambos os brutos,
para a caverna atroz seu negro albergue.

Caco

Terror, e infamia do Aventino bosque,
de hospedados flagello e de visinhos
era Caco, o silvestre infrene monstro;
medonha a catadura, o vulto enorme,
forças e membros de cabal gigante.
De Vulcano era filho; a estancia tinha
nas entranhas de um serro; alta espelunca
de tão emaranhado escuro accesso,
por longos subterraneos labirintos,
que mal as proprias feras a atinavam.
Pendem pelos umbraes cabeças d'homens,
braços nus; pelo chão branquejam ossos
com fétida sangueira enxovalhados.

Servata male parte boum Jove natus abibat:
    Mugitum rauco furta dedere sono.

Accipio revocamen, ait; vocemque secutus,
    Impia per silvas ultor ad antra venit.
Ille adítum fracti praestruxerat objice montis:
    Vix juga movissent quinque bis illud onus.
Nititur hic humeris, (coelum quoque sederat illis)
    Et vastum motu collabefactat onus.
Quod simul evulsum est, fragor aethera terruit ipsum;
    Ictaque subsedit pondere molis humus.

Prima movet Cacus collata praelia dextra;
    Remque ferox saxis stipitibusque gerit.

Quis ubi nil agitur, patrias male fortis ad artes
    Confugit, et flammas ore sonante vomit;
Quas quoties proflat, spirare Typhoea credas,
    Et rapidum Aetnaeo fulgur ab igne jaci.

Occupat Alcides, adductaque clava trinodis
    Ter quater adversi sedit in ore viri.
Ille cadit, mixtosque vomit cum sanguine fumos;

Perdida a esp'rança de atinar co'os toiros,
ia o filho de Jupiter partir-se;
rouco mugido lhe delata o furto.

— «Oiço o reclamo» — diz; e a voz seguindo
lá vai ardendo em sede de vingança
pela floresta a dentro, e chega ao sitio
da emboscada espelunca abominosa.
Arrolhara-lhe a entrada o impio dono
co' um penhasco estroncado da montanha,
que dez juntas de bois o não moveram.
Hombros que outr'ora em pezo o ceo tomaram
lhe mete o heroe membrudo; a mole inerte
treme.... rue de rondão! Retroa o estrondo
por ceos ao longe! o solo ao pezo afunda-se.

Surde o monstro colerico fremente,
e rompendo o combate, lapas, troncos,
toma, dispara; amiuda os cegos tiros,
que pelos rotos ares silvam zunem.

Baldos os furiosos arremessos,
torna-se aos dóns do Pae; vomita flammas.
A cada turbilhão que lhe borbota
cuidáras ver Typheu no fundo do Etna
raios rojar das indignadas fauces.

Irado Alcides, co'a sinistra o colhe,
e da clava em vaivem, tres, quatro vezes,
lhe assenta o trus no espavorido rosto.
Cai vomitando fumarada e sangue,

Et lato moriens pectore plangit humum.

Immolat ex illis taurum tibi, Jupiter, unum
Victor, et Evandrum ruricolasque vocat:
Constituitque sibi, quae Maxima dicitur, aram,
Hic, ubi pars Urbis de bove nomen habet.

Nec tacet Evandri Mater: prope tempus adesse
Hercule quo tellus sit satis usa suo.

At felix vates, ut Dis gratissima vixit,
Possidet hunc Jani sic Dea mense diem.

Idibus in magni castus Jovis aede sacerdos
Semmimaris flammis viscera libat ovis;
Redditaque est omnis populo provincia nostro;
Et tuus Augusto nomine dictus avus.

Perlege dispositas generosa per atria ceras;
Contigerunt nulli nomina tanta viro.
Africa victorem de se vocat: alter Isauras,
Aut Cretum domitas testificatur opes.

e estrebuchando na agonia o monstro,
co'o largo peito o duro chão recalca.

O vencedor a Jove immola um toiro,
convidando ao banquete o hospede Evandro,
e de todo o contorno os lavradores.
Para si constitue ara solemne,
que *Maxima* se diz; d'ella foi séde
o bairro que do *boi* deduz seu nome.

ARA MAXIMA fundada por Hercules

Logo ali de Carmenta os vaticinios
declararam porem ser vindo o tempo
em que ao orbe seu Hercules faltasse.

Eis como a afortunada profetisa
cara aos deuses, é deusa, e tem seu culto
n'este dia do mez sagrado a Jano.

Nos *Idos* continente sacerdote
cresta no altar de Jupiter supremo
entranhas de uma ovelha hermaphrodita.
Foi n'este dia que as provincias todas
Roma obteve, ó Germanico, e saudaram
a teu Avô co'o o titulo de *Augusto*.

Janeiro 13 Sacrificio de ovelha a Jupiter

Cognomentos em geral. Excellencia do de AUGUSTO

Percorrei pelos atrios d'esses nobres
os simulacros de animada côra
dos ascendentes seus, e achae-me em tantos
um só, que de egual titulo gosasse.
D'Africa o vencedor diz-se *Africano;*
de *Izauras* se appelida o que a domara;
Cretense, o que de Creta abate as forças;

Hunc Numidae faciunt, illum Messana superbum:
    Ille Nomantina traxit ab urbe notam.
Et mortem et nomen Druso Germania fecit.
    Me miserum! virtus quam brevis illa fuit!
Si petat a victis; tot sumat nomina Caesar,
    Quot numero gentes maximus orbis habet.
Ex uno quidam celebres, aut torquis ademtae,
    Aut corvi titulos auxiliaris habent.
Magne, tuum nomen rerum mensura tuarum est:
    Sed qui te vicit, nomine major erat.
Nec gradus est ultra Fabios cognominis ullus;
    Illa domus meritis Maxima dicta suis.

Sed tamen humanis celebrantur honoribus omnes:
    Hic socium summo cum Jove nomen habet.
Sancta vocant augusta patres: augusta vocantur
    Templa, sacerdotum rite dicata manu.
Hujus et augurium dependet origine verbi,
    Et quodcumque sua Jupiter auget ope.
Augeat imperium nostri Ducis, augeat annos:
    Protegat et vestras querna corona fores;

um, debelados Numidas o afamam ;
a outro, Messaneus ; outro, Numancia ;
Germania deu a Druso a morte e o *nome ;*
ai ! malogrado heroe !. Se das victorias
tomára Cesar sempre os cognomentos,
quantas são as nações do immenso mundo,
tantos contára já. Té de um só *feito*
deduziram alguns seus *appellidos* :
tal do duelo em que interveio o *corvo,*
se fez *Corvino,* e do *Colar Torquato.*
Pompeu, tuas acções te hão feito *Magno ;*
maior nome porem compete áquelle,
que de tal vencedor logrou victoria.
¿E qualificação qual ha que exceda
á dos Fabios ?, pois meritos lhe hão dado
assignarem-se *Maximos* em Roma.

Sim ; mas pompas mortaes são todas essas ; Etimologia do nome Augusto
em honras hombrear co'o proprio Jove,
Germanico, só tu. Foros divinos
encerra de ambos vós o *Tratamento :*
lingua dos nossos paes ás coisas santas
sempre *augustas* chamava, e nós *augustos*
aos templos, que por mão dos sacerdotes
conforme aos ritos dedicados foram.
De *Augusto, Augurio* vem ; em summa *Augustas*
são quantas coisas por mercê de Jove
auges de pompa insolita conseguem.
Consiga-os, oxalá, desfrute-os sempre,
ó Cesar, teu poder, e a vida tua !
Possa o carvalho, que te c'rôa as portas,
co'a sombra amiga diffundir venturas !

Auspicibusque Deis tanti cognominis heres
    Omine suscipiat, quo pater, orbis onus.

Respiciet Titan actas ubi tertius Idus,
    Fient Parrhasiae sacra relata Deae.
Nam prius Ausonias matres carpenta vehebant;
    Haec quoque ab Evandri dicta parente reor.

Mox honor eripitur; matronaque destinat omnis
    Ingratos nulla prole novare viros.

Neve daret partus, ictu temeraria caeco
    Visceribus crescens excutiebat onus.
Corripuisse patres ausas immitia nuptas,
    Jus tamen exemtum restituisse, ferunt.
Binaque nunc pariter Tegeaeae sacra parenti.
    Pro pueris fieri virginibusque jubent.

De tão grande cognome o claro Herdeiro
tendo os Numes por Auspices, assuma,
fadado como o Pai, do Orbe o pezo.

Sol que terceiro nasça após os idos
vê da Parrhasia deusa as festas novas.
Se intender sua origem vos releva,
ora vol-a direi. De Ausonias Donas
fôra estilo outro tempo andar em coches,
os quaes (se me não mente a conjectura)
carpentos de *Carmenta* se disiam.
D'essa mui senhoril prerogativa
veio porem a curia a despojal-as.

Janeiro 15 — Festa de Carmenta

Arde em seus corações fatal despeito;
e entre si conjuradas, determinam
que, por vingar-se dos varões ingratos,
nunca jámais com prole os reproduzam.

Conjuração das Donas para não terem filhos

Eis os fructos d'amor (ó pejo, ó crime!)
alvos de cegos temerarios golpes,
inda antes de nascer são arrancados.
Cheios de horror, com tão funesto escandalo,
e querendo atalhal-o, os senadores
com censuras asperrimas fulminam
as espozas crueis, e ao mesmo tempo
o denegado jús lhes restituem;
mas sob a condição que á mãe Tegea
(dil-o a fama tambem) todos os annos
se farão em vez de um dois sacrificios:
um pelos filhos; pelas filhas outro;
que a um e outro sexo as deshumanas
haviam destruido os tenros germes.

Scortea non illi fas est inferre sacello,

Ne violent puros exanimata focos.

Si quis amas ritus veteres, assiste precanti:

Nomina percipies non tibi nota prius.

Porrima placantur, Postvertaque sive sorores,

Sive fugae comites, Maenali Nympha, tuae.

Altera, quod porro fuerat, cecinisse putatur:

Altera, versurum postmodo quidquid erat.

Candida, te niveo posuit lux proxima templo,

Qua fert sublimes alta Moneta gradus.

Nunc bene prospicies Latiam, Concordia, turbam;

Nunc te sacratae restituere manus.

Furius antiquum populi superator hetrusci

Voverat, et voti solverat ante fidem.

Causa, quod a patribus sumtis secesserat armis

Vulgus; et ipsa suas Roma timebat opes.

Na festival capella é prohibido
intrar quem leve em si qualquer alfaia
de pelles d'animaes; objectos mortos
violariam do altar as puras flammas.

Porrima e Postverta

Vós, a quem antigualhas deliciam,
escutae n'este rito os deprecantes;
ouvir-lhes-heis vocabulos ignotos:
ali se invocam *Porrima*, *Postverta*;
ou de Carmenta irmãs, ou socias suas
na expatriação feliz, que ao Lacio a trouxe.
Do vetusto foi *Porrima* cantora;
Postverta do porvir, nos diz a fama.

Janeiro 16 — Sagração do templo da Concordia

O dia immediato é fausto dia:
'nelle houvéste, ó Concordia, esse alvo templo
em que resides, convisinha ás altas
escadarias da immortal Moneta.

Festa da Concordia

Concordia, pois que alfim volveu teu culto
por sacrosantas mãos restituido,
inclina olhos de amor ao lacio povo,
que aos pés de teu altar corre a apinhar-se.

Origem d'esta festa

Nem é novo entre nós teu culto, ó deusa:
já Furio outr'ora, o vencedor da Etruria,
templos te erguera em cumprimento ao voto,
lá quando a plebe, em mó desamparando
feroz, e armas em punho, a curia imbelle,
foi no monte acolher-se, e Roma afflicta
previu no esforço proprio a propria queda.

Causa recens melior: passos Germania crines
    Porrigit auspiciis, Dux venerande, tuis.

Inde triumphatae libasti munèra gentis,
    Templaque fecisti, quam colis ipse, Deae.
Haec tua constituit genitrix et rebus et ara,
    Sola toro magni digna reperta Jovis.

Haec ubi transierint, Capricorno, Phoebe, relicto,
    Per Juvenis curres signa gerentis aquam.

Septimus hinc oriens quum se demiserit undis,
    Fulgebit toto jam Lyra nulla polo.

Sidere ab hoc, ignis, venienti nocte, Leonis
    Qui micat in medio pectore, mersus erit.

Ter quater evolvi signantes tempora Fastos;
    Nec sementiva est ulla reperta dies:
Quum mihi, sensit enim, lux haec indicitur, inquit
    Musa: quid a Fastis non stata sacra petis?
Utque dies incerta sacro, sic tempora certa;
    Seminibus jactis est ubi foetus ager.
State coronati plenum ad praesepe, juvenci,

Sim, mas teu culto novo, alma Concordia,
vem melhorado em ser, mais nobre em causa:
do principe de Roma ás leis e ao jugo
desgrenhada Germania a fronte humilha.

Parabens, parabens, Principe excelso!
Da triunfada gente o primo espolio
tu á Concordia em oblação o has dado;
tu lhe alçaste com elle o santo alcaçar,
em que serves tu mesmo, e onde a mãe tua,
a digna espoza do terrestre Jove,
altar e alfaias para o culto off'rece.

Passada a festa da feliz *Concordia*,
lá sais do Capricornio, e lá vizitas
do gentil moço *Aquario* o signo, ó Phebo.

Janeiro 17 — Sol no Aquario

Sette noites apoz, nem já vislumbre
vereis da *Lira* na amplidão celeste.

Janeiro 23 — Total desapparecimento da Lira

Mais outra noite, e a estrella que scintila
no peito do *Leão*, desapparece.

Janeiro 24 — Occaso do Leão

Nos Annaes onde as festas vêm marcadas
festas em vão busquei das *sementeiras*.
Vendo-me a folhear, cuidoso, assiduo,
e intendendo-me o empenho — «Em balde as buscas —
rindo a Musa me diz; — «¿ festas mudaveis
«das fixas no registro achar querias?
«Têm marcada a estação, e o dia incerto;
«celebram-se no praso em que estão prenhes
«de sementes os chãos. Gosae do ocio
«á farta manjadoira, ó bois c'roados!

Festas sementinas

Quum tepido vestrum vere redibit opus.
Rusticus emeritum palo suspendat aratrum :
Omne reformidat frigida vulnus humus.
Villice, da requiem terrae semente peracta :
Da requiem, terram qui coluere, viris.

Pagus agat festum. Pagum lustrate, coloni ;
Et date paganis annua liba focis.
Placentur matres frugum : Tellusque, Ceresque,
Farre suo, gravidae visceribusque suis.
Officium commune Ceres et Terra tuentur ;
Haec praebet causam frugibus, illa locum.

Consortes operum, per quas correcta vetustas,
Quernaque glans victa est utiliore cibo ;
Frugibus immensis avidos satiate colonos,
Ut capiant cultus praemia digna sui.
Vos date perpetuos teneris sementibus auctus ;
Nec nova per gelidas herba sit usta nives.
Quum serimus, coelum ventis aperite serenis ;
Quum latet, aetheria spargite semen aqua.
Neve graves cultis Cerealia dona, cavete,
Agmine laesuro depopulentur aves.

«Lá virá logo a activa Primavera,
»á cerviz repousada impondo jugo,
«co'a renascente lida affadigar-vos.
«No abrigo do casal durma por ora
«a cançada charrua; a terra fria
«não deseja, não soffre o ser rasgada.» —

Agora, que jaz finda a sementeira,
lavradores, dae folga ao solo, aos braços:
lustrem colonos sua aldêa em festa;
dêem a seus fogos a annual fogaça.
Tellus e Ceres, madres das searas,
já com seus mesmos grãos se propiciem,
já co'as intranhas da suina femea:
d'entre ambas nasce o grão que nos sustenta:
Ceres, nol-o produz; mantem-n-o a terra.

Festas paganaes

O' consocias em dadiva tão rica,
deusas, por quem a rude antiguidade
se abrandou, se poliu, deixada a glande
por mais nobre manjar, dae aos colonos,
em premio a seu trabalho e a seus desvelos,
colheita sem medida e que os sacie!
Dae augmento continuo aos germes tenros,
e que a neve á nascença os não destrua!
Em quanto disparzirmos as sementes,
alimpae-nos o ceo com ventos brandos;
mal que interrada fôr, mandae-lhe as chuvas;
e, pois são gloria vossa as pingues messes,
que em vagas d'oiro ao longo d'essas veigas
rumorejam fartura, eia! salvae-as
do avido bico das aladas hostes!

Invocação a Tellus e Ceres

Vos quoque subjectis, formicae, parcite granis:
Post messem praedae copia major erit.
Interea crescat scabrae robiginis expers,
Nec vitio coeli palleat aegra seges;
Et neque deficiat macie, neque pinguior aequo
Divitiis pereat luxuriosa suis;
Et careant loliis oculos vitiantibus agri;
Nec sterilis culto surgat avena solo.
Triticeos foetus, passuraque farra bis ignem,
Hordeaque ingenti foenore reddat ager.

Hoc ego pro vobis, hoc vos optate, coloni;
Efficiantque ratas utraque Diva preces.

Bella diu tenuere viros. Erat aptior ensis
Vomere; cedebat taurus arator equo.
Sarcula cessabant; versique in pila ligones,
Factaque de rastri pondere cassis erat.

Gratia Dis, domuique tuae: religata catenis
Jam pridem nostro sub pede bella jacent.
Sub juga bos veniat; sub terras semen aratas,
Pax Cererem nutrit: Pacis alumna Ceres.

Por ora, que inda a terra o grão recata,
vós, formigas, poupae-o! usura grande
havereis d'elle, se aguardais a aceifa.
Livre de torpe alforra a messe vingue;
e côr d'alma saude o ceo lhe influa;
que nem definhe palida, nem perca
por excesso de viço e nimia pompa;
joio á vista nocivo os chãos não brotem;
nem torpe aveia as sementeiras mesole;
Só se vejam medrar profusamente
as cevadas, o trigo, e a rija escandia,
a escandia, a fogos dois predestinada!

Lavradores, por vós taes são meus rogos!
Co'os rogos meus os vossos se misturem
porque uma e outra deusa os ratifiquem!

Ferina longo tempo a humanidade
só nutriu bellicosos pensamentos;
mais apreço que a relha a espada tinha,
e em foros de nobreza era anteposto
o corsel que peleja ao boi que lavra.
Não trabalhava a enchada; ia-se em lanças
dos alviões o ferro; o ensinho em elmos.

Paz actual em todo o Imperio

Graças, deuses, a vós, a vós, ó Cesares!
o Genio marcial, agrilhoado,
já sob os pés de Roma em vão se estorce.
O toiro, acceite o jugo; o solo, os germes;
Ceres, filha da paz, co'a paz triunfe.

At, quae venturas praecedet sexta Kalendas,
Hac sunt Ledaeis templa dicata Diis.
Fratribus illa Deis fratres de gente Deorum
Circa Juturnae composuere lacus.

Ipsum nos carmen deducit Pacis ad aram;
Haec erit a mensis fine secunda dies.
Frondibus Actiacis comtos redimita capillos,
Pax, ades; et toto mitis in orbe mane.

Dum desunt hostes, desit quoque causa triumphi:
Tu ducibus bello gloria major eris.
Sola gerat miles, quibus arma coerceat, arma;
Canteturque fera nil, nisi pompa, tuba.
Horreat Aeneadas et primus et ultimus orbis.
Si qua parum Romam terra timebit, amet.

Tura, sacerdotes, pacalibus addite flammis;
Albaque percussa victima fronte cadat.
Utque domus, quae praestat eam, cum Pace perennet,
Ad pia propensos vota rogate Deos.

Sed jam prima mei pars est exacta laboris,
Cumque suo finem mense libellus habet.

Das Calendas áquem, seis dias conta,
e incontrarás a data, em que dicado
foi aos gemeos Ledeus o templo duplex,
que ao lago de Juturna está propinquo;
aos dois numes irmãos condigna offerta
de dois, irmãos tambem, tambem divinos.

Janeiro 27 — Castor e Pollux.

Eis ao altar da Paz chegado o canto!
Só resta um dia ao mez. Vem, coroada
dos loiros d'Accio, ó Paz gentil e amena,
presidir de teu culto ás doces festas,
e do orbe, que é teu, não mais refujas.

Janeiro 30 — Culto da Paz em Roma

Já Romano poder não tem contrarios!
Cesse alfim a corrente dos triunfos!
brioso o coração dos chefes nossos
á gloria do vencer prefere a tua.
Tão só para impedir que se ergam armas,
armas traga o soldado; e só festejos
pregôe retroando a marcia tuba.
Ao nome dos Eneades Romanos
trema a terrea extensão d'um polo a outro,
ou só perca o tremer para adoral-os!

Eia, as aras pacificas vos chamam;
sacerdotes, voae, chovei-lhe incensos;
e, rota a fronte co'o sagrado ferro,
victima branca ás vossas mãos procumba.
A rogos pios não resistem numes;
supplicae-lhes que a paz, e a clara estirpe,
de quem a paz nos vem, perpetuas durem.

Da primeira tarefa alcanço o termo:
jaz percorrido o mez; repouse o canto.

Epilogo

FASTORUM



LIBER II

Februarius mensis



Janus habet finem. Cum carmine crescit et annus.
Alter ut hinc mensis, sic liber alter eat.

Nunc primum velis, Elegi, majoribus itis;
Exiguum, memini, nuper eratis opus.
Certe ego vos habui faciles in amore ministros,
Quum lusit numeris prima juventa suis.
Idem sacra cano, signataque tempora Fastis:
Ecquis ad haec illinc crederet esse viam?
Haec mea militia est; ferimus, quae possumus, arma;
Dextraque non omni munere nostra vacat.

Si mihi non valido torquentur pila lacerto,
Nec bellatoris terga premuntur equi,
Nec galea tegimur, nec acuto cingimur ense;

OS FASTOS



LIVRO II

O mez de Fevereiro



Passou Jano; em seu giro avança o tempo.
Reclama novo mez um canto novo.

Proposição; invocação a Cesar

Estro, votado outr'ora a vãos assumptos,
abre em mais largo mar mais amplas velas!
Versos, que lá na flórea mocidade
a meus brincos de amor tão promptos vinheis,
hoje vos alço a memorar de Roma
as sacras annuaes solemnidades;
Tal porvir quem jámais vos prediria!
eis a milicia minha; á patria inutil
d'este modo sequer não peza o vate.

Se o dardo não arrojo, ou cinjo espada,
se, coberto de ferreo capacete,
em guerreiro corcel não vôo ás lides,

(His habilis telis quilibet esse potest);
At tua prosequimur studioso pectore, Caesar,
Nomina; per titulos ingredimurque tuos.
Ergo ades, et placido paulum mea munera vultu
Respice; pacando si quid ab hoste vacas.

Februa Romani dixere piamina patres;
Nunc quoque dant verbo plurima signa fidem:
Pontifices ab Rege petunt et Flamine lanas,
Quis veteri lingua Februa nomen erat.
Quaeque capit lictor domibus purgamina certis,
Torrida cum mica farra, vocantur idem.
Nomen idem ramo, qui caesus ab arbore pura,
Casta sacerdotum tempora fronde tegit.
Ipse ego Flaminicam poscentem februa vidi;
Februa poscenti pinea virga data est.
Denique quodcumque est, quo pectora nostra piamur,
Hoc apud intonsos nomen habebat avos.

Mensis ab his dictus, secta quia pelle Luperci
Omne solum lustrant, idque piamen habent;
Aut quia placatis sunt tempora pura sepulcris
Tunc, quum ferales praeteriere dies.

Omne nefas, omnemque mali purgamina causam

coisas que podem mil, que podem todos;
pela patria, por ti, de amor fervendo
canto, ó Cesar, teu nome, os teus louvores.
Benigno o don me acceita; e se, no empenho
de fundar co'a victoria a paz do Globo,
tens hora de folgar, põe n'elle os olhos.

Ás sacras *expiações* chamavam *Februa*
romanos bisavós; e inda hoje duram
d'esse antigo dizer patentes restos.
Vellos de lã, que ao rei dos sacrificios,
e ao Flámine os Pontifices requerem,
Februa no antigo idioma os nomeavam;
Februa egualmente ao *bolo* recosido,
temperado co'o *sal*, que em lares certos
se apresenta ao *Lictor*; e *Februa* o *ramo*
que adorna a casta fronte aos sacerdotes.
Flaminica vi eu, que ao pedir *februa*
por *februa* a pinea vara recebia;
tudo alfim, quanto alimpa a consciencia,
dos hirsutos avós foi dito *februa*.

Februas etimologia de Fevereiro

De *februa* Fevereiro arroga o nome;
ou já porque de lategos em punho
vão Lupercos lustrando os sitios todos
a bem de os expiar; ou porque os tempos,
então que as sepulturas se applacaram,
e os *feraes dias* já lá vão, começam
de novo a devolver-se amenos, puros.

Era crença robusta em nossos velhos,
que não havia crime, horror, desgraça,

Superstição das expiações

Credebant nostri tollere posse senes.

Graecia principium moris fuit: illa nocentes
Impia lustratos ponere facta putat.
Actoriden Peleus, ipsum quoque Pelea Phoci
Caede per Haemonias solvit Acastus aquas.
Vectam frenatis per inane draconibus Aegeus
Credulus immerita Phasida juvit ope.
Amphiaraides Naupactoo Acheloo,
Solve nefas, dixit; solvit et ille nefas.

Ah! nimium faciles, qui tristia crimina caedis
Fluminea tolli posse putetis aqua!

Sed tamen (antiqui ne nescius ordinis erres)
Primus, ut est Jani mensis, et ante fuit.
Qui sequitur Janum, veteris fuit ultimus anni.
Tu quoque sacrorum, Termine, finis eras.
Primus enim Jani mensis, quia janua prima est,
Qui sacer est imis Manibus, imus erat.
Postmodo creduntur spatio distantia longo
Tempora bis quini continuasse Viri.

Principio mensis, Phrygiae contermina Matri
Sospita delubris dicitur aucta novis.
Nunc ubi sint illis, quaeris, sacrata Kalendis
Templa Deae? longo procubuere die.
Caetera ne simili caderent labefacta ruina,

que 'nessas purgações não se extinguisse.

Tal fé nas *lustrações*, para tornar-se
um scelerado á candida innocencia,
quem senão tu, ó Grecia, a inventaria?
Peleu *ablue* do derramado sangue
a Patróclo; a Peleu, o ablue Acasto.
Medêa em coche de dragões volantes
chega ao credulo Egeu, e o nescio julga
de ré tão negra a absolvição possivel.
O filho de Amphiarau, diz a Achelóo:
— «Solve-me o parricidio» — e logo é solto.

Credulidade vã!: suppôr que os rios
do sangue esparso aos criminosos lavem!

Porque saibais os computos antigos,
tinha Jano, como hoje, o mez primeiro;
mas o mez, que entre nós succede a Jano,
era o ultimo então, e as tuas festas,
ó Termino, do anno as derradeiras.
Jano, por que aos introitos preside,
tinha do anno o introito; dos Manes
era o prazo, em que o giro annual fenece.
Foram (crê-se) os Decemviros, que uniram
suprimindo o intervallo, os dois extremos.

Fôra Fevereiro o mez ultimo do anno

No intrar de Fevereiro, aponta a fama,
que em honra a ti, ó *Sospita*, dicaram
ao pé da Phrigia Madre, um templo novo.
¿Perguntam-me onde está? desfel-o a edade;
desfel-o: porem vós, vós templos de hoje,

Fevereiro 1 — Juno Sospita

Cavit sacrati provida cura Ducis;
Sub quo delubris sentitur nulla senectus,
Nec satis est homines; obligat ille Deos.
Templorum positor, templorum sancte repostor,
Sit Superis, opto, mutua cura tui.
Dent tibi coelestes, quot tu coelestibus, annos;
Proque tua maneant in statione domo.

Tum quoque vicini lucus celebratur Asyli;
Qua petit aequoreas advena Tibris aquas.

Ad penetrale Numae, Capitolinumque Tonantem,
Inque Jovis summa caeditur arce bidens.
Saepe graves pluvias adopertus nubibus Auster
Concitat, aut posita sub nive terra latet.

Proximus Hesperias Titan abiturus in undas,
Gemmea purpureis quum juga demit equis;
Illa nocte aliquis, tollens ad sidera vultum,
Dicet: Ubi est hodie, quae Lyra fulsit heri?

não temais fado egual: um sacro chefe
protector de homens, protector de numes,
vos guarda, vos mantem do tempo illesos.
Salve, Restaurador das aras priscas,
e de aras novas Fundador! os deuses
te amparem (oxalá!) como os amparas!
a duração, que lhes tu dás no culto,
elles t'a dêm no Imperio, e se te postem,
perpetua guarda a teus umbraes augustos!

Inda outras festas as calendas trazem: Festa no asilo
vai-se com pompa ao sacrosanto bosque
do asilo, que á cidade está visinho,
lá perto donde o Tibre as mansas aguas
cançadas de correr ao mar entrega.

Cordeira de annos dois se immola a Vesta, Sacrifica-se a Vesta
no sanctuario seu, proximo ao sitio
onde do velho Numa era a vivenda;
outra, no altar de Jupiter Tonante, Sacrifica-se a Jupiter
via do Capitolio; em fim terceira,
ao mesmo deus da alcáçova no cume.

Muita vez n'este praso Austro nubloso
desata os ceos em chuva, ou se acoberta
de branca neve a terra esmorecida.

Quando o seguinte sol houver soltado Fevereiro 2 — Occaso da Lira e de parte do Leão
rubros corceis do aurigemante coche,
quem para os ceos olhar — «Não vejo a *Lira* —
dirá — «que hontem d'além me scintilava!» —

Dumque Lyram quaeret, medii quoque terga Leonis
    In liquidas subito mersa notabit aquas.

Quem modo coelatum stellis Delphina videbas,
    Is fugiet visus nocte sequente tuos.
Seu fuit occultis felix in amoribus index;
    Lesbida cum domino seu tulit ille lyram.

Quod mare non novit? quae nescit Ariona tellus?
    Carmine currentes ille tenebat aquas;
Saepe sequens agnam lupus est hac voce retentus;
    Saepe avidum fugiens restitit agna lupum;
Saepe canes leporesque umbra cubuere sub una;
    Et stetit in saxo proxima cerva leae;
Et sine lite loquax cum Palladis alite cornix
    Sedit; et accipitri juncta columba fuit.
Cynthia saepe tuis fertur, vocalis Arion,
    Tamquam fraternis, obstupuisse modis.
Nomen Arionium Siculas impleverat urbes,
    Captaque erat lyricis Ausonis ora sonis;
Inde domum repetens puppim conscendit Arion,
    Atque ita quaesitas arte ferebat opes.

Em quanto assim confuso a andar buscando,
subito lá verá no equoreo pego
metade do *Leão* ir-se ingolindo.

Mais uma noite.... e o que brilhava ha pouco
estrellado Golfinho, eis desparece!
Quem dirá, claro peixe, a origem tua!
¿Serias o de tacitos amores
medianeiro feliz? ¿ou sobre o dorso
o que levou nadando, e poz em salvo
co'a cithara divina o vate Lesbio?

Fevereiro 3—Occaso e historia do Golfinho

¿A historia d'Arion quem ha que ignore?
toda a terra a conhece, e os mares todos.
Elle as correntes rapidas sustinha;
indo-se apoz da ovelha, o lobo infesto
parava para ouvil-o; e para ouvil-o
parava como o lobo a propria ovelha;
viam-se á mesma sombra os cães e as lebres,
deitados escutar; e a mesma rocha
tranquillas reunir leoa e cerva;
gralha loquaz e o passaro de Pallas
cessavam de renhir; em fim suspensos
poisavam n'um só ramo o açor e a pomba.
Diana vezes mil teus sons ouvindo,
suavissimo Arion, ficou suspensa,
qual se escutara os canticos fraternos.
Teu nome inchia as Siculas cidades;
de tua lira apoz corria Ausonia.

Fabula de Arion

D'Ausonia ia o cantor volver-se á patria
fiando ao lenho undivago, que o leva,
amplos thesoiros, que ajuntou seu canto.

Forsitan, infelix, ventos undamque timebas;
    At tibi nave tua tutius aequor erat:

Namque gubernator destricto constitit ense,
    Caeteraque armata conscia turba manu.
Quid tibi cum gladio? dubiam rege, navita, pinum:
    Non sunt haec digitis arma tenenda tuis.
Ille metu vacuus, Mortem non deprecor, inquit;
    Sed liceat sumta pauca referre lyra.
Dant veniam, ridentque moram. Capit ille coronam,
    Quae possit crines, Phoebe, decere tuos.
Induerat Tyrio bis tinctam murice pallam.
    Reddidit icta suos pollice chorda sonos;
Flebilibus veluti numeris canentia dura
    Trajectus penna tempora cantat olor.
Protinus in medias ornatus desilit undas;
    Spargitur impulsa caerula puppis aqua.
Inde (fide majus!) tergo delphina recurvo
    Se memorant oneri supposuisse novo.
Ille sedens citharamque tenet, pretiumque vehendi

Talvez do mar, do vento ia medroso,
quando o proprio baixel lhe urdia o damno,
e a gloria de o salvar tocava ás ondas.

De espada em punho, o capitão seguido
da chusma toda armada, eis se apresenta,
(conjuração medonha !) ao vate imbelle !
Que tropel ! que furor ! que insania, ó impios !
largae o ferro d'essas mãos improprio !
regei o leme, que se vaga a tôa !
O cantor imperterrito — « Escutae-me —
exclama, — « não supplico o don da vida ;
« mas só me consintais o ultimo canto ;
« e curto será elle. » — Ao rogo annuem,
riem da dilacção. Toma corôa,
que adornaria a fronte ao proprio Phebo ;
manto retincto em múrice fenicio,
aos hombros lança ; e dedilhando as cordas,
magoados sons desfere. Acreditáreis
de algum candido cisne ao pé do Eurotas
rota a cabeça de volante setta
consternada harmonia estar ouvindo.
Eil-o no meio do geral silencio,
mesmo vestido, ornado, a lira em braços,
dá comsigo precipite nas ondas !
ao truz rebenta o mar em fôfa espuma ;
toda a azulada pôpa em torno orvalha.
Logo (incrivel portento !) á carga estranha
pio Delfim submette o curvo dorso.
Pela campina azul lá trota o vate,
lá vai da maga cithara esparzindo
ao bom do seu corsel jocundo premio.

Cantat; et aequoreas carmine mulcet aquas.
Di pia facta vident: astris delphina recepit
Jupiter, et stellas jussit habere novem.

Nunc mihi mille sonos, quoque est memoratus Achilles,
Vellem, Maeonide, pectus inesse tuum!
Dum canimus sacras alterno carmine Nonas,
Maximus hinc Fastis accumulatur honos.
Deficit ingenium, majoraque viribus urgent;
Haec mihi praecipuo est ore canenda dies.
Quid volui demens elegis imponere tantum
Ponderis? heroi res erat ista pedis.
Sancte Pater patriae! tibi plebs, tibi Curia nomen
Hoc dedit; hoc dedimus nos tibi nomen eques.
Res tamen ante dedit; sero quoque vera tulisti
Nomina: jampridem tu pater orbis eras.
Hoc tu per terras, quod in aethere Jupiter alto,
Nomen habes: hominum tu pater, ille Deum.

Romule, concedas: facit hic tua magna tuendo
Moenia: tu dederas transilienda Remo.
Te Tatius, parvique Cures, Caeninaque sensit.

E ao som do canto, que amacia os ares,
das vagas loucas se esvaece a furia.
O generoso feito aprouve aos numes:
Jove assume o Delfim do oceano aos astros,
e estrellas nove em galardão lhe outorga.

Quem me ora desse voz longitroante,
e a Homeria tuba do cantor de Achilles! :
toca-me celebrar as sacras *nonas;*
opprime os versos meus o honroso incargo;
o ingenho se acovarda, e furta os hombros,
quando á pompa do assumpto as forças mede.
Requer tamanho dia eximio vate;
¿como ousou plectro affeito ás elegias
a foros de epopeia abalançar-se?!
— «O' sacro *pae da patria*» — a plebe, a curia
clamam, clamamos nós, os cavalleiros. —
Tarde tal nome, ó principe, te démos;
pae da patria, e do orbe, eras de muito.
Primeiro do que nós, as acções tuas
te haviam d'esse modo intitulado.
O que Jove é nos ceos, és tu na terra:
elle dos numes pae; tu, pae dos homens.

Fevereiro 5—Decreta-se titulo de PAE DA PATRIA a Augusto

Não injurio a Romulo, se affirmo
que á tua proteção devem seus muros
grandeza triunfal que hoje alardeam;
Remo saltava os delle; os teus impunes
desafiam as iras do universo.
Elle, a Tacio venceu, Cenina, Cures,
torrões mesquinhos de apoucada gente;

Hoc duce Romanum est solis utrumque latus.
Tu breve nescio quid victae telluris habebas:
Quodcumque est alto sub Jove, Caesar habet.
Tu rapis; hic castas duce se jubet esse maritas.
Tu recipis luco, submovet ille nefas.
Vis tibi grata fuit; florent sub Caesare leges.
Tu domini nomen, principis ille tenet.
Te Remus incusat; veniam dedit hostibus ille.
Coelestem fecit te pater, ille patrem.

Jam puer Idaeus media tenus eminet alvo,
Et liquidas mixto nectare fundit aquas.
En etiam, si quis borean horrere solebat,
Gaudeat: a zephyris mollior aura venit.

Quintus ab aequoreis nitidum jubar extulit undis
Lucifer; et primi tempora veris eunt.
Ne fallare tamen; restant tibi frigora, restant;
Magnaque discedens signa relinquit hiems.

Tertia nox veniat: custodem protinus Ursae
Adspicies geminos exseruisse pedes.

e o sol, desde que aos fados nos presides,
no Oriente só vê, só vê no occaso
nosso Imperio sem termo, e Roma em tudo.
Fôra conquista d'elle e seu dominio
área acanhada de não sei que solo;
de Cesar o poder abrange o globo;
quanto jaz sob os ceos, adora a Cesar.
Elle, o rapto ordenou, e deu-lhe o exemplo;
tu, do santo Himeneu zelando os foros,
das espozas mantens a castidade.
Elle, asilava o crime; e tu, o expulsas.
Bruta violencia a Romulo prazia;
ao teu suave abrigo as leis florecem.
Elle, senhor; tu, principe te ostentas.
Foi fratricida, os inimigos poupas.
De seu pae lhe proveio o grao de nume;
grao de nume a teu pae tu grangeaste.

Já té á cinta do horisonte surge
o copeiro de Jove, o Ideu menino,
aguas e nectar a esparzir da urna.
Vós, que aos sopros do inverno heis tiritado,
folgae; macios zephiros aspiram.

Desponta o Aquario

Quando o sol quinta vez desponte os lumes
renasce primavera. O floreo nome
não te engane porem; que inda te aguardam
da frigida estação não parcos restos.

Fevereiro 9 — Entra a Primavera

A' terça noite, o guardador da Ursa
já nos amostra os pés; a historia d'ambos,
se a desejais saber, contar-vos posso.

Fevereiro 11 — Apparição do Bootes

Inter Hamadryadas, jaculatricemque Dianam

Callisto sacri pars fuit una chori.

Illa Deae tangens arcus: Quos tangimus, arcus,

Este meae testes virginitatis, ait.

Cynthia laudavit; Promissaque foedera serva;

Et comitum princeps tu mihi, dixit, eris.

Foedera servasset, si non formosa fuisset.

Cavit mortales; de Jove crimen habet.

Mille feras Phoebe silvis venata redibat;

Aut plus, aut medium sole tenente diem.

Ut tetigit lucum (densa niger ilice lucus,

In medio gelidae fons erat altus aquae)

Hac, ait, in silva, virgo Tegeaea, lavemur.

Erubuit falso virginis illa sono.

Dixerat et Nymphis; Nymphae velamina ponunt.

Hanc pudet, et tardae dat mala signa morae.

Exuerat tunicas; uteri manifesta tumore

Proditur indicio ponderis ipsa sui.

Fabula de Callisto

Bem que das Hamadriades consocia,
era sempre Callisto, apoz Diana,
quem do sagrado côro ia na frente.
Um dia, pondo a mão no arco á deusa,
— « Arco invicto — exclamou — « sê testimunha
« do sacrosanto voto a que me obrigo,
« de guardar sempre em flor minha innocencia. » —
Diana a louva, a applaude; e — « Persevera
« no proposito — diz — « que eu te designo
« do meu fragueiro sequito princeza. » —

Oppõe-se ao juramento a formosura:
esquiva-se aos mortaes, succumbe a Jove.

Arde o sol no zenith. A casta deusa,
lassa de montear por mattas broncas,
vai buscando frescura; e dá 'num bosque
de antigo azinheiral romurejante;
escuridade mistica o povoa;
fonte perene lhe mantem no centro
de frias aguas cristallino lago.
— « Que espelho! que frescor! que paz! que sombras! —
exclama — « ao banho, ao banho, arcadia virgem. » —
Sentindo quanto o *virgem* lhe descabe,
a infeliz se afogueia em tardo pejo.
Ao convite de Phebe as mais folgando,
rapidas se deslaçam, se despojam;
nudez alva de lirio acclara a selva.
Callisto, de imital-as se acovarda;
o estranho demorar já dá suspeitas!....
mas despe-se, as suspeitas se confirmam:
o arredondado ventre, o seio.... a accusam.

Cui Dea, Virgineos, perjura Lycaoni, coetus
    Desere, nec castas pollue, dixit, aquas.

Luna novum decies implerat cornibus orbem;
    Quae fuerat virgo credita, mater erat.
Laesa furit Juno, formam mutatque puellae.
    Quid facis? invicto pectore passa Jovem est.
Utque ferae vidit turpes in pellice vultus;
    Hujus in amplexus Jupiter, inquit, eat.

Ursa per incultos errabat squalida montes,
    Quae fuerat summo nuper amanda Jovi.

Jam tria lustra puer furto conceptus agebat,
    Quum mater nato est obvia facta suo.
Illa quidem, tamquam cognosceret, adstitit amens;
    Et gemuit; gemitus verba parentis erant.
Hanc puer ignarus jaculo fixisset acuto,
    Ni foret in superas raptus uterque domos.
Signa propinqua micant. Prior est, quam dicimus Arcton:
    Artophylax formam terga sequentis habet.
Saevit adhuc, canamque rogat Saturnia Tethyn,
    Maenaliam tactis ne lavêt Arcton aquis.

— « Foge, foge, ó perjura ! — exclama a deusa ; —
« raça de Licaon, sae d'entre as virgens ;
« não deslustres o puro á casta fonte ! » —

Decima vez a Lua inteira o disco ;
a donzella é já mãe. Raivosa Juno,
por vingar seu amor, seu grao, seus foros,
a odiada rival transforma em ursa ;
ignora que a mizerrima é sem crime,
que lutou, que cedeu de Jove ás forças !
e ufana co'a brutal metamorphose,
— « Vai ! permitto-te — diz — « que a Jove abraces. » —

Ai ! lá vagueia pelas bravas serras,
esqualida, medonha, a que inda ha pouco
ao arbitro do mundo enamorava.

Já o nascido do amoroso furto
tres lustros numerava, quando acaso
se incontraram na caça a mãe e o filho :
ella como que ainda o conhecera,
absorta se detem ; entra aos gemidos ;
ao amor maternal taes sons só restam.
No ponto, em que o mancebo ia vibrar-lhe
n'um cego tiro a morte, etherea força
os arrebata ás regiões sidereas ;
lá, um visinho ao outro, estão brilhando.
D'estas constellações é uma o Arctos,
Arctophylas a outra, a mais pequena,
a que da grande após correr parece.
Não pára da Saturnia inda a vingança : A Ursa não tem occaso
da alva Thetis obtem, que nunca a ursa
no equoreo pego logrará banhar-se.

Idibus agrestis fumant altaria Fauni,
    Hic ubi discretas insula rumpit aquas.

Haec fuit illa dies, in qua Veientibus arvis
    Ter centum Fabii ter cecidere duo.
Una domus vires et onus susceperat urbis :
    Sumunt gentiles arma professa manus.
Egreditur castris miles generosus ab isdem ;
    E quis dux fieri quilibet aptus erat.
Carmentis portae dextro via proxima Jano est.
    Ire per hanc noli, quisquis es ; omen habet.
Illa fama refert Fabios exisse trecentos ;
    Porta vacat culpa ; sed tamen omen habet.
Ut celeri passu Cremeram tetigere rapacem,
    Turbidus hibernis ille fluebat aquis ;
Castra loco ponunt : destrictis ensibus ipsi
    Tyrrhenum valido Marte per agmen eunt ;
Non aliter, quam quum Lybica de rupe leones
    Invadunt sparsos lata per arva greges.
Diffugiunt hostes, inhonestaque vulnera tergo
    Accipiunt ; Tusco sanguine terra rubet :

Nos Idos fuma altar a Fauno agreste,
na ilhota, que amoroso abraça o Tibre.

Fevereiro 13—Festa de Fauno

N'esse dia, as planicies dos Vegentes
viram do ferro hostil cair ceifados
trezentos seis heroes da Fabia gente;
nobre familia, que impunhando as armas
cifra em si o valor da patria Roma,
e dos fados de Roma assume o pezo!
Nos trezentos e seis, soldados todos,
não se apontava um só, que não podesse
capitanear exercitos. Ouvi-me:
¿da porta Carmental sabeis a estrada?
essa que tem á dextra o Janio templo?
fugi d'ella; fugi!, que incerra agoiro:
foi por lá, que os magnanimos sairam
pela ultima vez. Do fado o crime
não foi da porta, não, mas funestou-a.
Voam, chegam do Crémera á corrente,
c'o desatado inverno então raivosa;
ali poem arraial; da espada arrancam,
e pelo meio das Tirrhenas hostes
incontrastavel impeto os remessa:
taes descem de alcantis leões da Libia,
e os gados na planicie investem prostram.
O inimigo medroso arranca a fuga;
golpes e golpes do romano aceiro
vão nas espaldas a chover-lhe opprobrio;
de tusco sangue a terra é toda um lago.
Da victoria gentil, brotam victorias;
segunda vez, terceira, e quantas ousa
em campo aberto contrapor-se aos Fabios,

Excidio dos Fabios

Sic iterum, sic saepe cadunt; ubi vincere aperte
    Non datur, insidias armaque caeca parant.

Campus erat: campi claudebant ultima colles,
    Silvaque montanas occulere apta feras.
In medio paucos, armentaque rara reliquunt:
    Caetera virgultis abdita turba latet.
Ecce, velut torrens undis pluvialibus auctus,
    Aut nive, quae zephyro victa repente fluit,
Per sata, perque vias fertur; nec, ut ante solebat,
    Riparum clausas margine finit aquas;
Sic Fabii latis vallem discursibus implent;
    Quosque vident, sternunt; nec metus alter inest.
Quo ruitis, generosa domus? male creditur hosti!
    Simplex nobilitas, perfida tela cave.

Fraude perit virtus; in apertos undique campos
    Prosiliunt hostes, et latus omne tenent.
Quid facient pauci contra tot millia fortes?
    Quidve, quod in misero tempore restet, habent?
Sicut aper silvis longe Laurentibus actus
    Fulmineo celeres dissipat ore canes,
Mox tamen ipse perit; sic non moriuntur inulti;
    Vulneraque alterna dantque, feruntque, manu.
Una dies Fabios ab bellum miserat omnes;

colhe o inimigo co'o desdoiro a morte.
Emboscadas, traições, dos vis refugio,
só vós podeis valer-lhe, a vós recorre.

Entre oiteiros, e mattas só azadas
a ferinos covís, se estira um valle;
dispersos por ali deixam vagando
alguns poucos dos seus, e escassas rezes:
a demais turba se retrae, se imbosca.
'Nisto (qual rio, que ingrossaram chuvas,
ou quaes neves, que os zefiros solveram,
que afogam vias, sementeiras, tudo)
entra ao valle com largas correrias
a Fabia legião victoriosa;
quanto incontra diante, assola, varre.
Parae, parae magnanima progenie!
¿onde ás cegas vos leva ardor invicto?!
contra o brio animoso, ha tiros perfidos.

Ai! vãmente prudencia — « Atraz » — lhes grita;
eil-os no raso campo eil-os cercados!
Já não ha n'este aperto algum regresso!
O valor cede ao numero; succumbem.
¿Vistes expulso das laurencias brenhas
serdoso javali desatinado
de cães audazes dissipar matilhas,
c'os navalhados, co'os fulmineos dentes,
até que alfim matando a morte incontra?
tal cae, mas não inulta, a Fabia gente:
ao ferro, que a destroe, responde o ferro;
em quanto perdem sangue o alheio esparzem.
Roma os vira sair n'um dia todos;

Ad bellum missos perdidit una dies.
Ut tamen Herculeae superessent semina gentis,
Credibile est ipsos consuluisse Deos;
Nam puer impubes, et adhuc non utilis armis,
Unus de Fabia gente relictus erat;
Scilicet ut posses olim tu, Maxime, nasci,
Cui res cunctando restituenda foret.

Continuata loco tria sidera, Corvus ut Anguis,
Et medius Crater inter utrumque jacet.

Idibus illa latent: oriuntur nocte sequenti.
Quae sibi cur tria sint consociata, canam.

Forte Jovi festum Phoebus solemne parabat.
(Non faciet longas fabula nostra moras).
I, mea, dixit, avis, ne quid pia sacra moretur;
Et tenuem vivis fontibus affer aquam.
Corvus inauratum pedibus cratera recurvis
Tollit, et aerium pervolat altus iter.
Stabat adhuc duris ficus densissima pomis;
Tentat eam rostro; non erat apta legi.
Immemor imperii sedisse sub arbore fertur,
Dum fierent tarda dulcia poma mora.

a todos n'um só dia a Parca os prostra.
Cuidado foi porem dos proprios deuses
(se á razão lêr nos ceos é permittido)
o conservar de tão herculea gente
raiz que no futuro a renovasse:
ás armas inda improprio, imberbe infante
era ficado em Roma, ultimo Fabio.
Foi dita! foi superna providencia!:
afim de que nascer podesse um dia
Maximo, o Tardador, broquel da patria.

Mas tres constellações lá vêm seguidas!:
Corvo, *Serpente*, e o *Vazo* em meio d'ambos!
noite, que aos Idos segue, as manifesta.

Fevereiro 14 — Nascimento das constellações Serpente, Corvo e Cratera; sua historia

Da conjunção das tres direi a origem:
infado não temais; é breve o conto.

Lembrou-se Appollo com solemne bodo
a Jove regalar: — « Vai — disse ao corvo —
« meu fiel, desce á fonte, e d'agua pura
« traze presto o preciso á sacra festa. » —
Co'as garras aurea talha o corvo impolga,
desfere o vôo, pelos ceos desliza.

Densa figueira no caminho o tenta;
baixa, poisa, co'o bico apalpa a fruta,
acha-a verde; esqueceram-lhe recados;
impoleira-se, á espera que amadure.

Veio a propria estação; comeu; fartou-se.
Farto de figos recordou-se d'agua!

Inde satur nigris longum rapit unguibus hydrum;
  Ad dominumque redit, fictaque verba refert:
Hic mihi causa morae, vivarum obsessor aquarum;
  Hic tenuit fontes, officiumque meum.
Addis, ait, culpae mendacia? Phoebus, et audes
  Fatidicum verbis fallere velle Deum!
At tibi, dum lactens haerebit in arbore ficus,
  De nullo gelidae fonte bibantur aquae.

Dixit. Et antiqui monumenta perennia facti,
  Anguis, Avis, Crater, sidera juncta micant.

Tertia post Idus nudos Aurora Lupercos
  Adspicit; et Fauni sacra bicornis eunt.

Dicite, Pierides, sacrorum quae sit origo;
  Attigerint Latias unde petita domos.

Pana Deum pecoris veteres coluisse feruntur
  Arcades; Arcadiis plurimus ille jugis.
Testis erit Pholoe; testes Stymphalides undae;
  Quique citis Ladon in mare currit aquis;
Cinctaque pinetis nemoris juga Nonacrini;
  Altaque Cyllene, Parrhasiaeque nives.

¿Que fará?.... muito a ponto o acaso veio;
uma serpe!.... que achado! impolga a serpe,
enche a talha, e lá vai. Do nume ás plantas
depõe a carga, e diz: — «Tardei, meu nume,
«mas não foi minha a culpa; ahi tens o bruto,
«o descortez, que me ha defeso a fonte.
«Se não logro vencel-o, inda eu lá era!» —
— «¿Juntar o imbuste ao crime? — o deus prorompe —
«a mim, que os fados leio, ousas burlar-me!
«pena de tanto arrojo eu te condemno,
«que nunca, nunca mais, em quanto o figo
«lacteo se vir na arvore apegado,
«logres dessedentar-te em fonte alguma.» —

Disse; e para lembrança do successo,
o *Corvo*, a *Serpe*, o *Vazo*, ahi brilham juntos.

Aos Idos sobrevêm co'a terça aurora, **Fevereiro 15 — Festas Lupercaes em honra de Pan; sua origem**
Bicornio agreste Pan, teus sacrificios,
na cidade correndo nús Lupercos.

Musas, narrae a origem d'este culto,
e d'onde foi trazido á Lacia terra.

É fama, que entre os Arcades antigos
Pan dos gados fautor, grão culto houvera;
sua imagem se via em cada oiteiro;
vós, ó aguas stinfalides, tu, Pholoe,
tu Ladon, que ligeiro ao mar te invias,
vós, pinheiraes dos Nonacrinos serros,
tu, fragoso Cillene, e vós não menos,
Parrhasias neves, que digais se eu minto.

Pan erat armenti custos, Pan numen equarum ;
    Munus ob incolumes ille ferebat oves.

Transtulit Evander silvestria numina secum.
    Hic, ubi nunc urbs est, tum locus urbis erat.
Inde Deum colimus, devectaque sacra Pelasgis.
    Flamen adhuc prisco more Dialis agit.

Cur igitur currant ; et cur, sic currere mos est,
    Nuda ferant posita corpora veste, rogas?
Ipse Deus velox discurrere gaudet in altis
    Montibus ; et subitas concitat ille feras.
Ipse Deus nudus nudos jubet ire ministros ;
    Nec satis ad cursum commoda vestis erat.

Ante Jovem genitum terras habuisse feruntur
    Arcades, et luna gens prior illa fuit.
Vita ferae similis, nullos agitata per usus :
    Artis adhuc expers et rude vulgus erant :
Pro domibus, frondes norant pro frugibus, herbas
    Nectar erat palmis hausta duabus aqua ;
Nullus anhelabat sub adunco vomere taurus ;
    Nulla sub imperio terra colentis erat ;
Nullus adhuc erat usus equi ; se quisque ferebat.

Era Pan, que os armentos tutelava,
que influia aos corseis a força, os brios,
e ás ovelhas mantendo a sanidade,
do humilde pegureiro obtinha off'rendas.

Trouxe prófugo Evandro os patrios deuses,
religião campestre, ao chão da Ausonia:
era então sitio a Roma, o que hoje é Roma.
Eis donde veio Pan aos ritos nossos;
eis porque a prisca usança inda conservam
'nestes bons cultos de Pelasga origem
os Flamines Diaes.

¿Mas o luperco? Porque são nus os lupercos? Primeira explicação
o despir-se? o correr? Que significam?
que esse ligeiro deus se apraz nas serras,
de correr, de saltar, de ir espantando,
de ir pondo em fuga em rebuliço as feras.
Seus ministros quer nus, pois nu vagueia;
vestido perderia a agilidade.

Da Arcadia é tradição que antecedera Segunda explicação
á nascença de Jove; e que, primeiro
que os ceos houvessem lua, havia Arcadia.
Mas sem artes, sem trafego de industria,
dos moradores seus a turba ignara
de brutos animaes distava apenas:
a moita lhe era albergue, as hervas mesa,
taça as concavas mãos, e as aguas nectar;
não resfolgava o boi submisso ao jugo,
nem donos conhecia o chão maninho.
Livre o corsel rinchava de soberbo,

Ibat ovis lana corpus amicta sua.
Sub Jove durabant, et corpora nuda gerebant,
Docta graves imbres et tolerare Notos.
Nunc quoque detecti referunt monumenta vetusti
Moris, et antiquas testificantur opes.

Sed, cur precipue fugiat velamina Faunus,
Traditur antiqui fabula plena joci.

Forte comes dominae juvenis Tirynthius ibat.
Vidit ab excelso Faunus utrumque jugo.
Vidit, et incaluit; Montanaque numina, dixit,
Nil mihi vobiscum est: haec meus ardor erit.

Ibat odoratis humeros perfusa capillis
Maeonis, aurato conspicienda sinu.
Aurea pellebant rapidos umbraculo soles;
Quae tamen Herculeae sustinuere manus.

vendo os homens como elle uzar das plantas:
leda balia ao longe ovelha humilde,
porque dos vellos avida thesoira
para a outrem cobrir a não despia.
Ás intemperies do ar de longo affeitos
os corpos dos mortaes indurecidos
curtiam vento, chuva, ardores, frios.
Lupercal desnudez memorias guarda
do vivído lá n'essas priscas eras.

Ha inda outra razão, razão sem contra,
por que Fauno aborrece as vestiduras,
não as quer, não as soffre em seus ministros:
ora ouvi, que tem sal o antigo conto.

Terceira explicação Fabula de Fauno, Hercules e Omphale

Ia uma vez passando o heroe Tirinthio
co'a sua namorada, quando Fauno
lá do viso de um monte onde então era,
os avistou, e ardeu; ardeu qual nunca.
(Tem coriscos amor, vibrou-lhe um d'elles).

— « Adeus — exclama em si — « de vós me aparto,
« e é para sempre, montesinhas deusas;
« aquella que alem vai, me leva esta alma. » —

E certo que era incanto o ver tal moça,
lidia flôr, e rainha até nas graças!:
comas lustrosas perfumadas soltas!
collo, espalda, hombros, nus! alvor, que cega!
de auripurpureas magestosas roupas
turgido seio a trasbordar delicias!
contra o fogo do sol lhe forma escudo
leve umbrella doirada em mão d'Alcides.

Jam Bacchêa nemus Tmoli vineta tenebat:
    Hesperus et fusco roscidus ibat equo.
Antra subit, tophis laqueataque pumice vivo:
    Garrulus in primo limine rivus erat.

Dumque parant epulas potandaque vina ministri,
    Cultibus Alciden instruit illa suis:
Dat tenues tunicas, Gaetulo murice tinctas;
    Dat teretem zonam, qua modo cincta fuit.
Ventre minor zona est: tunicarum vincla relaxat,
    Ut possit vastas exseruisse manus;
Fregerat armillas non illa ad brachia factas;
    Stringebant magnos vincula parva pedes.

Ipsa capit clavamque gravem, spoliumque leonis,
    Conditaque in pharetra tela minora sua.
Sic epulis functi, sic dant sua corpora somno:
    Et positis juxta sucubuere toris.
Causa: repertori vitis pia sacra parabant,
    Quae facerent pure, quum foret orta dies.

Já lá baixa o crepusculo da noite,
quando aos Tmoleos vinhaes, selva de Baccho,
chega o formoso par, e incontra albergue,
que a ponto lh'o depara a natureza,
n'um antro á industria d'ella só devido:
leves tufacios, esponjosas pomices
artezoada abobada lhe imbrecham;
palreiro arroio, que do umbral lhe mana
com brando murmurinho o somno invida.

Em quanto a lauta ceia, os nobres vinhos,
vão trazendo vão pondo activos servos,
Omphale (phantazias namoradas
de dama, e de mimosa!) entra em cubiça,
de ver em seu amante o seu retrato;
dá-lhe a delgada tunica purpurea;
dá-lhe o listão subtil, que a cinta aperta.
Mas no subtil listão não cabe o ventre;
mas da purpurea tunica não podem
as vastas mãos surdir, sem que arrebentem;
a pulseira no rijo braço estala-lhe,
nas prisões do calçado as plantas gemem-lhe.

¿E ella em tanto? Ella impunha a bruta clava;
a pelle inverga do leão felpudo;
e escolhendo entre as frechas as menores
com essas o carcaz pendura á cinta.
Assim se vão á ceia e d'ella ás camas,
que inda que a par, são duas esta noite;
porque?! porque hão votado ao deus das uvas
para em rompendo a aurora um sacrificio,
que só por castas mãos pode offertar-se.

Noctis erat medium: quid non amor improbus audet!
    Roscida per tenebras Faunus ad antra venit.
Utque videt somno comites vinoque solutos,
    Spem capit in dominis esse soporis idem.
Intrat; et huc, illuc, temerarius errat adulter,
    Et praefert cautas subsequiturque manus.
Venerat ad strati captata cubilia lecti;
    Et prima felix sorte futurus erat.
Ut tetigit fulvi setis hirsuta leonis
    Vellera, pertimuit, sustinuitque manum;
Attonitusque metu rediit: ut saepe viator
    Turbatum viso rettulit angue pedem.
Inde tori, qui junctus erat, velamina tangit
    Mollia, mendaci decipiturque nota.
Adscendit; spondaque sibi propiore recumbit;
    Et rigido cornu durius inguen erat.
Inter tunicas ora subducit ab ima;
    Horrebant densis aspera crura pilis!

Meia noite. Oh! de amor audacia estranha! :
Fauno, co'o veo das trevas incoberto
manso e manso lá vem.... lá chega ao antro;
pára; escuta; vigia; os servos.... dormem,
vinosos pelo portico estirados.
— « Parabens! fausto agoiro! — em si discorre —
« ambos dormem tambem; triunfo! é minha! » —

Assim cuidando o temerario adultero
entra, pé ante pé; co'os braços longos
vai e vem tenteando a escuridade;
á suspirada alcova emfim já chega!....
topou logo com leito!.... auspicio fausto!
vai ser, vai ser feliz! mas ai! c'o dedo
roçou fêlpa leonina! as mãos recolhe,
e recua de horror, que ahi jaz Alcides!
tal ao topar com repentina serpe
treme o viandante, se retrae, vacilla.

Passa ao leito visinho; apalpa as roupas;
estas, sim, que são leves, são macias!
co'a suave illusão resurge o fogo.
Sustendo o respirar tumultuario,
sobe mancinho ao leito; a pouco e pouco
se estende; já da cama occupa a margem;
arfa-lhe a sensual concupiscencia
com tumidez tão rispida, que as pontas,
que lhe adornam a fronte, a não igualam.

Com sutil dextra á tunica mimosa
procura, encontra a barra; aos pés a furta,
vai-a erguendo;.... que assombro! as que sonhara

Caetera tentantem cubito Tirynthius heros
    Reppulit: e summo decidit ille toro.
Fit sonus; inclamat comites, et lumina poscit
    Maeonis: illatis ignibus acta patent.

Ille gemit lecto graviter dejectus ab alto;
    Membraque de dura vix sua tolit humo.
Ridet et Alcides, et qui videre jacentem;
    Ridet amatorem Lyda puella suum.
Veste Deus lusus, fallentes lumina vestes
    Non amat; et nudos ad sua sacra vocat.

Adde peregrinae causas, mea Musa, Latinas;
    Inque suo noster pulvere currat equus.

Cornipedi Fauno caesa de more capella,
    Venit ad exiguas turba vocata dapes;
Dumque sacerdotes verubus transsuta salignis
    Exta parant, medias sole tenente vias,

de lizo jaspe morbidas columnas
são grossos troncos de musgosa fêlpa!
ia ávante.... ia a mais.... quando o Tirinthio,
vibrando estremunhado um cotovello,
o repulsa violento, o prega em terra.
Ao subito fragor desperta a dama;
grita sobresaltada — « Servas, luzes! » —
o aposento se aclara, e vê-se a obra.

Alquebrado do tombo o pobre amante
lá se ergue, como pode, entre gemidos.
Quantos no chão a estrabuchar o hão visto,
não se podem conter, que não desfexem
em longa estrepitosa cachinada.
Ri Hercules; a flux as servas riem;
até ri, ri talvez mais do que os outros,
a Meonia gentil, presenceando
que influxos têm 'num Fauno incantos d'ella.
Já vêdes por que illuso de vestidos
por tal arte os detesta o deus bicornio,
que só ministros nus admitte ás festas.

Gregas explicações has dado ó musa;
latinas dá tambem: soltemos redeas
aos corseis do meu carro em patrio solo.

Quarta explicação, mais nacional que as precedentes

Imolada ao Capripede uma cabra,
segundo a antiga uzança, os convidados
a tão magro repasto em chusma vinham.
De espetos de salgueiro em tanto armados
os sacerdotes em redor do fogo
a victima esfolada iam assando.

Remo e Romulo

Romulus et frater, pastoralisque juventus,
    Solibus et campo corpora nuda dabant.
(Caestibus, et jaculis, et missi pondere saxi
    Brachia per lusus experienda dabant.)
Pastor ab excelso : Per devia rura juvencos,
    Romule, praedones, eripe, dixit, agunt.
Longum erat armari : diversis exit uterque
    Partibus : accursu praeda recepta Remi.
Ut rediit, verubus stridentia detrahit exta,
    Atque ait : Haec certe non nisi victor edet.
Dicta facit, Fabiique simul ; venit irritus illuc
    Romulus, et mensas ossaque nuda videt.
Risit ; et indoluit Fabios potuisse Remumque
    Vincere, Quinctilios non potuisse suos.

Fama manet facti : posito velamine currunt,
    Et memorem famam, quod bene cessit, habet.

Forsitan et quaeras, cur sit locus ille Lupercal ;
    Quaere diem tali nomine causa notet.

Ardia o sol a prumo; pelos campos
Romulo, Remo, a turba dos pastores,
raça curtida ao tempo, nus lidavam
pela força da calma em vivos jogos;
uns de césto, uns de dardo, outros de funda;
exercicios de esforço e escola ás guerras.
Voz de pastor 'num alto eis entra aos brados:
— «Romulo, acorre! por alem vão toiros;
«fogem roubados co'os ladrões que os tangem!» —
Não ha que perder tempo em vestir armas;
Romulo sai com uns, com outros Remo;
cada qual por diverso atalho vôa.
Chega Remo primeiro, e salva a presa.
Regressado á campanha onde folgavam,
dos tremulos espetos desinfia
as rechinantes loiras assaduras,
e diz: — «Quem não venceu não prova d'estas.» —
Seus Fabios e elle, o dito desempenham;
Romulo ao recolher, co'as mãos vazias,
só acha a meza e os ossos esbrugados;
ri, mas occulto espinho o roe por dentro
de que a victoria a elle e aos seus Quintilios
os burlasse, c'roando a Remo, a Fabios.

Em memoria do prospero successo,
e por que então no subito do alarma
para armar e vestir minguara o tempo,
nus os Lupercos vaguear costumam.

¿Mas por que *Lupercal* d'este festejo
se chama ao sitio? e *Lupercal* ao dia?
se o desejais saber, folgo em contal-o.

Origem do nome Lupercal Primeira explicação

Ilia Vestalis coelestia semina partu
    Ediderat, patruo regna tenente suo.
Is jubet auferri parvos, et in amne necari.
    Quid facis? ex istis Romulus alter erit.
Jussa recusantes peragunt lacrymosa ministri;
    Flent tamen, et geminos in loca jussa ferunt.
Albula, quem Tibrin mersus Tiberinus in unda
    Reddidit, hibernis forte tumebat aquis;
Hic, ubi nunc fora sunt, lintres errare videres;
    Quaque jacent valles, maxime Circe, tuae.

Huc ubi venerunt, nec jam procedere possunt
    Longius, ex illis unus, an alter, ait:
At quam sunt similes! at quam formosus uterque!
    Plus tamen ex illis iste vigoris habet.
Si genus arguitur vultu, ni fallit imago,
    Nescio quem vobis suspicor esse Deum.
At, si quis vestrae Deus esset originis auctor,
    In tam praecipiti tempore ferret opem;
Ferret opem certe, si non ope mater egeret;

Romulo e Remo lançados ao Albula, depois Tibre, por ordem do Tio Amulio

Reinava Amulio no fraterno solio.
Filha infeliz de Numitor, o expulso,
Ilia, ao barbaro tio obedecendo,
professara servir no altar de Vesta;
mas forçada de um deus irresistivel,
se perdera uma flôr, dois fructos dera.
Ouvido o estranho caso, o Rei tiranno
dá ordem, que de subito arrebatem
os filhinhos á mãe, e os trague o rio.
Mal sabes, ó perverso, a que te arrojas:
um d'elles será Romulo! Ministros
cumprem, máo grado seu, tão impio mando;
vão chorosos, mas vão, co'a prole gemia
para o marcado sitio. As aguas do Albula
(de Tiberino a morte o fez ser Tibre)
íam-se então caudaes co'a hiberna chuva;
onde hoje os Foros são, bateis vogavam;
vogavam pelo valle, onde hoje é Circo.

Aqui chegando os dois executores,
pararam, que ir ávante a cheia o veda;
e um d'elles, contemplando os pequeninos,
— «Que parecidos são! que graciosos! —
ao companheiro diz — «este comtudo,
«se o olho me não mente, é mais forçoso.
«Dizem que as gerações se lêem nos rostos;
«quanto a mim (se é verdade) estas creanças
«procedem de algum deus!.... mas se assim fôra....
«valera-lhes o pai 'neste agro trance!
«pobresinhos, salvara-vos por certo
«a menos que lh'o não tolhesse p'rigo
«da vossa mãi, coitada! Haver dois filhos....

Quae facta est uno mater, et orba, die.
Nata simul, peritura simul simul ite sub undas,
Corpora. Desierat; deposuitque sinu.

Vagierunt clamore pari; sentire putares.
Hi redeunt udis in sua tecta genis.
Sustinet impositos summa cavus alveus unda:
Heu! quantum fati parva tabella vehit!
Alveus in limo, silvis appulsus opacis,
Paulatim, fluvio deficiente, sedet.

Arbor erat; remanent vestigia: quaeque vocatur
Rumina nunc ficus, Romula ficus erat.
Venit ad expositos (mirum!) lupa foeta gemellos;
Quis credat pueris non nocuisse feram?
Non nocuisse parum est: prodest quoque; quos lupa nutrit,
Perdere cognatae sustinuere manus;
Constitit, et cauda teneris blanditur alumnis,
Et fingit lingua corpora bina sua.

«e de repente só!.... que amargo lance
«para um peito de mãi seria aquelle!
«Irmãos no nascimento, irmãos na morte,
«corpinhos alvos, afogai-vos juntos!» —
E aqui, sem dizer mais, os solta ao rio.

Se os sentisseis vagir, imagináreis,
que intendiam seu damno. Os dois verdugos
partiram-se a chorar. Piedoso o Tibre
sustentou imbalando á flôr das agoas
o cofre, berço e feretro dos miseros,
urna leve, que incerra immensos fados!
Assim vão aboiando intrar 'num bosque,
onde hervançaes aquaticos os liam,
té que a cheia escoando os larga em seco.

São amamentados pela loba

Arvore de que um resto inda se amostra,
vicejava então lá: nomeia-se hoje
figueira Ruminal; Romula outr'ora.
D'aquella arvore á sombra (ó maravilha)
loba recemparida acha os expostos,
e benigna se achega! elles (portento!
portento não menor!) da fera á vista
não manifestam medo! ah! para assombros
não é tudo que um monstro os não devore;
inda ha mais: da-lhe o leite, e os acarinha;
aos que um tio persegue, um bruto os salva.

Era de vêr a rispida alimaria
junto d'elles em pé, como a filhinhos
lambel-os meiga, meneando a cauda.
Já nos gemios se nota o marcio brio:

Marte satos scires; timor abfuit, ubera ducunt;
    Et sibi promissi lactis aluntur ope.
Illa loco nomen fecit; locus ipse Lupercis.
    Magna dati nutrix praemia lactis habet.

Quid vetat Arcadio dictos a monte Lupercos?
    Faunus in Arcadia templa Lycaeus habet.

Nupta, quid expectas? non tu pollentibus herbis,
    Nec prece, nec magico carmine mater eris.
Excipe fecundae patienter verbera dextrae;
    Jam socer optati nomen habebit avi.
Nam fuit illa dies, dura quum sorte maritae
    Reddebant uteri pignora rara sui.
Quid mihi, clamabat, prodest rapuisse Sabinas?
    Romulus; (hoc illo sceptra tenente fuit:)
Si mea non vires, sed bellum injuria fecit,
    Utilius fuerat non habuisse nurus.

Monte sub Esquilio, multis incaeduus annis
    Junonis magnae nomine lucus erat.
Huc ubi venerunt, pariter nuptaeque virique,
    Suppliciter posito procubuere genu:
Quum subito motae tremuere cacumina silvae,
    Et Dea per lucus mira locuta suos:

com semblantes impavidos, risonhos,
põem na silvestre têta as bocas avidas;
sorvem vigor em não femineo leite.
Da *Loba*, *Lupercal* se chama o sitio;
do *Lupercal*, nomeiam-se os *Lupercos*.
Ama de taes heroes, tal foi teu premio.

Segunda explicação

Se outra origem quereis, *Lupercos* venham
de um nome de montanha em terra Arcadia;
pois no Arcadio Liceu tem Fauno templos.

A flagellação lupercal fecunda as mulheres estereis. A origem d'isto data do reinado de Romulo

Casada, a quem avara a natureza
dos prazeres d'amor denega frutos,
se a teu sogro de avô dar nome queres
a plantas e orações em vão recorres;
pedes em vão remedio a magos versos:
busca os açoites de Luperco errante;
vir-te-ha de sua mão fecundidade.

Houve um tempo, em que as miseras esposas
raramente eram mães. — « Que prol me ha sido
« roubar Sabinas? — Romulo exclamava;
(foi nos dias de Romulo o successo)
— « cuidei forças ganhar; ganhei combates:
« tanto lidar por conjuges estereis!....
« antes folgarmos do consorcio isentos! » —

Sob alta invocação de Juno, a grande,
do Esquilio na raiz surgia um luco,
de annos largos ao ferro inviolavel;
ali, ante a immortal curva joelho
supplice a turba dos varões e esposas;
eis tremor subitaneo agita os cumes;

Italidas matres, inquit, caper hirtus inito.
    Obstupuit dubio territa turba sono.

Augur erat : nomen longis intercidit annis ;
    Nuper ab Etrusca venerat exsul humo.
Ille caprum mactat ; jussae sua terga maritae
    Pellibus exsectis percutienda dabant.

Luna resumebat decimo nova cornua motu ;
    Virque pater subito, nuptaque mater erat.

Gratia Lucinae ; dedit haec tibi nomina lucus,
    Aut quia principium tu, Dea, lucis habes.

Parce, precor, gravidis, facilis Lucina, puellis ;
    Maturumque utero molliter aufer onus.
Orta dies fuerit : tu desine credere ventis ;
    Perdidit illius temporis aura fidem.
Flamina non constant : et sex reserata diebus
    Carceris Aeolii janua laxa patet.

e pelas negras bobedas da selva
estes do nume oraculos reboam!
— « *Dará mães hirto capro á terra Ausonia.* » —

Terror e confuzão por todos lavra.
Recemvindo da Etruria, augur insigne
ali então se achava, cujo nome
jaz no volver dos seculos sumido.
Este, colhendo o senso á voz ambigua,
rispido bode immola, extrae-lhe a pelle,
em látegos a corta; e faz que as donas
dêem ao sonoro açoite a liza espalda.

Fulgiu desena lua apóz tal dia;
não ha casa em que o jubilo não reine:
aos collos maternaes já pendem filhos;
co'o titulo de paes esposos folgam.

As graças d'este don Lucina as houve;
dado a Juno esse nome, ou já do *luco*,
ou de *luz*; porque á luz nos desabrocha.

Etimologias de Lucina

O Lucina, ó deidade, ó protectora,
presta benigno ouvido ás preces nossas!
hora feliz ás gravidas concede.

Agora que lá surge o dia novo,
findou-se a quadra de fiar nos ventos;
a seu talante os ares alvorotam;
seis dias descerrada Eolia furna
os deixa tumultuar infrenes, livres.

Continuação do mesmo 15 de Fevereiro. — Ventos varios

Jam levis obliqua subsidit Aquarius urna ;
    Proximus aetherios excipe, Piscis, equos.
Te memorant, fratremque tuum, nam juncta micatis
    Signa, duos tergo sustinuisse Deos.

Terribilem quondam fugiens Typhona Dione.
    Tunc quum pro coelo Jupiter arma tulit ;

Venit ad Euphratem comitata Cupidine parvo,
    Inque Palaestinae margine sedit aquae.
Populus et cannae riparum summa tenebant,
    Spemque dabant salices, hos quoque posse tegi.
Dum latet, intonuit vento nemus ; illa timore
    Pallet, et hostiles credit adesse manus.
Utque sinu natum tenuit : Succurrite, Nymphae,
    Et Dis auxilium ferte duobus, ait.
Nec mora ; prosiluit ; Pisces subiere gemelli :

Já co'a urna tombada Aquario leve
desceu. Do sol o carro avança aos Peixes;
estes, hoje no ceo consocios astros,
foram no Oceano irmãos, irmãos na dita,
que ambos no dorso a nado hão salvo a Numes.

Desce o Aquario; entra o sol em Piscis

Lá quando Jove a defender o Olimpo
gigantes guerreava; um d'esses monstros,
o terrivel Tiphon, deu impia caça
á melindrosa, á candida Dione.

Do infantil Cupidinho acompanhada,
fugia-lhe a infeliz de terra em terra;
té que foi dar na Euphratica ribeira,
solo da Palestina; o sitio ameno,
á beira d'agua, repouzar convida:
canaveais sonoros, verdes choupos,
bordam a varzea; tremulos salgueiros
varrem o chão co'as arqueadas ramas,
e sob um veo frondente, á mãe e ao filho
refugio, salvação, deleite off'recem.
Mal era no viçoso esconderijo,
quando o vento a rugir pela espessura
a sobresalta! pallida de susto,
ergue-se novamente; e já perdida
do seu perseguidor se crê nas garras:
ao seio palpitante aperta o filho;
e — « Oh! ninfas d'este rio, a vós me intrego —
clama — « salvai-nos! protegei dois numes. » —
E abisma-se no pégo. Ao mesmo instante,
do álveo fundo dois gemios peixes surdem,
a ampararem-lhe a quéda, a sotoporem

Pro quo nunc, cernis, sidera munus habent.

Inde nefas ducunt genus hoc imponere mensis,
Nec violant timidi piscibus ora Syri.

Proxima lux vacua est : at tertia dicta Quirino ;
Qui tenet hoc nomen, Romulus ante fuit.

Sive quod hasta curis priscis est dicta Sabinis,
Bellicus a telo venit in astra Deus ;
Sive suum regi nomen posuere Quirites ;
Seu quia Romanis junxerat ille Cures.

Nam pater armipotens, postquam nova moenia vidit,
Multaque Romulea bella peracta manu :
Jupiter, inquit, habet Romana potentia vires ;
Sanguinis officio non eget illa mei :
Redde patri natum : quamvis intercidit alter,
Pro se, proque Remo, qui mihi restat, erit.
Unus erit, quem tu tolles in caerula coeli ;
Tu mihi dixisti ; sint rata dicta Jovis.
Jupiter annuerat : nutu tremefactus uterque

á deusa, ao filho os seus recurvos dorsos.
Em premio do serviço os vedes astros.

Desde então, nunca mais nas Sirias mezas
se viu manjar piscoso; o só proval-o
seria entre esse povo um sacrilegio.

Foge a proxima luz de festas vaga.
Mas lá lhe vem na cola a de *Quirino*.

Fevereiro 16 — sem festa

Do por que assim a Romulo chamassem,
é varia a explicação: talvez procede
da lança, dita *Cure* entre os Sabinos;
¿e que mais proprio que ascendendo a nume
cognome eterno receber das armas?!

Fevereiro 17 — Festa de Quirino

Etimologias de QUIRINO: Primeira

Talvez, de que reinou sobre os *Quirites*;
ou de *Cures*, que ha junto aos seus Romanos.

Segunda e terceira

Marte, ao vêr já de pé, já com muralhas
lorigada a cidade, e memorando
que de guerras perfez, que de victorias
o Romuleo valor ha já colhido,
sobe a Jove, e lhe diz: — « Adulta é Roma;
« forças tem; de meu filho escusa o braço;
« restitue-m'o! Eram dois, um só me resta;
« por elle, e pelo irmão, preciso havel-o.
« Ter de ser este o unico, disséras,
« a que a cerulea abobada se abrisse;
« recordo-te a promessa; é tua, e basta » —

Ascensão de Romulo ao ceo

Jove annue: treme o ceo nos polos ambos;

Est polus; et coeli pondera sensit Atlas.

Est locus: antiqui Capream dixere paludem;
Forte tuis illic, Romule, jura dabas.
Sol fugit; et removent subeuntia nubila coelum;
Et gravis effusis decidit imber aquis.
Hinc tonat, hinc missis abrumpitur ignibus aether.
Fit fuga; rex patriis astra petebat equis.

Luctus erat; falsaeque patres in crimine caedis;
Haesissetque animis forsitan illa fides.

Sed Proculus longa veniebat Julius Alba;
Lunaque fulgebat; nec facis usus erat:
Quum subito motu nubes crepuere sinistrae;
Rettulit ille gradus, horrueruntque comae.
Pulcher, et humano major, trabeaque decorus,
Romulus in media visus adesse via;

Et dixisse simul: Prohibe lugere Quirites;
Nec violent lacrimis numina nostra suis.

e geme Atlante ao redobrado pezo.
Cáprea palúde se chamou de antigos
o logar, onde Romulo se estava
a distribuir aos subditos justiça.
Subito foge o sol; negrejam nuvens;
o ceo se obumbra; horrisono chuveiro
se desata precípite; rebrama
trovão tétro; relampagos tremulam;
rochos coriscos pelas sombras giram;
foge-se; 'neste horror, mavorcio coche
voa aos ceos! lá vai Romulo ser nume.

Falta elrei! ferve o pranto; o luto reina.
Odiosa suspeição de regicidio
sobre os padres da Curia está pezando.
Quem n-a hade refutar? successo estranho!

Luto romano pelo desapparecimento de Romulo

De Alba-longa caminho vem de Roma
Próculo Julio. E' noite; a lua esplende;
ao seu facho sereno alveja a estrada.
Eis de improviso.... á sestra parte.... nuvens
densas a revolver-se! a crepitarem!
Recua horrorisado. Então lhe assoma,
parado, em pé, na solitaria via,
gentil no parecer, maior que humano,
magestoso co'a trábea, o sacro Romulo;
e lhe falla:

Apparição de Romulo a Julio Próculo

— «Em meu nome intima ao povo,
«que dispa o luto. Lagrimas, lamentos
«á minha divindade injuria foram.
«Ao novo deus Quirino ardam incensos,

Culto de Romulo Quirino

Tura ferant, placentque novum pia turba Quirinum;
Et patrias artes militiamque colant.

Jussit: et in tenues oculis evanuit auras.
Convocat hic populos, jussaque verba refert.
Templa Deo fiunt, collis quoque dictus ab illo;
Et referunt certi sacra paterna dies.

Lux quoque cur eadem Stultorum festa vocetur,
Accipe; parva quidem causa, sed apta, subest.
Non habuit tellus doctos antiqua colonos;
Lassabant agiles aspera bella viros.
Plus erat in gladio quam curvo laudis aratro:
Neglectus domino pauca ferebat ager.
Farra tamen veteres jaciebant; farra metebant.
Primitias Cereri farra resecta dabant.
Usibus admoniti flammis torrenda dedere,
Multaque peccato damna tulere suo.
Nam modo verrebant nigras pro farre favillas;
Nunc ipsas igni corripuere casas.

Facta Dea est Fornax. Laeti Fornace coloni
Orant, ut fruges temperet illa suas.

Curio ligitimis nunc Fornacalia verbis

«renda turba piedosa affeto e cultos.
«Que as artes de meu pae, como eu, pratiquem;
«ceifem co'a espada, para honrar-me, os loiros!» —

Callou; despareceu. Chegado a Roma,
Próculo o povo aggrega; as ordens cumpre.
Já se erguem templos á deidade nova;
já de seu nome se appellida um monte. Etimologia do monte Quirinal
Inda agora annualmente em praso certo,
damos ao pae da patria as mesmas honras.

Mas d'onde vem chamar-se o mesmo dia Festa dos parvos
festa dos parvos? relatar-vos devo
a causa, que é mui propria, inda que humilde.
Sabios cultores nossos paes não foram;
guerreiros sim, que os adestrava a guerra.
Cedia á espada o ferro da charrua.
O terreno em desprezo os dons fallia.
Só de Ceres os grãos indispensaveis
soiam semear; e em vindo a aceifa,
da seara a premicia era de Ceres;
o de mais da colheita, a sua industria,
seu uso era torral-o; e d'aqui vinham
azos a damnos mil: que ora varriam,
em vez de grão, carvões, ora um descuido
lhes desfazia a choça em labaredas.

Para obviar a taes desastres, criam Festas fornacaes
aos *fornos*, sob o titulo de *Fornax*,
deusa, que lh'os proteja; e lhe supplicam,
defenda co'a poisada, o pão, que a nutre.

São hoje as *Fornacaes* mudaveis festas.

Maximus indicit; nec stata sacra facit.
Inque Foro, multa circum pendente tabella
Signatur certa curia quaeque nota.
Stultaque pars populi quae sit sua curia nescit;
Sed facit extrema sacra relata die.

Est honor et tumulis. Animas placate paternas;
Parvaque in exstinctas munere ferte pyras.
Parva petunt Manes: pietas pro divite grata est
Munere; non avidos Styx habet ima Deos.
Tegula projectis satis est velata coronis;
Et sparsae fruges, parcaque mica salis;
Inque mero mollita Ceres, violaeque solutae.
Haec habeat media testa relicta via.
Nec majora veto; sed et his placabilis umbra est.
Adde preces positis, et sua verba, focis.
Hunc morem Aeneas pietatis idoneus auctor
Attulit in terras, juste Latine, tuas.

Ille patris Genio solemnia dona ferebat;

com phrazes, que a tal rito a lei prescreve,
o summo Curião lhes marca o dia;
e em tabellas, que em torno ao Foro pendem,
a vez de cada Curia é signalada.
Mas, porque ha parvos mil na plebe inculta,
que ignoram qual a Curia a que pertencem,
no fim do dia a sua vez foi posta.

Festas parentaes, dia de finados

Ouvi!.... ouvi!.... os tumulos nos chamam.
Almas de nossos paes, sê-de applacadas.
não pedem ricos dons as pobres cinzas;
pouco lhes basta; não se negue o pouco.
Aceitam por thesoiro um brando affeto.
Cubiça é dos mortaes; não é dos mortos;
os deuses d'além-mundo a desconhecem.

Basta aos finados a singela telha,
onde os seus vão lançar-lhe as floreas c'roas,
uns grãos de farro esparso, uma pedrinha
de alvo sal, uma sopa em vinho puro,
com seu punhado de violetas soltas;
tudo isto no seu ferculo de barro
se deixe em meio da trilhada via.
Mais preciosos dons, não vos proíbo;
mas já com estes applacais as sombras,
uma vez que acendendo-lhes seus lumes,
lhes deis as orações, e as phrases proprias;
ritos piedosos, que o piedoso Eneas
ás terras de Latino ha trasladado.

Origem troiana das Parentaes

Vendo que heroe tamanho ao patrio genio
solemnes oblações apresentava,

Hinc populi ritus edidicere pios.

At quondam, dum longa gerunt pugnacibus armis
Bella, Parentales deseruere dies.
Non impune fuit: nam dicitur omine ab isto
Roma suburbanis incaluisse rogis:
Vix equidem credo: bustis exisse feruntur,
Et tacitae questi tempore noctis avi;
Perque vias Urbis, Latiosque ululasse per agros,
Deformes animas, vulgus inane, ferunt.
Post ea praeteriti tumulis redduntur honores;
Prodigiisque venit, funeribusque, modus.
Dum tamen haec fiunt, viduae, cessate, puellae.
Exspectet puros pinea taeda dies.

Nec tibi, quae cupidae matura videbere matri,

povos bons adoptaram-lhe o costume;
uso, amor, e saudade o consagraram.
Viu-se com tudo nos antigos tempos,
durando longo o vortice das guerras,
preterir-se esquecer, a pia uzança.
Sim; mas viu-se tambem fatal flagello
das festas parentaes vingar a injuria.
De lá veio, se diz, que nos suburbios
foram as piras funebres tão bastas,
que seu lume affrontava a Roma inteira.
Agro se faz de crer; mas tambem narram,
que lá pela calada da alta noite
saíam do sepulchro a lamentar-se
de nossos paes esqualidos espectros;
que pelas ruas da cidade attonita,
que pelos campos italos, se ouviam
ulular turbas vãs d'aerias formas.
Escarmentado o povo, as interruptas
honras volveu aos tumulos, por onde
cessaram para logo as maravilhas;
e a brava morte recolheu o açoite.

Castigo de se haverem interrompido as Parentaes

Vós, que a viuvez tomou na flor dos annos,
e que, saudosas dos passados gostos,
cubiçais renovar de amor os laços,
temei as *Parentaes*, temei-lhe o influxo;
aguardae que Himeneu co'os pineos fachos,
em dias puros vos adite as bodas.

Durando as Parentaes não se devem casar viuvas nem donzellas

Tu, donzella, tu, flor, que olhos maternos
julgam já na sasão de ser colhida,
e por vêr-te impregada estão cuidosos,

Comat virgineas hasta recurva comas.

Conde tuas, Hymenaee, faces, et ab ignibus atris

Aufer: habent alias maesta sepulcra faces.

Di quoque templorum foribus celentur opertis;

Ture vacent arae; stentque sine igne foci.

Nunc animae tenues, et corpora functa sepulcris

Errant; nunc posito pascitur umbra cibo.

Nec tamen haec ultra, quam tot de mense supersint

Luciferi, quot habent carmina nostra pedes.

Hanc, quia justa ferunt, dixere Feralia lucem.

Ultima placandis Manibus illa dies.

Ecce anus in mediis residens annosa puellis

Sacra facit Tacitae; vix tamen ipsa tacet;

Et digitis tria tura tribus sub limine ponit,

Qua brevis occultum mus sibi fecit iter.

Tum cantata ligat cum fusco licia rhombo;

Et septem nigras versat in ore fabas.

Quodque pice adstrinxit, quod acu trajecit ahena,

não consintas por ora ás mãos do amante,
que os virgineos cabellos te divida
hasta recurva, do noivado emblema.

Deus dos consorcios, teus brandões retira;
não queiras t'os accenda, e te funeste,
o feio lume que preside aos mortos.
Nem só tu; Deus nenhum se amostre ao povo;
não se abra templo; não rescenda fumo;
não luza fogo em sacrosantas aras,
'neste prazo fatal; que andam por fóra
as subtis almas e os sepultos corpos,
do offertado banquete a aproveitar-se.

Incerro dos templos durando as Parentaes

Não devem entre tanto estas obsequias
ultrapassar o mez; contais seus dias,
se aos versos meus as sillabas contardes.
Da *afferencia* dos dons ás sepulturas,
se nomeou *Feral* o extremo dia,
em que a filial piedade applaca os mortos.

Fevereiro 18 — Ultimo dia das Parentaes

Etimologia de Feral

Mas.... que vejo!.... ¿entre circulo de moças,
que faz esta caduca?! oh! sacrifica
á deusa do silencio! emtanto palra!
Com tres dedos lá põe tres grãos d'incenso
por baixo da soleira, em buraquinho,
que um morganho subtil lavrou nas trevas.
Em denegrido redopiado rombo
prende umas tramas, que abrevou d'incantos!
Remoe na bocca sette favas pretas!
de uma anchova a cabeça, que primeiro
cubriu de pez, furou com enea agulha,

Festa á deusa Tacita ou Muta

Obsutum maenae torret in igne caput.
Vina quoque instillat. Vini quidcumque relictum est,
Aut ipsa, aut comites, plus tamen ipsa, bibit.
Hostiles linguas inimicaque vinximus ora,
Dicit discedens; ebriaque exit anus.

Forsitan a nobis, quae sit Dea Muta, requiras;
Disce, per antiquos quae mihi nota senes.

Jupiter, indomito Juturnae captus amore
Multa tulit tanto non patienda Deo.
Illa modo in silvis inter corileta latebat;
Nunc in cognatis desiliebat aquas.

Convocat hic Nymphas, Latium, quotcumque tenebas;
Et jacit in medio talia verba choro:
Invidet ipsa sibi, vitatque, quod expedit illi,
Vestra soror summo jungere membra Deo.
Consulite ambobus: nam quae mea magna voluptas,
Utilitas vestrae magna sororis erit.
Vos illi in prima fugienti obsistite ripa,
Ne sua fluminea corpora mergat aqua.
Dixerat; annuerunt Nymphae Tiberinides omnes,
Quaeque colunt thalamos, Ilia diva, tuos.

pespontando-lhe a bocca, ao lume a torra!
Vineas gottas lhe esparze! da que resta
abundante porção, bebe ella, e todas;
mas sobre todas, ella. Diz: — « Prendi-vos
« ahi, linguas ruins, boccas praguentas. » —
E tonta co'a embriaguez sai titubando.

Quem seja a deusa Muda: Lara ou Lala

Perguntais-me quem seja a deusa Muda?
dil-o-hei, qual d'anciãos me foi narrado.

Amor de Jupiter a Juturna

Jove amava a Juturna; amar!.... que disse!
frenetico de amor soffreu-lhe coisas
para um rei d'immortaes intoleraveis.
Por toda a parte a desdenhosa impune
lhe esvoaçava e sumia-se; taes vezes,
entre os avelleiraes, nos mui folhudos
labirintos selvaticos; taes outras,
nas amigas correntes abismando-se.

Cansado de a seguir, de arder sem premio,
Jove do Lacio todo ajunta as ninfas;
e entre o coro loução d'est'arte arenga:
— « Vossa irmã, quando unir-se a um deus recusa
« a si mesma quer mal; repelle a dita.
« No servir-me, a servís; eu possuil-a,
« será meu summo goso, e gloria d'ella.
« Quando a virdes fugir-me, obstae-lhe á fuga;
« dos rios vossos m'a sustende á beira,
« que a perla entre os cristaes se me não suma. » —
Disse: annuem do Tibre as ninfas todas,
e todas as do Annieno, essas que viram
de Ilia divina o fluvial consorcio.

Forte fuit Nais, Lara nomine; prima sed illi
Dicta bis antiquum sillaba nomen erat,
Ex vitio positum. Saepe illi dixerat Almo:
Nata, tene linguam; nec tamen illa tenet.

Quae, simul ac tetigit Juturnae stagna sororis,
Effuge, ait, ripas. Dicta refertque Jovis.

Illa etiam Junonem adiit; miserataque nuptam,
Naida Juturnam vir tuus, inquit, amat.
Jupiter intumuit: quaque est non usa modeste,
Eripuit linguam; Mercuriumque vocat.
Duc, ait, ad Manes; locus ille silentibus aptus;
Nympha, sed infernae Nympha paludis, erit.

Jussa Jovis fiunt. Accepit lucus euntes;
Dicitur illa duci tum placuisse Deo.
Vim parat hic; vultu pro verbis illa precatur;
Et frustra muto nititur ore loqui;

Fitque gravis; geminosque parit, qui compita servant,

Uma porem das Naiades presentes
era Lara, a quem *Lala* appellidaram
(e cabia á palreira o grego apodo).
Que de vezes Almon lhe repetia!
— «Filha, fallas de mais; coíbe o genio.» —
Coíbil-o era fôro de impossiveis.

Mal saiu do congresso a falladora,
corre direito ao lago de Juturna,
e diz: — «Sou boa irmã, quero avisar-te:
«nunca te afoites a subir ás varzeas;
«pois te aguarda.... » — (e narrou-lhe o succedido).
Passa a Juno; e mostrando-lhe que pena
lhe faz, vêr uma esposa assim burlada
— «Sabe» — diz — «que o teu Jove ama a Juturna.» —

Contra a gárrula vil o deus raivando
lhe arranca a lingua; por Mercurio chama;
e — «Leva-m'a» — lhe diz; — «no Orco a deixa;
«onde habita o silencio, agora habite;
«naiade sim, mas naiade no Averno.» —
Partem.

Por selva horrenda atravessavam;
Mercurio, contemplando a ré, tão linda!,
e a solidão de emtorno, a amor tão propria!....
arde, cubiça, imprende, imprega a força;
a misera, pedir, queixar-se intenta;
mas só o rosto, e as mãos com dôr alçadas,
expressam de sua alma o sentimento.
Succumbe alfim.

É mãi: produz dois gemeos; — De Lara nascem os Lares
estes os Lares são; custodios numes

El vigilant nostra sempre in aede, Lares.

Proxima cognati dixere Caristia cari;
Et venit ad socias turba propinqua dapes.
Scilicet a tumulis, et, qui periere, propinquis,
Protinus ad vivos ora referre juvat;
Postque tot amissos, quidquid de sanguine restat,
Adspicere, et generis dinumerare gradus.

Innocui veniant. Procul hinc, procul impius esto
Frater, et in partus mater acerba suos;
Cui pater est vivax, qui matris digerit annos,
Quae premit invisam socrus iniqua nurum.
Tantalidae fratres absint, et Iasonis uxor,
Et quae ruricolis semina tosta dedit:
Et soror, et Progne, Tereusque duabus iniquus;
Et quicumque suas per scelus auget opes.

Dis generis date tura bonis: Concordia fertur
Illo praecipue mitis adesse die.

Et libate dapes, ut grati pignus honoris
Nutriat incinctos missa patella Lares.

Jamque ubi suadebit placidos nox ultima somnos,

de incruzilhadas, e hospedes amigos,
que velam da cozinha as casas nossas.

Fevereiro 19 — Caristias

O immediato sol traz as Carístias;
banquete convival entre os parentes;
festejo ao qual o affecto ha dado o nome.
Pois que aos nossos no tumulo brindámos,
justo é brindar agora os vivos nossos.
Em vez de tantos que perdemos, cumpre
a vista consolar nos que nos restam,
estreitarmos prisões que urdira o sangue.

Mãos puras, peitos sãos, almas sem dólo,
accorrei ao convivio; os impios, fujam!
longe, longe os irmãos desnaturados;
a mãi barbara; o filho abominoso,
que dos cançados pais reconta os dias;
a sogra que é da nora algoz domestico;
longe emfim os de Tantalo progenie:
os Thiestes e Atreus, Medéas, Inos;
Philomelas, Tereus, Prognes; e aquelles,
que os bens e as honras com flagicios compram.
Dae puro incenso aos genios da familia.

Crê-se que 'neste dia alma Concordia
mais benigna que nunca assiste ao bodo.

Libações no banquete Caristico aos Lares

Libae cada vianda aos promptos Lares,
e em seus pratinhos lhe inviae da meza,
em signal d'honra, o seu quinhão devido.

Bebe-se á saude do

Quando na antemanhã, já das estrellas

Parca, precaturae, sumite vina, manus.
Et, Bene nos, patriae, bene te, pater, optime Caesar,
Dicite, suffuso per sacra verba mero.

Nox ubi transierit, solito celebretur honore,
Separat indicio qui Deus arva suo.

Termine, sive lapis, sive es defossus in agro
Stipes ab antiquis, sic quoque numen habes.

Te duo diversa domini pro parte coronant;
Binaque serta tibi, binaque liba ferunt.
Ara fit; huc ignem curto fert rustica testu
Sumtum de tepidis ipsa colona focis.
Ligna senex minuit, concisaque construit alte;
Et solida ramos figere pugnat humo.
Dum sicco primas irritat cortice flammas,
Stat puer, et manibus lata canistra tenet.
Inde, ubi ter fruges medios immisit in ignes,
Porrigit incisos filia parva favos.
Vina tenent alii; libantur singula flammis.

sentirdes orvalhar-se-vos nos olhos
sumo de perguiçosas dormideiras,
tomae das libações o sobrio vaso,
que é vinda hora de preces; clamam todos:
— «Prol a nós! prol a ti, bom pai da patria!» —
regando a cada prol com vinho puro. imperador

Finda a noite, alvoreça a costumada
festa do deus que nos comparte os campos. Fevereiro 20 — Festas Terminaes

Quer tosca pedra, ó Termino, te imbleme;
quer tronco informe, pela mão de antigos
interrado no chão, sempre és deidade.

Para ti, donos dois, de oppostas partes,
c'rôa e c'rôa te cingem; bolo e bolo
te vem, de cá, de lá; como á porfia
ahi se te ingenhou ara campestre!
Lá nos traz a açodada fazendeira
no seu testo quebrado as ascuas vivas
que apurou do borralho. O bom do velho
racha a lenha miuda, ergue-a em piramide;
sua a cravar no chão ramos festivos.
Agora em cascas seccas ceva o fogo,
tendo em pé ao seu lado, em quanto assopra,
o filhinho abraçado a largo cêsto;
tres vezes d'ali tira, e lança ao lume,
punhados de aurea Ceres. Toma os favos,
que a filha pequenina lhe apresenta
pelo meio cortados. Trazem outros
o vinho; tudo aqui se liba ás chammas.

Spectant, et linguis candida turba favent.
Spargitur et caesa communis Terminus agna ;
Nec queritur, lactens quum sibi porca datur.
Conveniunt, celebrantque dapes vicinia simplex ;
Et cantant laudes, Termine sancte, tuas.

Tu populos, urbesque, et regna ingentia finis :
Omnis erit sine te litigiosus ager.
Nulla tibi ambitio est ; nullo corrumperis auro ;
Legitima servas credita rura fide.
Si tu signasses olim Thyreatida terram,
Corpora non leto missa trecenta forent ;
Nec foret Othryades congestis lectus in armis.
O quantum patriae sanguinis ille dedit ;
Quid, nova quum fierent Capitolia ? nempe Deorum
Cuncta Jovi cessit turba, locumque dedit.
Terminus, ut veteres memorant, conventus in aede
Restitit ; et magno cum Jove templa tenet.
Nunc quoque, se supra nequid, nisi sidera, cernat,

Alvitrajada a turba espectadora
religioso silencio attenta observa.
¡Co'o sangue quente de immolada ovelha,
que ufano purpureja o vulto informe
do commum velador, o honrado Termino!
e quando, em vez d'ovelha, haja leitoa,
não temais que se anoje. O brodio é franco
aos bons visinhos, corações lavados,
que o celebram com fé; que jubilosos
vão tecendo um louvor a cada prato;
ouvi, ouvi seu rustico descante!
é do deus do festejo o panegirico.

Louva-se ao deus Termino

Salve ó Termino sacro! ó tu que extremas
bairros, cidades, reinos! cada campo
fôra sem ti um campo de batalha.
Mantens, desambicioso, insubornavel,
as herdades em paz das leis á sombra.
Se a terra Thireatide te houvéra,
não ceifaria a morte heroes seiscentos,
d'Argos e Esparta no fatal duello;
não se lêra de Othriades o nome
'num vão trofeo de mentirosas armas,
que inda á patria infeliz custou mais sangue.

O termo conservado no Capitolio

Capitolino Jupiter que diga
que invencivel te achou, quando, ao fundar-se-lhe
a área do templo, ao passo que os mais numes
para dar-lhe logar retrocediam,
tu só, qual nol-o conta annosa fama,
ousaste resistir, ficar, ter parte
no templo augusto, e adorações com Jove;
e inda lá (por que nada alfim te insombre)

Exiguum templi tecta foramen habent.
Termine, post illud levitas tibi libera non est.
Qua positus fueris in statione, mane.
Nec tu vicino quidquam concede roganti;
Ne videare hominem praeposuisse Jovi.
Et, seu vomeribus, seu tu pulsabere rastris,
Clamato: Meus est hic ager, ille tuus.

Est via, quae populum Laurentes ducit in agros;
Quondam Dardanio regna petita duci;
Illac lanigeri pecoris tibi, Termine, fibris
Sacra videt fieri sextus ab urbe lapis.

Gentibus est aliis tellus data limite certo;
Romanae spatium est urbis, et orbis, idem.

Nunc dicenda mihi regis fuga. Traxit ab illa
Sextus ab extremo nomina mense dies.

Ultima Tarquinius Romanae gentis habebat
Regna; vir injustus, fortis ad arma tamen.

sobre ti ao ceo livre é rota a abobada.
Nume de tão gentil perseverança,
em qualquer a leveza achara venia;
contradição em ti, suicidio fôra.
Mantem pois sempre, ó sacra sentinella,
mantem pois sempre, ó Termino, o teu posto.
Despreza os rogos do visinho avaro;
não lhe concedas do terreno um ponto;
¿ceder a humanos, quem resiste a Jove?!
¿Vem bater-te inchadão? roçar-te arado?
proclama a vozes: — « Meus confins são estes:
d'além, tu; d'aquem, elle; ambos coíbo;
e em coibir aos dois, aos dois protejo. » —

Sacrificio a Termino na via Laurentina

Uma estrada une Roma aos Laurentinos,
reino que o Teucro profugo buscára;
lá, dos marcos o sexto, em honra tua
vê que lanosa victima se immola.

Prece a Termino

Termino, já que aceitas cultos nossos,
ampara-nos, sustenta o nosso imperio.
De cada povo o espaço é circunscripto;
são de Roma os confins confins do globo.

Fevereiro 24 — Abolição da realeza em Roma

Vem a expulsão dos reis, do throno a queda.
Foi esse dia memorando, o sexto
áquem do fim do mez: o proprio nome
do monarcha final expressa a data.

Historia de Sexto Tarquinio

Sexto Tarquinio sustentava as redeas
da Romulea nação; tiranno, injusto,
mas forte, mas audaz. Que de cidades

Ceperat hic alias, alias everterat urbes ;
    Et Gabios turbi fecerat arte suos.

Namque trium minimus, proles manifesta Superbi,
    In medios hostes nocte silente venit.
Nudarant gladios ; Occidite, dixit, inermem.
    Hoc capiant fratres, Tarquiniusque pater ;
Qui mea crudeli laceravit verbere terga ;
    (Dicere ut hoc posset, verbera passus erat).

Luna fuit ; spectant juvenem, gladiosque recondunt,
    Tergaque, deducta veste, notata vident ;
Flent quoque, et, ut secum tueatur bella, precantur.
    Callidus ignaris annuit ille viris.

Jamque potens, misso, genitorem appellat, amico,
    Prodendi Gabios, quod sibi monstret iter.

de seu braço ao poder se não renderam!
quantas não arrasou! como dos Gabios
se fez senhor com perfido artificio!

De seus tres filhos o menor em annos,
mas já grande em traição, já copia d'elle,
nos Gabios arraiaes entra de noite.
Prendem-no; já mil laminas fulgentes
das bainhas se arrancam; mil revérberos
lhe lampejam catastrofe cruenta.
— «Mataè-me; inerme estou; fartem-se — exclama —
«de meu sangue os irmãos, e o pai Tarquinio!
«que digo *o pai!!*.... o algoz; que inda estas carnes
«de seu barbaro açoite em sangue escorrem.» —
(Para abono do imbuste o fementido
sujeitára a flagello o dorso infame).

Tomada ardilosa dos Gabios pelo principe Tarquinio

Brilhava a lua; os duros inimigos
vêem-lhe no rosto a ingenua mocidade;
ás bainhas os ferros prompto descem;
e, desnudada a juvenil espalda,
descobrem do supplicio as claras mostras!
Guerreiras faces humedece o pranto;
á victima infeliz propôem, supplicam,
que, por lavar a injuria em sangue alheio,
contra o commum tiranno as armas vista.
Á sincera proposta annue o astuto;
já dos Gabios no exercito milita;
breve ganha poder e autoridade.

Invia fido nuncio ao pai, rogando
lhe declare, lhe ordene o mais que resta;
como lhe hade intregar, perder os Gabios.

Hortus odoratis suberat cultissimus herbis,

Sectus humum rivo lene sonantis aquae.

Illic Tarquinius mandata latentia nati

Accipit; et virga lilia summa metit.

Nuntius ut rediit, decussaque lilia dixit,

Filius, agnosco jussa parentis, ait.

Nec mora: principibus caesis ex urbe Gabina,

Traduntur ducibus moenia nuda suis.

Ecce, (nefas visu!) mediis altaribus anguis

Exit, et exstinctis ignibus exta rapit.

Consulitur Phoebus; sors est ita reddita: Matri

Qui dederit princeps oscula, victor erit.

Oscula quisque suae matri properata tulerunt,

Pelos vastos jardins da estancia augusta
o monarcha soberbo então vagava
junto de fresco arroio murmurante,
por entre plantas mil, louçãs, cheirosas.
Ali, ouvido a sós do filho o nuncio,
alça a vara, e dos lirios mais ufanos
que perto de si vê, decepa as frontes.

Ouvida aquella tacita resposta,
— «Intendo» — o filho diz; e dentro em pouco
o inhumano preceito era cumprido:
da capital Gabina immola os chefes.
Os indefensos consternados muros
succumbem á traição.

Um agoiro em Roma

Eis dentro em Roma
(oh! sacrilega vista!) horrenda serpe
do meio dos altares se alevanta,
e d'entre as chamas que de vêl-a expiram,
as intranhas da victima arrebata!.

Consulta-se o oraculo de Delphos; sua resposta

Aterrado Tarquinio, invia a Delphos
dois dos filhos, que o oraculo lhe inquiram.
Mas de ambos ambição devora os peitos;
ambos ao deus fatidico perguntam
quem no paterno solio hade sentar-se.

— «*O que na MÃI der osculo primeiro,*
«*será esse quem vença*» — o deus lhes volve.
Crentes na profecia, inda que illusos
quanto ao senso recondito, os ouvintes,
alvoroçados, sofregos, regressam,
a qual mais prestes se apresente em Roma,
a qual nos maternaes saudosos labios

Non intellecto credula turba Deo.
Brutus erat stulti sapiens imitator, ut esset
Tutus ab insidiis, dire Superbe, tuis.
Ille tacens pronus matri dedit oscula terrae,
Creditus offenso procubuisse pede.

Cingitur interea Romanis Ardea signis,
Et patitur lentas obsidione moras.
Dum vacat, et metuunt hostes committere pugnam,
Luditur in castris; otia miles agit.

Tarquinius juvenis socios dapibusque meroque
Accipit; atque illis rege creatus ait:
Dum nos difficilis pigro tenet Ardea bello,
Nec sinit ad patrios arma referre Deos;
Ecquid in officio torus est socialis? et ecquid
Conjugibus nostris mutua cura sumus?

Quisque suam, laudant; studiis certamina crescunt;
Et fervent multo linguaque corque mero.

Surgit, cui clarum dederat Collatia nomen:
Non opus est verbis; credite rebus, ait;

colhendo um beijo colherá o imperio.
Bruto vinha tambem ; Bruto, o prudente,
que no fingir-se estolido lucrava
fugir perseguições do audaz tiranno.
Este, como que o pé lhe haja fallido,
cai ; e oscula em segredo a *madre* terra.

Astucia de Bruto para se aproveitar da resposta

Cercada pelo exercito romano,
um sitio pertinaz soffria Ardéa.
Em quanto a dura guerra está pendente,
em quanto aventurar feroz combate
teme a prudencia ; os chefes e os soldados
folgam nos arraiaes em ocio ledo.

Historia de Lucrecia

'Nisto o filho do Rei, Tarquinio o moço,
a esplendido festim convida os socios ;
e reinando a alegria assim lhes falla :
—«Agora, que de Ardéa o vagaroso
«assedio nos detem, nos não permitte
«as armas conduzir aos patrios deuses ;
«¿dos toros conjugaes a fé mantendo,
«as esposas gentis, que suspiramos,
«suspirarão por nós ? serão quaes somos ? »—

Já cada qual sem termo a sua exalta ;
acceso pelo amor, cresce o debate ;
dos brindes no licor fogoso e puro
a mente, o coração, e a lingua, fervem.

Mas eis que d'entre os mais surgindo aquelle
a quem de alto appellido honrou Colacia,
—«As palavras são vãs ; creia-se em coisas :

Nox superest; tollamur equis, urbemque petamus.
    Dicta placent; frenis impediuntur equi.

Pertulerant dominos; regalia protinus illi
    Tecta petunt; custos in fore nullus erat.
Ecce nurum regis, fusis per colla coronis,
    Inveniunt posito pervigilare mero.

Inde cito passu petitur Lucretia; nebat;
    Ante torum calathi, lanaque mollis, erant.
Lumen ad exiguum famulae data pensa trahebant;
    Inter quas tenui sic ait ipsa sono:
Mittenda est domino; (nunc nunc properate, puellae)
    Quam primum nostra facta lacerna manu.
Quid tamen audistis? (nam plura audire soletis);
    Quantum de bello dicitur esse super?
Postmodo victa cades; melioribus, Ardea, restas;
    Improba, quae nostros cogis abesse viros!
Sint tantum reduces; sed enim temerarius ille

«a noite nos sobeja; esporeemos
«os robustos cavallos; eia! a Roma!» —

O dito agrada; infreiam-se os ginetes;
os sofregos mancebos partem voam.

Vão da estancia real primeiro ás portas,
onde guarda nenhum velando incontram.
Entram; colhem de subito ingolfada
em festivo prazer e em rubro nectar,
as tranças com mil flores desparzidas,
a que ao filho em consorcio o Rei ligára.

Promptos caminham logo a vêr Lucrecia.

Alvejavam da candida matrona
no fuso luzidío as mãos de neve;
no estrado aos pés do leito as lãs se viam
nos curiosos cestos coguladas;
em torno á luz solicitas as servas
a nocturna tarefa promoviam.
Lucrecia em tom macio, em voz mimosa,
d'est'arte lhes dizia, as incitava:
— «É para Colatino; eia apressae-vos;
«cumpre mandar em breve ao meu consorte
«isto em que a nossa industria exercitamos.
«Vós, que tanto indagais e ouvis, soubestes
«quanto ainda se crê que dure a guerra?
«Dos fortes ao poder te oppões sem fruto;
«vencida cairás, Ardéa iniqua,
«que de nossos esposos nos separas.
«Tornem, tornem, ó ceos!.... Mas ai? que idéa!

Est meus, et stricto qualibet ense ruit.
Mens abit, et morior, quoties pugnantis imago
Me subit, et gelidum pectora frigus habet.

Desinit in lacrymas; intentaque fila remittit;
In gremio vultum deposuitque suum.
Hoc ipsum decuit: lacrymae decuere pudicae;
Et facies animo dignaque, parque, fuit.

Pone metum, venio, conjux ait. Illa revixit;
Deque viri collo dulce pependit onus.

Interea juvenis furiales regius ignes
Concipit, et caeco raptus amore furit.
Forma placet, niveusque color, flavique capilli,
Quique aderat nulla factus ab arte, decor.
Verba placent, et vox, et quod corrumpere non est;
Quoque minor spes est, hoc magis ille cupit.

Jam dederat cantum lucis praenuntius ales,
Quum referunt juvenes in sua castra pedem.
Carpitur attonitos absentis imagine sensus
Ille; recordanti plura magisque placent.

«o meu é destemido, é temerario,
«tem genio de arrojar-se ao fogo, ao ferro!....
«foge-me a luz, o alento, esfrio, e morro
«quando entre os inimigos o afiguro.» —

'Nisto o pranto amoroso a voz lhe corta;
cai-lhe o fio da mão; e o lindo gesto
sobre o molle regaço inclina a triste;
dobram-lhe a graça as lagrimas pudicas,
e mostra um coração igual ao rosto.

Eis o esposo apparece; e — «Não receies;
«aqui me tens» — lhe diz; ella revive,
ella os braços lhe lança, e longo espaço
pende do collo amado o doce pezo.

Em tanto de amor cego o regio moço
arde, morre, e lhe atrai, lhe inleva os olhos
a forma, a nivea côr, e a loira trança,
e o grave adorno, limpido, e sem arte;
a falla o prende, as expressões o incantam,
e o que á vil seducção não é sujeito.

Quanto menos esperas, mais desejas,
mais te afogueias, sequioso amante.

Cantára o nuncio da risonha aurora,
e aos fortes arraiaes os socios volvem.
Atonito em paixão Tarquinio ferve,
gozando na revolta fantasia
a bella imagem de Lucrecia ausente;
e ali tudo o que viu mais lindo observa.

Sic sedit! sic culta fuit! sic stamina nevit!
    Neglectae collo sic jacuere comae!
Hos habuit vultus! haec illi verba fuere!
    Hic decor! haec facies! hic color oris erat!

Ut solet a magno fluctus languescere flatu;
    Sed tamen a vento, qui fuit, unda tumet;
Sic, quamvis aberat placitae praesentia formae,
    Quem dederat praesens forma, manebat amor.
Ardet; et injusti stimulis agitatus amoris,
    Comparat indigno vimque dolumque toro.

Exitus in dubio est: Audebimus ultima, dixit;
    Viderit, audentes forsne, Deusne juvet.
Cepimus audendo Gabios quoque. Talia fatus,
    Ense latus cingit, tergaque pressit equi.

Accipit aerata juvenem Collatia porta,
    Condere jam vultus sole parante suos.
Hostis, ut hospes, init penetralia Collatini;
    Comiter excipitur, (sanguine junctus erat).
Quantum animis erroris inest! parat inscia rerum
    Infelix epulas hostibus illa suis.

Functus erat dapibus; poscunt sua tempora somni.

— « Assim — diz entre si — « a achei sentada ;
« era o seu trage assim ; e a mão suave
« o longo tenue fio assim torcia ;
« d'est'arte lhe caiam no alvo collo
« aureas madeixas, ao desdem lançadas ;
« tinha este modo ; estas palavras disse ;
« este o semblante, a graça, a côr, e a boca. » —

Como se vê no mar depois que os ventos,
as azas sacudindo, o flageláram,
que, já puros os ceos, inda esbraveja
co'a rispida impressão do horrendo assalto ;
tal, posto que tão longe a bella estava,
o incendio que ateou no amante ardia.
Penando, e de paixão desesperado,
projecta macular com força e dolo
o talamo sagrado, o casto objecto.

— « O effeito é duvidoso, — eis diz o insano —
« porém não se fraqueje ; ousemos tudo ;
« audazes corações proteje a sorte ;
« foi co'o ousar que me apossei dos Gabios. » —
Cala-se, e já pendura ao lado a espada ;
já de um rapido bruto opprime as costas.

Corre ; está de Colacia á ferrea porta,
quando o sol já mergulha o carro de oiro.
O inimigo, como hospede, nos lares
do ausente Colatino é logo aceito,
(que o vinculo do sangue os dois prendia) ;
a dama com primor o acolhe e trata ;
ai que enganada está ! Manda que aprontem,
sem suspeita do crime, a lauta meza.

Nox erat; et tota lumina nulla domo.
Surgit, et auratum vagina liberat ensem;
Et venit in thalamos, nupta pudica, tuos.
Utque torum pressit: Ferrum, Lucretia, mecum est;
Natus, ait, regis; Tarquiniusque loquor.
Illa nihil; neque enim vocem, viresque loquendi,
Aut aliquid toto pectore mentis habet.
Sed tremit, ut quondam stabulis deprensa relictis
Parva sub infesto quum jacet agna lupo

Quid faciat? pugnet? vincetur femina pugna;
Clamet? at in dextra, qui necet, ensis adest;
Effugiat? positis urgetur pectora palmis,
Nunc primum externa pectora tacta manu.

Instat amans hostis precibus, pretioque, minisque;
Nec prece, nec pretio, nec movet ille minis.

Nil agis: eripiam, dixit, pro crimine vitam;
Falsus adulterii testis adulter erit:
Interimam famulum, cum quo deprensa fereris.

Contente do alimento, o somno exiges,
ó lassa natureza.

Era alta noite;
na estancia lume algum não scintillava;
levanta-se o traidor, um ferro impunha,
vai manso e manso ao talamo pudico;
mal que o toca: — « Um punhal comigo trago,
« Lucrecia — elle lhe diz — « eu sou Tarquinio,
« sou o filho do Rei. » — Nada responde,
nem pode responder Lucrecia absorta;
de assombro, de terror jaz fria e muda;
mas, como a lamentavel cordeirinha,
que no tosco redil desamparada
entre as garras se vê do lobo infesto,
ante o fero amador Lucrecia treme.

¿Que fará? ¿contender,? ¿lutar com elle?
Ella é debil mulher, será vencida.
¿Gritará? Tem na dextra um ferro o monstro.
¿Fugirá? Dura mão lhe aperta o peito,
não manchado até li de toque infame.

Insta com rogos o inimigo amante,
com premios, e ameaças; mas seus rogos,
seus premios, e ameaças.... nada alcançam.

— « Não cedes, inhumana, a meus transportes?
« pois — o barbaro diz — « hei-de arrancar-te
« com este ferro a vida, apregoando
« que em adulterio vil co'um torpe escravo
« te colhi; a teu lado o porei morto,
« e horrenda ficará tua memoria! » —

Succubuit famae victa puella metu.

Quid, victor, gaudes? haec te victoria perdet.
Heu quanto regnis nox stetit una tuis!

Jamque erat orta dies; passis sedet illa capillis;
Ut solet ad nati mater itura rogum.
Grandaevumque patrem fido cum conjuge castris
Evocat; et posita venit uterque mora.
Utque vident habitum, quae luctus causa, requirunt,
Cui paret exsequias, quove sit icta malo.

Illa diu reticet; pudibundaque celat amictu
Ora; fluunt lacrymae more perennis aquae.

Hinc pater, hinc conjux, lacrymas solantur; et orant,
Indicet; et caeco flentque, paventque metu.

Ter conata loqui, ter destitit; ausaque quarto;
Non oculos adeo sustulit illa suos.
Hoc quoque Tarquinio debebimus? eloquar, inquit!
Eloquar infelix dedecus ipsa meum?!,

A matrona infeliz, temendo a fama,
á furia succumbiu do fementido.

Indigno vencedor, para que exultas?
será tua ruina essa victoria.
ai! quanto ao solio teu custa uma noite!

Dissipando-se as trevas, apparece
Lucrecia desgrenhada, e qual costuma
ir lacrimosa mãe do filho á pira.
O consorte fiel e o pae longevo
chama do campo; os dois accodem logo.
Vêem-lhe o luto, e do luto a causa inquirem.
Perguntam-lhe que mal, que dôr a anceia,
e as honras funeraes a quem consagra.

Ella fica em silencio um longo espaço,
e no veo lutuoso esconde a face,
soltas em fio as lagrimas formosas.

Consolando-a co'a voz, e co'os affagos,
d'aqui lhe roga o pae, d'ali o esposo
que falle emfim, que exprima o que padece;
e choram, tremem com pavor incerto.

Tres vezes começou, parou tres vezes;
á quarta se atreveu a declarar-se,
mas sem a vista erguer: — « ¿ Tarquinio a isto
« me obrigará tambem?! — profere a triste —
« ¿ eu mesma hei de narrar a injuria minha?
« ¿ eu mesma, desditosa, hei de affrontar-me?!! » —

Quaeque potest, narrat; restabant ultima; flevit;
    Et matronales erubuere genae.

Dant veniam facto, genitor, conjuxque, coacto;
    Quam, dixit, veniam vos datis, ipsa nego.
Nec mora: celato figit sua pectora ferro;
    Et cadit in patrios sanguinolenta pedes.
Tunc quoque jam moriens, ne non procumbat honeste,
    Respicit; haec etiam cura cadentis erat.

Ecce super corpus communia damna gementes,
    Obliti decoris, virque, paterque, jacent.

Brutus adest; tandemque animo sua nomina fallit;
    Fixaque semanimi corpore tela rapit;
Stillantemque tenens generoso sanguine cultrum
    Edidit impavidos ore minante sonos:
Per tibi ego hunc juro fortem castumque cruorem,
    Perque tuos Manes, qui mihi numen erunt,
Tarquinium poenas profuga cum stirpe daturum.
    Jam satis est virtus dissimulata diu.

Illa jacens ad verba oculos sine lumine movit;
    Visaque concussa dicta probare coma.

Conta o que pode.... cala o mais.... e chora;
e o pejo lhe afogueia a face honesta.

O pai e esposo o crime involuntario
perdoam. — « ¿ Perdoais ? ! eu não » — diz ella
e aguçado punhal, que traz occulto,
co'a melindrosa mão no seio imbebe.
Cai aos paternos pés insanguentada,
e olhando para si, já moribunda,
para ver se o pudor na queda offende;
este o cuidado da infeliz morrendo.

Eis junto ao corpo amado o pae, o esposo,
deslembrados da gloria e do decóro,
jazem carpindo seu commum desastre.

Bruto, que a scena infausta presenceia,
e o nome com o espirito desmente,
do peito semivivo arranca o ferro;
e ali na mão com elle, que distilla
da victima formosa o puro sangue,
n'um ar ameaçador taes vozes solta
do affoito coração: — « Por este honrado,
« por este varonil egregio sangue,
« e por teus Manes que serão meus Numes,
« juro ao feroz Tarquinio um odio eterno;
« juro de o proscrever, e á prole infame;
« seus crimes infernaes serão punidos!
« tens, ó virtude, assaz dissimulado. » —

Ao som d'estes impavidos protestos,
os olhos, já sem luz, ergue Lucrecia:
meneando a cabeça, aprova e morre.

Fertur in exsequias animi matrona virilis,

Et secum lacrymas invidiamque trahit.

Vulnus inane patet. Brutus clamore Quirites

Concitat; et regis facta nefanda refert.

Tarquinius cum prole fugit; capit annua consul

Jura. Dies regnis illa suprema fuit.

Fallimur? an veris praenuntia venit hirundo,

Et metuit, ne qua versa recurrat hiems?

Saepe tamen, Progne, nimium properasse quereris;

Virque tuo Tereus frigore laetus erit.

Jamque duae restant noctes de mense secundo;

Marsque sitos junctis curribus urget equos.

Sobre funereo leito se colloca
o gentil corpo da heroina excelsa.
O espectaculo triste expõe-se a todos,
e deve a todos lagrimas e inveja.
Vai patente a ferida. O denodado
Bruto, vociferando, incita o povo,
e do mancebo audaz lhe narra o crime.

Com a estirpe cruel Tarquinio foge.

Foi aquelle o famoso ultimo dia,
em que o duro oppressor deu leis a Roma.

Succede á realeza o consulado

Cessa o reinado; os consules se criam,
e as redeas tomam do annual governo.

¿Ingano-me?! nos ceos uma andorinha?!
Salve, nuncia gentil da florea quadra!
com razão inda a medo os ares fendes;
que o proceloso inverno ao retirar-se
não raro se arrepende; e pára, e volve.
¿Quem sabe, se teus canticos d'amores
não tens de os converter em mestos pios!,
queixosa de quão cedo a nós tornaste!?
Hospeda amavel, melindrosa Progne,
só por que de teu mal Tereu não ria,
regeladas manhãs te não magoem.

Dá principio a Primavera

Duas noites sómente ao mez nos restam.
Agora Marte em fervida quadriga
punge, esforça os valentes corredores.
Elle mesmo no campo de seu nome

Fevereiro 26 — Festas equirias

Ex vero positum permansit Equiria nomen,
    Quae Deus in campo prospicit ipse suo.

Jure venis, Gradive; locum tua tempora poscunt;
    Signatusque tuo nomine mensis adest.
Venimus in portum, libro cum mense peracto.
    Naviget hinc alia jam mihi linter aqua.



ás *Equirias* preside ; antigos jogos,
pelo *equestre* certame assim chamados.

Gradivo, a tempo vens ; teu mez assoma ;
já pizas seus confins. Suspende, ó Musa :
fevereiro, e meu canto, o porto afferram.
Amanhã nossas velas desfraldadas
tomarão vento novo em novo rumo.

Despedida do livro ; fim do mez



NOTAS

AOS

DOIS LIVROS CONTIDOS 'NESTE PRIMEIRO VOLUME

NOTA PRIMEIRA

TITULO DO POEMA

FASTOS

O poema dos *Fastos* é o mais admiravel almanak do mundo!

Attribuam os archeologos da especialidade com ingenhosas conjecturas a prioridade do invento aos indiaticos, aos gregos, aos egypcios ou aos chins. Com a analyse das origens philologicas favoreça a etymologia os arabes. Sollicite para si as honras a astrologia e a medicina allegando os primeiros impressos. Componha-se de tantos e tão diversos memoriaes um cahos de erudicção. Confie-se a genealogia e ascendencia do almanak a uma Crusca *ad hoc*. Empenhe-se emfim a sciencia das meudezas em esclarecer as duvidas n'este grave ponto de controversia.

Averiguado que elle seja, e bem fixado, resolvido e authorisado que ahi m'o ponham, nem por isso deixarei eu de repetir: — o poema dos *Fastos* é o mais admiravel almanak do mundo! (1).

(1) ANTONIO GODEAU, bispo de Grasse, escreveu em verso os *Fastos da Egreja* imitando o romano; mas n'essa obra sem poesia só ha de poema

E não se pense que n'isto o apouco e desairo, ou tenho por somenos. Certamente não. Verdade seja, com as idéas que temos do livrinho popular conhecido por esse nome, mal se creria hoje que podesse um almanak tornar-se poema, e o poema conter-se no almanak. Mas que não faz e refaz, que não melhora e transforma um talento creador! Que não faria por tanto aquelle peregrino ingenho, que, sem querer, com vocação irresistivel, com prodigiosa espontaneidade, enflorava e poetificava quanto lhe cahia debaixo da mão!

Quid quid tentabam scribere versus erat.

Em Roma engrandecia-se tudo, e tudo tomava a feição de Roma. Que o diga o que da cidade antiga sobreviveu na cidade moderna. O seu annuario, truncado no meio, ficou ainda um monumento. Um poeta primoroso emprehendeu o lunario, a folhinha, o borda-d'agoa do povo latino. A memoria d'ambos ficou eterna!

Nos *Amores* e na *Arte de amar* mostrara-se Ovidio o cantor gracioso, fecundo e sensual da licenciosidade elegante, apurada na escolla de Catullo. Nas *Heroides*, e principalmente nas *Metamorphoses*, inflammado do enthusiasmo juvenil, trasbordará os esplendores da phantasia sumptuosa nos mais variados quadros das lendas gentilicas (1), primando tanto na profusa flexibilidade

o nome. Era preciso ser egual a Ovidio pelo menos, e não imital-o, porque a poesia do christianismo não se imita. LEMIERRE escreveu tambem os *Fastos do Anno*, e a sua tentativa, posto que ainda distante dos meritos do poeta de Sulmona, tem mais valia do que lhe attribue LA HARPE. Antes de Ovidio, CALLIMACHO de Cyrêna escrevêra o poema intitulado *As Causas* (Αἴτια); mas n'essa composição, exclusivamente didactica, no conceito dos mais authorisados, fica muito áquem da do vate latino, que, posto participe d'aquelle genero, se levanta frequentemente á grandiosidade épica.

(1) QUINTILLIANO, bom juiz, bem que extremamente frio e severo,

de estillo e imagens, que, talvez por isso, sapientes (1) opiniões o avantajaram em originalidade ao proprio Virgilio. Nos *Fastos* foi o poeta da patria. Assim os desenhou de certo, soffreando a musa impetuosa, contendo a luxuosidade dicaz, que lhe era como ingenita, para dar ás suas narrativas, com a sobriedade e a escolha, a singeleza grave que pertence aos magestosos padrões.

N'este devocionario pagão não ha só uma grande naturalidade e um grande saber (2); ha mais, ha um museu nacional, cujo conhecimento não é menos util á intelligencia da vida e sociedade romana do que a Historia de Tito-Livio e os Annaes de Tacito (3). Para que não pareça temeraria a asserção veja-se como o proprio Livio o confirma declarando a importancia que tinham os Fastos, não só como repositorio do culto, senão tambem como influencia politica.

Instituira-os Numa para completar com a acção religiosa o que tinha começado a força das armas. Nas mãos dos pontifices,

por vezes caracterisa com muita concisão e energia o defeito, que mais communmente se tem reprehendido a Ovidio: *nimium amator ingenii sui.* Seneca, o rhetorico, pouco menos authorisado e competente, confirma aquelle juizo quando diz: *in carminibus non ignoravit vitia sua, sed amavit.* Não admira porem que aos praxistas inexoraveis parecesse sobejidão a efflorescencia de um ingenho prodigo. Os phenomenos não vem nas regras, e quem lecciona o arteficio mal se accommoda com a natural feracidade que o supre e o vence. Se a abundancia e oppulencia de Ovidio sam defeitos, não sei. Sei só que sam raròs, e que a mediocridade esteril e rasa é muito commum, e por tanto muito mais commoda. Defeitos serão; mas levam os olhos. Quem me dera sempre com elles! *Dulcibus vitiis!*

(1) Dr. Behr; professor na Universidade de Heidelberg, *Manual da Historia da Litteratura romana*, (traduc. de Roullez).

(2) Scaligero (J. C.) na *Hypercritica* diz: *stylus facilis candidus; eruditio prisca et multa.*

(3) Theod. Burette, Prolog. ás obras de Ovidio, na edicção Panckoucke.

a quem os mysterios asseguravam a authoridade, os Fastos passaram em breve de mero ritual de festividades e cerimonias a verdadeiro registro do Estado.

Ficaram então como os definiu Servio (1).

O poder theocratico, apoderando-se dos espiritos na infancia das sociedades, cimenta involuntario os alicerces da sciencia popular. Succede o mesmo sempre e em toda a parte. E' uma como lei providencial. Da tradicção procede a historia, e são os monumentos d'aquella preambulos e anteloquios infàlliveis d'esta.

Eis a explicação melhor da valia moral do poema dos *Fastos*. Ha n'estes ao mesmo tempo um commento liturgico, um epitome de usos e costumes, um ementario compendioso de datas e acções, um chronicon da terra e do Olympo, o resumo biographico dos deuses e dos homens, um agiologio complexo, um Plutarcho pelo braço de Aulo-Gellio, um La Bruyere acairelado de Rivarol, um Brantôme da corte do ceu, emfim um Matheus Laensberg sublime!

E' verdadeiramente o almanak moderno nas suas principaes condicções; mas um almanak unico, e por tanto incomparavel.

O que no almanak moderno falta, e no poema antigo maravilha, é a ordem, a regularidade, o encadeamento harmonioso d'uma successão de pinturas e relações, mutuamente independentes, que o poeta liga com raro artificio, e sabe aviventar com uma inspiração sempre viçosa. O caracter monumental dos *Fastos* reside n'esta feliz alliança de variedade e grandeza (2). Era

(1) *Fasti sunt annales et rerum indices.*

(2) Nos *Fastos* procurou Ovidio affastar-se do seu particular estillo, que é, como diz Nisard, seguindo as doutas investigações philologicas do alemão Ianh: «un mélange de familiarité presque vulgaire et d'elégance presque précieuse.» Exigia-lh'o a natureza dos assumptos e o caracter do poema. Na graciosidade dos quadros, e delicadeza das imagens transparece porem frequentemente o caracter do eminente poe-

preciso na verdade um emminente, e bem emminente, poeta para dar á aggregação e cumulo de tantos e tão diversos argumentos a alteza conceituosa, o constante enlevo que os tem recommendado aos seculos, e os traz conservados e accrescentados na admiração, que ainda não deixou de acompanhal-os. A poesia, a boa, a melhor, a verdadeira, conta poucos milagres e triumphos como este de illuminar de tal gloria o kalendario d'uma religião morta. A crença, que tanto póde, poude menos do que a musa. Onde aquella succumbiu fez-se esta immortal.

Na familiaridade do imperador Octavio, acclamado Augusto, vivera Ovidio como todos os grandes poetas seus predecessores e seus coetaneos, mais do que nenhum talvez, por desgraça d'elle. Dias houve, em que, sob as grinaldas dos festins, o glorioso despota bem podera dizer ao vate seu commensal (1) o que depois disse Carlos IX a Ronsard:

Tous deux egalement nous portons des couronnes!

E com mais e melhor razão o faria, que já por aquelles tempos era o cantor de Sulmona o herdeiro affamado de Tibulo e Propercio, de quem pouco antes fôra rival, e por direito lhe

ta, sem todavia prejudicar o sentimento religioso, que dá ao todo o cunho especial que distingue esta composição. Da elevação ou lhaneza dos termos mal poderemos ajuizar hoje a tamanha distancia dos costumes. Talvez seja porem o mais singular attractivo de tão complicado lavor a lucta entre a indole d'um grande ingenho e a indole d'um grande thema. A tendencia de Ovidio para os refinamentos e requintes deve attribuir-se á época litteraria em que viveu. Quando a decadencia se aproxima cresce o luxo e a ornamentação. Mas o luxo fica bem aos ricos, e poucos o foram como elle.

(1) Nisard pretende que o poeta fugia á corte. As suas relações attestam que lhe andava estreitamente ligado. E' averiguada a facilidade do seu accesso e entrada com a familia imperial. Podia elle comprazer-se no retiro, mas nem por isso é menos notoria a privança de que por muito tempo gozou. Bergeron, na sua *Historia analytica e critica*

tocara o sceptro lyrico depois de Horacio, — pouco mais ou menos como, ao cabo de dezoito seculos, veiu tambem a empunhal-o Dellille depois de Boileau. A elegia polida, aperfeiçoada, esmerada com rara selecção por tantos cultores e tantos mestres, ia fechar com elle o periodo brilhante da virilidade litteraria de Roma. D'aquelles grandes nomes fadados á immortalidade era Ovidio o ultimo na ordem chronologica, bem que um dos primeiros na eminencia dos meritos.

Parece porem que ao declinar da vida, Octavio, como Luiz XIV, penitenciava com a austeridade dos escrupulos as fragilidades da juventude (1). Livia-Maintenon exacerbava-lhe interesseiramente a tendencia para os rigores expiatorios (2). A bella

da litteratura romana, livro utilissimo como indicador e como guia, exprime-se n'estes termos: « *Son intimité avec le chef de l'Etat, ses relations amicales avec les hommes les plus influents de Rome*, la gloire dont il etait environné, l'aisance dont il jouissait, l'aimable insouciance de son caractère, devaient assurer á Ovide une vie heureuse et tranquille.» O desastre que o feriu no melhor d'estas prosperidades parece ter tido origem, por uma ou por outra razão, n'um excesso de intimidade, como adiante se verá. Esta circumstancia, sem excluir o desejo e propensão attribuida ao poeta, indica todavia mais frequencia do que abstenção.

(1) O proprio poeta dá a intender que a indignação do imperador não vinha só de um erro, ou offensa particular, senão tambem dos seus versos, necessariamente os primeiros, justamente os que lhe haviam dado reputação, e o tinham recommendado ao favor da côrte:

Perdiderent quum me duo crimina, *carmen* et error.

(2) Sam muitas e diversas as opiniões relativamente á relegação de Ovidio. Relegação digo, porque havia na jurisprudencia romana uma grande differença entre desterrar e relegar. O desterro, antes degredo, implicava a infamia, e a confiscação dos bens; a relegação era apenas uma remoção, um afastamento, ou, como hoje usamos, a deportação simples. O castigo imposto ao poeta foi d'estes. O *porque* ficou obscuro. A historia tem ás vezes d'estes enigmas, que exercem a sagacidade dos conjecturistas, e onde cada qual adduz seu fundamento. Uns at-

Corinna, continuando a dynastia amorosa das Delias, das Neéras, e das Cynthias, foi menos feliz do que as suas antecessoras. Ou por muito conhecida, ou por demasiado voluptuaria, assustou a contricção recente do imperial e edoso arrependido. Sabia-se o que podiam as iras d'aquelle Jupiter terrestre. Ovidio quiz naturalmente amercear a divindade, e applacar a tormenta que no horisonte se escurecia.

D'esse desejo se póde plausivelmente inferir que nasceu a idéa mãe dos *Fastos*.

Não são estes, como os *Tristes* e as *Ponticas*, longas deplo-

tribuiram a catastrophe a ter Ovidio designado a propria filha, ou neta, de Octavio Augusto, com o nome de Corinna, que era a personificação dos seus amores; outros explicaram-n'a por uma vingança pouco generosa do ministro Mecenas, enfadado de não ter sido sequer mencionado nos seus versos, depois de tão louvado por Virgilio. Esta ultima interpretação, um pouco cerebrina e arbitraria, não se auxilia de nenhum testimunho sufficientemente authorisado, e apenas exprime a ambição d'uma novidade explicativa. Poinsinet de Sivry suppõe que Ovidio, exercendo o cargo de decemviro, revellára imprudentemente algum grande crime do moço Agrippa, neto de Octavio. Os padres Catrou e Rouillé na sua *Historia romana* imaginam que o poeta fôra testimunha ocular de uma scena deprimente ou indecorosa para o imperador, e estribam-se na anecdota de Athenodoro. Tambem não faltou quem visse a causa do subito desgraciamento, já na publicação sacrilega dos mysterios de Eleusis, já no afrontado pudor de Livia, referindo-se a uma allusão do poeta. De todas as versões porem a que hoje reune maior numero de bons sufragios, e a que se fundamenta em mais solidos indicios, é a que apurou Mr. de Villenave na sua *Vida de Ovidio*. Livia Drusilla, mulher de Tiberio Claudio, inspirára tal paixão a Octavio, que este a desposára roubando-a ao primeiro marido, e promovendo o divorcio com este. Livia era astuta e ambiciosa. Dominava o imperador e queria a successão da corôa para Tiberio, seu filho do primeiro matrimonio. Marco Agrippa, neto de Octavio, herdeiro presumptivo, fôra desterrado. Ovidio, affeiçoado a Julia, filha do monarcha, e mãe de Agrippa, propendia naturalmente a favorecer os interesses d'este.

rações soluçadas no extremo desconforto (1). E' uma concepção vigorosa, inspirada pelo sólo natal, bebida nos annaes religiosos e consulares, pensada na convivencia dos mais illustrados e nobres caracteres de que se adornava o grande seculo de Roma, amadurecida na intimidade do sabio Varrão; d'Hygino, o mythographo e bibliothecario de Palacio; de Celso, o Hippocrates latino; de Caro, o mestre dos Cesares; de Macer e Albinovano, os poetas; de Germanico, o heroe; de Fabio Maximo, o confidente do imperador; de Severo, de Valerio Messalino, de Maximo Cotta, de Ruffo, de Pomponio Flacco, e de Sexto Pompeo. Se, como o poeta por ventura esperava, lhe não poude tal commettimento remir o desterro, nem apagar a memoria das exube-

O imperador chegou a arrepender-se de haver expoliado Agrippa, seu sangue, em proveito de Tiberio, um intruso. A influencia de Livia prevaleceu porem. PLUTARCHO e TACITO conservam-n'os os vestigios d'essa curiosa lucta interior. Tacito conta-n'os como o imperador foi visitar incognito seu neto á ilha de Planasia. Acompanhava-o unicamente Fabio Maximo, o maior amigo de Ovidio. Esta mysteriosa entrevista importava um segredo de estado, porque Tiberio, adoptado já, era o Cezar reconhecido, e Livia avassalava o senhor do mundo, que não ousava afrontal-a. Segredo de estado era, e segredo perigoso, porque dava tantas esperanças a Agrippa, como trances a Tiberio e sua mãe. Todos sabem aonde levam as ambições desconfiadas e inquietas n'um regimen despotico. Segredo de morte foi com effeito, que, por mal guardado, impelliu Maximo ao suicidio. Tivera d'elle conhecimento Ovidio pelo seu amigo, e o mesmo que a este custou a vida lhe custou a deportação. A licenciosidade do poeta foi o pretexto apparente; a causa verdadeira foi o segredo fatal, consequencia da sua intimidade na familia do imperador, e tristissima prova d'essa mesma intimidade. A historia, como se vê, auxilia poderosamente as indicações de Villenave, que d'este modo se tornam as mais plausiveis.

(1) A residencia nas orlas semi-barbaras do imperio, em frente dos Dacios e dos Gethas invasores, nas frigidas plagas da Scythia, era certamente dolorosa para um epicureo, um requintado, um alfenim de Roma, como o capitulo *De medicamine faciei* está inculcando que foi Ovi-

rancias lascivas (1); que, mais do que erro proprio, tinham sido culpa das tradicções, do exemplo, da edade, da religião, do seculo e do clima, completou-lhe no conceito dos intendidos e no applauso da posteridade honras, que só pertencem aos primeiros (2). As coroas que lhe cingiram foram tão bem gran-

dio. Os criticos porem censuram com razão as excessivas queixas do poeta, e vêem n'ellas, deve-se dizer tudo, um symptoma da sua fraqueza de animo. Gresset formúla nos seguintes versos uma opinião, que tem numerosos adeptos:

Je cesse d'estimer Ovide
Quand il vient sur de faibles tons
Me chanter, pleureur insipide,
De longues lamentations:
Un esprit mâle et vraiment sage,
Dans le plus invincible ennui,
Dédaigne le triste avantage
De se faire plaindre d'autrui;
Dans une egalité hardie
Foule aux pieds la terre et le sort,
Et joint au mépris de la vie
Un égal mépris de la mort.

As almas energicas hão de concordar, com o poeta da *Chartreuse*, por mais que lamentem o triste deportado do Ponto Euxino.

(1) Marmontel descreve assim a indole poetica de Ovidio:

Enfant gaté des Muses et des Graces,
De leurs trésors brillant dissipateur,
Et des plaisirs savant legislateur.

Como já fica observado, a licenciosidade de alguns versos de Ovidio nas suas primeiras obras foi um pretexto. Esse pretexto porem, como é natural, havia de ser frequentemente invocado na côrte, depois de o ter sido pelo monarcha.

(2) José Scaligero, filho do author da *Hypercritica*, exprime-se n'estes termos: *principes poetae Virgilius et Ovidius*. Vignolle de Marville diz dos *Fastos*: «c'est le chef d'oeuvre de ce poete.» Se a opinião mais geral prefere as *Metamorphoses*, é forçoso confessar que os *Fastos* rivalisam, não só com ellas, senão com o melhor da antiguidade. Os

geadas e logradas por este presentimento da musa desditosa, como pelas rizonhas imagens dos annos prosperos (1).

Singulares coroas são as dos poetas! Sempre coroas de martyres, mesmo quando lhes celebram triumphos!

E muito mais singulares as coroas dos poetas modernos. Deu-as o Capitolio a Petrarcha desterrado e ao Tasso morto. Deu-as o féretro ao Dante prófugo e proscripto. Deu-as a posteridade a Camões agonisante n'um hospital; a Cervantes extenuado de miseria; a Milton, que para viver mais dois dias mal poude obter dez libras pelo *Paraiso perdido*, a magnifica Illiada christã, a gloria poetica da oppulenta Inglaterra, a epopéa da luz, concebida nas trevas como a de Homero.

Que são estas coroas senão ironias impias, irrisões sacrilegas, sarcasmos entre tumulos?

Regosijae-vos, pensadores inspirados, exultae eleitos da Providencia, felicitae-vos largamente, vós todos, que do melhor dos vossos corações, do mais puro dos vossos espiritos, do mais trabalhado da vossa vida, apuraes e achrisolaes os raios que alu-

dois eruditos *Vossio* e *Heinsio*, encarecendo os meritos do author, refutam calorosamente as severidades d'uma critica menos favoravel. Ovidio foi incontestavelmente o poeta latino mais fecundo e numeroso, e o que deixou mais obras á posteridade, sem contar as que o tempo confundiu e perdeu, e de que só constam os titulos por authenticas memorias e testimunhos.

(1) O poema dos *Fastos*, iniciado, meditado e evidentemente estudado em Roma, parece ter sido apurado e concluido entre os Sarmatas, na dura residencia de Tomes (Temeswar); e só provavelmente se vulgarisou nos primeiros annos do reinado de Tiberio. Tem-se duvidado e discutido muito este ponto, aliás de secundaria importancia. A invocação a Germanico Cezar, e mais ainda a commemoração das suas glorias militares, inclina as opiniões para esta conclusão. A época brilhante da reputação guerreira de Germanico é a do seu segundo triumpho, dois annos depois da morte de Octavio Augusto.

miam a vossa terra, as harmonias que levam o seu nome ao longe pelos povos e pelas gerações! Tendes estas palmas e estas corôas. Que importa que ellas sejam um requinte de supplicio, como a cana verde e o diadema de espinhos?

A sociedade é justa; é principalmente governada e cautellosa. Tem tudo em conta corrente. Agenciaes eleições? equilibraes orçamentos? primaes no acrobatismo politico, ou espaireceis o tedio aos magnatas? Não. Apenas conservaes illezas as memorias da patria acima das revoluções, das tempestades, e dos seculos. Quem vol-o encommendou? Nas serenas e espirituaes regiões da arte levantaes esses padrões superiores, diante dos quaes mal se percebem as ambições arrogantes, e passam para nunca mais lembrarem as luctas ephemeras, as grandezas pygmeas, as paixões sem horisonte. Que valor tem isso no mercado? Daes a immortalidade ás nações? Bella empresa na verdade! Quem toma acções da immortalidade? Quem as cota e negoceia? A immortalidade! Vivei d'ella.

N'esta conclusão epigrammatica está tudo epilogado e resumido. Ha-de o poeta ser mais do que um homem, e os ecónomos, os fiscaes vigilantes d'esta sociedade, cheia de precauções e de simplezas, não lhe darão nem um minimo do que ella se deixa candidamente extorquir pela exploração *habil*. O poeta, que o mine e devore a chama interior, e morra d'isso. E' a sua sina. Quem o mandou adoptar um modo de vida menos rendoso do que o de contractador de senhas?

Tenha elle a ousadia incrivel de tentar um dia colher logar no banquete commum, e vereis como lhe tomam a rol os bocados, como lh'os contam, como lh'os amargam, ao pobre faminto, os convivas replectos! vereis como lhe regateiam as migalhas para alimento dos ocios! vereis como lh'as disputam para regallo da adulação! vereis como lh'as invejam para a avidez parasita! vereis emfim com que amêna complacencia se accumu-

lam as prebendas á importunidade dobradiça, e com que apertada parcimonia se medem os soccorros ao ingenho creador.

Para o industrial.... de qualquer industria.... ha uma indulgencia inexhaurivel; a elasticidade dos seus algarismos não assusta os prudentes. Para as mais altas funcções intellectuaes ha uma pauta estreita, severa, implacavel, que faz as delicias dos calculistas eméritos. Não faltará quem vos prove com a arithmetica nas mãos que um grande poeta, com o dizimo da retribuição ordinaria de um tenor sem voz, deve passar folgadamente e ajuntar para a velhice. Ha gente para tudo!

Dam ao poeta a realeza e impõe-lhe a penuria ou a sordicia. Ha-de ter a fronte no ceo para meditar as verbas dos gastos domesticos. Rodeam-n'o d'estas delicias e magnificencias, e exigem-lhe o explendor e a magestade!

Atroz zombaria!....

Pois tem elle realmente a audacia de querer viver? Para que? Não se diz que dispõem da immortalidade? A immortalidade não tem nada com a vida terrena, essencialmente material e finita. E' ser contradictorio.

Esse sim, que é o poderoso, o concludente, o invencivel argumento. Que merece a immortalidade dos monumentos litterarios, isto é, a fidalguia d'uma lingua; isto é, a gloria d'um povo; isto é, a independencia d'uma nação? Se fosse o juro d'uma vaidade!....

Como pretende pois o insensato que lhe contem esse trabalho como um trabalho, se é todo para dentro, e todo para o futuro?

A futilidade, a nullidade dos direitos do poeta á vida dos outros homens fica assim exuberantemente demonstrada. Diga comsigo o triste: «*não é deste mundo o meu reino*,» e deixe-se ir resignado. Toleram-lhe isso. Para o animar n'estas boas disposições a logica humana não cessa de bradar-lhe com seriedade inalteravel: *morre e verás!*

E' com effeito indispensavel que morra para vêr....

Para vêr o que? Para vêr petrificado, fundido, erecto em estatuas e monumentos, accumulado em manifestações, em subscripções, em ostentações, dez, cem, mil vezes mais oiro do que a parca somma, que lhe teria prolongado a vida, desobscurecendo-a de cuidados, aliviando-a de fadigas, depurando-a de ignobeis tarefas, tornando-a menos ágra e procellosa.

Tudo isto é de hoje!

Se os progressos da civilisação offerecem algumas excepções... sam excepções! E' um melhoramento; mas vagaroso e incompleto. Não está extincto o mal.

Accreditaes accaso a cabal sinceridade de tantas glorificações da intelligencia? Triste illusão! Olhae para as mais proximas e esclarecidas edades, para os mais adiantados e potentes paizes. Não é só a Italia dividida, não é só a Hespanha fanatisada, não é só o pequeno Portugal, que dam o funesto exemplo do talento em desamparo, tardiamente afferido, quando não ludibriado pela gloria posthuma. No seculo XVIII, tão jactancioso das suas philosophias, a culta França deixa morrer Gilbert alienado de penuria, e Malfilâtre devorado de fome. E' já d'este o miserando fim de Aloysio Bertrand, recolhido a um hospicio pelo estatuario David. O suicidio de Nerval é de hontem.

Na poderosa Gran-Bretanha, Chaterton acaba desesperado, e mais de um ingenho notavel, para se não finar jejuando os loiros, calleja em rudes profissões a mão que sustenta uma lyra. Que o digam Allan Cunningham, o poeta pedreiro, Bloomfield o poeta proletario, Burns, o poeta lavrador, e Hogg, o poeta pegureiro!

As mesmas prosperidades de muitos — da maior parte — que são tambem senão confirmações tristissimas d'essa triste incuria ou indifferença? Se querem provar de longe a vida da sua natureza, tão facil aos privilegiados da fortuna, que fazem esses?

Exploram a curiosidade, lisongeam a multidão, sacrificam a consciencia, fazem da arte um officio; ou então, se o deus interno é imperioso e não transige, convertem-se em forçados, e n'essas galés, que o mundo ignora, abreviam os dias queimando-os ao novo lume da Vesta infatigavel.

Tudo no seculo segue o impulso do movimento acelerado. O improviso é uma lei da actualidade. As faculdades reflexivas são anachronicas. A elaboração lenta, que se faz na contemplação, na soledade, na meditação, nem quasi se intende. Este elemento germinador, este principio vital das obras primas, das obras que ficam, das obras que adiantam, das obras que ensinam, chega a parecer extravagancia. Ou especular ou succumbir. Os levithas da arte têem de cahir martyres d'ella!

Profanado o templo, sam raros n'elle os sacerdotes, e quasi não vão ahi senão para carpir saudades do culto esquecido!

A musa fez-se commercial onde ha ganancia e mercancia. Aqui, nem isso. Vagabundêa pelas ruas ás injurias do tempo e da plebe, com as vestes candidas salpicadas e polluidas, ociosa e desnorteada, a lêr e relêr cartazes e annuncios pelas esquinas, a pasmar diante das taboletas, de diversas taboletas, de infinitas taboletas.

Se algum devoto pouco vulgar a recolhe, a agasalha e aninha com o mimo e estimação devida, é por pouco tempo, que não póde com as despezas da hospedagem. Se algum antigo predilecto lhe conserva em casa um canto recatado, seu casto refugio e seu sanctuario, tem esse a heroicidade da abnegação e a vocação do sacrificio. E nem póde dar-se por mal pago, porque lhe não pagam bem nem mal.

A musa em Portugal é supranumeraria: lá fóra é corretora.

Não era assim em Roma, que a iam procurar e festejar aonde estava sem necessidade de empenhos. Não era assim no

seculo de Augusto, nem será assim quando cada paiz tiver cabal consciencia do que lhe convem. Não sam communs os Mecenas. Um povo livre dispensa-os porem, por que é elle o seu proprio Mecenas. Se exerce o poder, cabe-lhe a acção e a iniciativa.

Em Roma, os verdadairos poetas, ainda que tivessem nascido plebeus e necessitados, podiam á vontade pensar, limar e aperfeiçoar as suas obras, para as tornar dignas da patria e da posteridade. Verdade é que, em compensação, não medravam os ignorantes.

Horacio, filho de um liberto, e Virgilio, filho de um fazendeiro, ambos na infancia expoliados dos seus tenues patrimonios pelas ultimas convulsões da republica, viveram honrados, e trabalharam livres das preocupações vulgares da vida (1). Não os deixavam os principes, representando o Estado, distrahir as altas cogitações nas lidas triviaes de um grangeio precario : punham estes o seu cuidado e gloria em lhes guardar bonançosas as elevadas espheras onde a poesia desfere os vôos para a luz e para o céu. Assim se instigam e preparam os monumentos que o tempo não gasta. Assim se fundam as reputações, que perpetuam a memoria e o espirito de um povo!

A nossa orgulhosa civilisação ainda não fez mais nem melhor.

De taes e tão preciosas condições vem talvez a admiravel perfeição dos mestres da antiguidade, laboriosa perfeição de conceito, de locução, de harmonia, que em Ovidio parecia dom ha-

(1) Horacio deveu á munificencia de Mecenas a quinta de Tibur, onde vivia correspondendo-se com o proprio imperador, como testifica Suetonio. Ahi passou trinta annos para escrever dez mil versos, menos de um verso por dia. Virgilio, lendo o 6.° canto da *Eneida* em prezença de Augusto e de Octavia, só esta mandou dar ao poeta dez mil sextercios (40$000 rs. pouco mais ou menos), por cada um dos versos em honra de Marcello. Estas liberalidades lhe permittiram consumir doze annos nos doze cantos da *Eneida*, e ordenar no seu testamento que o poema fosse queimado por não o reputar ainda concluso nem perfeito.

tural, e nos *Fastos* se acha zellada com particular esmero (1). No conjuncto d'estes primores está o segredo de eterna juvenilidade, que dá ás obras eminentes do espirito o reinado dos seculos. N'essa transmissão de admirações, sempre reflorescentes, está tambem o contraste e legitimação das primazias.

A muitos se tem attribuido o principado e o sceptro; mas nem a todos com eguaes titulos e direitos. Tambem n'esses dominios, como se fôra risco inseparavel das soberanias, tem havido usurpações de authoridade e de imperio. São porem reinados ephemeros, esses. Instauram-n'os os embaimentos da moda, de sua indole fugitivos e inconstantes, e só duram quanto dura essa morredoura influencia, transitoria como as graças convencionaes das Climenes e dos Celadons. Os instaveis monarchas, acclamados em similhantes revoltas, que o são muitas vezes contra o senso commum, não assentam dynastia. Reinaram assim Racân, D'Urfé, e Luiz de Gôngora. Quem levantaria hoje a sua bandeira?

Se ha magestade que venha do direito divino, é a do ingenho que subjuga ás eras. O testimunho d'ellas affere os quilates á realeza exercida, e só se confirmam as honras supremas áquelles a quem os tempos vão successivamente alteando o estrado e o solio. A posteridade é um consistorio permanente onde estas preeminencias se julgam e se fixam. Ahi está a ultima instancia da gloria.

A posteridade, tão constantemente funesta aos intrusos, ainda não interrompeu os aplausos ao cantor das *Metamorphoses* e dos *Fastos*. Ovidio quinhoa com Horacio e Virgilio essa popularidade universal, que abrange o mundo civilisado. É o privilegio do

(1) Bergeron diz d'esta composição «sous le raport de la poesie, cet ouvrage est plus *soigné* peut-être que les autres poemes de l'auteur.» Scaligero pae (J. C.) authorisa a mesma opinião: *multis tamen in locis se ipso limatior at que tersior est*. Como se vê, encontram-se a cada passo novas confirmações.

bello, porque ha n'elle uma verdade que não morre — a verdade da razão e da humanidade! Convulsionam-se as sociedades, variam os influxos, progridem as civilisações; e os monumentos do bello verdadeiro, do bello absoluto, do bello perenne e indelevel, esses ficam, inabalaveis pharoes, alumiando do alto as gerações.

O enthusiasmo por Ovidio tem crescido com a multiplicação das suas edições e a vulgarisação das suas bellezas; (1) e ha-de

(1) O numero e importancia d'estas edicções é a melhor prova d'aquelle enthusiasmo. Até 1800, isto é em menos de quatro seculos de imprensa, foram successivamente publicadas setecentas e cincoenta e quatro, comprehendendo os commentarios. As mais antigas sam a do bispo de Aleria, Roma, 1471, 2 vol., fol.; a de Vicenza, notavel pelo prefacio de Accurcio, Vicenza, 2 vol., fol.; e a de Francisco Pozzuolo, Bolonha, 1471, fol., o primeiro livro impresso n'esta douta cidade, séde da mais antiga universidade da Europa, e tão authorisada então nas boas lettras, que, para se consolar da perda das franquias republicanas, inscrevia no exergo das suas moedas: «*Bononia docet.*» A preferencia e escolha das obras de Ovidio, para estrêa do recente invento em tão illustre e eminente metropole das sciencias, é honra que se deve mencionar, por que attesta o alto apreço em que já era tido o grande poeta pelos melhores espiritos do seculo XV. Depois d'estas edicções as mais famosas são as duas Aldinas, Veneza, 1502-1503, 3 vol., 8.°, e 1515-1516, 3 vol., 8.°, com as notas de André Navagero; a Elzeviriana, Leyde, 1629, 3 vol., 12.°, superintendida por Daniel Heinsio, com as annotações de José Scaligero e Grotero; a segunda das especialmente denominadas Lugdunenses, Leyde, 1670, 3 vol., 8.°, *cum notis variorum;* a Plantiniana, Anvers, 1561, 3 vol., 12.°, com os argumentos e as notas de Marillon; finalmente a de Barbou, typographo illustre, continuador intelligente d'esta gloriosa ascendencia, digno émulo dos Bodoni de Italia, rival feliz dos Ibarra de Hispanha, e precursor activo dos ultimos e prodigiosos progressos em tão nobre arte. Apezar d'este cumulo de riquezas bibliographicas, homenagem repetida de muitos homens notaveis ao grande poeta, só nos primeiros 20 annos do seculo XIX foram publicadas mais 24 edições. Devem-se ainda accrescentar a estas, como

crescer e propagar-se tanto mais quanto mais cabalmente fôr conhecido.

Assim, para o trasladar, mais, para o transferir para uma lingua diversa, de modo que esta o possa adoptar e perfilhar como nascido de casa, e elle n'ella resuscitar inteiro com as suas graças, com o seu espirito, com o seu toque e feição, o que não é preciso? É preciso sêr um segundo Ovidio, e não um Ovidio egoista e avaro de si, senão um Ovidio que vá com o

dignas de particular menção, as comprehendidas na bibliothéca latina de Panckoucke, 1834, e na de Nisard, 1850, e outra posterior, sem fallar nas de Alemanha, menos conhecidas entre nós; a edicção classica annotada por S. Lesage, e authorisada pelo conselho de instrucção publica em França, 1858, e a das obras escolhidas, publicada no mesmo anno com um novo estudo sobre Ovidio por J. Janin. Ovidio está traduzido em quasi todas as linguas cultas. D'estas diversas traducções ha seiscentas e sessenta e quatro edicções comprehendendo as reimpressões; oitenta e tres são francezas, setenta e uma italianas, e trinta e tres inglezas. Os outros paizes figuram n'uma escalla numericamente inferior. As traducções mais reimpressas sam, em inglez, a das *Metamorphoses*, de Dryden, e em francez a das *Heroides*, de Melin de Saint-Gervais, cognominado o Ovidio francez, que teve doze edições successivas. Esta superioridade de consumo e multiplicidade de edicções nos dois paizes explica-se pela universalidade das duas linguas, principalmente da segunda. Ovidio tem sido traduzido mais vezes em verso do que em prosa, e na maior parte por ecclesiasticos. Ha para ambos os casos uma rasão obvia: para o primeiro a sumptuosa ornamentação do estilo a que a prosa repugna; para o segundo o ter residido por muito tempo no claustro e na egreja a superioridade da instrucção. Deve-se ainda mencionar uma particularidade: é em França que Ovidio tem sido mais repetidamente traduzido. Ha tambem para isso uma causa especial, além da do maior movimento litterario — é a natureza do proprio talento do escriptor, que prima sobre tudo na agudeza. Examine-se, e achar-se-ha que é elle o *mais francez* de todos os poetas latinos. A totalidade das edicções de Ovidio, quer do texto, quer de versões, sóbe a mil quatrocentas e cincoenta. Só a Bibliotheca Nacional possue cento e quarenta

culto da arte até á abnegação, para subordinar a uma ardua interpretação as mais ricas faculdades creadoras (1). É naturalmente

e tres d'aquellas edicções, sendo vinte e cinco de traducções em diversas linguas, e cento e dezoito do texto, commentarios, e notas. Sam as mais recommendaveis entre as primeiras a da versão italiana, antes graciosa paraphrase, das *Metamorphoses*, de Anguilara, em oitava rima; a da versão ingleza da *Arte de amar*, de Dryden; a de Nisard, bem conhecida; a do abbade Banier, versão e texto, formosa pelas gravuras de Picart. Entre as segundas figuram com grande distincção quatro do seculo xv: a da *Arte de amar*, de Beneto Locatello, Veneza, 1492, fol.; a dos *Tristes* com a glossa de Paulo Marso, Veneza, 1492, fol.; a dos *Fastos*, com os commentarios de Antonio Constantino e Paulo Marso, Pariz, 1496, fol.; outra dos *Tristes*, de Tridino, Veneza, 1499, fol. Sobresahem mais no valor e estimação a Blaviana (*opera omnia*), inteirada por Nicolau Heinsio, Amsterdam, 1683, 8.°, 3 vol.; a Lugdunnense, de Anissonio, (*opera, ad usum Delphini*), 1689, 4 vol., 4.°; a de Jansonio Waesbergio, (*opera omnia*) com os complementos de Jacob Micyllo, Hercules Ciofani, e Nicolau Heinsio, Amsterdam, 1727, 4 vol. 4.°; a de Barbou, (*opera*), Pariz, 1762, 3 vol., 12.°; finalmente uma Plantiniana, e tres Elzevirianas, tão apreciadas como se sabe. Pena é que *muitas* d'estas joias bibliographicas, utilissimas aos bons estudos, sejam em grande parte ignoradas dos proprios nacionaes.

(1) Sainte-Beuve reputa uma boa versão dos mestres tão grande commettimento, que só poderão tental-o poetas de egual pulso e valia. Estes, no conceito do illustrado critico, por isso mesmo que sam mestres tambem, não querem de ordinario sacrificar a outrem a sua triunfante individualidade. «Nul doute (diz elle todavia) que si un vrai et grand poete se mettait en tête de nous traduire Virgile, Homere, ou Dante, ou tel autre maitre, il n'y reussit a force de temps et de soins, sinon pour la lettre stricte, du moins pour le sentiment et la couleur.» A condição expressa, alem d'um porfioso trabalho, *é* que seja *um verdadeiro, um grande* poeta, isto é um poeta traductor da estatura do poeta traduzido. O sr. Rebello da Silva, no seu magnifico *Estudo litterario* sobre Elmano, com muita elegancia e verdade ratifica esta doutrina nas seguintes phrases: «Transportar as riquezas de uma lingua para outra diversa, e algumas vezes opposta na indole e na construcção, ornando

por isso que bem pode dizer-se não ser ainda devidamente conhecido em portuguez o eminente poeta. Não fôra temeridade affirmar-se que, antes do sr. A. F. de Castilho, só por alguns congestos felizmente inspirados se haviam de aproximadamente medir os vôos d'aquelle ingenho primoroso (1). O que n'esta

a phrase alheia de gallas proprias quando esmorece, sustentando-lhe o brilho quando fulgura, e ao mesmo tempo fugir da exactidão infiel e prosaica sem trahir o pensamento, requer um conhecimento tão intimo dos dois idiomas, e um tacto tão subtil em apreciar as opulencias e as pobrezas de ambos, que torna o passo difficilimo, e a victoria quasi mais gloriosa do que se a palma se cortasse no lavor de composições originaes.» O sr. Castilho, em todas as suas versões dos mestres da antiguidade, confirma com admiraveis exemplos a authoridade d'estas opiniões.

(1) Sam os fragmentos vertidos por Bocage: uns dois terços do livro 1.° das *Metamorphoses*, breves excerptos dos livros 2.°, 4.° 6.°, 10.°, 11.°, 12.°, 14.°, e 15.°, e a *Morte de Lucrecia* extrahida do livro 2.° dos *Fastos*, nos quaes trechos brilham principalmente os raptos naturaes do poeta traductor. Algumas vezes é verdadeiramente portentosa a força intuitiva d'aquelle grande estro. O sr. Castilho, respeitando a elaboração feita, não duvidou adoptar muitos versos do seu incompleto predecessor. Este é o maior louvor que se lhe tem tributado. Afóra estes fragmentos, que sam os mais dignos de citação, que eu saiba, só existiam, antes do vasto emprehendimento do sr. Castilho, o *Compendio das Metamorphoses* por José Antonio da Silva Rego, de que ha duas edicções de Lisboa, uma de 1772, 8.°, e a Rollandiana de 1815, 12.°, pequena e insignificante explanação, que só serve ao uso pueril a que é destinada; os *Quatro primeiros livros das Metamorphoses* (o 4.° incompleto) versão de Almeno (Fr. José do Coração de Jesus), Lisboa, 1805, em verso solto, solto de todo e em tudo, por nossos peccados e do pobre do frade, que em metter-se com as musas fez do habito a camiza de onze varas mais bem-medida de que tenho noticia; o *Remedio de amor* e as *Queixas de Dido contra Eneas* (cinco odes) por João Bento Said, Angra, 1831, que mostram boa vontade e um louvavel sentimento de harmonia metrica; as *Heroides*, expurgadas de obscenidades (diz o traductor) e posta em rima vulgar (vulgarissima) por Miguel do Couto Guerreiro, Lisboa, 1780, dois vol., 8.°, livro de um homem douto, mas in-

parte nos faltava, e não deve faltar na litteratura de nenhum povo culto, já nos não falta agora. Com as *Metamorphoses* ha dezoito annos, com os *Fastos* agora, encheu, acogulou a lacuna est'outro grande poeta, est'outro poeta oppulentissimo, que bem poderemos cognominar Ovidio-Castilho, com mais razão e verdade do que Voltaire teve em chamar ao traductor das *Georgicas* Virgilio-Delille.

Motivadamente anda por ahi desacreditado o officio de traduzir, dês que officio o fizeram, e officio dos mais mechanicos, plebeus e illetrados. Em novellas de má morte e peças de theatro, verdadeiras peças pregadas aos auditorios, o desennobreceram e arrastaram quantas ignorancias atrevidas intenderam, que, para na-

capaz de conhecer e avaliar as subtilezas conceituosas de Ovidio, e só apto para as desfigurar, como fez nos seus tercetos, tornando-se ao mesmo tempo singular pelas affectações nas *Respostas* de sua lavra; a *Exposição dos Fastos* e a dos *Tristes*, pelo padre Domingos Fernandes, Lisboa, 1749, 4.°, traducção litteral acompanhando palavra por palavra o texto, quando muito um soffrivel *pae velho*, como se diz nas escolas, para auxiliar principiantes; finalmente, o *Commento sobre os cinco livros dos Tristes*, por Mathias Viegas da Silva, de que ha duas edicções, uma de Lisboa, 1733, 8.°, e outra de Coimbra, 1735, 8.°, que está no mesmo caso da *Exposição dos Fastos*. A primeira grande versão de Ovidio, o primeiro trabalho completo, em tudo completissimo, que nos revelle inteiro o poeta, é a *Traducção dos 15 livros das Metamorphoses*, começada a publicar em 1841 pelo sr. A. F. de Castilho, Lisboa, Imprensa Nacional. No erudito prologo d'esta edicção vem citada,—reconhecida e authenticada, digamos,—uma versão manuscripta das *Metamorphoses* por Candido Lusitano (o padre Francisco José Freire.) A *Bibliotheca Lusitana* de Barbosa, a que o mesmo prologo tambem se refere, menciona a existencia de outra versão, egualmente manuscripta, intitulada *Fabulas de Ovidio, traduzidas em outavas e sylvas castelhanas, em estyllo jocoso*, por Jorge da Camara, ecclesiastico poeta do seculo XVII, de quem só sei que mereceu de D. Francisco Manoel, bom intendedor, o nome de «Marcial portuguez.»

cristalisar qualquer obra, sobrava ter uns taes ou quaes laivos da lingua extranha desconhecendo a propria. Não se cuide porem que em taes desacatos e impiedades ficou exauthorada a altesa e legitima jerarchia dos trabalhos de consciencia e verdade. A patria e a posteridade hão-de sempre honrar a audacia feliz de um grande ingenho, que sabe medir todas as difficuldades para as acommetter e superar, enriquecendo a sua terra e edade com os mais valiosos thesouros do tempo e do espirito. As versões ou inversões ignaras não deslustram aquellas grandes elaborações, antes lhes avivam o merito, tornado mais evidente na comparação, como da memoria das catastrophes se realça o explendor dos triumphos.

Louvar o traductor dos *Fastos* é já trivial. Quem o não louva e admira? Nem ha-de nunca um homem apurar maior nem melhor louvor do que esse louvor collectivo e unanime, louvor popular, louvor incontestado, louvor maximo, com que a nação o acclama, com que extranhos o saúdam, com que a republica litteraria o declara mestre entre os mestres.

Apreciar o cantor da *Primavera*, das *Excavações Poeticas*, das *Cartas de Ecco*, dos *Ciumes do Bardo*, da *Noite do Castello*, de *Amor e Melancholia*, de tantos poemas primorosos, em tanta variedade de generos, com tantas e tamanhas excellencias de inspiração, de sciencia, e de arte; aprecial-o sobre tudo, n'esta sua, muitas vezes portentosa, e sempre triumphante justa com um dos maiores genios da antiguidade, com o poeta das *Heroides*, das *Ponticas*, dos *Tristes*, dos *Amores*, e das *Metamorphoses*, emprehendimento fôra para quebrantar os mais fortes e os mais resolutos. Seria preciso seguir com os olhos, com o animo, com o espirito, e ainda mais com a contemplação e o assombro, o dédalo interior d'esse immenso edificio, em que fadas parece terem posto a mão.

Aqui o panegyrico descahiru em redundancia, e a analyse subira a temeridade.

Um escrupuloso e cabal exame, como a taes obras se deve, requereram, não um, senão muitas dezenas de volumes. Só assim, — e bem o sabem os intendidos — se poderam contar, expôr e explicar, uma a uma, e cada qual de per si, as formosuras innumeraveis do original, e as outras tantas, e mais, que na versão lhes correspondem, ou se lhes avantajam. Só se lograria demonstrar *toda* a valia de tal obra com a acareação minuciosa dos dois textos; com a afferição do seu valor intrinseco e relativo; com a nota dos passos arduos e dos obstaculos supplantados; com a glossa dos caracteristicos, dos mimos, das subtilezas e differenças de ambos os idiomas; emfim, com o apuramento das perfeições, e os quilates de estillo, e o rol amplissimo de tantas agudezas, elegancias e sumptuosidades de elocução, de tão lustrosos atavios e gallas de phantasia, como as que no Ovidio latino e no Ovidio portuguez se disputam a palma.

Não póde quem passa como de visita contar sequer as riquezas da explendida galeria, a que não ha vêr fim, nem as maravilhas d'aquelle labirintho de architecturas, em que esta se dilata. Succede-lhe como áquelles a quem de repente se descortina uma deslumbrante reunião de magnificencias. Suffoca-os o fulguroso conspecto, e, quando se lhes desopprime o peito, só lhes chega o folego para exprimir o enthusiasmo n'um brado.

Ninguem como os antigos soube qualificar a arte na mais pura expressão do bello: não sem razão lhes chamaram elles *divina!*

Na impossibilidade dc relatar e especificar todas as excellencias, que tornam esta versão dos *Fastos* um verdadeiro thesouro litterario, limitar-me-hei a mencionar duas, entre outras, relevantissimas prendas, por serem das mais raras e qualificadas. É a primeira aquella perpétua invenção de linguagem, que dá ao nosso Ovidio tantos ares de parentesco e intimidade com o romano, e poem em tam perfeita correspondencia os dois monu-

mentos. É a segunda aquelle sancto amor da antiguidade, que se contrahe nos grandes estudos, que inflama os grandes ingenhos, e sem o qual fôra impossivel pôr tam acabada mão em obra tam profusa.

Só possuindo, como o sr. Castilho, uma inexhaurivel mina de termos, um viveiro sempre renascente de locuções originaes, uma facilidade admiravel em variar a textura da phrase, se nos podia ahi repôr o proprio espirito latino em poesia de tanto sabor nacional. Sob o veu oppulentissimo d'esta versificação de uma harmonia tam portugueza, não crêdes como distinguir todas as fragrancias e aromas, os mais subtís, dos fecundos vergéis do Lacio, viçados e refloridos em terra nossa e ao sol dos nossos dias?

Mede o intendimento com pasmo a grandeza do esforço necessario para realisar esta que é ao mesmo tempo identificação e transfiguração.

É n'essas paginas a antiguidade tam formosa, tam careadora dos animos e vontades, tam *nova* emfim, que para aqui parecem talhados, e como expressamente feitos para o nosso segundo Ovidio, — segundo só na ordem dynastica, — estes versos, de La Motte ereio, com que ponho ponto, forçado das instancias do tempo, n'estas paginas bem inferiores aos meus sentimentos e desejos:

Digne de l'univers, l'univers pour l'entendre
Aime a redevenir latin.

JOSÉ DA SILVA MENDES LEAL JUNIOR.

NOTA SEGUNDA

ADDITAMENTO Á PRECEDENTE

DESTERRO DE OVIDIO

É em tanta maneira interessante, e não só aos devotos da poesia, o arcano do desterro de Ovidio, que, ainda depois de ouvirmos sobre este assumpto o nosso amigo, o nosso immortalisador Mendes Leal, escutaremos de muito boamente o que ao mesmo proposito escreve na primeira parte da sua opulentissima Grinalda Ovidiana, o editor da nossa Paraphrase dos Amores, o nosso bom irmão J. F. de Castilho. Affoitamente pois o trasladamos para aqui.

A. F. DE CASTILHO.

É um dos problemas, que assaz tem occupado a imaginação dos biologos.

O infeliz refere-se a dois motivos; um que nos confessa, outro que elle cautellosamente cala.

O confessado tem sido, em todos os tempos, considerado um pretexto futil, destinado a encobrir a verdade.

É certo que de Roma, e do senso-commum, se zombou, attribuíndo a relegação á corrupção que nos costumes causára a Arte de Amar!

Esse poema, uma das primeiras tentativas litterarias de Ovidio, foi composto aos vinte annos de idade; quasi durante seis lustros tinha ornado todas as bibliothecas, sido cantado em to-

dos os theatros, corrido todas as mãos; imaginaes Augusto tão analphabeto que, mais de vinte annos, ignorasse a existencia de um livro, que o ultimo quirite sabia de cór?

Dêmos de barato que essa obra não fosse um prodigio de moral. Todavia é uma herototechnia, uma *arte*, que nada ensina; puro brinquedo da phantasia. Nem uma expressão se lê ahi descomedida na linguagem, brutal, obscena. O amor, de que ahi se falla, é sempre o formoso, o natural iman dos dois sexos. Procediam assim Catullo, e Marcial, e Ticida, e Calvo, e Memmio, e Cinna, e o proprio Horacio e o proprio Virgilio? Não eram presados, e protegidos, os auctores de tão licenciosas poesias? Todos esses exprimiam as maximas torpezas, as mais infames bestialidades, pelos termos mais deshonestos e com as imagens mais libidinosas. Tomos se tornaria segunda Athenas, se para ali relegassem, com mais motivos, todos esses jubilados e decanos da immoralidade.

E finalmente quem é este severo Catão Censor, este Lucrecia de barbas, cujo pejo estremece, em presença de uns versos amorosos? É aquella immunda personagem, cuja biographia, reduzida ao decimo do que os historiadores nos legaram, fórma ainda um compacto tecido de monstruosidades.

Não affirma Suetonio que esse perverso explicava aos amigos os seus frequentes adulterios, por um calculo politico, afim de, pelas revelações das mulheres, colher os segredos dos maridos? Não praticou elle os mais abominaveis incestos? Não usou de *ambas as Venus*, da mais sordida maneira? E no proprio assumpto de versos livres, não temos 'nelle mesmo *confitentem reum?*

Não se conservam poesias de Augusto (como o epigramma, Marc. xi. 21), em que tantos como as palavras são os horrores? (1)

(1) Conta-se que Augusto, durante o triumvirato, compuzera versos livres e grosseiros, (dos que denominavam fescenninos) contra Pollião

Verdade seja que Augusto, como Luiz XIV, depois de ter escandalisado o mundo, quiz, chegado á velhice, dar exemplos de severidade nos costumes, tornando d'ella victimas, nunca a si mas a terceiros; não obstante, é evidente que o principe allegou essa razão especiosa, com que a real ficasse encoberta.

Assim eliminado o pretexto, qual terá sido a causa real de tão inexoravel pena?

A circumspecção do poeta, provavelmente necessaria, nol-a absconden; e ainda os proprios dados que nos ministra são vagos e talvez contradictorios. Ora se proclama innocente; ora se reconhece culpado! Ora se apresenta victima de alheio facto; ora declara o castigo brando para o seu delicto! N'outra parte exclama:

« Foi meu crime ter olhos; ¿ porque olhei eu para aquillo que não devia vêr? »

Porem que é isso que viu?

Suspeitam alguns que Ovidio surprehendêra Augusto, commettendo um incesto. Prova, diz Voltaire, de que ali andava incesto, ou aventura secreta e escandalosa da familia imperial, é que Tiberio, monstro, tanto de lascivia como de dissimulação (o bode de Capria, immortalisado pelas medalhas que nos representam as suas devassidões) não revocou a Ovidio do desterro.

Celio Rhodigino cita fragmentos de um certo Cecilio Minuciano Apuleio, auctor que diz quasi contemporaneo d'Augusto, o qual parece ter sido o primeiro que aventou a versão do incesto. « Pulsum quoque in exilium, quod Augusti incestum vi-

(o mesmo que a Tito Livio censurava a patavinidade); mas que este, aliás capacissimo de retorquir, tivera a prudencia de calar-se «porque dizia elle, não queria graças com um sugeito, que, por qualquer cousa, punha um homem a caminho.» Seguia o preceito dos *Animali parlanti*:

Non me ne fate autor; io non vo'guai.
Massime col Leon che stimo assai.

disset» (Ansiq. lect. l. XIII c. I) «Proedicabat autem (Caligula) matrem suam ex incesto, quod Augustus cum filia sua admisisset, procreatam (Suet. Calig. c. XXIII)» Grande argumento é um dito d'esta torpeza, em boca de um Caligula!

Parecé-nos esta explicação inacceitavel; ninguem no mundo levou mais longe que o poeta a delicadeza, o melindre, o que hoje se chama *tacto das conveniencias.*

O homem que, para não comprometter as suas amantes, as designava por pseudonymos, — por não prejudicar, do desterro, aos seus amigos, lhes supprimia os nomes, — que emfim dava a cada passo demonstrações da nobreza de seus sentimentos, não lembraria tantas vezes áquelle principe, de quem aliás tudo dependia, um successo que devêra confundil-o.

Menos improvavel seria pois a segunda versão, a de que, tendo intrada franca no paço de Augusto, que lhe estimava o talento, ali presenciasse acção vergonhosa para a familia imperial. E isso mesmo estriba-se em algum fundamento?

Poucos mysterios da antiguidade tem, tanto como este, exercido os animos. O campo da phantasia, fecundo em miragens, descortina horisontes sem termo; e por isso mesmo que os dados são tenuissimos, — que nenhum contemporaneo nem de leve tocou em tal assumpto — que as hypotheses só começaram seculos depois — cada escriptor tem dado larga rédea á sua imaginação, e assim se continuará até que os manes de Augusto ou Ovidio se resolvam a subir alguns momentos á terra, por que se dignem de esclarecer-nos.

Entre as muitas versões, eis aqui a de Rosmini, em additamento á de Tiraboschi, que não parece dos menos plausiveis romances.

— O motivo da relegação de Ovidio não foi real delicto, por elle commettido, mas sim a sua cooperação para as devassidões de Julia, sobrinha de Augusto.

Dos muitos illustres amigos do poeta, algum o teria apresentado a ella, então casada com Lucio Paulo, joven, bella, fogosa, e de costumes ligeiros.

Ovidio, que adorava as petulantes, comprouve-se no tracto com Julia; leu-lhe seus poemas; brindou-a com a sua *Arte de Amar*; embebeu-a em suas pouco austeras maximas.

Entre os muitos arrastados da formosa, um havia a quem Ovidio, passado pela idade de primeira a terceira pessoa, protegeu, orando a seu favor, exaltando-lhe os dotes com a facundia e persuasão proprias de poeta, e de tal poeta como elle. Rendeu-se o terno coração da bella, e a praça capitulou ante o inexpugnavel vencedor.

Um dia o novo medianeiro colheu os amantes em demasiada familiaridade; outros se gabaram do mesmo.

Fez estrepito o caso; chegou aos ouvidos de Augusto que, indignado, inquiriu os accusados; e Julia, para aliviar o proprio crime, accusou Ovidio como seductor.

Involvidos no negocio varios amigos d'este, e achando-se no toucador de Julia a *Arte de Amar*, considerou-se esta como corpo de delicto para condemnação do poeta. Augusto, encolerisado, desterrou sobrinha, amante, e seductor; mas como lhe não conviesse dar o verdadeiro motivo, pretextou a *Arte de Amar*.

Já se vê que o poeta não commetteu delicto algum com Julia, só cooperou para os delictos d'ella, sendo por isso relegado, *sem confisco*; motivo por que elle confessava ter sido tractado com clemencia.

Tudo, nas palavras de Ovidio, concorda com esta versão. Diz elle que a amizade com os grandes occasionou sua ruina — que commetteu não um crime, mas um êrro — que nenhuma vantagem d'ahi lhe resultou — que o seu êrro foi mais estulticia que outra coisa. Queixa-se dos companheiros e dos servos, que o denunciaram; reconhece não poder defender-se de toda a culpa etc.

Tal a versão de Rosmini que, se não parecer fundamentada, tambem se não taxará de absurda. Bem póde conjecturar-se que a punição lhe fosse infligida, por se achar incurso nas disposições da lei juliana, *De adulteriis coercendis* (*Dig.* 48. tit. x.), promulgada pelo anno 17, antes de Christo; é certo que as provisões d'essa lei, como as conhecemos, não mencionam poesias obscenas; mas o seu titulo, no Digesto, prova que se estendia além do castigo das partes directamente comprehendidas no adulterio, punindo egualmente, entre outros, os que para taes fins facultavam suas casas.

Sonha um biographo que elle tomára parte 'numa conspiração para restabelecer os direitos dos filhos de Augusto ao imperio; observa ter o poeta sido relegado para a Scythia, exactamente ao tempo em que era tambem espulso de Roma o mais proximo herdeiro do throno, e banida Julia, irmã d'Agrippa; o que não decide é se o revolucionario (o terno, o elegiaco Ovidio conspirador!) foi criminoso, ou sómente indiscreto.

Vagando 'nesse campo de politica, Villenave, Ginguené, Schoell e outros suppuzeram que a causa do desterro fôra a ira produsida no animo de Augusto, pela revelação e divulgação de um segredo de estado, qual o da sua visita ao neto Agrippa e reconciliação com elle, que tanto devia contrariar a omnipotente Livia (mulher de Augusto e mãe de Tiberio) (1); dizem que o

(1) Lê-se com effeito nos *Annaes de Tacito* (versão de Freire de Carvalho): — «.... Ia-se augmentando a doença de Augusto, e não sem suspeitas de ser ajudada pelas maldades da mulher. O certo é, que poucos mezes antes, já circulava um rumor de que Augusto, dando a saber seus intentos a alguns amigos, tinha ido, só com Fabio Maximo, a Planasia, visitar o neto Agrippa; e que, derramando então ahi ambos muitas lagrimas, se haviam dado reciprocos signaes de amisade, sendo o final resultado da visita, que o pobre mancebo tornaria a ser restituido a casa do avô: o que Maximo revelou a sua mulher Marcia, e da mesma sorte a Livia. Tiberio foi logo d'isto informado; e succedendo pouco depois a

imperador só fôra acompanhado de Fabio Maximo, parente da mulher de Ovidio, o qual commetteu a imprudencia de segredar o acontecido a sua esposa Marcia; esta á de Ovidio; est'outra ao marido; este a varios.

Outros imaginam ter ahi andado galanteio do poeta com Livia, ou alguma das Julias, o que nem exame tolera; outros vão devaneando a seu talante. *Non nostrûm tantas componere lites!* Ácerca d'esse *Mascara de Ferro* da antiguidade, romanesie cada um o que lhe approuver; nem d'ahi resultará que a esphera perturbe a sua marcha, tropeçando 'nesse obstaculo.

JOSÉ FELICIANO DE CASTILHO BARRETO E NORONHA.

NOTA TERCEIRA

PAGINA 3 — VERSO 1

PROPOSIÇÃO DO POEMA

Um grande povo, uma religião imaginosa, um poeta elegantissimo! Tres coisas são estas, que chegando um dia a encontrar-se deviam produsir alguma grande maravilha. Foi ella um poema. O povo era o romano, a religião o polytheismo, o poeta

morte de Maximo (que ficou em duvida se foi violenta) dizia-se ter-se ouvido, no seu funeral, accusar-se Marcia entre mil gemidos e gritos, de haver causado a morte do marido.»

Ovidio. A obra d'estes poderosos collaboradores vêmo-l'a hoje nos *Fastos*, que, vestidos á portugueza, sem desdizerem da gravidade e formosura romana, achamos agora naturalisados e quasi de novo ideados e coloridos por um poeta, que mais do que ninguem sabe trazer em amigavel e amena convivencia as musas antigas e modernas.

Todos os grandes póvos tem quasi desde o berço colligido em fórmas poeticas as tradições mythologicas dos seus primeiros tempos, combinadas com as lendas heroicas dos seus primeiros fundadores. Antes de haver historias graves, precede-as a poesia, que engrandece a origem das nações. Todos os póvos, no seu orgulho nacional, prendem no céo a cadeia historica dos seus destinos. A humanidade inteira são elles. Eram de toda a eternidade predestinados a exercerem o primado entre os seus iguaes, e a terra pareceu-lhes creada para que elles a dominassem como um feudo, em que tivessem por dependentes e escravos seus os homens de diversa nacionalidade.

São os poetas os primeiros peccadores na soberba das nações, mas desculpavel é o crime, porque o excusa um grande sentimento, sem o qual a civilisação, pela indifferença dos povos, ficaria perpetuamente estacionaria. Ora é o poeta, que excita nos seus compatriotas, o estimulo do amor da patria, e os anima pela apotheose do passado aos audazes commettimentos do presente e ás esperanças arrogantes do futuro.

Os fastos mythologicos e heroicos da Grecia escreveu-os Homero e Hesiodo. Os fastos do oriente traçou-os ha milhares de annos a inspiração hindostanica nos livros sagrados d'aquelle formoso berço de todas as civilisações do velho mundo. Os fastos primitivos dos póvos scandinávos, lêem-se ainda hoje nos *Sagas* da Noruega e da Islandia. Onde, entre as tribus menos cultas, faltaram artes de perpetuar em caracteres e em symbolos a historia meio-fabulosa, meio-heroica do povo, suppriu a tradição

oral e a memoria, sempre grata ás lendas maravilhosas. Os romanos parece não haverem tido um corpo de tradições primitivas, onde se achassem confundidas as lendas heroicas dos tempos ante-historicos com as crenças religiosas dos seus primeiros dias.

Os romanos tiveram commum com os demais povos italicos, principalmente latinos e etruscos, todo o seu thesouro mithologico. O livro das tradições suppre-o muitos seculos depois da fundação da cidade, o poema dos *Fastos*, em que a erudição mais selecta não prejudica as elegancias e primores da poesia na idade aurea das lettras latinas.

Os *Fastos* são de feito o calendario romano, illustrado com todas as notas religiosas e historicas, que podem caber na commemoração de cada periodo do anno. Posto de parte o merecimento da obra como creação de um engenho felicissimo, qual era o de Ovidio, o poema dos *Fastos* é ainda um precioso repertorio de informações sobre os costumes, as constituições, os ritos, as usanças e as tradições religiosas e guerreiras do povo romano. Os eruditos tem citado em todos os tempos o poema dos *Fastos*, como um documento, com que comprovar as suas investigações sobre as antiguidades do calendario e da religião latina. A valia dos *Fastos*, como testemunho historico, é ingrandecida pela consideração de que o calendario romano, segundo o poema de Ovidio, concorda quasi inteiramente com o calendario gravado em marmore, por onde parece haver-se regulado a distribuição das festas e dos actos solemnes da vida publica e civil entre os antigos conquistadores do universo.

Festas do lacio anno, origens suas,
Quaes astros vão, quaes vem, dirão meus versos.

Esta proposição simplicissima resume o intento e o objecto do poema inteiro.

Depreende-se da propria textura da obra que o poema dos

Fastos é principalmente destinado a commemorar as festas que o povo rei celebrava pelo decurso do seu anno. O poema é pois evidentemente theologico. Qual foi porem a origem da instituição de cada festa? Qual é a genealogia do deus ou do heroe, cujo culto celebrou o povo em cada uma das suas numerosas festividades? Que feito das armas romanas, que turbação civil, que acto da vida guerreira ou politica se mesclou na origem á festa, descripta por Ovidio? Que instituição civil prende com a solemnidade religiosa, que elle canta? Que circumstancias astronomicas influiram na divisão do anno, e na sua repartição pelas festas da religião romana?

Eis aqui os problemas que o poema resolve.

Vem o poeta, por exemplo, a fallar do mez de Março? Ouvil-o-hemos discursar sobre as origens, que a tradição ou a conjectura attribue a este que foi o primeiro dos mezes de Roma no velho calendario do seu hoje problematico fundador. Com que arte admiravel não acha o poeta as mais curiosas relações entre o mez que descreve, as festas que o distinguem, as instituições que elle recorda, as historias que lhe andam ligadas!

Ouviremos a historia poetica de Marte, a predilecção dos romanos por este deus turbulento e dominador, e veremos confirmada uma verdade demonstrada por todas as mythologias, e vem a ser, a preeminencia concedida por todos os povos guerreiros, por todas as tribus ainda mal policiadas, ao deus que simbolisa e inspira os brios guerreiros e a ambição vertiginosa das victorias.

O poema dos *Fastos* é uma trilogia admiravel da astronomia, da mithologia, e da historia dos romanos. É um poema, que á luz da critica horaciana, ou da esthetica vulgar, entrará forçadamente nas estreitas classificações da poesia.

É poema didascalico, porque 'nelle se insinúa, disfarçada a asperesa nas fórmas correctas e primorosas da metrificação la-

tina, toda a sciencia que tem ligação com a divisão do anno e as solemnidades religiosas. É um poema narrativo, porque muitas vezes Ovidio conta com a brilhante seducção da sua palavra as origens romanas, as tradições engrandecidas pelo tempo e já poetisadas pela fantasia d'este grande desaffectado poeta, que se chama povo. É um poema erotico, porque 'nelle a imaginação do cantor exilado brinca igualmente facil e complacente com as voluptuosidades dos deuses e com os amores ardentes dos homens. Vêde-o agora desenhar o touro espadaúdo e possante, que devora o espaço, levando no dorso a nova desposada do pai dos deuses conquistada: a Europa. Observai-o logo esboçando com o pincel meio-erotico, meio-burlesco os amores silvestres e apaixonados dos satiros. E quem não dirá que ha nos *Fastos* o que quer que seja de inspiração épica, contemplando o povo romano, que desfila diante de nós, levando nos carros dourados os seus triunfadores, guiando o cortejo das suas ovações, honrando as imagens dos seus antigos, hasteando as suas aguias victoriosas, e aprestando-se para levar as insignias da magestade romana, sob os auspicios e sob a fortuna de Augusto, até os ultimos confins do orbe conhecido!

Em todas as idades poeticas, em todas as civilisações ha um poema, que resume o estado da cultura de um povo, e apresenta 'num epilogo brevissimo a sinthese de todas as suas idéas e de todas as suas crenças.

Entre as gregos são os poemas de Homero. Não se pode dizer que seja entre os romanos o poema de Virgilio. Não, por que a Eneida é a imitação do poeta grego. É a musa hellenica, que desce do Parnaso até o Tibre, para dar á lisonja e á adulação as agigantadas fórmas da epopéa. Virgilio era o servilismo romano — tão desmedido como o fôra já a magestade popular sob a republica — escrevendo para a posteridade, gravando nos marmores da epopéa o elogio de um tiranno, e obrigando os deuses a

curvarem o joelho diante do soberano dominador de Roma. Todos os epicos romanos são libellistas sublimes, assalariados moralmente ao serviço das facções. Que poema póde pois representar a individualidade romana? São, não o podemos duvidar, os *Fastos* de Ovidio.

Attendidas as differenças profundas que separam duas civilisações absolutamente oppostas, descontando a indole diversa dos dois poetas, não poderiamos aventurar-nos a dizer que Ovidio é para os romanos, gracioso, elegante, jovial, pagão, mas tantas vezes satirico, o que é para a idade média o Dante, christão, austero, rude e melancolico? Não ha em ambos os poemas a alliança do ceo e da terra, da eternidade e do nada? não há 'nelles ambos o resumo de toda a sciencia do seu tempo? não está 'nelles representada como 'num *Cosmos* poetico a unidade mistica de todas as coisas? Guardada a differença infinita que vai da theologia christã á theologia do paganismo, e do poeta sceptico do seculo de Augusto, ao poeta religioso de Florença, não são ambos os cantores a expressão da fé, que dominava no seu tempo? com que arte admiravel não inlaça o poeta a cada passo as idéas da imperfeita astronomia do seu tempo com as mithologicas lendas, que personificam as estrellas e os planetas como a representação das divindades, dos semi-deuses e dos heroes!

É quasi universal nos tempos de simplicidade e de ignorancia a crença na divindade dos astros. O sabeismo é o primeiro culto das nações. O sol é um deus, porque é elle a força, a vida, a renovação, a alegria, a esperança, a luz, a formosura da creação. A rude intelligencia, toma o testemunho pela divindade, a expressão pela idéa, a apparencia physica pelo principio espiritual e eterno do universo. A credulidade cega acceita ao principio litteralmente os phenomenos, como se fossem as proprias causas. Vem depois um novo periodo. O espirito, sem

progredir no vigor do raciocinio, tinge nas côres da imaginação poetica as suas primeiras crenças. O universo povoa-se de innumeraveis divindades. O sol, é Phebo, que despede frechas d'oiro. O raio, é Vulcano, que fabrica as armas temerosas de Jupiter. A tempestade, é Neptuno, que agita com o tridente as aguas infurecidas. Sabeismo, ou antes do culto dos phenomenos da natureza physica, do que pode chamar-se o *naturalismo*, grosseiro dos póvos ignorantes vai apenas um passo ao polytheismo. O Olympo surge trazendo já sentados na sua poetica assembléa os deuses da gentilidade. É uma religião toda analytica. Cada phenomeno, cada acção, cada producto do universo tem uma causa, um agente, um deus particular. É uma especie de descentralisação anarchica nos poderes da natureza. É o feudalismo transplantado ao governo do mundo. Jupiter é um suserano frouxo e *fainéant*. As divindades subalternas arrogam-se a omnipotencia na circumscripção, a que presidem. Cada região tem o seu deus, cada cidade o seu nume tutelar, cada habitação os seus penates. A poesia d'esta religião latitudinaria deifica as virtudes e os vicios, os bons e os maus eventos da vida humana. Cada acto da existencia tem um deus, que lhe preside. Uma turba de numes nupciaes conduze pela mão a noiva desde a casa paterna ao thalamo esponsalicio. Os deuses peregrinos recebem fóros de cidade e naturalisação no largo Pantheon de Roma. Quando o polytheismo exhaure em extravagancias a fertil imaginação popular, chega a época da philosophia, que sóbe da analyse a uma synthese racional. É o tempo em que Platão e Socrates reconhecem a unidade da causa universal e suprema. É o tempo, em que Cicero, nos seus colloquios philosophicos, surri dos absurdos da religião romana, em que o indifferentismo religioso se disfarça commodamente na liberdade illimitada d'eleger novos deuses e de honral-os, ou antes os deshonrar, com um culto irracional e pervertido.

Caso é notavel e digno de reparo; que o mesmo livro aberto nas suas paginas mais eloquentes, ao sabio e ao indouto nos mesmos caracteres inspire tão contrarias interpretações. O aspecto dos ceos e dos astros, aos homens rudes e inexpertos, ensina o culto material da natureza; aos sabios o culto do seu autor. A uns parece estar clamando que existem tantos deuses quanto ha de estrellas a scintillarem, e de planetas a discorrerem os seus orbes. A outros ensina que uma causa unica, espiritual, omnipotente, os arredondou e diffundiu pelos espaços, para serem os trombetas e os arautos da sua gloria. A uns exhorta a deificar o sol, porque allumia e aquece. A outros a adorar a unica Divindade, que com duas palavras inundou os céos e a terra em torrentes de luz. Mas o paganismo e a verdadeira religião se accordam, se é possivel consonancia entre a verdade e o erro, ao menos 'num ponto unico. É que a formosa estructura do universo disperta em todos os espiritos a idéa, ou antes o sentimento de Deus. Para o polytheismo, Deus divide-se e expande-se pelo universo, reside na sua obra, confunde-se com ella. Para a verdadeira religião, Deus está fóra da natureza, presidindo elle só a toda a immensidade da creação. O polytheismo é talvez a fórma poetica do que, depois formulado e raciocinado pela agudeza blasphema dos philosophos, se chama o *pantheismo*. Um deus materialisado em cada elemento, em cada corpo celeste, em cada região da terra, em cada phenomeno da natureza, não é quasi esse Deus de Spinosa e de Epicuro, de Hegel e de Schelling, que se reparte ao infinito, e que se não pode distinguir da sua propria creação? não será pois o polytheismo uma traducção poetica, uma versão fantasiosa, em que o pantheismo perde as fórmas severas e abstractas da philosophia, para vestir a carne d'estes deuses humanados pelo mais grosseiro *anthropomorphismo?* não será o polytheismo o proprio pantheismo, por assim dizer, dramatisado?

Deixemos porem a digressão philosophica e volvamos ao assumpto especial que nos propomos.

Cantar as festas do anno latino e as suas origens, e os phenomenos celestes, que lhes presidem, é o intento do poema dos *Fastos*.

Pelas festas reparte o poeta o anno de Roma, e pelos mezes os vai enumerando e descrevendo.

Qual era porem a divisão, que do anno civil e religioso tinham feito os romanos? Com os tempos variou esta repartição. Teve a sua primeira fórma com o calendario de Romulo, se não é que o tomaram os romanos d'algum dos póvos commarcãos, de quem trouxeram a origem, a cidade, os ritos, a lingoagem, e os costumes. De Numa Pompilio, ou da época, a que este mytho corrresponde, segundo as theorias dos modernos criticos e historiadores, recebeu o anno de Roma nova divisão. Chegada a republica ao cumulo das suas glorias, reduzidos os reinos barbaros a provincias romanas, mettida de posse a republica nos mais celebrados imporios do saber antigo, aberta a Grecia á curiosidade dos eruditos, patente o Egypto aos intendimentos romanos, divulgados na Asia os thesouros da sciencia, naturalisada e cidadã na agonisante republica a sabedoria do velho mundo, Cesar o venturoso triumphador, que deu fórmas desusadas ao governo, imprimiu tambem no calendario o sêllo do seu genio innovador. Tão verdade é que por onde passa um temeroso conquistador, a quem anima o fogo do talento, com a mesma espada, com que parece exterminar, vai talhando e lapidando uma face nova a este immenso diamante, que se chama a civilisação.

Refere-se que Romulo (ou a primitiva e rude civilisação que este nome symbolisa, a seguirmos 'nesta parte as idéas de Niebuhr) dividira o anno em só dez mezes, que apenas comprehendiam trezentos e quatro dias. Certifica este parecer o doutissimo Varrão, que nas antigualhas de Roma e origens de suas institui-

ções, se deve ter por boa autoridade. Dizem outros que o anno de Romulo se repartia em doze mezes, como o nosso, e que trezentos e cincoenta e quatro dias o inteiravam. É porem esta divisão e este numero de dias, o que vulgarmente se attribue ao anno de Numa Pompilio, o qual com sua reformação concordou melhor o calendario com os phenomenos celestes, por onde todos os povos e todas as civilisações tem sempre afferido, como por um segurissimo padrão, o computo dos tempos. Com a correcção que recebeu o nome de juliana, veio o anno a conformar-se muito mais exactamente com os factos astronomicos, então melhor averiguados e intendidos que no primeiro alvorecer da civilisação romana. Julio Cesar deu ao anno trezentos e sessenta e cinco dias e um quarto, o que pouco se afasta da duração fixada hoje a este periodo.

Apparece evidente aos menos versados na astronomia que nenhum phenomeno celeste autorisava o calendario de Romulo. Nem pelo curso do sol (antes da terra, segundo o ensina a já hoje vulgar astronomia) nem pela revolução da lua se ajustava tão estranha computação, vindo por ella a confundir-se a ordem natural das estações, de fórma, que os frios e as tempestades do inverno aconteceriam muitas vezes nos mezes, consagrados pelo calendario, ás amenidades da primavera ou ás doçuras do estio. Com melhor conhecimento das coisas astronomicas, industriado por ventura na sciencia dos gregos, por então já investigadora e florescente, accrescentou Numa Pompilio ou a idade que 'nelle se personifica o anno civil com mais cincoenta dias, repartindo-se d'este modo o anno por doze periodos que julgaria corresponderam a doze lunações.

JOSÉ MARIA LATINO COELHO.

NOTA QUARTA



PAGINA 3—VERSO 1

ANNO DOS ROMANOS

Collocado no meio da successão das coisas o homem conheceu bem depressa quanto lhe era necesario estabelecer alguma medida 'nesta admiravel successão; e a sua actividade intellectual não parou no meio das difficuldades, que se antolhavam em objecto tão importante, para o qual não eram sómente bastantes uma longa experiencia, e repetidas observações, mas se exigiam tambem mais apurados esforços de intelligencia.

O dia, e a noite, que o homem podia distinguir com facilidade pela presença, ou privação da luz, que tão admiravelmente succedem com breve intervallo; — o frio, e o calor, que marcam as differentes estações, foram o seu ponto de partida para procurar no ceo a medida reguladora do periodo de tempo, do qual se formou o anno.

Sem entrar agora na marcha progressiva d'estes esforços da razão humana, que sobejamente attesta a grande variedade, que entre os differentes povos se encontra na duração do anno, o qual para chegar ao estado, em que hoje o vemos, dependia de adiantados conhecimentos na sciencia dos astros, trataremos sómente das alterações, porque o mesmo passou entre os romanos, dando primeiro algumas noções, que se fazem igualmente applicaveis ao seu calendario.

As revoluções da lua, e o giro apparente do sol em roda da

terra, sendo os elementos, de que o homem se serviu para medir a duração do tempo, constituem a maior, ou menor extensão do anno, que, segundo o diverso movimento de cada um d'estes astros, se chama *lunar* ou *solar*. O primeiro, tendo por base as revoluções da lua em roda da terra, forma um periodo de 354 dias e oito horas, que, divididos por mezes de 29 e 30 dias alternadamente, fazem que qualquer d'elles corresponda com pequena differença a uma lunação. Tal é o anno dos arabes, e dos musulmanos, que não concorda com o nosso, nem com o giro do sol. O segundo porem, que se denomina *solar*, ou *tropico*, comprehendendo na sua duração 365 dias, e quasi seis horas, quantidade a mais approximada ao tempo necessario á terra para completar o seu giro em roda do sol, faz que esta venha a collocar-se na mesma situação relativamente áquelle astro. Foi este o que serviu de base na reforma do calendario mandada fazer por Julio Cesar; na qual depois de tres annos communs se segue um chamado bissexto de 366 dias para preencher as seis horas, que têem de mais cada um dos annos, o qual dia se nomea intercalar.

D'estes dois participa o anno chamado *luni-solar*, que, seguindo inteiramente a mesma disposição do anno lunar, por meio d'uma intercalação feita em determinados periodos de tempo, vem a dar na totalidade igual duração á que tem o anno solar. Tal foi o anno da reforma de Numa, o mesmo de que usaram os gregos, e que alguns povos da Asia ainda hoje seguem.

Sendo estes os differentes modos, pelos quaes se tem regulado a duração do anno, já depois de assiduos esforços, e avultados progressos da razão humana, não é para admirar, que o mesmo passasse entre os romanos por algumas variedades inseparaveis dos primeiros ensaios do homem até alcançarem a perfeição possivel. Romulo, a quem se attribue o anno, pelo qual se regulou este povo até o reinado de Numa, ou por que elle o or-

denasse; ou por que achando-o já introduzido em Alba, d'onde os romanos traziam a sua origem (1), o mandasse observar, o que achamos mais provavel, não lhe deu mais de 304 dias divididos por dez mezes, que principiando em Março findavam em Dezembro. Um tal periodo de tempo não estava em relação com o giro do sol, nem com as revoluções da lua, nem podia ajustar-se com a marcha das estações. Porem para obviar a um tal inconveniente costumavam os romanos accrescentar no fim de Dezembro sem nome de mez, nem numero certo de dias, o tempo necessario para começar o novo anno no praso, em que podesse coincidir com os fenomenos celestes (2).

(1) O celebre grammatico Censorino, a quem devemos preciosos documentos 'nesta materia, reconhece que o anno chamado de Romulo era o dos albanos: «qui decem mensium putaverunt fuisse: ut tunc Albanis erat, unde orti romani. Cap. 20. De die Natali. «E no cap. 22 seguindo a autoridade de Fulvio, e Junio attribue sómente a Romulo os nomes dos mezes: «Nomina decem mensibus antiquis Romulum fecisse, Fulvius et Junius auctores sunt.» Com tudo isto mesmo ainda não passava por assentado; por que, como elle diz no logar citado, Varrão pensava, que os romanos receberam tambem dos latinos os nomes dos mezes, que existiam muito antes da fundação de Roma: «Varro autem romanos a latinis nomina mensium accepisse arbitratur.» Assim vemos que o sabio Varrão não dava a Romulo a honra de impôr nomes aos mezes.

(2) Assim o diz Macrobio no cap. 12 do liv. 1 dos Saturnaes, onde affirmando, que o anno de Romulo era de dez mezes, e de 304 dias accrescenta logo: «Sed cum is numerus neque solis cursui, neque lunae rationibus conveniret... tantum dierum sine ullo mensis nomine patiebantur absumi, quantum ad id anni tempus adduceret, quo coeli habitus instanti mensi aptus inveniretur.» Este é tambem o sentir de Censorino, que, fallando da variedade que se encontrava na duração do anno entre os mesmos povos da Italia, em que entravam os albanos, e romanos, conclue que todos tinham em vista ajustar os seus annos civis por meio de alguns mezes intercalares com o verdadeiro anno natu-

Licinio Macer porém, Fenestella, e Plutarco, na vida de Numa, pretenderam que o anno de Romulo fosse logo de 360 dias distribuidos por doze mezes, sendo uns de 20, outros de 35 dias; e que, como accrescenta o mesmo Plutarco, não havia idéa alguma de differença entre o movimento do sol, e o da lua, attentando-se unicamente em dar ao anno 360 dias. Esta opinião, com quanto tenha agradado a alguns modernos escriptores, que encontram n'ella um meio de conciliar melhor o anno civil de Romulo com os fenomenos celestes, não nos parece, que mereça antepôr-se á mais seguida dos autores romanos, que convem quasi unanimes em dar 304 dias de duração aos annos da primeira época da existencia social d'este povo (1).

Em assumptos de tão remota antiguidade não é raro encontrar tropeços d'esta natureza, que os mais proximos áquelles tempos não poderam superar; com tudo sendo Julho, então chamado *Quintilis*, o quinto mez, e contados numericamente os seguintes até Dezembro, que era o decimo, esta ordem de coisas não teria logar, quando na sua formação o anno fosse de doze mezes. A erudição discute e duvida, mas os factos pertencem á historia, e o seu testemunho é preferivel.

O anno dos romanos na sua primeira época constava de dez mezes, quatro de trinta e um dias, que eram, Março — Maio — Julho, ou Quintilis — e Outubro; os outros seis — Abril — Junho — Agosto, ou Sextilis — Setembro — Novembro — e Dezembro, de trinta dias cada um; e assim continham na sua totalidade os 304 dias, da duração do anno attribuido a Romulo. Os

ral. «Omnibus tamen fuit propositum, suos civiles annos, varie intercalandis mensibus, ad unum verum illum naturalem corrigere.» De die Natali. Cap. 20.

(1) Para não amontoar citações accrescentarei sómente o que diz o mesmo Censorino, a quem não foi desconhecida a opinião contraria: «Licinio Macer, e depois d'elle Fenestella escreveram, que o anno ro-

escriptores d'este povo procuraram dar aos dois primeiros mezes, Março e Abril, uma etymologia gloriosa para o seu fundador, fazendo-o descender d'aquelles, que elles veneravam como deuses; porem similhantes tradições não têem valor algum historico, e só servem de alimento ao mal intendido orgulho nacional.

O reinado de Numa, que succedeu a Romulo, marca o primeiro periodo da civilisação romana. Começou então este povo dado á pilhagem, e ao manejo das armas, a sair do estado de ferocia e de barbarie, a que o tinham levado continuas guerras com os povos visinhos; e por meio de instituições religiosas e civis a conservar em paz o imperio usurpado á força. Numa, fingindo-se inspirado da ninfa Egeria, conseguiu dominar o espirito d'esta nação inculta, e assim póde introduzir muitas e uteis reformas, entre as quaes não foi de pequena importancia a do anno romano, que, admittindo uma intercalação arbitraria, estava sujeito a variedades sempre incommodas.

'Nesta nova reforma do calendario, Numa accrescentou os dois mezes de Janeiro e Fevereiro aos dez, que já tinha o anno romano, e tomou por base da disposição d'elle, assim como os gregos, os movimentos da lua em roda da terra; porem por effeito do acaso, ou d'uma superstição commum a muitos povos da antiguidade, que tomavam por máo agoiro o numero par, em vez de dar ao anno 354 dias, tempo mais aproximado a doze revoluções d'este astro, ordenou que elle tivesse 355 para acabar em numero impar; e que começando em Janeiro viesse a terminar em Fevereiro. Alem d'isto tirou um dia aos seis me-

anno já no seu principio fóra de doze mezes; porem merecem maior credito Junio Gracchano, Fulvio, Varrão, Suetonio, e outros, que sómente lhe deram dez mezes, como tinham os albanos, d'onde vieram os romanos. Estes dez mezes continham 304 dias.» Cap. 20. De die Natali.

zes d'Abril, Junho, Sextilis, Setembro, Novembro, e Desembro, e ajuntando estes 6 dias aos 51 que accrescentára ao anno de Romulo, dividiu os 57 dias pelos dois mezes de Janeiro e Fevereiro (1), dando áquelle 29 dias, e a este 28, que por ser destinado para expiações, e sacrificios pelos mortos ficou com o numero par, embora fosse de mau agoiro (2).

Os 355 dias do anno, segundo esta nova organisação, excediam quasi dezeseis horas a doze revoluções da lua, e para estarem em harmonia com o giro do sol faltavam-lhes 10 dias e seis horas, que por calculos mais exactos se conheceu depois, que não passavam de 5, e perto de quarenta e nove minutos. Numa, querendo dar ao anno a forma luni-solar, accrescentou em cada biennio um mez, que foi chamado Mercedonio (3), de 22, e 23 dias alternadamente, o qual seria intercalado a 24 de Fevereiro, ou segundo o computo romano no dia sexto antes das calendas de Março, depois das festas do deus Termino, seguindo-se no fim d'aquella intercalação os dias, que restavam para completar a duração do mez (4).

Eis aqui a primeira reforma do calendario feita no reinado de Numa, que, atravessando as vicissitudes politicas do povo romano, durou até a época de Julio Cesar, sem outra alteração mais que a mudança do mez de Fevereiro, que, sendo o ultimo do anno, passou a ser immediato ao de Janeiro. Ovidio deixa em duvida, se esta innovação teve logar de mandado dos de-

(1) At Numa nec Janum, nec avitas preterit umbras;
Mensibus antiquis opposuitque duos.

OVID. FAST. Lib. 1. v. 43 e 3. 151 v.

(2) Propter pares Februarius, quasi ominosus, Diis inferis deputatur. Solin. Polyhist. Cap. 1. n. 40 e Cicero de Legib. 2. Cap. 21.

(3) O nome Mercedonio era uma derivação da deusa Mercedonia, que presidia aos contractos, e pagamentos das mercadorias.

(4) Macrob. Saturn. Lib. 1. cap. 13.

cemviros (1); porem Ausonio pretende, que a mesma fôra feita em tempo de Numa (2).

Foi Numa o autor d'esta reforma, ou teve elle outro, que regulasse d'esta sorte o anno? é o que em tão remota antiguidade não é facil decidir. Macrobio diz: « que elle obrara por suas proprias luzes, ou pelo que os gregos já praticavam (3). » Porem o tão famoso, quanto infeliz Bailly, bem longe de dar 'nesta parte a preferencia á Grecia, não hesita em affirmar, que a antiga Italia estava muito mais adiantada em methodos astronomicos (4). O que porem não admitte duvida, é que Pythagoras, como suppõe Ovidio no verso 153, do livro 3 dos *Fastos*, e alguns autores latinos, não podia concorrer de modo algum para esta reforma, tendo o mesmo chegado á Italia depois da Olympiada 50, quando Numa já governava em Roma na 5.ª Olympiada (5).

Qualquer que fosse o autor d'esta reforma, é incontrastavel, que a mesma deixa ver não pequeno progresso na sciencia

(1) Postmodo creduntur spatio distantia longo
Tempora bis quini continuasse Viri.
FAST. Lib. 2. v. 53. — Petav. De vet. ann. rom. cap. 73.

(2) Unus erit tantum duodetriginta dierum,
Quem Numa praeposito voluit succedere Jano.
ECLOG. 10. 7.

Muncker. De intercalatione variarum gentium. Lugd. Batav. 1680.

(3) Solo ingenio magistro comprehendere potuit, vel quia Graecorum observatione forsan instructus est. Saturn. Lib. 1. cap. 13.

(4) *Hist. de l'astronomie ancienne* 7—9.

(5) Livii Histor. Lib. cap. 18. «Auctorem doctrinae ejus, quia non extat alius, falso Samium Pythagoram edunt quem Servio Tullio regnante, centum amplius post annos... in ultima Italiae ora, circa Metapontum... juvenum aemulantium studia coetus habuisse constat. — Dionys. Halicar. Lib. 2. cap. 59. — Bayle-Diction. Hist. art. *Pythagoras*, not. B.

dos astros, o que, apesar d'algumas imperfeições, poderia continuar, quando não houvesse causa de a modificar. Porem pertencendo ao collegio dos pontifices annunciar as solemnidades do culto religioso em dias determinados, foram elles os encarregados de regular o anno, segundo este novo plano, e de observar a intercalação ordinaria. D'aqui seguiu-se a confusão, em que teve parte a ignorancia, e mais que tudo a politica, e a superstição, dando-lhes tambem a faculdade de intercalar os dias do anno afim de evitar-se, que o principio d'elle coincidisse em dia de Nonas, ou que estas concorressem em algum dos chamados *nundinaes*, que eram destinados ao mercado publico.

Os romanos, diz Macrobio (1), solemnisavam o dia das nonas em memoria de Servio Tullio, que nascêra em um d'aquelles dias; e não sabendo o mez, determinaram festejar todas as nonas do anno. Esta solemnidade, continuando ainda depois de estabelecida a republica, deu motivo a evitar-se que tivesse logar em dias de maior concurso do povo para que não houvesse alguma manifestação em favor da realeza. D'esta sorte adquiriram os pontifices um poder, que para logo degenerou em abuso, incurtando, ou augmentando a duração do anno conforme aos interesses, e não poucas vezes á vingança (2). E assim foi tal a confusão, que os mezes não correspondiam ás estações (3).

Coube a Julio Cesar a gloria de pôr termo a esta desordem. Constituido pela terceira vez dictador e consul, reunindo tambem a dignidade de chefe do collegio dos pontifices, foi elle o que reformou o antigo calendario. Plutarco, escrevendo a vida d'este homem grande, diz: que elle confiara aos filosofos, e ma-

(1) Lib. 1. Saturn. cap. 13.

(2) Sed horum (*Pontificum*) plerique ob odium, vel gratiam... plus minusve extitillindo intercalando, rem sibi ad corrigendum mandatam, ultro depravarunt. Censorinus De die Natali. Cap. 20.

(3) Cicero ad Atticum, Lib. 10. Ep. 17.

thematicos mais insignes um trabalho tão importante (1). Porem Plinio designa principalmente Sosigenes, que Cesar conhecera na campanha do Egypto, e que passava então pelo maior astronomo de Alexandria (2).

Este reconheceu logo quanto era difficil dar uma forma regular e permanente ao anno, tendo elle por base as revoluções da lua; e por isso supprimindo as intercalações, regulou a duração do anno romano pelo giro do sol, que é de 365 dias e seis horas, como se conhecia desde o tempo de Hipparcas. Segundo este plano foram acrescentados dez dias aos 355 do calendario de Numa; e como ainda restassem seis horas, que formavam um dia todos os quatro annos, estabeleceu, que o mesmo se intercalasse depois de vinte e quatro de Fevereiro, ou sexto antes das calendas de Março, conforme ao computo dos romanos, d'onde vem chamar-se bissexto o quarto anno, que contem 366 dias.

Para completar esta organisação faltava somente collocar os 10 dias, que se augmentaram ao anno de Numa; os quaes foram divididos pelos mezes, que no antigo calendario não passavam de 29 dias, dando a Janeiro, Agosto e Dezembro 2 dias; e a Abril, Junho, Setembro, e Novembro 1; e assim ficaram todos com o numero igual ao que ainda hoje conservam. Porem estes dias supplementares só tiveram logar no fim dos mezes, que guardaram a mesma ordem das Nonas, e dos Idos para não mudar as solemnidades conhecidas do povo (3).

Tal foi o resultado dos trabalhos de Sosigenes concluidos no

(1) Plutarc. Vies des hommes illustres, traduites par mr. Dacier. Vie de Cesar. tom. 9. edit. de Paris. 1811.

(2) Plin. Natural. Histor, Lib. 18. cap. 57.

(3) Eosque dies extremis partibus mensium apposuit, ne scilicet religiones sui cujusque mensis a loco summoverentur. Censor. De die natal. cap. 20.—Macrob. Saturn. Lib. 1. cap. 14.

anno 707 da fundação de Roma; em que era tal a irregularidade do calendario, que querendo Cesar, que em Janeiro seguinte começasse a vigorar a nova reforma, foi necessario intercalar além dos 23 dias do mez Mercedonio, dois mezes mais entre Novembro, e Dezembro, um d'elles de 33, outro de 34 dias; e assim o ultimo anno, que foi chamado da *confusão*, teve quinze mezes, e 445 dias. O dictador mandou observar esta nova reforma em todo o imperio; e Flavio escriba redigiu o novo calendario das festas dos romanos conforme ao antigo uso.

Eisaqui o famoso anno *Juliano*, que, contando mais de dezenove seculos, levantou á memoria de Cesar um monumento, que a par dos seus escriptos, o tempo não tem podido destruir. O imperio desappareceu; os seus magestosos edificios estão em ruinas; mas o anno Juliano, apesar de algumas leves imperfeições, inseparaveis das obras do homem, e que foram corrigidas pelo papa Gregorio XIII subsiste ainda, e é a norma seguida nos paizes catholicos.

Esta reforma embora reclamada pelas luzes do seculo, como pela mais imperiosa necessidade, não deixou por isso de encontrar detractores, entre os quaes Cicero (1). Tal é a sorte de todos os que pretendem acabar com abusos envelhecidos, e quasi sanccionados pelo tempo! Mas Cesar nada perdeu da sua gloria; por que dois annos depois os romanos deram ao mez *Quintilis*, em que elle nascera o nome Julio (2); e a posteridade tanto

(1) «Os invejosos, e os que não podiam tolerar o seu grande poder, lançaram á zombaria esta reforma tão util; por que Cicero, se não me engano, ouvindo a um dizer: amanhã nascerá a constellação da Lira, não póde conter-se que não respondesse: sim, á ordem do dictador.» Plutarc. Vida de Cesar.

(2) Nam, qui quintilis fuit, julius cognominatus est, Caio Caesare v, et M. Antonio Consulibus, anno Juliano secundo. Censorin. De die natali. cap. 22.

mais justa, quanto mais desapaixonada, preferindo o anno Juliano a quaesquer outros methodos de computar o tempo, lhe tem feito completa reparação, podendo agora gloriar-se melhor de não haver deixado no estrepito das armas o estudo dos astros, e de roubar a palma aos fastos d'Eudoxo.

........media inter proelia semper
Stellarum, coelique plagis, Superisque vacavi,
Nec meus Eudoxi vincetur fastibus annus.

LUCAN, PHARSAL. LIB. 10. V. 185.

Taes foram as alternativas, por que passou o anno dos romanos até á sua ultima organisação. Ovidio as descreveu em lindos versos no terceiro livro dos *Fastos* desde 75 até 166; e quasi toda a Europa conserva ainda os nomes dos mezes com a mesma ordem, e numero de dias.

Agora para que melhor se possam conhecer á primeira vista estas alternativas, ajuntamos a seguinte tabella:

ANNO DE ROMULO DE 10 MEZES E 304 DIAS		ANNO DE NUMA DE 12 MEZES E 355 DIAS		ANNO DE JULIO CESAR DE 12 MEZES E 365 DIAS	
		Janeiro	29	Janeiro	31
		Fevereiro	28	Fevereiro	28
Martius	31	Março	31	Março	31
Aprilis	30	Abril	29	Abril	30
Maius	31	Maio	31	Maio	31
Junius	30	Junho	29	Junho	30
Quintilis	31	Julho *(Quintilis)*	31	Julho *(Quintilis)*	31
Sextilis	30	Agosto *(Sextilis)*	29	Agosto *(Sextilis)*	31
September	30	Setembro	29	Setembro	30
October	31	Outubro	31	Outubro	31
November	30	Novembro	29	Novembro	30
December	30	Dezembro	29	Dezembro	31

Passamos a dar em seguida o calendario romano segundo a ultima reforma de Julio Cesar, por ser a que serviu de baze aos *Fastos de Ovidio.* Infelizmente só restam d'este importante trabalho seis livros correspondentes aos seis primeiros mezes do anno; nem podemos affirmar, se o tempo que consumiu algumas das suas famosas composições poeticas, nos roubou tambem a continuação d'esta; ou se a amargura do mais barbaro exterminio, e a saudade da patria, não lhe consentiram levar ao desejado fim a sua obra. Para supprir esta falta muito nos serviu o antigo calendario, assim como os excellentes trabalhos de Thomaz Dempster, Goltzio, e Pedro Gassendi, que foram alem de outros, os que melhor trataram esta materia.

Não é porem de igual valor o calendario, que em muitas edições do poeta se encontra á frente dos *Fastos.* Este foi dado ao prelo a primeira vez (1) em 1513 com o titulo: — Fastorum libri sex diligentissime recogniti. Addito calendario romano venerandae vetustalis, nunquam ante impresso. Viannae Panoniae per Hieron. Victorem, et Io. Singrenium. — Porem o celebre Nicolau Heinsio, a quem Ovidio deve a mais apurada correcção do seu texto, reconhece ser o mesmo calendario obra d'um homem pouco versado em materias taes, cheia de muitos erros, e que não corresponde aos *Fastos Nazonianos.* Tal é tambem o parecer do famoso Grevio no prologo ao tomo 8. do *Thezouro das antiguidades romanas,* onde se podem ver as muitas variantes, que elle encontrára em um antigo manuscripto.

(1) Panzer. — Annales typographici ab artis inventae origine ad annum M. D. tom. 9. pag. 18. Nuremberg. 1793 em 4.°

CALENDARIO DE JULIO CESAR

LETTRAS NUNDINARES	DIAS FASTOS, NEFASTOS &c.	DIAS DO MEZ	CALENDAS, NONAS E IDOS	JANEIRO *(JANUARIUS)* DEBAIXO DA PROTECÇÃO DE JUNO	FASTOS LIVRO I
A	F.	1	*Kalendis* Jan.	Sacrificios a Jano; a Juno; a Jupiter, e a Esculapio na ilha do Tibre.	172e289
B	F.	2	IV Nonas	Dia funesto *(Dies ater)*.	
C	C.	3	III »	Occaso do Cancer.	311
D	C.	4	Pridie Nonas		
E	F.	5	*Nonis* Jan.	Nasce a Lira. Occaso da Aguia á noite.	316
F	F.	6	VIII Idus		
G	C.	7	VII »		
H	C.	8	VI »	Sacrificio em honra de Jano. *(Antigo calendario)*.	
A		9	V »	Os Agonaes *(Agonia*, ou *Agonalia)*. Nasce o Delfim.	317
B	E. N	10	IV »	Meiado do inverno.	459
C	N. P.	11	III »	Os Carmentaes *(Carmentalia)*. Sacrificios e festas a Carmenta. Dedicação do templo de Juturna no campo de Marte.	461-468
D	C.	12	Pridie Idus	Os Compitaes *(Compitalia)*. Dia dedicado aos Lares.	
E	N. P.	13	*Idibus* Jan.	Sacrificio a Jupiter. Octavio foi chamado Augusto. Entrega das provincias.	587
F	E. N.	14	XIX Kal Febr.	Dia vicioso por deliberação do Senado *(Antigo calendario)*.	
G		15	XVIII »	A Carmenta, Porrima e Postverta.	617-636
H	C.	16	XVII »	Dedicação do templo da Concordia.	639
A	C.	17	XVI »	O sol no signo d'Aquario.	651
B	C.	18	XV »		
C	C.	19	XIV »		
D	C.	20	XIII »		
E	C.	21	XII »		
F	C.	22	XI »		
G	C.	23	X »	Occaso da Lira.	653
H	C.	24	IX »	As Festas das Sementeiras. *(Sementinae)*. Occaso da estrella no peito de Leo.	657
A	C.	25	VIII »	Paganaes *(Paganalia)* Festas nas aldêas.	669
B	C.	26	VII »		
C	C.	27	IV »	Festa da dedicação do templo de Castor e Pollux.	705
D	C.	28	V »		
E	F.	29	VI »	Equirios *(Equiria)* no campo de Marte. *(Antigo calendario)*.	
F	F.	30	III »	Festa em honra da paz.	709
G	F.	31	PridieKal.Febr.	Aos deuses Penates patrios e urbanos *(Antigo calendario)*.	

LETTRAS NUNDINAES	DIAS FASTOS, NEFASTOS &c	DIAS DO MEZ	CALENDAS, NONAS E IDOS	FEVEREIRO *(FEBRUARIUS)* DEBAIXO DA PROTECÇÃO DE NEPTUNO	FASTOS LIVRO II
H	N.	1	*Kalendis* Febr.	Dedicação do templo de Juno Sospita; a Jupiter; a Diana. Os Lucarios.	55a70
A	N.	2	IV Nonas	Occaso da Lira. Esconde-se o meio de Leo.	73
B	N.	3	III »	Esconde-se o Delfim.	79
C	N.	4	Pridie Nonas		
D		5	*Nonis* Febr.	Augusto foi acclamado pai da patria. Nasce o Aquario. Começa o Zefiro.	121e145
E	N.	6	VIII Idus		
F	N.	7	VII »		
G	N.	8	VI »		
H	N.	9	V »	Começa a Primavera.	149
A	N.	10	IV »		
B	N.	11	III »	Nasce o Arcturo. Jogos genialicos.	153
C	N.	12	Pridie Idus		
D	N. P.	13	*Idibus*	A Fauno, e a Jupiter. Rota, e morte dos Fabios.	193e196
E	N.	14	XVI Kal. Mart.	Apparecem o Corvo, a Serpente, e a Taça.	213
F	N. P.	15	XV »	Os Lupercaes *(Lupercalia)*. O sol entra no signo Pisces. Vento forte por seis dias.	267
G	EN.	16	XIV »		
H	N. P.	17	XIII »	Os Quirinaes *(Quirinalia)*; e os Fornacaes *(Fornacalia)*.	475-513
A	C.	18	XII »		
B	C.	19	XI »		
C	C.	20	X »		
D	F.	21	IX »	Á deusa Muta, ou Larunda. Os Feraes *(Feralia)*.	533-571
E	C.	22	VIII »	As Caristias *(Caristia)*.	617
F	N. P.	23	VII »	Os Terminaes *(Terminalia)*, ao deos Termino.	639
G	N.	24	VI »	O *Regifugium*, Fugida de Tarquinio. *Logar do Bissexto*.	685
H	C.	25	V »	Chegada das andorinhas.	853
A	EN.	26	IV »		
B	N. P.	27	III »	Os Equirios *(Equiria)* no campo Marcio.	857
C	C.	28	Pridie Kal. Mart.	Os Tarquinios são vencidos.	

LETTRAS NUNDINAES	DIAS FASTOS, NEFASTOS &c.	DIAS DO MEZ	CALENDAS, NONAS E IDOS	MARÇO (*MARTIUS*) DEBAIXO DA PROTECÇÃO DE MINERVA	FASTOS LIVRO III
D	N. P.	1	*Kalendis* Mart.	Matronaes (*Matronalia*) a Marte, a Juno Lucina. Festas dos escudos. Dias infaustos para nupcias.	169a398
E	F.	2	VI Nonas		
F	C.	3	V »	Esconde-se o segundo do signo Pisces.	399
G	C.	4	IV »		
H	C.	5	III »	Occaso do Arcturo. Apparece o Vendimador.	403
A	N. P.	6	Pridie Nonas	As Vestalias (*Vestalia*). Julio Cesar foi 'neste dia feito pontifice Maximo.	415
B	F.	7	*Nonis* Mart.	A Vejove no bosque do Asilo. Apparição do Pegaso.	419
C	F.	8	VIII Idus	Nasce a corôa d'Ariadne.	459
D	C.	9	VII »	Nasce o Orion. Apparece o Piscis septentrional.	
E	C.	10	VI »	Os carthaginezes vencidos em batalha naval junto a Lilybeo.	
F	C.	11	V »		
G	C.	12	IV »		
H	En.	13	III »	Abertura do mar.	
A	N. P.	14	Pridie Idus	Os segundos Equirios junto ao Tibre; ou no monte Celio crescendo as agoas.	519
B	N. P.	15	*Idibus*	Festa d'Anna Perenna. O parricidio, ou morte de Julio Cesar.	523-697
C	F.	16	XVII Kal. Apr.	Occaso de parte do Escorpio.	711
D	N. P.	17	XVI »	Os Liberaes (*Liberalia*) a Baccho. Os Agonios (*Agonia*). 'Neste dia os mancebos tomavam a toga.	713-787
E	C.	18	XV »	O sol entra no signo d'Aries. O templo de Jupiter no Palatino incendiado com perda dos livros Sibyllinos.	
F	N.	19	XIV »	Os Quinquatros (*Quinquatria*). Festas a Minerva por cinco dias.	809
G	C.	20	XIII »		
H	C.	21	XII »	Primeiro dia do seculo.	
A	N.	22	XI »		
B	N. P.	23	X »	O Tubilustro (*Tubilustrium*). Purificação das trombetas.	849
C	Q. Rex C. F.	24	IX »	O Regifugio (*Regis fugium*).	
D	C.	25	VIII »	Hilarias (*Hilaria*). Festas em honra da mãi dos deuses. Equinoxio da primavera.	877
E	C.	26	VII »		
F	N. P.	27	VI »	Tomou Cesar a cidade d'Alexandria.	
G	C.	28	V »	Os Megalesios (*Megalesia*).	
H	C.	29	IV »		
A	C.	30	III »	A Jano, á Concordia, á Paz, e á Saude.	881
B	C.	31	Pridie Kal. Apr.	Á Lua, ou a Diana no monte Aventino.	883

LETTRAS NUNDINAES	DIAS FASTOS, NEFASTOS &C.	DIAS DO MEZ	CALENDAS, NONAS E IDOS	ABRIL (APRILIS) · DEBAIXO DA PROTECÇÃO DE VENUS	FASTOS LIVRO IV
C	N.	1	*Kalendis* Aprilis	A Venus com flores e murta. Á fortuna viril.	133e145
D	C.	2	IV Nonas	Occaso das Pleiades.	
E	C.	3	III »		
F	C.	4	Pridie Nonas	Jogos Megalesios á mãi dos deuses por oito dias.	181
G		5	*Nonis* Aprilis		
H	N. P.	6	VIII Idus	Á fortuna publica primigenia no Quirinal.	373
A	N.	7	VII »	Nascimento d'Apollo, e de Diana.	
B	N.	8	VI »	Jogos pela victoria de Cesar. Occaso de Libra. Esconde-se o Orion.	377e386
C	N.	9	V »	Jogos a Ceres *(Cerealiae)*.	389
D	N.	10	IV »	Jogos Circenses. *(Antigo Calendario)*.	
E	N.	11	III »		
F	N.	12	Pridie Idus	A mãi dos deuses condusida a Roma. Jogos em honra de Ceres no circo por oito dias.	
G	N. P.	13	*Idibus* Aprilis	A Jupiter vencedor, o templo da liberdade	621a624
H	N.	14	XVIII Kal. Maii	Augusto vence Antonio junto a Modena.	625
A	N. P.	15	XVII »	Os Fordicidas *(Fordicidia)*.	629
B	N.	16	XVI »	Augusto é acclamado imperador. Occaso das Hyadas.	673e677
C	N.	17	XV »		
D	N.	18	XIV »	Os Equirios no grande circo. Queima das raposas.	680
E	N.	19	XIII »	O sol no signo de Tauro. Os Cereaes *(Cerealia)*.	713
F	N.	20	XII »		
G	N. P.	21	XI »	Os Palilios, ou Parilios *(Palilia* ou *Parilia)*. Fundação de Roma.	721
H	N.	22	X »		
A	N. P.	23	IX »	Os primeiros Vinalios a Jupiter, e a Venus.	863
B	C.	24	VIII »		
C	N. P.	25	VII »	Os Robigaes *(Robigalia)*. Meiado da primavera. Occaso do Aries.	901
D	F.	26	VI »	Nasce o cão.	
E	C.	27	V »	Ferias latinas no monte sagrado.	
F	N. P.	28	IV »	As Floraes *(Floralia)*. Jogos por seis dias.	945
G	C.	29	III »		
H	C.	30	Pridie Kal. Maii	A Vesta no monte Palatino. Os Larentaes *(Larentalia)*.	949

LETRAS NUNDINAES	DIAS FASTOS, NEFASTOS &c.	DIAS DO MEZ	CALENDAS, NONAS E IDOS	MAIO *(MAIUS)* DEBAIXO DA PROTECÇÃO DE APOLLO	FASTOS LIVRO V
A	N.	1	*Kalendis* Maii.	Aos Lares Prestites. Á deusa Bona. Nasce a cabrinha.	111a149
B	F.	2	VI Nonas.	Os Compitaes *(Compitalia)*. Sacrificios, e festa em honra dos Lares nas encrusilhadas. Nascem as Hyadas.	163
C	C.	3	V »	Nasce o Centauro. Acabam os jogos Floraes.	183
D	C.	4	IV »		
E	C.	5	III »	Nasce a Lira.	415
F	C.	6	Pridie Nonas.	Esconde-se metade do Escorpio.	417
G	N.	7	*Nonis* Maii.	Nascem as Virgilias de manhã.	
H	F.	8	VIII Idus.		
A	N.	9	VII »	Os Lemurios *(Lemuria)* por tres noites.	490
B	C.	10	VI »		
C	N.	11	V »	Occaso do Orion. Dias infelizes para as nupcias.	
D	N. P.	12	IV »	Jogos a Marte vingador no circo.	597
E	N.	13	III »	Nascem as Pleiadas. Começa o Estio.	600
F	C.	14	Pridie Idus.	Nasce o Tauro.	603
G	N. P.	15	*Idibus* Maii.	Os Argeos *(Argei)*. Festa dos mercadores. Nascimento de Mercurio.	621
H	F.	16	XVII Kal. Jun.		
A	C.	17	XVI »		
B	C.	18	XV »		
C	C.	19	XIV »	O sol no signo de Gemini.	695
D	C.	20	XIII »		
E	N. P.	21	XII »	Os Agonaes *(Agonalia)* a Jano.	721
F	N.	22	XI »	A Vejove. Nasce o canis.	723
G	N. P.	23	X »	Os Tubilustros *(Tubilustra)*. Ferias de Vulcano.	725
H	Q. Rex C. F.	24	IX »	O segundo Regifugio *(Regifugium)*.	727
A	C.	25	VIII »	Consagração do templo da Fortuna Publica. Apparece a Aguia.	729
B	C.	26	VII »	Occaso do Arcturo.	733
C	C.	27	VI »	Nascem os Hyadas.	
D	C.	28	V »		
E	C.	29	IV »		
F	C.	30	III »		
G	C.	31	Pridie Kal. Jun.		

LETTRAS NUNDINAES	DIAS FASTOS, NEFASTOS &C.	DIAS DO MEZ	CALENDAS, NONAS E IDOS	JUNHO (*JUNIUS*) DEBAIXO DA PROTECÇÃO DE MERCURIO	FASTOS LIVRO IV
H	N.	1	*Kalendis* Jun.	A Carna, a Moneta, a Marte, á Tempestade. Nasce a Aguia.	101e195
A	F.	2	IV Nonas.	Nascem as Hyades. Tempo chuvoso.	197
B	C.	3	III »	A Bellona.	201
C	C.	4	Pridie Nonas.	A Hercules no circo.	209
D		5	*Nonis* Jun.	A Jupiter Trinomio, ou deus Fidio, sancto, semipater. É mao casar antes dos Idos.	213e234
E	N.	6	VIII Idus.		
F	N.	7	VII »	Jogos Piscatorios.	235
G	N.	8	VI »	Ao entendimento no capitolio.	241
H	N.	9	V »	As Vestaes (*Vestalia*). Altar de Jupiter Pistor. Os burros coroados de flores. No Crasso foi vencido e morto pelos Parthos.	249a468
A	N.	10	IV »	Nasce o Delfim á noite.	470
B	N.	11	III »	As Matralias (*Matralia*) Festas a Matuta. Á Fortuna. Á Concordia.	475a687
C	N.	12	Pridie Idus.		
D	N. P.	13	*Idibus* Jun.	Dedicação do templo de Jupiter Invencivel. Os Quinquatros menores. Começa o calor.	650
E	N.	14	XVIII Kal. Jul.		
F	Q. St. D. F.	15	XVII »	Tirar a immundicia do templo de Vesta. Nascem as Hyadas.	711
G	C.	16	XVI »	Nasce o Orion. Sopra o Zefiro.	715
H	C.	17	XV »	Apparição total do Delfim.	720
A	C.	18	XIV »		
B	C.	19	XIII »	A Minerva no Aventino O sol no signo de Cancer.	725
C	C.	20	XII »	A Summano no circo maximo. Nasce o Serpentario.	729
D	C.	21	XI »		
E	C.	22	X »		
F	C.	23	IX »	Dia funesto (*dies ater*). Flaminio é vencido pelos cartaginesces.	763
G	C.	24	VIII »	Victoria de Masinissa; e morte d'Asdrubal. A Fors Fortuna. Banquetes em barcas ornadas sobre o Tibre. Solsticio do estio.	769
H	C.	25	VII »		
A	C.	26	VI »	Nasce o cinto do Orion.	785
B	C.	27	V »	Aos Lares, e a Jupiter Stator.	791
C	C.	28	IV »	A Quirino no monte Quirinal.	795
D	F.	29	III »		
E	C.	30	Pridie Kal. Jul.	A Hercules, e ás Musas. Fugida do povo.	797

LETTRAS NUNDINAES	DIAS FASTOS, NEFASTOS &c.	DIAS DO MEZ	CALENDAS, NONAS E IDOS	JULHO *(JULIUS* ou *QUINTILIS)* DEBAIXO DA PROTECÇÃO DE JUPITER
F	N.	1	*Kalendis* Julii.	Mudança de casas, e primeiro dia d'aluguer.
G	N.	2	VI Nonas.	
H	N.	3	V »	
A	N. P.	4	IV »	Occaso da Coroa de manhã. Nascem as Hyadas.
B	N.	5	III »	A fugida do povo *(Populifugium)*.
C	N.	6	Pridie Nonas.	Jogos em honra d'Apollo por oito dias. Incendio do Capitolio em tempo de Sylla. Á Fortuna das mulheres.
D	N.	7	*Nonis* Jul.	As Nonas Caprotinas. Festa das creadas, e desapparição de Romulo.
E	N.	8	VIII Idus.	Esconde-se o meio do Capricornio. Sacrificios á deusa Vitula.
F	N.	9	VII »	Apparece á noite o Cepheo. Denota tempestade.
G	C.	10	VI »	Começam a soprar os ventos Ethesios.
H	C.	11	V »	
A	N. P.	12	IV »	Nascimento de Julio Cesar.
B	C.	13	III »	Jogos Circenses.
C	C.	14	Pridie Idus.	O Mercato *(Merkatus)*, ou os Mercuriaes por cinco dias. Á Fortuna das mulheres.
D	N. P.	15	*Idibus* Jul.	A Castor e Pollux. Os cavalleiros sahem montados do templo da Honra para o Capitolio.
E	F.	16	XVII Kal. Aug.	
F	C.	17	XVI »	Dia funesto da batalha d'Allia.
G	C.	18	XV »	
H	N. P.	19	XIV »	Os Lucarios *(Lucaria)*. Jogos por quatro dias.
A	C.	20	XIII »	Jogos pela victoria de Cesar. O sol no signo de Leo.
B		21	XII »	Os Lucarios *(Lucaria)*.
C	C.	22	XI »	
D		23	X »	Jogos a Neptuno *(Neptunalia)*.
E	N.	24	IX »	
F	N. P.	25	VIII »	Os Furrinaes *(Furrinalia)* á deusa Furina Jogos por seis dias.
G	C.	26	VII »	Apparece a Canicula.
H	C.	27	VI »	Jogos Circenses.
A	C.	28	V »	
B	C.	29	IV »	
C	C.	30	III »	Occaso da Aguia. Denota tempestade.
D	C.	31	Pridie Kal. Aug.	

LETTRAS NUNDINAES	DIAS FASTOS, NEFASTOS &C.	DIAS DO MEZ	CALENDAS, NONAS E IDOS	AGOSTO *(AUGUSTUS* ou *SEXTITIS)* DEBAIXO DA PROTECÇÃO DE CESARES
E	N.	1	*Kalendis* Aug.	Dedicação do templo de Marte. Jogos e combates equestres. A Esperança na praça Olitoria.
F	Ċ.	2	IV Nonas.	Ferias por ser o dia, em que Cesar subjugou a Hespanha citerior.
G	C.	3	III »	
H	C.	4	Pridie Nonas.	Apparece o meio de Leo.
A	F.	5	*Nonis* Aug.	Á deusa Saude no monte Quirinal.
B	F.	6	VIII Idus.	Occaso do meio do Arcturo.
C	C.	7	VII »	Esconde-se o meio do Aquario.
D	C.	8	VI »	Ao Sol Indigete no monte Quirinal.
E	N. P.	9	V »	
F	C.	10	IV »	A Opis, e a Ceres.
G	C.	11	III »	Occaso da Lira. Principio do Outono.
H	C.	12	Pridie Idus.	A Hercules no Circo Flaminio.
A	N. P.	13	*Idibus* Aug.	A Diana no bosque Aricino. Festa dos escravos, e das creadas. A Vertumno.
B	F.	14	XIX Kal. Sept.	Occaso do Delfim de manhã.
C	C.	15	XVIII »	
D	C.	16	XVII »	
E	N. P.	17	XVI »	As Portumnaes *(Portumnalia)*. Ferias pela construcção do templo de Portumno.
F	C.	18	XV »	Os Consuaes *(Consualia)*. Rapto das Sabinas.
G	F. P.	19	XIV »	Os segundos Vinaes *(Vinalia)*. Morte de Augusto.
H	C.	20	XIII »	Esconde-se a Lira. O sol no signo Virgo.
A	N. P.	21	XII »	Os Vinaes Rusticos.
B	En.	22	XI »	Nasce de manhã o Vindimador.
C	N. P.	23	X »	Os Vulcanaes *(Vulcanalia)* no circo Flaminio.
D	C.	24	IX »	As Ferias da Lua.
E	N. P.	25	VIII »	Os Opiconsivos *(Opiconsiva)* no Capitolio.
F	C.	26	VII »	
G	N. P.	27	VI »	Os Volturnaes *(Volturnalia)*.
H	N. P.	28	V »	Dedicação do altar da Victoria na Curia. Acabam os ventos Ethesios.
A	F.	29	IV »	
B	F.	30	III »	O mundo patente.
C	C.	31	Pridie Kal. Sept.	Nasce Andromeda á noite. Nascimento de Cesar Germanico.

LETTRAS NUNDINAES	DIAS FASTOS, NEFASTOS &c.	DIAS DO MEZ	CALENDAS, NONAS E IDOS	SETEMBRO *(SEPTEMBER)* DEBAIXO DA PROTECÇÃO DE VULCANO
D	N.	1	*Kalendis* Sept.	Ferias de Neptuno.
E	N.	2	IV Nonas.	Á Victoria naval, que alcançou Augusto de Marco Antonio, e Cleopatra.
F	N. P.	3	III »	Os dionisiacos, ou as vindimas.
G	C.	4	Pridie Nonas.	Jogos romanos por oito dias.
H	F.	5	*Nonis* Sept.	
A	F.	6	VIII Idus.	
B	C.	7	VII »	
C	C.	8	VI »	Tomada de Jerusalem por Tito.
D	C.	9	V »	
E	C.	10	IV »	Apparece a cabeça de Medusa.
F	C.	11	III »	
G	N.	12	Pridie Idus.	Apparece o meio do Arcturo.
H	N. P.	13	*Idibus* Sept.	Dedicação do Capitolio a Jupiter. O Pretor mette um prégo no lado direito do templo.
A	F.	14	XVIII Kal. Oct.	Dia d'experimentar os cavallos. *(Antigo calend.)*
B		15		Os grandes jogos circenses por cinco dias.
C	C.	16	XVII »	
D	C.	17	XVI »	
E	C.	18	XV »	
F	C.	19	XIV »	O sol no signo do Libra.
G	C.	20	XIII »	Nascimento de Romulo. O Merkatus, ou Mercuriaes por quatro dias.
H	C.	21	XII »	
A	C.	22	XI »	Occaso do Argo, e do Pisces. O primeiro consulado d'Augusto.
B	N. P.	23	X »	Nascimento d'Augusto. Jogos no Circo. Apparece o Centauro.
C	C.	24	IX »	Equinoxio do Outono.
D	C.	25	VIII »	A Venus, a Saturno, e a Mania.
E	C.	26	VII »	
F	C.	27	VI »	Ferias á Venus mãi na Praça de Cesar. Ao feliz regresso.
G	C.	28	V »	Apparece a Virgo.
H	F.	29	III »	O Banquete de Minerva. *(Antigo calend.)*
A	C.	30	Pridie Kal. Octob.	

LETTRAS NUNDINAES	DIAS FASTOS, NEFASTOS &c.	DIAS DO MEZ	CALENDAS, NONAS E IDOS	OUTUBRO *(OCTOBER)* DEBAIXO DA PROTECÇÃO DE MARTE
B	N.	1	*Kalendis* Octob.	
C	F.	2	VI Nonas	
D	C.	3	V »	
E	C.	4	IV »	Occaso do Bootes de manhã.
F	C.	5	III »	O mundo patente.
G	C.	6	Pridie Nonas.	
H	F.	7	*Nonis* Oct.	
A	F.	8	VIII Idus.	Apparece a estrella brilhante da corôa.
B	C.	9	VII »	
C	C.	10	VI »	Nascem as Virgilias á tarde.
D		11	V »	Os Meditrinaes *(Meditrinalia)*.
E	N. P.	12	IV »	Os Augustaes *(Augustalia)*. Volta d'Augusto para Roma. Á Fortuna.
F	N. P.	13	III »	As Fontinaes *(Fontinalia)*. Apparição total da corôa de manhã.
G	En.	14	Pridie Idus.	
H	N. P.	15	*Idibus* Oct.	O cavallo immolado a Marte. Nascimento de Virgilio.
A	F.	16	XVII Kal. Nov.	
B	C.	17	XVI »	
C	C.	18	XV »	
D	N. P.	19	XIV »	O Armilustro *(Armilustrum)*.
E	C.	20	XIII »	O sol no signo de Escorpio. Começa o occaso das Virgilias.
F	C.	21	XII »	Jogos por quatro dias.
G	C.	22	XI »	
H	C.	23	X »	Occaso do Tauro.
A	C.	24	IX »	
B	C.	25	VIII »	
C	C.	26	VII »	Jogos á victoria por cinco dias.
D	C.	27	VI »	
E	C.	28	V »	Occaso das Virgilias. Chuva com frio.
F	C.	29	IV »	
G	C.	30	III »	As Ferias de Vertuno.
H	C.	31	Pridie Kal. Nov.	Occaso do Arcturo.

LETTRAS NUNDINARES	DIAS FASTOS, NEFASTOS &c.	DIAS DO MEZ	CALENDAS, NONAS E IDOS	NOVEMBRO *(NOVEMBER)* DEBAIXO DA PROTECÇÃO DE DIANA
A	N.	1	*Kalendis* Nov.	
B	F.	2	IV Nonas.	Occaso do Arcturo á noite.
C	F.	3	III »	
D	F.	4	Pridie Nonas	
E	F.	5	*Nonis* Nov.	
F	F.	6	VIII Idus.	Jogos por sete dias. *(Antigo calend.)*
G	C.	7	VII »	O mundo patente.
H	C.	8	VI »	
A	C.	9	V »	
B	C.	10	IV »	
C	C.	11	III »	O mar fechado até 10 de Março. Occaso das Virgilias.
D	C.	12	Pridie Idus.	
E	N. P.	13	*Idibus* Nov.	O Lectisternio *(Lectisternium)*. Banquete de preceito.
F	F.	14	XVIII Kal. Dec.	Dia d'experimentar os cavallos.
G	C.	15	XVII »	Jogos plebeos no Circo por tres dias.
H	C.	16	XVI »	Fim da sementeira do trigo.
A	C.	17	XV »	
B	C.	18	XIV »	O Merkato, ou Mercuriaes por tres dias. O sol no signo do Sagittario.
C	C.	19	XIII »	
D	C.	20	XII »	Escondem-se as pontas do Tauro.
E	C.	21	XI »	Occaso da Lebre de manhã.
F	C.	22	X »	
G	C.	23	IX »	
H	C.	24	VIII »	Os Brumaes *(Brumalia)* por tres dias.
A	C.	25	VII »	Occaso da Canicula ao nascer do sol.
B	C.	26	VI »	
C	C.	27	V »	Sacrificios funebres pelos gregos e gauleses desenterrados no *fôro Boario*.
D	C.	28	IV »	
E	C.	20	III »	
F	C.	30	Pridie Kal. Dec.	

LETTRAS NUNDINAES	DIAS FASTOS, NEFASTOS &c.	DIAS DO MEZ	CALENDAS, NONAS E IDOS	DEZEMBRO *(DECEMBER)* DEBAIXO DA PROTECÇÃO DE VESTA
G	N.	1	*Kalendis* Decemb.	Á Fortuna das mulheres por acabar a guerra 'neste dia.
H		2	IV Nonas.	
A		3	III »	Senado legitimo.
B		4	Pridie Nonas.	
C	F.	5	*Nonis* Decemb.	Festa de Fauno *(Faunalia)* nos bosques e prados.
D	C.	6	VIII Idus.	Esconde-se o meio do Sagittario.
E	C.	7	VII »	Nasce a Aguia de manhã.
F	C.	8	VI »	
G	C.	9	V »	A Juno Jugal.
H	C.	10	IV »	
A	N. P.	11	III »	Os Agonaes *(Agonalia)*.
B	EN.	12	Pridie Idus.	
C	N. P.	13	*Idibus* Decemb.	Os Equirios, ou corridas de cavallos.
D	F.	14	XIX Kal. Jan.	Os Brumaes *(Brumalia)*.
E	N. P.	15	XVIII »	Os Consuaes *(Consualiá)*. Nasce de manhã o Escorpio.
F	C.	16	XVII »	
G		17	XVI »	Os Saturnaes *(Saturnalia)* por tres dias.
H	C.	18	XV »	Nasce o Cisne. O sol no signo de Capricornio.
A	N. P.	19	XIV »	Os Opalios *(Opalia)*.
B	C.	20	XIII »	Os Sigillarios *(Sigillaria)*. Ferias por dois dias.
C	N. P.	21	XII »	As Divaes, ou Angeronaes *(Divalia* vel *Angeronalia)*. A Hercules, e a Ceres.
D	C.	22	XI »	Ferias dedicadas aos Lares, e jogos.
E	N. P.	23	X »	Os Larentaes *(Larentinalia)*. Ferias de Jupiter.
F	C.	24	IX »	Os jogos Juvenaes *(Juvenales)*.
G	C.	25	VIII »	O solsticio do Inverno.
H	C.	26	VII »	
A	C.	27	VI »	Nasce de manhã o Delfim.
B	C.	28	V »	
C	F.	29	IV »	Occaso da Aguia á noite.
D	F.	30	III »	Occaso da Canicula á noite.
E	C.	31	Pridie Kal. Jan.	
				'Neste mez havia tambem a festa dos sete montes *(Septimontium)*, cujo dia se não sabe.

O calendario não é somente uma divisão do anno. Para corresponder ao interesse do homem deve elle indicar-lhe os dias com relação ao culto, e usos civís e politicos do povo. 'Nesta accepção tomavam communmente os romanos a palavra *Fastos*, que dão o nome ao poema de Ovidio, e que segundo Verrio, são a serie dos dias, de que se forma o anno; *Fasti sunt dies, quibus dierum totius anni continetur computatio*; porem este vocabulo comprehendia tambem os marmores, em que se gravavam pela ordem dos annos os nomes dos consules, e outros magistrados supremos da republica, d'onde veiu serem os mesmos denominados *Fastos Consulares* (1).

Por muito tempo foi o calendario uma das attribuições do collegio pontificio. Encarregado de regular o anno, declarando os dias *fastos*, ou *nefastos*, e de observar as instrucções sobre os sacrificios, ceremonias, e outros ritos proprios a cada uma das divindades admittidas no Lacio, que formavam o codigo religioso *(Indigitamenta)* escripto por Numa (2); tinha elle adquirido supremacia sacerdotal, de que os seus membros souberam aproveitar-se para formar uma casta privilegiada, que por muitos annos foi a depositaria do direito divino e humano. Cneio Flavio porem, que exercia o logar de escriba do pontifice Appio Ceco, foi o primeiro, que para vingar-se dos patricios divulgou a parte respectiva no direito civil, collocando no fôro uma taboa branca

(1) Iidem consules, si appellandi sint consules, quos nemo est, qui non modo ex memoria, sed etiam ex Fastis evellendos putet. Orat pro Sextio cap. 14, e Ovidio liv. I. *Fast.* vers. 11.

Quaeque ferunt illi pictos signantia Fastos,
Tu quoque cum Druso proemia fratre feres.

(2) Idem *(Numa)* nefástos dies fastosque fecit. Livio liv. 1, cap. 19, e no cap. 20 acrescenta: Pontificem... ex Patribus legit, eique sacra omnia excripta exsignataque attribuit; quibus hostiis, quibus diebus, ad quae templa sacra fierent.

na qual designava os dias, em que podiam ter cabimento negocios forenses (1). Desde então conservaram os pontifices á sua competencia no chamado direito divino, até que este mesmo se fez vulgar em grande parte com a introducção do calendario, principalmente depois da republica.

A propagação do christianismo, e os seus rapidos progressos, diminuiram se não annullaram, o valor dos calendarios, que indicavam as festas do polytheismo; e a invasão dos barbaros veiu depois destruir estes monumentos de grande preço para melhor se conhecer a vida religiosa e civil do povo romano. Com tudo algumas excavações no solo de Roma tem deixado ver entre as ruinas muitos fragmentos, e mesmo um calendario em parte deteriorado, que bem mostram quanto elles eram vulgares na cidade, e tambem nos campos. Entre estes se distinguem particularmente o calendario urbano, gravado em um marmore pertencente á familia Maffei, que os criticos assentam ser do tempo de Augusto, e o rustico que se conservava no palacio Farnesi; aos quaes se pode acrescentar o calendario Valentino, que foi publicado por Grevio (2) com breves notas do famoso Lambecio.

Do exame d'estes antigos fastos calendares, que serviram de typo aos que depois se fizeram, resulta que os mesmos alem das festas religiosas e civís dos romanos, continham tambem a divisão dos mezes em tres periodos chamados calendas, nonas, e

(1) C. Flavius... civile jus repositum in penetralibus pontificum evulgavit, fastosque circa forum in albo proposuit, ut quando lege agi posset, sciretur. Livio, lib. 10, cap. 46, e Macrobio, Saturn. lib 1, cap. 15.

(2) Thesaur. antiquit. romanar. tom. 8, onde se podem ver, alem d'outros fragmentos, os calendarios, de que fallamos; e melhor ainda na obra de Foggini impressa em Roma em 1779 com o titulo:—Fastorum anni romani reliquiae— em a qual se encontram alguns mais, que depois de Grevio se descobriram até áquelle tempo.

idos, os dias fastos e nefastos, assim como comiciaes, em que tinham logar as assembléas populares, e as nundinaes, ou dias destinados ao commercio entre os moradores da cidade, e do campo. Qualquer d'estes objectos forma uma respectiva columna, como se vê no calendario, que para melhor intelligencia, procuraremos desenvolver succintamente quanto permittem os limites d'esta nota.

Lettras Nundinaes. Os romanos tiveram sempre dias destinados para o commercio interior, nos quaes os que habitavam no campo vinham á cidade permutar o fructo de seus trabalhos e industria. Em quanto a população não recebeu maior desenvolvimento, diz Varrão que o mercado só tinha logar uma vez no mez, e no mesmo dia das *nonas;* porem augmentando-se ella consideravelmente, foi necessario dar maior extensão ao commercio, estabelecendo que se fizesse feira todos os nove dias, d'onde vem a origem da palavra *nundinae.* Alguns pretendem que fosse Romulo, ou antes Servio Tullio, que as instituiram; mas preferimos a autoridade de Gemino, e do citado Varrão, o mais versado nas antiguidades romanas, que as reconhecem somente no tempo da republica, já depois da expulsão dos reis (1). Estes dias eram feriados para as classes superiores, e somente dados ao commercio; mas a lei Hortensia os declarou fastos para todo o povo, e d'esde então foram destinados para a promulgação das leis, que exigiam o *trinundino* (2), e escolhidos com especialidade pelos candidatos aos cargos da republica, que se apresentavam ao povo afim de alcançar votos nos comicios.

Para conhecer os dias das nundinaes serviam-se os romanos das oito primeiras lettras do alfabeto continuadas successivamente

(1) Varrão. De lingua latin.—Lib. 6, num. 28. Macrob. Saturn. lib. 1, cap. 16.

(2) Dionys. Halic. lib. 7, cap. 58. Cicero Famil. lib. 16, epist. 12.

como se vê na primeira columna do calendario, para que a immediata depois da oitava fosse a lettra *nundinal*, que indicasse os dias de feira pelo curso do anno. Assim supondo que A, primeira lettra do calendario, fosse a *nundinal*, o 1.°, 9, 17, 25 de janeiro, e todos os mais até 27 de dezembro, em que esta se encontra, seriam dias de mercado. Da mesma sorte, tomando a lettra E correspondente ao ultimo de dezembro, a qual é a quinta do alfabeto, e ajuntando-lhe as quatro primeiras de janeiro, segundo o calendario, que fazem nove, será D a *nundinal* do anno seguinte.

As lettras iniciaes F. N. C. da segunda columna designam os dias fastos, nefastos, e comiciaes. *Fastos*, que traz a sua origem de *fari* (fallar) eram aquelles, em que o pretor vinha ao tribunal, e podia a todas as horas, sem offensa de lei, ou rito religioso, exercer as funcções do seu cargo, symbolisadas em as palavras Do-Dico-Addico. *Nefastos*, vocabulo composto de *ne* e *fari* (não fallar) chamavam-se os dias, em que se não devia reunir o povo em comicios, nem era permittido ao pretor fazer acto algum do poder judicial. Estes dias nem sempre eram totalmente *fastos*, ou *nefastos*. Uns, que tinham sido fastos de manhã, deixavam de o ser á tarde; outros eram nefastos á tarde, e fastos de manhã. Os primeiros vem notados com as iniciaes F. P. isto é *Fastus prima parte:* os segundos por N. P. que significam *Nefastus prima parte*. Algumas vezes o mesmo dia tinha horas, em que era *nefasto;* e outras assim antes, como depois, nas quaes o pretor podia exercitar as suas attribuições. Estes são os designados pelas lettras E. N. que denotam ser dia *Endoterciso*, a que alguns autores chamavam tambem *Interciso*.

A estes pertencem igualmente os dias, em que no calendario se encontram as lettras: Q. S. D. F. *(Quando stercus delatum, fas)*, e Q. REX. C. F. *(Quando rex comitiavit, fas)*, que mostram, que depois de tirada a immundicia do templo de Ves-

ta, assim como offerecido pelo rei sacrificador o sacrificio no comicio, o mais do dia era fasto. Varrão de ling. latina, liv. 6, num. 31 e 32 e festo.

Plutarco interpreta por differente modo as iniciaes Q. REX. C. F. lendo (*Quando rex comitio fugit*), e Ovidio deixa logar a duvida, se não intendeu da mesma sorte, dizendo no livro 5.º dos *Fastos*, v. 727.

> Quatuor inde notis locus est, quibus ordine lectis
> Vel mos sacrorum, vel fuga regis inest.

Comtudo concordando todos em que o rei sacrificador ia 'neste dia ao comicio, e até offerecia o sacrificio, que pertencia aos reis de Roma, depois do qual se retirava, a divergencia é de tão pequena importancia, que julgamos não dever desamparar Varrão, e outros archeologos romanos, dizendo expressamente aquelle, que quando o rei sacrificador deixava o comicio, o mais do dia era fasto.

A constituição republicana de Roma, como as da antiga Grecia, não admittia formas de representação. Os povos exerciam o seu direito em propria pessoa; e a nomeação dos consules, e maiores cargos publicos, a declaração da guerra, ou paz, e todos os negocios de maior importancia, dependiam do suffragio universal. Para este fim tinham os romanos dias determinados, nos quaes se reuniam em comicios por tribus, ou centurias, que são os indicados no calendario pela lettra inicial C. (*Comitialis*). Quando em qualquer d'estes dias não tinham logar as assembléas populares, que podiam tambem ser convocadas extraordinariamente, eram os mesmos considerados *fastos*, e 'nelles exercitava o pretor as attribuições do poder judiciario. Macrob. Saturn. lib. 1. cap. 16.

Calendas, *Nonas e Idos*. São tres periodos, ou pontos de partida, de que usavam os romanos para contar os dias do mez,

Calendas era o primeiro do mez, assim chamado do verbo grego *kalõ*, por que 'neste dia o rei sacrificador, offerecendo o sacrificio a Juno, annunciava ao povo reunido no Capitolio junto á curia Calabra o novilunio, e o dia das nonas, invocando Juno cinco ou sete vezes, se estas vinham a sete, ou a cinco do mez. Varrão nos conservou as palavras solemnes, de que o mesmo usava em tal occasião, e são estas *Dies te quinque calo Juno Novella — Septem dies te calo Juno Novella* (1). Os gregos não tinham calendas na divisão do mez; pelo que Ovidio lhes dá o epitheto *Ausonias*, *Fast.* liv. I, v. 55: e como 'neste dia os credores exigiam o interesse do dinheiro mutuado, o mesmo poeta diz: que corriam *apressadas* (2); e o famoso Horacio, que eram *tristes* (3) para os devedores.

As *Nonas* não tinham divindade tutelar (4); mas os camponezes vinham 'neste dia á cidade, e o rei sacrificador annunciava ao povo no Capitolio o motivo das ferias, e o que deviam observar 'naquelle mez. Os romanos as festejavam em memoria de Servio Tullio, já depois da expulsão de Tarquinio, e do seu odio á soberania, por ser o mesmo um rei popular, ou por conservar o antigo costume dos toscanos, que todos os nove dias vinham tratar seus negocios, e saudar o soberano (5). Chamavam-se Nonas, por que precediam sempre nove dias aos Idos; e nos mezes de março, maio, julho e outubro, eram a sete, e nos outros a cinco.

Idos. Discrepam os mesmos archeologos romanos sobre á

(1) Varr. De ling. latina. lib. 6, num. 27.

(2) Ovid. Remed. amor. 561.

(3) Horat. lib. 1. satyr. 3, vers. 85.

(4) Nonarum tutela Deo caret. Ovid. *Fast.* lib. 1. v. 57.

(5) Varr. De lin. latin. lib. 6, num. 28, e Macrob. Saturn. lib. 1, cap. 15. Apud Tuscus... nono quoque die regem suum salutabant, et de propriis negotiis consulebant.

origem d'este vocabulo, ainda que todos reconheçam, que nos mezes, que tinham as nonas a sete, os idos eram a quinze; e quando as mesmas vinham a cinco, estes caíam a treze. Comtudo no meio de tão variadas opiniões, que se podem ver em Macrobio, seguimos a que deduz a etymologia d'esta palavra do verbo *iduare*, que na lingua etrusca significava *(dividere)* dividir, tomando os idos pela divisão dos mezes. 'Nesta parte temos por abonadores, alem do citado Macrobio e Varrão (1), que a reputam mais provavel, a Dionisio d'Halicarnassio, que lhe chama *dia divisor do mez* (2) e Horacio, Liv. IV, ode a Phyllid, v. 16

.... Idus tibi sunt agendae;
Qui dies mensem Veneris marinae
Findit Aprilem.

As duas ultimas columnas contêm a distribuição dos dias do mez em tres periodos, calendas, nonas, e idos; é a de que usamos por ordem numerica. Confrontando ambas se vê que os romanos seguiam a inversa, e retrogradavam diminuindo os numeros até ao ultimo do mez, que chamavam *pridie kalendas*, isto é, dia anterior ás calendas. D'onde se infere, que as calendas de qualquer dos mezes vinham no antecedente. Lallemand. De anno romano, no Thezouro d'antiguidades de Grevio, tom. 8.º, fol. 271.

Entrar agora no desenvolvimento do calendario seria longa tarefa, que nos levaria muito alem dos limites d'uma nota. Ovidio apresenta-nos o brilhante quadro do polytheismo romano com seus ritos magnificos, e tradições graciosas, como se achava constituido na sua ultima phase, quando elle bem differente da sim-

(1) Varr. lib. 6, num. 28 e Macrob. Saturn. lib. 1, cap. 15. Nobis illa ratio nominis vero propior existimatur, ut Idus vocemus diem, qui dividit mensem. *Iduare* enim etrusca lingua *dividere* est.

(2) διχομηνίδα ἡμέραν.

plicidade primitiva tinha dado o privilegio de cidadão aos cultos das nações, onde chegaram as armas d'este povo. Comtudo sem penetrar as trevas da mythologia, a mesma inspecção dos *Fastos*, ajudada pela critica da historia, nos offerece em resultado que as idéas religiosas dos romanos estavam associadas ao seu governo politico, o qual formava d'ellas uma poderosa alavanca, que collocando no ceo o seu ponto d'apoio, pretendia dominar os espiritos, suspender toda a terra. Aqui pomos termo a esta nota, felicitando-nos em ver enriquecida a litteratura patria com uma versão, que não nos permitte invejar alguma das melhores, que possuem as nações cultas da Europa.

O DEÃO ANTONIO JOAQUIM GONÇALVES E ANDRADE
Socio provincial da Academia Real das Sciencias.

NOTA QUINTA



PAGINA 3—VERSO 2

NASCIMENTOS E OCCASOS HELIACOS (1)

Respeitavel collega e senhor.

A versão dos *Fastos de Ovidio*, que v. está a ponto de publicar, é certamente uma producção, que não ha de contribuir menos para a sua gloria do que as outras, com que v. tão distin-

(1) Carta a A. F. de Castilho.

ctamente tem enriquecido a nossa litteratura. Ainda que a minha opinião, sempre humilde, não tenha valor algum em tal materia, posso comtudo affirmal-o afoitamente, fundado no julgamento de um dos homens mais conhecedores da litteratura latina, e apreciadores delicados das bellezas poeticas.

Uma obra tão magistral merece, na verdade, ser acompanhada de muitos esclarecimentos, que habilitem o leitor a ter cabal conhecimento dos variados objectos, a que o poeta allude, e a ajuizar melhor do talento, com que foram por v. vencidas tantas difficuldades.

No que v. porem não acertou foi em me contemplar no numero das pessoas capazes de o auxiliar no desempenho d'esta segunda parte. Entretanto para corresponder de alguma forma a tão honroso convite, darei breves explicações a respeito de um ponto, sobre o qual não me parece fóra de proposito chamar a attenção do leitor: refiro-me ao apparecimento das estrellas no horisonte qnando o sol está proximo a nascer, ou pouco depois de se ter occultado; circumstancias, que os astronomos denominam nascimentos e occasos heliacos; mas antes d'isso seja-me permittido notar quanto é importante o conhecimento da bella sciencia astronomica, para a intelligencia de muitos passos dos antigos e modernos poetas.

Cum sole et luna semper Aratus eris.

Esta menção, que Ovidio faz do poeta Arato, é devida, conforme a opinião dos melhores criticos, a ter elle sabido cantar em versos harmoniosos as sublimidades astronomicas, que havia explicado Eudoxo.

Apesar dos romanos se terem dado pouco á cultura das sciencias naturaes, os seus poetas, longe de se afastarem da senda já trilhada, procuraram conhecer os factos astronomicos, e as ex-

plicações que d'elles então se davam, para com isso realçarem as suas imagens.

Se consultarmos o Dante, acharemos no pai da poesia moderna, muitos trechos, que se referem á astronomia; por exemplo, no 16.° canto do *Paraiso*, onde faz allusão á entrada do planeta Marte no signo do Leão, dizendo:

Da qual di, che fu detto Ave
Al parto, in che mia madre, ch' é or santa,
S'allivió da me, ond'era grave,
Al suo Leon cinquecento cinquanta
E trinta fiate venne questo fuoco
A rinfiammarsi sotto la sua pianta.

Não só d'estas referencias, á astronomia, por assim dizer soltas, como apparecem no nosso Camões, Tasso e outros, se tem servido os poetas. Alguns, como Voltaire, na sua celebre epistola a madame du Chatelet, e José Agostinho de Macedo, no seu poema *Newton*, dedicaram-se exclusivamente a cantar as sublimidades da sciencia.

Esta constante tendencia, a que as grandes imaginações são propensas, não é para admirar, quando reflectimos nos maravilhosos fenomenos, que a abobeda celeste nos apresenta. Nas primeiras idades a mythologia ligou-se aos astros. A superstição, ora risonha, ora terrivel, mas sempre inspirada, ou pelo suave clima da Grecia, ou pelo nebuloso firmamento do norte, deu origem a mil ingenhosas fabulas, que todas prendem mais ou menos com os fenomenos astronomicos. Nos tempos modernos a revolução que o christianismo operou, e o grande progresso da sciencia desde Copernico, se destruiram a crença de muitas ficções, não despiram das suas galas a natureza. Milton e Chateaubriand bem o mostraram.

É sem duvida pois que certos conhecimentos astronomicos são necessarios para a intelligencia dos poetas antigos e moder-

nos; por falta d'elles mais de um commentador não acertou com o verdadeiro sentido de algumas frases. Foi o que aconteceu, conforme a opinião de Lalande, a respeito da palavra *averso*, no seguinte passo das *Georgicas*, que Delille classifica como inintelligivel:

> **Candidus auratis aperit cornibus annum**
> **Taurus, et aversus cedens canis occidit astro.**

A astronomia gosa do precioso predicado de ser a sciencia mais perfeita, e a que melhor se presta a ser estudada independentemente de apparatosos preliminares, e de uma de tantas technologias, arrevesadas aos nossos ouvidos, que assustam sobremaneira os que só querem achar deleite na cultura das sciencias. Desde a publicação das cartas do grande Euler, sobre a astronomia, escriptas a uma princeza da Allemanha, até á famosa obra de Arago, recentemente publicada com o titulo de *Astronomia popular*, muitos homens do maior merecimento, figurando entre elles o nome de Herschel, procuraram explical-a, em toda a sua sublimidade, servindo-se unicamente dos principios mais elementares. Arago, na sua grande obra, contenta-se com que o leitor tenha os simples conhecimentos mathematicos, que se adquirem 'numa escola ordinaria do primeiro gráo.

Aquillo para cujo descobrimento foi necessaria a intelligencia, e indispensavel a sublimidade dos calculos de Leibnitz, de Newton, e de Laplace, pode ser hoje facilmente intendido sem apparato algum scientifico. Magestoso exemplo, que nos revela a necessidade de certos homens especiaes possuirem profundos conhecimentos, para que a luz da verdade, o incontestavel progresso, se derrame sem difficuldade!

Sirva esta pequena digressão, tão incompleta como é, para inculcar áquelles que, em horas de descanço, procuram nos livros uma diversão agradavel, que a podem encontrar facilmente

e com o maior deleite e instrucção, em algumas obras de astronomia.

Um dos assumptos relativos a esta sciencia em que Ovidio mais insiste, assim como outros poetas da antiguidade, é o que diz respeito ao que então se chamava, *Apparencia ;* objecto que mereceu tanto a attenção de Ptolomeu que compoz um tratado que especialmente lhe consagrou.

Todos sabem que o movimento apparente do sol se completa em 365 dias e uma fracção, caminhando elle do occidente para o oriente. A este movimento alludem os versos da pag. 19, assim traduzidos :

Na bruma finda um sol, outro começa;
assim partem de um ponto os soes e os annos.

O solsticio de inverno, aqui designado pela palavra bruma, isto é, uma das duas épocas do anno em que o sol parece não ter movimento no sentido norte sul, é facil de observar. Ainda hoje se conservam os restos do celebre obelisco do campo de Marte em Roma, que servia para este effeito ; mas qualquer poste, com uma placa na parte superior convenientemente prefurada satisfaz cabalmente ao mesmo fim.

A notavel circumstancia das sombras, observadas por este meio, não variarem sensivelmente durante alguns dias antes e depois do sol ter chegado ao seu limite para a parte do sul, era por tanto muito propria para servir de ponto de partida, e por consequencia indicar quando elle tinha completado uma revolução inteira ; o que constitue o anno tropico.

A causa d'este fenomeno é mui facil de perceber, notando o que aconteceria a um corpo que se movesse successivamente no circulo, que sobre o globo, denominado terrestre, se designa pelo

nome de ecliptica. Ver-se-ia que as differenças das distancias successivas do corpo ao equador se tornavam insensiveis, quando aquelle se approximasse do ponto da ecliptica que mais dista da linha equinocial. Ora como estas distancias são as que determinam as sombras maiores ou menores, é claro que cessando a causa cessa aqui o effeito.

As estrellas, e por consequencia os grupos que d'ellas se formaram, chamados constellações, carecem inteiramente d'este movimento attribuido ao sol; a sua posição relativa pode-se considerar constante. D'esta sorte o sol no seu movimento annuo vai como encontrar as que parecem estar no seu caminho, e muda de posição a respeito de todas as outras. De maneira que se hoje o sol depois do seu occaso deixa ver uma estrella, proxima tambem a sumir-se no horisonte, amanhã, em virtude do movimento solar, podem os occasos ser tão proximos, que o brilhantismo da estrella se annulle na intensidade da luz solar.

Pela mesma razão o nascimento do sol é successivamente acompanhado de differentes estrellas, antecipando-se de dia para dia o apparecimento de cada uma d'ellas sobre o horisonte.

Este movimento solar pode reputar-se quasi uniforme; assim os nascimentos e occasos do sol e das estrellas tão proximos quanto seja necessario para estas serem vistas, são muito proprios para fixar determinadas épocas do anno. É isto que os antigos faziam formando d'esta sorte uma especie de calendario, que se podia ler no ceo; o que se na verdade era muito mais poetico, era comtudo muito menos commodo do que as nossas folhinhas ordinarias.

Já se vê quanto este assumpto é importante pela ligação que tem com a fixação das épocas mais remotas. É porem necessario advertir que nem sempre se pode prestar credito ao que os antigos escreveram a esse respeito. Columella, na especie de calendario que fez para uso dos romanos, entre outras inexacções,

suppõe, servindo-se talvez das observações de Alexandria, que a constellação chamada a *Grande ursa*, tinha occaso na latitude de Roma. Ovidio que parece ter sabido mais das coisas do ceo do que este seu contemporaneo, diz o contrario nos versos da pag. 96 do 2.º livro, assim traduzidos:

> Não pára da Saturnia inda a vingança;
> da alva Thetis obtem, que nunca a ursa
> no equoreo pego logrará banhar-se.

Já não foi tão veridico o poeta, nos versos da pag. 32 assim traduzidos na 33

> .... Chegam as *Nonas*;
> por entre as negras nuvens borrascosas
> lá vos desponta a lira!

Este annuncio do nascimento heliaco da lira para o dia 5 de Janeiro é inexacto, e deveria referir-se a perto de dois mezes antes.

Não se devem confundir os nascimentos e occasos heliacos com outros a que os antigos, e ainda os modernos, chamam nascimentos e occasos cosmicos e acronycos. Estes ultimos referem-se á occasião, em que o sol e a estrella se acham ao mesmo tempo no horisonte; seja quando ambos se elevam ou occultam, ou quando um nasce e o outro se occulta.

Um exemplo de occaso acronyco de uma constellação dá-se nos versos da pag. 86 assim traduzidos:

> Mais uma noite.... e o que brilhava ha pouco
> estrellado golfinho, eis desparece!

Felizmente é mui facil verificar, sem dependencia de qual-

quer calculo, se os antigos na apreciação d'estes fenomenos foram tão exactos quanto podiam; basta para isso ter conhecimento dos diversos circulos, de que se compõe o globo celeste artificial. Os curiosos que se quizerem entreter 'neste genero de indagações, podem consultar entre outros livros, o resumo da Astronomia de Lalande, onde acharão a par de muita erudição a materia tratada com a maior clareza.

De V. etc.

JOÃO FERREIRA CAMPOS.

NOTA SEXTA

PAGINA 3—VERSO 3

CESAR GERMANICO

A quem dedicou Ovidio os seus *Fastos?* ¿A Tiberio, como querem alguns, fundados 'neste verso 59 do L. 2.° do Poema:

Templorum positor, templorum sancte repostor,

quando é certo que Tiberio não fez mais do que concluir alguns templos começados no reinado d'Augusto?

¿Foi a Augusto, como parece deprehender-se do seguinte passo dos *Tristes*, referindo-se aos *Fastos*, (*Tristes* L. 2.°, v. 551) e de muitos outros, que se encontram espalhados no corpo d'este poema?

Idque tuo nuper scriptum sub nomine, Caesar,
Et tibi sacratum. . . . .

¿ Foi ao neto de Livia, esposa d'Augusto em segundas nupcias, a Druso Germanico, que elle appellida Cesar, porque os netos d'Augusto receberam como distincção este tractamento?

Este logar dos *Fastos* diz claramente que sim. Foi ao sobrinho de Tiberio, e seu filho pela adopção, foi ao filho pelo sangue de Druso Claudio Nero, tambem denominado Germanico em memoria das suas victorias na Germania, que o poeta relegado dedicou sem questão o L. 1.º dos *Fastos*.

Com quanto se não designe expressamente o nome de Druso, e mesmo haja na historia das illustrações de Roma dois individuos — pai e filho — assim chamados com o appellido de Germanico, vê-se que Ovidio na dedicatoria d'este poema o consagra ao segundo:

1.º Porque o poeta no verso:

Tu quoque cum Druso praemia fratre feres.

dizendo que Germanico era irmão de Druso não podia referir-se senão a Druso, filho de Tiberio, de quem o Germanico, como já dissemos, era tambem filho pela adopção.

2.º Porque Ovidio implora o auxilio d'um poeta, e nós sabemos que o Germanico cultivava a poesia no meio do estrepito das armas, e tanto que existe d'elle uma traducção em versos latinos dos *Phenomenos* d'Arato.

3.º Porque Ovidio, que sente estremecer a pagina em que lança os seus versos pelo juizo, que d'elles fará um principe esclarecido, allude tambem ao seu talento como orador fecundo,

Quae sit enim culti facundia sensimus oris,
Civica pro trepidis quum tulit arma reis.

e Tacito diz-nos que o busto de Germanico, depois da sua mor-

te, foi collocado na sala do senado, entre os dos illustres oradores, que tinham honrado a patria com a sua eloquencia.

Entretanto dos *Fastos* serem dedicados a Druso Germanico, logo nos primeiros versos do liv. I, o que parece tornar geral o offerecimento do poema, não se segue que os cinco restantes livros lhe fossem tambem consagrados; e é isto tanto assim que 'nestes, e em mais d'um logar, o Cesar louvado, festejado e requerido para tomar sob a sua protecção a obra dos *Fastos* é Augusto, o imperador, que com um dos seus *firmans* despoticos arrancou o poeta ás delicias de Roma para o lançar 'num paiz inhospito, povoado de barbaros.

É a Augusto, que Ovidio se dirige nas seguintes palavras do liv. II, de versos 15 a 19:

> At tua prosequimur studioso pectore, Caesar,
> Nomina per titulos ingredimurque tuos.
> Ergo ades et placido paulum mea munera vultu
> Respice..................................

Vejamos o motivo d'esta singularidade, porque o é effectimente.

Ovidio foi desterrado no anno 763 da fundação de Roma, e os seus *Fastos*, com quanto só fossem publicados, é a opinião mais geral, depois da sua morte, acontecida em 771, ou 770, como querem outros, foram visivelmente começados, e talvez continuados até ao ponto em que os deixou, nos ultimos annos, que precederam o seu exilio, de 752 a 762.

É o que se deduz do exàme reflectido do poema, e é a opinião de Lacroix 'numa excellente Memoria ácerca da religião dos romanos apresentada á faculdade de lettras de París.

'Neste tempo presidia Augusto aos destinos do imperio. Ambicioso, desejando reunir em si todos os poderes, havia-se, depois da morte do triumviro Lépido, declarado pontifice maximo; e desde então as fundações dos templos, as celebrações dos jo-

gos, as consultas dos livros sibyllinos, as modificações do calendario tudo correu por elle. Se os *Fastos* eram a commemoração de tudo isto, a quem deviam ser dedicados? ao semi-Deus, ao santo pai da patria — *sancte pater patriae*, áquelle a quem cabia na terra o nome que no Olympo competia a Jupiter: (*Fast.* liv. II, vers. 132).

Hoc tu per terras, quod in aethere Jupiter alto,
Nomen habes............................

Correram os annos, e Ovidio no desterro, curtindo as mais desconsoladas saudades de Roma, implorou o Cesar, imprecou o valimento de quantos lhe podiam acudir para o salvarem das asperesas da Scythia.

A Augusto, de quem fez a apotheose, que infelizmente se perdeu, e que fôra escripta em lingua gética para que os elogios do seu perseguidor resoassem nas margens do Ponto-Euxino — Pont. liv. IV, epistol. 13.ª

Ah pudet! et gético scripsi sermone libellum,
Structaque sunt nostris barbara verba modis.
Materiam quaeris? Laudes de Caesere dixi;

a Augusto, que Ovidio adorou como um deus, erguendo-lhe um altar quando soube da sua morte, consagrára, vivendo, ainda os *Fastos*; supplicára-o com palavras, que nem na apotheose, nem nos incensos do altar foram excedidas; mas o Cesar, como se vira no desterrado um inimigo perigoso, foi inabalavel nas suas resoluções.

Livia, a esposa d'Augusto, a que Caligula denominava com bastante propriedade — um Ulysses de saias — *stolatam Ulyssém* — tinha sobre o imperador a influencia, que uma mulher audaciosa, dotada d'ambição e espirito, tem quasi sempre sobre o homem, que a ama. Dezoito annos antes do seu desterro, pela

morte de Druso Claudio Nero, filho de Livia tinha o poeta em versos sentidissimos escripto a *Consolação a Livia*. Depois já nas agruras do exilio, havia aconselhado a esposa para que fosse ajoelhar-se aos pés, implorando o seu valimento para com o Cesar, e esta mãi sem coração, esta mulher desnaturada, foi surda a todas as vozes.

Tiberio subiu ao throno imperial depois da morte d'Augusto. Ovidio cantou-lhe as victorias, escreveu um poema, que tambem infelizmente se perdeu: *Os Triumphos de Tiberio*, exaltando o nome do heroe. — Pont. liv. II, epistola 5.ª:

Nuper ut huc magni pervenit fama triumphi
Ausus sum tantae sumere molis opus.

Mas Tiberio, o filho digno de Livia, o tiranno sem alma, acolheu as supplicas do desterrado com a indifferença d'Augusto.

Se Augusto, se Livia, se Tiberio o não escutaram, se os amigos mais influentes e dedicados nada poderam no animo dos Cesares para o restituir á patria, que restava a Ovidio? Um nome só, o de Druso Nero, o triumphador da Germania, o vingador de Varo, o querido dos soldados e do povo romano.

Foi em 768 de Roma, que Druso, vingando a derrota de Varo, dictou a paz ás tribus da Germania. Os *Fastos* estavam por publicar, Augusto, a quem elles tinham sido dedicados havia fallecido; Ovidio olhou para o astro que se levantava, e pondo 'nelle uma esperança, intendeu que devia revêr a sua obra e offerecel-a a Druso Germanico.

Outra circumstancia concorreu ainda para esta resolução. No anno 770 de Roma (17 da Era Christã), com o pretexto de suffocar as perturbações da Armenia e da Syria, foi Druso mandado por Tiberio ás provincias do Oriente, com poderes superiores aos dos proconsules e propretores que as governavam. Por isso mesmo que o sobrinho de Tiberio era querido dos soldados

e popular em Roma, tinha contra si a vontade tanto de Cesar como de Livia, e este era o meio de lhe diminuir a influencia na patria.

Druso querendo ver pelos seus olhos as provincias que lhe estavam confiadas, depois de visitar os logares em que as victorias d'Augusto o tinham feito senhor do imperio romano, dirigiu-se a Athenas, atravessou Lesbos, Byzancio e o Bosphoro, chegou até ás margens do Ponto Euxino.

Ao approximar-se o grande homem, deveu bater mais apressado o coração do poeta, e se ainda então não estava decidido a substituir nos *Fastos* o nome d'Augusto pelo de Germanico, sem duvida que se decidiu 'neste momento.

Baldada esperança! Pôz mãos á obra, corregiu o primeiro livro, concluiu a sua revisão, mas quando se destinava a continual-a nos outros, veiu a morte arrancal-o ás dores de oito annos d'exilio.

Ovidio morreu no anno de 771 de Roma, deixando d'este modo o primeiro livro dos *Fastos* dedicado a Germanico, e os cinco restantes a Augusto, como em principio os havia composto.

Ha destinos implacaveis, a que se não foge. Se o poeta minado pelo desalento, e pelas tristezas, não tivesse tão cedo deixado as prisões da terra, e levasse por diante o seu proposito, de nada lhe valêra. 'Nesse mesmo anno, envenenado por Pisão, governador da Syria e confidente de Tiberio, acabou os seus dias na esperançosa idade de trinta e cinco annos o vencedor da Germania.

ANTONIO XAVIER RODRIGUES CORDEIRO.

OS FASTOS

DE

PUBLIO OVIDIO NASÃO

COM TRADUCÇÃO EM VERSO PORTUGUEZ

POR

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

SEGUIDOS DE COPIOSAS ANNOTAÇÕES

POR

QUASI TODOS OS ESCRIPTORES PORTUGUEZES CONTEMPORANEOS



TOMO I—PARTE II

LISBOA

POR ORDEM E NA IMPRENSA DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS

M DCCC LXII

NOTA SETIMA



PAGINA 3 — VERSO 6

ANNAES DOS PONTIFICES

As nações ennobrecidas por feitos heroicos difficilmente admittem uma origem vulgar; aspiram sempre a consagrar o seu berço com factos sobrenaturaes, ou memorias vagas de virtude e heroicidade, que prematuramente engrandeçam os destinos da patria, sem preverem que a critica, á força de prescrutar o passado, não recúa diante d'essas misteriosas trévas; momento fatal, que Roma viu approximar, ainda antes que a erudição dos tres seculos passados tentasse arrancar a *figueira ruminal* ou derribar o altar de *Aius Locutius*.

Essas antigas memorias, que para magestade do imperio se admittiam sem fé, saíam exclusivamente do santuario, consagradas nos *Annales pontificum*, e foram a fonte primitiva e unica, a que os escriptores romanos podéram recorrer: *annalibus eruta priscis*. Eram os annaes dos pontifices, ou *Annales maximi* (1), as taboas chronologicas (2), em que o pontificado (se-

(1) *Hique etiam nunc Annales maximi nominantur*. Cic. *de Orat.* II. 12—*A pontificibus maximis, a quibus pebant, Annales maximos appelarunt*. Serv. *ad Aneid*. I. 373.—Macrob. *Saturn*. III. 2; Festo v. *Maximi*, palavra que escapou na edição dos grammaticos latinos de Lindemann, Leipzik 1832, tom. 2, p. 95.

(2) Eram, como depois o *album* do pretor, escriptos em madeira

não desde o primeiro seculo de Roma (1), pelo menos desde o meado do segundo (2) ou do terceiro (3) até ao anno 623 (4) da fundação da cidade, deixava consignados, anno por anno, e dia por dia, em estilo breve, simples e grave, como o da chronica grega de Paros, a successão dos magistrados, os acontecimentos publicos mais numeraveis, e os prodigios, que haviam assombrado os habitantes da cidade eterna.

Escapando á invasão dos gallos, estas memorias sagradas, esta fonte de tradições maravilhosas, foram conservadas com esse zêlo que Roma sempre teve com os monumentos escriptos; poderam ser consultadas por Catão, Polybio, Varrão, Cicero, Verrio Flacco, e tantos outros; e foram colligidas, a crêrmos Aullo Gellio, e Servio, 'num corpo completo de monumentos historicos.

Foi a ellas que successivamente recorreram Ennio para os seus Annaes, Virgilio para as ficções nacionaes da Eneida, e Ovidio para os seus *Fastos*, e para os dois ultimos livros das *Metamorphoses*, como confessa no presento verso e no 11.º do livro IV.

Tempora cum caussis, Annalibus eruta priscis

Não devem confundir-se os Annaes com os *Libri pontificum*, nem com os *Indigitamenta*, como erradamente fizeram os esco-

pintada de branco, e expostas ào publico no vestibulo da casa do pontifice, como affirma Cicero no logar citado: *res omnes singulorum annorum mandabat litteris pontifex maximus, efferebatque in album, et proponebat tabulam domi, potestas ut esset populo cognoscendi.*

(1) *Ab initiis rerum romanarum*, como pretende Cicero, ibid.

(2) Segundo conjectura Le Clerc *Des journaux chez les romains* p. 11.

(3) Como quer Niebuhr *Hist. rom.* tom. 1 p. 352.

(4) 'Neste anno caiu o pontificado de P. Mucius, em cujo tempo os pontifices deixaram de continuar na redacção dos annaes: *usque ad P. Mucium pontificem maximum* — H. Dodwel *Append. ad praelect. Camden.* p. 656. Orelli porem no seu *Orcomast. Tullian.* (Zurich 1838 p. 405) faz datar este pontificado do anno 631.

liastas Acron, e Porphyrion (1), apesar de Horacio comprehender na expressão vaga de *Libri pontificum* todos os livros rituaes, ou historicos dos pontifices (2). Hercules Ciofani, annotando este verso de Ovidio (3), caiu na mesma confusão, que não evitou Dacier 'numa das primeiras notas sobre o falso Aurelio Victor (4).

Pontificum ou *pontifici libri* eram expressões que commummente designavam os livros do culto, e os rituaes, como se evidencia de Cicero (5), Tito Livio (6), de Varrão (7), e de Festo (8), ainda que algumas vezes são equivalentes de livros de *direito pontifical* no mesmo Cicero (9).

Além da menção generica que d'elles encontramos nos authores citados, e em Plinio (10), Macrobio (11), Servio (12), e

(1) Le Clerc p. 129.

(2) Epist., II, I. 26:

Sic fautor veterum, ut tabulas peccare vetantes,
Quas bis quinque viri sanxerunt, foedera regum
Vel Gabiis, vel cum rigidis aequata Sabinis
Pontificum libros, annosa volumina vatum
Dictitet Albano Albano Musas in monte locutas

(3) P. Ovidii Nasonis Fast. lib. VI cum integris Jacobi Micylli, Herculis Ciofani etc. notis. tom. 5 Amstelodam 1727.

(4) Na mesma confusão cairam Larcher *Nouv. Mem. de l'Acad. des Inscript.* tom. 2 p. 461, Van Bolhuis *Diatribe literar. in M. Porcii Catonis censorii scripta et fragmenta,* Utrecht 1826, p. 13.

(5) De nat. deor. I, 30; De republ, II, 31; *De divinat.* I, 33; II. 18.

(6) Liv. V, 50.

(7) De ling. lat. V. 23, 98.

(8) *Libri pontificum* na palavra *Opima*, e *Ponticis libri* na palavra *Tesca.*

(9) De orat. I. 43.

(10) XIII. 27; *Duos pontificales latinos.*

(11) *Passim.*

(12) Ad Eclog. V. 66; ad Georg. I. 344; ad Æn. VII. 190; XII. 603.

no novo micogropho do Vaticano (1), temos noticia de alguns em especial. Festo allega o setimo livro pontifical de Ateio Capito (2); e um outro grammatico, Fulgencio Planciades, cita os de Varrão (3), de Rutilio Gemino (4), e até de Numa (5), e é certo que pelo menos em parte chegaram ao tempo de Tertulliano, que a elles allude no seu tratado *De praescriptionibus* (6).

Os *Indigitamenta*, que Arnobio (7) attribue a Numa (*Pompiliana indigitamenta*), e Varrão (8) definia «livros pontificaes «dos nomes dos deuses com sua explicação,» eram tambem rituaes de invocações e orações. A etymologia d'esta palavra tem atormentado os interpretes. O abreviador de Festo, dando-a como equivalente de *incantamenta*, foi mais feliz quando a interpretou no artigo *Indigitanto*, aonde a explica por *imprecanto;* e Saumaise (9) depois de escrever com rasão, que *indigitare* é o mesmo que *indicitare*, *quod est invocari et imprecari*, illudido pela variante, aliás falsa, de um manuscripto de Festo, deixou escapar o fio que podia guial-o 'neste labyrinto de conjecturas, em que se perdeu, para ir lêr *indiganto* por *indigitanto*, e buscar afinal a origem a *indicere*, quando em Macrobio (10) e Servio (11) teria achado a confirmação de sua primeira idéa.

(1) Roma 1831 p. 62.

(2) v. *Mundus*.

(3) Expositio sermonum antiquorum v. *Tutui*.

(4) Ibid. v. *Arvales fratrli*.

(5) Ibid. v. *Tutulo*.

(6) C. 40.

(7) *Adversus gentes* II. 73.

(8) Ap. Serv., ad Georg. I. 21: *Nomina haec numnium in Indigitamentis inveniuntur, id est in libris pontificalibus, qui et nomina deorum et rationes ipsorum nominum continent; quae etiam Varro dicit.*

(9) Exercitationes Plimanae in Solimum, ed. de 1689. p. 51.

(10) Saturn. I. 17: *Vectales indigitant*, id est. *endocitant* aut *invocant*.

(11) Ad Æn. XII. 794: *Indigito est precor et invoco.*

A collecção dos *Indigitamenta* seria mui preciosa, porque 'nella encontrariamos as grandes orações romanas ou etruscas, como os cantos dos *Salii*, e dos *fratres Arvales*, a oração dos *Suovetaurilia*, conservada por Catão (1), e as formulas de evocação e imprecações, citadas por Macrobio (2).

LEVY MARIA JORDÃO.

NOTA OITAVA

PAGINA 7 — VERSO 7

A VIUVEZ

Dez mezes a viuvez conserva o luto

Assim como não ha estação no anno que não tenha seus louvores proprios muito merecidos, e não prevaleça ás de mais em conceito de muitos, não ha tambem periodo nem estado na vida feminil, que se não recommende por algumas peculiares excellencias.

Se a virgem é o botão que annuncia a flôr; a casada a flôr que affiança o fruto; a viuva, raminho já tocado do inverno, sorri tristemente á imaginação muitas memorias do botão e da flôr: a viuva já foi a virgem, timido e alvoroçado anhelo do

(1) De re rustica, 141.
(2) Saturn. III. 9.

futuro; já foi a casada em quem a outros gosos tambem do futuro se intrelaçavam delicias realisadas.

Não só as foi, é ainda de alguma sorte uma e outra: reamanheceu donzella, do fundo da noite do seu luto; mais que donzella, vestal, que espertará e guardará na mudez do santuario o puro fogo aceso ha tanto tempo; mantem como objetos consagrados o coração, os sentidos, e a melindrosa pureza para o eleito a quem os ceos a destinaram; diz como Dido;

Ille meos, primus qui me sibi junxit, amores
Abstulit; ille abeat secum, servetque sepulchro.

¿ Tão estreita fidelidade, quem a não chamará consorcio, consorcio real e effetivo? já não diz como Dido: levou os meus amores, tenha-os e conserve-os comsigo no sepulchro; é Judith a quem a morte não privou de ver sempre ao seu lado e de abraçar o seu Manasses; do sepulchro, onde cuidamos que elle dorme para o thalamo, onde entre crepes se nos figura que ella pena, ha uma communicação misteriosa que só elles sabem, e que os anjos mais amantes lhes insinaram; por ali se visitam, se acarinham, se gosam; a mortalha e o dó desapparecem. Ella traz a este commercio voluptuoso e puro, poetico e celeste, o que quer que seja da vida que ainda vive; elle vislumbres da eternidade que já goza. São uns deleites ineffaveis em que os de Cithéra e os do Impirio se intermisturam confundindo-se, e quasi cambiando-se uns nos outros; suspira-se e goza-se; o que se teve e se espera rehaver, possue-se; o fogo das saudades acende a fantasia; a fantasia acesa illumina as sombras, aviventa o espetro, da-lhe falla, sorriso, calor, seio que palpita, labios que beijam, braços que apertam, sentidos que dão e recebem felicidade.

Se estes colloquios recatados reunem muitas vezes os dois espiritos conjuges e inseparaveis entre os ciprestes, nos degraus

do sepulchro, ou por baixo d'elle para lacrimosas tristezas, não menos (graças ao predominante instinto da vida) elegem para seu theatro os logares mesmos perfumados e floridos, onde em commum se lhes devolveram como as namoradas aguas de Arethusa e Alpheu os dias fugazes dos seus extasis voluptuarios.

¡ Oh ! se as viuvas quizessem, soubessem, e ousassem correr a cortina escura que nos incobre os seus espetaculos interiores, esses espetaculos em que se ellas sevam com tantas delicias, que por ellas desdenham quaesquer outras ! ¡ Oh ! se o ousassem, se o soubessem, se o quizessem, quão ao certo se não averiguara o que diziamos pouco ha que a viuva é um mixto simpatico e adoravel da virgem e da casada !

Tudo isto sentia Adele Curti, a musa milaneza, quando cantou aquelles versos que sob o titulo de *Sposa* vos convidamos a escutar-lhe :

Quando la notte é tacita,
Quando la luna é in ciel,
Mi adorno in veste candida,
M'avvolgo in bianco vel.

D'aurei monili cingere
Soglio le braccia e il sen,
E in fronte accolgo un giubilo
Di sempiterno ben.

Prendo con me quel mistico
Libro ch'ei mi donò,
Nelle cui sacre pagine
Amor mi si svelò.

Ah lo rammento! Osavano
I nostri sguardi un di
Parlar di ciò ch'esprimere
Il labbro non ardí.

Ma poscia, tolta al fascino
Che mi rapiva il cor,
Io gli potea sorridere
Con fredda calma ancor.

Il chiuso duol dell'anima
In volto a lui salì;
Parve severa effigie
Che in marmo si scolpí.

E il bel volume porsemi,
Disse: — Vuoi tu pregar?
Iddio t'insegni, o Vergine,
Come si debba amar. —

Su l'alme carte fervido
Voto giurò di fé;
Seco giurai ripeterlo
De' santi altari al pié.

Di vaghi raggi splendido
Il giorno alfin brillò,
Che liete danze, e cantici,
E un rito ci annunziò.

Pur non sembrommi lucido
Il benedetto anel:
Il tempio agli occhi aprivasi,
Quasi un immenso avel.

Là tra gli accesi cerei
E i nuziali onor,
Io non scorgea che tenebre,
Che addobbi di squallor.

In strana guisa pallido
Lo sposo mio si fa;
Soffri? gli chiedo; ei mutolo
La cara man mi dà.

Tu tremi?—Aita!—Un farmaco
Prestagli, uman saper!
Lo sorreggete—Oh spasimo
D'atro destin forier!

I dolci canti tacquero,
Udii lugubre suon;
Udii le preci flebili
Dell'ultimo perdon.

A notte l'astro argenteo
Il bacio verginal
Mandò a la salma gelida
Sul drappo funeral.

Di quella sera orribile
Il tempo è assai lontan;
Forse già corre un secolo
Ch'io lo misuro invan.

Lassa!—ciascuno gemere
Ascolto intorno a me:—
Lassa! niun refrigerio
Dato sperar più l'è.

Non mai potè una lagrima
Il ciglio suo nudrir;
Mai più quel petto immobile
Si sollevò a un sospir.

Qual nuvoletta al turbine
Sparve la sua beltà;
Com'onda amara e livida
Per lei passa l' età.

Ma, perchè i flutti fremono,
Chi viene a giudicar,
Se nei profondi baratri
Torbido è l'ampio mar?

L'alma ha tal cupa angoscia
Ed ha sorriso tal,
Che male si rivelano
Al guardo del mortal.

Nol sappia alcuno! Sorgere
Entro la mente — qui —
Vidi fra il bujo un vivido
Lume — nè poi mori.

Sol nel pensier dei creduli
Tregua non ha il dolor
Ch'arde e consuma in polvere
De la mia vita il fior.

No: non é ver che il misero
Deserta mi lasciò;
Egli non fu sí barbaro,
Ei non m'abbandonò,

Teme nel mondo i ruvidi
Spini dell'aspro suol;
Fugge il possente incendio
De l'avvampante sol.

Allor che in gran silenzio
Splende la luna in ciel,
Spoglio le vesti funebri,
Lascio il mio negro vel;

Contento ei riede il fervido
Voto a pestar di fé,
E seco io vo a ripeterlo
De'santi altari al piè.

Outra autoridade, que ainda depois d'esta se pode citar, é D. Francisca de Paula Possolo da Costa, tambem poetisa e viuva; deixai-me aqui repetir-vos o que eu de sciencia certa escrevi na sua biografia:

Uma noite (foi a de 15 para 16 de novembro do anno de 1829) dormindo toda a casa, sôa no leito dos esposos um grito dorído: acorda ella em sobresalto. Revolvia-se o marido, torcendo-se e retorcendo-se sob as angustias de uma pontada agudissima. Bradava por ella e por Deus; ambos lhe acudiram. Ella com todos os soccorros, que o aperto do lance estava requerendo, e Elle despenando-o brevemente de tão incomportavel martirio. Quando veiu pela madrugada, já o leito de dezeseis annos de amores era féretro: e de dois ainda ha pouco tão vivos, e tão vivazes, só estava de pé um semi-morto, mais pallido que o defunto, com os olhos cravados 'nelle, a alma fulminada, esmagado debaixo de todo o peso do passado, duvidando ainda da evidencia, e sem perceber d'ahi para ávante caminho algum possivel para qualquer parte do mundo. Contar os extremos d'aquella dôr, nem as proprias testimunhas d'ella o atinaram. Só os muito desgraçados, e nem todos, os rastrearão. Concebo-a eu; e sinto-a para mim: escrevel-a para os outros, não o sei, nem que o soubera, o tentaria. É já de si a humana vida tão cevada de tribulações; vem-nos ellas tamanhas, tão imprevistas, e tão certas, e tão irremediaveis, de todos os lados, e por todos os modos, umas de dentro, outras de fóra, umas de perto, outras de longe, umas debaixo dos pés, outras do alto, que nenhuma deshumanidade pode já haver mais deshumana, nenhuma impiedade mais impia, nem nenhuma sandice mais tonta, do que impregar a escritura, que só para instruir, e consolar se inventou, em martirizar sem nenhum proveito aos pobres dos leitores, que nenhum mal nos fizeram, e a quem no seu proprio não faltará que chorar.

Emfim os levaram, um do outro arrancados pela primeira vez; a elle, para o descanço do sepulchro; a ella, para outro peor sepulchro, e sem descanço. Refinou carinhos a amizade dos parentes; tentou-a de todas as partes a razão com consola-

ções, mas cada affago lhe recordava uma perda; e contra cada razão de conforto mandava mil a desesperação. Era a sua fraqueza a mais forte 'naquelle combate; cederam-lhe; deixaram-na a seu gosto cerrar-se nas trevas de seu aposento, esquiva a todos os olhos profanos, debulhada em lagrimas, e intregue entre dia e noite á pratica de mil ingenhozas, e nem sempre vãs, superstições do coração. Do tempo fiavam parte do remedio; que é elle, como elegantemente disse um nosso escritor, a emma das grandes dores, que todas esmoe, e desgasta; aguardando o complemento da cura da Providencia de Deus, e do não vulgar juizo, com que a Elle dotára. Passaram dias, semanas, mezes, e ainda annos. Cançou, e decaiu o delirio. Ficou só a tristeza, que tinha de ser 'nella tão sem allivio como o luto. Dezeseis mezes menos tres dias lhe estavam já curtidos em lagrimas, quando em 13 de março de 1831 me escrevia para a serra do Caramulo, onde me eu então imbrenhava, a desastrada mudança do seu estado 'nestos versos, que de boamente aqui agora lançarei:

Victima infausta de crucis saudades,
Saudades que da morte a foice avara
De esp'ranças despojou, quasi na borda
Da horrivel sepultura; que incessantes
De atroz desesp'ração as mãos preparam,
O derradeiro adeus Francilia grata
Envia ao caro irmão! Lastíma, ó vate,
A desditosa amiga. Alguns momentos
Traze á memoria de Francilia o nome,
E sobre o seu destino miserando
Uma lagrima, um ai desprende ao menos.
   Adeus e para sempre! Eu deixo a vida!
Triste, isolada em meio do Universo;
Da vida que farei?... Perdi o esposo;
Perdi Jonio, o meu bem, o meu thesoiro.
Já nada tenho que me prenda ao mundo.

Tanta era a persuasão em que estava da pouquidade de suas forças para continuar a resistir ao mal, que ainda áquella hora não havia perdido ponto das suas, e se lhe representava tão fresco e temeroso como se na vespera começára!

Moveu espanto em alguns, que dôr assim verdadeira se deixasse fundir e tornear em versos, e logo os arguiam de arremedar sentimento, que já não havia, como carpideiras, que por pompa se levavam alugadas a vozear nos funeraes. Taes generos de frechas, tiradas por satiricos, ressurtem o mais das vezes do alvo e voltam a cravar-se nos seus autores; porque o suspeitar deslealdade e imbuste sem razão, indicio é, e não leve, de animos desleaes e imbusteiros. Acudia eu por parte da auzente, que elles não conheciam, com dizer-lhes e repetir-lhes isso mesmo. Ponderava-lhes como não só era prova de insofrivel soberba, senão tambem de ignorancia imperdoavel, o presumir qualquer, que tudo, quanto com o discurso se lhe não conchavava, ou se não ageitava com os seus particulares costumes, havia logo de ser condemnado por desnatural, inverosimil e impossivel. Que 'nuns matava o infortunio como corisco, 'noutros como doença, 'noutros como cançasso. Que em muitos não intravam as penas. Em alguns duravam pouco. Em alguns, e eram esses os mais miseraveis, se lhes igualavam com a existencia. Que este desafogava em lagrimas e clamores, aquelle em furias. Que um apenas suspirava, outro orava, outro emmudecia. Qual fugia para o ermo, qual para a sociedade para se aturdir, qual para o suicidio para se resgatar; procedendo d'uma só raiz, que é o instinto e necessidade do repouzo, o desconcerto de tão incontradas variedades. ¿ Porque logo onde tanto havia e cabia de tudo, um espirito desde a infancia creado e costumado com a poesia, que a tinha por quotidiano pensamento, e quasi por linguagem, e que 'nella traduzira sempre tudo que o alegrara ou intristecera, havia de ser forçosamente esbulhado da unica herança, que d'en-

tre todos seus outros bens lhe remanescia? E mais quando já o correr do tempo tinha levado de cima da melancolia os delirios e a desesperação.

Assim a justificava eu do crime de novo genero, e pelo menos ridiculo, de que algumas semi-almas em prosa a faziam ré por exalar mágoas de dezeseis mezes em regras de onze sillabas; e assim defenderei sempre todo o accusado á revelía por quem o não conheça. Ditame é este em geral de summa justiça, nem vai grande louvor em o guardar, mas no applical-o ao caso, de que tratamos, dou eu um documento não duvidoso de minha inconcussa lealdade; por quanto, se por mim mesmo, seguindo o costume d'esses mesquinhos, a houvesse de julgar, já podéra dizer, e com menos temeridade do que elles, que não era verdadeira dor, a que se deixava dobrar a artificios metricos. Sujeitam-se as murtas e mais plantas de garrída louçanía e lustroza gala de vergeis, a que a industria as apare, torça, ate, e affeiçõe ás figuras de seus desenhos; o cipreste não; todo elle é tristeza brava, desalinho selvatico mui izento, mui desambicioso; só folga com o seu negrejar, com o seu gemer; só com as urnas se intende, e só aponta e se levanta para o ceo. A viuvez d'alma, se Deus não tivesse podido, querido e devido, crear almas diversas da minha, havia de ser quasi sempre tácita; poeta em si, e para si, algumas vezes, e muitas; mas para os outros, e para profanos, poeta! Nunca jámais. Apartemos porem, por escusada, esta digressão, caminho declive que me levára onde agora não posso ir, ainda que para lá me fuja a vontade, e tornemo-nos com a mão ao fio que nos vinha governando.

Dado e assentado por sem duvida, que estes e outros seus versos, de que logo faremos conta, podiam, sem maravilha, nascer em cemiterio, raridade não sem exemplo, e exemplos na historia litteraria, vejamos o como passou por ella esta derradeira parte da vida, que ainda abrange uma eternidade de nove

annos. Só mulher, e poetisa a vimos até aqui, d'aqui ávante a veremos mulher, poetisa e christã. O que a vida não soubera, soube-o a morte; o que não podéra fazer a felicidade, a desventura o fez; completou-a. Fôra em todo o tempo uma de suas partes, e até uma de suas graças, um genero de melancolia, que em meio dos maiores gostos a salteava; ella lhe temperava o rizo, lhe imbrandecia a voz e o dizer; filtrava-se e espirava-se por todas suas acções; em meio do povoado lhe creava soledades; e nas soledades campestres, paraizos: chamam-lhe achaque, ou sina de tristeza os que a não experimentaram; sendo que, se ha 'neste mundo trato e conversação com outro melhor, e no valle das lagrimas uns longes de ante-gostos da bemaventurança, só os alcançam os melancolicos, que o não dizem. A esta nativa predisposição deu incremento e força o desamparo e orfandade, em que via e sentia o seu amor. D'antes era a sua melancolia como veu raro, transparente, azul-celeste, que a sua alma trazia, qual lhe fôra posto por mão branca de algum anjo bom para a resguardar já da muita luz que importuna, já do olhar muito mais importuno de todos os que passam; casto e mistico veu, que sem desfazer ás coisas as suas figuras, cores e sons, tudo isso lhes demuda, tudo aformosenta, e poetisa todos os caminhos, e atalhos da peregrinação; agora porem, de veu se lhe transformára em venda tão tapada e céga, que era já para ella o mundo, como se não existira.

Em Lisboa, e debaixo dos mesmos tetos, tão lembradas testimunhas de contentamentos, levou os primeiros annos em mais que aperto de clausura, cerrada comsigo em seu aposento, como em templo ou tumulo, cercada de reliquias e memorias do ausente companheiro de sua mocidade; não querendo ver, nem ser vista, não pedindo, nem soffrendo novas de fóra, nem consentindo em visitas, que lhe interrompessem as do esposo, salvo as de sua mãi e de alguns outros intimos parentes que por dó,

ou por interesse, que 'nella tinham, e juntamente por aprenderem cada vez melhor a admiral-a algumas vezes intravam, como a furto, a vêl-a e ouvil-a. Do livro interior do coração humano nos dias das paixões tempestuosas da mocidade, disse eu, pouco ha, ser grande fortuna que não podessem olhos de fóra chegar a lêl-o; ¡ mas que livro para ser lido, estudado e citado o que fiel e pontualmente contivesse a chronica do como tal espirito, e em taes circumstancias impregou, incheu, e talvez infeitiçou tantas e tão largas horas de solidão! Mas, quem só nos podia dar este livro, jaz agora debaixo da terra. O mais que d'elle nos ficou foram alguns fragmentos soltos em paginas de poesia. Bom numero d'estes foram epistolas, que lá me iam ter á minha serra, com a refutação pratica das especulativas consolações e confortos, que eu de lá, tambem em versos, lhe inviava.

'Nestas suas composições, e melhor disséra improvisos, ou vozes de uma alma, que a sós se estava com outra praticando, ha certo desatavio, que muito as recommenda; por sua mesma facilidade estão confessando que se não fizeram para a imprensa nem para a fama; qualidade esta já de si muito para louvor, não só indulgencia, por ser a falta d'ella o peccado original, que mais partos da melancolia tem levado á perdição. Todas suas galas, que as tem, mais são de sincera verdade, que não de ingenho curioso. E tambem com isto podéra eu tapar a bocca aos praguentos que de poetar a murmuravam. Arvore em flôr, que o vento quebrou pelo pé, ainda depois de derribada, ás vezes continúa de florejar; frouxamente sim, tristemente sim, desesperançadamente sim, mas com maior merecimento por isso mesmo; porque morre como viveu, e ainda morta não desmente da que fôra.

Mas outras epistolas compunha ella 'nessa mesma época, as quaes, com serem de arrojada poesia, e novidade quanto ao genero, muito melhor do que todas minhas defensas, lhe concilia-

riam as boas vontades, provando a sinceridade, profundeza, e constancia de suas penas. São estas epistolas, onze em numero, escritas ao esposo, a quem ainda depois de perdido reputava por seu. ¿Não reconheceis bem ahi a mulher poetisa e amante? Se a vós tivesseis visto atravez da porta do seu quarto, cautelosamente fechado a todos, como escondrijo de amores defezos e sequiozos, carregada de preto, cabellos soltos, rosto pálido e descarnado, olhos scintilantes de fé e amor, fisionomia inlevada e absorta, a alma fóra do mundo, e a mão correndo como de seu proprio movimento com a penna por sobre o papel; se tivesseis presenceado o seu sucessivo mudar de cores, de postura, de gestos, de expressão; se no alternar-se das suas lagrimas, sorrisos e serenidade houvesseis traduzido as differentes regiões intimas, que o seu espirito ia atravessando; se houvesseis visto muitas vezes cair-lhe dos dedos a penna desanimada de alcançar o pensamento; e a incetada carta continuar-se mentalmente, larga, rica e legivel, sem ser escrita; fico-vos eu, que vos arredarieis d'ali como de um logar de misterios, tão misterios para a vista como para o discurso, onde tudo que passava era fóra do natural conhecido, rotas e devassadas as barreiras entre a vida e a morte; e resumidas no concavo fundo do espelho magico da alma as variedades dos tempos, as differenças e extremos das affeições, a devoção e a paixão, a terra com todos seus gostos, o templo com todas suas ceremonias conjugaes e fúnebres, a sepultura com todo o seu enigma negro e luminoso, e o ceo, reflexo de todas as formosuras do orbe, em numero e grandeza infinitamente augmentadas. Não são estes incarecimentos do estilo, ou sonhos de acordado, de que hoje se tem por uso rechear os livros. É a pura verdade e nem toda, senão um bosquejo, um longe, e uma sombra della; pois, do que em taes horas, tão sem similhantes, tão ricas, tão estranhas á vida, e tão cheias de vida, tão inspiradas, tão extáticas se descobre, se inventa, se adivinha, se go-

sa, se padece, se pode, se faz, se combate, se vence, se triunfa, de tudo emfim, que pode sair e sai para o animo de cada uma das profundas rupturas de um coração lacerado e não morto, nem o proprio que o experimentou conseguiria recordar-se, nem recordando-se comprehendel-o em linguagem, nem comprehendendo-o ser dos estranhos intendido.

São estas onze epistolas os fragmentos, que nos ficaram de toda aquella sua correspondencia ao mesmo tempo funebre e erótica. O seu estilo é derramado. A sua invenção, se de tal vocabulo se pode usar em tal genero, é ás vezes fraca, a ordem desconnexa, o metro nem sempre rico. D'um coração ainda poeta procederam manifestamente, mas não passaram pela arte. Se é este um senão, é senão que lhe realça o merecimento. Casos ha, em que a maior industria consiste na falta de industria. Ao lêl-as se está em cada linha reconhecendo que não foram ellas escritas para tal fim. Sente-se até um genero de remorso de devassar as relações secretas entre o amor e a morte; misterios santos, mas não menos vellados de seu pudor, e ainda muito mais receosos da luz do que os do amor com o amor na primeira hora de seus abraços sensuaes. Por isso, ainda que já agora onde está, de novo possuindo, e segura de nunca mais perder o objecto, que então amava e adorava ausente, nenhuma repugnancia lhe pode já fazer que nós outros cá no pó, d'onde fugiu, revolvamos esta porçãosinha do espolio, já para ellá inutil, da sua alma, por mais piedosa coisa tenho o deixar taes cartas, onde jazem, do que para grangear-lhe umas honrinhas vãs, de que já não carece, nem saberia, estampal-as para passatempo de curiosos, e violar o que foi, em todo o tempo, o seu segredo. Mas porque ha ahi exemplo litterario e incentivo moral, que pena seria perder-se, não deixarei de apontar alguma coisa. Compraz-se ella de reanimar com todas as circumstancias minimas todos os dias fastos dos seus amores. Na 5.ª, onde historia o principio

d'elles, o como, o quando, e o onde se inamorára, incerra um grande numero de primores e graças. É sobretudo e sobremaneira delicioso o esmero, e quasi desvanecimento, com que faz o retrato dos seus dotes fisicos e moraes, da sua formosura, e infeites, no dia, em que o descubriu no meio de uma festa religiosa, resplandecendo a seus olhos com as galas militares por entre todos os circunstantes, como ella aos d'elle se extremava por entre as mais donzellas, e mui gentís da sua idade. Está-se-nos representando infantilmente namorada de si mesma. Não atina o animo allucinado de quem lê, no como ha-de adoral-a: se menina já deusa, se dama ainda anjo: concorda tudo, e duplicadamente a ama. Se não andasse ahi o ultimo extremo da graciosidade natural seria o maior requinte do artificio.

Uma vez acorda sobresaltada ao bater da hora noturna do passamento para começar a sua carta áquelle espirito sempre presente na fantasia, mas que ao som de hora tal, e tão sua, bem poderá que ahi esteja em realidade. Outra vez sentada ás escuras junto do seu leito ermo, e com os olhos fitos 'naquelle ceo de estrellas já tão seu conhecido, espera pelos primeiros albores do dia para começar uma nova carta. Não são as aves de seu jardim mais madrugadoras para os cantos do amor afortunado.

....

Quatro largos annos levou na mais exemplar, e piedosa vida, 'naquellas mesmas casas, que tão bem ajudavam a sua dôr; e onde entre as saudades, que são umas como ruinas do contentamento, ataviadas do seu natural musgo, dotadas, e povoadas de um cheiro bom, e de muitas reconditas harmonias, se comprazia de scismar, com os olhos no ceo, arruinada, e ruina ella mesma, como estatua de ninfa em jardim desamparado e bravío, por um d'aquelles luares do verão, que devem aprazer aos mortos, e alvoroçam ternuras em todos os vivos.

Maravilha parecera, que tanto ahi resistisse, a não sabermos,

ser a dor uma febre, que tambem sustenta. Mas, porque os estragos de sua saude iam já apparecendo a olhos, e cada vez mais, teve-se por forçoso o desarraigal-a para a ir pôr, onde ar e sol a tomassem amorosamente, e lhe repassassem os sentidos, e membros já gastados, de uma pouca mais de vitalidade. Para uma sua quinta no Cartaxo a transplantaram; servindo-lhe de lenitivo á perda dos saudosos logares, de que se despedia, as memorias, tambem muitas, e mui vivas, do esposo, e da mocidade, que 'naquelle tão sabido, e costumado retiro seu a aguardavam.

De perto de outros quatro annos, que ahi se lhe deslisaram, mansos, resignados, espirituaes, campestres, e poeticos, pouquissimo se pode individuar, posto que, muitas cartas suas recebi eu por todo esse tempo, nas quaes a sua alma se descobria com a formosa desnudez de serafim, e se via andar aspirando virtude, e bemaventurança de Deus em todas as creaturas insensiveis, que a cercavam. As flores e aves eram principalmente a sua recreação como aquellas, que em mais clara poesia lhe fallavam das alturas. Reduziam-se as suas praticas religiosas a uma beneficencia contínua, e de todos os generos, e a meditação e orações, mais vezes no campo que na casa, mais pelos ermos espaçosos da noite que na turbulencia do dia, e sempre desacompanhada de ente vivo afóra o seu anjo, que, presenceando tal fervor, não podia deixar de a acompanhar, com os joelhos dobrados no pó, os olhos e as mãos para o ceo.

Em lembrança merece ficar um olmeiro, que na quinta existe, notavel por espessura e frondosidade de ramas, pelo alteroso de sua estatura, pelo geito e graça natural do seu porte; é uma grande ilha de verdura no meio dos ares, visivel de longe, fresca e viçosa, povoada e visitada de bandos de passaros; á sombra amplissima d'este olmeiro 'nuns rusticos assentos, que para esse fim ordenára, vinha passar quantas horas lhe consentiam de

folga as domesticas obrigações. Aqui se intregava aos seus lavores feminis, aqui lia, aqui scismava, aqui filosofava, aqui escrevia, e aqui lhe manavam serenamente ao longo das faces, como aguas de fontes limpidas, umas lagrimas, que a todos os risos excediam em goso, e onde parecia que o azul do ceo folgava de se reflectir, como irmão que na pureza de suas irmãs se está revendo.

Intrava o maio de 1838; era o mez do rouxinol, e dos poetas; quando as suas visitas ao olmeiro começaram de se tornar mais raras e curtas; era a derradeira primavera, que para ella floria.

Uma infermidade occasionada da saudade interna, e eterna, que a roía, a prendeu em casa, e pouco depois na cama: houve-se logo o mal por sem remedio. Reinava a consternação no domicilio, trasbordava por toda a villa; era principalmente sentida da pobreza, que á porta lhe amanhecia, e anoitecia: só na inferma com ser igual, e maior, a certeza, que tinha de seu proximo fim, por sentir, andarem-lhe já por dentro as mãos da morte desarmando e desfazendo a portatil e terrena casa da alma; só na pacientissima inferma, se não enxergava turvação.

Conheceu, que era tempo de aparelhar para a trabalhosa jornada; pediu, e recebeu os Sacramentos; involveu-se no manto alvissimo de uma consciencia pura, e purificada; reclinou a cabeça no unico travesseiro macio para moribundos, que é a fé, e offereceu-se desassombradamente, antes com alegria, a tão promettedora e suspirada partida.

Tres sós pensamentos da terra se lhe notaram, por entre os milhares de celestialissimas cogitações, de que lhe foram cheias aquellas solemnes horas: primeiro, uma pena mui profunda de não ver uma sobrinha, a quem creára, e amava como a filha: (de tantos, e tão queridos parentes, como tinha, quiz a Providencia, que só um sobrinho, que de administrador rural lhe ser-

via, e sua mulher, lhe houvessem de cerrar os olhos). Segundo, uma recommendação mui instada, e repetida, de que se inviasse á sua querida mãi o retrato d'aquelle (¡ não ha que nomeal-o !), que nunca da lembrança lhe saíra ; unica e ultima joia da terra, que, não sem muito custo, demittia do seio ; finalmente, que, assim como no ceo iam ser juntos, e juntos haviam sido em todo o tempo, tambem um só tumulo os reunisse sem pompas, ou de escultura, ou de epitafios, mas com uma simples inscrição, de que a mim, porque a bem conhecera, me deixava commettido todo o incargo.

Aos 19 de junho choravam-se na terra muitas lagrimas, em quanto no ceo se havia de estar celebrando, com verdadeira benção de felicidade immortal, a renovação de um consorcio, que a nenhum dos mais perfeitos, e mais invejados do mundo concedera jámais vantagem.

¿ Por estas duas viuvas escritoras, Curti e Pessolo, quantas não vão por esse mundo, que sem formularem poesia, sem mesmo desabafarem em prosa, se ingolfam, edificativa mas deliciosamente, longe de olhos e suspeitas de profanos, nos abismos das suas magoas e dos seus amores ? ! Estas viuvas prototipos não são raras, para gloria do seu sexo ; comprehendem-se facilmente, e não nos parecem difficeis de explicar.

A ausencia, a desesperança, a morte, com que em tantas se intibia e destroe o affeto, melhora, concentra e immortalisa o d'estas obscuras e quasi vulgares arthemisias ; e porque ? porque a morte é a suprema absolvição, a amnistia completa, o Lethes d'alem do qual as sombras, incapazes já de offender, gloriosas, deificadas, se intremostram atravez da neve augmentativa da distancia. O amante vivo póde ser inconstante, infiel, deshumano, desatar, ou fazer pedaços os vinculos com que se prendeu, fugir e não voltar. O amado amantissimo que se finou entre lagrimas, dadas e recebidas, e mais extremoso e simpatico 'nessa

hora derradeira que em todas as de sua vida, já não pode transformar-se. Destruiu-se fenix uma vez; fenix renasce para a fantasia, e fenix permanecerá para todo o sempre no coração que se lhe ageitou para ninho. ¿ Como ousaria a que o chamou seu, e mais seu o chama agora, pensar em não ser sua perennemente? respeita-se 'nelle; respeita-o em si; são mais consortes, mais conjuges, mais um, que em nenhum tempo; o dó, o silencio, e a solidão cercam de acatamento, profundo e geral, este sobrehumano misterio da ternura, como o terror dos lucos inviolaveis protegia os santuarios recatados nos seus mais intimos recessos.

Logar onde caira raio haviam-n-o os romanos por sagrado; cingiam-n-o de grades para defensa, faziam-lhe sacrificios, e a mais descommunal façanha sería o violal-o.

Devassar espessura selvatica, refugio e recobro das santas ninfas, dava-se por impiedade.

É a viuvez um logar na vida onde caíu raio; raio que matou a um, assombrou a outro, deificou a ambos; e é ao mesmo tempo escondrijo silvestre de voluptuosidades, nem sonhadas cá de fóra.

Que bem que havia de comprehender isto, que nós apenas rastreamos, aquelle sensibilissimo coração de mulher, que entre os frios da velhice e do claustro repetia suspirando: ai que saudades dos tempos em que eu era tão desgraçada!

Os mesmos romanos, que tinham posto sob a tutela de numes a virgindade e o consorcio, exceptuaram a viuvez, não porque a desmerecesse, sim porque era ella a divindade protetora de si mesma. O deus Viduo (viuvo) que presidia á morte como desquite d'alma e corpo, não era adorado na cidade, tendo 'nella templos e festas, Diana e Minerva, Juno Pronoba e o Himeneu. O templo de Viduo era, como os tumulos, dos muros afóra; dá como razão S. Cipriano que se os pontifices o incontraram ficariam funestados e polutos.

Se revolvemos reminisceneias historicas isto achamos por quasi toda a parte, e em todos os tempos, que ainda quando e onde se tem consentido ás mulheres as segundas nupcias nunca estas lhes foram tão approvadas do senso geral, nem tão havidas por festejaveis como as primeiras.

Entre os francos salicos não se recasava mulher viuva senão de noite, como que a furto e invergonhadamente. A rainha Leonor recebeu-se com Francisco 1.º de França uma hora antes do sol nado.

Das mulheres indostanicas sabem todos o immemorial costume, já tão natureza 'nellas, que sem relutancia não cede á civilisação que lhes acode: á pira do cadaver do marido sóbe por vontade, arraiada de galas e joias, com os olhos em recompensas d'alem mundo, e por entre os applausos de parentes e estranhos, a viuva, sacrificadora e holocausto. Se em longes terras finado, o seu senhor lhe não deixou a gloria de se abrazar abraçando-o, faz como a Fenicia: cerca-se de objectos que em vida lhe pertenceram,

Dulces exuviae, dum fata Deus que sinebant,

e exclamando como ella

Accipite hanc animam, me que his exolvite curis

se arremeça heroica ás labaredas. As poucas em quem fallece denodo para tal façanha, vem a morrer de supplicio, pouco menos cruel, forçado, e mais longo; curtem o restante da vida no despreso e horror geral, evitadas como párias, sem que nenhum seja ousado jámais a pôr 'nellas olhos.

Entre os hebreus viuva que não lançava ao vento as suas saudades, em quanta veneração não era tida! Se a lei queria que o irmão ou outro parente proximo do fallecido a desposasse, bem se vê que 'nesse obedecer a conveniencias publicas, não podia

ser taxada ella de inconstancia; ia passivamente, sem escolha, não por leviandade, ás segundas nupcias.

Ás viuvas que se conservaram celibatarias atribuia a pureza da igreja nascente proteção e honras especiaes. Eis o que S. Paulo escrevia: (1) « Honrae as viuvas que o são verdadeiramen-« te, e querem conservar-se taes. Se uma viuva tem filhos ou « sobrinhos, que se applique sobretudo ao governo da casa e a « fazer bem a esses seus parentes; d'isso é que Deus mais se « agrada. A que é em realidade viuva e desamparada, em Deus « espere; occupe-se em orar dia e noite, a que procura deleites « é mais morta que viva. Ordenae-lhes que se tornem irrepre-« hensiveis.... Nenhuma elejaes, que não tenha pelo menos ses-« senta annos, que não tivesse um marido só, e que não seja « afamada pelas suas boas obras. Inquirí se creou bem os filhos, « se exerceu a hospitalidade, se lavou os pés aos santos, se acu-« diu aos necessitados, se praticou tudo que era bem. Viuvas mo-« ças não as frequenteis.... Se um fiel tem viuvas, elle que pro-« veja á sua matença, afim de que a igreja se não sobrecarregue « com essas, e lhe não falte com que sustentar as que são ver-« dadeiramente viuvas. »

Por esses tempos primitivos da fé christã não só andavam as viuvas de lei equiparadas em veneração e privilegios ás proprias virgens, senão que alguma que passava a segundas bodas era mal olhada, mormente se o fazia dentro no primeiro anno do luto, que então ficava sujeita á infamia, e ainda outras penas civís; ainda que pelo que toca á infamia a veiu depois abolir o Direito Canonico, não obstante reputar-se o consorcio com viuva uma especie de bigamía aborrecida.

O proprio paganismo com figurar-se-nos, e ter sido, tão meado de impurezas, não escurecia o merito da fidelidade, pos-

(1) I. Tim. cap. 5, v. 3.

thuma e perpetua, nas mulheres. Em antigos epitafios romanos se lia como louvor mui alto:

Conjugi, piae, inclytae, univirae.

Verdade é que depois as conveniencias politicas deram curso ás idéas por outro alveo. Uma nação sempre em fragoas de guerra, como era aquella, necessitava de promover por todos os modos a reproducção; a fecundidade subiu a titulo de gloria, foi credora de premios. A viuva em idade de ter filhos devia casar-se. Dissereis que a fabula dos amores de Marte e Venus, longinqua e veneravel raiz d'aquelle grande povo, se realisara emfim como profecia: com o genio da destruição abraçava-se a deusa creadora.

Uma restricção continuou porem sempre no meio do novo costume, nem mesmo hoje abolida entre os povos christãos, antes consagrada em alguns codigos civis. A viuva antes de dez ou doze mezes devolvidos não podia impunemente recasar-se; tres eram, segundo provam os antiquarios, as causas da prohibição: a indecencia de voar da pira á teda; o medo da vingança do defunto; o perigo de se confundirem as gerações. Ao longo d'esses dez mezes de que Ovidio nos falla, não punha a viuva pé fóra de sua vivenda; a porta, e até por ventura as janellas, permaneciam inramadas de cipreste, por ser arvore aquella, ao que diziam, que uma vez cortada nunca mais rebentava; não despedia o luto; constava este de cabellos destoucados e soltos, vestes pretas, desterradas ainda as minimas intrevistas de purpura, ou oiro.

A côr negra para o sentimento, da propria natureza vem inspirada; mas da Grecia parece ter advindo aos romanos a moda, cuja origem mais apartada aos egipcios se refere. 'Noutros povos por outras côres se tem expresso o dó: em partes do Oriente, azul; amarello, em alguma cidade do Egipto; pardo,

na Ethiopia; na Cochinchina, branco, e de lá branca foi tambem em tempos, por terras d'estas nossas Hespanhas.

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO.

NOTA NONA

PAGINA 7—VERSO 19

OS DIAS ROMANOS

Os romanos distribuiam os dias em tres classes, a saber: festos, profestos ou negociosos, e intercisos ou endotercisos. Os dias festos eram dedicados aos deuses, os profestos eram destinados aos negocios dos homens assim publicos como privados, e os intercisos eram communs ao culto divino, e ás tarefas profanas, e se chamavam assim porque 'nelles concorriam horas fastas e nefastas. Aos dias festos ou sacros pertenciam os sacrificios, os banquetes *epulae divinae* ou *sacrificales*, os jogos, e as ferias que eram publicas ou privadas. Nos dias profestos entravam os dias fastos e nefastos, que se subdividiam em varias classes, assim como as ferias, e cuja dinumeração por brevidade omittimos. Nos dias intercisos podiam os magistrados exercer a sua jurisdicção em certas horas, e 'noutras não; pois no momento em que a victima se immolava, não era licito fallar ou proferir juizo; e quando se perfumava entre a immolação e a offerta, era licito. Assim Ovidio, fallando dos dias fastos e aziagos, diz no 1.º dos *Fastos* o seguinte:

Neu toto praestare die sua jura putaris;
Qui jam fastus erit, mane nefastus erat.
Nam simul exta Deo data sunt, licet omnia fari,
Verbaque honoratus libera praetor habet.

Dias fastos eram pois aquelles em que o magistrado, ou o pretor podia exercer a sua jurisdicção, que compendiosamente se exprimia com as tres palavras *do*, *dico*, *addico* ou *abdico*; e pelo contrario eram nefastos aquelles em que o mesmo magistrado não podia efficazmente proferir aquellas palavras, porque 'nelles cessava a justiça, ou porque eram dias feriados, como diz o mesmo poeta no 1.º dos *Fastos*:

Ille nefastus erit per quem tria verba silentur;
Fastus erit per quem lege licebit agi.

Lege agere era entre os romanos requerer ao pretor em juizo o seu direito na conformidade das leis, o que devia fazer-se no tempo, no modo, e com as formalidades prescriptas. Mas poucos sabiam até certo tempo, como diz Cicero na oração *pro Murena*, em que dias se podia requerer justiça, porque tal se não podia fazer senão nos dias fastos, e sómente os pontifices possuiam a sciencia das leis, da sua interpretação e dos dias fastos, e a elles por tanto deviam recorrer todos aquelles que pretendiam ir a juizo. E grande era por esta razão a sua authoridade e importancia, porque eram elles que para tudo determinavam os dias, na supposição de que sabiam quaes eram os prosperos e os aziagos. Cessou porem 'nesta parte o misterio, e com elle o prestigio sacerdotal, desde que o escrivão Cneio Flavio, com grande espanto e indignação dos pontifices, publicou o direito civil arrecadado até ali nos penetraes pontificios, e pôz no fôro uma tabella com os dias fastos, afim de que todos podessem saber os das audiencias e despachos.

Vem a palavra *fastus* do verbo latino *for* que significa *fallo*,

e precedida da negativa *ne* quer dizer o contrario. Por onde vemos como ella litteralmente dá a idéa do que se lhe attribuiu, e vem a ser, que é fasto ou nefasto o dia ou a hora em que o magistrado não pode abrir a bocca para exercer a sua jurisdicção.

Todos os dias festos ou sacros eram nefastos, isto é feriados, ou em que não se podia administrar a justiça nem trabalhar. As ferias definiu Cicero no livro 2.º *de legibus* d'esta maneira: « feriarum festorumque ratio in liberis requiem habet litium et jurgiorum, in servis operum et laborum. » E Macrobio acrescentou: « Ferias pollutum iri, quoties iis indictis aut conceptis opus aliquod fieret. » Mas Scevola perguntando-se-lhe que coisas era licito fazer nos dias feriados, respondeu mais benignamente, que era tudo aquillo que seria prejudicial se se omittisse: « nec enim me judice ferias polluit, qui trabem tecti fractam fulciendo ab imminenti vindicavit ruinâ. » Veja-se como a este proposito da santificação dos dias festos, respondeu a sabedoria do homem Deus aos escribas e fariseus, que por hipocrisia acusavam os Apostolos de terem em dia de sabbado apanhado algumas espigas de trigo para comer.

Mas que antes dos romanos havia já crenças populares em agoiros, dias aziagos e superstições, não podemos duvidar, porque ahi está a Biblia que nos dá d'isto sobejas provas desde o Genesis até o livro de Jeremias. E quanto mais se remonta ao berço da humanidade, e se investiga o estado dos povos, ou selvagens, ou pouco civilisados, mais amplos exemplos se encontram d'isto que ousamos asseverar; porque quanto mais desalumiado é o homem, mais a imaginação gosta de creações estravagantes e fantasticas. — Observações pouco exactas, e incompletas, diz o grande Humboldt no seu admiravel *Cosmos*, têm produzido idéas que se hão perpetuado entre as preoccupações populares de todas as classes da sociedade. — Ora como nada ha mais difficil que desterrar de nossos intendimentos aquelles principios,

que desde os primeiros annos se nos imprimiram na alma, é manifesto que será tambem difficil, senão impossivel, que estas crenças desappareçam da superficie da terra. Nós pelo menos intendemos, talvez erradamente, mas de boa fé, que pois a ignorancia ha de ser sempre uma parte da herança dos filhos de Adão, em maior ou menor gráu, segundo os quilates da civilisação e do progresso dominante da humanidade, sempre o homem será sujeito mais ou menos, entre outras miserias da vida, tambem ás crenças superstíciosas e agoirentas.

É este infelizmente um achaque quasi tão antigo como o mundo, e de todas as nações e povos da terra sem excepção, porque não consta até hoje que exista, ou haja existido um só, em que não tenha actuado o principio religioso; origem principal, e quasi unica, d'estas crenças e superstições. O sentimento da immortalidade da alma, de uma vida espiritual além da campa, que é innato ao coração do homem; um sentimento secreto da poderosa unidade das forças da natureza, e d'uma essencia invisivel e espiritual, que revela uma ligação entre este mundo visivel e outro superior e invisivel, que escapa aos nossos sentidos, e nos enche de terror; o receio e o gosto da futuriçâo, ou o desejo de sabermos futuros, e de sermos ditosos, são a causa de crêrmos em agoiros e superstições. A etymologia d'esta palavra nol-o está dizendo bem alto: — *Superstitio dicta est a falso timore rerum super nos stantium coelestium et divinarum, veluti nos monentium*, como diz Ivo (1). E S. Thomaz tambem ensina, que são rastos, ou reliquias que nos ficaram da gentilidade idolatra, e que ainda que o successo corresponda ás vezes aos agoiros, nos principios foi acaso (2).

Quanto isto seja prejudicial á liberdade das acções humanas,

(1) *In Digest.* t. 4.
(2) *D. Thomaz* 2. 2. 9. 96.

não ha mister encarecel-o. *Superstitiosae observationes saepe nocent maximis rebus agendis*, disse Herodoto 450 annos antes da vinda de Christo (1).

Mas são por ventura estas crenças só proprias dos povos selvagens, ou pouco civilisados, e dos homens ignorantes e boçaes? Não por certo. Não ha nação da Europa, que não esteja inçada de crenças supersticiosas, e não dê fé a agoiros e dias aziagos. E nós os portuguezes não somos dos que mais participamos d'esta pêcha, mau grado d'aquelles estrangeiros, que sobre nossas cabeças têm lançado mais esta entre muitas outras calumnias, pintando o nosso paiz como inundado de agoirentos, de bruxas e lobishomens! Acaso não é a França uma das nações mais illustradas? Certissimamente; pois «qualquer provincia da França, ainda das mais civilisadas, diz o sr. Alexandre Herculano (2), nos deita, como se diz vulgarmente, a barra adiante em superstições:» e acrescenta o mesmo grande sabio, que o mesmo se pode dizer da nação mais allumiada da Europa: a allemã, e bem assim do povo dos tres reinos unidos da Grã-Bretanha.

Não louvamos estas crenças, pois seria absurdo, nem tão pouco gostamos de agoirentos e supersticiosos. Mas se não creramos intimamente, que estas velhices só hão de ter fim com este mundo em que vivemos, e que o camartello da civilisação, que tantas e tão boas coisas tem desapiedadamente destruido 'nestes ultimos tempos, nunca ha de chegar a derribar estes mithos da imaginação popular, tentariamos talvez demonstrar a muita poesia que em si encerram. Não o fazemos para que não se cuide que queremos escorar um edificio, que os sabios de todas as idades hão procurado derrocar e reduzir ao nada.

ANTONIO JOSÉ DE FIGUEIREDO.

(1) Herod. lib. 1.

(2) Panorama tom. IV, maio 1, 1840, pag. 138.

NOTA DECIMA

PAGINA 7 — VERSO 19

DIAS FASTOS, NEFASTOS, COMICIAES, E NUNDINAES.

A lingua do direito só é conhecida hoje no mundo judicial; o mundo litterario repelle-a como estranha e barbara; e se na litteratura moderna prosadores e poetas fazem acaso raras excursões no dominio dos tribunaes, é ridicularisando e parodiando, como Racine e Boileau, a sua linguagem, ou tornando salientes os seus abusos, sem 'nelles podermos descobrir a critica que revela conhecimentos serios.

Não succedia assim em Roma, em que a lingua juridica era familiar a todas as classes esclarecidas, e o ensino do direito um dos elementos da educação litteraria. O passo da *Mostellaria*, de Plauto, em que o poeta nos mostra os pais ensinando a seus filhos as lettras e o direito,

Expoliunt; docent litteras, jura, et leges

é a confirmação de que na antiguidade latina não existia entre a litteratura e o direito esse divorcio que veiu a estabelecer-se com o andar dos seculos.

'Num povo que tinha como dictadas pelas musas no Monte Albano as suas primeiras leis, e tratados com os povos visinhos, os livros dos pontifices, e as velhas profecias das sybillas; crença

attestada por Horacio 'numa de suas epistolas a Augusto (1) o Parnaso latino devia iniciar-se nos mysterios da religião e do direito para os propagar e fazer acreditar nos seus versos. E em verdade a maior parte das producções litterarias de seus poetas provam manifestamente que o direito tinha a sua litteratura poetica (2). Nas de Ovidio, até nos proprios *Fastos*, sobejam d'isso testimunhos; e sejam o primeiro os versos a que esta nota vai servir de explanação, e em que elle caracterisa com rapidos, mas vivos traços, a natureza e differença dos *dies fasti et nefasti*.

Estes versos do poeta levar-nos-hiam naturalmente a occuparmo-nos do calendario romano, que nos seculos passados provocou os excellentes trabalhos de Gruterus, Lambecius, e Graevius, e que ainda no presente occupa os eruditos da França e da Allemanha, senão deveramos circumscrever a nossa tarefa, esclarecendo o trecho notavel que nos inicia na differença dos dias *fasti* e *nefasti*, cuja importancia, reflectindo especialmente sobre a administração da justiça, não tem escapado aos investigadores da historia da jurisprudencia romana.

Ille nefastus erit per quem tria verba silentur.

Não era possivel caracterisar com mais energia e verdade a natureza dos *dies nefasti*, em que a administração da justiça era rigorosamente prohibida, e em que o pretor não podia pronunciar (*fari*) as tres palavras sacramentaes, que reuniam toda a authoridade do magistrado romano nos primeiros tempos da juris-

(1) Sic fautor veterum, ut tabulas peccare vetantes,
Quas bis quinque viri sanxerunt, foedera regum
Cum Gabiis, vel cum rigidis aequata Sabinis,
Pontificum libros, annosa volumina vatum,
Dictitet Albano musas in monte locutas.

(2) São dignos de especial menção os trabalhos de Beuech *Études sur les classiques latins, appliquées au droit civil romain*, Paris 1853, e de Henriot *Les poetes juristes*, Paris 1858.

prudencia. O verdadeiro commentario d'este verso é o passo de Varrão que nos revela o segredo dos *tria verba* de Ovidio: *Dies nefasti, per quos dies nefas fari proetorem*, DO, DICO, ADDICO (1); segredo que Plauto não ignorava por ventura, quando fallando dos chicaneiros, que detestam os feriados, diz:

Nam istorum nullus nefastus: comitiales sunt meri.

Eram nefastos:

1.º Os dias de festividade publica (*festi*).

2.º Os designados pelos pontifices como religiosos (*religiosi*), ou indicativos de presagio funesto, *ominis causa* (*atri, ominosi, moesti, lugubres*).

3.º As ceifas e vindimas (*messes etc.*)

Os *dies festi* eram tão numerosos e frequentes, que se convertiam muitas vezes 'num excellente meio dilatorio para o litigante que por qualquer motivo desejava demorar a solução do processo. Verres, por exemplo, contra o qual Cicero pronunciou a primeira oração a 5 de agosto, tentou prolongar o andamento da causa até janeiro, em que devia entrar em exercicio um pretor seu affeiçoado, contando para isso com as interrupções causadas pelos jogos votivos de Pompeo, e da Victoria, e pelos jogos romanos, e plebeos, que por acertarem em dias *festi*, os tornavam *nefasti*; e não custou pouco ao orador romano impedir a execução d'este estratagema (2).

Eram de varias especies os *festi*, e dividiam-se em *sacrificia*, *epulae*, *ludi*, e *feriae*, segundo eram consagrados a sacrificios, jogos, ferias etc. Subdividiam-se as *ferias* em *publicas* e *particulares*, sendo as primeiras *stativae*, *conceptivae*, e *imperativae*; *stativae*, se eram communs a todo o povo, e em mezes

(1) *De lingua latina* v. 4.
(2) Cicero *Verr*. I. 10.

e dias certos, designados pelo *Rex sacrificulus*, e taes eram as *Aganalia*, *Carmentalia*, *Lupercalia* etc.; *conceptivae* se eram annualmente dadas pelos magistrados em dias certos ou incertos, como as *Latinae*, *Paganalia*, *Sementinae*, e *Compitalia*; *imperativae*, se eram determinadas pelos consules ou pretores por motivo excepcional e extraordinario *(repentinae)*, como celebração de victorias navaes etc. (1).

Deve porem notar-se que o dia primeiro do anno, apesar de ser *festus*, não era *nefastus*; receavam os romanos, a crermos em Ovidio (2), que, começando o anno por um dia de descanço, fosse todo elle consagrado á ociosidade; e a tradição conservava-se ainda no tempo de Alexandre Severo, em que os tribunaes fechavam no dia 31 de dezembro, como se deprehende de um dos fragmentos do jurisconsulto Ulpiano colligidos no Digesto (3).

Na segunda classe dos *nefasti* entravam os *dies atri* ou *minosi etc.*; d'onde nasceu no vulgo, segundo observa Aullo Gellio (4) o habito vicioso de tomar sempre em máu sentido a palavra *nefastus*, o que já era vulgar no tempo de Cicero, como revelam as expressões: *Quae augur injusta, nefasta, vitiosa, etc.* que encontramos no livro segundo do seu tractado *De legibus*. D'elles falla Ovidio no livro 1.° *De arte*:

Magna superstitio tibi sit natalis amicae,
Quaque aliquid dandum est, illa sit atra dies.

As ferias das ceifas e vindimas, terceira especie dos *nefasti*, não foram introduzidas por Antonino, o filosofo, nem por Justiniano, como pretendem alguns eruditos fundados 'num frag-

(1) J. Rosini *Antiq. Roman.*, Amsterdam 1743, p. 242, 271 etc.
(2) *Fast.* I. v. 164.
(3) L. 5 Dig. *De fer. et dilat.*
(4) *Noct. Attic.* v. 17—Vide Pollet *For. Rom.* I. 8 p. 80.

mento do Digesto (1) e numa constituição do Codigo (2). Para mostrar a sua maior antiguidade bastaria a authoridade de Plinio:

Julio mense, quo maxime lites interquiescunt (3);

se não tiveramos tambem a de Statius:

Certe jam latiae non miscent jurgia leges,
Et pacem piger annus habet, messesque reversae
Dimisere forum.

Em contraposição aos *nefasti* apparecem no calendario os *dies fasti*, a que posteriormente se deu o nome de *negotiosi* (4) e de *judiciarii* (5), em que a administração da justiça era completamente livre; *per quos praetoribus omnia verba* (6) *sine piaculo licet fari*, como diz Varrão (7), ou, como se exprime Ovidio:

Fastus erit, perquem lege licebit agi.

Estes dias eram divididos em varias classes: sendo uns, consagrados a *todos* os actos da justiça; outros destinados apenas a *certos* actos, ou a *determinada* especie de processo; d'onde nasceram as qualificações de *comperendini* para designar os reservados aos *vadimonia*, de *stati* para significar os consagrados a processos entre cidadãos e estrangeiros, e de *proeliales* para exprimir os que tinham por objecto as reivindicações (8). Foi muito

(1) L. 1. Dig. *de feriis.*
(2) L. 7. Cod. *de feriis.*
(3) *Epist.* VIII. 21.
(4) Tacito.
(5) J. Capitolin. *M. Antonin.*
(6) DO, DICO, ADDICO.
(7) Loco citato.
(8) Macrobio *Saturn.* I. 16.

tempo questão entre os homens de lei se os dias de mercado ou feria (*nundinales*) eram fastos ou nefastos; mas a lei Hortencia veiu terminal-a declarando-os *fastos* em favor da gente do campo, que, vindo ao mercado a Roma, podiam no mesmo tempo occupar-se dos seus processos.

A designação de *fasti* foi na antiguidade do direito, na sua época eminentemente patricia e sacerdotal, monopolio do collegio dos pontifices, que pronunciavam então o *nefas*, como os tribunos mais tarde interpunham o *veto*, e a quem os litigantes eram forçados a recorrer para saber o dia em que deviam intentar qualquer acção ou procedimento judicial, e a formula sacramental em que deviam ser concebidos; o que fez escrever a Michelet: *Le plébéin ne pourra donc user de son droit contre le patricien que par l'intermédiaire du patricien. S'il veut plaider, il faut qu'il aille le matin saluer, consulter le grave Quintius ou Fabius, qui siège dans l'atrium au milieu de ses cliens, debout, qui lui dira les fastes, quand on peut quand'on ne peut plaider. Il faut qu'il apprenne de lui la formule précise par laquelle il doit, devant le juge, saisir et prendre son adversaire; la sainte pantomime par laquelle on accomplit selon les rits la guerre juridique* (1).

Mas este estado cessou, quando Cneo Flavio, scriba de Appio Claudio, veiu no anno 449 da fundação da cidade divulgar o mysterio aos profanos, publicando esse ritual de que o sacerdocio e o patriciado eram os unicos depositarios (2). Da oração *pro Muraena* de Cicero se deprehende a irritação d'estas classes com o proceder de Flavio; irritação que o celebre Vico pinta com vivas côres: *Jus in pontificum penetralibus repositum evul-*

(1) *Histoire romaine.*

(2) Cicero *De oratore* I. 41; *pro Muraena* 11; Quintiliano *Instit. orator.* III. 8; L. 2 Dig. *de origine juris.*

gavit, fastosque circa forum in albo proposuit, ut quando lege agi posset sciretur: quod factum patribus tantopere displicuit, ut omnes prae dolore abjecerint annulos, quod custodiam juris, quam patres ex jure gentium suam esse contendebant, necerasset, et fas promulgatione fastorum plebi prostituisset (1).

Alem dos *fasti* e *nefasti* havia os dias *intercisi* ou *endotercisi*, que eram parte fastos, parte nefastos (*Deorum et hominum communes*), porque durante a immolação das victimas suspendiam todos os negocios, que se proseguiam entre a immolação e a offerta (*inter caesa et porrecta*), suspendendo-se de novo da offerta até á consecração (2).

LEVY MARIA JORDÃO.

NOTA DECIMA PRIMEIRA

PAGINA 9—VERSO 5

DO ANNO, DOS MEZES, E DOS DIAS DOS ROMANOS E ESPECIALMENTE DAS CALENDAS, DAS NONAS E DOS IDOS

Os romanos tiveram successivamente tres modos de contar o anno: o de Romulo, o de Numa Pompilio, e o de Julio Cesar. Á divisão do anno em 365 dias, que se chama anno solar-tropico, dão os rabbinos uma origem que se some na escuridão dos

(1) *De universi juris uno principio et fine uno* p. 164 seg.

(2) Macrobio *Saturn.* I. 16.

tempos. Os hebreus começavam a contar estes dias do equinoccio verno, os gregos do solsticio, e os egypcios do outono. Romulo porem, tendo com o bafo amigavel da fortuna trocado o cajado pelo sceptro, intendeu que ao brazão de fundador de uma cidade, e de um reino, devia tambem juntar o de reformador da divisão do tempo, dando nova materia para o que mais de setecentos annos depois devia dizer Horacio: (1)

Nil mortalibus arduum est
Coelum ipsum petimus...

Mas mau foi o seu calculo; por onde d'elle disse Ovidio:

(2) Scilcet arma magis quam sidera, Romule, noras.

Deu ao anno trezentos e quatro dias distribuidos em dez mezes lunares, ou que começavam com a lua nova, assim como entre os hebreus; e por isso uns eram maiores que outros, segundo a lua apparecia mais tarde, ou mais cedo. E assim eram de trinta e um dias março, maio, julho, e outubro, e os outros de trinta. Carecia comtudo este anno dos mezes de janeiro e fevereiro, e ao primeiro dia de cada mez chamavam *neomenias*, ou das calendas, que era propriamente o dia destinado ao sacrificio em honra de Deus; costume que já tinham os gregos, que na lua nova veneravam os deuses. E já o Ecclesiastico dissera no capitulo 43: *A luna signum diei festi.*

Numa Pompilio, que succedeu a Romulo, acrescentou janeiro e fevereiro aos mezes em que aquelle dividira o anno, dando a cada um dos dois primeiros vinte e oito dias, a março, maio, julho e outubro trinta e um, e vinte e nove a abril, junho, agosto, setembro, novembro e dezembro, que faziam ao todo tre-

(1) Carminum lib. I, ode III.
(2) Fastor. lib. I.

zentos e cincoenta e quatro dias; e não muito depois o mesmo Numa, para acertar o anno, addicionou a janeiro o dia vinte e nove, com o que só ficou desigual aos outros o mez de fevereiro.

Todavia como com o correr dos tempos se caiu na conta de quão inexacto era o calculo com que Numa regulara a divisão do anno, Julio Cesar, para o corrigir, o reduziu a trezentos e sessenta e cinco dias distribuidos nos doze mezes, que ainda hoje temos. Este anno assim corrigido se ficou chamando *Juliano*. Sobejando porem seis horas, que em cada quatro annos faziam mais um dia, o mesmo Julio Cesar o ajuntou ao mez de fevereiro depois do dia vinte e quatro, que era o sexto das calendas de março, pelo que se repetia a vinte e cinco a mesma conta. E foi este segundar do dia sexto das calendas de março, que fez que cada quarto anno se chamasse, e se chama ainda hoje, *anno bissexto*, o qual tem um dia mais que o anno solar ordinario.

Mas sendo a fallibilidade inherente ao homem, nem sequer esta correcção ficou exacta e correspondente ao curso do sol, porque não se lhe mettendo em conta os onze minutos que faltavam para perfazer a sexta hora, succedeu que com o decurso dos tempos cresceram tanto, que desencaixaram do seu logar o equinoxio dez dias, os quaes o papa Gregorio XIII no seu novo calendario mandou cortar, ou retrotrair no anno de 1582, fazendo com que no dia 5 de outubro se contassem quinze; emenda que se ficou denominando *correcção gregoriana*, e foi adoptada por todos os povos que seguem o calendario catholico, ou romano. Com esta correcção se conservou em cada quatro annos no mez de fevereiro um dia mais composto das seis horas quatro vezes repetidas em cada um, e esse anno se continuou a chamar bissexto, segundo a antiga denominação dos romanos, sendo para advertir, que ainda conforme este novo calculo ou correcção, foi necessrrio não fazer bissexto cada centesimo anno, posto

que houvesse de o ser, como foi em 1700, e em 1800, e ha de ser em 1900, mas não assim no anno de 2000 que o terá por ser isso necessario em cada quatrocentos annos. O dia acrescentado no anno bissexto se chamava entre os romanos *intercalar*, isto é, inserido, porque se introduzia entre o dia 24 e o dia 25; e esta mesma denominação davam ao mez de fevereiro quando o anno era bissexto.

Tal foi a divisão do anno desde os romanos até os nossos dias; e note-se que foi precisa a experiencia de muitos seculos para o reduzir á perfeição em que hoje a vemos. Nós porem começâmos o nosso anno em janeiro, e o acabamos em dezembro; e os romanos o principiavam em março, e acabavam em fevereiro. Todavia não conservámos o modo de que elles usavam na conta dos dias dos mezes, que sobre não conformar com a ordem natural da successão, era por extremo difficil e intrincado. Tinham elles posto em seus mezes tres dias como balizas ou marcos, d'onde partia o computo d'elles, e se chamavam as *calendas*, as *nonas*, e os *idos*. Calendas era o primeiro dia de cada mez, nonas era o dia quinto em janeiro, fevereiro, abril, junho, agosto, setembro, novembro, e dezembro, e o dia setimo nos restantes. Das nonas até os idos corriam oito dias, e por isso os idos eram a 13 nos oito mezes em que as nonas eram a 5, e a 15 nos outros quatro. No 1.º dia do mez diziam *calendis*, dia das calendas, no 2.º *postridie calendas*, dia seguinte ás calendas, e no 3.º dia, e nos successivos até ás nonas, e das nonas aos idos, e d'estes até ás calendas do mez seguinte, contavam pelo numero dos dias que iam até áquelle termo, entrando sempre na conta os dois extremos, assim nas nonas, como nos idos, e nas calendas, dizendo por exemplo *quarto nonas*, *quinto idos*, *sexto calendas*, etc. Aos dias antecedentes ao das calendas, ao das nonas, e ao dos idos diziam *pridie calendas*, *pridie nonas*, *pridie idus*, isto é vespera das calendas, das no-

nas, dos idos, advertindo porem que a contagem das nonas e dos idos se referia sempre ao mez em que se estava, e a das calendas ao mez que se lhe seguia, como por exemplo: 5 de dezembro se dizia *nonis decembris*, e 14 do mesmo mez XIX *calendas januarii*, isto é, antes do dia das calendas de janeiro seguinte.

É escusado que nos detenhamos aqui em demonstrar quanto o nosso methodo de contar os dias pela numeração successiva sobreleva e se avantaja por sua simplicidade e exacção ao dos romanos, e por ventura ao dos povos que computam de outra forma os dias. E apesar de nos termos detido até aqui mais estendidamente do que parecia dever comportar uma simples nota, não podemos omittir algumas indicações especiaes sobre as calendas, as nonas, e os idos, para maior illustração dos versos 55, 56 e 57 do texto.

Calendas. Esta palavra com que os romanos denotavam o 1.º dia de cada mez, vem segundo alguns autores do verbo grego χαλέω, *chamo*, ou segundo outros, e talvez com melhor fundamento, do verbo latino antiquado *calo* que significa tambem *chamo*. E assim, melhor é escrever calendas com a lettra *C* do que com *K*, que não é latina, mas importada da Grecia para o Lacio. Chamavam pois os romanos ao primeiro dia dos mezes *Calendas* ou *Neomenia*, como já dissemos, porque nos antigos tempos antes que o escrivão Cneio Flavio, mau grado aos pontifices, publicasse os fastos, se chamava, ou convocava em taes dias o povo para o Capitolio, afim de ouvir promulgar o que 'nesse mez cumpria fazer assim religiosa como civilmente, e saber quantos dias se haviam de contar 'naquelle mez até ás nonas. Fazia-se isto pelo seguinte modo: o sacerdote menor observava o aspecto da lua nova, e dava conta ao pontifice maximo, a que tambem chamavam rei sacerdote; e feito isto, e celebrado o sacrificio pelo pontifice e pelo sacerdote menor, este

ultimo *calada*, isto é, chamada a plebe ao Capitolio para junto da curia calabresa, que estava proxima da choupana de Romulo, lhe annunciava o que deixamos apontado.

Tambem entre os catholicos o parocho á estação, ou missa conventual dos domingos, a que todos os freguezes devem concorrer, annuncia ao povo os dias santificados, as vigilias, e mais occorrencias religiosas da semana seguinte. Entre todos os dias das calendas, eram famosos os das calendas de janeiro, nos quaes em memoria da idade de Saturno, em que os homens, segundo a mythologia, tinham sido libertados, se offereciam presentes ao principe. Tambem os cidadãos se dadivavam mutuamente, e até o proprio principe mandava mimos a estes, assim como os maridos os davam tambem a suas mulheres. Octavio Cesar aceitou os presentes nas calendas de janeiro; mas Tyberio recusou-os, e prohibiu que o commercio d'elles se exercesse alem das ditas calendas. Caligula porem decretou que receberia os presentes, e esteve no vestibulo dos seus paços pelas calendas januarias a receber os soldos ou *stipes*. A estes presentes chamavam vulgarmente *strenas*, que eram como alviçaras, ou bom agoiro do anno novo; pelo que foi este uso prohibido entre os christãos pelo segundo concilio de Tours.

Outras ceremonias e festas gentilicas se celebravam nas calendas dos differentes mezes. Mas no concilio Antisiodorense, sob o papa Adeodato em 613, foi decretado que não era licito em taes calendas fazer os presentes diabolicos, e que se deviam praticar boas acções como nos outros dias. «Se alguem (disse o «papa S. Zacharias no Canon 26) ousar celebrar as calendas de «janeiro com o rito pagão, ou fizer alguma coisa por causa do «novo anno, ou preparar mezas com alampadas e manjares em «suas casas, ou levar pelas ruas e pelas praças cantares e dan-«ças, seja excommungado.» Estas prohibições provam quanto este uso das festas das calendas de janeiro estava introduzido por to-

da a parte, mesmo depois da queda do paganismo. Mas apesar das disposições ecclesiasticas que o vedaram, nunca elle chegou a desarreigar-se de todo. Em varias partes com differentes nomes, e sob diversas formas, continuaram por largos tempos alguns, cuja origem prendia manifestamente nas festas gentilicas de que tratamos; e o que mais é, ainda hoje se encontram rastos d'elles, sem comtudo terem entre christãos o sabor pagão. E para não sairmos das raias do nosso Portugal, pelo que toca ao passado, quem ha ahi que não ouvisse alguma vez fallar nas janeiras, que eram, nem mais nem menos, as festas das calendas romanas? Constavam ellas de cantigas, ou musicas, que no primeiro dia do anno os nossos maiores costumavam cantar pelas portas dos seus mais caros amigos augurando-lhes bons annos. Mas por uma celebre postura do senado de Lisboa de 1355 foram estas festas prohibidas com outras superstições populares que 'nella se enumeravam. « Outrosim se estabelece, diz a postura, que « d'aqui em diante 'nesta cidade e em seu termo não se cantem « janeiras, nem maias, nem se lance cal ás portas sob titulo de « janeiro, nem se furtem aguas, nem se lancem sortes........ » As janeiras porem ainda apesar de vedadas e obsoletas duraram em algumas partes do reino até quasi os nossos dias. Ha comtudo outros paizes onde se observam certos usos, que são vestigios d'estes da antiguidade romana de que nos occupamos. No reino de Napoles offerecia ainda ha poucos annos o senado da capital ao rei em dia de anno bom um presente de frutas de todas as estações. Em França é bem conhecido o costume de se dadivarem uns aos outros no mesmo dia. *Etrennes* chamam os francezes a este uso, e a estes mimos, palavra que não é mais nem menos que uma traducção litteral da correspondente latina *strenae* com a qual os romanos exprimiam a mesma coisa. Ha tambem outras partes em que se encontram restos d'este mesmo uso com varias modificações em dia de reis, como em Roma e

na Russia. Entre nós estão já pouco em uso os presentes reciprocos pelos Santos com o titulo de pão por Deus, e pelo Natal; mas conserva-se o das amendoas cobertas de assucar nos dias em que a igreja commemora a paixão do Redemptor, e especialmente na quinta feira d'Endoenças, quiçá como bom augurio e alviçaras da redempção do mundo.

Da palavra *Calendas* formou-se *Calendario*, que era o livro dos usurarios romanos, tambem chamado *Breviario*, no qual estavam registados os nomes dos devedores, e as suas dividas com os nomes d'aquelles que as exigiam e pagavam. E aqui cumpre notar que os antigos romanos costumavam exigir cada mez as usuras, e ajustar contas com os seus devedores no dia das calendas, que por isso os usurarios tornavam execrando para todos os que lhes caíam nas garras, como diz Plutarco no livro *non esse foenerandum*, pois os penhores a elles dados pelas quantias mutuadas nem Jupiter mesmo podia salvar.

A este proposito vem o que diz Horacio no livro 1.º das Satyras. — Satyra 3.ª

Odisti et fugis, ut Drusonem debitor aeris;
Qui nisi quum tristes misero venere calendae
Mercedem aut nummos unde unde extricat amaras
Porrecto jugulo historias, captivus et, audit.

E na ode 2.ª dos Epodos

Haec ubi locutus foenerator Alphius,
Jam jam futurus rusticus,
Omnem relegit idibus pecuniam;
Quaerit calendis ponere.

E não havia só usuras mensaes, que eram as mais vulgares, mas até as havia ephemeras, ou de um só dia, com tanto que não excedessem a taxa da lei.

Finalmente havia entre os romanos um curador do calenda-

rio, cujo officio era examinar o breviario, ou calendario em que estavam descriptos os nomes dos devedores, e as suas dividas, e exigir e pagar as 'nelle relatadas.

Nonas. Chamou Numa Pompilio *nonas* áquelle dia que antes do oitavo dos idos era o nono; e 'nesse dia eram convocados os populares que viviam nos campos visinhos para ouvirem da bocca do rei sacerdote as causas das festas, e o mais que tocava a esse mez.

Idos. Foi tambem Numa quem estabeleceu e poz os idos a 15 dos mezes de março, maio, julho, outubro, e a 13 nos outros. E chamou assim áquelles dias do verbo *iduare* que quer dizer dividir, porque partiam o mez em duas partes.

ANTONIO JOSÉ DE FIGUEIREDO.

NOTA DECIMA SEGUNDA



PAGINA 13—VERSO 10

ESCRIPTA

De Deus é filha a alma intelligente; da alma intelligente é filha a linguagem fallada; da linguagem fallada é filha a linguagem escripta; da linguagem escripta é filha a leitura; da leitura são filhas as sciencias, as artes, a civilisação, a moral, e a propria liberdade,

As sciencias, as artes, a civilisação, a moral, e a liberdade,

ampliam a esfera da sua nobre avó: a razão intelligente, e vem a tornar-se por ahi mais que uma felicitação para a terra: uma brilhante homenagem, um digno culto ao Creador.

Não podemos conceber o homem sem a palavra; a palavra é tão antiga como elle; emmudece-o, destruistel-o. Mas a palavra que nasce dos labios, vive no ar um momento, e nos ouvidos proximos fenece, obteve da intelligencia sua mãi, o segredo, certamente inspirado de mais alto, de se corporificar, perpetuar-se, multiplicar-se, diffundir-se sem limites no espaço, como no tempo. Se o Padre creou o mundo, e o Verbo Divino o remiu, o Verbo humano, incarnando-se tambem, creou outro mundo: o futuro; e 'nelle uma segunda redempção terrestre.

Não era tudo haver-se atinado, depois de mil ambiciosas tentativas, depois de mil esforços hoje esquecidos, com o segredo da imbalsamação, da resurreição, da immortalidade da palavra, aerea, impalpavel, incoercivel, fugitiva. A razão que tanto conseguira, devia, sob pena de abdicar-se a si mesma, forcejar para que este grande meio de universal aperfeiçoamento pertencesse por igual a todos os povos, e em cada povo a todos os individuos; assim como o ar e o sol a todos são communs. Mas não succedeu assim; o futuro tem de o trazer; o presente cobiça-o, invoca-o, e já sabe ao menos murmurar porque lhe fallece; bem haja elle; grite mais até que o oiçam os surdos, até que se levantem os paraliticos, até que se rasgue a manhã do dia novo, até que os latifundios e os morgados do saber se desvinculem, se dividam por todos; e todos tenham, sem favor, quinhão para si, e para seus filhos.

A minoria da sociedade a ler e a escrever, a poder conferir, e a sonegar, igual bem á quasi totalidade, é uma usurpação, uma tirannia, e uma insensatez, em que ninguem acreditára se se não visse.

Ainda bem que a Providencia não dorme, por mais que dur-

mam os que na terra se cuidam seus gerentes! Ainda bem que é ella, ella a progressista dos progressistas, a que, a despeito de todos os obstaculos, e até impregando-os como estimulos, sem esforço, nem estrondo faz subir, de noite como de dia, para as suas alturas incognitas, a humanidade, mar vivo, sempre a incher, e a abonançar-se.

A historia da escripta e da leitura é uma das mais eloquentes profecias dos progressos ulteriores do mundo. É impossivel, ao consideral-a, não inferir do desinvolvimento da arte de escrever e ler, d'esta arte que a si mesma se fecunda, os novos e cada vez maiores desinvolvimentos que a esperam.

Se percorrermos o indice summariissimo da historia d'estes fastos depositarios de todos os fastos humanos, depressa nos convenceremos de que o ler e escrever, medrançosos por natureza, por fado, por benção, hão de ir a mais, a muitissimo, a tudo e a todos, e em pouco tempo.

Este relancear de olhos pelo passado, tem aqui outra razão em seu favor: um dos nossos intuitos na publicação d'este livro, foi reanimar o conhecimento e amor da veneranda antiguidade, da antiguidade sobretudo do povo romano, com quem tantas relações de parentesco, de herança, e de indole, nos interlaçam.

Largos seculos se deveram ter passado antes que alvorocesse 'num espirito de loucura sublime a idéa de conversar com os remotos em logar e tempo, para cem leguas, como para tres passos, para as gerações vindoiras como para a existente.

Ignoramos hoje, e eternamente se ha-de ignorar, onde, quando, e como, essa idéa despontou; crê-se que viria das regiões d'onde vem o sol; mas o Jupiter terrestre que em sua mente concebeu esta formosa deusa da força e da sabedoria, morreu sem altar, nem canticos, sem tumulo, e até sem nome; a sua arte immortalisadora de tudo, não o salvou a elle do olvido. Fallamos do homem d'alem eras, confidente de Deus, mes-

tre de si mesmo, genio de Newton e Colombo, no fundo talvez de alguma floresta que por um milagre da observação, da reflexão, e do calculo, atinou com a arte, tão simples a quem a vê hoje, mas tão prodigiosa em sua origem, de decompôr a palavra fallada em elementos, consignar a cada um dos poucos elementos das innumeraveis palavras falladas, um signal visivel, e pela inspecção d'esses signaes, reproduzil-a instantaneamente e completa para os olhos, dos olhos para o intendimento, do intendimento para a bocca, e da bocca para os ouvidos.

Antes d'elle, outros haviam de ter pedido á materia a perpetuação dos productos do espirito por meios grosseiros e incompletos: monumentos, pinturas, allegorias, geroglificos, e mesmo reproducção das palavras inteiriças a uma e uma, em signaes inteiriços a um e um; tudo isso estava para o escrever elementar como para a eloquencia e para a poesia estão os vagídos do infante; ou os murmurios do cannavial para a flauta de Minerva.

A representação da palavra fallada por lettras correspondentes aos seus elementos, não poude deixar de ser simples e perfeita na sua origem, e como tal accessivel repentinamente a qualquer comprehensão. Muitas causas diversas, não sendo a minima a fatua presumpção, corromperam a pouco e pouco essa primitiva fidelidade de trasladação do som para a escripta, e da escripta para o som. Desde então o beneficio que tinha e tem de ser para todos, tornou-se privilegio para raros; o qual só pela força de suas raizes velhas se vai mantendo; mas a filosofia generosa e social, logo que outras empreitadas muito suas lhe dêm vaga, ha-de olhar por isto, que emfim é interesse em que todos os outros se epilogam; ha-de pronunciar o seu *fiat*. Os dois escandalosos absurdos de escrever diverso do que se falla, e de ler diverso do que se escreve, hão-de passar ao estado fossil como tantos outros monstros, consistindo 'nesta parte o progresso em se retroceder até ao berço da arte; e isto ha-de ser infallivel-

mente. ¿Começado onde, em que dia, e porque modo? Deus é que o sabe; mas o que a razão sabe desde já é que ha-de ser. Notai bem: ¿não extremaes na escripta duas partes connexas, mas distinctas, a fisica e a intellectiva? o corpo e a alma? É a primeira a materia em que se escreve; a materia, o instrumento, ou a machina com que se escreve; a segunda, é a escolha e acerto dos signaes representativos dos sons. É necessario que estes dois componentes essenciaes da escripta conspirem por igual para o humanitario *desiderandum* de haver leitura para todos, e para todos facil.

Os progressos ininterruptos do elemento material da escripta que nós vamos percorrer de fugida, bem manifestamente nos estão inculcando que a expressão grafica da palavra não ha-de sempre, nem por muito tempo, continuar, por seus vicios curaveis, a restringir um beneficio que tende por si mesmo a universalisar-se.

Diz Varrão que a principio se escrevera em folhas de palma (ainda hoje ao papel chamamos folhas), depois no entrecasco de certas arvores (*liber*, livro, o chamavam os latinos, e livrilho o appellidam por memoria alguns botanicos). Depois escreveram-se em laminas de chumbo os documentos publicos, e os particulares em panno de linho, ou em taboinhas inceradas; das taboinhas inceradas, *tabellas* (d'onde ainda conservamos o nome de tabellião) diz Homero que já antes da guerra de Troia se fazia uso. O papiro (do qual o nosso papel traz a sua primeira origem e o nome) crê o mesmo Varrão, se inventára na era das victorias de Alexandre Magno, e da fundação de Alexandria no Egypto. Tempos após, segundo o mesmo autor, tendo el-rei Ptolomeu prohibido a exportação do papiro em razão da rivalidade que havia entre elle e o rei Euménes no tocante a bibliothecas, para supprir essa mingua se inventou na cidade de Pergamo, na Asia, a pelle curtida e preparada para escripta (que ainda hoje se usa e conserva por nobrêza o seu titulo de pergaminho).

Mas ó papel propriamente dito, o papel o immortalisador dos homens, diz Plinio, foi o que se tornou usualissimo.

Oiçamos ácerca do papiro este sabio historiador naturalista do mundo antigo:

« Nasce a planta do papiro nos paizes do Egypto, e nas aguas que o Nilo deixa estagnadas pelas valleiras após as cheias; tem raiz grossa, hastea triangular de seus dez covados de alto quando muito, que adelgaça para a ponta, e desatada no cima um ramilhete á maneira de thirso; o qual ramilhete não cria semente, e só serve para coroar as imagens dos deuses. Da raiz se valem os moradores, não só para o lume, senão tambem para vasos de seu uso caseiro. Do tronco fabricam barcos, e da casca velas, esteiras, vestidos, cobertores, e cordas; mascam tambem o papiro, já cru, já cosido, mas só lhe ingolem o succo. Cria-se tambem esta planta na Syria ás beiras da lagôa que dá o calamo cheiroso. »

« Descobriu-se, pouco ha, prosegue o curioso noticiador, que nas margens do Euphrates, cerca de Babylonia, medra um papiro bom para papel; mas a gente da Parcia prefere ainda hoje tecer as suas lettras nos pannos com que se veste. »

« Para fazer papel separa-se o papiro em fitas delgadinhas, mas o mais largas que se pode; sendo as fitas melhores as do interior da arvore, e de valor sempre a menos as que se vêm seguindo até á circunferencia. Hieratico se chamava outr'ora o papel do amago em razão de o reservarem para os livros sagrados. A este papel melhorado com uma lavagem damos o nome de Augusto (como nós hoje diriamos imperial); e o de duas lavagens, em obsequio á sua esposa, o denominamos de Livia; pelo que o simples hieratico já ficou sendo papel de terceira qualidade. A quarta qualidade é o papel amphitheatrico, assim dito do logar da fabrica. Quem em Roma o introduziu foi o esmerado fabricante Fannio, o qual, por via de certos processos de

melhoramento, o tornou papel fino, e de primeira sorte, em vez de ordinario que antes era, e lhe deu o seu nome. Todo o papel que não tinha passado por estes preparos, continuou a chamar-se amphitheatrico. Segue-se o papel saitico, assim dito da cidade de Sais no Egypto em que o fabricam em grande copia, e este é feito com as aparas mais ordinarias do papiro. O papel teneotico, assim designado de uma terra visinha áquella mesma cidade de Sais, é fabricado com a materia mais achegada á casca da arvore; este já não tem valor de qualidade, vende-se a pêso. O emporetico não serve para escrever; só presta para embrulhar os outros papeis, ou incapar fardos, d'onde vem chamarem-lhe papel de mercadores. A casca do papiro, a qual é muito parecida com o junco, já não serve nem para cordas, salvo sendo para trabalharem dentro d'agua. Fazem-se todas estas qualidades de papel sobre uma meza molhada com agua do Nilo, porque este liquido turvo faz as vezes de colla. Em primeiro logar na meza, que é inclinada, collam-se as tiras do papiro com todo o seu comprimento, aparando-lhes só ambas as pontas. Sobrepõe-se a esta, outra camada das mesmas fitas, atravessada como em grade, e assenta-se tudo muito bem 'numa prensa, e fica logo uma folha, a qual se põe a secar ao sol. Juntam-se as folhas umas sobre as outras, pondo primeiro e para dentro as mais perfeitas, e deixando as mais somenos para ultimas e de fora; a reunião d'estas folhas forma um scapo (mão) que nunca passa de vinte folhas. »

« As larguras variam muito: o papel melhor tem-na de treze dedos; o hieratico, de onze; o de Fannio de dez, e de nove o amphitheatrico. O saitico tem menos, nem apanha toda a largura do maço; e o emporetico não excede de seis dedos.

« Coisas a que muito se attende no papel são a finura, o incorpado, a alvura, e o liso. O imperador Claudio mudou a primeira qualidade do papel, por advertir em que o chamado Augusto era

por extremo fino e não resistia aos bicos do calamo, sem fallar em que, por ser passento, podia o que se escrevia de um lado ir estragar com borrões as lettras sotopostas; e ainda que isso não fosse, aquella transparencia sempre era desagradavel á vista; fez-se portanto a primeira camada com tiras de qualidade secundaria, e a coberta por cima com tiras da primeira. O mesmo Claudio tambem lhe augmentou a largura; o papel ordinario ficou-a tendo de um pé, e o grande de um covado; mas a experiencia veiu a reprovar a novidade, porque succedendo despegar-se uma tira, ficavam logo estragadas muitas paginas. Pelas outras vantagens ficou preferido o papel de Claudio ás demais especies; mas para correspondencias epistolares o que mais continuou a servir, foi o papel Augusto. O papel de Livia que nada tinha de primeira qualidade, e tudo da segunda, conservou-se no seu logar. »

« As escabrosidades do papel alisam-se com dente ou busio, mas ficam depois as lettras sujeitas a safarem-se; o papel brunido é mais lustroso, mas não toma tão bem a tinta. Se na fabricação deram mal a agua do Nilo fica o papel rebelde á escripta; ao maçal-o, e mesmo ao cheiro se lhe descobre o senão em este sendo avultado. As manchas á primeira vista se percebem; mas o defeito, de ter elle tirinhas pequenas incorporadas nas folhas, com o que bebe e alastra a tinta, esse só ao escrever é que se poderá descobrir; que de fraudes não vão ahi! Deve-se pois recorrer a nova manipulação. »

« A colla ordinaria para o papel faz-se com flor de farinha, agua a ferver, e algumas gotas de vinagre; mas o melhor é agua fervida com miolo de pão e coada; d'este modo fica o papel com o menos que é possivel de colla dentro em si, e mais brando e macio que o proprio panno de linho. Esta gomma não deve ter nem menos nem mais de um dia de feita. Depois adelgaça-se o papel a maço, dá-se nova camada de gomma; se ha pregas, desrugam-se, e torna-se a bater com o maço. Em papel assim é

que se conservam antigos monumentos do punho de Tiberio e Caio Graccho, os quaes eu proprio vi em poder de Pomponio Secundo, poeta e cidadão preclarissimo, e que já contam perto de seus duzentos annos. E 'neste mesmo papel nos apparecem por ahi muitas vezes autografos de Cicero, do divo Augusto e de Virgilio. »

....

« O papel de papiro está tambem sujeito a faltar. Tanta foi a penuria d'elle no reinado de Tiberio, que houveram de nomear senadores que superintendessem na sua distribuição ao povo, aliás que desordem nas relações da vida ! »

Demorámo-nos a escutar esta minuciosa noticia do papiro; mas como o narrador era um romano, e tal romano, tenho que para um livro dos intuitos d'este nosso, nem o que adduzi, nem o que ainda poder adduzir sobre a materia, se ingeitará por descabido, e muito menos tedioso.

Era pois o papiro universalmente usado para a escripta 'naquelle mundo latino; o que dava espantosos rendimentos annuaes á cidade de Alexandria, por onde o Egypto exportava essa materia prima da sciencia, da historia, dos negocios. Muitos museus conservam boas amostras de papiros manuscriptos d'esses tempos; os do Louvre foram, diz-se, achados quasi todos em sepulchros.

Caíu o imperio, caíram os Cesares, caíram os deuses; sobreviveu-lhes o papiro; sobrenadou em todas as revoluções com que a sociedade se transformava.

Em França, e Allemanha, era já v e vi seculo da era nova, e ainda não escreviam fóra do papiro.

Sabe-se que nos dois seculos seguintes só predominou o pergaminho entre os povos do Norte, por se haver tornado raro e custoso o papiro, em rasão das devastações causadas pelos arabes nas partes do Levante, d'onde elle vinha.

Ainda porem depois se tornou ao mesmo papiro, já outra vez communissimo nos seculos XI e XII.

Por esses tempos se inventa no Occidente um papel, que, pela abundancia, pelo âmão da materia prima, e maior facilidade da fabricação, desterra o papiro de todo e para sempre; é já o papel de linho reduzido a polme, e alastrado em fôrmas como crivos, ou peneiras. A mais antiga folha, que citam existente, d'esta especie, é uma do anno de 1319.

Na China, segundo se diz, largos seculos havia que assim o fabricavam de sêda, algodão, palha de arroz, e outras substancias.

Tem a industria do papel de polme vindo a crescer até aos nossos dias, e em nossos dias mais que nunca, sob as inspirações da sciencia, com os incessantes progressos da chimica e da mecanica, e pelas exigencias cada vez maiores d'estas devoradoras e insaciaveis fome e sêde de leitura.

Um Plinio que pretendesse abranger, mas que fosse em resumo, os processos hodiernos da fabricação do papel, teria de compôr uma bibliotheca.

Consideremos só como mais uma prova da constante lei da perfectibilidade, consideremos quanto vai d'aquella banca obliqua em que o operario egypcio estendia, collava, sobrepunha, as tiras laboriosamente apuradas do papiro, que ainda depois tinham de ser imprensadas, brunidas, aprimoradas em Roma pelos fannios, até estas fabricas, em que um operario mecanico, que não dorme nem cança, corpo de ferro e alma de fogo, de cem braços, de mil braços, toma todas as materias filamentosas: o linho, o algodão, as malvas, a pita, a palha, a canna, as limpa, as tritura, as branqueia, as estende em teias interminaveis, as sécca, as lustra, as corta, as ajunta, e diz ao homem: levanta-te, leva, derrama na civilisação civilisação nova!

O pergaminho, se é nobreza só por si a antiguidade, pedirá

primasias ao papel. De Pergamo, como ha pouco o transcrevemos de um autor romano, lhe proveiu o nome *(Pergaminum, Pergamenum Pergamae chartae)*. Mas, se foi lá o logar do seu aperfeiçoamento, 'noutra parte, e em mais antigos tempos, o inventaram por certo; com quanto nem o logar, nem a era, se possa hoje determinar.

O pergaminho para escripta fazia-se de pelles ou vinas, estendidas, curadas, rapadas de uma e de outra parte, adelgaçadas, polidas, e ás vezes coloradas; pois havia pergaminhos, não só brancos, mas açafroados e vermelhos. Com bom fundamento se pode conjecturar, que 'nesta materia mais duradoira se escreviam as obras de litteratura mais estimadas. Marcial (livro 14, Epigramma 188)

> Si comes ista tibi fuerit membrana, putato
> Carpere te longas cum Cicerone vias.

Do mesmo autor (livro 14, Epig. 186)

> Quam brevis immensum cepit membrana Maronem!
> Ipsius vultus prima tabella gerit.

No papel e pergaminho formavam-se os caracteres com tinta, geralmente preta *(atramentum)*; por excepção e preeminencia, religiosa ou aristocratica, vermelha tambem, e até ás vezes doirada e prateada. O instrumento para este genero de escripta, só em tempos adiantados do imperio é que principiou a ser a penna animal, generalisada no seculo VIII, e hoje quasi universalmente transformada em ferro. Antes da penna, e depois dos pinceis finos, serviram-se de canniços delgadinhos aparados, e com o bico fendido, como o das pennas; instrumento esse de que oiço utilisarem-se ainda ao presente os arabes e outros orientaes; em muitas partes se creavam estes canniços; mas os mais communs tambem lá vinham do Egypto; terra agora tão decaída, mas

onde a fortuna collocára o berço da civilisação grega, e a natureza a patria do papiro e do calamo.

Aos calamos do Egypto, diz Plinio levarem vantagem os de Gnido e os do lago Anaitico na Asia.

É curioso ouvirmos um desconhecido poeta grego d'outras eras cantar a origem e as glorias do calamo; por outra, vermos o calamo em punho de um ingenho hellenico a exaltar com justiça os seus proprios meritos

Colmo fui, fui planta brava,
que não dava
pomo, ou figo, ou cacho; não;
virgem, como o coro Aonio,
como a elle no Heliconio,
me incantava a solidão.

Um passante em mim repara,
pensa, pára;
uma idéa lhe inspirei;
chega, corta-me, e eu silvestre,
aparado por tal mestre;
mestre ao mundo me tornei.

Bebi lagrimas d'aurora,
bebo agora
negra tinta, e folgo mais;
tenho voz, eu que era mudo;
nada sei, e ensino tudo.
Torno os homens immortaes.

E não deixa de vir aqui para reparo que seja no monte Hellicon, ás musas consagrado, que o poeta fantasia o principio da arte de escrever; como quem dissera: que a primeira escripta fôra poesia.

As tabellas, outra materia muito usada na escripta romana,

eram folhas delgadinhas de madeira (houve-as tambem de metal e de marfim) em forma quadrilonga, sem tamanho determinado, com seu rebordo, e o campo interior barrado de uma composição de cêra, de tal ou tal côr, e de consistencia propria para se deixar facilmente lavrar com o bico de um ponteiro (*Graphium* ou *stylus*) ou com a opposta palmeta do mesmo ponteiro alisar para outra vez servir, por onde a tabella ficava sendo de um uso communissimo para roes, apontamentos, exercicios calligraphicos nas escólas, como hoje as ardosias; para testamentos, contractos, e outras escripturas civís, finalmente até para cartas; as de amores, especialmente, por mil passos dos poetas namorados se alcança, que em tabellas se lavravam. Se o que tinha de se escrever não cabia 'numa só tabella, juntavam-se duas ou mais; sobrepunham-se umas ás outras, servindo o rebordo para se não apagarem as lettras com o roçar, e se uniam com um cordão infiado 'nuns boraquinhos da margem interior. Ás tabellas de duas folhas chamavam *diptycha;* ás de tres, ou mais, *politycha.* Ás tabellas de formato minimo para se trazerem na algibeira, e servirem para lembranças, como hoje as carteirinhas e agendas, *pugillares.*

Finalmente a carta mandadeira escripta em tabellas, e bem assim as escripturas publicas e particulares, fechavam-se com atilhos de linho, mettidos por orificios, incrusados, atados, e sellados com outra especie de cêra equivalente ao nosso lacre, e marcada com o sinete do annel, ou outro qualquer.

As tabellas, triviaes entre os romanos, como na Grecia, e longamente anteriores á fundação de Roma, ainda na idade media faziam serviço não pequeno.

Corremos os olhos pelas tres principaes bases de escriptura 'naquelles tempos do povo-rei: o papiro, as pelles, a cêra; papel, pergaminho, tabellas.

Vimos o papiro e o pergaminho, e o como 'nelles se escre-

via; vejamol-os agora já em livros e codices; nomes que não são rigorosamente sinonimos, ainda que alguma vez no uso se tomem por equivalentes.

O livro *(liber, volumen)* constava de uma serie de folhas de papiro, ou tambem de pergaminho, pegadas pela borda umas ás outras, e formando assim uma comprida teia; uma das extremidades estreitas da teia collava-se a um rolo de madeira da sua mesma dimensão, e por ali se começava a escrever, e se proseguia teia abaixo, até parar 'numa divisão, ou corte, feito pelo proprio autor na sua obra, quando em livros a dividia; e dividiam-n-as elles em livros para maior commodidade do leitor, porque a ser excessiva em comprimento aquella pagina, ou columna, teria infado em a desinrolar e inrolar, canceira e perda de tempo, em procurar 'nella um trecho que desejasse. Por mil linhas, quando muito, andava cada livro, como bem se pode verificar, percorrendo quasi todas as obras romanas que nos ficaram, assim de poesia como de prosa.

Da escripta assim, em largas e compridas zonas de pelles roladas, ainda hoje se pode ver especimen vivo e a servir, entrando-se ahi em qualquer sinagoga ao sabbado.

Mas a antiguidade dos volumes já lá vinha do anterior Egypto, pois alguns se tem achado em mãos de mumias; são de papiro que estendido mede ás vezes seus trinta a quarenta pés. A escripta nos volumes era commumente só de um lado, e mais vezes transversal que longitudinal. O cilindro de pau, amago do volume, chamava-se scapo; os topos do scapo nivelados com o aparo do rolo embigo *(umbillicus)*, e quando do meio de cada fronte resaía seu botão ou maçaneta de pau, metal, ou marfim, *cornua* (pontas), se denominavam essas escrecencias.

Os nossos mapas geographicos de inrolar dão-nos d'isto idéa clara.

Na barra infima e exterior da teia se escrevia summaria-

mente o nome do autor e o titulo da obra, que nós hoje pômos no principio, e na lombada do livro, e que então se punha no fim, sendo identica a razão dos dois contrarios usos: o distinguir-se á prima vista. O titulo *(index)* tambem ás vezes era escripto 'numa tira de papiro, ou pergaminho *(membranula)* pregada pela ponta a um dos embigos do scapo; tira que fechado o rolo ficava pendente a denunciar o contheudo. As lettras do titulo eram de cores: açafrão ou vermilhão.

O rolo fechado e apertado podia-se embainhar para maior conservação em seu estojo de pergaminho pintado *(membrana)*.

A descripção de um livro de luxo e alindado pode-se ver em Catullo. Epigramma 22.

AD VARRUM

Suffenus iste, Varre quem probe nosti.
Homo est venustus, et dicax et urbanus,
Idemque longe plurimos facit versus.
Puto esse ego illi millia aut decem, aut plura,
Perscripta: nec sic, uf fit, in palimpsesto
Relata; chartae regiae, novi libri,
Novi umbilici, lora rubra, membrana
Directa plumbo, et pumice annia aequata.
Haec quum legas, tum bellus ille et urbanus
Suffenus, unus caprimulgus, aut fossor
Rursus videtur: tantum abhorret, ac mutat.
Hoc quid putemus esse? qui modo scurra,
Aut sí quid hac te tritius, videbatur,
Idem inficeto est inficetior rure,
Simul poemata attigit: neque idem unquam
Aeque est beatus, ac poema quum scribit;
Tam gaudet in se, tamque se ipse miratur.
Nimirum idem omnes fallimur; neque est quisquam,
Quem non in aliqua re videre Suffenum
Possis. Sum quoque attributus est error;
Sed non videmus menticae quot in tergo est.

O codice, comparado com o volume, foi já um adiantamento plausivel, e uma transição clara para o livro moderno. Era o codice, cuja idéa deveu nascer da idéa das tabellas, compaginado de folhas de pergaminho ou papiro estendidas, sobrepostas, batidas a maço, cosidas ou pegadas pela borda da margem interior, e com sua capa e rotulo.

As paginas porem é que não eram numeradas como depois o vieram a ser. Para maior conservação do codice costumavam adaptar-lhe, pelo lado do abrir, um gastalho de pau *(manuale)* de pôr e tirar, do qual provavelmente se originaria o broche de metal, constante ainda agora nos missaes, e em livrinhos de piedade. Talvez que os amarrilhos presos á borda das duas pastas para as cerrarem inlaçando-se, expediente de todos o mais simples e obvio, já tambem os houvesse 'nesses tempos.

'Num só codice já se podiam incerrar muitos livros, outra vantagem sobre os volumes, alem da que manifestamente offerecia, a facil e commoda manuseação.

Admittiam os codices bastante luxo: frontispicio pintado, retrato do autor, nas paginas cercaduras allusivas, executadas á penna, ou a pincel, uma meia lua no principio dos livros *(menis)*, e sua corôa no fim do tomo, d'onde vem o adagio *Finis coronat opus*, sendo a escripta acurada por boa mão, e seguida por entre riscos traçados com chumbo *(plumbum)*, o que fazia as vezes do nosso lapis. Para os codices de estimação procurava-se pergaminho do mais fino e perfeito, e só se escrevia na lauda da mão direita, deixando o verso em branco; em obras de menos apuro, corria a escriptura por um e outro lado, e até muita vez se respançavam folhas já escriptas para de novo servirem *(palimpsesto)*.

Todos sabem o quanto essa economia, não raro desallumiada, barbara e sordida, destroiu de preciosidades antigas; e com quanta diligencia os investigadores dos monumentos velhos pro-

curam reanimar, por baixo de paginas de theologias velhas e cantochão, o respançado texto de algum classico perdido; e nem sempre o fazem sem fortuna. Muito tempo não ha ainda, que diligencias d'essas nos restituiram a *Republica* de Cicero.

O codice, e bem assim o volume, que merecia pelo seu conteudo a perpetuidade, era ungido com oleo de baga de cedro, e guardado em cofre de cipreste, dois preservativos contra a polilha e traças; que o diga Horacio na *Poetica*:

.... esperamus carmina fingi
Posse linenda cedro et levi servanda cupressu.

E já que fallámos de precauções para dura, não esqueça o que diz Plinio ácêrca da tinta de escrever: « A tinta de escrever, diz elle, levando sua mistura de absinthio preserva o manuscripto de ser acommettido dos ratos. » Se tão curiosos sois que desejaes da tinta mais alguma noticia, o mesmo autor vos diz fazer-se do fumo do pinheiro teda, o qual fumo se apurava em fornalhas constituidas de proposito, que lhe não davam fuga; com este fumo, ou pós de sapatos, lotavam tambem ferrugem de chaminé, e temperavam tudo com alguma gomma para melhor pegar e conservar-se. Alem d'esta tinta vegetal, parece que extraiam outra do sangue preto de certos peixes.

Para evitar prolixidade pretermittimos a composição das tintas de côres.

Percorrâmos agora a feitura material de uma obra litteraria.

Logo que o autor a tinha escripto e emendado, operação em que geralmente se punha muito mais tempo, e maior escrupulo do que hoje em dia (Horacio exige nove annos pelos menos, e dez reemendas) tratava emfim da publicação. Congregava-se força de copistas, *(librarii)*, ou á grega *(bibliografi)* que em Roma deviam ser aos cardumes; sentavam-se ás suas mezas petrechados de todo o necessario para o seu mister: papel, ou per-

gaminho (*Charta, membrana*), caniços (*calami*) na competente caixinha (*calamarius*), canivetes de aparar e raspar (*scalprum*), tinteiro (*vas atramentarium*), outros vasinhos para as diversas côres, raspadeira, chumbo para regrar (*plumbum*); e talvez mais algum adminiculo.

Um lia o original em voz alta e distincta; todos os demais em profundo silencio iam trasladando.

Concluidas e conferidas as copias, passavam estas para os respectivos officiaes voluminadores, ou codificadores (*glutinatores*) encadernadores, como hoje lhes chamariamos.

Promptos, da mão d'estes operarios, iam-se remettendo para serem postos á venda nas lojas dos livreiros (*bibliopolae*).

'Nestas lojas se costumavam ajuntar os litteratos.

Alguns bibliopolas eram editores, e sustentavam crescido numero de copistas.

Os vendilhões de obras em segunda mão, velhas e truncadas, alfarrabistas, chamavam-se *libeliones*.

Á venda se incontravam em edições de fausto, e nas mais economicas, todos os autores gregos, esses eternos exemplares que Horacio recommendava se versassem com mão diurna e nocturna, e que por muito tempo transçudaram de si toda a poesia romana; e os escriptos latinos de tres seculos ou mais, antes de Christo, desde o velho Livio Andronico e Pacuvio até aos contemporaneos, aos vivos, e que o curioso incontrava ao pé das suas obras na loja do livreiro.

As litteraturas dos demais povos, se as havia merecedoras de attenção, não n-a obtinham dos desdenhosos senhores do mundo, que dos barbaros, como lhes elles chamavam, só queriam as riquezas, os escravos para os trabalhos, as escravas para os prazeres, os artefactos e os perfumes para os regalos. O gosto da linguistica não era ainda nascido; se o fôra, quão melhor herdada não houvera ficado a sciencia 'nesta parte!

Que trafego 'nessas lojas!

Um autor novel passa respeitoso e encolhido por entre os que já na rua se apontam a dedo, e offerece ao bibliopola o seu manuscripto a vêr se elle se encarrega de lhe fazer a edição, mandando-o trasladar pelos amanuenses que traz assalariados.

Um escriptor de nomeada, que tem já feita a edição do seu poema novo, da sua historia, ou do seu tratado scientifico.

Uma serva que vem procurar para a sua senhora uma Sapho, um Anacreonte ou um Philetas, um Moscho ou um Theocrito, e ao ouvido os epigrammas de Catullo.

Um rapazinho, ainda com a sua bulla de oiro ao pescoço, que pede a cartilha das primeiras lettras; outro, uma geometria de Euclides; outro, de mais jovial humor, as ultimas fabulas atelanas que vieram á luz.

O provinciano e o estrangeiro recemchegados lêem boquiabertos os annuncios de chamariz nas umbreiras da porta.

Um ancião pede se lhe mande recopiar, em formato igual ao da amostra, o volume que em emprestimos se lhe extraviou das obras de Catão.

Um ricaço, que está para se tornar para as suas Hespanhas, compra um Vitruvio para lá edificar por elle uma vivenda á romana.

As obras de Cicero são pedidas de toda a parte por oradores, filosofos e estadistas; as de Columélla e Varrão por camponezes que 'nesta nundina venderam bem os seus generos no mercado.

Um livro em branco, um *codex* — grita um.

Um calendario para os meus roes — brada um usurario.

Um *adversarium* para os meus apontamentos — acode um litterato que não quer perder inspirações.

Pugillares de marfim com cêra côr de roza, bonitos, e com stylo doirado, que é para uma casquilha — grita, impaciente com

as tardanças, uma velha, que é talvez, nem mais nem menos, a Acantis de Propercio, ou a Dipsas de Ovidio.

Umas ephemerides em branco, um calendario para mim, e umas fabulas de Phedro para o meu pequeno — diz um pacato, já caído em annos, assim como a sua toga. Os *acta diurna*, os *diurna* de hoje — clamam dez vozes a um tempo — disse-se em casa do cabelleireiro Licinio que vem muito interessantes.

Os escriptos volantes assim denominados, contém as noticias mais notaveis da vespera, dos supplicios, de nascimentos e obitos, das chegadas e saídas de personagens, dos jogos e espectacalos; emfim de tudo que pode picar a curiosidade, e de que, andados dezanove seculos, se ha-de fazer, com espantosa desinvolução e aperfeiçoamento, a principal leitura.

É evidente que mui dispendiosos deviam ser os livros 'naquelles tempos, e por isso agros e mal accessiveis os bons estudos ás posses da maioria. D'ahi veiu certamente a primeira idéa de se formarem bibliothecas publicas.

A que povos e a que tempos se haja de referir tal invenção, já se não pode hoje rastrear.

As mais antigas bibliothecas de vulto, não fallando na religiosa dos judeus em Jerusalem, foram em Pérgamo, e no Egypto. Assim devia ser; eram as terras das duas materias primas dos livros: o pergaminho e o papiro.

Á imitação e á competencia das bibliothecas egypcias de Memphis, de Thebas, e de Alexandria, teve-as, e não podera deixar de as ter, a Grecia em muitas partes: em Athenas, em Gnido, Heraclea e Apaméa.

A todos porém se avantajaram os romanos no multiplicarem e encherem do seu e do alheio estes thesoiros de remedios para a alma, como dizia o letreiro da livraria thebana.

Foi o opulento Lucullo o que inaugurou a primeira, de que ha noticia, dentro na cidade eterna; era ella fundamentalmente

composta do expolio da de Pérgamo, e acrescentando comtudo quanto o genio de oiro e raro espirito d'aquelle grande homem podia, que era immenso. Porticos, jardins, sallas de estupenda magnificencia faziam cortejo ao alto concilio de prosadores e poetas, e congregavam a miude, em convivencia com o triumfal dono, os principaes ingenhos e varões mais conspicuos da republica 'naquelle tempo; tempo em que floresciam Cesar, Pompeo, Cicero, Attico, Horacio, Sallustio, Propercio, Catullo, Livio, Varo, Tuca, Hortencio, Mecenas, e quantos outros!

Esta bibliotheca e deliciosa academia de Lucullo não era porem solemne e officialmente pública; a primeira pública, solemne e officialmente, foi a que á sua custa edificou, abasteceu e abriu Asinio Poleão, historiador e tragico, honrado com a familiaridade de Cesar, e cem vezes mais, com ter sido cantado pelo rei dos liricos e pelo rei dos épicos da sua patria. Ficava esta do afortunado Asinio no Aventino, no atrio do templo da liberdade, boa deusa para protectora de estudos.

A de Apollo, meio latina, meio grega, com muito acerto foi adjunta ao templo do deus das artes por Augusto, que a dedicou a sua esposa. A terceira erigiu-a o mesmo Augusto junto ao theatro de Marcello em honra de Octavia. De todas as tres ultimas bibliothecas faz elegante menção o nosso Ovidio, nas *Tristezas*, livro I, elegia 67.

Estas foram as publicas mais notaveis; de outras muitas, como a de Sylla, e de Paulo Emilio, ha nóticia, ou boa suspeita; mas insistir mais na materia, já fôra demasia.

Epiloguemos esta parte das nossas investigações com dizer que, apesar da carestia dos livros, nem por isso faltavam por lá, aos applicados, mananciaes para as suas sêdes, onde juntamente com os escriptos se incontrariam com eruditos e autores. Uma e outra coisa era, por exemplo, o bibliothecario da citada livraria Apollinia, Hygino, o mithologo e poeta, favorecido do impe-

rador, e amigo do nosso cantor dos *Fastos*; os outros bibliothecarios, homens de não menos substancia; os devemos suppor.

As principaes thermas, *(balnearia*, ou *ballinea)* grandiosos edificios publicos para banhos, estabelecimentos em que Roma abundou tanto, tinham tambem suas bibliothecas para recreação dos banhistas que folgassem de ler, assim como para os outros havia os jogos, a musica, e Deus sabe que mais não havia!

Os cidadãos que professavam lettras, ou as amavam, colligiam livros nos seus proprios domicilios á medida dos seus haveres.

Os senhores de casas de campo luxuosas e convivaes *(villas)* curavam de ter 'nellas que ler nos ocios rusticos do verão.

De si se vê pois que as bibliothecas romanas se não podem descrever todas por um só padrão; variavam infinitivamente em amplidão de casa, em copia, e luxo de manuscriptos, em singeleza ou fausto de accessorios.

'Numa intrarieis que vos deslumbrassem olhos as paredes recobertas de imbutidos de marfim, de vidro, de cristal ou de doirados, em ovaes, ou em lisonja, em quadrados, ou em parallelogrammos; 'nesta vai revestimento de marmores e porfiro.

Aqui vos inlevam creações do pincel grego, fabulosas no assumpto, fabulosas na perfeição; ali encaustica, ou esculptura vos familiarisa com as feições dos escriptores-principes, imagens ás vezes preciosas até pela materia, bronze, prata e ouro.

Loireiros de chumbo doirado serpeados de vides pampinosas da mesma industria, aguentam na sua labirinthada e lustrosa ramaria os volumes alindados, com arte dispostos, para chamarem a vista. Na poisada d'aquelle cidadão de menos alardo incarreiram-se os codices, e os rolos em estantes *(armaria)* lisas ou pintadas, ou esculpidas com mais ou menos custo, e com as suas prateleiras *(loculamenta)*.

O que nem a tanto pode chegar, contenta-se com sua estantesinha portatil *(forolus)*.

Guardam-se livros em caixas, ou gabinetes em que não entrem as moscas (*muscarium*).

Conduzem-se do livreiro para casa, ou da casa para a quinta, em caixas, pendentes de correias (*capsa*).

E os archivos particulares das casas nobres?! Ali entre as imagens de cêra dos gloriosos antepassados, todas com o seu nome e os seus titulos pendurados ao pescoço, se arrecadam com ciume as memorias escriptas des feitos para que elles contribuiram no seu tempo; este quarto (*tablinum*) é, porque assim o digamos, o larario das glorias da familia; poderá vender-se a casa, mas o possessor estranho nunca terá direito de destruir ou desarranjar esta parte d'ella.

Comtudo que deixamos dito, o livro não era entre os romanos um objecto vulgar, uma coisa para quasi todos, como hoje em dia. D'ahi os anagnostes.

Anagnostes se chamavam uns escravos escolhidos, e de subido preço, de clara voz e saber copioso, empregados no officio de lerem alto para estudo ou recreação dos senhores e seus convivas em quanto estavam á mesa, com o que, ao passo que se refocilava o corpo com as iguarias, tambem o animo se pascia saborosamente.

Nos conventos, quer de homens quer de mulheres, se manteve essa pratica até aos nossos dias, assim como foi tambem a igreja quem mais tenazmente nos veiu conservando outros romanos estylos na architectura das vivendas, no trajar, nos templos, em acidentes do rito, pode ser que no canto, e de certo na linguagem, se bem que barbarisada e desmatisada da pronuncia, ainda agora viva.

Houve tambem anagnostes, ou ledores publicos. Á roda se lhes devia ajuntar de orelhas tendidas a plebe indouta; como em Veneza, e outras partes de Italia, se apinhoa o populacho para escutar e aplaudir os *novellatori*.

A leitura em voz alta feita por um, gozada por muitos, deveu ser frequente 'nuns tempos em que os escriptos, pelo seu custo elevado, se não deixavam colher da multidão; e a arte de bem lêr por conseguinte, menos rara e menos prenda do que hoje em dia.

Outra moda bem boa d'aquella edade era a recitação dos poemas novos nos theatros. Como esses applausos não haviam de animar os autores favorecidos, e excitar proveitosas emulações!

Porque se haviam de perder tão boas usanças. Invejo a quem as poder resuscitar sob qualquer forma que seja. Tenho-o eu, tentado por muitas vezes; mas só logrei imprimir-lhes, com uma galvanisação laboriosa, uma existencia ephemera. Assim nasceram e se finaram leituras publicas no theatro da ilha de S. Miguel; saráos de poesia e musica em Ponta Delgada, em Lisboa, por duas vezes, em Leiria, no Porto, e em Coimbra. Ficará para outra vez e para melhor mão.

Doze seculos, e mais, se devolvem após o estado em que temos visto as lettras na grande Roma dos antigos. Apparece a imprensa. Que revolução! que transformação!

Rompeu o verdadeiro dia intellectual. Acabou o livro lucubrado á mão, e á lettra e lettra; pullulam os livros estampados a braço, e a folha e folha.

Que immensa conquista! E ainda comtudo não é bastante; alguns seculos mais, e as sciencias e as artes, desinvolvidas umas pelas outras, e todas pelo prelo, lhe fadarão, como boas fadas, novas e crescentes glorias, animando-o de uma actividade, de uma rapidez de movimentos, de uma presteza no produzir, que fatiguem os olhos e assombrem a imaginação.

O papel, que se laborava a folha e folha, brota de dentro de machinas em torrentes sem fim; os typos, que se fundiam a um e um, chovem de dentro de machinas aos cardumes; outras machinas ensaiam já reunil-os e desgregál-os, compor e decompor; mais um fructo opimo que está amadurecendo!

A prensa de vapor golfa, como torrentes de Niagara, as folhas mais amplas impressas pelas duas faces; os jornaes, os livros, as bibliothecas, se lhe amontoam em derredor!

Que distancia do papiro, a este papel! do copista a esta imprensa! d'aquelles desenhos pintados, a estas illustrações da gravura e da lithographia, reforçadas pela photographia e pelo galvanismo!

A acceleração com o aperfeiçoamento seguiu pois, segue sempre, e hade sempre seguir, a corpurificação do pensamento para o commercio, cada vez mais necessario e mais cubiçado dos espiritos uns com os outros.

Assim devia ser 'neste seculo, que tem por mote a rapidez, a convivencia, a condensação dos gosos e da vida.

Não deixará elle algo que fazer aos que depois vierem? immenso.

O vapor por terra e mar, chama pela navegação aerea; a agricultura, pelo vapor; o gaz, pela electricidade; o telegrapho, por algum novo prodigio.

Assim, no assumpto que tratamos, não poucos problemas estão ainda para resolver: A abundancia, a barateza, o quasi gratuito do papel; a maior facilidade, a facilidade extrema, da composição typographica, ou um invento que se lhe avantage; a certeza de lucros proporcionaes a todo o escriptor util; e finalmente, sob pena de escandalosa contradicção, A MAXIMA SIMPLIFICAÇÃO DA ESCRIPTA, A UNIVERSALISAÇÃO DA ESCOLA ELEMENTAR, e 'nella A ESTIRPAÇÃO DE UMA VEZ PARA SEMPRE DE METHODOS DE ENSINO CONFUSOS, RONCEIROS, BARBAROS, SUBSTITUIDOS POR METHODOS NATURAES, CONGENITOS A' INDOLE, AOS GOSTOS E A'S NECESSIDADES DA INFANCIA E DO POVO!

Infancia e povo são duas creanças que estão ha dois mil annos por educar!

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO.

NOTA DECIMA TERCEIRA

PAGINA 17—VERSO 17

RAZÃO DE COMEÇAR O ANNO NO INVERNO

O anno, isso que os povos adoptam para unidade da vida e da morte na terra, tem principio tão vario para cada individuo, como varios são para os individuos a duração, e modo de existencia; vestigios que nem sempre deixa de si, no espaço e no tempo, esse atomo creador a que chamamos homem. A natureza que sujeitou as plantas e os irracionaes ao clima e ás estações, deu-lhes o dia dos seus annos em festa commum; os baguinhos d'uma seára e o bando novo das andorinhas, producções do mesmo campo e das hospedas que o amam, contarão remoçada a mesma idade, a cada novo anniversario successivo. O homem, esse, só folga com os amigos de sua escolha; e com o que possa proceder de escolha d'elle proprio. 'Naquillo mesmo em que lhe aconselha a razão o bem commum de todos como irmãos até 'nisso, quer escolha; escolha, senão racional, pelo menos, eleição de gosto seu. Deixemos porem, a razão do gosto, a qual se bem se não discuta, se aprende; consideremos a outra, a da conveniencia, 'neste ponto de Ovidio; se mais proprio fôra, o começar o anno civil na primavera quando o mundo revive e como faziam os romanos antes de Numa que só dez mezes conheciam, ou começal-o no inverno com o mez de Jano; divindade que presidia ao

principio de tudo, e da qual veiu o nome a janeiro primeiro dos dois mezes pelo mencionado rei introduzidos.

É claro que visto o anno compor-se de mezes, e estes de dias, devêra aquelle começar no mesmo momento, com o primeiro mez e com o seu primeiro dia. O primeiro mez do anno judaico correspondeu, segundo a lua, ao nosso agosto ou a setembro (estilo antigo); o anno egypcio começava a 29 de agosto, e o dos arabes e turcos a 16 de julho. Os gregos tinham o seu primeiro mez correspondente a parte dos nossos de junho e julho; e todos estes povos admittiam doze mezes assim, conspirando como Numa contra o systema decimal que fôra dos romanos primitivo. Se o systema de dez mezes se tivesse conservado até hoje, teriamos cada mez de trinta e seis dias; isto é, de cinco semanas justas e mais um dia, ou de tres decadas e meia, e mais um dia.

Discordam não menos, entre si os povos quanto ao principio que deve ter o dia. Os astronomos contam-n'o do meio dia, por sua conveniencia talvez de observarem as alturas meridianas do sol; os portuguezes, os hespanhoes, os inglezes, os francezes, os hollandezes, os allemães, e os egypcios, dão-lhe principio da meia noite, como ao anno civil tambem da bruma: os antigos babilonios, os persas, os syrios e os gregos modernos principiam com a luz o dia, ao sol nado; pelo contrario, os gregos antigos, os judeus, os bohemios, os silesios, os italianos modernos, e os chinezes principiam-n'o ao sol posto, guiando-se pela luz que se extingue para começar novo dia.

Quatro pontos parece pois que se offerecem para origem do dia: os extremos de uma linha recta este-oeste, e os de outra norte-sul; 'naquella vemos por exemplo voltados para o oriente os persas a começarem seu dia, e para o outro extremo voltarem-se os judeus esperando das trevas o seu; vemos o portuguez por exemplo do extremo septentrional dest'outra linha princi-

piando já um dia, ao tempo que o astronomo no extremo opposto espera o sol no meridiano doze horas depois para marcar o primeiro instante do novo giro diurno. Outros quatro pontos temos tambem em linhas que se cruzam, e d'elles se nota que se tem contado o anno; são os pontos equinocciaes e os pontos solsticiaes: no equinoccio da primavera, o principiavam os inglezes (até 1752, o anno legal começava na Grã-Bretanha a 25 de março); no do outono, os judeus; no solsticio do verão, os gregos; no do inverno, os portuguezes, os francezes etc. D'estes exemplos, comparando os dois cruzamentos de linhas, conclue-se, que os judeus começam seu anno ao descer do sol para o hemispherio meridional, e o seu dia, ao descer do mesmo astro, sumindo-se no horisonte; os christãos começam seu dia onde a luz termina na bruma nocturna; e seu anno quando esta mais se prolonga, quando sepultado o sol dos corpos viram nascer o que alumia os espiritos.

No momento em que a terra diante do astro que lhe dá vida, começou simultaneamente os dois primeiros giros que deviam chamar-se dia e anno, o ente que visse o sol no horisonte, e o que estivesse involto nas mais profundas trevas, começaram tambem simultaneamente a contar sua existencia; e quando o sol tornou a surgir no horisonte d'aquelle primeiro ente tinham ambos completado seu primeiro dia; com a differença que o primeiro ente o começara do nascer do sol, o segundo exactamente da noite em meio, sem que a tal noite possa marcar-se-lhe principio. Eis o mysterio de uma noite sem principio, bruma profunda donde o christão começa a contar, a sua era, os seus seculos, o seu anno, e o seu dia.

Mas convem considerar a razão philosophica que responde ao nosso Ovidio. Proximo ao solsticio do inverno são os dias mais pequenos do anno; e, se o anno e o dia devem como estabelecemos de principio, ter origem commum, mui racional é

começar aquelle com um dia pequeno que se veja crescer com o mesmo anno, e decrescer quando este decresce; e começal-o á meia noite, porque, sendo o dia a luz, e esta a mais fraca onde mais carregada está a sombra, é evidente que á meia noite o extremo mais profundo das sombras toca o outro extremo mais tenue d'essa luz que deve gradualmente tornar-se aurora.

Na bruma finda um sol, outro começa;
assim partem de um ponto os soes e os annos.

Notemos que *soes* no segundo verso devem rigorosamente tomar-se por *dias*. Na primavera revive o mundo, mas apparentemente: as flores, o rebentar das vinhas, o desabrolhar das sebes etc. são productos de trabalho muito anterior e gradual da terra, que se embebeu de succos e os preparou para dar seiba ás arvores e flores, e nutrir as searas; o mesmo succedeu com os fluidos do gado e aves: tudo que se esgotou ou afrouxou gradualmente com o giro do sol e do dia augmentou gradualmente, como a luz para produzir a seu tempo, como a aurora, a primavera, como o calor, o fogo do coração e da mente. Quando o lavrador se ergue com a aurora, e com a primavera a renovar suas lidas, os seus fluidos pela circulação, bem como os da terra, já têem passado pelo maximo da bruma, pelo das trevas, chegando a nutrir-se o vigor que desperta no momento do trabalho para crear a abundancia.

MARCUS DALHUNTY.

NOTA DECIMA QUARTA

PAGINA 19—VERSO 8 E SEGUINTES

TRABALHO EM DIA DE ANNO BOM

O primeiro dia do anno era entre os romanos vetado ao trabalho; entre nós é destinado ao repouso. Conforme a usança pagã, as lidas, que ao longo do anno iam succeder-se, n'aquelle dia se inauguravam; segundo o rito christão, retractam-se ao primeiro de janeiro as fadigas quotidianas, e deixam as horas em ocio para o refocillamento geral.

Esta confrontação vem suggerir-nos algumas breves reflexões ácerca dos domingos e festas de guarda; dias consagrados ás ceremonias do culto divino e ao descanço, mórmente em todos os povos por onde o christianismo tem dilatado a sua esphera de luz.

Conviria agora discriminar o preceito religioso do preceito civil; o que é puramente ecclesiastico, do que se refere ás conveniencias physicas, sociaes e economicas da vida temporal. Tental-o-hemos.

Ou fosse transmittida ao genero humano pelos filhos de Noé, como tradição obscura, ou reconhecida pelos pastores na observação dos planetas, é indubitavel que a divisão dos sete dias da semana teve origem em mui remota antiguidade.

O domingo corresponde ao dia do repouso do Creador. Considerado na ordem semanal, é o *dia do sol* dos pagãos; como

festa consagrada ao Omnipotente, é o sabbado judaico. Os primeiros christãos transferiram o repouso para o dia seguinte, honrando assim a resurreição do Salvador acontecida 'nesse dia. Conforme ainda hoje se conta entre nós, tinha então principio a semana para judeus e pagãos.

Diz S. Justino que no *dia do sol* se reunia o povo para assistir á leitura dos escriptos de apostolos e prophetas. Descreve a liturgia; diz que, após essa leitura, explicava o sacerdote 'numa especie de homilia as verdades preditas, e exhortava os ouvintes a pratical-as; que, feito isto, se recitavam em commum as orações, depois das quaes tinha logar a consagração do pão e vinho, que se distribuiam a todos os fiéis; e que emfim, recebidas as esmolas voluntarias dos assistentes, o pastor as empregava em consolar a pobreza, derramando muito allivio e conforto por entre orphãos, viuvas, doentes e prêsos. É proximamente isto o que ainda hoje se faz.

Distinguem-se nos livros liturgicos duas classes de domingos: são de primeira classe os de *Ramos*, *Paschoa*, *Quasimodo*, *Pentecostes* e *Quadragesima*; os domingos ordinarios constituem a segunda. Dava-se outr'ora a cada domingo do anno um nome particular, extrahido do introito da missa do dia; uso que ainda subsiste em alguns da quaresma, que se designam pelas palavras: *Reminiscere*, *Oculi*, *Judica*.

Data do estabelecimento do christianismo a prohibição das occupações servis no domingo, ordenada pela igreja; e desde logo se prescreveram deveres e praticas de piedade, culto publico e conhecido. Foram defêsos os espectaculos e todos os divertimentos capazes de offender a pureza dos costumes.

O primeiro imperador christão, Constantino, ordenou em 321 que no domingo cessassem todas as funcções do fôro; excepto as de urgente necessidade, ou dictadas pela caridade christã, taes como a alforria dos escravos. Uma lei do anno 425 pro-

hibiu 'nesse dia as representações theatraes. Em 538 e 585 alguns concilios tornaram extensivo o impedimento aos pleitos e até mesmo ás viagens.

Reforçaram os padres da igreja do quarto seculo, com vehementes exhortações, as leis dos imperadores para compellirem os fiéis á santificação dos domingos e festas solemnes, induzindo-os a que então se abstivessem de quaesquer divertimentos, como de uma flagrante profanação.

No setimo e oitavo seculo applicaram-se ao domingo christão as prohibições austeras do sabbado judaico, e até ao seculo decimo terceiro se mantiveram em todo o seu rigor.

Em França, a ordenação de Orleans de 1560, a de Blois de 1579, as leis do parlamento de París do 1.° d'outubro de 1588 e de 3 de setembro de 1667, as ordenações reaes de 8 de maio de 1701 e de 8 d'outubro de 1712, mandaram guardar o domingo; hoje porém vigora apenas a lei de 8 d'abril de 1802, que estatue para os funccionarios o feriado dominical; a de 18 d'outubro de 1814, que impunha a suspensão de quasi todos os trabalhos nos domingos e dias santificados, posto que não fosse derrogada formalmente, caíu em desuso, sobre tudo nas cidades.

A Inglaterra é o paiz onde mais estrictamente se observa ainda o preceito alludido; 'nesse ponto do culto externo são concordes as varias seitas ali existentes: não só os multiplices negocios, senão tambem os divertimentos, ou publicos ou particulares, acham no domingo, e durante vinte e quatro horas *chronometricas*, a mais severa interrupção.

O breve pontificio de 14 de junho de 1844, de Gregorio XVI, aboliu todos os dias santos *dispensados*, isto é, aquelles em que havia a obrigação da missa, mas não a prohibição do trabalho. O mesmo breve suprimiu os seguintes dias santos de guarda: Natividade de Nossa Senhora, S. José, S. Thiago, e as tres oitavas da Paschoa, Espirito Santo e Natal.

Até aqui, as prescripções religiosas secundadas pelas civis. Examinemos agora o assumpto sob outro ponto de vista: vantagem de harmonia social. O que vamos dizer é nada menos que a opinião de Chateaubriand, expressa no *Génie du Christianisme*. Diz elle textualmente:

« Le dimanche réunissait deux grands avantages: c'était à la fois un jour de plaisir et de religion. Il faut sans doute que l'homme se délasse de ses travaux; mais comme il ne peut être atteint dans ses loisirs par la loi civile, le soustraire en ce moment à la loi religieuse, c'est le délivrer de tout frein, c'est le replonger dans l'état de nature, et relâcher une espèce de sauvage au milieu de la société. Pour prévenir ce danger, les anciens même avaient fait aussi du jour du *repos* un jour *religieux*; et le christianisme avait consacré cet exemple. »

Oiçamos ainda Chateaubriand, avaliando o setimo dia da semana em relação ás conveniencias physicas e hygienicas da humanidade, e até dos irracionaes:

« Le calcul décimal peut convenir à un peuple mercantile; mais il n'est ni beau ni commode dans les autres rapports de la vie, et dans les équations célestes. La nature l'emploie rarement: il gène l'année et le cours du soleil; et la loi de la pesanteur, ou de la gravitation, peut être l'unique loi de l'univers, s'accomplit par le *carré*, et non par le *quintuple* des distances. Il ne s'accorde pas devantage avec la naissance, la croissance et le développement des espéces: presque toutes les femelles portent par le trois, le neuf, le douze, qui appartiennent au calcul seximal. On sait maintenant, par expérience, que le cinq est un jour trop près, et le dix un jour trop loin pour le repos. La terreur, qui pouvait tout en France, n'a jamais pu forcer le paysan à ramplir la décade, parce qu'il y a impuissance dans les forces humaines, et même, comme on l'a remarqué, dans les forces des animaux. Le beuf ne peut labourer neuf

jours de suite; au bout du sixième, ses mugissements semblent demander les heures marquées par le Créateur pour le repos général de la nature. »

'Neste mesmo sentido se nos deparam reflexões ponderosas no *Diccionaire de Théologie par l'abbé Bergier*. Nota-se ali um embate de opiniões sobre a questão dominical; e citam-se as palavras do Salvador, referidas no cap. 2.º do Evangelho de S. Marcos: *Sabbatum propter hominem factum est, et non homo propter sabbatum*; das quaes parece concluir-se que instituindo o Creador um repouso preceptivo, não teve a intenção exclusiva de reservar um dia para o seu culto, mas tambem a de regular, em periodos certos e impreteriveis, o alivio do trabalho aos mercenarios que se afadigam debaixo da pressão, muitas vezes cruel, de seus dominadores. E este juizo é confirmado pelo proprio Bergier, quando, querendo impugnar os argumentos de seus contrarios, diz:

« Lorsqu'il sera permis de travailler le dimanche, qui nous répondra que les maîtres avares et durs n'abuseront pas des forces de leurs domestiques? En voulant soulager les uns, il ne faut pas s'exposer à écraser les autres. »

Resta-nos tomar o assumpto por outra face: relativamente ás vantagens das classes indigentes.

Saint-Pierre, no tomo 8.º das *Oeuvres Politiques*, julga que a prohibição do trabalho ao domingo é apenas uma regra disciplinar ecclesiastica, a qual suppõe que toda a gente pode, sem notavel transtorno, subtrahir esse dia ao tempo das suas tarefas. Não só quizera elle que todas as festas de guarda fossem solemnisadas no domingo, senão que d'este ficasse livre aos pobres uma grande parte afim de proverem a muitas coisas uteis, e sobre tudo acudirem á mingoa de suas familias: pondera que a permissão do trabalho, depois da missa e catechese da manhã, seria uma obra de caridade para tantos desvalidos. Calcula Saint-

Pierre que, mediante permissão tal, o ganho de operarios e agricultores excederia por anno a somma de vinte milhões de francos.

Não podemos aqui resistir á tentação de transcrevar aquelles versos que La Fontaine põe na boca do miseravel obreiro na fabula *Le savetier et le financier:*

.... le mal est que toujours
(Et sans cela nos gains seraient-assez honnêtes),
Le mal est que dans l'an s'entremêlent des jours
Qu'il faut chômer; on nous ruine en fêtes:
L'une fait tort à l'autre; et monsieur le curé
De quelque nouveau saint charge toujours son prône.

Tudo quanto fica exposto, estribado, como é, no testemunho de autoridades insuspeitissimas, parece-nos demonstrar que no preceito alludido ha uma parte religiosa, outra civil: que a primeira é concernente á santificação d'aquelle dia; em quanto a segunda representa, collectiva e promiscuamente, o descanço, o regosijo, a sociabilidade.

Vem para aqui um formoso trecho do nosso, em todos os particulares, inimitavel interprete de Ovidio, nas notas do 1.° tomo das *Metamorphoses:*

« Ha no ocio dos dias santificados o que quer que seja de tão poetico e alegre, que a todos, por mil maneiras, se dá a sentir; ainda aquelles que, por não cortados de trabalho, e trabalhos, não podem dizer que repousam em dias taes, e todos os de sua vida desaproveitam, lá participam, como podem, d'este geral e vivaz recobro de corpos e espiritos. Não sei eu como diga a leitores dispoetas, e anti-poetas, certo semi-segredo de que em uma manhã de domingo o meu amigo Herculano e eu fizemos larga e curiosa pratica, sentados á sombra de ciprestes, e diante de bom sol, no cemiterio dos inglezes. Concordámos entre nós, e comnosco concordaria Zimmermann, se ahi fosse, que tambem a alma tinha seus trajos domingueiros, e que, em os revestindo,

saía mui outra, mais desempenada, mais leve, mais prestes, mais bem encarada e disposta, e menos descontentadiça; que não só a gente feriada lhe parecia diversa e melhor, senão que o proprio mundo material se lhe representava então, tanto ou quanto, transformado e enfeitado; e que um sol de dia santo, ainda annuviado, era mais inspirador, quasi mais claro, e, em nosso sentir, muito mais sol, que um sol descoberto d'estio em dia estrugido e lidado de misteres e occupações. Folgar só, e folgar bem, quando todos os mais andam atarefados e solicitos, não pode ser; nem tambem, quando todos folgam, deixar um só em meio d'elles de se agitar, ainda que não seja senão vagamente, para o contentamento: é mais uma prova de que nos fez e talhou Deus para a sociedade. »

Comprehendemos o metaphysico semi-segredo que o sr. Castilho, com tanta elegancia revelou.

Longe de nós o profano pensamento de negarmos ao domingo esse ar festival que 'nelle se aspira, esse folgar multiforme que d'elle se deriva, e por toda a parte se reproduz; o que havemos de negar, pois comnosco a razão o nega, é ser o regozijo materia d'imposição, quando é obvio que a espontaneidade se lhe torna essencial. Poderá acaso participar do geral contentamento quem soffre privação do indispensavel á vida? Exulte muito nas boas horas quem tiver de sobra o provimento da sua casa no dia votado á folgança commum; quem aos raios d'aquelle sol, que mais esplendido se representa, vê a abundancia no lar, a serenidade nos rostos familiares, o prazer de portas a dentro. Mas o desventurado, cujo albergue está desprovido, que vê em torno de si, á luz d'aquelle mesmo sol, que parece excluil-o, a mulher e os filhos, socios nas lidas e nas penas, com as faces pallidas, os olhos lacrimosos, a voz faminta, pedindo a parca sustentação, esse, tomaria por ultrage, barbaramente perpetrado contra a sua penuria, a estolida obrigação de passar as amargas ho-

ras de todo um dia no ocio regalado, que só a paz intima pode conceder.

Isto porém, que objectâmos, suppõe todo o rigorismo do preceito; examinemol-o agora conforme tem vigorado desde 321, data da lei a tal respeito promulgada pelo imperador Constantino; achâmos que as leis dos monarchas e concilios foram ampliando os acanhadissimos limites em que estava circumscripta a liberdade, quasi nulla, de laborar no domingo: para cada especie de trabalho veiu, pouco a pouco, nova faculdade; foi-se dilatando a esphera das concessões; o que equivale a dizer que o preceito, desautorisado lentamente, veiu caminhando para a sua aniquilação.

Cumpre-nos em fim vêr a questão na actualidade. ¿Como é que entre nós, os portuguezes, se cumpre o preceito? Percorramos, em breve analyse, as diversas classes sociaes onde elle melhor se pode avaliar. Os funccionarios civís guardam officialmente o domingo; os militares não o distinguem; e mesmo d'entre aquelles os que, ou fixos ou ambulantes, pertencem a estações postaes, e ainda os que têem exercicio em certas casas d'arrecadação, esses não podem no dia santificado livrar-se do serviço publico. Para os artistas dramaticos, e em geral para os empregados nos theatros, o domingo é um dia lidado. Os typographos e impressores (ultimamente só os da imprensa nacional) trabalham ao domingo, e folgam ao sabbado. Dos logistas, uns guardam inteiramente o dia festivo, conservando fechados os estabelecimentos, outros trafegam de portas abertas durante parte d'aquelle dia; e ha taes, em cujo numero (note-se bem!) entram as casas de jogo, tabernas, botequins e estancos, que não só desconhecem a guarda do dia santificado, mas ainda durante elle têem maior trafico e mais pesada labutação. Mais e melhor: a tauromachia, essa antithese da civilisação hodierna, reserva exclusivamente para o domingo a exposição d'aquellas scenas bar-

barescas que o gosto sanguinario, suffocando os clamores da natureza, applaude estrepitosamente!

Tudo o que ahi bosquejámos, confrontando o uso antigo com o moderno, citando leis civis e ecclesiasticas, colligindo trechos de escriptores de primeira plana, parece levar-nos logicamente a uma inducção final; mas, em assumpto tão por extremo delicado, não ousaremos nós aventural-a: fôra mais que temeridade, fôra obcecação do espirito, manifestar o seu parecer em materia tão espinhosa e complexa, quem só poderia firmal-o com um nome obscuro, sem especie alguma de autoridade.

Por derradeiro, vamos fallar d'uma occupação incalculavelmente lucrativa, mui religiosa e pia, e ao mesmo tempo mui folgada, á qual se devêra applicar grande parte do dia do Senhor.

Uma officina onde as faculdades intellectuaes em acção mutua trabalham para locupletar o espirito, onde a luz que o Eterno accendeu no ente privilegiado, feito á sua imagem, se nutre e aviventa, não pode profanar pelos seus trabalhos, tão productivos de fructos, e perfumados de flores, a solemnisação do dia santificado. Essa officina é a *escóla dominical.*

Os adultos a quem as ininterruptas fadigas, de que tiram a parca subsistencia, não permittem frequentar a escóla quotidiana mesmo destinada por sua natureza á infancia, na escóla dominical muito haviam de aproveitar para o intendimento e para o coração.

Seria de quasi nullo effeito uma lição semanal pelo antigo ensino de lêr e escrever, ensino repulsivo por tardo, imperfeito e tedioso, consequencias inevitaveis dos seus principios, uns falsos, outros irracionaes, e todos abstrusos; mas adoptado o *Methodo-Portuguez-Castilho* que, alem de fazer a doutrinação perfeita e veloz pela racionalidade, philosophia e concatenação systematica dos seus processos, a mestres e discipulos apraz e enleva, doirado, como é, de mil attractivos e seducções, uma sim-

ples lição em cada semana daria dentro de poucos mezes optima colheita de sasonados fructos.

¿ E quem havia de reger essa escóla nas villas e aldeas, se até nas cidades, se na propria capital do reino, com tanta justiça se deplora ainda a carencia de professores peritos 'naquelle ramo, o mais importante e o mais difficil, da frondosa arvore da instrucção ?

Temos para nós que, sobre tudo nas povoações ruraes, em ninguem mais cabalmente que no parocho pudera assentar a regencia da escóla dominical. Não é só a escacez de professores idoneos que nos move a crêl-o : a indole dos dois ministerios, sacerdocio e professorado, tão analogos entre si, é o mais solido fundamento d'esta nossa opinião. No dia santificado, após a missa e catechese da manhã, isto é, depois de ter o cura d'almas sido o pastor espiritual, nada mais logico, nem mais santo, do que ser elle mesmo o arroteador dos intendimentos, o fanal da eterna luz.

Estabelecida a fecunda escóla, o lêr e escrever, ainda hoje prenda rara em quasi todas as freguezias rusticas, no decurso de mezes se tornaria commum a todas as idades, desde a puericia até á senectude.

Oxalá vissemos instituida, e radicada por todos os cantos do reino, a escóla dominical !

ANTONIO DE CABEDO.

NOTA DECIMA QUINTA

PAGINA 19 — VERSO 21

DIA DE ANNO BOM

Pagina, que diga respeito ao dia d'anno bom, deve começar pelas boas festas ao leitor! É o que me parece. Tenha o leitor muito boas festas, em companhia de quem mais estima!

Ah! isto sim, que é dia! dia grande, dia eterno que espalha sobre o anno inteiro o reflexo da luz que o doira, e perpetua, até ao S. Silvestre, os elementos, que nas suas vinte e quatro horas o acompanharam!

Abençoados romanos, que no primeiro de janeiro não faziam senão dar dinheiro uns aos outros, para o anno lhes correr direito! Não eram homens para descerem a inventar as brôas, dadiva enjoativa cuja vantagem unica é ser de um custo que faz bom paladar! Tinham de seu, e eram dotados de propensão para dar cabo da bolça! Fossem para lá com o *centro commercial*, chamariz dos janotas pobres, que compram presentes a dez réis! O dinheiro era a alma d'elles! Se os do nosso tempo não tivessem outra, o maior numero ficava todo materia! Eu creio que 'naquelles tempos, toda a gente era rica! desde que a terra se povoou de pobretões intelligentes e de meninas que querem casar sem dote, é que principiou esta riqueza convencional do talento e das virtudes! É riqueza que d'antes não existia!

Diz a isto alguma gente fina, que não vai o tempo para uma pessoa tornar a usos de caturrice, e que seria mau tom voltar á moda dos romanos, que no primeiro de janeiro davam indistinctamente dinheiro uns aos outros, o que nos iria collocar na contingencia de cada um, 'neste dia, ter que aceitar dinheiro do seu proprio inferior! Historias da vida! Eu sou exactamente como Philippe, pai de Alexandre o grande, que no meio dos seus triunfos pedia aos deuses algumas humilhações! Tomára sempre que o destino me humilhasse dando-me dinheiro!

Nossos pais, assim mesmo, guardavam estas festas em maior veneração. Pois, os frades! Isso, do natal aos reis era a qual d'elles, á mesa, havia de fazer ao outro mais largo presente.... de saudes!

Grande gente, para avaliar o lombo de porco, e conhecer a natureza do Carcavellos!

Hoje, deu-se 'nesta moda de comer tanto nos dias simples, como nos de festa, e é raro quando uma honrosa indigestão vem coroar o jantar de um bello dia!

Em Allemanha, assim que chega o S. Silvestre, quebram-se nas casas todas as panellas, os tachos, os boiões; basculham-se os sotãos, desenrolam-se as esteiras, despejam-se as arcas, sacodem-se as gavetas, varre-se tudo, para que o demo não fique escondido, e põe-se a casa limpa e aceiada para receber festivamente o anno bom!

Oh! este é o meu dia predilecto! Elle está entalado na mais generosa quadra do anno, do natal aos reis! A época das consoadas, a época do pão por Deus!

Os romanos, 'neste dia, tinham por uso fazerem a *bocca doce* uns aos outros, e enviarem-se como dadiva um barrilinho de mel branco! O presente, aqui para nós, era pouco artistico; e os francezes, tanto o conheceram, que mudaram para a moda das cartonagens, dos livros, dos *bonbons!*

Ah! os *bonbons!* Saint-Léon, o talento por excellencia da choreografia, se é que não era o talento de todas as coisas d'este mundo, tão boa musica compunha, com tão bom gosto tocava, com tanta graça escrevia! Saint-Leon, uma vez que estavamos a conversar do dia d'anno bom em París, dizia-me todo acceso em enthusiasmo: Oh! se você se achasse de repente em París 'num dia d'anno bom, era capaz de endoidecer! Parece que a humanidade se dá *rendezvous* 'naquellas ruas! Não se ouve fallar senão em *bonbons!* Não se ouve gritar senão: *bonbons!* É a quem hade comprar, a quem hade dar, a quem hade comer mais *bonbons!*

Entre nós, é a brôa classica o que faz as vezes d'esses bolinhos elegantes. Mas na boa sociedade não se permitte similhante engodo aos beiços, e usa-se apenas dar um presentinho elegante, ou algum livro de luxo, *Les Fleurs*, *Les Fées*, *etc.* dadiva de melhor gosto que engoda antes o espirito, e o coração... ás vezes! O livro de missa, tambem se usa muito para este dia, mas é offerta mais favorita da burguezia. As coisas servem, conforme a quem se destinam: escusam livro, as que não vão á missa!

Houve tempo em que a igreja condemnou os presentes por os considerar muito pagãos. Mas, felizmente, levantou-se o *veto*, felizmente, porque se acaso tem fundamento esta preoccupação, que já vem de longe, de que o que se faz no dia d'anno bom, se hade repetir em todos os dias do anno, deve ser coisa agradavel aos que no primeiro de janeiro têem quem se lembre d'elles, ficarem a receber mimos até ao pôr do sol do ultimo de dezembro, se é que em dezembro ha sol!

Certo é que esta preoccupação levava os antigos a trabalharem 'neste dia, prognostico de que haviam de trabalhar todo o anno! Nós cá, tambem não nos perdemos: temos as visitas ao paço, por ser dia de cortejo! É bem boa estreia, para todo o grave

medalhão, que saiba presar estes ensejos de sacar da caixa o chapéo armado, e enthronisar-se na farda com o espadim!

Ás dadivas d'este estimado dia, chamam os francezes *les étrennes*, o que significa *as estréas*. Chama-se estrêa ao primeiro uso que se faz de uma coisa; todos nós temos ouvido a nossa creada dizer: *Deus permitta que não chova quando eu estrear o meu capote*, e qualquer homem de venda, attribuir a *querer-se estrear*, o preço diminuto por que nos entrega a fazenda, quando fazemos negocio logo de manhã!

Na collecção prodigiosa d'anedoctas, de memorias, e correspondencias authenticas que dizem respeito á grande tragica Rachel, e que por occasião de sua morte se publicou em Paris, refere-se o singular presente de dia d'anno bom, que a grande Athalia, a grande Lydia, a grande Andromacha da scena franceza, fez a um autor dramatico, enviando-lhe uma porção de mata-borrão, acompanhado d'estes dois versos:

Et si je ne suis pas lá,
Mon buvard au moins y será!

Em igual época, a immortal Camilla, a immortal lady Tartuffe, escrevia a um amigo, a quem de ordinario pedia conselho para a escolha do que comprava:

N. manda-me, como dadiva d'estrêa d'anno, *bilha de leite por bilha d'azeite* (un oeuf pour avoir un boeuf). Veja você se passa pela loja Jérome e se me compra seja o que fôr de cem francos, nem mais um maravedi; se fôr coisa que finja custar duzentos, melhor é a festa! Estive por um tris a impingir-lhe um china que possuo, que tem um pé quebrado, por signal! Mas, Rebecca disse-me que é bonito de mais para aquelle figurão. Estou hoje de um estilo exotico: chove tanto! — A sua especulada amiga — *Rachel.*

Para quem julga da indole dos grandes genios, através do prisma que o prestigio da gloria dá, é talvez um desencantamento avistal-os ao perto, umas vezes rudes, avâros outras vezes, e ponderar sobre tudo o que ha de simpleza, o que ha de vulgaridade mesmo 'nestes caracteres que só em distancia brilham e que perdem quando se confrontam á luz prestigiosa, á luz tentadora da sua aureola!

As dadivas, que o uso prescreve se offereçam 'neste dia, variam conforme as terras e os costumes. Entre nós, é, como o leitor sabe por seu mal, a cartonagem, e as *brôas*, para iguaes ou superiores: para os creados, dinheiro. No Minho, manda-se uma fritura chamada *orelhas de abbade*. É uma especie de *charlotte*, para nos servirmos do nome com que a conservaria distingue este prato, visto que o sexo amavel empresta os nomes proprios a estes acepipes que só se parecem com elle na doçura. Tentemos explicar mais conscienciosamente esta goloseima, sem que o leitor cuide por isto que lhe vou ensinar a fazer orelhas d'abbade. É uma massa que toma com o calor do lume no acto de se frigir certas protuberancias d'um lado, e certas depressões do outro que lhe affectam a forma de uma orelha, mas de uma orelha gorda como cumpre serem as dos melhores abbades!

Uma grande costumeira d'este dia, nas provincias, e 'nalguns arrabaldes de Lisboa mesmo, é o cantar as janeiras. Junta-se a gente ordinaria da terra, e mal chega o dia d'anno bom rompem as vozes:

As janeiras não se cantam
Nem aos reis, nem aos fidalgos!

Este sentimento democratico da cantiga, não os impede, ainda assim, de ser justamente á porta dos fidalgos da terra, que elles vão cantar isto, para se lhe dar dinheiro para vinho!

Em Elvas, a usança é atar uma pelle de carneiro ao gar-

gallo de uma bilha, que se fica chamando *rouca*, e batendo na pelle com um pau, alcançar sons que fazem o dito verdadeiro!

Havia de certo mais a referir d'este grande dia, mas tenho, confesso na minha humildade, um grande receio de que o leitor se enfade, visto que o ler-me a nota com agrado, me servirá... de pão por Deus!

JULIO CESAR MACHADO.

NOTA DECIMA SEXTA



PAGINA 21 — VERSO 14

SYSTEMA MONETARIO DOS ROMANOS

Allude Ovidio 'nestes versos ao estado da moeda entre os romanos, tanto nos primeiros seculos depois da fundação de Roma, como no tempo, em que vivia. Na primeira época, segundo elle, a moeda foi de cobre; porem no seu tempo corria já o oiro, sendo o cunho das moedas de cobre d'um lado uma cabeça com dois rostos, e do outro um navio. A cabeça com dois rostos era a de Jano. O navio recordava a hospedagem dada por este principe a Saturno, quando expulso do ceo por Jupiter viera procurar abrigo na Italia aportando na Etruria.

D'estes objectos representados 'naquelle cunho concluiram muitos autores antigos, que fôra Saturno, quem, reconhecido á hospedagem que recebêra, ensinara a Jano a cunhar moeda. Outros, como Varrão, Athenaeo, e Macrobio, attribuem a cunhagem ao proprio Jano.

Plinio referindo-se a Timéo diz (Hist. Nat. 33, 13. 18, 3),

que a moeda corrente, nos primeiros annos de Roma, foi de cobre, em barras informes, sem cunho, sendo o seu valor regulado pelo pêso: que foi Servio Tullio quem estabeleceu o cunho, que era uma ovelha, ou um boi (pecus), d'onde veiu a palavra *pecunia* para designar qualquer somma de dinheiro: que a cabeça de Jano e o navio só appareceram nas moedas de cobre, quando, durante a primeira guerra punica, o asse foi reduzido do pêso de doze ao de duas onças; que a prata só foi cunhada cinco annos antes da primeira guerra punica, ou no anno de Roma 485; e que a moeda de oiro começára sessenta e dois annos depois, isto é, no anno de Roma 547.

Tendo Ovidio nascido no anno de Roma 711 havia cerca de duzentos annos que eram cunhadas em Roma as moedas de oiro quando aquelle poeta compoz os *Fastos*. A sua narração concorda pois com a de Plinio, se exceptuarmos o que diz respeito ao cunho, que, segundo Ovidio, parece ter sido sempre nas moedas de cobre a cabeça de Jano e o navio, asseverando Plinio ter este sido uma ovelha, ou um boi desde Servio Tullio até á primeira guerra punica, isto é, durante um espaço de mais de trezentos annos.

Não parece haver exacção 'nesta parte, nem no que diz Plinio, nem no que diz Ovidio; por quanto se encontram muitos asses de doze onças, ou suas divisões, em que já se vê a cabeça de Jano e o navio, e outros asses d'aquelle pêso, e dos pêsos inferiores, com outros cunhos, como cabeças de guerreiros, a figura de Roma, diversos animaes, o raio etc.; o que se pode vêr em Montfaucon: *Antiquité expliquée*, tom. 3.º e no respectivo supplemento, tom. 3.º

Que era o pêso, que regulava o valor da moeda entre os romanos nos primeiros tempos de Roma, prova-o a etymologia de muitas palavras, como *dispensator* (pagador), *expensum*, *dispendium* (despesa), *pensio* (pagamento), *compendium* (economia),

impendium (usura), que vêem de *pendere* (pesar) (*Varrão. De lingua latina*, liv. 5.º 182).

O que aconteceu, e acontece ainda, em outras nações confirma tambem esta opinião. Entre os hebreus era igualmente o pêso, que regulava o valor das moedas. Quando Abrahão pagou a Ephron o campo, que lhe comprára, por occasião da morte de Sara, para sepultura da sua familia, pesou os quatrocentos siclos por que se ajustára a mesma compra (Gen. cap. 23). A propria palavra *siclo*, *schekel*, que é igualmente unidade monetaria, e unidade de pêso, vem do verbo hebraico *schakal*, que significa pesar. Strabão fallando dos habitantes da Hespanha soptentrional diz (liv. 3.º, pag. 155), que estes empregavam no commercio pedaços de laminas de prata, que cortavam á medida que lhes eram necessarios, o que prova, que era o pêso, que lhes regulava o valor. O mesmo acontece ainda hoje na China, cuja moeda são barras de prata, que se dão igualmente a pêso.

Negam alguns autores, que fosse Servio Tullio quem primeiro amoedou o cobre em Roma, e attribuem esta gloria a Numa, de cujo nome derivam a palavra *nummus*. Plinio confessa (Hist. Nat. 34, I.), que na divisão, que Numa Pompilio fez do povo romano, o terceiro collegio era composto dos fundidores de cobre. Esta opinião, que muitas outras circumstancias justificam, ganhou grande pêso com os importantes trabalhos dos padres jesuitas *Marchi* e *Tessieri* descriptos na sua obra *Dell' aes grave dell' Museo Kircheriano*, e que, como assevera Dureau de la Malle (*De l'Economie politique des Romains*, tom. 1.º cap. 9.º) têem merecido a approvação dos mais sabios archeologos da Italia.

Fosse porem Numa, ou fosse Servio Tullio, que tivessem estabelecido a amoedação do cobre, a verdade é, que nos primeiros seculos depois da fundação de Roma as moedas de cobre faziam a base do seu systema monetario, como acontecia em todas as cidades italicas (*Eckel. Doctrina nummorum veterum. Pro-*

legomena), e todas as contas eram reguladas em relação ao asse. Foi o asse que serviu de base á avaliação das fortunas dos particulares no celebre censo de Servio Tullio, como se vê em Tito Livio, liv. 3 cap. 3.

A etymologia vem ainda confirmar esta opinião. Da palavra *aes, aeris* (cobre) vieram *as* (asse), *aera militum* (soldo dos militares), *tribuni aerarii* (tribunos do thesouro), *aerarium* (erario ou thesouro publico), e outras palavras citadas por Plinio, (liv. 34, 1.) e que se encontram nos autores antigos.

As moedas de cobre soffreram varias alterações no pêso. Os primeiros asses pesavam uma libra, e d'aqui veiu a denominação que tambem se lhes deu de *libra*, e mais tarde de *libella*, quando começaram a diminuir de pêso.

Convem advertir, que a libra romana se dividia em doze onças, a onça em oito drachmas, a drachma em tres scropulos, e o scropulo em vinte e quatro grãos. A libra romana tinha pois doze onças, ou noventa e seis drachmas, ou duzentos e oitenta e oito scropulos, ou seis mil novecentos e doze grãos.

Alem dos asses de uma libra, ou de doze onças, fabricaram-se igualmente divisões e multiplos d'estas moedas. As divisões denominavam-se:

Deunx........................	11	onças
Dextans......................	10	»
Dodrans......................	9	»
Bes ou Des.................	8	»
Septunx......................	7	»
Semissis......................	6	»
Quincunx.....................	5	»
Triens.........................	4	»
Quadrans.....................	3	»
Sextans.......................	2	»
Uncia ou Stipes uncialia...	1	»

Os multiplos denominavam-se:

Dupondius.....................	2 asses
Sestertius.....................	$2\frac{1}{2}$ »
Tressis.........................	3 »
Quadrussis....................	4 »
Quintussis.....................	5 »
Sextussis.......................	6 »
Septussis.......................	7 »
Octussis........................	8 »
Nonussis.......................	9 »
Decussis.......................	10 »

Varrão (De lingua latina, liv. 5, 169-172), fallando d'estas divisões e multiplos do asse, faz menção da *semuncia* (meia onça, da *sextula* (sexta parte da onça), do *bicessis*, ou *vicessis* (dois *decussis)*, do *tricessis* (tres *decussis)*, e assim seguidamente até ao *centussis* (dez *decussis)*: é porem de presumir, que algumas d'estas moedas nunca foram cunhadas. Entretanto na estampa n.º 88 da obra de Montfaucon já citada *(L'antiquité expliquée*, tom. 3.º) se vêem duas grandes peças de cobre, quadrados oblongos, com a figura d'um boi, e o pêso de quatro libras, que são o *quadrussis.* O mesmo autor diz no supplemento áquella obra, tom. 3.º, que no gabinete de lord Pembrock existia um *quintussis*, que tinha a mesma forma do *quadrussis*, e representava um boi de cada lado.

Varrão na obra e logar citados dá a etymologia de algumas d'estas palavras. O *dupondius* vem de *duo pondus* (o asse era tambem chamado *assipondius)*. O tressis de *tres asses*, e assim successivamente até ao *nonussis.* O *sextans*, o *quadrans* , e o *triens* de *sextus*, *quartus*, *tertius ;* porque representavam a sexta, a quarta, e a terça parte do asse (duas, tres, quatro onças). O

semissis, de *semi as*, ametade do asse. O *septunx*, de *septem et unciae*. O *deunx*, de *deest uncia*, falta uma onça para uma libra, ou para o asse. O *dextans*, de *deest sextans*. O *dodrans*, de *deest quadrans*. O *bes* ou *des*, de *deest triens*.

Plinio diz, que o asse passou repentinamente do pêso de doze ao de duas onças, e refere a causa d'essa alteração: « Deu-se ella, diz este autor (Hist. Nat. 33, 13), durante a primeira guerra punica, porque a republica não podia satisfazer ás suas despezas. Decretou-se por tal motivo, que o asse seria de duas onças, com o que a republica lucrou cinco sextos, e pagou as suas dividas. No entanto os monumentos, que chegaram até aos nossos dias, provam incontestavelmente, que houve asses de pêsos intermedios entre os de doze, e os de duas onças. Montfaucon na obra já citada apresenta os desenhos de varios asses, e suas divisões, em grandeza natural, os quaes provam, que houve asses de seis, de quatro, e de tres onças; e Letronne *(Considérations générales sur l'évaluation des monnaies grecques et romaines)* assevera, que se encontram asses bem conservados, e suas divisões, indicando reducções a onze, dez, nove, oito, seis, cinco, quatro e tres onças. Estes asses deviam pois preceder inquestionavelmente os asses de duas onças.

Em apoio da narração de Plinio ha tambem a autoridade de Varrão, que é de muito pêso, por quanto foi autor tão erudito que mereceu de Cicero a qualificação de *diligentissimus investigator antiquitatis*. Varrão, que viveu antes de Plinio, assegura *(De re rustica* 1, 10), que o asse tinha duzentos e oitenta e oito scropulos (uma libra) antes da primeira guerra punica. A mesma idéa exprime Festo *(De verborum significatione, voce, Aes grave)*.

Mas por outro lado ha muitas passagens de Tito Livio (liv. 4 cap. 41, 60, liv. 5 cap. 12, 32, liv. 22 cap. 33 etc.), em que se falla de multas, ou recompensas mandadas satisfazer em

moedas *aeris gravis;* o que prova, que as moedas de cobre, que estavam em circulação, não tinham já o pêso de uma libra, ou de doze onças, e que para aggravar as multas impostas, ou augmentar a recompensa concedida, se ordenava, que fossem pagas, não na moeda corrente, mas em cobre, na razão do primeiro pêso, que tinha tido o asse. Ora os factos, que descreve Tito Livio nos logares citados, deram-se muito antes da primeira guerra punica, isto é, da época, em que Varrão, Plinio e Festo asseguram, que o asse tinha ainda o pêso d'uma libra.

A interpretação que damos á frase *aes grave* empregada por Tito Livio, Seneca, Plinio e Festo, é tambem a que lhe dão *Gronovio (de sestertiis)* e *Rollin* na sua Historia Romana, sustentando, que só se fez uso da mesma frase depois que o asse começou a diminuir de pêso.

Entre os modernos *Letronne* (Obra citada) e Boeckh *(Metrol. untersuchungen über münzfüsse und masse des alterthums)* aceitam a versão de Plinio, e sustentam, que as reducções do asse entre os pêsos de doze, e duas onças se realisaram de subito durante a primeira guerra punica. Niebuhr porem *(Romische Geschichte. Die Centurien)* é de opinião, que estas reducções foram graduaes, e que os cunhos do asse, e das suas divisões, ao passo que estas moedas diminuiam de pêso, reproduzem os desenhos dos artistas por mais de duzentos annos.

Germain Garnier nas suas notas a Adão Smith « Riqueza das Nações » nota 2.ª, tinha tambem já sustentado, que ha êrro de copista no texto de Plinio, e que o asse estava já reduzido a duas onças quando foi cunhado o denario de prata, isto é, cinco annos antes da primeira guerra punica, segundo o mesmo Plinio.

O asse não conservou por muito tempo o pêso de duas onças, e foi reduzido ao de uma onça. Plinio fixa a época, em que houve esta nova reducção, e declara os motivos d'ella. « Mais tarde, diz elle, sob a dictadura de Q. Fabio Maximo (durante a segun-

da guerra punica) cunharam-se asses de uma só onça, com o que a republica lucrou ainda metade. »

A esta reducção seguiu-se a do asse a meia onça, em virtude da lei Papiria, como refere ainda Plinio; reducção, que foi seguida pela do asse a um quarto de onça, e de que fazem expressa menção Euzebio Pamphylo, e Julio Africano, citados por Dupuy (*Mém. de l'Académ. des Inscriptions et Belles lettres*, tom. 28.º, pag. 681). Ignora-se a época, em que se realisou esta reducção. Dupuy julga-a posterior a Plinio, visto não ter este escriptor feito menção d'ella. Paucton pelo contrario (*Métrologie*, cap. 6, pag. 392) é de opinião, que a mesma reducção se operou do reinado de Caligula ao de Nero, vivendo ainda Plinio.

Este escriptor não designou o anno, em que se fez a reducção do pêso do asse a duas onças, durante a primeira gnerra punica, que durou, como se sabe, vinte e tres annos, do anno de Roma 490 ao anno 513. *Dureau de la Malle* (Obra citada, cap. 9) pensa, que esta reducção se effectuou no fim da mesma guerra, isto é, no anno 513, e que no anno 510 corriam os asses de quatro onças; por quanto tendo-se estabelecido 'nesse anno em Brindes uma colonia romana, da qual as moedas mais antigas, que existem ainda, são asses de quatro onças, é provavel, que ella tivesse adoptado o modêlo, e o pêso das moedas de Roma. Se esta conjectura fosse verdadeira teria decorrido um espaço de vinte e tres annos entre a reducção do asse a duas onças, e a sua reducção a uma onça, que se realisou, como acabamos de ver, durante a segunda guerra punica sob a dictadura de Q. Fabio Maximo, que principiou no anno de Roma 536, e durou só seis mezes.

Ácerca da época, em que o asse foi reduzido a meia onça, em virtude da lei Papiria tem havido diversas opiniões. Alguns autores dão a essa lei a data do anno de Roma 564, outros a do anno 587. Boeckh (Obra citada) attribue esta lei a Cn. Pa-

pirio Carbo, consul em 669, 670, e 672. Borghesi, de S. Marino, depois de profundos exames, julgou poder sustentar, que a reducção do asse ao pêso de meia onça se verificou durante a guerra social, pelo anno de Roma 665, sendo tribuno do povo C. Papirio Carbo, autor d'outra lei conhecida sob o nome de lei Plaucia Papiria. Esta opinião foi seguida por Dureau de la Malle (Obra citada, tom. 1.º, cap. 9).

Houve pois 'nesta hypothese o intervallo de cento e cincoenta e cinco a cento e cincoenta e dois annos approximadamente entre a reducção do asse a duas onças, e a sua reducção a meia onça.

O denario de prata foi cunhado, segundo Plinio, no anno de Roma 485, cinco annos antes da primeira guerra punica, e valia dez asses que, segundo o mesmo escriptor, eram ainda do pêso de uma libra, ou doze onças. O denario dividia-se em dois quinarios ou victoriatos, ou em quatro sestercios. Quando o asse foi reduzido ao pêso de uma onça o denario ficou valendo dezeseis asses, o quinario ou victoriato oito, e o sestercio quatro.

As moedas de prata foram pois, segundo Plinio:

O denario, dez e mais tarde dezeseis asses.

O quinario ou victoriato, metade do denario.

O sestercio, a quarta parte do denario.

Segundo affirma Varrão (De lingua latina, liv. 5. 174) havia ainda as seguintes moedas de prata.

Asse ou libella, $\frac{1}{10}$ do denario.

Sembella, ametade da libella, ou $\frac{1}{20}$ do denario.

Teruncio, a quarta parte da libella, ou $\frac{1}{40}$ do denario.

A etymologia d'estas palavras, segundo o mesmo autor (Obra citada, liv. 5, 173 e 174) era a seguinte:

Denario vem de *denos aeris* dez asses.

Quinario de *quinos aeris* cinco asses.

Sestercio de *semis tertius*, maneira de contar dos romanos, que começavam sempre pelo numero mais pequeno. *Semis ter-*

tius quer dizer ametade em terceiro logar, sendo os dois primeiros numeros duas unidades $1 + 1 + \frac{1}{2}$.

Libella, porque valia um asse, ou uma libra de cobre, uma pequena moeda de prata.

Sembella, de *semis libella*, a metade da libella.

Teruncio, de *tres unciae*, a metade da sembella, ou a quarta parte da libella.

O quinario chamava-se tambem victoriato, porque tinha o valor d'esta moeda, a qual antes de ter sido mandada cunhar pela lei Clodia vinha da Illyria, e corria como mercadoria. Chamava-se victoriato, porque o seu cunho representava uma victoria (Plinio, 33, 13).

Varrão não concorda com Plinio sobre a época da amoedação da prata, e eleva-a mesmo ao tempo de Servio Tullio, designando o pêso, que tinham então as moedas de prata em relação ás que corriam no seu tempo « Nummum argenteum conflatum primum a Servio Tullio dicunt: is quatuor scriptulis major fuit quam nunc est. » Assim se exprime este escriptor 'numa passagem dos seus annaes, colligidos por Charisius (Dupuy, *Mém. de l'Acad. des Inscriptions et Belles lettres*, tom. 28, pag. 648).

Dupuy pretende, que Varrão se não referia ao cunho da moeda, porem sim ao fabrico d'uma medalha destinada a perpetuar a recordação d'algum facto memoravel. Esta mesma opinião já tinha tido Gronovio (*De Sestertiis*, liv. 14). No entanto o texto é bem claro, e custa a dar-lhe a interpretação que lhe attribuem aquelles autores.

Suetonio diz tambem (*In Augusto*, cap. 75), que Augusto distribuia algumas vezes « nummos omnis notae, etiam regios et peregrinos. »

De tudo isto conclue Dureau de la Malle (cap. 9), que a prata foi amoedada em Roma, não só antes do anno 485; porem ainda sob os ultimos tres reis.

Por outro lado Tito Livio, tratando da guerra, que findou com a destruição de Veios, diz positivamente (liv. 4 cap. 60) que os patricios enviaram ao thesouro em carros a contribuição, que lhes pertencia, em asses de pêso de uma libra *(aes grave)*; visto que ainda não havia prata cunhada *quia nondum argentum signatum erat.* Este facto devia ter acontecido duzentos annos, com pouca differença, depois do reinado de Servio Tullio, e cem antes da época, a que Plinio refere o cunho da prata.

O que parece não admittir duvida é que antes de se cunharem em Roma moedas de prata e oiro corriam já ali estas moedas de outras nações. Festo *(De verborum significatione, in voce patres)* dil-o positivamente: *solebant jam inde a Romulo nummis auri atque argenti signati ultramarinis uti.* Esta narração concorda com o que Plinio diz a respeito do victoriato, como já referimos.

Nem podia deixar de ser assim; porque se nas cidades italicas a moeda, que corria na mais remota antiguidade era de cobre, nas cidades gregas só corria a prata, e raras vezes o oiro. Nas cidades gregas se comprehende a grande Grecia, ou a Italia meridional, que confinava pelo norte com o *Latium*, o qual estava sujeito a Roma desde o tempo dos reis, e se estendia ao longo da costa até Cumes, como se vê do primeiro tratado celebrado pelos romanos com os carthaginezes no primeiro anno depois da expulsão de Tarquinio *(Niebuhr. Der Anfang der republik, und der Vertrag mit Karthago)*. Alem d'isto nos despojos das cidades conquistadas se encontrava oiro e prata, que Tarquinio o Soberbo destinava á construcção do templo de Jupiter, e em que empregou os despojos de Pomecia, calculados por Fabio em quarenta talentos, e por Pisão em quarenta mil libras de prata (Tit. Liv. liv. 11, 53 e 55). E quando mais tarde a Campania foi conquistada pelos romanos, no anno de Roma 410, as contribuições, que este paiz pagava para o thesouro, haviam de ser

satisfeitas em moedas de prata, ou em drachmas, que eram ahi a moeda corrente, as quaes foram postas provavelmente em circulação em Roma, e deram talvez origem ao denario, que se lhe approximava no pêso, e tinha o mesmo valor, por que em Roma corriam as drachmas.

Tito Livio refere ainda um facto (liv. 8, cap. 11), que confirma esta conjectura. Quando o povo da Campania, ligado com os latinos, se revoltou contra Roma, pelo anno de Roma 414, foi condemnado, depois de suffocada a revolta, a pagar a cada um dos mil e seiscentos cavalleiros, que não tinham tomado parte na mesma revolta, quatrocentos e cincoenta denarios. O autor quiz dizer drachmas, porque 'naquella época não corria ainda o denario.

Ácerca do pêso do denario Plinio diz (3-46), que elle devia ser cunhado na razão de oitenta e quatro por libra; o que lhe dava de pêso tres scropulos dez grãos $\frac{2}{7}$ da libra romana. Letronne nota com razão (Obra citada, pag. 17), que este não podia ter sido o pêso do denario do anno 485; porque havendo então, segundo o testemunho de Varrão, como vimos já, a libella, a sembella, e o teruncio, moedas de prata que valiam $\frac{1}{10}$, $\frac{1}{20}$, e $\frac{1}{40}$ do denario, deviam aquellas moedas pesar oito grãos $\frac{8}{35}$, quatro grãos $\frac{4}{35}$, e dois grãos $\frac{2}{35}$ da libra romana, ou quasi doze, seis, e tres grãos do nosso pêso de marco, sendo este para a libra romana como 7 : 10; o que será ainda comprovado 'nesta nota. O teruncio seria pois igual em pêso á duodecima parte das nossas moedas de prata de sessenta réis; o que os tornaria de nenhum uso no commercio.

Letronne sustenta (Obra citada, pag. 18), que o denario de oitenta e quatro por libra foi adoptado, quando o asse foi reduzido ao pêso de duas onças durante a primeira guerra punica; opinião, que é tambem a de Dureau de la Malle. Qual era porém o pêso do denario antes d'aquella época?

Savot pretende, que o denario foi primitivamente cunhado na razão de doze por libra, ou de um por onça (Paucton, *Métrologie*, cap. 5).

Paucton seguindo esta opinião acrescenta, que quando o asse foi reduzido a duas onças o denario foi de setenta e dois por libra, de oitenta e quatro por libra na reducção do asse a meia onça pela lei Papiria, e de noventa e seis por libra, do reinado de Nero em diante.

Boeckh (Obra citada) pensa, que o denario foi cunhado quando o asse ainda pesava doze onças na razão de quarenta por libra, e na de sessenta por libra no fim da primeira guerra punica.

Dureau de la Malle, que na sua memoria sobre o systema metrico dos romanos, inserta nas *Memorias da Academia real das Inscripções e Bellas lettras* (tom. 12.° pag. 326), havia emittido o parecer de que o denario tinha sido primitivameute cunhado na razão de quinze por libra, adoptou mais tarde a opinião de Boeckh, sustentando, que desde os tempos mais remotos até ao começo da primeira guerra punica se fabricaram os denarios na razão de quarenta por libra.

Letronne faz remontar ao tempo de Vespasiano a reducção do denario a noventa e seis por libra. Borghesi e Dureau de la Malle sustentam, que esta já existia no tempo de Nero (Obras citadas).

Estas diversas opiniões mostram a impossibilidade de estabelecer a relação entre o cobre e a prata quando esta foi cunhada. Se o asse fosse então effectivamente de doze onças, e o denario fosse cunhado na razão de oitenta e quatro por libra, a relação entre os dois metaes seria de 840 : 1 ; isto é, oitocentas e quarenta libras de cobre valeriam uma de prata ; relação insustentavel, observando-se mormente, que o asse veiu mais tarde ao pêso d'um quarto de onça, que comparativamente ao pêso do

denario de noventa e seis por libra, valendo o mesmo denario dezeseis asses, dava a relação de 32 : 1 ; isto é, trinta e duas libras de cobre valeriam uma de prata ; o que seria o mesmo que ter o cobre subido vinte e seis vezes no seu valor em relação á prata, ou ter esta descido vinte e seis vezes no seu valor em relação ao cobre.

Esta objecção desappareceria na hypothese de que o asse era já de duas onças quando se cunhou o denario, ou que este tivera então o pêso de uma onça. Na primeira hypothese a proporção seria de 140 : 1 ; na segunda de 120 : 1.

Admittindo-se, que o denario era de oitenta e quatro por libra quando o asse foi reduzido a uma onça, mas ficando valendo então dezeseis asses, era a proporção entre os dois metaes de 112 : 1.

Esta proporção desceu a 56 : 1, quando o asse foi reduzido a meia onça pela lei Papiria.

Finalmente a proporção entre o cobre e a prata veiu a 32 : 1, quando, como vimos já, o asse foi reduzido ao pêso de um quarto de onça, e o denario foi cunhado na razão de noventa e seis por libra.

Letronne, Boeckh, e Dureau de la Malle dizem, que estas ultimas proporções não tem nenhuma importancia ; porque o asse depois da sua ultima reducção ao pêso de uma onça era meramente uma moeda de trocos : entretanto, como veremos adiante, no reinado de Constantino tornou-se a restabelecer a proporção entre os dois metaes de 120 : 1, sem se saber o motivo, por que tal proporção substituiu repentinamente a de 32 : 1, que antes existia.

Com a introducção da moeda de prata deixou o asse de ser a unidade monetaria, e passou a contar-se por sestercios, que, como vimos, era uma moeda de prata tão real como o denario e o quinario.

Deve porem advertir-se que a palavra sestercio no genero neutro, e no singular, *sestertium*, significava mil sestercios; no plural *sestertia*, precedido d'um numero significava tantos mil sestercios quantas unidades continha este numero: assim *decem sestertia* equivalia a *decem millia sestertiorum*, dez mil sestercios. Se se empregava a palavra *sestertium* com os adverbios *decies*, *vicies*, *centies*, *millies*, *etc.*, subentendia-se *centies millies*: assim *decies sestertium* significava *decies centies millies sestertiorum*, dez vezes cem mil, ou um milhão de sestercios: *centies sestertium* equivalia a *centies centies millies sestertiorum*, cem vezes cem mil, ou dez milhões de sestercios.

O *denarius aureus*, ou simplesmente *aureus* foi cunhado, segundo Plinio (Hist. Nat. 33, 13) sessenta e dois annos depois da fabricação da moeda de prata; o que corresponde ao anno de Roma 547, quando o asse já estava reduzido ao pêso de uma onça, e o denario era cunhado, segundo Letronne, na razão de oitenta e quatro por libra.

Plinio acrescenta, que a cunhagem do oiro se fez 'nesse tempo tomando-se por base para o valor d'um scropulo d'este metal vinte sestercios *ita ut scrupulum valeret sestertiis vicenis*; o que faz em libras, na razão dos sestercios de então, novecentos sestercios *quod effecit in libris, ratione sestertiorum, qui tunc erant, sestertios* DCCCC.

Esta passagem preoccupou bastante os autores, que mais especialmente estudaram este ponto, recorrendo alguns a um êrro de copista para o explicarem. Se a libra romana tinha duzentos e oitenta e oito scropulos, se cada scropulo de oiro valia vinte sestercios, a libra de oiro devia effectivamente valer cinco mil setecentos e sessenta sestercios, e não novecentos.

O padre Hardouin nas notas da sua edição de Plinio diz expressamente, que por estes novecentos sestercios quiz Plinio exprimir, não o equivalente d'uma libra de oiro, porem o que

a republica lucrou, dando ao oiro um valor superior ao que tinha no mercado em relação á prata. Esta providencia, que foi adoptada no decimo terceiro anno da segunda guerra punica, dez annos depois da reducção do asse de duas a uma onça, teve provavelmente o mesmo motivo, que foram os embaraços, que aquella guerra trouxe ás finanças do estado, embaraços que, como vimos, o governo de Roma só soube resolver por meio de bancarrotas.

Letronne aceitou esta explicação, que foi tambem seguida por Dureau de la Malle.

O proprio Plinio diz (19, 4), que um scropulo de oiro se trocava 'noutro tempo no mercado por quatro denarios de prata. Sendo o denario de prata cunhado, segundo o mesmo Plinio, na razão de oitenta e quatro por libra, tinha por consequencia tres scropulos $\frac{3}{7}$ de pêso; o que estabelecia a proporção entre o oiro *mercadoria* e a prata de 1 : 13 $\frac{5}{7}$. Mas se um scropulo de oiro em moeda valia cinco denarios a proporção entre o oiro e a prata vinha a ser de 1 : 17 $\frac{1}{7}$. E esta differença, deduzidas as despezas de cunhagem, dava de lucro pelo menos, aquelles novecentos sestercios.

Segundo o valor do mercado, uma libra de oiro devia produzir mil cento e cincoenta e dois denarios de prata (288 $\times$ 4), ou quatro mil seiscentos e oito sestercios (1.152 $\times$ 4): produzindo cinco mil setecentos e sessenta a differença era de mil cento e cincoenta e dois sestercios, que podia muito bem dar aquelle lucro.

Don V. Vasquez Queipo na sua importante e recente obra «Essai sur les systèmes métriques et monétaires des anciens peuples» não julga satisfactoria esta explicação da passagem citada de Plinio. Entende elle, que este escriptor quiz dizer, que tendo os sestercios do tempo, em que se cunhou o oiro, mais pêso do que os que corriam quando elle escreveu, corresponderiam á libra de oiro

'nesta ultima época mais novecentos sestercios do que correspondiam antes. E sustenta esta interpretação dizendo, que os vinte sestercios do tempo da republica, que equivaliam ao scropulo de oiro, pesavam exactamente, segundo as investigações de Letronne, 23 $\frac{1}{8}$ sestercios do tempo de Plinio, ou do imperador Vespasiano: que havia pois em cada scropulo um augmento de 3 $\frac{1}{8}$ sestercios, que multiplicados por duzentos e oitenta e oito, numero dos scropulos contidos 'numa libra, dão exactamente novecentos como diz Plinio.

A base d'este argumento não é tão exacta, como pretende Queipo. Letronne pesou entre mil e novecentos denarios do tempo da republica mil trezentos e cincoenta que lhe pareceram bem conservados, e obteve para termo medio do pêso d'estas moedas: 73 grãos 0597 decimas millesimas do marco de Paris; o que dá ao sestercio ($\frac{1}{4}$ do denario)........................ $18^{gr},2469$

Logo 20 sestercios pesavam........................ $365^{gr},2980$

Porem o denario do tempo de Vespasiano pesava........................ $15^{gr},8625$

Logo os 20 sestercios do tempo da republica pesavam em sestercios do tempo de Vespasiano........................ $23^{sest},029$

Multiplicando por 288 a differença:

$3^{sest},029$ teremos $872^{sest},352$, e não 900.

Porem quando fosse exacto este argumento não nos parece, que fosse por isso mais aceitavel a explicação de Queipo. Plinio não fallou do pêso dos sestercios, mas sim do valor do scropulo de oiro *ita ut scrupulum valeret sestertiis vicenis.* Para que fosse exacta a explicação de Queipo seria pois necessario, que a libra de oiro do tempo de Vespasiano valesse mais novecentos sestercios do que a libra de oiro do tempo, em que este foi cunhado em relação ao scropulo. Ora esta hypothese não se

verifica, porque segundo as proprias pesagens de Letronne os aureos do tempo de Vespasiano pesavam $137^{gr},43$; o que dava para a libra de oiro quarenta e quatro aureos sete decimos, que correspondiam a 1.117 $\frac{1}{2}$ denarios, ou a quatro mil quatrocentos e setenta sestercios. Ora a libra de oiro valia cinco mil sete centos e sessenta sestercios, quando o aureo foi cunhado em relação ao scropulo. A differença seria pois de mil duzentos e noventa sestercios, e não de novecentos.

A explicação de *Hardouin* e *Letronne* para a passagem de Plinio, a que nos temos referido, parece-nos pois preferivel a esta, e muito mais de acordo com o texto do autor.

«Mais tarde, diz ainda Plinio, cunharam-se os aureos na razão de quarenta por libra; porem os principes diminuiram pouco a pouco o seu pêso até se cunharem quarenta e cinco aureos por libra.»

Em algumas edições de Plinio, e designadamente na do *P. Hardouin* lê-se *minutissimé Nero ad* XLV; d'onde se deveria inferir, que a maior reducção do pêso do aureo se effectuou durante o reinado d'aquelle imperador: as pesagens feitas provam porem, que os aureos de menor pêso são d'uma época posterior. Dureau de la Malle (Obra citada, tom. 1.º pag. 88) diz, que segundo as pesagens, que fez, está convencido de que o aureo tinha menor pêso no tempo de Galba, de Vespasiano, e de Tito, do que no tempo de Nero. Letronne tinha já provado o mesmo no quadro, que organisou do pêso dos aureos desde Cesar até Domiciano (Obra citada, pag. 83); o que lhe aconselhou a substituir á palavra *Nero*, o adverbio *vero*. Dureau de la Malle attribue a idéa d'esta substituição, com que se conforma, a Letronne; porem ella se encontra em quasi todos os manuscriptos, como confessa Letronne e o mesmo Dureau de la Malle, e em varias edições, entre as quaes citaremos as de París de 1516, 1559, e 1668. Esta mesma lição foi adoptada por Gronovio (*De ses-*

tertiis, liv. 3, pag. 149), e por Paucton (Obra citada, pag. 414).

De la Nauze (*Mém. de l'Acad. des Inscript. et Belles lettres*, tom. 30, pag. 359) sustenta, que o aureo foi cunhado na proporção seguinte:

Dos annos	de Roma	547 - 560	em relação ao scropulo.			
»	»	560 - 620	»	á libra a	48	por libra
»	»	620 - 635	»	»	45	»
»	»	635 - 650	»	»	42	»
»	»	650 - 717	»	»	40	»
»	»	717 - 767	até á morte de Augt.º		41	»

Da morte de Augusto até aos ultimos annos de Nero o aureo variou de pêso.

Dos ultimos annos de Nero até aos ultimos annos de Caracalla o aureo foi de quarenta e cinco por libra. Esta época vai até á morte de Tito.

No reinado de Domiciano, e nos dois primeiros annos do reinado de Trajano o aureo foi de quarenta e tres por libra.

As outras medalhas de oiro dos reinados de Trajano e de Adriano são de quarenta e cinco por libra.

Paucton conformando-se com esta classificação de De la Nauze é de opinião, que se deve emendar Plinio, que só admitte o cunho do oiro na razão de quarenta a quarenta e cinco por libra.

Letronne (Obra citada) depois de repetidos exames das moedas de oiro anteriores a Julio Cesar, e do tempo dos imperadores, sustenta, que até Julio Cesar, o aureo foi cunhado em relação ao scropulo, e que só de Julio Cesar em diante foi cunhado em relação á libra na razão de quarenta por libra, sendo gradual a sua diminuição de pêso sob os imperadores até chegar

a ser cunhado na razão de quarenta e cinco por libra. Esta opinião concorda inteiramente com a exposição de Plinio.

Para se conhecer a relação, que existia entre o aureo, e o denario é preciso saber quantos denarios valia o aureo.

Vimos, que quando o aureo foi cunhado tomando-se por base o pêso do scropulo o aureo do pêso de um scropulo valia cinco denarios: cumpre porem saber quantos denarios valia o aureo quando foi cunhado na razão de quarenta por libra.

Valendo um scropulo de oiro cinco denarios, que tinham de pêso dezesete scropulos $\frac{1}{7}$, visto que o denario era já cunhado na razão de oitenta e quatro por libra, valia uma libra de oiro 17 $\frac{1}{7}$ libras de prata, ou a proporção entre estes dois metaes era de 17 $\frac{1}{7}$: 1. Se esta proporção se desse ainda quando o aureo foi cunhado na razão de quarenta por libra o aureo ($\frac{1}{40}$ da libra de oiro), valeria trinta e seis denarios $\left(\frac{17\frac{1}{7} \times 84}{40}\right)$.

No entanto Letronne (pag. 78,) e Dureau de la Malle (tom. 1.º, pag. 88) concordam em que o aureo só valia vinte e cinco denarios e dão como fundamento d'esta opinião uma passagem de Tito Livio (liv. 38, 55), em que seis mil libras de oiro são avaliadas em vinte e quatro milhões de sestercios. Se isto assim fosse a consequencia era exacta; porque seis mil libras de oiro produzindo duzentos e quarenta mil aureos (6000 $\times$ 40), e vinte e quatro milhões de sestercios valendo seis milhões de denarios $\left(\frac{24,000,000}{4}\right)$, o aureo valeria $\left(\frac{6,000,000}{240,000}\right)$, ou vinte e cinco denarios.

Porem a passagem citada de Tito Livio differe um pouco da maneira por que a apresentam aquelles dois autores. Tito Livio diz que Scipião foi condemnado a pagar uma multa de vinte e quatro milhões de sestercios, por ter recebido de Antiocho, para lhe conceder uma paz mais vantajosa, seis mil libras de

oiro, e quatrocentas e oitenta de prata de mais do que a somma, com que entrára no thesouro, *quo commodior pax Antiocho daretur, Scipionem sex millia pondo auri, quadringenta octogenta argenti plus accepisse, quam in aerarium retulerit.* Suppondo, que a multa era igual á somma subtrahida ao thesouro teriamos vinte e quatro milhões de sestercios iguaes, não a seis mil libras de oiro, como dizem Letronne e Dureau de la Malle, mas a seis mil libras de oiro mais quatrocentas e oitenta libras de prata; ou seis mil libras de oiro iguaes a vinte e quatro milhões de sestercios menos quatrocentas e oitenta libras de prata. Sendo o denario igual a quatro sestercios, e produzindo a libra de prata oitenta e quatro denarios seriam aquelles vinte e quatro milhões de sestercios iguaes a seis milhões de denarios, e as quatrocentas e oitenta libras de prata dariam quarenta mil trezentos e vinte denarios: logo as seis mil libras de oiro seriam iguaes a 6.000.000 — 40.320 denarios = 5.959.680 denarios. Dando a libra de oiro quarenta aureos, dariam as seis mil libras de oiro duzentos e quarenta mil aureos, que valeriam cinco milhões novecentos e cincoenta e nove mil seiscentos e oitenta denarios; e por consequencia seria o valor do aureo vinte e quatro denarios oitocentos e trinta e dois millesimos. A differença para vinte e cinco denarios é de pouco momento.

Porem o mesmo Tito Livio acrescenta, que está persuadido de que houve êrro de copista; pois que é bem provavel, que houvesse maior pêso de prata do que de oiro, e alem d'isto, que é sua opinião, que a multa foi de quatro, e não de vinte e quatro milhões de sestercios; tanto mais que é esta, segundo dizem, a somma, que foi reclamada do mesmo Scipião no senado. *Similius enim veri est, argenti quam auri majus pondus fuisse; et potius quadragies, quam ducenties quadragies litem aestimatam; eo magis quod, tantae summae rationem etiam ab ipso P. Scipione requisitam esse in senatu tradunt.*

Segundo esta versão, seis mil libras de prata, e quatrocentas e oitenta de oiro valem quatro milhões de sestercios, ou um milhão de denarios. E como seis mil libras de prata produzem quinhentos e quatro mil denarios, é o valor de quatrocentas e oitenta libras de oiro 1.000.000 — 504.000 denarios, ou 496.000 denarios. Mas quatrocentas e oitenta libras de oiro dão dezenove mil e duzentos aureos, logo é o aureo igual a $\left(\frac{496000}{19200}\right)$, ou a vinte e cinco denarios oitocentos e trinta e tres millesimos.

Segundo esta passagem de Tito Livio o aureo valeria pois 'num caso vinte e cinco denarios, e no outro vinte e seis denarios, desprezando as fracções: não pode por tanto a mesma passagem servir para fundamentar a opinião d'aquelles, que querem, que o aureo valesse vinte e cinco denarios.

Paucton (Obra citada, cap. 6) é de opinião que o aureo valeu primitivamente vinte denarios, depois vinte e quatro, finalmente vinte e cinco, e que este ultimo valor foi provavelmente estabelecido quando o denario foi cunhado na razão de noventa e seis por libra; o que, como vimos já, este escriptor refere ao tempo de Nero.

O valor de vinte denarios dado ao aureo é uma mera conjectura, como o mesmo Paucton confessa: o de vinte e quatro denarios deriva-o elle da passagem de Tito Livio, que já analysámos: o de vinte e cinco denarios finalmente tem por fundamento uma passagem de Didymo, allegada por Prisciano, em que se dá a dez aureos o valor de mil sestercios; uma passagem de Marcial, em que este pede aos deuses, que lhe concedam chegar á idade de setenta e cinco annos, a idade de tres aureos; finalmente um regulamento do imperador Claudio, em que este fixa o estipendio d'um advogado em dez mil sestercios; quantia, que Ulpiano avalia em cem aureos.

Budeo (*De asse*, liv. 1) tinha tambem sustentado, que o aureo valia cem sestercios, e por consequencia vinte e cinco denarios.

Gronovio (*De sestertiis*) dá tambem ao aureo o valor de vinte e cinco denarios.

Esta relação entre as moedas de oiro e de prata devia ter sido estabelecida, não quando o denario foi cunhado na razão de noventa e seis por libra, mas quando o aureo deixou de ser cunhado em relação ao scropulo, e o foi em relação á libra na razão de quarenta por libra; por quanto o quadro, que já citámos, organisado por Letronne, do pêso do denario, e do aureo desde Cesar até Domiciano, prova incontestavelmente, que á medida que o aureo diminuia de pêso diminuia tambem na mesma proporção o pêso do denario, mantendo-se a mesma relação entre os dois metaes, a qual oscillou entre 11,30 : 1, e 12,17 : 1; o que se deve attribuir á imperfeição do pêso no fabrico das moedas, e não a uma fluctuação real na relação entre os dois metaes, que segundo Letronne seria provavelmente a de 12 : 1.

Com effeito quando o aureo foi cunhado na razão de quarenta por libra, valendo o aureo vinte e cinco denarios, a libra de oiro valeria mil denarios. Sendo o denario já 'nesta época cunhado na razão de oitenta e quatro por libra, pesaria o denario $3 \frac{3}{7}$ scropulos, e mil denarios $3428 \frac{5}{7}$ scropulos. Logo a libra de oiro valeria $3428 \frac{5}{7}$ scropulos, ou 11,9 libras de prata. A relação pois entre os dois metaes seria approximadamente de 12 : 1.

Este facto prova, que a exagerada relação de $17 \frac{1}{7} : 1$, que se estabeleceu entre o oiro, e a prata, quando foi cunhado o oiro no anno 547, relação devida ás erradas opiniões dos romanos sobre finanças, não poude manter-se. É mesmo de presumir, que se cunharam mui raras moedas de oiro, tendo por base aquella relação. Assim o devemos suppôr da abundancia de moe-

das, que chegaram até ao nosso tempo, cunhadas em relação á libra, e da escacez de moedas, que possuimos, cunhadas em relação ao scropulo.

Os trabalhos de Letronne lançam muita luz sobre a relação, que existia na antiga Roma entre o oiro e a prata, sobre que tanto divergem os autores. Em vista d'esses trabalhos podemos sustentar, que se a relação entre o oiro e a prata era de $13\frac{5}{7} : 1$, quando se cunhou o oiro, esta relação veiu a ser depois approximadamente de 12 : 1, e assim se manteve até ao reinado de Domiciano.

Alem do aureo cunhou-se tambem em oiro o quinario ou o *semissis*, que era a metade do denario, e o tremissis, que era a terça parte do aureo.

Segundo Lampridio (*In Alexandro Severo*, n.° 39) foi este principe que mandou cunhar estas ultimas moedas, quando reduziu os impostos á trigesima parte do que eram no tempo de Heliogabalo, e para facilitar o seu pagamento. Com o mesmo fim tinha mandado cunhar tambem os quartos do aureo, que depois mandou refundir, não lhe tendo permittido as necessidades publicas dar execução ao seu projecto. *Vectigalia publica in id contraxit ut quid decem aureos sub Heliogabalo praestiterant, tertiam partem aurei praestarent, hoc est, tricesimam partem. Tuncque primum semisses aureorum formati sunt; tunc etiam cum ad tertiam partem aurei vectigal decidisset, tremisses, dicente Alexandro etiam quartarios futuros, quod minus non posset. Quos quidem jam formatos in monete detinuit, expectans ut si vectigal contrahere potuisset et eos ederet. Sed quum non potuisset per publicas necessitates, conflari eos jussit, et tremisses tantum solidosque formari.*

É verdade, como observa Savot (Obra citada, parte 3.ª, cap. 34), que existem *quinarios* ou *semisses* do tempo dos primeiros imperadores; o que prova, que a passagem de Lampridio se deve

entender no sentido de que aquellas moedas eram então muito raras, e que foi Alexandre Severo que as fez cunhar em grande quantidade, e as pôz geralmente em circulação: sendo uma prova em apoio d'esta asserção, que só depois d'elle se deu ao aureo o nome de *solidus* (inteiro) para o distinguir do *semisses*, e do *tremisses*, que unicamente representavam fracções da mesma moeda.

Em continuação da passagem, que citámos, diz ainda Lampridio, que Heliogabalo fizera cunhar moedas de oiro, que valiam dois, tres, quatro, dez, e até cem aureos, sem fallar de outras moedas, que pesavam duas libras de oiro. Alexandre Severo retirou da circulação todas estas moedas.

Passemos a examinar quaes foram as modificações do systema monetario romano no tempo do imperador Constantino:

A desordem estabelecida no pêso das moedas nos reinados precedentes, e os grandes inconvenientes, que esta produziu no commercio obrigaram aquelle principe a adoptar as providencias seguintes.

O pêso do aureo foi fixado em quatro scropulos, sendo por consequencia esta moeda cunhada na razão de setenta e dois por libra.

O denario foi cunhado na razão de cinco por onça, ou de sessenta por libra. Tinha por consequencia de pêso 4 $\frac{4}{5}$ scropulos.

Cinco aureos valiam uma libra de prata.

O denario valia vinte e quatro *follis*, moeda de cobre do pêso de uma onça, que substituiu o sestercio, e se dividia em quatro *assarions* que correspondiam por consequencia ao antigo asse, do pêso de um quarto de onça.

As reducções entre o oiro, a prata, e o cobre eram pois as seguintes:

Tendo cinco aureos de pêso vinte scropulos, e valendo uma

libra de prata ou sessenta denarios, o aureo valia doze denarios, e uma libra de oiro valia 14 $\frac{2}{5}$ libras de prata, ou era a relação entre o oiro e a prata como 1 : 14 $\frac{2}{5}$.

Valendo o denario duas libras de cobre, e pesando 4 $\frac{4}{5}$ scropulos, uma libra de prata valia cento e vinte de cobre, ou era a relação entre a prata e o cobre como 1 : 120.

E valendo uma libra de oiro 1.728 de cobre era a relação entre o oiro e o cobre como 1 : 1728.

Não foram só as moedas de cobre, que mudaram de nome, o aureo era tambem denominado *solidus*, de que veiu a palavra *soldo*, e o denario *miliaresion*.

Esta reforma no systema monetario romano subsistia ainda em grande parte no seculo decimo, e offerecia grandes vantagens, como acertadamente nota Dupuy, para o calculo das sommas pecuniarias. Quasi todos os numeros destinados a este uso, diz este escriptor, eram multiplos ou submultiplos de doze. Setenta e dois *solidos* (aureos) constituiam a libra de oiro; sessenta *miliaresions* (denarios) a de prata; doze *follis* (sestercios) a de cobre. O *solidus* tinha de pêso quatro scropulos, ou vinte e quatro silicas (noventa e seis grãos), e valia doze *miliaresions*, ou duzentos e oitenta e oito *follis*. Todos estes numeros são partes ou productos de doze. Não deve pois admirar, conclue o mesmo autor, que um systema, de que todas as partes ligadas e combinadas formavam um todo, á composição do qual o espirito de methodo e de combinação tinham presidido, se mantivesse tanto tempo depois da morte do seu autor. *(Mém. de l'Acad. des Inscript. et Belles lettres*, tom. 28.° pag. 732).

Para esclarecer completamente os assumptos tratados 'nesta nota é conveniente examinar qual era o pêso da libra romana em relação á libra de França, e á do nosso paiz.

A libra de França divide-se, como a nossa libra, em dois marcos, ou dezeseis onças, ou cento e vinte e oito oitavas, ou

trezentos e oitenta e quatro scropulos, ou nove mil duzentos e dezeseis grãos.

Sobre a relação, que ha entre a libra romana, e a libra de França não estão concordes os autores.

Budeo *(De asse*, liv. 2) diz, que o marco de França está para a libra romana como 8 : 12; o que dá á libra romana seis mil novecentos e doze grãos da libra de França.

Eizenschmid *(Traité des poids et des mesures des anciens)* dá á libra romana seis mil duzentos e quarenta grãos da libra de França.

Savot *(Discours sur les médailles)* eleva esta avaliação a seis mil e quarenta e oito grãos, tomando por fundamento, que o scropulo romano vale vinte e um grãos da libra de França.

Com esta apreciação se conforma Romé de l'Isle *(Métrologie, préface)*.

De la Barre dá á libra romana sete mil e duzentos grãos da libra de França. *(Mém. de l'Acad. des Inscriptions et Belles lettres, tom.* 8.º, *pag.* 372).

Dupuy avalia este pêso em seis mil e trezentos grãos da mesma libra. *(Mém. de l'Acad. des Inscript. et Belles lettres, tom.* 28.º *pag.* 647).

Le Blanc *(Traité historique des monnaies de France)* sustenta que a libra romana é do pêso de seis mil cento e quarenta e quatro grãos da libra de França, pelo motivo de que os soldos de oiro do baixo imperio eram de setenta e dois por libra, e tem de pêso 85 $\frac{1}{3}$ grãos da libra de França.

Com esta opinião se conforma De la Nauze, em vista do pêso das diversas moedas de oiro da republica, e do imperio. *(Mém. de l'Acad. des Inscriptions et Belles lettres, tom.* 30.º, *pag.* 359).

Paucton seguiu tambem esta opinião *(Métrologie)*.

Crevier adoptou a opinião de *De la Barre (Traité des poids, monnaies, et mesures* impresso á frente da sua edição de Tito Livio).

D. Thomaz Antonio de Marien y Arrospide (*Tratado de moedas, pésos e medidas*) deu á onça romana quinhentos e vinte e seis grãos do pêso do marco de França; o que dá á libra romana o pêso de seis mil trezentos e doze grãos do mesmo marco.

Saigey (*Traité de Métrologie*) dá á libra romana trezentos e vinte e quatro grammas; o que corresponde a seis mil e noventa e seis grãos da libra de França.

Letronne elevou o pêso da libra romana a seis mil cento e sessenta grãos da mesma libra. (Obra citada, pag. 7).

Boeckh a seis mil cento e sessenta e cinco. (Obra citada, pag. 165).

Dureau de la Malle (Obra citadá, tom. 1.°, cap. 6) conforma-se com a opinião de Le Blanc, de De la Nauze, e de Paucton, recentemente confirmada pelo descobrimento em Fiesole de mais de seis mil moedas de prata, não sendo nenhuma d'ellas posterior ao consulado de Cicero. A pesagem de seiscentas e duas d'estas moedas escolhidas entre mais de duas mil, deu á libra romana um pêso um pouco superior ao de seis mil cento e quarenta grãos da libra de França.

O visconde de Villarinho S. Romão (*Memoria sobre os pésos e medidas de Portugal, pag.* 111) diz, que a onça da antiga Roma tem o pêso de sete oitavas do marco de París, e que a onça de Lisboa tem o pêso de sete oitavas 35 $\frac{3}{4}$ grãos do mesmo marco. D'aqui se deduzem duas consequencias: 1.ª que o nosso illustre compatriota concorda com Savot e Romé de l'Isle quanto ao pêso da libra romana: 2.ª que, segundo elle, o marco portuguez tem de pêso quatro mil trezentos e dezoito grãos do marco de París.

Paucton (Obra citada, pag. 849) tinha já estabelecido esta mesma proporção entre os dois marcos.

Tendo o marco de França de pêso duzentos e quarenta e quatro grammas setecentos e cincoenta e um milligrammas, e o

marco portuguez de pêso duzentas e vinte e nove grammas e cinco decigrammas, contendo o marco de França, como o marco portuguez, quatro mil seiscentos e oito grãos, vem o nosso marco a corresponder no pêso a 4.320 $\frac{86}{100}$ grãos do marco de París, o que pouco differe da apreciação de Paucton, e do visconde de Villarinho S. Romão.

E se a libra romana tem de pêso seis mil cento e quarenta e quatro grãos da libra de França, como nos inclinamos a crêr em vista das razões dadas por Dureau de la Malle, pêso, que se approxima do que lhe dão Letronne, e Boeckh, o nosso marco está para a libra romana como 4.320 $\frac{86}{100}$: 6.144, ou-é approximadamente igual a $\frac{7}{10}$ da libra romana.

O asse de doze onças pesaria pois, segundo o nosso pêso de marco, dezesete onças um scropulo 12 $\frac{2}{5}$ grãos.

O asse de duas onças: duas onças seis oitavas dois scropulos 6 $\frac{1}{15}$ grãos.

O asse de uma onça: uma onça tres oitavas um scropulo 3 $\frac{1}{30}$ grãos.

O asse de meia onça: cinco oitavas dois scropulos 1 $\frac{31}{60}$ grãos.

O asse de um quarto de onça: duas oitavas dois scropulos 12 $\frac{91}{120}$ grãos.

O *follis* (uma onça): uma onça tres oitavas um scropulo 3 $\frac{1}{30}$ grãos.

O assarion ($\frac{1}{4}$ de onça): duas oitavas dois scropulos 12 $\frac{91}{120}$ grãos.

O denario de oitenta e quatro por libra, ou de tres scropulos 10 $\frac{2}{7}$ grãos: quatro scropulos vinte e um grãos, ou uma oitava um scropulo vinte e um grãos.

O *denario* de noventa e seis por libra, ou de tres scropulos: quatro scropulos 6 $\frac{2}{5}$ grãos, ou uma oitava um scropulo 6 $\frac{2}{5}$ grãos.

O *denario* ou *miliaresion* de sessenta por libra, ou de qua-

tro scropulos 19 $\frac{1}{5}$ grãos: seis scropulos 19 $\frac{4}{5}$ grãos ou duas oitavas 19 $\frac{4}{5}$ grãos.

O *aureo* de um scropulo: um scropulo 10 $\frac{1}{8}$ grãos.

O *aureo* de quarenta por libra, ou de sete scropulos 4 $\frac{4}{5}$ grãos: dez scropulos 5 $\frac{71}{100}$ grãos, ou tres oitavas um scropulo 5 $\frac{71}{100}$ grãos.

O *aureo* de quarenta e cinco por libra, ou de seis scropulos 9 $\frac{3}{5}$ grãos: nove scropulos 2 $\frac{2}{5}$ grãos, ou tres oitavas 2 $\frac{2}{5}$ grãos.

O *aureo* ou *solidus* de setenta e dois por libra, ou de quatro scropulos: cinco scropulos 16 $\frac{1}{2}$ grãos, ou uma oitava dois scropulos 16 $\frac{1}{2}$ grãos.

Para fazer a reducção d'estas moedas a moedas portuguezas deve ter-se em consideração que o toque dos metaes, que serviam á fabricação das moedas entre os romanos, não era o mesmo que é entre nós.

Plinio diz (33, 13), que Druso sendo tribuno do povo, misturou na moeda de prata uma oitava parte de cobre. Deu-se este facto no anno 663 de Roma. Mais adiante diz o mesmo escriptor (33, 46) que Antonio, o triumviro, ligou gesso á prata para a fabricação do denario; que outros diminuiram o pêso dos denarios, que se deviam cunhar na razão de oitenta e quatro por libra; porem que estas fraudes fizeram descobrir a arte de ensaiar os denarios, e que a lei, que ordenou estes ensaios, foi tão agradavel ao povo, que cada bairro erigiu uma estatua pedestre a Mario Gratidiano.

Este personagem era pretor, quando os tribunos do povo julgaram conveniente chamar a conselho o collegio dos pretores para se redigir, segundo o voto commum, um regulamento sobre a moeda, que 'naquelle tempo variava por tal forma de preço que ninguem sabia o valor do que possuia. Redigido o regulamento decidiu-se, que se reuniriam todos ao meio dia nos Rostros para fazerem a leitura d'elle. Mario Gratidiano dirigiu-se

porem logo aos Rostros, publicou o regulamento, na ausencia dos outros magistrados, e attribuiu-se o merito d'uma providencia, que não era só d'elle. (*Cicero. De officiis. Liv.* 3 § 2.º)

Cicero censurando com razão este procedimento, apesar de ser parente de Gratidiano, faz conhecer os abusos, que se tinham introduzido na fabricação das moedas, abusos, que Plinio descreveu tambem mais tarde. Dos periodos citados d'estes dois escriptores resulta porem, que o regulamento, que se fez para evitar aquelles abusos, fixou o pêso das moedas, porem não o seu toque; do que Plinio faria tambem menção, assim como declarou que o denario devia ser cunhado na razão de oitenta e quatro por libra. Esta omissão só poderia provir de que o oiro e a prata eram cunhados pelos romanos, como por todos os povos antigos, sem liga, ou, pelo menos, no maior grau possivel de pureza.

Quanto ao oiro Hennin assevera (*Manuel de Numismatique ancienne, tom.* 1, *pag.* 124), que a serie de moedas de oiro romanas, desde Julio Cesar até á queda do imperio do Oriente, mostrou, que ellas foram cunhadas do oiro o mais puro, salvo algumas excepções no Baixo Imperio.

Segundo Mongez (*Hist. et Mém. de l'Institut de France, Académie des Inscriptions et Belles lettres, tom.* 9), encontraram-se aureos dos primeiros romanos contendo novecentos e noventa e cinco por mil de oiro puro.

As experiencias de *d'Arcet* mostram, que o toque das moedas de oiro permanece o mesmo entre Augusto e Vespasiano, e fluctua entre novecentos e noventa e oito e novecentos e noventa e um por mil de oiro fino (Letronne, Obra citada, pag. 84).

D'estas experiencias confirmadas pelos ensaios de Gay-Lussac, filho, conclue Dureau de la Malle (Obra citada, tom. 1.º, pag. 17), que se pode adoptar para o toque das moedas de oiro o termo medio entre novecentos e noventa e oito e novecentos

e noventa e um por mil, que é de nove mil novecentos e quarenta e cinco por dez mil.

Admittido este toque para as moedas de oiro romanas, e tomando em consideração, que o toque das moedas de oiro portuguezas é de vinte e dois quilates, ou de $9.166\,\frac{2}{3}$ por dez mil, que o nosso marco de oiro em moeda vale cento e vinte e nove mil quatrocentos e cinco réis, seria o valor do mesmo marco do toque de nove mil novecentos e quarenta e cinco por dez mil, réis.. $140\$392\,\frac{2}{3}$

Porem a libra romana pesa $\frac{614400}{432084}$ do marco portuguez: logo a libra romana d'aquelle toque valeria réis... $199\$630\,\frac{2}{3}$

E o scropulo ($\frac{1}{288}$ da libra) réis................ $693\,\frac{1}{6}$

E o grão ($\frac{1}{24}$ do scropulo) réis.................. $28\,\frac{88}{100}$

O *aureo* de quarenta por libra valeria pois réis $4\$990\,\frac{78}{100}$

O *aureo* de quarenta e cinco por libra réis... $4\$436\,\frac{1}{4}$

O *aureo (solidus)* de setenta e dois por libra réis.. $2\$772\,\frac{2}{3}$

Emquanto ás moedas de prata o toque das moedas de prata portuguezas é o de onze dinheiros, ou de $916\,\frac{2}{3}$ por mil: é portanto o mesmo que o toque das moedas de oiro. As moedas de prata romanas, segundo as experiencias de *d'Arcet* eram quasi puras de toda a liga: o seu toque medio é de novecentos e setenta e tres, e mesmo de novecentos e oitenta e tres por mil, se se desprezar uma moeda, que foi ensaiada d'um toque muito inferior ao de cinco outras, que serviram para este calculo: porem sob os imperadores o seu toque é muito variavel, e repetidas vezes muito fraco, sobre tudo de Gordiano a Diocleciano. (Dureau de la Malle, Obra citada, tom. 1.°, pag. 18).

Hennin assevera (Obra citada, tom. 1.°, pag. 101 e 129), que as moedas de prata romanas foram da maior pureza até ao

reinado de Septimio Severo, que começou a fazer alterar o toque d'estas moedas, exemplo seguido por Caracalla seu filho, e pelos seus successores, que fizeram reduzir pouco a pouco o toque da prata a ponto de estar reduzida no tempo de Alexandre Severo a um terço de prata pura, e no tempo de Galliano a quasi nada. Acrescenta o mesmo autor, que a essa fabricação succedeu a das moedas denominadas *saucées* que eram de cobre coberto d'uma leve camada de prata, ou mesmo de metal branco, que desapparecia com o attrito, tendo sido cunhadas taes moedas desde Claudio II, denominado o gothico até Diocleciano, isto é, 'num espaço de dezeseis annos: restabelecendo o ultimo imperador a fabricação da prata pura.

Não podemos porem adoptar para a reducção das moedas de prata romanas ás moedas portuguezas o mesmo systema, que empregámos para as moedas de oiro; porque se não dava entre os romanos a mesma proporção, entre os dois metaes que se dá entre nós. Entre os romanos esta proporção era, como vimos, de 1 : 12: entre nós esta proporção é, segundo a lei de 29 de julho de 1854, de 1 : 14 $\frac{96}{1000}$. Tomando porem por base o valor do aureo e reflectindo, que o aureo de quarenta por libra valia vinte e cinco denarios de oitenta e quatro por libra, que o aureo de quarenta e cinco por libra valia vinte e cinco denarios de noventa e seis por libra, e que o aureo (solidus) de setenta e dois por libra valia doze denarios, ou miliaresions de sessenta por libra, obteremos o valor do denario n'estas differentes épocas, que seria o seguinte:

Denario de oitenta e quatro por libra réis......... 199 $\frac{63}{100}$
Denario de noventa e seis por libra réis............. 177 $\frac{9}{20}$
Denario ou *miliaresion* de sessenta por libra....... 231 $\frac{1}{20}$

Podemos agora estabelecer tambem o valor do aureo d'um scropulo.

Segundo Plinio, um scropulo de oiro valia quatro denarios,

quando o oiro foi cunhado em relação ao scropulo. Valendo o scropulo de oiro réis.. 693 $\frac{1}{6}$

Era pois o valor do denario 'nesse tempo de réis. 173 $\frac{29}{100}$

Porem como se deu, segundo o mesmo Plinio, ao scropulo de oiro, quando este metal fui cunhado, o valor de cinco denarios era o valor do aureo do pêso d'um scropulo réis.. 866 $\frac{9}{20}$

Quanto ao cobre tem as moedas de cobre portuguezas a liga de dois e meio a tres por cento, em quanto que as moedas de cobre romanas continham uma liga de estanho de cinco a doze por cento. Algumas vezes o estanho era ainda mais abundante: outras vezes empregavam-se outras substancias para ligar, com o cobre, especialmente o ferro; o que comtudo não foi frequente. (*Hennin*, *Ôbra citada*, *tom*. 1.º *pag*. 132).

Em relação a estas moedas é necessario distinguir duas épocas: primeira, a época, em que o cobre foi ou padrão exclusivo da moeda, ou exerceu esta funcção conjunctamente com a prata; segunda, a época, em que passou a ser moeda subsidiaria. Segundo Letronne, Boeckh, e Dureau de la Malle, a primeira época comprehende até ao anno de Roma 537 em que o asse foi reduzido ao pêso d'uma onça. A segunda época começou 'naquelle anno, e continuou d'ahi em diante.

Para a reducção na primeira época temos a seguir os principios que nos dirigiram na reducção das moedas de oiro, e applicar-lhes o valor do mercado dos metaes, de que são fabricadas. Segundo estes principios, pesando o asse de doze onças no nosso pêso de marco dezesete onças um scropulo 12 $\frac{1}{2}$ grãos, o cobre valendo cento e quarenta réis o marco, e o estanho trinta réis o marco, suppondo a liga de oitenta e cinco por mil, termo medio, seria o valor do mesmo asse de réis................ 275 $\frac{1}{5}$

E o asse de duas onças valeria réis.................. 45 $\frac{9}{10}$

Quanto á segunda época, quando se cunhou o oiro, o aureo de um scropulo valia cinco denarios, e o denario dez asses. Sendo o valor do denario réis.................................... 173 $\frac{7}{24}$

Era o valor do asse réis................................. 17 $\frac{1}{3}$

Quando o denario foi cunhado na razão de oitenta e quatro por libra era já o asse do pêso de uma onça, e valia o denario dezeseis asses.

Era pois então o valor do asse réis $\left(\frac{199\frac{48}{100}}{16}\right)$..... 12 $\frac{48}{100}$

Quando o denario foi cunhado na razão de noventa e seis por libra valia o asse réis $\left(\frac{177\frac{9}{10}}{16}\right)$........................ 11 $\frac{9}{100}$

Valendo o denario ou miliaresion de Constantino vinte e quatro *follis* ou noventa e seis *assarions* era o valor do *follis* réis $\left(\frac{231\frac{1}{10}}{24}\right)$... 9 $\frac{63}{100}$

E o do *assarion* réis $\left(\frac{9\frac{64}{100}}{4}\right)$........................... 2 $\frac{2}{5}$

Julgamos desnecessario dar o valor dos multiplos e divisões do asse, do denario, e do aureo; porque esse valor está comprehendido no das mesmas moedas.

ANTONIO JOSÉ D'AVILA.

NOTA DECIMA SETIMA

PAGINA 21 — VERSO 16

DINHEIRO EM ROMA

A opinião mais geralmente recebida é que os romanos não cunharam moeda d'oiro ou prata sob os seus primeiros reis; porem não se deve concluir d'aqui que não usassem d'ella absolutamente.

A côrte d'aquelles monarchas, segundo se deduz de muitos passos de diversos historiadores, não deixava de apresentar uma tal qual ostentação de grandeza, e por conseguinte os metaes preciosos, precursores de todo o genero de luxo, deviam naturalmente introduzir-se ali.

As leis promulgadas pelos primeiros imperantes, e compiladas em um corpo de jurisprudencia, formavam um codigo de não pequena extensão, o que deixa ver que entre os cidadãos havia relações de mutuo interesse que era mister regular; acções litigiosas que cumpria prevenir; fortunas moveis e immoveis que se deviam proteger; contractos que interessava fazer executar, e emfim multiplicidade de negocios que cumpria se regulassem pelos principios da equidade: havia alem d'isto despezas publicas, e por conseguinte determinados tributos para occorrer ás

mesmas despezas; e um tal estado de sociedade não poderia de certo existir sem um certo movimento e actividade na circulação dos valores.

Alem d'isto, os reis de Roma levados por aquelle espirito de emulação que tanto predomina nos estados monarchicos, fizeram sempre os maiores esforços para se igualarem em representação aos reis dos estados circumvisinhos; em consequencia é verosimil, que, se por ventura não ordenaram que nos seus estados se cunhasse moeda de oiro e de prata, pelo menos consentiriam que tivessem entrada e livre curso em Roma as que giravam nos paizes visinhos.

O testemunho de Festo dá logar a poder admittir-se o que deixamos indicado, por quanto fundando-se aquelle escriptor em documentos antigos, que ainda existiam no seu tempo, diz «que as contas, tanto publicas como particulares que se encontravam nos archivos, attestavam que os romanos, desde o tempo de Romulo, haviam feito uso da moeda d'oiro e prata que lhes vinha de fora.» *Solebant jam inde a Romulo numis auri atque argenti signati ultramarinis uti; id quod publicae et privatae rationes commentariorum docent.*

Pelo que diz respeito á moeda de cobre, Plinio consignou, no cap. 1.º do liv. 34, que Numa Pompilio, segundo rei de Roma, fôra o primeiro que a fizera cunhar; parece porem que essa *chamada moeda* não tivera por então uma forma certa e constante, consistindo em barras ou pedaços de cobre de differentes grandezas, sem marca ou typo algum, que se davam a pêso com a balança na mão. A esta grosseira moeda deu-se o nome de *aes, aes rude, aes grave,* isto é, cobre ou cobre pesado, e mais particularmente *stips,* termo que deu origem ás palavras *stipare, stipulari, stipula, stipendium,* porque com aquelles pedaços de cobre, dados a pêso se pagava o soldo ás tropas e se faziam as demais transacções.

Dessem-se porem estes factos como se dessem, nos primeiros tempos, o que hoje se tem como coisa averiguada é que as primeiras moedas, propriamente taes, cunhadas pelos romanos, eram de cobre, e começaram a ser emitidas cerca de 500 annos antes da vinda de Christo.

A primeira unidade monetaria adoptada por aquelle povo foi um valor a que deram o nome de *az* ou *asse*, valor que era representado por uma moeda effectiva que tinha este mesmo nome, e servia tambem de unidade para as medidas de pêso, dizendo-se por isso igualmente *libella*, *libra*, *pondo*.

O *az* moeda assim como o *az* pêso, dividia-se em doze onças, e todas as sommas superiores ou inferiores ao *az*, eram multiplos ou fracções d'aquelle valor primitivo.

As moedas effectivas de cobre, principiadas a cunhar no reinado de Servio Tullio, segundo diz Plinio, foram o *az* do pêso de doze onças, e os multiplos d'esta mesma moeda, a saber *dupondius*, que valia dois *azes; tripondius*, que valia tres *azes; quadrussis*, que valia quatro *azes; decussis*, que valia dez *azes*; e as fracções do mesmo *az*, a saber: *semis* que valia metade do *az*, ou seis onças; *quincunx*, que valia cinco onças; *triens* que valia a terça parte do *az*, ou quatro onças; *quadrans*, que valia a quarta parte do *az* ou tres onças; *sextans*, que valia a sexta parte do *az*, ou duas onças; *uncia*, ou *stips uncialis*, que valia a duodecima parte do *az*, ou uma onça.

O *quincussis*, correspondente a cinco *azes*, o *deunx* a onze onças, o *dextans* a dez onças, o *dodrans* a nove onças, o *bes* a oito onças e o *septunx* a sete, eram fracções monetarias de conta, que muitas vezes se encontram mencionadas, mas que não existiram jámais em moeda effectiva.

O *az*, primitiva unidade monetaria, era d'um pêso e volume tão consideraveis, que se tornava incommodo; e esta e outras circumstancias fizeram que, com o andar dos tempos, se

fosse successivamente reduzindo, resultando d'aqui vir o *az* moeda a constituir-se differente do *az* pêso.

Segundo Plinio, as reducções que sobrevieram ao *az*, foram as seguintes:

1.ª O *az libralis*, pesou doze onças desde a introducção da moedagem em Roma, isto é, desde o reinado de Servio Tullio, 522 annos antes de Christo, até á época da primeira guerra punica, que teve logar no anno 490 de Roma, 264 antes da era vulgar.

2.ª O *az sextentarius*, pesou duas onças desde a época da primeira guerra punica até á dictadura de Q. Fabio Maximo, pelos annos 217 antes de Christo.

3.ª O *az uncialis* pesou uma onça desde a dictadura de Q. Fabio Maximo até á época da promulgação da lei *Papiria*, em 563 de Roma.

4.ª O *az semiuncialis*, pesou meia onça depois da promulgação da referida lei Papiria.

Estas indicações porem do historiador romano alem de improvaveis, são desmentidas pela analise das mesmas moedas comparadas entre si, porque de tal analise resulta conhecer-se existirem fracções do *az* que indicam uma reducção inferior ainda ao *az semiuncialis*, isto é, uma reducção a um quarto de onça, podendo por conseguinte dizer-se que o *az* fôra successivamente reduzido até á quadragesima oitava parte do seu pêso originario.

Cumpre porem advertir que o *az* conservou o seu valor nominal e legal, apesar de ter sido reduzido successivamente o seu valor metallico e o seu pêso.

O *az* cujo typo se pode dizer que fôra constante, tinha no *anverso* a cabeça de Jano bifronte, isto é, de dois rostos; no *reverso*, uma prôa de navio, alludindo a ter Jano vindo por mar para o Lacio, e por cima da prôa, como nota caracteristica do

séu pêso, uma linha perpendicular, da forma seguinte - I - designando a libra.

O *semis* tinha por typo no *anverso*, em geral, a cabeça de Jupiter, e junto d'esta um S; no *reverso*, uma prôa de navio com um S na parte superior, nota caracteristica de meia libra, por ser a inicial da palavra *semis*.

O *triens*, tinha como typo no *anverso* a cabeça de Pallas, coberta com um capacete, e quatro pequenos globos da forma seguinte oooo; no *reverso*, uma prôa de navio e quatro pequenos globos, nota das quatro onças ou terça parte da libra ou *az*, que elle representava.

O *quadrans*, tinha por typo no *anverso*, geralmente fallando, a cabeça de Hercules, coberta com a pelle do leão, e tres pequenos globos; no *reverso* uma prôa de navio e tres pequenos globos, nota das tres onças ou quarta parte da libra, que esta moeda representava.

O *sextans*, tinha, em geral, por typo no *anverso*, a cabeça de Mercurio, e dois pequenos globos; no *reverso*, uma prôa de navio e dois pequenos globos, nota da sexta parte da libra.

A *uncia* ou *stips uncialis*, tinha por typo no *anverso*, a cabeça de Pallas, coberta com capacete, e um pequeno globo; no *reverso*, uma prôa de navio e um pequeno globo nota de uma onça, ou da duodecima parte do *az* ou *libra*.

Cinco annos antes da primeira guerra punica, isto é, em 485 de Roma, 269 antes de Christo começou a cunhar-se em Roma a moeda de prata.

Consistia esta em *denarius*, *quinarius* e *sestertius*, dinheiro, quinario, e sestercio.

O *denarius*, dinheiro, foi assim chamado porque valia dez *azes*, *denos azes*, ou dez libras em moeda de cobre; o *quinarius*, quinario porque valia cinco *azes* ou cinco libras; o *sestertius*, sestercio, porque valia dois e meio *azes* ou duas libras e meia.

O *denario*, o *quinario* e o *sestertio*, nos primeiros tempos tiveram o mesmo typo, a saber: no *anverso*, cabeça de Pallas coberta com capacete alado, e a nota designativa do numero de *azes* que cada uma d'estas moedas valia, isto é, o *denario* com X, o *quinario* um V, o *sestercio* LLS; no *reverso*, Castor e Pollux a cavallo, correndo á brida com lanças em riste; no *exergo* a palavra ROMA.

O typo porem d'estas moedas variou muito com o andar dos tempos e pode dizer-se que ficou ao arbitrio dos triumviros monetarios, que mandavam gravar com preferencia aquelles que podiam illustrar as suas familias perpetuando as acções heroicas dos seus ascendentes.

Sessenta e dois annos depois da introducção da moeda de prata em Roma, isto é, 547 depois da fundação d'aquelle estado é que começou a cunhar-se moeda de oiro, á qual se deu o nome de *aureus* e que valia vinte e cinco dinheiros, ou cem sestercios.

A emissão da moeda d'este metal foi limitadissima durante o periodo da republica; tornou-se porem extraordinaria desde a dictadura de Julio Cesar até quasi á decadencia do imperio, attestando a prodigiosa quantidade de moedas de oiro, mandadas cunhar por cada um dos imperadores, a grandeza a que chegaram os romanos em consequencia da não interrompida serie das suas conquistas.

FRANCISCO MARTINS DE ANDRADE.

NOTA DECIMA OITAVA

PAGINA 23 — VERSO 18 E SEGUINTES

CÁ E LÁ

Estão estes bellos versos a pedir de bocca para os tempos d'hoje; isto prova que muitos tempos se parecem; e que o mal que ora lamentâmos, já o carpiram outros em remotos dias.

D. MARIA PEREGRINA DE SOUSA.

NOTA DECIMA NONA

PAGINA 25 — VERSO 24

ADVENTO DE SATURNO Á ITALIA

'Nestes versos refere o poeta, pela bocca do rei Jano, uma tradição vulgarmente adoptada no seu tempo entre os romanos, que se jactavam de ter o pai do supremo entre os seus deuses por primitivo fundador do grande imperio destinado a dictar leis a todos os povos.

Esta crença porem, relativa a acontecimentos anteriores aos tempos historicos, não podia ser corroborada com argumentos. Como lisonjeava o orgulho nacional, era cegamente admittida pelo vulgo: os raros eruditos que estudavam as antiguidades patrias, recebiam-n'a com respeito, sincero ou simulado, e em todo o caso forravam-se ao penoso e perigoso encargo de a contestar.

« Costuma permittir-se á antiguidade diz Tito Livio (1) que, misturando factos e personagens divinos com factos e personagens humanos, torne mais venerandas as origens das nações. » Este espirito de circumspecta tolerancia, igualmente distante de uma critica severa e de uma pueril credulidade, se manifesta logo no principio na primeira década da sua Historia Romana. Sem remontar ao periodo puramente mythologico, elle começou-a citando de relance as tradições relativas á vinda de Antenor e de Eneas á Italia. A respeito de Saturno guardou profundo silencio, e (o que é ainda mais significativo), quando falla do povo *latino* primeiro alliado da colonia troiana na Italia, nenhuma menção faz da tão conhecida etymologia que deriva *latium* do verbo *latere*, estar escondido, como havendo aquelle berço do poderio romano servido de retiro e esconderijo onde, segundo a persuasão geralmente recebida (2), Saturno, expulso do olympo,

(1) No prefacio da sua obra.

(2) Esta mesma etymologia se lê nos aureos versos do cantor de Eneas, em que se faz menção do ditoso reinado de Saturno no Lacio

Primus ab aethereo venit Saturnus Olympo,
Arma Jovis fugiens, et regnis exul ademptis.
Is genus indocile, ac dispersum montibus altis,
Composuit, legesque dedit, *Latiumque* vocari
Maluit: his quoniam *latuisset* tutus in oris.
Aurea quae perhibent, illo sub rege fuere
Saecula. Sic placida populos in pace regebat.

Aen. lib. VIII, v. 319.

Veiu buscar um socegado abrigo,
E de imperio sem par lançando as bases,
Justiça, dita e paz trouxe comsigo.

Bem longe de adoptar essa opinião, o sisudo escriptor, aliás tão bom patriota como o melhor dos seus compatriotas, parece derivar a denominação d'aquelle povo de *Latinus*, nome do rei que então governava uma parte da actual *campanha* de Roma. Esta foi tambem a opinião de Dionysio de Halicarnasso (1). Ainda menos respeitador das crenças populares 'nesta parte foi Varrão, affirmando resolutamente que o nome *latium*, derivado de *latere*, tinha o seu fundamento na situação d'aquelle paiz, para assim dizer, encerrado e escondido entre os despenhadeiros dos Alpes e os Apenninos (2). Como quer que isto seja, quem tomará estreitas contas ao autor de poemas taes como as *Metamorphoses e os Fastos*, ácerca da exacção ou inexacção em pontos de historia, e de historia de tão remotas eras?

Nem é mister invocar aqui em sua defeza aquella ampla liberdade que o Venusino pediu para si, e concedeu mutuamente aos seus collegas, alumnos das musas. O Sulmonense achou na archeologia mytho-historica uma especie de lenda gloriosa para a sua patria e, adoptando-a, exornou-a com todas as galas da sua donairosa poesia.

Porem as tradições populares, ainda aquellas que menos resistem a uma critica indagadora e severa, quasi todas, senão todas, tem o seu fundamento em um facto positivo, que ellas vão successivamente desfigurando, e ao qual a poesia, cantada ou escripta, dá depois uma derradeira forma, e ás vezes os visos de historia, admittida como tal; se bem que, frequentemente não discutida, nem discutivel. Não me proponho escrever aqui uma dis-

(1) Antiq. Rom. lib. I.
(2) De ling. lat. lib. IV.

sertação. O assumpto não é por certo interessante para a maior parte dos leitores, e a consciencia que tenho de não poder amenisal-o, me impõe a obrigação de ser conciso. Considerar-me-hei feliz, se me poder ser applicada a sentença do sublime cantor dos jogos gymnicos da Grecia. « Incorrerá *menos* na censura dos homens de siso quem fallar *a proposito*, e quem abranger em menor numero de palavras substancia de muitos factos. (1) » Tocarei rapidamente em dois ou tres pontos que mais connexão tem com o texto ovidiano ......*Longae ambages; sed summa sequar fastigia rerum.*

Sobre a filiação da não menos celebre que mysteriosa personagem objecto d'esta nota, houve differentes opiniões. Que muito é que assim acontecesse, quando quasi até aos nossos tempos se ignorou quaes fossem os ascendentes do conde D. Henrique, tronco de nossos reis, que floreceu nos fins do seculo undecimo da era christã? Com quanto maior razão a respeito do principe refugiado em um angulo da antiga Ausonia, quinze seculos antes da mesma era da redempção, diremos nós, confessando a propria ignorancia:

Em tanta antiguidade não ha certeza! (2)

Todavia, apesar da divergencia dos mythologos, um dos quaes (3) lhe dá por pai o Dioscuro Pollux, aceitaremos como mais

(1) Καιρὸν εἰ φθεγξαιο, πολλῶν
Πειρατα συντανύσαις,
Ἐν βραχεῖ, μείων ἕπεται
Μῶμος ἀνθρώπων.
Pind. Pyth. I.

(2) Assim se exprime Camões a respeito do segundo casamento da rainha D. Thereza, mãi do sr. rei D. Affonso Henriques. Lus. canto III est. 29.

(3) Fulgencio Planciades. Mythol. voc. antiq. lib. I.

autorisada a opinião de Hesiodo, segundo o qual, Saturno foi filho de *Urano*, isto é do *ceo*, e de *Vesta*, isto é, da *terra*. Entre os gregos o supposto filho de *Urano* era conhecido pelo nome de Κρόνος, *Cronos*, denominação mythologica que algumas vezes veiu a confundir-se com Χρονος, *Chronos*, personificando-se com ella o tempo. Esta personificação é que parece ter dado occasião a attribuir-se ao velho deus do olympo a crueldade de devorar seus filhos; fabula em tão grande opposição com o caracter brando e clemente do que se diz viera a ser hospede do bom rei Jano. A explicação symbolica justifica-o contra a odiosa accusação de tão feroz procedimento. A essa interpretação alludiu Camões, quando ao fallar do *tempo*, o designa pela expressão periphrastica « o velho que os filhos proprios come, por decreto do ceo... (1) » Esta mesma explicação já fôra mencionada por Santo Agostinho, o qual diz: « Alguns, a fabula de Saturno devorar seus filhos, entendem-n'a 'neste sentido, a saber, que o *tempo* designado pelo nome de *Saturno*, assim como tudo produz, assim tambem tudo gasta e faz desapparecer (2). »

Differentes etymologias tem sido dadas á palavra *Saturno* (3): uns a derivam de *saturare*, saciar, ou em consequencia da abundancia que Saturno fez reinar entre os seus subditos, ou, como quer Cicero, porque elle se alimenta e farta de annos sobre annos. Outros deduzem o vocabulo de *satu*, semeadura, ou por

(1) Lus. canto III, est. 22.

(2) De Civit. Dei lib. VI, cap. 8.

(3) Fulgent. oper. cit. lib. I. S. Isid. *Orig*. lib. VIII, cap. 2. Cic. de *Nat. Deor*. lib I. Lactant. Firmian. *De Divin Instit*. lib. I, cap. 12. Macrob. lib, I, cap. VIII. Este ultimo escriptor aponta uma derivação differente de todas as outras, a qual, de industria, nos abstemos de mencionar; e falla de um certo Cameso que diz ter reinado conjunctamente com Jano. Acrescenta que depois este principe acolhêra Saturno, o qual havia aportado com uma frota áquellas paragens; e que tendo aprendido d'elle a agricultura, o associára á soberania.

elle ter dado impulso á agricultura, ou porque toda a sementeira tem seu tempo e sasão apropriada. Ultimamente sabios linguistas, desprezando as sobreditas derivações, advertem-nos que a palavra *Saturn* em lingua phenicia significa: estar escondido (1).

A opinião d'estes glossologistas nos conduz naturalmente a dizer alguma coisa ácerca da vinda do pretendido deus á Italia. Prescindiremos da enfadonha e escandalosa narração da sua vida entre os celestes. É sobejamente notoria, e pode lêr-se em qualquer diccionario da fabula. Lactancio Firmiano, na sua eloquente obra das *Instituições christãs*, a expõe com grande erudição, e mofando de tamanhos absurdos, tira d'ali occasião para desacreditar as crenças pagãs (2). Os principaes historiadores antigos que dão alguma luz sobre o assumpto d'esta nota, são: Dionysio de Halicarnasso nas suas *Antiguidades Romanas*, e Diodoro de Sicilia na sua *Bibliotheca Historica*. Ambos elles pouco cabedal mostram fazer da origem mythologica do personagem de que se trata. O primeiro d'estes dois escriptores, em compensação de não

(1) V. Le Franc. Cours. d'Hist. Rom. in princip.

(2) Lib. I. É todavia para notar que este eloquente defensor do christianismo, tão severo para com os mais illustres philosophos da Grecia, taes como Thales, Pythagoras, Platão, Aristoteles, julga com grande indulgencia os poetas, quando falla de suas ficções theogonicas e cosmogonicas. «Os poetas (diz elle) ensinam muitas coisas debaixo do veu de imagens e de allegorias, sem quererem por isso mentir em menoscabo dos deuses, a quem aliás reverenceiam; mas com o intuito de darem formosura e graça aos seus versos, por meio de imagens brilhantes e esmaltadas de varias côres. Ora aquelles que não entendem o fim e a significação de taes imagens, soltam invectivas contra os poetas, chamando-lhes mentirosos e sacrilegos.» Não me pareceu fora de proposito registrar aqui, onde se trata de uma ficção mythologica, esta especie de apologia dos poetas mythologos, feita por um dos mais distinctos escriptores ecclesiasticos do IV seculo da Igreja.

lisongear 'neste ponto o orgulho nacional dos romanos, ao indicar como de passagem a vinda de Saturno á Italia, sem encarecer as maravilhas do seu reinado, espraia-se em louvores áquella celebre e afortunada região (1).

Diodoro de Sicilia exprime-se vagamente d'esta maneira: «Saturno, o mais velho dos Titanes, tendo empunhado o sceptro real, humanisou e poliu os seus subditos, que até então viviam vida nomade e brutal, e viu espalhada a sua grande reputação por diversos povos da terra. A sabedoria de seu governo tinha de alguma sorte banido de seus estados todos os crimes, e feito reinar 'nelles a innocencia, a doçura, e a felicidade (2).»

Justino, abbreviador da *Historia Universal* de Trogo Pompeo, attribue a Saturno a gloria de haver restabelecido a primitiva igualdade das condições (3), d'onde vem chamarem-se *Saturnaes* as festas celebradas em Roma no mez de dezembro, durando as quaes, por dois, tres, e ultimamente cinco dias, os senhores comiam á mêza com os seus proprios escravos, e estes tinham amplissima liberdade de lhes lançar em rosto os seus vicios e as suas injustiças.

Prescindindo dos poetas, não será facil citar outros escriptores originaes que fallem da vinda de Saturno á Italia como de um facto positivo. Em quanto á parte mythologica da historia do filho de *Urano*, *Celo* ou *Céo*, é inutil gastar mais palavras. Acima fica indicada a explicação razoavel que se lhe pode dar, considerando-o como personificação do *tempo*. Assim o consideraram os gregos mais sensatos, que o conheceram sob a denominação de *Chronos*. A theologia hellenica ignora completamente o *Saturno* dos romanos (4). O Saturno dos gregos

(1) Lib. I.
(2) Lib. V, 65.
(3) Lib. XLIII, 1.
(4) V. a Dissertação sobre a origem das *Festas Saturnaes*, entre

foi uma divindade mythologica, ou antes uma personagem symbolica; o Saturno dos romanos uma personagem mytho-historica, distincta d'aquella, e só confundida pelos poetas ou pelo vulgo.

O que rasoavelmente podemos acreditar é ter em tempos antiquissimos (talvez quinze seculos antes da nossa era) reinado 'numa parte da Italia um monarcha, vindo ali de outra região, de cujo throno fôra derribado por alguma revolução; o qual, amestrado por dura experiencia, governou os seus novos subditos com tanta suavidade e sabedoria, qual até então se não vira (1). Segundo a tradição, poetisada pelo engenhoso e fecundo vate de Sulmona, foi Jano (2) quem recebeu e hospedou o profugo monarcha, e quem com elle repartiu a dominação dos seus estados. A gloria do principe refugiado eclipsou em grande parte a do seu acolhedor e amigo; pois vemos que o antes desentronisado soberano deu o seu nome não só ao pequeno territorio por elle regido, senão tambem a toda a vasta e bella região, até então chamada *Hesperia*, *Vitalia*, *Ausonia*, *Enotria*, *Argessa* (3) e que

as Memorias da Academia das Inscripções e Bellas Lettras tom. III, pag. 52.

(1) Leia-se a Dissertação acima citada.

(2) Ácerca da patria e filiação de Jano tambem não são concordes os mythologos. Uns o dizem filho de Apollo, e nascido na Thessalia. Outros querem que nascesse em Athenas, e que fosse filho de *Celo* e de *Hecate*. Malbaratado seria todo o tempo que se gastasse em discutir questões tão pouco importantes. Alguns eruditos conjecturam que viera do norte para a Italia, e derivam-lhe o nome de *Jonn*, que no antiquissimo idioma da Gallia significa *senhor, causa primeira, divindade*. Outros pretendem que *Jano* é uma corrupção de *Joan, Jon*; e que esta personagem meio fabulosa, meio historica, fôra o principe de uma colonia Jonia, vinda á Italia, pouco mais ou menos 1430 antes de Jesu Christo.

(3) Este nome só consta pelo Escholiaste de Lycophron. Cluvier (Ital. Antiq.) o tem por suspeito. Consulte-se o Grande Diccionario Geograph. de la Martinière, art. *Italie*.

depois foi mais conhecida pela denominação de *Italia* que hoje conserva. Com o nome de *Saturnia* a saudou Virgilio no remate do bellissimo episodio encomiastico, que admiramos no segundo livro das Georgicas (1). A confusão a que acima nos referimos, feita pelos poetas latinos, entre o seu *Saturno* e o *Cronos* da mythologia grega, naturalmente muito concorreu para se attribuir ao reinado do hospede de Jano a innocencia e a felicidade da primeira linhagem humana sob a dominação do filho de Urano e de Vesta.

Releva porem observar que a tão preconisada dita dos habitadores do Lacio 'naquelles remotos tempos, parece ter consistido mais em não terem sido opprimidos pelo seu chefe, nem inquietados por aggressões de inimigos estranhos, do que em haverem gosado de uma notavel somma de bens positivos. Igualdade na distribuição da justiça (2), concordia interior entre os subditos d'aquelle pequeno estado, piedade religiosa, eis ahi as feições caracteristicas da *idade de oiro* no reinado de Saturno: condições indispensaveis, sem duvida, para a prosperidade de um estado, mas que, desacompanhadas de outros elementos de feli-

(1) Georg. lib. II, 136 et seg.

(2) Para designar esta igualdade não de condições (que foi e será sempre uma quimera) mas de direitos civis, tiveram os gregos, o povo mais civilisado da antiguidade, um vocabulo especial ισονομία. Sempre me agradaram muito os seguintes versos do doutor Antonio Ferreira, pela capital importancia que 'nelles se alliga á *igualdade da lei* não só nas suas disposições, senão tambem na sua imparcial applicação: (Relevem-nos a digressão)

Qual respeito o rei tem quando promulga
A *lei igual*, em publico proveito,
Que com prazer do povo se divulga,
Tal o tenha o juiz dentro em seu peito,
Na justa execução constante e forte;
'Nisto consiste a *lei*, 'nisto o *direito*.

POEM. LUSIT. III.

cidade, me parece não bastarem para a realisação d'aquelle ideal de ventura, a que o espirito humano pode aspirar no estado social, e que realmente mereça o pomposo nome de idade aurea da humanidade. Na verdade o mesmo elegantissimo e melodioso cantor dos *Fastos*, em outra de suas poesias (1) não duvidou de qualificar de grosseira aquella época aliás tão elogiada; e em outro logar, abertamente confessa preferir a todas aquellas, talvez só imaginadas, antigas venturas, a quadra de civilisação e de progresso, em que vivia:

> Prisca juvent alios: ego me nunc denique natum
> Gratulor: haec aetas moribus apta meis (2)

O que não admitte duvida é que as confusas e variadas fabulas relativas a um antiquissimo, ou antes primitivo periodo de felicidade, tem todas o seu fundamento na inspirada narração moysaica contida no segundo capitulo do Genesis. Nem admira que à viva e desregrada imaginação dos povos idolatras tenha misturado tantos elementos heterogeneos, e alguns absurdos, com a doutrina da originaria tradição. De um modo ainda menos racional, e por certo muito mais obscuro, pretende explical-a um dos principes da moderna philosophia allemã (3).

(1) Heroid. Epist. Phaedr. Hippol. v. 131.

(2) De Arte III, 121.

(3) Eis aqui uma amostra do modo pelo qual Schelling interpreta as tradições universaes que dizem respeito ao Eden. «No principio, o mal estava escondido no abysmo, e um periodo de innocencia e de ignorancia do mal moral precedia o periodo do peccado e da culpabilidade: não se revelava ainda o espirito do amor.... O ser divino existia, é verdade, no seio intimo da natureza; porem não existia ainda na sua unidade, e então havia muitas divindades particulares. Assim é que no começo da historia houve a *idade de oiro*, de que ainda se conserva uma fraca lembrança entre os homens. Era essa a quadra de uma feliz indifferença, em que não havia nem bem nem mal moral.» Quem tiver

Rematarei esta nota, que já vai excedendo a promettida brevidade, offerecendo aos leitores a traducção de dois excerptos, um de Hesiodo, outro de Pindaro. A relação do primeiro d'elles com o thema proposto é evidente, pois os versos de Hesiodo, aprendidos geralmente de cór, não menos nas escólas latinas que nas da Grecia, podem ter influido na imaginação dos poetas romanos ao recordarem as venturas da idade do seu Saturno. O segundo excerpto, tirado de Pindaro, cuja mythologia discrepa algumas vezes da mythologia vulgar, embora tambem hellenica, apresenta-nos Saturno presidindo á mansão dos justos, que após tres metempsychoses, logram na final *palimgenesia*, ou regeneração, uma completa bemaventurança. A singularidade, não muito conhecida, d'esta ficção pindarica me induziu a traduzir os poucos versos da 2.ª ode olympica, em que a uma divindade cruel e brutal no ceo, conforme a fabula vulgar, e benigna e piedosa, quando refugiada 'num então obscuro recesso entre os homens, segundo a tradição romana, se assigna o brilhante encargo de presidir, em uma estancia deliciosa, de que é senhor, ás almas bemaventuradas.

IDADE DE OIRO

Quando, na origem do universo mundo
Os deuses e os mortaes gerados foram,
Prouve aos numes do Olympo habitadores,
A quem dictava as leis o grão Saturno,
Raça humana crear que deu o nome,

curiosidade de ver exposta mais extensamente esta explicação *gnostica* do Eden Mosaico, consulte mr. Moeller: *De l'état de la Philosophie en Allemagne*. Os chiliastas ou millenarios, sectarios christãos do 2.º seculo da igreja, sonharam uma especie de *idade de oiro*, que no fim do mundo havia de preceder o juizo universal, e durante a qual, por espaço de mil annos, os escolhidos gosariam de toda a sorte de venturas, até passarem á celeste bemaventurança.

Por innocua e feliz, á idade de oiro.
Dos homens foi então, qual a dos numes,
Toda paz e prazer, ditosa a vida,
Sem trabalho, sem dôr, e sem cuidados.
Não succedia á léda juventude
Triste quadra senil: vigor, destreza,
Sempre iguaes, os humanos conservavam
Em delicias, banquetes, e folguedos,
Livres de todo o mal. Emfim, benigna
Qual brando somno, sobrevinha a morte.
Tudo viam medrar, sorrir-lhes tudo.
Produzia em seu prol, em copia immensa
Seus fructos, espontanea, a madre terra.
Era entre elles dos campos a cultura
Um jocundo mister, e não fadiga.
Mas depois que ao sepulcro esta primeira
Humana geração baixado tinha,
Os finados, em genios bemfazejos,
Por decreto de Jove, convertidos,
Dos terrestres mortaes guarda e defeza,
Por toda a terra sédulos discorrem,
Em veste aerea; notam, invisiveis,
As iniquas acções, as acções justas,
E folgam de espalhar entre os humanos,
Grato officio de reis, dons e thesouros.

HESIODO. *Os Trabalhos e os Dias.*

A MANSÃO DOS JUSTOS

Ás almas que na terra, e após no Erébo,
Em tres metempsychoses sempre puras
Se conservaram,

Jupiter mostra a fulgida vereda
Que á cidade os conduz, onde Saturno
Tem o seu throno.

Ali, aos bemditosos moradores,
Na ilha alegre brisas do oceano
Sopram serenas.

Ali brilhar se vêem doiradas flores,
Umas que a terra cria, outras que enfeitam
Viçosos troncos.

Outras emfim, que donairosas surgem
Da superficie do humido elemento,
Todas fragrantes.

D'ellas tecem palmitos e grinaldas,
Com que ledos se adornam, por decreto
De Rhadamantho.

PINDARO, OLYMP. II.

ANTONIO JOSÉ VIALE.

NOTA VIGESSIMA



PAGINA 29 — VERSO 6

TARPEIA

Vestal e romana atraiçoar a religião e a cidade! Que ceguissimo impulso, a não ser d'amor, poderia ahi haver para tão negro crime, se é que Tarpeia não foi sonho de poetas, incautamente perfilhado por historiadores, e a rocha que reteve esse

nome não foi cumplice na mentira? Cubiça? e a mais feia das cubiças, a do oiro? e ainda com o requinte de sacrificar-lhe o proprio pai, 'numa acção vendendo a patria, ensanguentando a familia, e renegando a divindade? — Creiam-no outros que não podemos nós tanto.

O caso é, que, seguindo nós a Plutarcho, e regeitando outras narrativas que elle tambem regeita por absurdas, apparece o feito d'est'arte narrado.

No repetir dos pugnazes recontros entre sabinos e romanos, pelo conhecido rapto, Tacio, capitaneando aquelles, vem sobre Roma pelo lado da fortaleza, sublimada na rocha, depois séde do Capitolio, aonde Tarpeio tinha o mando. Avistal-os Tarpeia, filha d'este, foi namorar-lhes os braceletes d'oiro que ajustavam ao braço esquerdo e escudrinhar ensejo de vir com Tacio a concerto sobre a entrega da praça, havendo-os em paga. Feito o acordo, eis franqueada de noite uma das portas e os sabinos dentro. Trata-se agora de preencher as clausulas. E o invasor, recommendado aos seus o não lhe negarem quanto traziam no braço esquerdo, é o primeiro a desabrochar-se a manilha e junta com o escudo a arremessar-lha á cabeça. Seguem os soldados o exemplo e sob o pêso do oiro e dos escudos expira Tarpeia esmagada, triste recompensa da traição, que os proprios vencedores servidos odeiam sempre. A Tarpeio condemna Romulo á morte por traidor.

Esta a substancia.

Se, porem, nos voltamos para Tito Livio, que em nada importante differe, já ahi vemos Tarpeia vestal e indo extra-muros buscar agua para os sacrificios; a morte d'ella attribuida a quererem os sabinos inculcar que a entrega da praça obra fôra tão só da sua intrepidez; é o caso levado no todo á conta de fabula. Nem menos vemos, em remate, inculcado o sentir a que, de par com Pisão, D. d'Halicarnasso se affeiçôa para explicar a

morte barbara da moça, e ao qual de boamente nos inclinâmos, a pôr de parte que no successo andassem amores.

Vem este escriptor historiando e conclue: que Tacio se houve assim com Tarpeia por esta tentar atraiçoal-o, visto como, na calada da noite, enviára a Romulo mensagem do concerto, para com reforço vir á fortaleza a destroçar os inimigos, aos quaes, pela ambiguidade da convenção, teria exigido as armas. E para prova d'isto, que mais verdade parece, adduz as honras que os romanos lhe tributaram morta, erigindo-lhe magnifico tumulo no mesmo logar, sobre a mais sagrada collina da cidade, e os sacrificios e libações annuaes á sua memoria.

Dizer com alguns que Tarpeia era a commandante da cidadella, e que, filha de Tacio e constrangida a viver com Romulo, entregára a fortaleza a seu pai, o qual a punira da traição, ou que não aos sabinos, mas aos gallos effectuára aquella entrega, é fabular o thema ridiculamente.

Asseverar, porem, com poucos, por d'ella serem precipitados os traidores á patria, que Tarpeio só é que o fôra, principiando 'nelle a pratica de tal supplicio, mais vizos tinha de probabilidade, se probabilidades bastassem para refazer historia.

Vai, pois, como se vê, muito involto em trevas o ponto. E como não seria assim em tamanha antiguidade? e para nós? e sem monumentos synchronos? e com mil variantes fantasiosas?

Convençamo-nos, por tanto, da impossibilidade de apurar a verdade; e contentemo-nos com ouvir o que melhor que todos nos conta o fogoso Propercio.

A Tarpeia floresta, e de Tarpeia
torpe o sepulcro, e as conquistadas portas
ao prisco Jove, cantarão meus versos.

Era um bosque gentil; vestem-lhe a gruta
alfombras d'heras; ás nativas aguas
cobre os susurros ciciar das folhas.

Ramosa estancia do Silvano; aonde
o rebanho a beber guiava, ás tardes
a doce frauta. Circumvalla Tacio
esta fonte de bordo, e terreo comoro
seus fieis arraiaes lhe guarda em roda.

E que era Roma então? Fere de Jove
visinhas rochas com murmurio lento
a tuba dos curetes; as sabinas
lanças se ouriçam no romano forum,
d'onde ora partem leis que o mundo acata.
Muralhas são os montes; o ginete
bebe 'naquella fonte, onde hoje vemos
traçada a curia. Ahi Tarpeia toma,
na cantara á cabeça, aguas da deusa.

Vesta, moça que trahe teu fogo santo,
basta acaso a punil-a uma só morte?

Vê no campo arenoso ensaiar Tacio
pintadas armas sobre as loiras crinas;
admira o regio aspecto! as regias armas!
e das pasmadas mãos lhe escapa a urna.
Que vezes culpa á insonte lua agoiros,
e se impõe o lavar no rio as tranças!
que vezes, porque a Tacio não offenda
romulea lança, offerta argenteos lirios
ás brandas nynfas; e nas sarças crespas
fere os braços subindo ao Capitolio,
dos fumos da manhã involto em nuvens!
E as maguas, que não soffre o perto Jove,
na Tarpeia sentada assim lamenta:

«Fogos dos arraiaes, tendas de Tacio,
armas sabinas, para mim tão bellas,
oh! como eu vá do Tacio meu captiva,
captiva em vosso lar os ceos me tenham.

Adeus! romanos montes e nos montes
Roma, e Vesta do opprobrio meu corrida.

Tu, corcel, a quem Tacio a crina atila,
tu leva aos arraiaes os meus amores.

Pasmam de ao pai cortar Scylla os cabellos,
e as alvas coxas feros cães volvidas?
Pasmam do monstro-irmão trahidos cornos,
colhido o fio, abrir tortuoso o passo?

Que injúria eu não serei d'Ausonias moças,
ministra indigna da virginea chamma!

Pasma-te ver Palladio fogo extincto?
Perdoa: os prantos meus a ara inundam.

Ámanhã, corre voz, toda a cidade
pugnará; pensa bem rociada a encosta
do ensilvado cabeço: todo o pizo
é perfido, escorrega; que marejam
no trilho enganador continuas aguas.

Oh! se eu da maga musa entrasse o encanto!
dera esta lingua auxilio ao meu formoso.

A ti, quadra-te bem bordada toga;
não ao que nutrem d'inhumana loba,
deshonrado da mãi, as duras tetas.

Seja hospeda, ou rainha nos teus paços,
é-te dote não vil trahida Roma.
Se menos.... das sabinas pune o rapto:
rapta-me; a mesma lei regule a paga.

Eu posso âs hostes separar; cazadas,
com minha palla medear liança.

Canta Hymeneu; clangor da tuba calle:
crêde, o meu leito abrandará as armas.

Mas já buzina quarta a aurora canta,
e os astros no oceano lassos caem;
vou-me ao somno; oh! de ti me advenham sonhos;
sombra benigna, aos olhos meus occorre.»

Disse, e ao somno incerto os braços abre;
não vê quaes vão poisar com ella as furias.
Pois Vesta, amparo e bem da cinza illiaca,
fomenta a culpa e os ossos lhe incendeia.

Eil-a vaga; qual nús os seios, rotos,
junto ao veloz Thermódon, a bacchante.

A cidade era em festas, que *Palilias*
avós disseram: das muralhas dia
primeiro, festejado por banquetes
dos pastores, por jogos da cidade;
em que o bódo aldeão cóa delicias,
e nos raros montões d'ardente feno
pulam immundos pés das ebrias turbas.

Romulo ás sentinellas dera folga,
nem soam no arraial os varios toques.

Tal crê Tarpeia ensejo, o imigo busca,
e os pactos liga em que será consocia.

Dubio era o monte na subida, e em guardas
remisso pela festa. Sem demora,
o ladrido dos cães, o atalha a espada.
Tudo ao somno incitava; os sós castigos
fez Jupiter velar. Por terra a patria,
da porta a fé trahida, a virgem pede
anciosa o dia de casar. Mas Tacio
(que a traição nem se preza entre inimigos)
«Caza, diz, do meu reino ao leito ascende.»
Disse e lançam-lhe em cima as armas todos,
Este o dote cabal aos seus officios.

Vem nome ao monte do Tarpeio chefe;
vigia, o premio tens da sorte injusta.

ANTONIO AYRES DE GOUVEA.

NOTA VIGESSIMA PRIMEIRA

PAGINA 29 — VERSO 20

AGUAS MINERAES

Foi Roma edificada em campanha deserta variada de collinas, de bosques espessos, e cortada em todas as direcções de valles e pantanos, alimentados não só pelas aguas pluviaes das vertentes proximas, mas pelas inundações annuaes do Tibre e outros rios seus affluentes. Eram verdadeiros pantanos o grande e pequeno Vellabro, e o lago Curcio.

Foi 'neste terreno, eminentemente insalubre, que Romulo e Remo vieram estabelecer sua colonia. Sua cabana foi assente nas vertentes do Palatino defronte do Vellabro grande e a modesta habitação de seu successor, Numa Pompilio, não teve melhor collocação, fronteira ao Vellabro pequeno. A necessidade porem de maior espaço, ou talvez mesmo a necessidade de subtrahir a população, que augmentava rapidamente, ao envenenamento miasmatico dos pantanos, fez já então empreender trabalhos consideraveis para entulhar estes focos deleterios.

Não era só no recinto de Roma que elles se encontravam, mas fora de seus mesmos muros, e em toda a sua cercania.

O clima de Roma antiga parece que pouco differia do actual, apenas em alguma humidade mais e menos calor. A vegetação é a mesma. Roma cobria sete collinas, ultrapassava-as, e se esten-

dia para a campina rasa, exposta aos ventos do meio dia, e abrigada dos nortes por uma cinta de mattas, que já hoje não existe. O antigo traje dos romanos deixava-lhes nús braços e pernas. As ruas eram estreitas e as easas altas. A disposição interna d'estas, rodeadas de galerias e de banhos subterraneos, o mesmo uso immoderado d'elles, tudo inclina a crêr, que o clima primitivo era mais ardente do que o actual.

Seria por ventura mais saudavel? Na Roma de hoje grande quantidade de febres paludiaes vem annualmente no estio e outono dizimar a população. A encararmos só o augmento rapido da antiga Roma, o bello typo e a constituição robusta de seus habitantes, a resposta seria affirmativa. Mas a historia ahi está, ahi estão os archivos dos tempos antigos para a desmentirem formalmente.

Roma, quer no tempo dos reis, quer no da republica, foi assolada por endemias de febres graves; e a palavra peste, com que ellas então eram designadas, não tinha outro sentido senão de febres paludiaes, estivaes, e autumnaes, ao dizer de Vitruvio. E a julgar de taes pestes pela descripção que medicos de tempos mais chegados (Aschlepiades e Galleno) nos deixaram das molestias dominantes, e das endemias epidemicas, forçoso é fazel-as entrar 'nesta cathegoria.

Roma antiga era atreita ás mesmas molestias, que hoje em dia se padecem. Seus primitivos poetas nos deixaram sua descripção, abundando então, obstrucções e apoplexias, hydropisias e pneumonias. É crivel porem, e até provavel, que ao passo que se adiantava a civilisação, as causas determinantes de muitas enfermidades se fossem attenuando. Assim quando o imperio tocou o seu apogêo, a insalubridade local parece se achava muito attenuada pelas numerosas obras d'arte, filhas do luxo e da hygiene. Os logares proximos, incultos e insalubres, foram convertidos em jardins, pomares, e hortas, bosques e habitações cam-

pestres. Aqueductos recolhiam e conduziam para a cidade immensidade de aguas perdidas nas montanhas. Por toda a parte se formavam tanques, lagos artificiaes, repuchos etc.

Com a queda do imperio reappareceu a insalubridade e o povo largou então as collinas, e fugiu para a margem esquerda do Tibre, para o plaino humido e inundado do campo Marcio, ainda sujo dos restos vegeto-animaes em putrefacção; e passou emfim a estabelecer-se no insalubre Vaticano, no Transteverino, e no Borgho, onde a *malaria* reinava com toda a sua influencia devastadora. Demolidos os muros de Roma, cortados os aqueductos por Totila, e parte da cidade prêsa das chammas, foi depois completamente destruida pelos francezes e lombardos.

No XIII seculo, Roma que tinha contado milhões d'almas, estava reduzida a trinta e cinco mil habitantes, dos quaes poucos chegavam á idade de quarenta annos; e em tempo de Gregorio XI só contava dezasete mil. Leão X conseguiu elevar sua população a oitenta e cinco mil almas; mas vinte annos depois de sua morte, a malaria já a tinha reduzido a trinta e duas mil. Desde essa era porem foi a população crescendo sob o influxo das providencias sanitarias, executadas com perseverança, e hoje conta cento e sessenta mil habitantes, sem comtudo deixar de estar debaixo do açoite das febres paludiaes.

É o sólo de Roma de natureza calcareo-argillosa, coberto em muitas partes de terreno de alluvião. Sua insalubridade provém não só dos pantanos situados na foz do Tibre e de outros mais pequenos, e do terreno nú e queimado de seus arredores, mas das lagôas Pontinas, que apesar de sua distancia mandam a muitas legoas, não tendo obstaculo de permeio, suas emanações deleterias na corrente dos ventos; e não é outra de certo a causa productora d'esse flagello, que paira sobre a cabeça do orbe catholico, e que ainda hoje victíma milhares de existencias.

Tem-se dito; e escripto: mas como é que Roma, no seu prin-

cipio, quando mais rodeada de pantanos, foi crescendo sempre em população, e depois de enxuta parte d'elles, dentro e fora na campina, ella diminuiu a ponto de se contarem só dezasete mil de centenares de mil que eram d'antes? A razão é obvia. Roma conquistadora, pela accumulação das riquezas de todo o mundo chamava para o seu recinto todos os povos conquistados, para ahi fruirem as commodidades da vida que não gosavam no seu torrão natal. Eis-aqui sem duvida a causa do seu augmento rapido, mas mesmo durante esse tempo, não são concordes todos os escriptores contemporaneos em que Roma fosse assolada pela endemo-epidemia da malaria?

Dionisio d'Halicarnasso diz que os primeiros colonos do monte Palatino foram obrigados a desamparar aquelle sitio em consequencia do ar pernicioso dos Vellabros. Plutarcho faz menção de numerosos periodos de pestilencia, mesmo no tempo de Romulo e Numa, e duas no tempo de Servio Tullio e Tarquinio soberbo. Tito Livio diz que durante cento e setenta e tres annos, desde 287 até 460, (antes de Christo) houvera em Roma e suas cercanias dezanove pestes com intervallos não menores de dezasete annos, e durando algumas dois e tres annos. Não diz Horacio que julho era o mez das febres, e dos testamentos? Não diz Celso que o modo de se precaver contra ellas era *navigare et perigrinare?* Não sabemos nós pela historia, que os nobres, os patricios saíam de Roma em julho, agosto e setembro? Mas afinal de contas, onde estão as estatisticas obituarias para que se possa affirmar que Roma foi mais sadia nos seus principios que nos tempos modernos?

Esta materia leva-nos a fallar dos banhos tão celebres entre os romanos sob o nome de thermaes, e de qual fosse sua natureza e applicação.

O banho ao principio parece que não era mais do que um acto de limpeza e d'hygiene. O costume era banharem-se todos

os nove dias, no praso das feiras, e diariamente, de manhã, lavavam braços e pernas. Os banhos publicos eram monumentos grossos, massiços, alumiados de grandes frestas, e não de janellas. Dividiam-se em tres compartimentos: o *caldarium*, o *tepidarium*, e o *frigidarium*, cuja denominação indicava assás o seu uso.

A disposição dos banhos particulares e a dos publicos, em geral, era a mesma; e não havia differença senão nas proporções. Alguns d'elles eram vastos e sumptuosos, e até com bibliothecas.

Os bairros mais obscuros tinham suas thermas. Os banhos de Mecenas eram de todos os mais bellos, e tambem os que ostentavam mais riqueza.

Os marmores substituiram depois á pedra, a prata ao chumbo e ao cobre.

No tempo dos imperadores houve cento e tantas thermas, das quaes as principaes eram a de Agrippa édificada 729 antes de Christo; as de Augusto 30 antes de Christo; as de Nero, 54 depois de Christo; as de Tito 79 depois de Christo; as de Domiciano 81 depois de Christo; as de Caracalla 211 depois de Christo; as de Alexandre 222 depois de Christo; as de Diocleciano 284 depois de Christo, e as de Constantino 305 depois de Christo.

Ora tanto desperdicio, tanto luxo, tanta grandeza seriam simplesmente por ostentação? óu meio preventivo contra a invasão das febres pestilenciaes? E eram estes banhos somente de agua pura? ou d'aguas mineraes tambem? A resposta ao primeiro reparo não parece duvidosa. A medicina simples dos antigos tinha por base o uso de banhos já simplices, já compostos, já frios, já quentes, já naturaes, já artificiaes. Alem d'isso, Celso aconselhava muito particularmente a unção da pelle, como meio para evitar a absorpção dos miasmas das febres pestilanciaes. E é

sabido, que uma das principaes ceremonias dos banhistas romanos, era a uncção da pelle com oleo e pomadas. Andando com parte do corpo descuberto, o banho alem de trazer a limpeza, facilitava á pelle uma abundante transpiração, e o oleo embargava a seus poros a facilidade da absorpção. Em quanto ao segundo ponto não é materia corrente, com quanto se saiba o cuidado que os romanos tinham de estabelecer banhos em todas as suas conquistas, onde quer que encontravam aguas mineraes. Restos de taes estabelecimentos existem ainda hoje em todos os povos que elles dominaram. Assim em Italia, em Hespanha, em França, em Inglaterra, e entre nós.

A tres milhas de Civita Vecchia, havia umas thermas fundadas por Trajano, e de que ainda hoje se conservam reliquias. Estas aguas são evidentemente mineraes, e estão situadas na vertente das montanhas Allumiere ou Talfa. Não se acha noticia se primitivamente houve aguas mineraes, mesmo só thermaes, na antiga Roma, hoje sotterrada. Apenas se lê 'numa historia romana contemporanea: que da abundancia de aguas naturaes quentes em Roma antiga se originára talvez entre elles o uso dos banhos. Como porem o autor não cita d'onde tirou similhante idéa, nem as suas palavras, por moderno, merecem credito, quando os antigos nada dizem a similhante respeito, entendemos quereria ostentar conhecimentos em materia controversa, attendendo a que a natureza do solo da campina de Roma, em parte volcanica, a abundancia d'aguas mineraes em toda a Italia, e a lembrança da voragem aberta no *forum*, no anno 392 antes de Christo, onde se precipitou Curcio, e talvez mesmo a dos *Fastos d'Ovidio* do tempo de Tacio, podiam levar a acredital-o.

A pratica dos romanos de construir casas de banhos, onde quer que encontravam aguas mineraes, leva-nos a dizer alguma coisa sobre a sua origem e applicações therapeuticas.

As nascentes d'agua, que saindo do interior da terra, brotam á sua superficie, são ás vezes carregadas de substancias, que tornando-as incapazes para o uso economico, as tornam preciosas para a materia medica. A estas aguas se dá o nome de aguas mineraes ou medicinaes. São caracterisadas pela natureza e proporção dos contentos que encerram, e ás vezes, por excepção, pela temperatura.

Os contentos das aguas mineraes são apanhados pela agua natural, no acto da saída do seu jazigo subterraneo, para a superficie do globo. Em geral os solutos são sempre em pequena quantidade, ou porque as aguas os atravessam mui rapidamente, ou porque se acham implantados, ou impastados nas rochas, que difficilmente os cedem á acção das aguas, ou finalmente porque se formam in tempore mediante certas causas ignotas até hoje.

Os volcões são uma causa efficiente na producção dos elementos mineralisantes das aguas; d'ahi, o acido carbonico, sulfurico, e chlorydrico. A acção dissolvente da agua, os phenomenos de decomposição que ella pode determinar, as reacções chimicas, que resultam necessariamente das forças electro-motrizes, que estão em contínua actividade na natureza, todos estes effeitos concorrem para ministrar ás aguas mineraes os diversos principios que 'nellas se encontram.

Em todas as especies de terrenos brotam aguas mineraes; a observação comtudo pouco tem elucidado sobre seus jazigos, por quanto umas vem mineralisadas dos principios componentes dos terrenos que atravessam, outras nem sombras d'elles têem, trazendo-os de longe ou de grande profundidade. Á sua saída da terra, soltam grandes quantidades de gazes ou mechanicamente arrastados por ellas no seu transito subterraneo, ou dissolvidos á força de pressão, e que largam logo que ella cessa, obedecendo á sua expansibilidade. Este phenomeno faz-se notavel, não só

porque lhes dá a apparencia d'aguas em ebullição, mas porque muitas vezes é intermittente e acompanhado de certo ruido.

As fontes de *Geyser* na Islandia repucham a agua fervente a mais de quarenta metros de altura, arremessando de envolta grandes pedras. A duração do jacto não excede dez minutos, e a sua intermittencia não passa de meia hora. A agua sáe na temperatura de dez a cem gráos e forma incrustações de silica similhantes a couve flôr. Nas margens do *Gardon* se acham duas fontes intermittentes, uma que levanta o jacto a dois decimetros, o que renova trinta a quarenta vezes em vinte e quatro horas, outra que secca inteiramente por espaço de dez a quinze minutos para correr quarenta. Em Colmars, na Provença, ha uma nascente que alça e baixa, alternadamente, oito vezes 'numa hora. Em Bolonha ha uma fonte que cessa de correr um mez, dois, e ás vezes um anno inteiro.

Este phenomeno tem facil explicação, pela accumulação intermittente de gazes nos depositos, que calcando-os com excessiva pressão, as obrigam já a jorrar intermittentemente, já com mais ou menos velocidade.

Os navegantes têem observado o phenomeno de projecção de aguas a grande altura no meio do mar em algumas occasiões; se porem as boccas que as projectam se fecham passado o periodo da emissão, como aconteceu em Roma, não pode averiguar-se pela sua posição no fundo dos mares, se bem que isso é provavel pela natureza do leito d'esse fundo.

As aguas mineraes são mineralisadas pelos gazes oxigenio, azote, carbonico, e sulphydrico; pelos acidos sulfurico, sulforoso, borico, hydrochlorico; pelos saes de base de soda, soda e magnesia; por sulfuretos alcalinos, e por materias organicas muito variadas. Apresentam uma variedade infinita de temperatura, desde a da agua potavel á da fervendo. A razão do calor das aguas thermaes pode deduzir-se ou da presença de volcões, ou do calor central da terra.

A temperatura superficial da agua, nada pode esclarecer-nos nem sobre a distancia dos depositos, nem sobre a temperatura d'elles; por quanto não só ellas perdem calor, conforme a longura de seu curso; mas pela mixtão accidental com agua de outra temperatura durante elle. Ha um phenomeno notavel na existencia constante dos principios mineralisadores no centro da terra: e explicando a mineralisação pela forma já dita, parece que pelo rodar dos seculos, deveriam já ter acabado. A vida humana porem é curta para avaliar a duração, e a existencia do mundo conhecido é nada em face da eternidade: quer dizer, as aguas mineraes hoje conhecidas podem ser de tão curta data comparadas com a grandeza dos principios mineralisadores, que d'hoje a ámanhã podem elles desapparecer para dar depois logar a outras. E parece que assim é, pois que não só se estão descobrindo novas, mas mesmo nas existentes se notam certas differenças. Assim as aguas de Balaruc, de Seltz, e de Bath tem variado de composição; as dos Pyreneos, de temperatura; as de *Gabian*, em logar de trinta e dois quintaes de bitume que davam annualmente, estão dando seis. Demais, certas convulsões terrestres as alteram evidentemente. Em 1755, com o tremor de terra que assolou Lisboa, a fonte da rainha em *Bagnéres de Luchon*, augmentou de temperatura de 41° de centigrado. O mesmo aconteceu em Bade na Hungria, ás de Marianne e Trinchéra na Venezuela.

As materias ministradas pelas aguas mineraes á analise, são: 1.° gazes soltos á sua saída da terra; 2.° gazes retidos em dissolução; 3.° acidos livres; 4.° alcalis livres; 5.° saes; 6.° compostos hepaticos; 7.° materias de natureza organica.

Os gazes que se desatam no seu apparecimento á superficie da agua, são ordinariamente o acido carbonico, o azote, o oxigenio, o ar atmospherico, o hydrogenio sulfurado, raras vezes o hydrogenio, e hydrogenio carbonado, e na visinhança de volcões, acido sulfuroso, e acido sulfurico misturado com vapores aquosos.

Os gazes em dissolução são: o ar atmospherico, o acido carbonico, o acido sulfuroso e o hydrogenio carbonado.

Os acidos livres são: o acido carbonico, o acido sulfurico, o hydrochlorico, e o borico.

Os alcalis livres são unicamente a soda, e ainda assim sempre debaixo da forma de silicato. A potassa é rara.

Os saes contidos nas aguas mineraes são: sulfatos, carbonatos, e chloruretos com bases de soda, cal, magnesia, e oxido de ferro. O azotato de potassa mui commum, os phosphatos e fluatos raros. Os saes de cal, de magnesia, e da alumina abundam; os da ammonia, de barytan, e de stronciana, de cobre, de arsenico e de zinco são raros.

O enxofre entra na composição das aguas mineraes debaixo da forma de hydrogenio sulfurado, ou de sulfureto alcalino.

As materias organicas contidas nas aguas mineraes são ainda mal conhecidas, e é muitas vezes difficil determinar com exacção qual seja a sua verdadeira natureza. As conhecidas reduzem-se a uma substancia de naturesa resinosa, a um oleo concreto, a um bitume, a uma materia extractiva, ao acido crenico e hypocrenico, ao acetato de potassa, ao acido formico, a uma materia azotada, que 'numas aguas se assimilha á gelatina 'noutras a sabão, a qual analisada dá dois productos differentes: a glicerina e a barregina.

A base de uma classificação methodica das aguas mineraes, para o uso medico, é tirada da natureza dos contentos, não dos que 'nellas abundam mais, mas dos mais activos, e de que se derivam suas propriedades medicinaes.

Ás vezes é difficil levar á respectiva classe qualquer agua mineral, porque tem propriedades mixtas, que as fazem entrar promiscuamente em mais classes, e d'ahi vem o achar-se a mesma agua em diversas, segundo o classificador.

As aguas mineraes dividem-se, geralmente, em seis classes:

1.ª salinas; 2.ª acidulas gazosas; 3.ª ferruginosas; 4.ª sulphurosas; 5.ª iodaradas ou bromuradas; 6.ª acidas.

As aguas da 1.ª classe são caracterisadas, como o nome indica, pela abundancia dos saes que contem, e divididas em especies segundo o sal predominante. Assim existem aguas mineraes selenitosas, magnesianas, salinas propriamente ditas, alcalinas e terreas, ou incrustantes, etc. etc.

As da 2.ª classe, pelo sabor azedo e pelas bolhas d'acido carbonico, que as tornam espumantes. Tem em geral á mistura materias salinas de natureza mui variavel, e algum ferro, mas tudo em dozes moderadas..

As da 3.ª classe, pela presença de grande quantidade de ferro, e pelo seu sabor de tinta preta bem desenvolvido. Dividem-se em duas especies: 1.ª agua que tem o ferro no estado de sulfato; 2.ª agua que o tem no estado de carbonato.

As da 3.ª classe, pelo cheiro hepatico, devido ao gaz sulfydrico livre, ou a hydrosulfatos. Dividem-se em cinco especies: 1.ª hydro-sulfurosas; 2.ª hydro-sulfatadas; 3.ª hydro-sulfurosas-aciduladas; 4.ª hydro-sulfatadas-aciduladas; 5.ª sulfuroso-ferruginosas.

Pela variada composição das aguas mineraes, pelo variado numero de seus contentos, se vê já o variadissimo uso que d'ellas se pode fazer na medicina. Alem d'isso ellas se electrisam, mais ou menos, segundo o estado actual da atmosphera, filtrando-se atravez de terrenos de densidade e de composição differente. Os medicos praticos das aguas de caldas, têem notado que na presença de trovoadas, as que são quentes parecem ferver em eachão e borbulhar, augmentando de temperatura, e que os banhistas são incommodados com o seu calor insolito por similhantes occasiões. De mais a mesma especie d'agua composta chimicamente dos mesmos principios, brotando no mesmo solo, tem ás vezes propriedades medicinaes differentes, devido isso natu-

ralmente a alguns principios mineralisantes occultos que a analise ainda não pôde descobrir.

As observações praticas, são um indicio mais seguro na administração das differentes castas de aguas mineraes, do que mesmo a composição chimica de cada uma d'ellas. Infelizmente porem ainda hoje não ha sufficiente numero de observações clinicas precisas e exactas, que possam estabelecer a correlação de cada uma de suas especies, com as differentes doenças que affligem a humanidade. Na verdade seus effeitos são mui variados e difficeis d'apreciar; pois independentemente das propriedades multiplas das differentes aguas mineraes, e relativas á sua composição chimica, outras causas modificam essencialmente suas propriedades medicas. Por exemplo, as aguas mineraes tomadas na nascente, ou fora d'ella apresentam resultados ás vezes muito diversos.

Alem d'isso a medicação que se obtem no proprio logar das caldas, é necessariamente, o resultado de muitas medicações reunidas, dependentes do ar, do clima, da temperatura, da mudança do modo do viver, de habitos, e até das idéas do paciente. A acção immediata das aguas mineraes sobre a economia, se reduz quasi sempre a uma excitação geral mais ou menos profunda, ou a uma medicação tonica mais ou menos declarada.

Muitas vezes estes dois effeitos se combinam, e determinam uma medicação mixta, que tende a despertar a acção dos solidos, e accelerar a dos fluidos, e a imprimir um movimento geral de reacção, desenvolvendo um estado febril, cujos effeitos são tanto mais uteis quanto esta acção é mais morosa e insensivel.

As propriedades secundarias das aguas medicinaes são diureticas ou diaphoreticas, levantes ou purgantes, segundo a composição chimica da agua mineral, o estado particular do individuo, e o modo da sua applicação em banho, em emborcação, em vapor, ou em bebida etc.

GUILHERME DA SILVA ABRANCHES.

NOTA VIGESSIMA SEGUNDA

PAGINA 31—VERSO 21

ESCULAPIO

Jupiter foi um dos primeiros deuses da mythologia romana. Depois da abdicação forçada de Saturno, o velho Chronos, e determinada a carta de partilhas entre os tres irmãos, só elle reinou absoluto no olympo. Os gregos levantaram-lhe templos numerosos, e são notaveis as suas estatuas, alem da belleza em que os artistas se esmeraram, pelo extenso angulo facial, caracter physiologico das altas concepções. O culto de Jupiter passou para os romanos logo nos primeiros tempos do Lacio.

Não succedeu assim ao neto d'este deus, patrono da medicina. Foi necessaria uma circumstancia lamentosa que Ovidio refere nas *Metamorphoses*, para que Esculapio adquirisse o direito de figurar na religião romana. O poeta, de certo o mais famoso lithurgo do seu tempo, e que sabia todas as origens, não se esqueceu da divindade, a quem deveu os muitos conhecimentos que tinha na arte de curar, segundo refere Plinio.

A genealogia de Esculapio, como a de todos os grandes personagens dos tempos heroicos da Grecia, não nos chegou sufficientemente esclarecida. A fabula perde-se em variadas conjecturas sobre o apparecimento d'esta divindade secundaria.

Cicero, no cap. 3.º *De natura deorum*, falla de tres diver-

sos Esculapios: o primeiro, filho de Apollo, de que usavam os arcades, foi este que inventou a sonda (tenta) e ensinou a ligar as feridas; outro, que era irmão do segundo Mercurio, e foi fulminado por Jupiter e enterrado em Cynosura; o terceiro, filho de Arsippe e de Arsénoe, que inventou os purgantes, e a extracção dos dentes.

Se o primeiro Esculapio do grande orador é aquelle mesmo de que resam Pausanias e Pindaro, é fora de duvida que não foi muito antigo. Teve evidentemente origem egypcia, ou phenicia. O deus era filho de Apollo e de Coronis. Ovidio segue esta versão.

Eis-ahi como Pausanias refere a fabula do seu nascimento:

Viajava a donzella Coronis com seu pai no Peloponeso. Apollo avistou-a, e sentiu-se logo incendiado. Os olhos d'aquella peregrina formosura lançavam raios mais intensos, que os do seu carro flammejante. Terminada a viagem diaria, para não deixar o mundo ás escuras, elle cego de subita paixão, ou por ventura para melhor enganar o argos do pai que a conduzia, desceu á terra, e seduziu a pobre rapariga. Quem poderia resistir ao deus, cuja estatua, cinzelada pela mão de Phidias, é ainda hoje a personificação da mais acabada belleza material do homem! A donzella perdeu-se, e teve de occultar o fructo d'aquella divina noite. Nas asperezas de uma montanha do territorio de Epidauro, desamparou o filho, destinado a grandes coisas. Um pastor que por ali andava regendo o seu rebanho, notou a falta de uma cabra, e do seu cão. Os dois caridosos animaes estavam junto do celeste infante, um de guarda, outro a dar-lhe o alimento que a mãi lhe havia recusado.

Pindaro diz de outra maneira. O poeta differe do historiador, imputando a Coronis o crime de infidelidade. Se os deuses são faceis nas paixões, e variaveis na affeição, nem por isso são menos duros no ciume, e asperrimos na vingança. Coronis se-

duzida por Apollo não soube conservar-se fiel ao seu divino amante. Provára do fructo prohibido, e tanto mais gosto lhe encontrou, quanto mais celeste era a sua origem. Com os restos d'aquelle fogo que o deus lhe infundira no coração, começou ardendo por esse joven Arcadio, que lhe arrebatára todos os affectos. Apollo sentiu-se humilhado. Um simples mortal a disputar affeições á sua divindade, era crime que reclamava immediato e cruel castigo. Pediu a Diana, sua irmã, que soprasse o horror da peste sobre a Thessalia. Coronis, a infeliz amante expirou acommettida do mal; mas quando sobre as chammas lhe queimavam o cadaver lindo, teve Apollo compaixão do fructo innocente; arrebatou-lh'o, e deu-o a criar ao celebre Centauro.

Este educador de heroes vivia 'numa gruta do monte Pelion onde era procurado e visitado pela sua muita sabedoria. Filho de Saturno e de Philyra, os seus annos e a fama dos seus conhecimentos grangearam-lhe grande reputação entre os deuses. Achilles foi seu discipulo; e Esculapio com elle aprendeu a medicina (1).

Sobre a vida d'este ultimo heroe restam poucas noticias. Sabe-se que foi um dos argonautas, acompanhando Pollux e Castor 'naquella celebre doidice fabulosa da conquista do vellocino. Depois cançado, por ventura entrado em annos; e para matar de todo as verduras da mocidade, casou com Epione, da qual

(1) Ocyroe, filha de Chariclo, predisse os altos destinos da creança exposta. Ovidio conta isto nos seguintes bellissimos versos

> Ocyroen: non haec artes contenta paternas
> Edidicisse fuit: fatorum arcana canebat.
> Ergo, ubi vaticinos concepit mente furores,
> Incaluitque Deo, quem clausum pectore habebat,
> Adspicid infantem: «Totique salutifer orbi
> Cresce, puer,» dixit: «tibi se mortalia saepe
> Corpora debebunt; animas tibi reddere ademptas
> Fas erit.» etc.

teve dois filhos, Machaon e Podalyrio, que estiveram na guerra de Troia, e quatro filhas, Hygie, Egle, Panacea e Jaso.

Diz-se que Esculapio inventára toda a medicina, chegando o poder da arte que exercia, a resuscitar os mortos. Hippolito, cuja desastrada morte em tão sublime estilo é contada por Seneca o tragico, superior 'neste episodio a Racine, foi um dos que lhe deveram a vida. Pausanias refere que no templo de Esculapio estava escripto que Hippolito dera vinte formosos cavallos ao deus, como paga dos seus serviços. E não foi este o unico heroe resuscitado. Parece que as suas proezas foram taes, que Plutão receiou deveras, se a receita se propagasse, que o seu imperio viesse a despovoar-se. Queixou-se amargamente da nova medicina, e Esculapio foi fulminado. Apollo lembrou-se então do filho, e o collocou entre os astros.

Eram numerosos os templos de Esculapio na Grecia, uns mais que outros afamados, mas todos erigidos em sitios amenos e apraziveis, junto de um bosque que se consagrava ao deus, e servidos por sacerdotes, que professavam a medicina, e successivamente se transmittiam os segredos da arte de curar. Os primeiros livros medicos foram evidentemente a copia das sentenças escriptas nas paredes d'esses templos, especie de *ex-voto*, d'aquelles que ao deus deviam a saude. Nos templos christãos não são raros os exemplos d'esta gentilidade antiquissima.

Como se vê, a medicina foi no principio uma sciencia misteriosa; exerciam-na unicamente os sacerdotes, que se consagravam ao culto da sua divindade tutelar. Andando o tempo secularisou-se, e já em vida de Hippocrates havia medicos em todas as cidades da Grecia, que não pertenciam á classe sacerdotal.

Hippocrates, segundo a curiosa genealogia de um dos seus biographos, era ainda descendente em linha recta do filho de Coronis. A collecção dos seus livros, que as idades piedosamente

nos transmittiram, são a historia mais completa e acabada da medicina antiga. Izidoro refere, que tendo sido fulminado Esculapio, a medicina foi prohibida, cessando o seu ensino com o desapparecimento do seu autor. Assim ficou occulta pelo espaço de quinhentos annos, até ao tempo de Artaxerxes, rei dos persas. Então voltou á luz com Hippocrates, nascido na ilha de Cós. A fabula de Izidoro prova-nos a grande veneração, que a Grecia consagrava á memoria d'aquelle grande medico.

Quando succedeu a celebre peste de Athenas, Sorano pretende, que tendo o mal invadido o paiz dos Illyrios, e dos Peonios, os reis d'estes povos convidaram Hippocrates a acodir-lhes com a sua presença. Primeiro precisava a patria dos seus serviços, disse o honrado medico, quando soube dos ventos reinantes 'naquellas regiões, e previu a invasão da peste na Grecia. Em seguida distribuiu os seus discipulos por todas as cidades, esperando a calamidade que em breve as veiu assolar. Plinio conta que foram taes os serviços prestados por Hippocrates 'nesta occasião, que a Grecia reconhecida lhe decretára honras iguaes ás de Hercules.

O dito de Plinio prova mais o seu respeito á sciencia do grande homem, do que a verdade dos acontecimentos. Thucydides, que fez uma descripção admiravel da peste de Athenas, não falla de Hippocrates; e não é provavel, que um escriptor tão minucioso e singelo se esquecesse de uma circumstancia, que tamanha honra e celebridade dava a um seu compatriota. Alem de que, por esse tempo Hippocrates devêra ter apenas trinta e dois annos de idade, e não parece que em tão curta vida houvesse já adquirido a fama, que acompanha a sua memoria, 'numa sciencia tão difficil, tão laboriosa e tão longa de aprender.

Desde a mais alta antiguidade houve na Grecia Asclepiões ou templos de Esculapio. Nos tempos que precederam immediatamente a Hippocrates eram os mais celebres os de Grene, de

Rhodes, de Gnido, e de Cós. Este ultimo ardeu, e houve commentador que attribuiu áquelle sabio medico o crime de lhe haver lançado o fogo, para se aproveitar dos escriptos, que ali se achavam encerrados. É uma fabula malevola, que ninguem acreditou. O certo é que, o templo foi reedificado, e ainda existia no tempo de Strabão que o visitou. Não succedeu o mesmo ao bosque que o cercava, que posteriormente foi arrazado por Turullio, prefeito de Antonio, quando precisou de madeira para armar a sua esquadra. A todos os templos, porem, excedia em grandeza e magnificencia o d'Epidauro, patria do deus. Ali estava posta a sua estatua, obra de Tragimedes de Paros, toda de oiro e de marfim, segundo Pausanias, com uma das mãos collocada sobre a cabeça de um dragão, e a outra encostada ao bastão symbolico. Esta estatua era mui venerada dos gregos pela sua muita perfeição. Conta-se que Dyonisio, o tyranno, lhe arrancára com irreverencia as barbas de oiro, dizendo que não era decente estar ali o filho tão barbudo, junto de seu pai sem barba. Se este Dyonisio era o que antes exercia as funcções de escanhoador publico, não é de admirar o sacrilegio. Continuava no seu officio.

No vestibulo do templo de Sycione estava o deus sem barba. O seu caracteristico ordinario era o bastão e a serpente; ou porque este animal entrava na composição de muitas medicinas, ou porque representou desde a mais alta antiguidade, e não sabemos por que, o symbolo da vigilancia, ou porque emfim a medicina renova o homem como a serpente a pelle. Luciano nos dialogos (alguns acreditam que Luciano fôra iniciado nos mysterios christãos) diz, que Esculapio nascêra do ôvo d'uma gralha (traducção de Coronis) em forma de serpente. É certo que quando o deus se manifestava, era sempre debaixo da figura d'este antipathico animal. Talvez d'ahi viesse, apesar da sua divina genealogia, e dos muitos templos em que era adorado, a pouca vene-

ração que os sabios lhe consagravam. Suidas, Celso, e o proprio Platão fallam d'elle com extrema irreverencia. Pausanias refere que um sidonio que encontrára em Aegium, no templo de Esculapio (este sidonio tinha advinhado os mythologos allemães) lhe dissera, que este deus era personificação do ar necessario á vida de todos os entes, e que Apollo, representando o sol, com razão é chamado pai de Esculapio porque o seu curso determina a variedade das estações, e communica a salubridade á atmosphera.

As estatuas antigas, e medalhas de Esculapio, que tem sido consideradas, confundem-se com as de Jupiter, ao ponto de serem tomadas umas pelas outras, quando não são acompanhadas dos caracteristicos do deus da medicina. Qual será a razão d'esta singularidade? Quizeram os artistas dar ao neto a physionomia augusta do avô, para indicar logo á vista a sua genealogia, ou consideraram tão elevada, tão sublime, tão celeste, tão magestatica, a sciencia de curar os homens, que igualaram a sua personificação, á da omnipotencia representada no primeiro deus de todo o olympo! Esta ultima conjectura é a que deve agradar aos medicos.

Esculapio não era conhecido dos romanos antes da peste que assolou a Italia pelo anno 301 da sua fundação. A data não é segura, attendendo a que houve varias calamidades do mesmo genero, que se seguiram umas ás outras, o que provavelmente produziu a confusão que se nota nos autores. Dyonisio de Halicarnasso que descreve o mal com minuciosidade, parece antes copiar as palavras eloquentes de Thucydides, do que referir-se a relações antigas que por ventura se tivessem conservado d'essa famosa epidemia. É certo que pela sua historia não é possivel designar qual fosse a peste que invadiu a cidade. Os romanos andavam por esses tempos em guerra com os equos e com os volscos. Os homens do campo, com receio do inimigo, haviam

recolhido a Roma, e não achavam onde alojar-se. Dormiam pelas ruas na companhia dos animaes que os acompanhavam. A policia era impossivel, sobre tudo dividida a cidade nas facções intestinas que dilaceravam a republica. Este estado de insalubridade junto ao abatimento geral dos animos, fez rebentar a epidemia de que fallam os historiadores. Conta-se que por esse tempo appareceram certos fenomenos naturaes, que quasi sempre acompanham aquellas grandes calamidades. Foi visto o ceo em fogo durante dias; houve tremores de terra, que augmentaram o geral terror, e choveram flocos de carne, que os corvos devoravam com avidez, e que não apodreciam.

O mal acommettia sem distincção de idade nem de sexo. Posto atacasse com particularidade a gente pobre, como sempre acontece, nem por isso poupava os ricos. A torrente pestilencial levava tudo diante de si. Diz-se que por esta occasião morreram dois consules, tres dos cinco tribunos, dois dos quatro áugures, o summo curião, e a quarta parte dos senadores. Era tão consideravel o numero de mortos, que não havia braços que bastassem para os enterrar; lançavam os cadaveres nos cannos da cidade onde logo apodreciam, acrescentando d'este modo os horrores da epidemia.

Então se lembraram do Esculapio grego. Postos na ultima angustia appellaram para a divindade. Auxilium coeleste petunt. Os romanos, diz Aurelio Victor, enviaram a Epidauro dez deputados, cujo principal era Q. Ogulnio, para trazerem Esculapio a Roma, acommettida da peste. Chegando ao templo e como admirassem a divina estatua, saíu-lhes uma serpente, que mais veneração do que terror causava, e que atravessando as ruas até á praia, se deitou a nado, e foi acoitar-se no barco e na cama de Ogulnio. Os deputados partiram d'ali para Antium, onde se demoraram por causa do mau tempo. A serpe durante a arribada, desembarcou e foi para o templo d'Esculapio proximo. Não

era licito que o deus, tendo a sua casa á mão, estivesse mal alojado no barco. Passada a tempestade, a serpente voltou, e a esquadra foi subindo o Tibre até á ilhota que fende a vêa d'este rio, e que Plutarcho chama Mesopotamia. Ahi saltou em terra, dando signaes de quem não queria caminhar mais longe. Fabricaram-lhe um famoso templo, e a peste cessou.

Ovidio no livro XV das *Metamorphoses* refere esta lenda ainda com maior minuciosidade.

Festo pretende que o templo foi edificado na ilha porque os medicos usam da agua; Plinio porque os romanos não queriam a medicina na cidade.

É certo que o povo romano nunca foi muito affeiçoado aos filhos de Esculapio. O mesmo Plinio refere que não houve medicos em Roma até ao anno 535 da fundação, tempo em que vindo á cidade o celebre Archagatho, sendo consules Lucio Aemilio, e Marco Livio, o povo concedeu a este famoso sabio os foros de cidadão, e lhe comprou uma loja na encrusilhada Acila para exercer a sua arte.

A questão, porem, não está perfeitamente liquidada. O que é certo, é que só depois d'aquella grande calamidade, começou em Roma a adoração do deus da medicina, e lhe levantaram os templos famosos de que resam as historias.

THOMAZ DE CARVALHO.

NOTA VIGESSIMA TERCEIRA



PAGINA 37 — VERSO 2

SACRIFICIOS

Mais uma prova da veracidade da narração moysaica ácerca da primeira idade do mundo, mais uma verdade, fundada em as memorias falladas dos primeiros tempos e conservada, como tantos thesouros, nas tradições da humanidade, é o cantico da primitiva innocencia, engastado pelo cisne de Sulmona nos poeticos fastos da famosa Roma:

> Ante, Deos homini quod conciliare valeret,
> Far erat et puri lucida mica salis.

É a prova do primeiro dogma, a *innocencia*, seguida da *queda do homem*, segundo dogma, sobre os quaes ambos se funda a theoria do sacrificio.

Importante confissão pela época e pelo logar: era no declinar d'esse periodo extraordinario, que tão gloriosamente decorreu para as lettras e civilisação romana e em que tamanho foi o numero de espiritos cultos, tão admiravel a copia de talentos, que mereceu ser chamado a *idade de oiro* das lettras latinas; era 'nessa Roma, que por tal forma obliterara as verdadeiras noções da *innocencia e da virtude*, que, no tumultuar de suas praças e ruas, os adoradores de um Jupiter incestuoso se acotovellavam com os devotos de uma Venus impudica.

Como é bello e magestoso o destino da verdade! Filha de Deus, sol que deve allumiar os intendimentos, poderá seu brilho ser annuviado, seu benigno influxo desconhecido; mas não será nunca apagada inteiramente, por mais cerradas que sejam as trevas, que lhe escureçam o horisonte.

É por este destino, ou antes condição de sua existencia, que a vemos sustentar-se com luz mais ou menos tibia e a espaços fulgurar por entre a fechada escuridão do paganismo. É por isso que um dos mais elevados talentos latinos, sem o perceber, a confessou em parte.

E com effeito aquelle notavel *ante*, demarcando uma antiga época, em que Deus se contentava com as offertas dos simples e puros fructos da terra, que outra coisa podia indicar senão um estado de innocencia, em que o culto só expressava agradecimento, sujeição e amor? que outra coisa significar senão um estado tão feliz, que o *arrependimento* e o *susto* eram ignorados, porque, não se tendo ainda erguido o peccado a acommetter o Ceo, desconhecia-se o sacrificio, que procedeu da culpa? E o que era isso senão a idade de oiro, os tempos de Saturno, em que toda a gentilidade acreditava com a particularidade tão biblica de imaginar os deuses convivendo com os homens?

Nem só Ovidio a cantou; poetas, historiadores e philosophos a commemoraram, e por todos basta indicar o cantor de Mantua 'naquella maravilhosa poesia, 'naquelle festivo

Jam redit et virgo, redeunt Saturnia regna

Assim Ovidio com aquelle celebre *ante* confessa o primitivo estado de innocencia dos primeiros pais; confessa o *Eden*, esse jardim de delicias, onde sem duvida o culto, que a Deus se prestava, era um culto todo de agradecimento, todo de sujeição e de amor; o Eden formosissimo, não tanto pela amenidade do clima, puro azul do ceo, fresco murmurio dos arroios, delicio-

sas sombras dos bosques, ineffavel fragrancia das brisas, constante contentamento de seus habitadores, quanto pela visão do Senhor que baixava a conversar com elles, pela santa innocencia, de que os Elle vestira, e que, sem esforço, os ensinára a devidamente agradecer as magnificencias e as liberalidades do Creador.

Más onde colheu o poeta esta primeira verdade? Na tradição, que, até certo ponto, era a veridica historia d'esses celebrados tempos fabulosos; na tradição, cujas doutrinas, profundamente alteradas pela imaginação oriental, tinham tomado as vestes do mytho e da poesia; na tradição em que alem da primeira verdade, muitas outras se continham, entre as quaes avulta a memoria do segundo estado do homem, o da *degeneração* pela culpa.

A boceta de Pandora, o que era ella senão a *attestação* do peccado original? D'ella caíram sobre o mundo todos os males; somente a *esperança*, unico bem que os acompanhava, lá ficou guardada. Assim da culpa de Adão vieram á humanidade todos os crimes, todas as desgraças, só mitigadas pela esperança do futuro reparador, sem a qual o mundo seria um inferno. Foi da *esperança*, vinda do Ceo, que a humanidade se nutriu e recebeu o vigor, que precisava para atravessar o longo periodo de seculos decorridos desde o peccado até á Redempção. O *sacrificio* era a expressão d'essa esperança; a humanidade suppunha que por elle applacava a ira Divina, e de sobre o criminoso desviava a culpa para a victima que o substituia.

Em verdade, qual foi o povo da antiguidade, que deixasse de offerecer aos seus numes sacrificios expiatorios, cuja essencia era o derramamento de sangue? Para honrar ou para applacar os deuses devia de ser a offerta de taes sacrificios; não é porem de crêr que povos cultos, como os egypcios, os phenicios, gregos e romanos, podessem suppôr que o derramamento de sangue era um holocausto digno da Divindade. Porque havia de ser este holocausto melhor e preferivel a qualquer outro, quando,

abstrahindo do seu symbolo, é essencialmente repugnante, nem se acha em a natureza a sua analogia?

Não podia pois ser outro o fim senão applacar a ira celeste; e que assim era, a historia o mostra claramente: ora a colera, a ira por parte do superior presuppõe a falta, o crime por parte do inferior; e eis-ahi implicita a confissão do peccado; eis-ahi os funestos effeitos da boceta de Pandora.

Confessando, pois, todas as gerações, umas após outras, em a serie não interrompida desde nós até aos mais remotos tempos, que *todos eram culpados*, não é o mesmo que confessar residir na *intima natureza do homem um principio de mal*, isto é, que todas as gerações herdam umas das outras um mal, que se deu na sua *primitiva natureza?* Este é o dogma da *culpa original.*

Mas estes dogmas universaes, porque estão consignados em todas as cosmogonias, por maneira mais ou menos deturpada, trazem comsigo o da *Revelação.*

Se o sacrificio não pode ser digno da Magestade Eterna, *senão como um meio de A applacar*, o que é o mesmo que *satisfazer pelo peccado*, ou se hade recorrer a uma primitiva revelação para se achar 'nella a *razão de ser do sacrificio*, ou o sacrificio é uma demencia. Seria, porem, grandissimo arrojo chamar demencia á constante pratica, nunca interrompida, de todas as nações e povos em todos os tempos e circumstancias. Assim, pois, a *Revelação* é o corollario unico, essencial, logico, que hoje e em todos os tempos, um espirito pensador e de boa fé pode tirar dos principios postos. É a revelação e somente ella, quem explica as obscuridades do sacrificio, e não admira: pharol do espirito humano tudo esclarece ao homem; á sua luz é que se resolvem com segurança todos os problemas da humanidade. Muito pode, sem duvida, a razão natural; mas, sem aquelle auxilio, quantas vezes se tem perdido por entre os desvios do êrro e da abstracção!

Separada da Revelação, privada d'esse foco de luz, difficilmente comprehenderia bem a harmonia d'esta cadeia, que, ligando no passado o primeiro humano ao ultimo dos homens no porvir, se do crime d'aquelle faz este herdeiro, fal-o tambem herdeiro da reparação, que ao reo primitivo a Divina Misericordia promettêra.

O sacrificio é pois tão antigo como o homem, porque tão antiga como elle é a sua necessidade. Do peccado original, ou rebellião do primeiro homem contra Deus, que deixamos provado, se deriva a *necessidade da Redempção* symbolisada no sacrificio cruento.

Significando, em alguns casos, a destruição da materia do sacrificio o supremo dominio e absoluto direito de vida e morte, que Deus tem sobre tudo que existe; podendo ser muitos os seus fins, como prestar homenagem á Divindade, reconhecer Seu infinito poder e independencia, agradecer os beneficios recebidos, exorar-Lhe novas graças, eram comtudo os seus fins principaes: *a expiação do crime e a substituição do culpado.*

A este respeito diz mr. de Maistre: «o vitalismo do sangue ou antes a identidade do sangue e da vida, estando assentado como um facto, de que a antiguidade nunca duvidou e que tem sido acreditado nos nossos dias, era tambem opinião antiga, como o mundo, que o *Ceo, irritado contra a carne e o sangue, não podia ser applacado senão com o sangue.* Não houve nação, que duvidasse da virtude expiatoria da effusão do sangue. Ora nem a razão, nem a loucura poderam inventar esta idéa e muito menos fazel-a adoptar geralmente. A sua raiz existe no mais intimo da natureza humana e a historia 'neste ponto não apresenta uma só discrepancia no universo. Toda a sua theoria se funda no dogma da *reversão.* Acreditava-se (como sempre se crêu e sempre se crerá) que o innocente podia pagar pelo criminoso; donde se concluia, que sendo a vida culpada uma vida menos preciosa podia ser offerecida e aceita em logar de outra.

....

....

Não podendo immolar o homem para salvar o homem, escolhiam-se na especie animal as victimas *mais humanas*, se é permittida a expressão e a victima era sempre queimada ou toda, ou parte, para attestar que o castigo natural do crime é o fogo, e que a carne substituida era queimada em logar da carne culpada (1). »

Se negarmos ao sacrificio os seus dois fins, a reparação e a substituição, repetimos, como explicar tamanho absurdo, qual seria o de sustentar, que o derramamento de sangue animal fôra um culto, digno da magestade de Deus? Alem d'estes dois fins não se pode descobrir o motivo pelo qual existisse; entretanto que, como diz mr. de Maistre, a sua raiz existe *no mais intimo da natureza humana*. É por tanto impossivel explical-o por outra forma, que não seja a Revelação. D'este modo o explica tambem o profundissimo Eusebio. Diz elle: « seguindo o testimunho das divinas Escripturas, deve dizer-se, que o primeiro de todos os sacrificios, que os primeiros patriarchas se lembraram de offertar a Deus, foi de animaes, o que se não deve julgar uma lembrança temeraria, nem originada dos costumes humanos, mas sim *inspirada divinamente*. Notaveis pela santidade de costumes e inteiramente dedicados a Deus, viram, como *illustrados pelo Divino Espirito*, que lhes era necessario prestar ao Senhor uma grande homenagem, se queriam expiar as proprias culpas e que pela salvação propria deviam pagar preço áquelle de cuja mão tinham recebido a alma e a vida. Mas como não tivessem para dedicar a Deus coisa de maior valor que a propria vida, por isso offereciam *interinamente* a vida dos ani-

(1) Vide *Soirées de S. Petersbourg. Eclaircissements sur les sacrifices.*

maes, trocando assim por aquelle sacrificio *o das proprias almas, como se offerecessem a Deus vida por vida.* »

Isto mesmo indica Moysés claramente quando diz: « *a vida de toda a carne é o seu sangue*, e eu vos dei sangue sobre o altar para expiar os vossos peccados; por isso o sangue (dos animaes) servirá de expiação pelas vossas almas. » Isto mesmo dá a entender a *lei dos sacrificios*, se a considerarmos attentamente. Mandando que cada um tenha as mãos estendidas sobre a cabeça da victima, em quanto a sacrifica, ordena tambem, que se conduza ao sacerdote prêsa e ligada pela cabeça, como quem pela sua propria offerece est'outra.

....

....

« Por isso *em quanto o homem não tinha uma victima, nem mais prestante, nem maior, nem mais preciosa, nem mais digna de Deus*, convinha offertar-Lhe os sacrificios de animaes, para remir com elles a *propria vida* e como preço animado da propria natureza (1). »

O sacrificio, pois, era um symbolo. Em quanto não chegasse a plenitude dos tempos, que a Divina Sabedoria tinha designado para o resgate humano, onde se poderia encontrar a victima que reunisse, segundo a phrase de Eusebio, o *ser prestante, a maior, a mais preciosa, a mais digna de Deus?*

Se de entre os filhos dos homens nenhum era apto, porque todos ficaram contaminados da culpa original, menos o poderia ser o sangue dos animaes. Este era apenas o symbolo d'uma redempção futura; significava o sangue *d'Aquelle Cordeiro, que tira os peccados do mundo;* significava, que esse sangue tinha de se derramar todo, como meio unico de applacar a divina colera, porque o homem, tornando-se culpado pela carne, o anathema

(1) Dem. Evang. liv. I, cap. 10.

caíra sobre o sangue, que é a *vida da carne*, como lhe chama a Escriptura. Era esta tambem a idéa, que do sangue formava a mais alta antiguidade pagã.

Essas verdades, porem, não podiam ser comprehendidas pelo gentilismo, principalmente na corrupção do seculo de Augusto, embora se contivessem nos mythos pagãos; somente podiam ser sentidas e apreciadas entre os povos, que tivessem conservado a tradição primitiva, e não era sob a anarchia do Olympo, que esta se podia manter.

Uma sociedade qualquer, cujos membros tenham iguaes poderes e regalias e que em razão dos principios individuaes estejam em opposição uns com outros, é essencialmente anarchica. É por isso que o polytheismo foi a anarchia nas crenças e por tanto no culto, nos costumes, em tudo.

Tamanho mal era muito antigo; trazia a origem dos primeiros seculos do mundo. A humanidade estava ainda bem perto da *creação* e já a maior parte d'ella confundíra as verdadeiras noções de Deus e mais que tudo a da sua unidade.

Logo após a dispersão dos povos na projectada torre ou cidade de Babel, nas campinas de Senaar, as verdades da Revelação começaram de ser alteradas. O homem pouco a pouco, substituindo á unidade de Deus, as multiplices divindades, que na sua imaginação formava, os idolos, que pelas proprias mãos erguia, as paixões que deificava, confundiu nas diversas mythologias os primitivos conhecimentos, que da Sabedoria Divina obtivera. No polytheismo buscou o pasto, com que alimentasse a imaginação desvairada, não o culto a Deus, em que satisfizesse as precisões de sua alma. No meio d'esse cahos moral, a que se chegára, por entre essa cerração tenebrosa, transpareciam comtudo, posto que com luz bem tenue, algumas das verdades primitivas. Era como em noite de nevoas a embaciada luz da lua. Foi assim, que a idéa da necessidade do sacrificio sobrenadou

por cima da confusão, das falsidades do gentilismo. A tradição do peccado original explica a necessidade, em que todas as nações se julgaram do derramamento de sangue em holocausto á Divindade irritada para a applacar. Mas como a luz, que as allumiava, já não era *a verdadeira luz que allumia a todo o homem que vem a este mundo*, o sacrificio tornou-se abominação, porque nem era offerecido ao unico Senhor de todo o creado *cuja gloria narram os ceos e as obras de suas mãos annuncia o firmamento*, nem a forma, por que se faziam podia ser aceita. Veiu depois juntar-se á immolação das victimas toda a casta de torpezas e dissolução. A impudicicia e a embriaguez fizeram parte integrante d'esses cultos abominaveis. A loucura do homem, subindo de ponto, chegou a sacrificar o seu similhante, julgando talvez por esta forma, apagar a mancha indelevel e hereditaria, que a primeira culpa lançára sobre o rei da creação. Jorros de sangue humano tingiram as aras dos idolos. Crêu-se, que esse fumegar do sangue era um incenso digno das divindades, que o arranco da victima sob o cutello do sacrificador, o estertor do moribundo na agonia extrema era um concerto harmonioso, que aprazia aos numes. Os phenicios, os arabes, os cananeos, egypcios, carthaginezes, persas, tyrios e tantos outros ensoparam as mãos no sangue humano. A propria Grecia não se isentou de receber da Phenicia tão horrivel pratica. Roma, seguindo o impulso geral dos povos, promulgou leis, ordenando os sacrificios humanos. Votando aos deuses infernaes certa qualidade de criminosos, permittiu que qualquer cidadão os podesse matar impunemente, como victimas expiatorias. Pompêo fez lançar ao mar, em holocausto a Neptuno, cavallos e homens vivos. Augusto, o culto Augusto! mandou sacrificar sobre o altar de Julio Cesar um grandissimo numero de senadores romanos! Realmente depois de tanto sangue vertido em holocausto á superstição e á mentira, era necessario que viesse um dia o sangue dos

martyres tingir as areias do Colyseu em obsequio *á fé e á verdade.*

Taes foram os males, que o polytheismo creou. Adoptando todos os deuses e cultos, por tal forma confundiu as primitivas luzes da razão humana, em tão grande barbarismo moral a lançou, que a verdade, na sua ordem superior, quasi que desappareceu do mundo e d'ahi proveiu que o sacrificio, como symbolo, ficasse um enigma. É tambem verdade, que o paganismo alguma vez suppôz, que o sacrificio foi a *exigencia* de divindades, que representavam o principio do mal; mas esse mesmo principio, o que era elle senão *o principio do mal no homem, isto é o peccado*, que trouxe comsigo ao mundo todos os males?

É assim que o gentilismo, conservando pouco clara a noção da *expiação* pelo sacrificio e menos ainda a da *substituição*, que lhe é correlativa, desconheceu a idéa da *verdadeira victima.* Em harmonia com estas idéas cantou Ovidio, descrevendo o sacrificio, que a deusa Carna offereceu para applacar as striges devoradoras das creanças:

> Cor pro corde precor, pro fibris sumite fibras.
> Hanc animam vobis pro meliore damus.

Parece que o paganismo queria assim dizer: « Por este coração, culpado como ficou desde que a desobediencia e o orgulho se apossaram d'elle, offerecemos este, que por sua natureza não póde commetter delicto igual. Por esta carne, que a concupiscencia da gula arrastrou ao crime, offertamos est'outra isenta de similhante culpa; offerecemos esta vida á falta de outra melhor. »

É a confissão da necessidade da *expiação.*

É a *substituição* do culpado.

É a ignorancia da *victima competente.*

Somente um povo existia no mundo, que, por especial mis-

são da Providencia, conservava intacta toda a tradição dos acontecimentos passados, e sabia, pela Revelação, uma parte dos futuros. Era o povo hebraico, que Deus escolhêra para seu povo privilegiado. Moysés, seu legislador, fallando face a face com o Senhor, aprendêra com Elle tudo quanto lhe devia ensinar. Ouvindo da divina bocca qual devia ser a forma dos sacrificios, confirmando-lhe Jehovah a promessa feita ao primeiro homem de um Divino Redemptor, na esperança d'esse futuro Messias continuou o sacrificio que Abel primeiro offerecera, que Noé, Melchisedec, Abrahão, Jacob offertaram *como figura d'esse unico e verdadeiro sacrificio*, com o qual o divino Reparador, sendo a *victima*, realisaria as pazes do Creador com a creatura. Nem o povo podia ignorar a significação d'essa figura: prestando attençao ao que os seus prophetas lhe prediziam, ouvindo as canções sacras dos seus poetas, Israel sabia, que em *Belem de Judá havia de nascer o seu conductor* (1); sabia que esse rei *de Judá*, sem throno nem sceptro, se tornaria como *um verme*, *opprobrio dos homens*, *abjecção da plebe* (2), *ferido por Deus como o ultimo dos homens* para salvação do seu povo (3).

'Nesses sublimes canticos, quando arrebatados pelo espirito do Senhor, esses homens extraordinarios, davam desafogo já aos vehementes desejos de sua alma, já ás profundas tristezas de seu coração, tinham contado exactamente a seus irmãos o nascimento e a morte d'esse Redemptor, e ora lhe representavam o *lobo habitando com o cordeiro* (4), quando *uma virgem désse á luz* esse desejado das gentes (5), ora lh'o mostravam *tomando sobre si os crimes dos homens, soffrendo em vez d'elles*

(1) Micheas cap. 5, v. 2.
(2) Psalm. 21, v. 7.
(3) Isaias. cap. 53, v. 34.
(4) Id. cap. 11, v. 11.
(5) Id. cap. 7, v. 14.

as dores do castigo, já sem forma de vulto humano, parecendo um leproso, mas com o seu sangue curando as consequencias do peccado (1).

Se, porem, somente o povo judaico tinha conservado claras noções do futuro Reparador, não é menos certo, que todas as outras nações da terra abrigavam a confusa esperança da reparação. Seria isto obra de uma lei mysteriosa da Providencia, ou teria tambem ahi influencia o povo judaico, unico possuidor de uma historia completa da creação e da humanidade? Os judeus, que desde o grande captiveiro se espalharam pelo Oriente e que mais tarde tão numerosos foram no Occidente, não teriam diffundído por entre as nações, que os acolhiam, algumas das verdades contidas em seus livros sagrados?

Se reflectirmos que a tradição primitiva se conservou menos impura ainda em povos, para quem os hebreus eram de todo desconhecidos, na India e na China principalmente, cumpre reconhecer, que ella poderia conservar-se por força propria nos outros povos, dada identidade de circumstancias.

Mas é precisamente essa identidade, que faltava entre os gregos e os romanos, os quaes embrenhando-se mais e mais em o naturalismo religioso, é licito pensar que teriam perdido de todo a noção verdadeira do sacrificio, se a tradição, que lh'a dera, não fôra auxiliada pelo elemento judaico.

Quando pois vemos o grande poeta da côrte de Augusto cantar o Messias em um desconhecido menino, se por um lado ahi entrevemos os restos da velha tradição e os vaticinios das sybillas, tambem não vemos obstaculo para a opinião, de que Virgilio teve conhecimento dos escriptos de Isaias.

E com effeito não seria invertendo o sentido das prophecias do filho de Amos, que o cisne de Mantua applicou ao *me-*

(1) Isaias cap. 53, v. 3, 4 e 5.

nino, que cantava, o que Isaias dissera de Jesus? E quem foi esse menino? O filho de Pollião? Dizem os criticos que na occasião *d'aquella decantada egloga* não consta que nascesse filho áquelle consul. Seria Marcello, filho de Octavia, irmã de Augusto? Foi filho do primeiro matrimonio d'aquella dama, nada por consequencia podia ter com o governo do mundo. Seria a prole, que houvesse de nascer do primeiro casamento de Augusto com Scribonia? Não havia motivo (continuam os criticos) de predizer o imperio do mundo a um filho de Augusto, na occasião em que este, dividindo as provincias romanas com os seus collegas, mais fazia antever o restabelecimento da republica, do que a fundação do imperio. Ou Virgilio, diz Cantu, copiaria de alguns poetas de Alexandria (onde então havia grande numero de judeus) o que esses tivessem dito do Messias, que Israel esperava? Por outro lado Suetonio e Tacito, que floreceram um no reinado de Nero, o outro no tempo de Vespasiano, descrevendo o estado do espirito humano 'naquellas épocas, nol-o mostram, acreditando que da *Judéa havia de sair o desejado libertador* (1).

Como quer que fosse, é certo que a musa pagã cantou, como a musa prophetica de Isaias, a vinda do Redemptor universal (2).

A estas vozes confusas, como desentranhadas do sentimento pagão, correspondia o mytho de Psyche (palavra grega que significa *alma)* tão poetico e ao mesmo tempo tão cheio de pro-

(1) *Percrebuerat Oriente toto vetus et constans opinio, esse in fatis ut eo tempore Judea profecti rerum potirentur. (Sueton. Vita Vespas.* cap. 4).

Pluribus persuasio inerat, antiquis sacerdotum litteris contineri, eo ipso tempore fore; ut valesceret Oriens, profectique Judea rerum potirentur. (Tacit. histor. 5, 13).

Ainda mais se lê: *audita major humana vox;* EXCEDERE DEOS; *simul ingens motus excedentium.*

(2) Vide Egloga 4.ª de Virgilio e o cap. 11 de Isaias.

funda realidade. Psiche, perdida a innocencia, separada do Deus, que amava, caminha desconsolada e errante; enche-se depois de animo e de esperança, e atravez de mil perigos e provações busca por toda a parte o bem que perdêra; percorre os templos, entra mesmo no reino da morte, até que emfim o Deus corresponde a tão vehemente e heroico amor unindo-se a Psyche em novo hymeneu. Psyche, como duvidal-o? é a humanidade peccadora e regenerada.

Podemos pois concluir: o sacrificio, a manifestação mais importante e mais significativa do sentimento religioso, o ponto central de toda a religião, o resumo das crenças universaes, tanto dos tempos primitivos, como dos posteriores, se é a confissão do peccado, é ao mesmo tempo a voz da esperança; imperfeito entre os patriarchas e povo hebreu, deturpado, e mais e mais desconhecida a sua significação no paganismo, perfeito e augusto na lei da graça, se além escondia nos symbolos a redempção pelo sangue, mostra-a aqui já completa no sacrificio do Calvario e diariamente reproduzida na altar christão.

Applicando as expostas theorias ao texto de Ovidio, vê-se que 'naquelle *ante* vão de mistura a verdade e o êrro. *Ante*, isto é *lá 'noutras eras*, significa um grande espaço de tempo e muitas gerações, em que o crime era desconhecido; emquanto que sabemos, como elle foi curto, apenas os primeiros annos da vida de um homem, que por muito longo, que fosse em relação a elle, foi curtissimo em relação á humanidade.

Não existiu por tanto essa longa época em que:

Nem de hostias nem de victimas comtudo
precisavam mortaes lá 'noutra idade
para conciliar favor celeste.
Um punhado de candida farinha
um grão de puro sal eram bastantes.

É comtudo fora de duvida, que esta forma de sacrificios, ou

mais propriamente de *oblações*, se não principiou com o sacrificío cruento, acompanhou-o sempre, posto que com differente significação. O sacrificio cruento era a expressão da primeira necessidade do homem depois da culpa, e a figura do seu futuro remedio; o incruento mais commummente um testimunho de crença na Divindade, uma prova de reconhecimento de seu infinito poder e amor; ambos sacrificios em quanto tomados na accepção generica *sacrum facere*, cabendo o nome somente ao primeiro, em quanto explicado pelo symbolismo.

De resto, desde que o homem concebeu a idéa de Deus, sentiu por força logo a necessidade de o exorar, porque do conhecimento da Divindade se derivou consequente o conhecimento da dependencia da creatura e do affecto do Creador para ella. Do primeiro nasceu a prece, do segundo a oblação.

A oblação, como sacrificio, talvez que até se possa suppôr anterior ao sacrificio cruento. O que obsta a acreditar que Adão, ainda no Paraiso, revestido de innocencia, fallando com Deus, ao ver em redor de si a creação inteira a attestar-lhe a omnipotencia d'aquelle Senhor, que do nada a extraíra, o seu amor ao homem para quem a creára, sujeitando-lh'a ao dominio, offerecesse ao Eterno as producções da terra, como penhor de respeitoso affecto? Que encontrando na fragrancia das flores o symbolo da fragrancia das virtudes, de que era cheio, na abundancia e belleza dos fructos das arvores, o symbolo das graças com que fôra enriquecido, com suas offertas testimunhasse ao seu Creador o reconhecimento do seu coração?.

Depois da expulsão do Paraiso, Adão criminoso e perdoado, fraco e a braços com a natureza dura e revoltada, mais deveu sentir a necessidade da humilhação, da prece, do sacrificio; chefe e raiz da familia humana, e por isso pai, rei e sacerdote, illustrado com aquelle divino ensino, que o peccado não obliteràra, deveu sem duvida estabelecer os principios ou elementos

de um culto simples, que satisfazendo-lhe a sêde de seu coração, fosse tambem base, em que se fosse esteiando a sociedade humana.

Oblação, por certo grata ao Senhor, devia de ser o consagrar-lhe como tributo de submissão, testimunho de amor e reconhecimento, as primicias da terra recem-creada, sobre a qual Elle soprára a fecundidade.

Era como um hymno de louvores em que a creação, descantando o seu Autor, fazia sobir até Elle o que d'Elle dimanára.

O uso d'estes sacrificios, que, para assim dizer, vemos começar com o homem, atravessou todas as idades, desde o começo do mundo, fazendo parte do culto nas differentes religiões. Cain, filho de Adão, offerecia a Deus em sacrificio os fructos da terra (1).

Depois da victoria ganhada por Abrahão contra os reis que haviam feito prisioneiro a seu sobrinho Loth, Melchisedec, rei de Salem, offereceu ao Senhor em acção de graças pão e vinho (2).

Mais tarde achamol-os estabelecidos na lei de Moysés por ordem de Deus.

No capitulo segundo do *Levitico* se descreve minuciosamente o rito para as offertas dos sacrificios *de flôr da farinha aspergida com azeite, do incenso, dos bolos, das primicias dos cereaes* juntando a tudo isto *o sal que entra na alliança do teu Deus,* diz a Biblia, e que sendo o symbolo da *incorruptibilidade,* significava tambem a firmeza d'essa alliança.

Para a purificação da mulher, se era pobre, mandava a lei offerecer duas rôlas ou duas pombas (3). No sacrificio pelos le-

(1) Genesis, cap. 4, v. 3.
(2) Id. cap. 14, v. 18.
(3) Levit. cap. 12 v. 7.

prozos dava-se liberdade a um dos passaros offerecidos (1). No sacrificio annual da expiação dos peccados, um dos *bodes offertados*, que se chamava *emissario*, era enxotado para o deserto para que não apparecesse mais (2).

Muitos outros exemplos tirados da Escriptura santa se poderiam adduzir para comprovar, que sacrificios incruentos de diversas qualidades fizeram parte do culto na lei moysaica.

Muito usados foram tambem estes sacrificios entre os povos da gentilidade. Conheceram-nos os egypcios e os phenicios e d'esses provavelmente os houveram os gregos, quando receberam uma parte de suas mythologias. Parece que no seu principio a Grecia offerecia aos seus deuses as primicias da terra e outros fructos, que algumas vezes eram suspendidos ou collocados nas ruas ou nos campos, bem como vasos cheios de legumes cosidos. Depois offereceu-lhes paus odoriferos, o incenso, a myrra, e os mais perfumes preciosos.

As libações de vinho, mel, azeite e leite andavam unidas ordinariamente aos sacrificios de animaes, mas consistiam tambem na forma especial de um simples derramamento.

A maior parte d'estes usos não eram entre os gregos baseados em idéas e praticas communs, mas cada tribu conservava as suas tradições particulares. Triptolemo e Dracon determinaram em algumas de suas leis a *materia para os sacrificios incruentos*. Entre os gregos havia tambem uma qualidade de sacrificios incruentos, em substituição dos cruentos; eram os dos pobres, que offereciam aos deuses bôlos com a forma dos animaes que deveriam sacrificar, ou fructos cujo nome fosse homonymo d'aquelles animaes.

Em quasi todos os sacrificios incruentos entrava o *sal* como

(1) Levit. cap. 14, v. 7.
(2) Id. cap. 16, v. 7.

parte essencial. Emblema da amisade sincera e da hospitalidade, reputavam-n'o essencial nos sacrificios aos numes.

É digna de notar-se a analogia d'este uso, com a prescripção divina a Moysés na *lei dos sacrificios* ácerca do mesmo *sal*. Os hebreus figuravam com elle a segurança da alliança com Deus; isto é, a *firmeza da amisade de Deus;* os gregos a amisade sincera tambem. Notavel conformidade de ritos entre povos estranhos e de civilisações que se repelliam! o que mais prova ainda que esta qualidade de oblações pagãs era a continuação dos primitivos ritos, com que o homem deu culto a Deus.

Tem-se dito que os romanos receberam o uso dos sacrificios incruentos das leis de Numa. *Plutarcho* conta na vida d'este rei, que elle *mandou, á imitação dos pythagoricos, que não houvesse effusão de sangue nos sacrificios, e que a maior parte d'elles constavam de farinha, libações ou outras coisas mais simplices.*

Prohibiu que se offerecesse aos deuses vinho, que não fosse feito com uvas de cêpa podada, e mandou que dos sacrificios fizesse sempre parte a farinha, querendo com isto recommendar a agricultura ao povo romano como um meio de honrar a divindade, o que tambem ia em harmonia com a idéa que a antiguidade formava da qualidade do objecto do sacrificio que se não tomava ao acaso em a natureza, mas que era escolhido d'entre as coisas mais nobres, que ao homem custavam penas e cuidados, e com as suas necessidades mais de perto estavam ligadas.

Dionysio d'Halicarnasso, fazendo muitos elogios a Numa pela sua extrema piedade e religião, affirmando que uma parte de sua legislação versou sobre as coisas religiosas e sobre sacrificios, acrescenta a respeito d'estes: *ne alia minutiora commemorem, quibus omnibus cives ad pietatem longe quam antea proniores sunt redditi* (1).

(1) Dionis. Halicarn. antiquit. cap. 2.

Quereria aqui este historiador alludir á abolição dos ritos horriveis dos antigos povos italianos, como por exemplo o voto solemne aos deuses, para os applacar, de *sacrificar tudo o que nascesse durante a primavera?* Como quer que seja Dionysio de Halicarnasso nada diz sobre sacrificios incruentos.

'Noutra parte refere Plutarcho ter Numa ordenado que toda a viuva que *tornasse a casar antes de acabar o luto legal do marido, sacrificasse em expiação uma vaca prenhe.*

Do que dizem estes escriptores conclue-se que Numa prescreveu sacrificios incruentos, e que não aboliu de todo os cruentos. Tanto uns como outros, já só os incruentos, já ambos reunidos e formando o principal sacrificio, foram usados em Roma até ao estabelecimento do Christianismo, sob Constantino, ou antes até ao imperio de Theodosio, que prohibiu não só os sacrificios aos idolos, mas até entrar-lhes nos templos para ahi exercer qualquer acto da religião pagã, prohibindo ainda depois por outra lei sob pena de morte, a immolação das victimas.

O que porem senão pode concluir é que a Numa deva attribuir-se a iniciativa na reforma dos sacrificios.

É sabido como foram communs na Italia anteriormente a Roma os sacrificios humanos. Depois da fundação d'esta cidade, o seu politico fundador prestou singular attenção ás coisas da religião, como bem provam a dedicação e instituição do templo de *Jupiter Feretrio*, o primeiro que Roma teve, o estabelecimento do corpo sacerdotal chamado dos *irmãos ambarvalles*, cujo mister era offerecer os sacrificios a Ceres e a Baccho pela fertilidade das cearas e das vinhas; a creação dos *aruspices* para consultarem as entranhas palpitantes das victimas, a adopção no culto romano do sacrificio do boi, que se offertava a Hercules no celebre altar chamado *ara maxima*, unica cerimonia religiosa estrangeira, que Romulo adoptou, no dizer de Tito Livio. Em tudo isto vê-se antes do que a formação de um novo culto a

reforma do anterior que o fundador de Roma se empenhou de tornar mais civilisado, isto é menos cruel substituindo á victima humana a victima animal.

Depois observando que Numa decretou as oblações dos cereaes e do vinho, e que prohibiu a *effusão de sangue*, como tão laconicamente diz Plutarcho, que deixa em duvida qual a qualidade de sangue prohibido nos sacrificios, entendemos que esta prohibição foi não só para recommendar o desenvolvimento da agricultura symbolisada na farinha e no vinho, mas especialmente para obstar ao derramamento do sangue dos homens, e não do dos animaes; que as leis religiosas de Numa foram sobre tudo um esforço que tendeu a abrogar o sacrificio humano e não qualquer outro sacrificio cruento como já Romulo intentára, começando a reformar o culto. Assim pois, se em meio de todas as obscuridades da historia dos primeiros tempos de Roma é pelo menos arriscado attribuir a Numa a iniciativa na reforma dos sacrificios, não pode duvidar-se de que o nome d'este legislador indique uma evolução feliz da civilisação romana, e se o nome deixa entrever uma gloriosa realidade, pouco importa ao nosso caso a resolução do problema que pode offerecer a historia de Numa.

Esta evolução porem, esta nova phase da civilisação romana não foi tão feliz que o uso dos sacrificios humanos não resistisse ás leis de Numa, subsistindo com maiores ou menores interrupções, segundo a affirmação de Plinio, até aos fins do reinado de Domiciano, em que um senatus consulto o aboliu.

Attribue-se ainda a Numa a festa *Fornacalia*, seguramente sacrificio incruento, que consistia em offerecer aos deuses farinha de trigo de que se faziam bôlos amassados com sal e agua, cosidos no forno. E como 'naquelles tempos de tudo e para tudo se faziam deuses, tambem o *forno* foi adorado como deus, *dea Fornax*, e entre os deuses contado, chamando-se á farinha *ador*, e a estes sacrificios *adorea sacrificia*.

Depois de Numa a offerta d'estes bôlos, feita segundo o rito, constituia a *immolação.* Consistia no bôlo sagrado chamado *mola salsa,* que era um composto de farinha de cevada ou de trigo, amassado com sal e agua, que o sacerdote desfazia sobre a cabeça da victima, lançando por cima um pouco de vinho. Chamava-se a essa ceremonia immolação, como querendo dizer *molae illatio* e a esta libação *libatio.*

Alem d'estas instituições de Numa, os romanos tinham outros sacrificios incruentos. Nos banquetes e nas comidas ordinarias faziam, em honra dos deuses, frequentes libações, com vinho, agua, leite ou qualquer outro liquido potavel. A deusa Rumina, advogada das creanças de mâma, era honrada com libações de leite; Baccho com libações de vinho; sendo que outro nome d'este deus, *Liber*, parece que dera origem á palavra libação.

Nos sacrificios cruentos as libações faziam-se tambem derramando sobre o fogo juntamente com as iguarias, os liquidos que se offereciam ás divindades.

Assim pois o sacrificio solemne compunha-se de differentes partes, algumas das quaes podiam ser e eram ás vezes só por si sacrificio, e estas eram a immolação e a libação; seguia-se a parte essencial do sacrificio, a percussão da victima *(percutio victimae)* que tambem se chamou immolação por ser sempre acompanhada d'aquella *molae illatio*, e emfim do festim sacro. A victima depois de ferida e sangrada sempre, como quer que tivesse sido morta, pois que o derramamento de sangue era essencial, a *victima* pertencia á divindade, que por meio do fogo, que era como a sua bocca, consumia uma parte, e entendia-se que a outra a dava ella aos sacrificantes, que assim se assentavam á mêsa sagrada, como convivas do Deus, reconciliados com elle, unidos a elle em mais estreita união, em completa communhão. E aqui notaremos mais analogias entre o culto pagão e o rito hebraico. Diz a Biblia, « que quando os israelitas, guia-

dos por Samuel, se reuniram em Masphat, e pediram a Deus que os livrasse dos philisteus, fizeram ao Senhor libações de agua, *hauserunt que aquam, et effuderunt in conspectu Domini* (1). »

Os sacrificios do paganismo eram, segundo dissemos, geralmente acompanhados de banquetes dados como que aos deuses e aos homens, em prova de mutua communhão e convivencia; os hebreus offereciam tambem a Deus sobre os altares a victima cujos intestinos queimavam, e do resto parte pertencia aos sacerdotes, parte aos offerentes que para a consumirem toda convidavam os parentes, amigos, pobres, peregrinos, viuvas e orfãos (2).

Moysés porem com a seriedade da sua legislação soube conservar a decencia e sisudeza 'nestas antigas *agapes;* entretanto que o paganismo introduzindo os jogos *(ludi)* em seus sacrificios, tornou os banquetes do culto verdadeiras orgias. Como a hilaridade devia ser o caracteristico d'estas festas, começaram-se a usar os convicios, as provocações, o lançar em rosto as baldas aos visinhos. Acresceu depois a vontade de agradar, e o estudo de tudo quanto parecesse mais jocoso, e assim se foi desenvolvendo alguma arte 'nestes folguedos, que deram principio á mimica, á satyra, á comedia, e talvez á tragedia. *Deflexit scilicet animus ad scenam paulatim et theatralem artem, quae voluptatem prorsus habet insatiabilem;* diz Maximo Tyrio escrevendo a este respeito.

Nos sacrificios hebraicos as entranhas da victima eram queimadas (3), nos dos pagãos tambem. Ao sacerdote d'Israel que offerecia o sacrificio pertencia ás vezes a pelle da victima (4); o mesmo acontecia quasi sempre na gentilidade.

(1) Livr. 1.º dos Reis, cap. 7, v. 6.
(2) Dut. cap. 14, v. 27, 29, cap. 16, v. 11 e 14.
(3) Levit. cap. 7.
(4) Id. 7, v. 8.

Depois da immolação da victima, entre os judeus derramava-se o sangue á roda altar (1); os pagãos regavam o altar com o sangue das victimas.

Nos sacrificios do paganismo empregava-se o bôlo de farinha, ou *mola salsa*; no sacrificio da hostia pacifica, por exemplo, mandava-se aos israelitas offerecer conjunctamente a libação, isto é, a farinha misturada com azeite e incenso (2).

Os bôlos de farinha, como já acima notámos, eram o sacrificio que se fazia á deusa *Fornax*; na lei moysaica, chamada dos *sacrificios e libações*, mandava-se que o *sacerdote*, *tomando um punhado de flôr de farinha*, *aspergida com azeite*, e todo o incenso posto sobre a farinha, o queimasse sobre o altar. Nos sacrificios cruentos do paganismo a victima devia ser sã, não domada ao trabalho, sem mancha e guiada ao sacrificio com uma corda comprida, para que parecesse ser victima voluntaria, tendo-se como de mau agoiro o ser necessario leval-a com violencia. Não ha aqui notas caracteristicas do symbolismo da victima verdadeira?

Poderiamos ainda consignar muitas outras harmonias do culto pagão com o hebraico e christão; bastam porem as que deixâmos apontadas para provar a *filiação* do culto, isto é, que o culto nos primitivos tempos da humanidade foi *só um*, como *Unico* era o Deus a que era prestado, e que, assim como por duas formas deu culto ao verdadeiro Deus o povo d'Israel, d'essas duas formas se serviu tambem a gentilidade para honrar os seus numes: o sacrificio cruento em todas as suas formas mais ou menos racionaes, mais ou menos extravagantes e barbaras foi o symbolo do sacrificio cruento do Golgotha; o sacrificio incruento, consistindo principalmente na oblação da farinha ou pão, e

(1) Levit. cap. 3, v. 2.
(2) Id. 7, v. 29.

do vinho nas libações, parece ter sido o symbolo do sacrificio incruento do altar christão.

O que a gentilidade porem ignorou completamente, foi a immolação da vontade, foi o sacrificio da alma. A sua religião, toda material, toda exterior, não podia comprehender a abnegação, a completa aniquilação do homem interior nas mãos de Deus; idéas que, fundadas todas no amor, só em uma religião toda amor podiam ter a sua expressão.

E aqui seja licito ás minhas convicções uma digressão para esta qualidade de sacrificio tambem incruento; seja-me licito dar um brado em favor d'essas instituições religiosas, que tão uteis foram ao nosso Portugal, e que a lava ardente das revoluções destruiu entre nós. Nem é de admirar, que lamente a sua falta o homem catholico, que a esta primeira qualidade junta as velhas crenças de outros melhores tempos que já foram. Defensor consciencioso da monarchia, por consequencia do direito, da ordem e da verdadeira liberdade dos povos, de tal modo considera ligados estes interesses todos á causa da religião, que defendendo esta, defende aquelles.

Não é o espirito politico de partido quem o leva a fallar dos conventos; a religião é para todos os tempos e para todas as instituições sociaes, seja qual for a forma d'estas, seja qual for o seu chefe; é até a defensa dos interesses religiosos o campo verdadeiramente neutro, em que todas as opiniões politicas se devem e podem encontrar em mutuo empenho sem quebra de pundunor, nem de dignidade. A religião é quasi sempre o melhor escudo dos governos constituidos, porque, exigindo justiça e verdade dos governantes, exige dos governados respeito e obediencia para com aquelles, a quem a Providencia confiou a direcção do estado.

Se do coração do autor d'esta nota de continuo vôam respeitosas saudades, que lá vão acatar no exilio a magestade do

infortunio e da honradez, se profunda é sua convicção, que só triumphando os principios politicos que professa, poderia tornar a ser feliz esta boa patria, acabando para sempre a divisão que hoje separa tão tristemente os filhos d'ella, nem por isso é sua intenção ir disfarçadamente, sob o manto augusto da religião de Jesus, advogar as conveniencias da sua politica. É muito superior a ellas este grande interesse; é commum a todos nós os portuguezes, que somos catholicos, seja qual for a bandeira, que tenhamos hasteada em nossos diversos campos.

A theoria do sacrificio pelo amor, ou o amor causa essencial de sacrificios, é de primeira intuição, e todos os dias confirmada pela experiencia. O amor é essencialmente generoso, e quando lhe falta esta primeira qualidade, não é amor, mas egoismo. Quanto mais soffre mais cresce, quanto mais violentado mais intenso. Nas tribulações de que elle proprio é causa, acha a sua nutrição; compraz-se 'nellas como o avaro em seus thesouros. Pela intensidade da dôr, que o punge, affere a medida do proprio tamanho. Se lhe é preciso, á debilidade cria forças, á valentia quebra esforços, e da violencia de tão grandes sacrificios paga-se pelo proprio sacrificio. Quanto mais enamorado do objecto que ama, mais apreciador das qualidades que a elle o prendem; quanto mais prêso, mais desejoso de fundir na essencia d'este a propria essencia. E na impossibilidade de realisar tão profundos desejos, somente na mais completa abnegação de si proprio acha conforto.

Se taes são os caracteres do amor na terra, transportado á sua verdadeira esphera (o amor de Deus), de quanto não será capaz? Que o digam as solidões da Thebaida, nos primeiros seculos do christianismo; que o digam Subiaco e Monte Cassino, a Trapa e as Cartuxas. E seria egoista esse amor divino, que povoou os ermos e encheu os conventos? Respondam os trabalhos monumentaes dos benedictinos, em favor das sciencias e das let-

tras; responda S. Thomaz de Aquino, S. Boaventura, S. Bernardo; as missões dos jesuitas e dos barbadinhos; as escólas professadas pelos oratorianos e barnabitas; as gentes do campo civilisadas pelos redemptoristas. E foi o amor, isto é, a caridade quem produziu tamanhas obras; foi o sacrificio interno, a abnegação da vontade nas mãos de Deus, implicita como base fundamental em todas as corporações religiosas, e sem a qual ellas não poderiam corresponder aos seus santos diversos fins.

Não cabe aqui entrar em exame detido da grandiosa questão das ordens religiosas; para a resolver porem por um modo seguro e incontestavel, basta invocar o direito da religião (que é a religião do estado), o *direito da liberdade* e o mesmo interesse d'esta nossa boa terra de Portugal, os quaes todos impõem, creio-o firmemente, a defeza do grande principio da associação religiosa. 'Nella tem a sua mais elevada realisação os conselhos evangelicos.

A associação é um principio de grandes obras moral e materialmente; negal-o á religião, é uma offensa a esta, como é um attentado contra a liberdade do homem e do cidadão. Privar das ordens religiosas um paiz com tão vastas colonias, como o nosso, é prival-as a estas do mais poderoso elemento de civilisação e de força, e o mais facil e menos dispendioso.

Só no cumprimento dos votos, pelos quaes o homem se ligou completamente a Deus, se pode encontrar a força necessaria para vencer as repugnancias e difficuldades que resultam d'aquellas missões; impedir o seu restabelecimento é um acto tão irracional e arbitrario como anti-patriotico.

Argumentaremos ainda com os direitos do infortunio. Se a desgraça da alma afflicta fôr tão grande, que para ella já não haja paz senão á sombra do claustro, longe do tumultuar das paixões humanas; já não haja conforto senão nos prantos de tribulação vertidos aos pés de Deus, no retiro do templo, deverá negar-se-lhe o claustro e o templo onde possa ir abrigar-se?

Deverá recusar-se ao arrependido um pobre mosteiro, lá no retiro dos montes, onde possa ir résarcir com lagrimas e penitencia as injurias feitas aos Ceos, de que se achou uma vez culpado, quando a sós com a consciencia examinou a vida que lhe fica atraz!

Deverá impedir-se-lhe que possa, longe do mundo, offerecer ao Senhor em sacrificio as amarguras do espirito e recuperar pelo arrependimento o que perdeu pela culpa?

Os que assim o negarem devem ter sido sempre bem felizes. Todas as horas da existencia lhes terão corrido tão placidas e risonhas, que nem uma lembrança melancolica do coração, nem uma saudade triste no fundo d'alma lhes embaciaram, uma vez sequer, a limpidez esplendida dos horisontes da vida. Não lhes passou por cima um instante de agonia interna, que os obrigasse a buscar alem de si o seu soccorro, a levantar os olhos ao Ceo em busca de auxilio; por isso ignoram quantas consolações ao penitente e ao triste ensinou o rei psalmista, quando elle mesmo, penitente e triste, exclamava: *Sacrificium Deo spiritus contribulatus.*

Bem o comprehendeu comtudo um dos melhores talentos da nossa terra, quando escrevia:

«Feliz da terra, os monges não maldigas;
do que em Deus confiou, não escarneças!
Folgando segue a trilha que ha juncado
para teus pés, de flores a fortuna,
e sobre a morta crença, em paz descança.
Que mal te faz, que gôso vai roubar-te
o que ensanguenta os pés nas bravas urzes,
e sobre a fria pedra encosta a fronte?
Que mal te faz uma oração erguida,
nas solidões por voz sumida e frouxa,
e que, subindo aos ceos, só Deus escuta?

Oh! não insultes lagrimas alheias,
e deixa a fé ao que não tem mais nada!
....
....
.... (1).

MARQUEZ DE ABRANTES.

NOTA VIGESSIMA QUARTA

PAGINA 55—VERSO 1

ADIVINHAÇÃO E PROPHECIA

Antes de correr o véo á prophecia dos futuros destinos de Roma, o poeta ainda nos demora alguns instantes nos vergeis da Grecia para assistirmos com elle á antiga festa de Baccho, e á explicação do sacrificio mais agradavel ao deus dos jardins.

Entre as nymphas dos bosques e das aguas, e o bando lascivo dos satyros, mostra-nos os deuses adormecidos sobre a relva. Socios e amigos de Baccho o prazer cerrou-lhes as palpebras. Sobre as cabeças coroadas de pampanos as arvores copam as sombras, e os arroios proximos espriguiçam a corrente, murmurando.

As nayades, de pé, ou deixam escorrer as tranças com requebro feiticeiro, ou as ennastram enfeitando as frontes graciosas. Aqui, vôa a tunica a uma, e indiscreta descobre-lhe o joelho,

(1) A. Herculano *A Arrabida*.

ou a espadua. Mais adiante, os véos mal conchegados abrem-se, e deixam ver os seios nus de outra a palpitar. Os pés delicados de todas fogem tão ligeiros sobre a fresca erva, que nem sequer magoam as flores, trilhando-as. Nem só os pans e os satyros se abrazam; a chamma dos desejos ateia-se até no peito de Sileno, pesada carga do seu jumento, que vacilla.

Desmaiou e sumiu-se o sol. Suspira nas ramas a viração e por fim calla-se com a noite. Tudo repousa. Só geme o desditoso Priapo. Fere-o a dôr do affecto desprezado. Longe d'elle descança a formosa Lotis.

No meio do silencio ergue-se, e tão de leve firma os passos, que lhes furta o som; tão manso respira, que nem os labios sentem o alento comprimido; chega, devassa o asylo secreto da nympha, e vai colher do somno, e não da ternura, as premicias do amor.

Já a mão impaciente apalpa as roupas, já a anciosa bocca treme sobre as rosas, que o pudor aviva, quando resoa rouco e intempestivo o zurro do animal de Sileno. Lotis desperta, olha, vê o deus, e assustada esquiva-se aos braços, que vão estreital-a. Os eccos acordam com as suas vozes.

O jumento pagou com a vida. Desde a noite fatal, que viu a vergonha do nume do Hellesponto, foi esta sempre a victima mais grata aos altares de Priapo. Depois do quadro, que o seu pincel vestiu de alegres côres, Ovidio, mudando de repente de tela e de tintas faz-nos admirar o vulto da mãi de Evandro. Que engenhosa mestria em graduar as transições! Que apuro em acabar com primor tantos paineis diversos, cuja variedade assombra! Como sobresahe o grandioso da prophecia de Carmenta depois das folias e das danças pastorís!

Ainda o riso movido pelas desventuras amorosas de Priapo se não despediu dos labios, e já nos arrebata outro assumpto. D'esta vez a voz do futuro é que nos chama. *Magna vox!*

Entre o berço e a sepultura, a ignorancia do que nos espera cega sempre o homem no seu caminho. Em vão eleva, ou dilata a vista da alma para transcender os limitados horisontes da terra; os esforços quebram-se impotentes; a luz enganosa apaga-se ao primeiro sopro; e nem o dia de hoje poderá dizer o dia de amanhã.

A esperança aponta para o ceo, o coração saudoso do invisivel e do sobrenatural pulsa inquieto, a razão admira o poder sublime, creador do universo; mas do que o porvir encerra, do que está ainda para ser, não é permittido rastrear nem uma lettra!

Quer ousemos interrogar as estrellas, quer nos abalancemos a escutar a vóz do abysmo, nem a revelação descerá de cima, nem dos antros saírá senão a mentira. Oraculos, visões, sortes, astrologia, tudo, em presença da verdade confessa o nada das temeridades humanas. O futuro só Deus o vê.

O desejo inquieto de todas as gerações, desde que o homem abriu os olhos, sempre tentou roubar ao ceo o conhecimento do porvir. Alongar a vista pelo espaço incommensuravel, que abraça a successão das eras vindouras, e saudar como presentes os seculos e os acontecimentos, que ainda não nasceram, desde remotos povos foi e ha de ser a impaciencia de todas as eras. Chaldeos, egypcios, persas, gregos e romanos, attrahidos pela illusão de lerem o mysterio do seu destino, todos curvaram o joelho ao altar, d'onde as theocracias dictavam os oraculos, ou com os olhos nas estrellas debalde tentaram soletrar os segredos do pensamento eterno nos astros esplendidos, de que se corôa a abobada celeste.

Tecendo com tão admiraveis desenhos o poema dos *Fastos de Roma*, Ovidio não podia omittir este importante aspecto.

A prophecia de Carmenta lisonjeava o orgulho do imperio. Fugindo com o filho a sibylla enxuga-lhe as lagrimas, e consola-o das saudades da patria, illuminando por momentos a noite profunda, que ainda esconde aos olhos de todos as prosperidades

promettidas a Roma. Antes de surgir a rainha do Tibre, e de se assentar no throno do mundo, já ella a vê despontar e crescer. Vê-a grande na lucta, e depois soberba e victoriosa, lançando algemas aos reinos conquistados.

O poeta de nada se esqueceu para revestir esta scena grandiosa do seu verdadeiro caracter. Evandro entra no rio, que tantos successos tornaram famoso. Sobre uma e outra margem descobrem-se apenas algumas choupanas aninhadas no seio das solidões. É então que a sibylla com o rosto inflammado, e ardendo-lhe na vista o delirio da inspiração divina, desgrenhada e em sobresalto trava da mão ao piloto, e alongando o braço para a direita, tres vezes fere o convez com o pé impaciente.

Cega, quasi louca de enthusiasmo, arremessar-se-hia por cima das aguas para mais cedo beijar a terra, que avista, se o filho a não contivesse. Ainda de longe saúda as ribas hospitaleiras, que um dia serão o berço da predestinada cidade.

A nobre figura da mãi de Evandro, avivada por Ovidio 'neste bello trecho dos *Fastos*, não era nova, nem fabulosa para os romanos. Sempre viva na memoria ligava-se pelos vinculos religiosos desde remotos tempos á gloriosa historia da capital do mundo; porque a voz, que o poeta repetiu, promettendo aos futuros povoadores os prodigios de um destino sem igual, era nada menos que a voz admirada da sibylla Cumeia.

Os eruditos pelejaram sobre o verdadeiro logar do seu nascimento, e divergiram ácerca do nome e da stirpe da prophetisa; porem se o pleito ainda se não acabou de esclarecer, e se a sentença espera por novas investigações para se lavrar, não faltam a despeito d'isso autoridades, dignas de credito, que, representando-a com o cantor das *Methamorphoses* como a verdadeira nympha Carmenta, lhe derivem de *carmen* a poetica denominação, devida a sairem-lhe sempre os oraculos fundidos em verso.

Virgilio no terceiro livro da *Eneida* descreve o antro da prophetisa, e o modo por que vaticinava, escrevendo em folhas soltas. No livro sexto completa a pintura, acrescentando:

........Foliis tantum ne carmina manda,
Ne turbata volent rapidis ludibria ventis;
Ipsa canas, oro.

Em outro poema, não menos opulento e louvado que os *Fastos*, Ovidio tambem figurou com a rara viveza do seu estylo a caverna da sibylla:

Littora Cumarum, vivacisque antra Sibyllae
Intrat: et ut manes adeat per averna paternos,
Orat; at illa diu vultum tellure moratum
Erexit, tandemque Deo furibunda recepto:
Magna petis, dixit, vir factis maxime.
Metam. lib. XIV.

Finalmente Claudiano, no panegyrico do quarto consulado de Honorio, exclama:

Chaldoei stupuere senes; Cumana que rursus
Intonuit rupes, rabidae delubra Sibyllae.

Escriptores, orthodoxos e sinceros nas crenças, arrastados pelo natural pendor do espirito para o maravilhoso da antiguidade, não hesitaram em attribuir á prophetisa verdadeiros poderes de revelação, dando-a quasi como nuncia da nova lei de Christo. Illudidos pelas apparencias, ou mais exacto, pelos proprios preconceitos, quizeram que ella tivesse exaltado nos seus cantos o Deus Uno, creador e conservador do universo, e que alem de o celebrar no seio do polytheismo, vaticinasse ainda o nascimento e a missão do Redemptor, adorado pelos magos do oriente na gruta de Bethlem.

Os oraculos, que serviram de texto a este sonho foram os

seguintes, que damos em latim como os cita um dos autores a que nos referimos (1).

Sparge pie semen: Dominus tibi donet ut ista,
Aeternos fructus, aeternum lumen habebis.
Vitam incorruptam, cum cunctos arguet igne
....

E mais notavel seria ainda outra prophecia invocada em favor da opinião, que apontâmos, se todos os signaes não estivessem denunciando de ser falsamente baptisada com o nome e autoridade da sibylla: (2)

Virgo sancta olim, cunctis et clarior astris
Mirando infantem sanguine concipiet.
Suffecto é coelis hunc nutriet alma liquore
Uberibus propriis, lacteque virgineo (3).

Sessenta e tres annos antes de se abrir a era christã, divulgou-se na séde do imperio outra prophecia, assegurando que estava para nascer um rei ao povo romano. Este vaticinio designaria o Messias, o promettido das nações segundo os hebreus? ou tirava a sua origem mesmo das trevas do culto pagão? Não parece facil decidir. Ambas as hypotheses foram defendidas, e nenhuma prevaleceu de modo que excluisse a duvida. Não se lisonjeava um dos cumplices de Catilina de ser elle o rei annunciado pelos oraculos, e de estar proxima a hora de receber a corôa das mãos dos conspiradores, seus socios?

O que mais deve admirar-nos é que, apesar de separadas da communicação hebraica, algumas nações orientaes nunca deixassem obliterar a memoria da queda do primeiro homem, e a crença no dogma da expiação. A vinda do filho de uma virgem eleito

(1) Sibyllinorum versuum, lib. IV, in principio.
(2) Boissardus. De Divinatione p. mihi 227.
(3) Servatii Gallaei Dissertationes de Sybillis.

para reconciliar a terra com Deus, encontra-se prognosticada nas tradições dos brahmines, dos magos, e dos bonzos. Muito antes de Jesus habitar o mundo já a idéa da necessidade da redempção, dominando as antigas civilisações, tinha circulado por quasi todas as seitas, atravessando o Euphrates, o Indo, e os oceanos mais tempestuosos.

Na extremidade da Asia oriental Confucio declarava aos seus discipulos que o verdadeiro santo nasceria no occidente. Na Idumeia, Job, o modêlo das virtudes arabes, esperava com alegria pela presença do Salvador, affirmando que o não veria com os olhos da carne, mas só depois da resurreição, porque os tempos ainda estavam distantes (1).

Os indús em um de seus poemas ensinam que hade nascer um brahmine o qual fará reinar a verdade e a justiça, offerecendo o sacrificio. Finalmente Manchi, discipulo de Confucio, compara a expectação geral do mundo á impaciencia das plantas murchas, que suspiram pelo orvalho. Todos estes testemunhos o que provam, senão que o coração humano aspirava a novos destinos, e que, abraçando-se com as tradições quasi nascidas no berço da terra, procurava consolar-se da tristeza dos dias de tribulação e de obscuridade?

Tacito, o severo annalysta dos desvarios do imperio, tratando, no reinado de Vespasiano, da guerra que terminou com a ruina de Jerusalem, cita as vozes vagas, que annunciavam, conformes com os antigos escriptos sacerdotaes, que o oriente 'nesta época havia de sobresahir, apoderando-se homens da Judéa da direcção das coisas (2).

(1) Job. cap. 19, vers. 25, 26, 27.

(2) Quae pauci in *metum* trahebant: pluribus persuasio inerat, antiquis sacerdotum litteris contineri, eo ipso tempore fore, ut valesceret oriens, profectique Judaea rerum potirentur, quae ambages Vespasianum ac Titum praedixerant. Tacit. Historiar. lib. v, num. 13.

Suetonio, reproduz a mesma crença, dizendo que era opinião constante, que o destino tinha assignalado aquelle tempo para saírem da Judéa os dominadores dos homens (1).

Estes confusos vaticinios, que os dois escriptores não duvidaram repetir, e os prodigios narrados por Tacito 'nesta occasião, procediam da astucia e má vontade dos inimigos do poder imperial? ou subiam mais longe, manando da mesma occulta fonte, de que em tão diversas e distantes partes encontrâmos os signaes?

Mas aonde os admiradores do maravilhoso descubriram mina mais rica foi na quarta ecloga de Virgilio tantas vezes invocada. A terna imaginação do poeta, que mais recorda a suave melancolia moderna, descrevendo as aguas, as arvores frondosas, e as campinas douradas pelas searas, suspende-se no meio dos quadros pastoris, e afinando a lyra para sons mais altos, rompe o mysterioso canto, vestindo o pensamento com as magnificencias do metro:

Ultima Cummoei venit jam carminis aetas
Magnus ab integro saeclorum nascitur ordo:
. . . .
Jam nova progenies coelo dimititur alto:
Tu modo nascenti puero, quo ferrea primum
Desinet, ac toto surget gens aurea mundo
Casta fave Lucina, tuus jam regnat Apollo.

As difficuldades, que offerecem as allusões, em que Virgilio aponta para o berço auspicioso de um filho do ceo, destinado a abrir as portas de oiro á idade nova, não se desatam, aceitando-se a explicação do imperador Constantino, e dos que inten-

(1) Percrebuerat oriente toto vetus et constans opinio esse in fatis: ut eo tempore Judaea profecti rerum potirentur. Sueton. Tranq. T. Vespasian. num. 4.

taram applical-a ao nascimento do Messias. A visita de Herodes á capital do imperio, e a sua intimidade com os confidentes de Augusto, dariam certo pêso ao voto dos autores, que se inclinam a ver nos versos do cantor de Eneas a imagem das tradições hebraicas, se outros logares não favorecessem igualmente a opinião dos que attribuem ao conhecimento dos oraculos da sibylla a revelação da missão divina.

Estudando-o sem preocupações, que ha de inspirado e de fatidico no poema, que tanto campo offereceu á critica? Idéas, figuras, e crenças tudo verte as côres do polítheismo, e se accommoda sem esforço aos louvores de Augusto e do filho de Asinio Pollião, segundo o parecer de commentadores judiciosos.

Para nós é evidente, sem nos apartarmos de Blondell, e de outros escriptores desapaixonados, que a piedade pouco allumiada quiz forjar armas contra os adversarios pagãos das transparentes allusões da poesia de Virgilio. Prestaram-lhe as azas de fogo de vidente enlevado em raptos divinos, e pozeram-lhe na bocca o cantico da boa vinda do Messias, quando elle apenas enramava a lyra profana para celebrar entre jubilos o fausto natalicio do herdeiro do seu protector (1).

A fé nos deuses, o temor da sua justiça, e a veneração do seu poder sobrenatural, eram sinceras na gentilidade, á qual as risonhas ficções de um culto mundano e sensual inspiraram tantos primores, modêlos e desesperação da arte moderna.

Consultando Apollo em Delphos, Hammon no Egypto, e outros oraculos, obedecia-se apenas ao uso, pagando tributo á credulidade da plebe e enfreando-a pelo terror religioso? ou na realidade acreditava-se que um espirito superior baixava sobre a cabeça da pythonissa, ou sobre os altares, facil em descortinar o

(1) Servatii Gallai Dissertationes de Sibyllis earumque oraculis. Cap. XVIII, p. 363.

futuro á voz do sacerdote, e dos que vinham pedir-lhe a revelação dos segredos eternos?

De certo não. O interesse das theocracias aproveitou com destreza as fragilidades da superstição, enriquecendo as aras com as offertas dos illudidos, que uma resposta ambigua despedia ainda mais incertos; mas os homens cultos e instruidos riam-se dos agoiros, dos vaticinios e das sortes. Na Grecia, mãi e amiga das boas artes, que ennobrecem o gosto, na Grecia aonde fallaram os oraculos mais celebres, discorria-se com impunidade contra elles, e havia quem os accusasse de impostura.

As seitas philosophicas dividiam-se 'nesta disputa, como em outras, e se os stoicos e os platonicos defendiam a causa do sacerdocio, os cynicos, os epicureos, e os peripateticos zombavam dos milagres sem se encobrirem. Eusebio affirma, que não foram menos de seiscentos os autores pagãos que escreveram contra (1).

Os fragmentos que nos restam de Oenomaus, tão solto nas palavras, como septico nas razões, espantam pelo arrojo. O deus de Delphos, apodado de embusteiro, ouve em pleno paganismo as ironias mais crueis. Mas, quem sobre todos deve admirarnos é o proprio Cicero. Investido nas maiores dignidades da republica, no seio de Roma, tão grave e positivo na applicação dos principios de politica e de governos, vemol-o imitar nos seus livros as leviandades filhas da engenhosa agudeza de Athenas! A voz do grande orador flagellou tambem com motejos o que havia de mais santo e acatado na religião, e escarneceu dos auspicios. Constrangendo com instancias victoriosas os adversarios a replicarem, que no momento do sacrificio os deuses podiam mudar as entranhas das victimas, accusa-os depois de demolirem a arte dos aruspices. Apesar d'isto não se estranhou a impie-

(1) Euseb. Preparat. Evang. lib. IV.

dade publica. Os collegios dos sacerdotes ficaram mudos, e o riso feriu no rosto as crenças, sem que se levantasse um vingador.

É que a capital do mundo 'naquelles dias quasi que nem já tinha religião, nem existencia propria. Imagem do cahos, copia de mil differentes usos, cifrava o sentido e o destino da vida na posse dos bens phisicos, saindo dos banhos para os amphitheatros, e dos sacrificios e festas dos templos para as torpezas do lupanar, e para os excessos da mais dispendiosa gula.

O que era a virtude em Roma depois de Mario e de Sylla e pouco antes de Cesar? Porque laços divinos se elevava a creatura ao Creador? Porque esperanças tendia no ceo? Adiante do tumulo cerravam-se as trevas do aniquilamento. Depois da morte o nada! Era a opinião dos doutos. No senado Cesar exclamava que espirito e corpo tudo era um dentro do sepulchro!

Não se acreditava na religião. As irreverencias de Aristophanes contra os deuses nas suas comedias, e sobre tudo na das *Aves*, não assustavam a devoção da Grecia, nem a de Roma. Ás gerações dos tempos de Numa e dos Lucomons, á singeleza viril da republica, succedera uma época incredula, escrava sensual dos deleites. O antigo temor dos deuses convertêra-se na indifferença, filha do scepticismo pulido. Como não havia de ser assim se estava mesmo na indole do politheismo o decair na proporção dos progressos intellectuaes?

Religião infamada pelas monstruosidades occultas de alguns de seus ritos offerecia no olympo exemplos de todos os vicios. Como levantaria a cabeça para o ceo depois de tão envilecida? Roma chegára á final desgraça de não se lembrar nem das virtudes dos seus maiores, nem do nome das suas divindades.

A corrupção do sacerdocio acompanhava a perversão dos costumes. Os oraculos tornaram-se venaes. Dictavam-se de fóra as respostas, e doceis á voz des interesses humanos raro seria que

não obedecessem. Demosthenes não se queixava sem motivo de que a Pythia *philipisava*, O rei de Macedonia tinha o segredo de a inclinar a seu favor. Alexandre arrancava no templo a Hammon a saudação, que deshonrando sua mãi, lhe deu o titulo de filho de Jupiter; e Augusto, separando Livia gravida dos braços do esposo para a receber no seu leito, e consultando tambem os oraculos, não os achou menos lisongeiros do que os seus cortezãos, porque se não envergonharam de coroar de benções um acto que merecia censuras.

Os artificios, de que se valiam os padres tambem não eram ignorados. As pias fraudes na antiguidade entravam como base do systhema theocratico. Para os oraculos buscavam-se as cavernas. A escuridão e o horror da noite, que as entenebrece, com os accessorios habilmente dispostos, concorriam para ferir a imaginação. Nos templos propheticos, aonde a natureza não proporcionava estes meios, a arte suppria-os. Os santuarios representavam especies de antros, em que a divindade se recatava dos profanos, e aonde só penetravam os sacerdotes. A Pythia em Delphos não subia á sua tripode senão em sitio obscuro, e separado do pequeno aposento, occupado pelos que a consultavam.

Na descripção do templo de Serápis, Rufino aponta a circumstancia, commum a todos, de estar elle crusado de caminhos subterraneos por onde os padres se introduziam, e jogando com as machinas, graduavam os effeitos theatraes que desejavam produzir. O que a Escriptura nos diz dos sacerdotes de Belus, que Daniel cobriu de confusão, avivando-lhes os passos na cinza, era vulgar em toda a parte, e desde remotas eras.

Mas já é tempo de nos recolhermos; pedia o assumpto proporções mais amplas, e cinzel mais apurado. Entre os desvarios religiosos da antiguidade e as superstições das eras modernas, e até das recentes, não seria difficultoso extremar os fios, ás vezes bem visiveis, que as prendem umas ás outras; o espaço

não permitte porem, que abracemos, como desejariamos, todos os aspectos de uma questão que avultou volumes, esgotando as posses intellectuaes de grandes eruditos.

Por aqui encerrâmos pois o quadro, porque adiantal-o mais fôra ao mesmo tempo abusar da paciencia dos leitores, e não conhecermos a propria debilidade.

LUIZ AUGUSTO REBELLO DA SILVA.

NOTA VIGESSIMA QUINTA

PAGINA 59—VERSO 3

HERCULES, E OS SEUS TEMPLOS

Num só verso exalta Ovidio a grandeza do povo romano:

Romanae spatium est urbis et orbis idem.

D'est'arte dizia o grande poeta, que Roma levava as raias do seu dominio até os confins do orbe terraqueo.

Termino, o deus tutelar dos limites dos campos, presidia então aos de Roma: em honra d'esta divindade instituiu o sabio Numa Pompilio as festas chamadas *Terminalia*, que os camponezes, principalmente, costumavam celebrar.

Este rei, cujas leis foram recebidas como oraculos, soube assim basear na religião do estado o sagrado direito da propriedade, pois que os philosophos do seu tempo ainda não tinham descoberto que a *propriedade era o roubo*.

Sempre ligada com as crenças religiosas militou a politica romana mais de doze seculos, desde Romulo até o ultimo Tarquinio, desde Junio Bruto até Cesar o ditador, e desde Augusto até Augustulo.

Roma chegou a ser a soberana princeza das nações; o vôo das suas aguias rasgou ousadamente os mais longinquos espaços, e o canto dos seus vates foi ouvido e admirado por todos os povos civilisados.

A força era, então mais que nunca, virtude principal; era ella a aspiração, o timbre, o idolo do estado; faltava apenas um symbolo para a representar, e esse symbolo não tardou em apparecer.

O mais esforçado dos heroes devia de ser o deus da força terrena, e assim foi.

Hercules, o filho de Jupiter, procurando fugir ao odio de sua madrasta Juno, larga a terra da patria, e se lança a correr mundo. De aventura em aventura em toda a parte deixa assignalada a sua passagem: ora suffocando serpentes, estrangulando leões, e degolando hydras, ora derrubando aves de rapina, vencendo gigantes, e combatendo victoriosamente com toda a casta de monstros e dragões.

Um oraculo condemnára Hercules a grandes perigos, logo em seguida ao seu nascimento; mas Carmenta, a mãi de Evandro, dizem-nos Tito Livio e Dionisio d'Halicarnasso, saudou a sua vinda ao mundo, prophetisando, como interprete que era dos deuses, «que este filho de Jupiter pertenceria ao numero dos que povoam o ceo; que em Roma teria o primeiro altar, onde com rito singular seria ao diante adorado, e que este altar se chamaria *maximo*.»

Obedeceu Hercules á irresistivel voz do oraculo; são bem conhecidos os seus chamados *doze trabalhos*. A primeira victoria alcança-a este predestinado deus da força suffocando no seu

proprio berço duas enormes serpentes, que sua madrasta contra elle enviára; sendo já mancebo, mata a hydra da floresta de Lerna, afogando em seguida o carniceiro leão do bosque de Nemea. Toma tambem este heroe a seu cargo a punição dos grandes criminosos da terra, e 'neste humanitario empenho andou como quem era. Busiris, rei do Egypto, foi por elle morto; e do mesmo modo o tyranno Diomedes, rei da Tracia, que se entretinha em assassinar os viajantes, para os dar em ar de acepipe aos seus cavallos! O famoso javalí da montanha de Erimantho, na Arcadia, que, por onde passava, levava o terror e a morte, apanhou-o Hercules um dia por desenfadamento proprio, e o desterrou para outras paragens. As furibundas aves do lago de Stymphalo não tiveram que fazer com elle; todas caíram debaixo da sua devoradora frecha, não ficando uma para signal da especie. O proprio naturalista Plinio, que só em tempo de Vespasiano veiu a florescer, não pôde alcançar noticias de taes aves, o que significaria uma grande perda para a sciencia, se uma nova raça de rapinas, menos raras e comtudo mais perigosas, se não offerecesse em substituição d'aquellas, ao estudo dos modernos.

Mas não pensemos agora que o nosso heroe passasse toda a vida commettendo actos de rustica brutidão; dotado de bizarra generosidade fez-se notavel restituindo ao seu vencido Achelôo o que lhe arrancára da testa.

Narrar todas as façanhas de Hercules fôra demasiado; dizer-se ainda que esmagou com um só abraço o gigante Antheo, que derrubou todas as laranjas do jardim das Hespérides depois de ter despedaçado o dragão que as guardava, fôra pouco em presença do serviço que prestou ao seu amigo Atlas, sustentando-lhe o ceo sobre os hombros por muito tempo! Isto é que ainda ninguem fez senão elle. Quando alliviado do pêso do ceo, emprehendeu logo outra obra, digna na verdade dos seus grandes

figados: ouvindo dizer um dia que o endemoninhado Cerbéro estava sendo o terror das almas condemnadas, tira-se de seus cuidados, vai até os infernos, desce, encara o sanhudo animal, apanha-o, e.... «prêso.» Depois d'esta judiciosa prisão acreditava-se 'naquelles tempos, que no inferno se estava passando menos mal.

Onde sobre tudo o heroe se mostra prodigioso gigante, é separando os montes Calpe e Abyla para unir o oceano com o mediterraneo. Esse feito deu-lhe em todo o mundo grandissima nomeada; elle proprio o memorou levantando sobre cada um dos montes que separara uma soberba columna. É de lastimar que tão grande obreiro não se tivesse lembrado de applicar um sôpro dos seus sobre o isthmo de Suez, para separar a Africa da Asia, e poupar agora á industrial Inglaterra uma tão improba fadiga. Grandes foram por tanto as suas proezas; nunca vivente algum emprehendeu tão ousados commettimentos. No que porem andou com maior risco, a nosso ver, foi em ir ao ceo desposar a formosa Hebe, deusa gentil da moeidade.

Muito perdeu fr. Bernardo de Brito em não ter nascido uns mil duzentos e oitenta annos antes de Christo, para se apresentar como testemunha ocular de todos esses feitos, e dar mais um ponto de admiração ao abundante historiador Manoel de Faria e Sousa...

Cumprindo Hercules a condemnação do oraculo, faltava-lhe provar a prophecia de Carmenta.

Tudo teve a sua vez.

A primeira victima sacrificada em honra de Hercules, foi um dos bois que lhe havia roubado o pastor Caco, o qual por este motivo foi arrancado da sua caverna e punido com a morte.

Seja-nos licito fazer aqui uma breve digressão para recommendar este assumpto tratado por Ovidio no livro 1.º dos *Fastos*, e por Virgilio no 8.º livro da *Eneida*, o qual H. Gaston,

e F. Delille souberam traduzir com elegancia em verso francez, e o nosso infeliz conterraneo dr. Lima Leitão, em verso portuguez. Diz F. De Saintange, que Ovidio 'nesta descripção se mostra cheio de fogo, de vivacidade e de força; mas que a que faz Virgilio, é mais sabia e castigada, e que se assimilha a essas obras unicas de esculptura antiga, constituidas modêlos de eterno estudo para os artistas.

Voltemos porem á prophecia da mãi de Evandro, e digamos que o senado romano a teve em tal conta, que, consultado em boa hora um oraculo dos livros sybillinos, mandou logo erigir na extremidade do circo Maximo um magnifico templo a Hercules. 'Nesse templo costumavam os velhos gladiadores da republica ir depôr as suas armas, como a respeito de Vejanio nos conta Horacio na sua primeira epistola. O altar d'este divinisado heroe era denominado *ara maxima* como fôra prophetisado. Honorato Mauro Servio, que viveu no IV seculo da nossa era, nos seus commentarios a Virgilio diz, que este altar, que nos seus dias ainda existia, era de collossaes dimensões.

O templo de Hercules foi depois reedificado por Marco Philippe; esta reedificação era todos os annos festejada no dia 30 de junho.

O Hercules divinisado representava-se em figura de gigante, coberto com a pelle do leão neméo, e com uma alentada clava na mão. Sob differentes titulos era venerado em Roma: ora era o *Hercules musagetes*, presidindo ao côro das musas, ora o *Sancus*, divindade sabina, que representava *a boa fé*, chamando-se-lhe tambem o *Divus Fidius*.

Grandes eram as prerogativas d'este deus; presidindo ao destino dos thesouros e riquezas, os que anhelavam ser ricos e opulentos, lhe dedicavam um dizimo dos seus haveres.

O choupo era-lhe exclusivamente consagrado; nas suas aras não ardia outra madeira.

Os sacerdotes, que tinham a seu cargo os sacrificios, pertenciam ás mais illustres familias de Roma, e eram chamados os *Potitios*, e *Pinarios*.

Não era permittida a presença de mulheres em taes solemnidades, como em castigo de haver uma negado agua em certo dia ao venerado filho de Jupiter.

'Neste ponto deixa Hercules de ser um heroe, para ser um famoso semsaborão!

Mas não somente no coração de Roma se haviam erguido altares ao rei da força, ao invencivel deus da potestade; sem tratarmos de investigar a existencia de todos, citaremos o templo da ilha de Gades (Cadix) e o do *Sacrum Promontorium* (Cabo de S. Vicente).

É a tradição popular, é a memoria de varios escriptores, e são algumas medalhas da celebre *Augusta Urbs Julia Gaditana* (cidade de Cadix), que nos dão por certa a existencia d'estes dois templos consagrados a Hercules.

Se recorrermos ás medalhas do municipio de *Gades*, que nos descreve o erudito fr. Henrique Flores, encontraremos logo, entre muitos e mui notaveis, um *grande bronze*, o 3.º da tab. XXVI, em cujo anverso se vê gravada a cabeça de Hercules coberta com a pelle do leão de Nemea (1), tendo ao lado a clava, o que manifestamente dá a entender que esta divindade tinha adorações 'naquelle municipio; e no reverso os instrumentos sacrificiaes: o cutello, o machado, o sinpulo, havendo entre elles um astro de seis raios, e em torno a legenda *Balbus Pontifex*, referida ao famoso cavalleiro gaditano, Lucio Cornelio Balbo, o qual foi nomeado cidadão romano por Pompeo, e appro-

(1) Possuimos outra medalha de prata, da familia *Poblicia*, a qual no reverso representa o Hercules suffocando um leão, tendo aos pés a clava, e no campo a aljava e as setas.

vado como tal pelo senado, que depois o fez consul, no anno 72 antes de Christo.

Não só a existencia d'estas allegorias na citada medalha nos testifica a adoração de Hercules 'naquellas paragens, como o proprio testimunho dos autores antigos, que referem ter havido em Cadix um templo dedicado a Hercules, ao qual concorriam muitos povos gentilicos, acrescentando Pomponio Mella, que os ossos do heroe ali foram soterrados.

Dão alguns escriptores noticia de duas grandes columnas de bronze consagradas em Cadix á memoria de Hercules, e de mais uma columna que este guerreiro, havendo vencido nas Hespanhas os geriões, ali mandára erigir com lettras symbolicas e figuras, á imitação de alguns monumentos egypcios. Bem pode ser porem que as duas ditas columnas sejam antes as que se lhe attribuem no estreito de Gibraltar, nas quaes se diz que fôra gravado o distico *Non plus ultra*, que a posteridade assás desmentiu, levando mais longe as sues descobertas e conquistas.

Com relação ao templo do cabo de S. Vicente alguma coisa mais se pode acrescentar.

Refere-se que passando Hercules da Africa para a Hespanha, querendo captar a confiança e a veneração das gentes, fez grandes sacrificios e libações aos deuses, e que para ganhar a affeição dos principaes senhores, os convidára para as suas festas.

Certificados do seu esforço, e ainda mais da sua fama, conseguiu ir atravessando toda a terra até o grande promontorio, havido por sagrado, onde fundou um nobre templo, em que os ritos e sacrificios se exerciam como era uso entre os egypcios.

Fallam da existencia d'este templo, Strabão, no liv. 3.º, e o arcebispo de Girona, bem como outros autores, dizendo que 'nelle se celebravam grandes ritos e ceremonias, que longo tempo duraram entre os lusitanos. Era uma das pragmaticas, segundo Strabão, saírem do templo todos os devotos antes do occaso do sol,

não se permittindo ao viajante o acercar-se d'elle para o visitar, ou offerecer algum sacrificio á divindade, antes do alvorecer da manhã.

Nenhuns vestigios restam hoje d'este monumento, cuja grandeza era ainda apreciavel nos dias de Claudio Ptolomeu, como nos refere mr. De Saintange.

Pretendem alguns d'esses autores que não desprezam o menor ensejo de emittir maravilhas, que no templo do *Sacrum promontorium* fizesse Hercules a sua sepultura entre duas soberbas columnas de prata, em que estavam gravados varios caracteres egypcios significando esconjurações contra as ondas do mar para as manter em respeito ao templo, que na praia estava edificado; e contam não só que era singular a construção d'esta sepultura, mas tambem a grande magoa que a morte de Hercules causou aos lusitanos, e bem assim as dispendiosas pompas funeraes que estes lhe fizeram.

Se a sepultura d'este guerreiro foi em Cadix, ou no cabo de S. Vicente, é o que em presença de tão diversas opiniões não se pode determinar; o que certo parece, é que, fosse onde fosse, era ella ennobrecida com duas columnas, de bronze, ou de prata.

Uma duvida occorreu porem no seculo passado a um medico da cidade de Lagos, autor de uma memoria inedita, citada na Corographia do Algarve por J. B. da Silva Lopes, sobre o logar em que o templo de Hercules fôra edificado.

Descreve este autor o apparecimento de uma famosa povoação, que bem parecia ser de romanos, contigua á praia de Budens, aldêa não muito distante do cabo de S. Vicente, a qual foi observada na occasião da grande resaca que fizera ali o mar no dia do memoravel terremoto de 1755, dizendo ter-se notado entre mui nobres edificios um templo de marmore, de base circular, com entrada pela parte do sul, e adornado de columnas de

bastante altura, tendo proximos varios aposentos com solo de mosaico, e gravados 'numa pedra os seguintes caracteres:

JTROR-JTORIRAS

e acrescentou que já em 1715, 'naquella mesma praia, o mar deixára descoberto um espaçoso caes de pedra com grossas argolas de bronze, que de certo deveriam servir para amarração de navios, o qual foi visto de novo não ha ainda muitos annos.

Observou-se mais 'naquella praia outro edificio, que com o dito templo estava cingido de um robusto muro de cantaria; uma grande calçada, tambem entre grossas paredes, com uma porta de grades de ferro no fim, e junto a esta outra porta de arco, que indicava ser de templo, e um largo tanque sobre que desaguavam tres cannos.

Constando da tradição, e de varios escriptores, que o templo de Hercules fôra erigido 'numa praia, o autor da citada memoria inclina-se a crêr, que este templo tivesse antes existido na praia de Budens, do que no cabo, de que não dista muito espaço; occorrendo-lhe tambem que a povoação, que o mar descobríra, seria talvez a antiga Budea, ou Bude, e que d'esta passasse o nome á aldêa de Budens, onde ao presente nenhum vestigio se acha de tantas grandezas, que o mar sepultou nos seus seios.

Siga-se porem a este respeito a autoridade dos escriptores latinos, que mais alguma fé devem merecer, do que uma simples conjectura.

A historia nada nos diz em relação ao tempo em que terminaram as festas de Hercules no Algarve; pode-se entretanto suppôr que estas devoções gentilicas deixassem de fallar ao coração do povo, quando nos horisontes da velha capital do mundo um

novo astro, de mais vida e fulgor, surgia resplandecendo com magestade divina; quando a bandeira da paz e do perdão começava a ser hasteada em todos os muros e arraiaes da milicia romana; quando os lábaros allegoricos cediam o seu terreno ao santo estandarte da cruz.

A religião da verdade, aquella que vinha cheia de doçura e suavidade unir todos os homens como irmãos, devia pôr termo á religião dos idolos.

Consummada a redempção das gentes pelo filho do verdadeiro Deus, o filho de Jupiter não podia deixar de caír do seu pedestal.

S. P. M. ESTACIO DA VEIGA.

NOTA VIGESSIMA SEXTA

PAGINA 63—VERSO 15

TITULO DE AUGUSTO

Explanando a passagem, que 'nesta primeira traducção portugueza dos *Fastos de Ovidio*, começa pelo verso « Nos Idos continente sacerdote » correspondente ao metro latino 587 « Idibus in magnis castus Jovis aede sacerdos » e que termina pelos dois versos

Tendo os Numes, por auspices, assuma
fadado como o pai, do orbe o pêso

que exprimem o pensamento contido no metro 616 do original « Omine suscipiat, quo pater, orbis onus » começarei por dizer,

que, segundo Macrobio, a palavra *idus*, vem do verbo *iduare*, que, na lingua etrusca, significa *partir ao meio*, como no sentido figurado, faziam os dias assim chamados na antiga Roma, que, em março, maio, julho e outubro, caíam a 15, e em janeiro, fevereiro, abril, junho, agosto, setembro, novembro e dezembro a 13 do mez; observando eu, depois d'isto, que Schegk presenta, 'numa nota ao texto do cap. 91 do liv. 2.° da *Historia Romana* de Velleio Paterculo, que vem a pag. 478 da 2.ª edição de Pedro Burmann em 1744, uma variante do primeiro d'aquelles versos latinos, na qual, em vez de *castus (continente)*, se lê *custos, (guarda)*; dando Nicolau Heinsio, 'numa nota ao segundo d'aquelles versos latinos, que está a pag. 61 do 3.° tomo das obras de Ovidio, da edição que o mesmo Burmann publicou em 1727, uma variante d'este ultimo verso por elle achada em vetustos manuscriptos, e reproduzida na bella edição elziviriana de 1629, na qual, em logar de *orbis (do mundo)*, se lê *urbis (da cidade por excellencia)*, isto é, de Roma: obrigando-me o meu dever de annotador a fazer este reparo bem contra minha vontade por entender que nas discussões sobre variantes, perdem muito do seu valor as graças da poesia.

Mencionando Ovidio 'neste passo a festa que os romanos, que em todos os idos, dias que elles chamavam *de confiança em Jupiter*, sacrificavam uma cordeira a este falso deus, particularmente lhe faziam nos denominados *grandes idos de janeiro*, offerecendo-lhe, como hostia, uma ovelha hermaphrodita, e as celebridades anniversarias da entrega, que Octaviano fez ao povo, das provincias amansadas, isto é, absorvidas e aniquiladas pela energica organisação d'aquelle homem a quem a batalha de Actium deu o sceptro do mundo, (não se comprehendendo 'nestas terras a Lusitania, cujo indomavel patriotismo a fez, como fará, sempre avessa a toda a quebra da sua nacionalidade), e da commemoração do cognome de *Augusto*, que o senado, approvando a

proposta de Munacio Planco, conferiu a Octaviano, oito dias depois de o fazer principe dos senadores (Tac. 1, Ann. 9 e Turnebo), não se lhe dando a denominação de *Romulo*, que elle primeiro appetecêra por se crêr como segundo fundador de Roma, para se não suspeitar que ambicionava o throno (Suet. cap. 7.º e Dion-Cassius, liv. 53); achei 'nesta passagem, que interessa igualmente ao philologo, ao historiador, ao archeologo, e ao etymologista, materia para algumas reflexões.

Começando pela que concerne á contradicção em que, logo no principio do primeiro dos dois supracitados versos *Nos idos (Idibus in magnis)*, Ovidio está com o *calendario romano*, que tanto nos antigos codices do Vaticano, Mediceu, e outros, como em todos os exemplares impressos, anda annexo aos *Fastos*, e no qual a ultima d'aquellas festevidades, que o poeta põe nos idos de janeiro, vem marcada no dia 19 antes das calendas de fevereiro, direi primeiro que tudo, e apoiando-me na advertencia que B. Cnippingio faz, em parte d'aquelle calendario a pag. 3 do 3.º tomo das obras de Ovidio, da edição *cum notis variorum* de 1683, que aquella folha do anno, tirada de velhos pergaminhos por mão inhabil, está cheia de êrros; ponderando eu depois, que 'numa nota ao verso 590

Et tuus Augusto nomine dictus avus

.... saudaram
a teu avô co'o titulo d'Augusto

nota inserida no referido tomo a pag. 54, reproduzida a pag. 58 do 3.º tomo da já citada edição de Ovidio por Pedro Burmann, um dos annotadores, cujo nome não vem ali designado, diz que Censorinus, grammatico e chronologo do 3.º seculo, pôz aquelle derradeira solemnidade commemorativa no dia 16 antes das mencionadas calendas de fevereiro, em quanto o nosso Paulo Orosio a marca no dia oitavo dos idos de janeiro, e, 'numa an-

tiga inscripção lapidar, vem indicada no setimo dia dos mesmos idos: parecendo, no meio d'estas discordancias, ao sobredito annotador anonymo que a data apontada por Ovidio é a que se deve ter por certa.

Passando ao objecto da minha segunda explanação, que é a significação e a etymologia da palavra *augusto*, assumpto dos versos latinos 609, 610, 611 e 612:

Sancta vocant *Augusta* patres: Augusta vocantur
Templa, sacerdotum rite dicata manu:
Hujus et *Augurium* dependet origine verbi
Et quodcumque sua Juppiter auget ope.

versos que o sr. Antonio Feliciano de Castilho verteu assim:

Lingua de nossos pais ás coisas santas
sempre *augustas* chamou; e nós *augustos*
aos templos, que por mãos dos sacerdotes
conforme aos ritos dedicados foram,
de *Augusto augurio* vem, em summa *augustas*
são quantas coisas por mercê de Jove
auges de pompa insolita conseguem.

direi antemão que, pendendo a dilucidação d'esta materia dos muitos esclarecimentos que a tal respeito colhi nas notas explicativas, e 'noutros trabalhos de diversos sabios, mal posso, por mais que deseje abreviar esta nota, deixar de ser longo.

Ovidio, cujas obras e desgraças o fizeram igualmente celebre, e que, sem possuir a concisão maviosamente elegante de Tibullo, nem a fina delicadeza e pureza de estylo de Propercio, tinha uma imaginação viva, e uma grande facilidade em exprimir os seus pensamentos, que o constituia um dos mais admiraveis pintores em verso no doirado seculo de Augusto, foi, pelo que respeita aos seis livros que temos dos *Fastos*, diversamente avaliado por dois criticos litterarios de grande vulto. O padre Rapin, tão conhecido pelas suas excellentes poesias latinas, como

pela agudeza e justeza dos seus juizos, tinha a obra de que se trata pela melhor producção do seu autor, contrariamente a La Harpe, que no seu *Curso de Litteratura*, disse que os *Fastos* eram, confrontados com as *Metamorphoses*, o que os esboços, pelo seu pouco colorido, são com as pinturas. A este dito de um litterato, muitas vezes injusto nas suas apreciações, acrescentarei que o, 'nalguns conceitos, iroso Rollin dava tambem a preferencia ás *Metamorphoses*. Como quer que seja, uma circumstancia muito essencial para o nosso caso, e em que aquelles tres homens de lettras concordam, é que nos *Fastos* transluz mais que nas outras composições d'Ovidio uma grande erudição tirada da mais bella antiguidade mormente no que é relativo aos ritos, e aos usos e costumes romanos, que é quanto basta para que, independentemente das muitas e boas autoridades que vou citar, eu tenha por genuinas as significações e as etymologias que Ovidio dá ás palavras *augusto* e *augurio*. Antes porem de fazer aquellas citações direi alguma coisa ácerca dos seis livros dos *Fastos* que muita gente deu por perdidos, e que alguem cuidou que tinham escapado do naufragio. Uma das manias de certos criticos é querer ver mais, e outras vezes menos do que realmente ha, attribuindo a uns muito maior numero de producções do que estes confessam, e negando a outros algumas que elles têem por suas. Disse Ovidio, como Masson, que escréveu a vida d'elle, e Spanhemius (De praest. et usu, numism. pag. 608) notaram, que *só tinha composto seis livros dos Fastos* «Sex ego Fastorum (scil. menses) scripsi totidemque libellos» (Trist. 2. 549); isto não obstante, e com quanto Lactantius e outros sabios antigos, que fallaram tanto das obras d'este poeta, não refiram uma só coisa d'onde se possa concluir, que elle estendeu mais aquella obra, houve quem disse que elle a augmentára com outros seis livros, que se tinham perdido, chegando Frederico Gronovius a escrever a Nicolau Heinsio para informal-o de ter visto em No-

rico uma edição antiga d'Ovidio, na qual estava escripto por propria mão de Celtes Protacius, primeiro restaurador da poesia em Alemanha depois do renascimento das lettras, que os seis ultimos livros dos *Fastos* existiam em poder d'um presbytero d'uma aldêa junto ás cercanias d'Ulm, e que o livro setimo, segundo aquelle codice, começava pelos versos:

Tu quoque mutati causas et nomina mensis,
A te qui sequitur maxime Caesar, habes.

«Tambem tu, ó grande Cesar, foste a causa da mudança do nome d'este mez, que passou a ter o teu,» alludindo-se á denominação de *julius*, julho, que do appellido da familia de Octaviano tomou aquelle mez d'antes chamado *quintilis*, quando o anno civil e religioso começava em março. Finalmente Antonio Constancio de Fano escreveu com igual falsidade, que aquelle acrescentamento dos *Fastos* existia na bibliotheca real de França. Estas e outras fraudes litterarias, sobre que alguns homens de pouco ou nenhum saber especulam, tem dado de si não poucas lides entre grandes sabios, que 'nellas têem inutilmente gasto muito tempo.

Roberto Estevão, que com o *Thesouro da lingua latina* enriqueceu a republica das lettras, como Henrique Estevão, seu pai, a engrandeceu com o *Thesouro da lingua grega;* Gerardo Vossio, eruditissimo compositor do *Diccionario etymologico da lingua latina;* Fabritius, litterato polido e sabio profundo, autor da *Bibliotheca latina;* e Egidio Forcellini, excellente ampliador do *Diccionario de toda a latinidade*, composto pelo laborioso e insigne Facciolati, que foram os meus guias 'nesta exploração philologica e etymologica, convindo em que o vocabulo *augusto*, no seu sentido primitivo, significa pessoa ou coisa *santa*, *sagrada*, *veneravel*, e em que *augure* e *augurio* derivam d'aquella voz, dizem que os logares religiosos consagrados pelos

augures devem ser chamados *augustos*, concordando tambem em que este termo adoptado pelos gregos, que já tinham outro que exprimia a mesma idéa, vem de *auctum* ou *auctus augmento*, ou *ab avium gestu gustuve*, *do mencio das aves*, ou *do modo pelo qual ellas tomavam a comida*, origem inculcada pelo antigo poeta latino Ennio no verso « *Augusto augurio* post quam inclyta condita Roma est » (En. apud var. lib. 3, RR. cap. 1). « Depois que a inclita Roma foi fundada por um *Augusto augurio*, » entendendo todos os homens competentes, a começar pelo tão abalisado historiador como grammatico Suetonio (in Aug. cap. 7), que o epitheto *Augusto* denota uma entidade consagrada por *augurio*, isto é, por effeito dos prognosticos dos sacerdotes do paganismo denominados *augures*, e tidos por interpretes dos deuses nas declarações dos signaes de bom ou mau agouro, um dos quaes era o canto das aves, d'onde o distincto professor de litteratura, mr. Demoustier, veiu a dizer no seu util *Manual Lexico*, de acôrdo com o que se lê no *Grande diccionario latino e francez* do illustre Danet, e 'num *Diccionario abreviado de antiguidades*, sem nome de autor, que eu possuo, que as palavras *augure* e *augurio* são formadas, por contracção, *d'avium garritus*, *do gorgeio das aves*, observando bem assim aquelle professor que é mister não confundir *augurio* com *auspicio*, termo formado, tambem por contracção, *d'avispicium*, *observação do movimento das aves*, e adivinhação que pelo vôo d'ellas, ou pelo modo com que ellas pastavam, os preditos sacerdotes faziam antes da sagração, e até mesmo da fundação de certos edificios, cabendo-me aqui dizer, que a palavra *auspicio* tem tambem em latim a significação de « commando em chefe de um exercito, talvez porque os generalissimos gosavam, entre os romanos, da prerogativa de exercerem as funcções dos augures. » (Hist. de Trogo Pompeió compendiada por Justino, lib. 7.º cap. 3.º).

Proseguindo na materia da minha segunda explanação direi

que, 'numa nota, que ao supracitado verso 611 « Hujus et augurium dependet origine verbi » « De *Augusto augurio* vem, etc. » fez um dos doutos expositores, que com B. Cnippingio concorreram para a já mencionada edição de Ovidio *cum notis variorum*, que saíu à luz em 1683, confirma-se com mais e, não menos autorisados exemplos a intelligencia, que demos ao termo *augusto*.

Virgilio disse:

Siquando sedem Augustam servataque mella
Thesauris relines...... *(Georg.* lib. 4, ver. 228).

« Se alguma vez tirares dos thesouros o (que o commentador Servius chama *apum sedem)* colmeal *augusto*, e o mel ali guardado, » convindo observar aqui que os romanos criam que as abelhas participavam da intelligencia divina, e que da passagem, que acabo de citar, ha em varias edições uma variante onde, em vez de *augustam*, *augusta*, se lê *angustam*, *estreita*.

O mesmo Virgilio apresenta mais dois exemplos no seguinte passo:

Centum oratores *augusta* ad moenia regis
Ire jubet *(Aeneid.* 7, vers. 153).

« Mandou que cem embaixadores fossem ás augustas muralhas do rei. » E em est'outro verso que vem um pouco mais abaixo do antecedente:

Tectum *Augustum* ingens, centum sublime columnis
(Aeneid. 7, 170).

« Casa *augusta* e espaçosa, elevada sobre cem columnas. » Versos em que no sentido do referido e celebre grammatico Servius, que os annotou, a palavra *augusto* tem indubitavelmente a mesma accepção, em que foi tomada por Ovidio; acrescentando aquelle explanador que só 'num local consagrado pelos augures,

como o referido nome indica, é que o senado romano podia congregar-se; e que o motivo de não ter sido nunca consagrado o templo de Vesta em Roma fôra para evitar que os senadores fizessem as suas assembleas 'naquelle edificio, onde viviam as vestaes (Comm. Serv. supr. virg. in edit. huj. poet. ab. Rob. Steph. 1532).

Dion-Cassius disse, como se vê 'numa nota á passagem que elucido, a qual se acha a pag. 58 da citada edição de Ovidio dada á luz por Burmann em 1727, e que aqui copio na propria linguagem grega em que foi escripta:

πάντα γαρ τα εντιμοτατα χαι ιερωτατα αυγουςτα
προς αγορευται (Lib. 58).

« Tudo o que é digno de honra e sacratissimo deve ser chamado *augusto.* »

Estacio explica-se assim:

> Ergo quod ausoniae pater *augustissimus* urbis
> Jus tibi tergeminae dederat laetabile prolis. *(Sylv.* 8, 20).

« Assim que o augustissimo pai da cidade Ausonia te dera o direito de ter triplicada prole. »

Tito Livio, fallando de Evandro e de Hercules, exprime-se d'este modo: « Formam viri intuens aliquantum ampliorem *augustioremque* humana. (Liv. I,) » « Vendo a figura do varão algum tanto maior e mais *augusta* que a humana; » lendo-se n'outro logar do mesmo historiador: « Miscendo humana divinis primordia urbium *augustiora* fecere » (in praef), « da mistura do humano com o divino se fizeram mais *augustos* os principios das cidades. »

Lê-se em Suetonio « Juvenes gemini *augustiore* forma » (Suet. in Neron). « Moços gemeos da mais *augusta* figura. »

Em Marcial acha-se esta expressão « *augustum numen* » (liv. 7, epig. 39) « *augusto* nume. »

Em Cicero notam-se estas duas passagens « In hoc igitur Platonis quasi quodam sancto *augustoque* fonte nostra omnis manabit oratio » (Cic. 5, Tusc. 36). « D'esta quasi como santa e *augusta* fonte de Platão emanará todo o nosso discurso ; » e « Omitto Eleusinam sanctam illam et *augustam* religionem » (Cic. De Nat. cap. 19) « Deixo de fallar d'aquella santa e *augusta* religião eleusina. »

Finalmente, Accius disse « Ara consecrata in loco *augusto* » (Acc. apud. Non. cap. 4, n. 330) « Altar consagrado 'num logar augusto, » e Claudiano tinha já dito « Belliger *augustus* trepidas laxaverat Alpes. » (Cl. in Cons. Prob. et Ol. 74) « O *augusto* guerreiro tinha aberto os tremulos Alpes. »

Terminando aqui os exemplos que prometti dar, acrescentarei ao que já expendi com relação á origem e á significação primitiva da palavra *augusto*, que o grande grammatico Pompeius Festus dá, no *Tratado* (que elle compendiou) *da significação das palavras* por Verrius Flaccus, a mesma raiz e a mesma accepção, que as autoridades que mencionei deram áquelle vocabulo ; não sendo por tanto de crêr que d'esta derivação mui differente de certas etymologias imaginadas por Platão, Aristoteles, Varrão, e outros, se diga, como Santo Agostinho de outras achadas no seu tempo, que é uma *interpretação de sonhos ;* assim como não é de suppôr que haja quem, julgando arrastado o sentido d'aquelle termo, lhe applique estes bem conhecidos versos :

> Alfana vient *d'equus* sans doute,
> Mais il faut avouer aussi,
> Qu'en venant de la jusqu'ici
> Il a bien changé sur la route.

Passarei agora a fallar da extensão que, pelo uso, ou talvez abuso grammatical como disse Estacio (4, Sylv. 2, 18), e pelo

mais lato sentido historico, foi tendo a palavra de que se trata, sem comtudo perder a força da sua origem; não deixando de denotar uma pessoa ou coisa que inspira respeito extraordinario tirado da veneração, que se tem a tudo o que é grande, sublime, magestoso, e, como tal, considerado como uma emanação da sabedoria, potencia e bondade divina. Tal foi em allusão ao cognome de *Augusto*, que o senado 'naquelle sentido ampliativo conferiu a Octaviano, a intelligencia que Ovidio igualmente lhe deu 'neste verso do passo, que explano « Hic socium summo cum Jove nomen habet, » metro que o fiel e elegante traductor trasladou assim para a nossa lingua:

.... Foros divinos
encerram de ambos vós o tratamento.

Virgilio chamou ao mesmo Octaviano, que lhe restituira um chão, que perdera nas guerras civís « *Augustus* Caesar, divum genus » (*Aeneid.* 6, vers. 793) « Augusto Cesar, prole dos deuses. » Por maior que seja o asco, que geral e naturalmente se tem ao poder absoluto, um instincto não menos commum e congenere leva nos movimentos de reacção anti-revolucionaria muitos homens, que desejavam um progresso moderado e constante á sombra de um systema veramente representativo, e de um throno inviolavel a unirem-se ao poder defensor da ordem para a toda a força pugnarem com os sophistas da desordem pelos principios conservadores das sociedades: e, assim como, na noite escura d'estas lides politicas, aquelles homens embarcados pelo bem publico 'nestes negocios, onde quer que vejam luzir o pharol da autoridade, seguem o rumo que elle lhes mostra com esperança de acharem porto e salvamento, da mesma sorte, depois de escapos de tão horrendas tempestades terrestres, não têem elles expressões bastantes para gratificar e exaltar aos que os não deixaram caír no abysmo das desgraças; e d'aqui vem que o absolu-

tismo é, como se viu no mesmo Octaviano, e depois em Cromwel, e Napoleão, o herdeiro necessario da anarchia insultadora de todas as soberanias entrando a do povo, o qual dando de mão a este diadema, que elle não pode suster na cabeça, e vendo-se forçado a optar um de dois males, prefere o duro, bem que por vezes illustrado, governo arbitrario de um homem ao ainda mais cruel e sempre deslustrado querer da multidão, que, ou não hade ter quem a govérne, o que é um absurdo; ou, querendo todos fazel-o, hade a náo do estado correr todos os rumos, o que é um desvario.

Tornando, depois d'estas reflexões, filhas da materia, a tomar o fio do meu discurso, direi que os cognomes de *Augusto*, e de *Cesar* passaram de Octaviano aos seus successores na dignidade, a que depois foi elevado, de imperador dos romanos até Adriano, que estabeleceu a distincção pela qual d'ali em diante se ficou dando o appellido de *Augusto* ao chefe do imperio, e o de *Cesar* ao herdeiro presumptivo da corôa *(Ammian. Marcell.)*, observando Carlos Neapolis, 'numa nota a pag. 58 do 3.º tom. da já tantas vezes citada edição de Ovidio dada ao publico por Burmann em 1727, que quasi todos os imperadores romanos *extorquiram o primeiro d'estes appellidos*, o que se não casa com aquella narrativa de Ammiano Marcellino, e que a denominação de *Augusto* desagradou a outros, que preferiram usar dos cognomes de *Cesares*, de *Antoninos*, e de *Germanicos;* referindo, em particular de Calligula, o grave historiador Dion-Cassius o que aqui passo a transcrever do original grego:

ποτὲ δε τοῦ δήμου βοησαντος, νεανίσχε Αὔγουστε,
ὑβρισθῆναι ἐνομίζετο...

« Que se offendeu de que lhe dessem por acclamação o cognome de *Augusto o moço.* »

Algumas das imperatrizes romanas tiveram tambem o titulo honorifico de *Augustas* (Vid. Vollaterrano *Commentaria Urbana*, liv. 14, e David Ruhnkenius *Opuscula oratoria*, *philologica*, *critica* Lugd. Batav. 1807).

Ovidio, fallando da familia de Octaviano, disse: « Ceteraque *augustae* membra valere domus » (De Ponto lib. 2,ep. 2, vers. 76), « e os demais membros existentes da *augusta* casa. »

Plinio chamou *augustissimo* tribunal ao dos consules « *Augustissimum* tribunal consulum » (in Paneg. Traj. 60).

O mais antigamente sexto mez do anno, por isso denominado *sextilis*, passou, em razão das victorias que 'nelle alcançára Octaviano, e por elle ter sido 'nesse mez elevado pela primeira vez ao consulado, a ser appellidado *augusto* (Sueton. in Aug. 31), d'onde, com pouca corrupção, lhe chamâmos agosto.

Foi 'neste sentido que Juvenal disse: « *Augusto* recitantes mense poetas » (S. 3.ª vers. 9), « os poetas que recitam versos no mez de *agosto;* » lendo-se tambem em Marcial na mesma intelligencia « *augusti* redit idibus Diana » (liv. 12, epig. 68). « Voltam os idos d'*agosto* em que se celebra a festa de Diana. »

Chamou-se « pax *augusta* » « paz *augusta* » a que Octaviano concluiu quando pela terceira vez fechou o templo de Jano. (Vell. Paterc. liv. 2, cap. 126).

Ovidio, pedindo do logar onde estava desterrado a Fabio Maximo, que applacasse em seu favor a ira de Tiberio, disse « Vox, precor, *augustas* pro me tua molliat aures. » (De Ponto, liv. 1, epist. 2, vers. 117). « Possa a tua voz abrandar a meu respeito os *augustos* ouvidos. »

Deu-se o nome de « forum *Augustum*, » « praça de *Augusto* » á que Octaviano mandou fazer em Roma. (Suet. in vit. *August*. liv. 3, cap. 9).

Chamaram-se, pelo mesmo motivo « agua *Augusta*, » « aqueductos *Augustos* » a duas grandes fabricas que este principe fez cons-

truir para por ellas trazer agua para Roma. (Front. *De Aqueductis*, art. 11 e 12).

Tomou tambem, e pela mesma razão, o nome de « via *Augusta* » « estrada *Augusta* » uma que tinham os faliscos, a qual, entrando na via Annia, « estrada Annia » (de que Gruter, fundado 'numa antiga inscripção lapidar, trata na sua obra, a pag. 446, n.º 4.º), era um ramo da tão fallada via Flaminia, « estrada Flaminia » das visinhanças de Roma.

Um povo da provincia romana hoje chamada Romania, e assaz inquieta 'nesse, como em todos os tempos, teve, como refere o naturalista Plinio (liv. 3, cap. 5), o nome de *Augustano*.

Chamou-se, bem assim, em honra de Augusto, *Augusta* Ausciorum, ou Ausci á cidade de Ausch na Gallia Narboneza. *Augusta* Bracharum á nossa Braga. *Augusta* Briga a Agreda, cidade do reino de Aragão. *Augustodonum* a Autum, cidade de Borgonha. *Augusta* Salassorum ou *Augusta* Praetoria á cidade de Aost na Saboia. *Augusta* Trevirorum a Treveris, antiga residencia de um dos tres eleitores ecclesiasticos do imperio germanico. *Augusta* Taurinorum a Turim, capital do Piemonte. *Augusta* Tricastinorum á hoje pequena povoação franceza de Saint-Paul-des-trois-châteaux, situada no departamento do Drôme. *Augusta* Vaginorum á villa de Salluzo no Piemonte. *Augusta* Vindelicorum á cidade de Augsburg na Baviera, e *Augusta* Veromanduorum á villa franceza fortificada de Saint-Quentin no departamento de l'Aisne.

Denominou-se charta *augusta* o papel da maior dimensão feito da entre-casca do papiro, e d'antes chamado hieratico, isto é, *sagrado*, por se escreverem 'nelle tão somente coisas relativas a objectos religiosos. (Plin. liv. 13, cap. 12).

O primeiramente cognominado laureus regius, « loureiro real » que é o mais alto, de maiores folhas, e cuja baga não é tão amarga como as das outras especies d'aquelle genero, passou a ter o

nome de laurus *augusta*. « loureiro *augusto*. » (Plin. liv. 15, cap. 30 e liv. 17, cap. 10).

Suetonio, referindo-se a Macrobio (liv. 2, Saturn. cap. 16), diz, que se deu o nome de *augustos* a uns figos de certa qualidade, talvez por serem os verdes das figueiras, que davam fructo duas vezes no anno, e dos quaes Octaviano era mui guloso. (Suet. in vit Aug., cap. 76).

A uma qualidade de marmore, que no tempo de Octaviano foi achada no Egypto, deu-se tambem em attenção áquelle principe o nome de *augusto*. (Plin. liv. 37, cap. 7).

Não sei em qual dos dois sentidos, primitivo ou mais lato d'esta palavra, Ovidio fallando de Hercules diz, que a sua figura, não tendo parecença alguma com a de sua mãi, mas assimilhando-se somente á de Jupiter, deixou a forma mortal, e, vivendo na melhor parte do seu ser, começou a parecer mais *alto* e mais veneravel pela sua gravidade *augusta*:

> Herculis effigies; nec quidquam ab imagine ductum
> Matris habet; tantumque Jovis vestigia servat.
> ....
> ....
> ....
> Parte sui meliora viget, majorque videri
> Caepit, et *augusta* fieri gravitate verendus.
> (*Met.* liv. 3, vers. 273, 274, 278 e 279).

Disse que não sabia em qual d'aquelles dois sentidos o poeta tomou aqui a palavra *augusto*, porque póde tanto a influencia mysteriosa e largamente dominante de Octaviano, ou foi tão longe o servilismo romano que, nas aras do prestigio ou da lisonja, offereceu o titulo de *Augusto* aos seus deuses, não para lhes tributar adorações, mas para render veneração a Cesar igualando-os a elle. (*Diccionario abbreviado de antiguidades*, definição da palavra *Augustalia*, festas que, como certos jogos ou exer-

cicios, chamados ludi *Augustales*, se faziam em honra d'Augusto; *Musaeum Italicum* por Mabillon, *Antiguidade explicada* por Montfaucon, e *Memorias da Academia das Inscripções*, onde se lêem muitas a Apollo Augusto, a Marte Augusto, a Juno Augusto, etc. com a observação que acabo de referir.

Muitas e talvez demasiadas são os citações que fiz 'nesta, por isso, tão extensa nota, mas, em ponto de critica litteraria, custa, por mais que se queira ser breve, a prescindir de esclarecimentos tão instructivos, como os que tirei dos commentarios e escolios das doutas phalanges alemã, italiana, hollandeza e franceza, nas quaes, alem dos nomes que já mencionei, brilharam os de Scaliger, Struvius, Holstenius, Boxhornius, Scriverius, Pignerius, Sigonius, Micylius, Scioppius, Graevius, Perizonius, Dukerus, Gesnerus, Harduinus, Jacobus Gronovius, Junkerus, Krausius, Schootgenius, Barthius, do Sueco Wallinez, que tambem brilhou 'nestas fileiras, de Lambinus, Petiscus, Muratori, Bormanius, de Meursius, Erycius, Puteanus, Merula, Naugerius, Amerbachius, Verpoorter, Verburg, Carpzovius, Harles, Kromayer, Freishemius, Pontanus, Calderini, Desselius, Boessius, Morilonius, La Rue, e Jouvency, sabios eruditissimos que concorreram para a grande reputação que no mundo litterario, têem as bellas edições dos autores classicos gregos e latinos publicadas pelos Aldos, pelos Estevãos, pelos Juntas, pelos Elzevirios, pelos Plantinos, e pelos Barbous. Devendo aqui confessar que tambem me vali das traducções francezas dos *Fastos* por Kervillars, a qual merece mais o nome de paraphrase que o de versão, por De-Saint-Ange, e das de Burette e Fleutelot incluidas na *Bibliotheca latina-franceza*, publicada por Panckoucke coadjuvado por Andrieux, Champollion-Figeac, Golbery, Matter, etc. e da *Bibliotheca latina* com traducções francezas, emprehendida sob a direcção de Desiré Nisard por outros não menos consummados humanistas como Littré, Dureau de la Malle, Remusat, etc.

Senti tambem, e ainda mais, não me ser possivel examinar, por se não encontrarem em Lisboa, as tres igualmente recentes e mui gabadas collecções de classicos publicadas em França, em Inglaterra, e na Alemanha, das quaes passo a dar uma breve noticia para excitar o desejo de se mandarem vir para as nossas principaes livrarias, tão ricas de preciosidades antigas, e tão pobres de producções modernas.

Começou a primeira d'aquellas collecções a sair á luz sob o titulo de *Bibliotheca classica latina* em 1819 pelo cuidado de mr. Lemaire, illustre professor de bellas-lettras, o qual, aproveitando-se dos trabalhos dos antigos criticos e dos dois mais novos eruditos alemães Ernesti e Oberlink, e coadjuvado por Naudet, Desfontaines, Ajasson de Grandsagne, Delafosse, Ansart, Cuvier na parte zoologica, Andrieus, e outros sabios contemporaneos de Larcher, Villoison, Schweighaeuser, Sacy, Burnouf, Boissonade, Regnier, Sticvenart, Deheque, e Villemain, successores de Budeus, Daciers, Capperoniers, Brumoy, Batteux, Lefebre, Sanadon e Santeuil, deu uma collecção de todos os classicos latinos, enriquecida com interessantes notas, e que passa por uma das melhores d'este genero. A collecção ingleza, que começou a sair a publico em 1829, tomando aquell'outra por modêlo, e que, excedendo-a na belleza dos typos e na qualidade do papel, é-lhe inferior quanto ao plano e á correcção, o que não quer dizer que os eruditos litteratos que para ella contribuiram desmerecessem dos Wartons, dos Pinkertons, dos Percys, dos Rittons, dos Dunlopt, dos Ellis, dos Macphersons, dos Rees, dos Johnsons, dos Hickes, dos Hailes, dos Warburtons, dos Surreys, dos Bowes, dos Popes, dos Malones, dos Addissons, dos Chalmers e dos Mays; tendo ainda hoje a Inglaterra em Babington um emulo dos doutissimos criticos litterarios Dodwel, Maittaire, Bentley e Poorson. Finalmente, as edições dos classicos gregos e latinos, que Teubner começou a fazer apparecer na Ale-

manha parallelamente a outra em pequeno formato como a de Tauchnitz, edições muito elogiadas, não só pela Germania erudita, mas pelos homens mais intelligentes de diversos paizes, esgotou, para me servir das palavras de um lepido aristarcho francez, na critica do texto, as forças dos profundamente sabios philologos Meineke, Dindorf, Sengebusch, Koechly, Hermann, Hercher, Nauck, Halm, Woelfflin, Haase, Jeep, Fleckeisen, Bernays (estes dois ultimos amigos e discipulos de Ritechl, chefe da nova escóla germanica dos denominados ultraphilologos), Bonnel, Weissenborn, Roln, modêlo de critica historica e philologica, Jan, que descobriu em Bamberg um antigo, authentico e precioso manuscripto, unico que contem a bella invocação á natureza, que termina a ôbra, de Plinio o antigo, indefessos continuadores nos trabalhos litterarios de Ernesti, Brunck, Winckelmann, e Heyne, que são o fuzil que encadêa com a Alemanha erudita do seculo XVII os sabios, que acabo de indicar, e que pelas suas interessantes *Memorias* têem acreditado tanto as academias das sciencias de Berlim, Vienna e Munich; assim como á França e á Italia honram outros dois corpos de erudição litteraria, a saber: a *Versão franceza do theatro completo dos latinos e dos gregos* por Levée, Monnier, e Brumoy, acompanhadas de notas philologicas e archeologicas de Amaury-Duval, Alexandre Duval, e Raoul-Rochette; e as ainda mais apreciaveis publicações das muitas, mui importantes e positivas descobertas, que o sabio hellenista e latinista cardeal Mai fez, nos palimpsestos das bibliothecas Ambrosiana de Milão, Vaticana e outras, de boa copia de preciosas reliquias dos autores classicos, trabalho que demandava um perfeito conhecimento da *Grammatica Historica*, e uma paciencia a toda a prova, que tanto distinguiam aquelle incansavel indagador de antiguidades, que eu tive a dita de conhecer, e de quem conservo a mais doce lembrança.

Concluo repetindo os votos, meio seculo antes de apparece-

rem aquellas collecções, expressados a um augusto principe portuguez inclinado ás lettras e aos sabios por uma personagem da nossa antiga côrte, cujo nome esteve, como o de Mecenas no imperio de Octaviano, unido aos de grandes engenhos 'num tempo, em que tinhamos muitos, para que, com os nossos cabedaes e os alheios, se publique pela nossa prensa, hoje tão melhorada, uma collecção completa dos autores classicos, na qual os originaes sejam correctos, e as versões em portuguez fieis e acompanhadas de notas instructivas.

Por honra e em proveito d'este paiz, onde nasceram os Estaços, os Barbosas, os Gouveias, os Andrés de Resende, os Bayões, os Pinheiros, os Paivas de Andrade, os Teives, os Goes, os Corrêas, os Osorios, alguns dos quaes, depois de luzirem na patria, foram brilhar nas mais celebres universidades estrangeiras, conviria muito que 'numa tão boa conjuncção de circumstancias como a presente em que, sob o governo de um soberano esclarecido, vêmos renascer em Portugal o gosto das lettras que por mais apraziveis, e dignas de serem sabidas de todo o homem, lhe chamaram os antigos *humanas*, algumas pessoas dadas a ellas emprendessem fazer, e dar á luz uma collecção, similhante ás de que fallei publicadas por Panckoucke e por Didot, das versões em portuguez dos classicos gregos e latinos, que andam dispersas, começando por desenterrar as ineditas, como as das *Metamorphoses* d'Ovidio pelo padre Antonio dos Reis, e por Candido Lusitano (o padre Francisco José Freire oratoriense); as da *Eneida* de Virgilio por Leonel da Costa, pelo padre Francisco José Freire, por Francisco de Pina e Mello, e por D. Fradique da Camara; as *Versões das odes de Horacio* pelo padre José Agostinho de Macedo, (de que só se publicou um volume), e por João Franco Barreto; e a da *Arte Poetica* pelo crusio D. Fructuoso de S. João; as *Traducções da Pharsalia de Lucano* por Lopo de Sousa Coutinho; da *Thebaida de Estacio* pelo padre João Nunes

Freire; das *Comedias de Terencio* pelo padre João Affonso de Beja; das *Tragedias de Seneca* pelo já citado Lopo de Sousa Coutinho; os *Commentarios* que d'ellas fez o padre Antonio Vieira; as *Versões das odes de Pindaro* pelo predito Lopo de Sousa Coutinho; os *Commentarios ao livro «De Providentia» de Seneca* por D. Francisco Manoel de Mello; os *Proverbios ou flores de Seneca* por frei João de Santarem; as *Traducções do livro «De Oratore» de Cicero* por D. Francisco Manoel de Mello; e do livro *De officiis* do mesmo autor pelo nosso illustre e desditoso infante D. Pedro, duque de Coimbra, que tambem traduziu na nossa lingua *Vegecio de Re Militari* e o *Panegyrico de Trajano* por Plinio; as traducções que do mesmo panegyrico e dos livros *De officiis* e *de Senectute* de Cicero fez Vasco Fernandes de Lucena; e finalmente as *Traducções das obras de Tacito* pelo padre Manoel Corrêa; da *Cyropedia de Xenophonte* por Diogo de Teive; e de *Diodoro Siculo* por Manoel Mendes. E, se a estas versões ineditas se juntarem as, que correm impressas, das *Heroides de Ovidio* por Miguel do Couto Guerreiro; das *Metamorphoses* do mesmo poeta por frei José do Coração de Jesus, Francisco José Freire, Manoel Maria Barbosa du Bocage, e a ultima segundo a ordem d'antiguidade, mas não em merecimento, pelo sr. Antonio Feliciano de Castilho; a *Versão das Eglogas* e *Georgicas de Virgilio* por Leonel da Costa; as da *Eneida* por João Franco Barreto, por Antonio José de Lima Leitão, pelo sr. Oderico Mendes, e Barreto Feio (esta ultima completada por José Maria da Costa e Silva); as que este talentoso continuador fez de todas as odes de Horacio, tambem vertidas em portuguez pelo conde da Barca, e algumas d'ellas por Antonio Ribeiro dos Santos; as da *Arte Poetica* por Soares Barbosa, por Francisco José Freire e pelas sr.[as] D. Rita Clara Freire de Andrade e condeça de Oyenhausen depois marqueza de Alorna; e pelo sr. conselheiro Antonio Luiz de Seabra, que tambem tra-

duziu as *Satyras* e as *Epistolas* do mesmo poeta em verso solto; a do *Panegyrico que Plinio o moço fez de Trajano* por D. Antonio Pinheiro, que tambem fez um commentario e notas a Quintiliano; a *Traducção do burro de oiro de Appuleio* sem nome do traductor, mas geralmente attribuida ao sr. barão de Villa Nova de Foscôa; as de *Tibullo* pelo sr. Antonio Ayres de Gouvêa, a do *Hypolito de Seneca* por Sebastião Francisco Mendo Trigoso; a do *Hypolito de Euripides* pelo padre Joaquim de Foyos; as do poema *Da natureza das coisas* de Lucrecio, pelo sr. conselheiro Ferraz, e pelo dr. Antonio José de Lima Leitão; *Columella* por Fernão de Oliveira (obra não mencionada na *Bibliotheca Lusitana);* as do 1.º livro da *Illiada de Homero*, do *Idylio de Bion*, de outro de *Moscho*, de algumas *Odes de Anacreonte*, e do exordio do *Poema de Lucrecio* por Antonio Ribeiro dos Santos; e finalmente, as *Versões dos Argonautas de Apollonio* por José Maria da Costa Silva, e da *Historia de Justino* por Troilo de Vasconcellos da Cunha; e as *Traducções dos tres livros* De officiis *de Cicero* por Miguel Antonio Pereira, e da *Pharsalia de Lucano* em verso solto, pelo sr. José Feliciano de Castilho, teremos 'nesta somma bastantemente grande de productos do genio da nossa nação os cabedaes necessarios para emprehender um monumento, que abrindo á nossa litteratura uma nova fonte de originalidade ou de limitação, nos ponha, 'nesta parte, a par das nações mais civilisadas da Europa. Eu bem sei que alguns dos nossos traductores antigos peccam por infidelidade, ao passo que 'noutros se nota o defeito contrario nas suas nimiamente litteraes versões, servindo-se uns e outros de expressões que na nossa actual republica das lettras não tem carta de naturalisação; mas que obsta a que taes defeitos sejam corrigidos por mãos habeis como as do sr. Antonio Feliciano de Castilho, e de outros, a cujas traducções elegantes se não pode dar o nome de *bellas infieis*, que alguem 'noutro tempo deu ás de Amiot? Eu cuido que uma si-

milhante empreza agradaria aos litteratos que nas versões de que fallo admiraram o estylo fluido e elegante dos traductores, assim como, nos commentos e notas que acompanham muitas d'ellas, ficaram os sabios encantados de tão vasta e tão solida erudição.

MARQUEZ DE RESENDE.

NOTA VIGESSIMA SETIMA



PAGINA 63—VERSO 25

OS APPELLIDOS ENTRE OS ROMANOS E ENTRE NÓS

Os appellidos, ou alcunhas, de Corvino, Torcato, Africano, e outros, com que Ovidio (*Fast.* 1, 591) designa varios personagens, foram titulos honorificos dados pelo senado em commemoração de feitos illustres, assim como o de pai da patria dado a Cicero por ter suffocado a conspiração de Catilina. Quando elles eram dados livre e espontaneamente pelo povo, não eram menos gloriosos, por serem a expressão da opinião geral e um tributo pago á virtude d'aquelles que tiveram a honra do merecel-os. Assim a Grecia intitulou a Aristides, Justo; a Hespanha a Rui Dias de Bivar, Campeador, e Portugal ao conquistador d'Evora em 1166, Giraldo Sem-pavor.

Este modo de honrar os heroes era, como se vê d'estes exemplos, de longo tempo usado no occidente; mas sua origem é sabidamente oriental, pois do oriente nos vieram todos os nossos co-

nhecimentos, e se encontra memoria d'este nos escriptos da mais remota antiguidade. Dão d'isto testimunho Homero frequentemente, Herodoto, Strabão e até a Biblia sagrada. Dando este facto como averiguado, ponho de parte uma erudição intempestiva para o provar, e que cada um pode ver nos innumeraveis escriptores de todas as nações que se occuparam d'este objecto. Limitarmehei por tanto a dizer succintamente o que tem occorrido no nosso Portugal a este respeito.

Penso serem da mesma natureza dos appellidos apontados por Ovidio no passo acima citado e dados por igual motivo, os seguintes appellidos portuguezes:

Baharem, dado por D. João III a Antonio Corrêa, por ter ganhado a ilha d'este nome no mar d'Ormuz.

Bandeira, dado a Gonçalo Pires por D. Affonso V, pela que na batalha de Tôro recuperou das mãos de um castelhano, que a tinha tomado aos nossos.

Camara, dado pelo mesmo D. Affonso V a João Gonçalves Zarco pelos seus serviços na ilha da Madeira, derivado de uma lapa trilhada de lobos na mesma ilha.

Corte-real, dado por D. João I a Vasco Anes da Costa por se ter offerecido a ir ao desafio dos Doze d'Inglaterra.

Moura, a Pedro Rodrigues por ter ganhado esta praça em 1166.

Haverá muitos outros dados directamente pelos reis d'este reino em recompensa de serviços, assim como ha muitos tomados pelos proprios individuos em lembrança de seus feitos, ou que lhes foram postos pelo povo, sempre inclinado a designar as coisas e as pessoas pelos seus attributos em logar dos nomes.

De um modo ou de outro, é certo que seus descendentes os adoptaram e ficaram sempre d'elles usando como titulos de honra, para perpetuarem sempre viva nas familias a memoria de seus passados.

D'este genero são evidentemente os appellidos de *Barba*, que Martim, descendente de Mem Paes de Sandim, tomou por ter empunhado a barba de um mouro e lhe desencaixar com a violencia o queixo; o de *Figueiredo* a um descendente de Goesto Ansur por ter desbaratado com um ramo de figueira os mouros que levavam ao rei de Cordova seis donzellas das cem que annualmente se lhe pagavam.

É escusado dizer que os appellidos antes de se tornarem hereditarios, eram não só individuaes mas tinham uma significação pronominal. Entre os romanos, Cicero escrevendo a Attico (liv. 2, 13) lhe diz: *Noster amicus Magnus*, sem precisão de dizer Pompeo; e no tratado de Finibus (1, 23): *Neque Torquatus, qui hoc cognomen primus invenit*, sem dizer Manlio. Entre nós e em todas as nações é tão perfeita a substituição, que raras vezes se sabe o nome dos titulares.

Este uso de dar appellidos ás pessoas que por feitos se distinguem, tem-se perdido por toda a parte, e foi substituido por titulos de nobreza, que são tambem identicos aos de que faz menção Ovidio, differençando-se na forma. Assim como duque da Terceira, marquez d'Alorna, conde das Antas, e outros, que foram dados em recompensa da pericia e valentia com que se houveram nos taes logares. D'aqui vem que os titulos são ordinariamente estabelecidos em nomes de terras, como theatro d'estes illustres feitos. Mas quando o genero de serviços que se pretendem recompensar é de natureza independente de logar, assim como os da diplomacia, da magistratura, do magisterio, ou o talento nas sciencias e nas artes, é frequente dar-se o titulo da naturalidade ou do proprio nome do agraciado. Não se pense por tanto irreflectidamente que é humilde e ignobil a pessoa intitulada em seu proprio nome e que tal titulo seja immerecido. Os condes da Cunha, por exemplo, descendentes de D. Guterre, companheiro do conde D. Henrique, e de Martim Vasques da

Cunha, de que descendem em Hespanha os duques d'Escalona, e os d'Ossuna, são intitulados no seu mesmo appellido; o duque de Saldanha, cuja nobreza é conhecida, o conde de Carvalhaes, descendente de Diogo Fernandes Carvalhal, no tempo de D. João III, e muitos outros estão no mesmo caso. É possivel que haja alguma quinta, propriedade ou ainda algum logarejo com estes nomes, mas isso em nada se oppõe ao que levamos dito, porque estas palavras são constantemente tomadas como appellidos, e como taes adoptadas por pessoas que nenhumas presumpções tem de nobreza.

Cumpre notar, que quando os reis davam alguns appellidos, tinham o cuidado de dar no mesmo acto ao agraciado um brazão d'armas, de maneira que os appellidos e os titulos são intimamente ligados á heraldica, ou arte de armaria, ou antes fazem toda a sua essencia.

Estes brazões d'armas eram quasi sempre emblemas que representavam a empreza, mas muitas vezes não eram senão a figura do appellido, quando elle era susceptivel d'isso. Assim as armas dos Cunhas são nove cunhas d'azul de ferro; as dos Corrêas são corrêas repassadas umas pelas outras; as dos Brandões cinco brandões d'oiro accêsos; as dos Cabraes, cabras etc. Tal é a origem dos escudos, symbolos, insignias, divisas, e bandeiras; instituição que remonta á mais remota antiguidade, como dissemos. Os heroes d'Homero tinham escudos, cada um com sua divisa; os imperios, as cidades, as villas, tomavam insignias relativas a suas localidades; e as tribus dos judeus tinham bandeiras para se distinguirem entre si.

O appellido não deve confundir-se com a alcunha, palavra que nos veiu do arabe, como se pode ver no vocabulario de fr. João de Sousa. Antigamente appellido e alcunha eram synonymos, e nossos escriptores tomavam indifferentemente um pelo outro; hoje porem a alcunha não se toma senão como um so-

brenome ou epitheto burlesco fundado em alguma deformidade corporal, ou defeito do espirito. Sua origem é a malignidade de quem a inventa, para lançar o ridiculo nas pessoas a que é applicada.

O ridiculo porem não consiste somente na palavra picante ou jocosa, está principalmente no contraste das idéas, quando elles são engenhosamente inventados, e tem uma applicação cuja verdade é reconhecida por todos. Por exemplo Tiberio Nero era dado ao vinho, e por este vicio foi alcunhado *Biberio Mero*. A opinião de que uma pessoa tão elevada deve ter inclinações nobres, é estranhamente contrariada, vendo-a sujeita a um vicio tão grosseiro e vergonhoso.

Ha alcunhas que não são senão ironias, ordinariamente filhas da inveja contra as pessoas de talento ou de fortuna, como quando se diz d'alguem que é o *oitavo dos sabios*, *poeta laureado* ou o *homem dos contos*.

Algumas vezes toma a malignidade a figura d'algum animal, ou os vicios de alguma pessoa conhecida na historia, e faz d'elles comparação com a pessoa que quer vilipendiar, e assim lhe chama, segundo a similhança, verdadeira ou falsa, que imagina, o *burro*, *urso*, *toiro*, *Esopo*, *Sardanapalo*, e *Messalina*.

Ha tambem alcunhas que sendo pessoaes na sua origem, e d'alguma maneira injuriosas, por serem a designação de algum defeito corporal, se tornaram hereditarios, e passaram aos descendentes, que as adoptaram como nomes proprios. É sabido que Cicero foi assim chamado por ter no rosto uma pequena protuberancia da figura de uma ervilha; que a familia Claudia tirou seu nome de um coxo; que Nasão e Nasica, vem de um grande nariz, e assim quasi todas as familias patricias de Roma, como se pode ver em Dionysio d'Halicarnasso.

Podemos á vista d'estes exemplos talvez assegurar, que grande numero de nossos appellidos não tiveram outra origem; pois

como é possivel acreditar, que ninguem tome espontaneamente o appellido de Feio, Magro, Cão, Carvoeiro, Gato, Gago, Sardinha, Barriga, Bordallo, Carranca, Rodovalho, Lobo, Pato, Carneiro, Bezerra, Camello, Carrasco e outros similhantes?

Emfim, qualquer que seja a forma das alcunhas, é indubitavel que ellas só tem por origem as imperfeições do corpo e do espirito dos homens, seus costumes, suas paixões, seus máos habitos, e todos seus vicios de qualquer natureza que sejam.

BARÃO DE FOSCÔA.

NOTA VIGESSIMA OITAVA



PAGINA 67 — VERSO 17

ABORTOS

As idéas dos romanos sobre o aborto reflectiam as da philosophia stoica, segundo a qual o feto só era animado depois do nascimento, sendo até então apenas uma parte do corpo da mãi. Tão diffundida estava entre elles esta doutrina que nos seus costumes e leis se manifesta a cada passo.

O aborto não era considerado crime, porque o feto não era um ente (1) *partus nondum editus, homo non recte fuisse dicitur* mas uma parte do corpo da mãi (2) *partus enim ante-*

(1) L. IX, *Dig.* ad legem Falcidiam.
(2) L. I, § 1.°, *Dig.* de inspiciendo ventre.

quam edatur mulieris portio est vel viscerum. A mulher fazendo-se abortar não incorria em pena; e o que por meio de violencias a forçava a isso, respondia simplesmente por perdas e damnos em virtude da lei Aquilia.

Em consequencia d'este principio, seguido já por Aristoteles (1), tornou-se o aborto frequente e vulgar; Sabina, mulher de Adriano, segundo Aurelio Victor (2), não duvidava confessal-o *Quae palam jactabat se elaborasse ne ex eo ad humani generis perniciem gravidaretur;* e muitas damas romanas a elle recorriam para conservarem a belleza, como revela Ovidio (3):

Nunc uterum vitiat, quae vult formosa videri
Raraque in hoc aevo est, quae velit esse parens,

idéa que nos *Amores* (4) desenvolve d'este modo:

Scilicet, ut careat rugarum crimine venter
Sternatur pugnae tristis arena tuae.

Juvenal, dizendo de Julia sobrinha e concubina de Domiciano (5):

Quam tot abortivis fecundam Julia vulvam
Solveret et patruo similes effunderet offas

mostra quanto era vulgar este crime; e combinando este passo com o seguinte do mesmo poeta vê-se como este acto prendia pouco a consciencia (6):

(1) *Polit.* VII, IV.
(2) *Epist.* C, XIV.
(3) *De nuce* v. 23.
(4) Liv. II, eleg. 14, v. 7.
(5) *Satyr.* II, v. 32.
(6) Id. VI, v. 597.

....Gaude infelix, atque ipse bibendum
Porrige, quidquid erit: nam si distendere vellet
Et vexare uterum pueris salientibus esses
Aethiopis fortasse pater;

Estes versos de Juvenal, como outros que teremos occasião de citar, levam á evidencia por um lado a pouca impressão que produzia na sociedade de então a narração d'um crime tão nefando, e tem por outro lado o valor historico de indicarem um dos fins da pràtica do aborto.

Consultando o theatro romano ahi o vemos em scena sem correcção; Plauto no *Truculentus* (1) põe na boca de Astaphia estas palavras que Dinarcus ouve sem espanto

Celébat, metuebat que te illa, ne sibi persuaderes
Ut abortioni operam daret puerumque ut necaret.

E não deve admirar que os poetas sem rebuço se occupassem do aborto, se nos lembrarmos que Ovidio, queixando-se de ser condemnado por causa da *Ars amandi*, lamentava a impunidade de escriptores mais licenciosos (2)

Nec qui descripsit corrumpi semina matrum
Eubius, impurae conditor historiae.

Parece que o aborto era mais frequente entre as mulheres da classe elevada e rica do que entre a gente do povo; assim o indica claramente Juvenal (3):

Hae tamen et partus subeunt discrimen et omnes
Nutricis tolerant fortuna urgente labores;
Sed jacet aurato vix ulla puerpera lecto.

(1) *Act.* I, sc. II, v. 196.
(2) *Trist.* liv. 2, v. 415.
(3) *Satyr.* VI, v. 592.

É certo porem que muitas vezes falhavam todos os meios empregados para expulsar o feto, como reconhece Ovidio 'numa das cartas das *Heroides* (1), em que participando Canace a Macareu a grande quantidade d'abortiferos que tomara, termina dizendo :

> Ah ! nimium vivax admotis restit infans
> Artibus et tecto tutus ab hoste fuit,

o que não deve admirar, sobre tudo se empregavam as substancias que Plinio classifica como abortivas : a pelle de cobra (2) *anguium senectus.... in vino bibendam cum thure ; aliter sumta abortum facit ;* o ovo do corvo (3) *...corvinum ovum si ederint per os partum reddere*, e *ovium corvi gravidis cavendum constat, quoniam transgressis abortum per os facit* (4) ; o pisar a vibora *viperam mulier praegnans si transcenderit* (5) etc. se os meios abortivos, de que se serviam, fossem só estes não teriam por certo acontecido em Roma tantas desgraças, e os romanos ignorariam o perigo de similhante medicação ; mas Ovidio na sua obra dos *Amores* nos mostra que elles não o desconheciam :

> Dum labefactat onus gravidi temeraria ventris
> In dubio vitae lassa Corina jacet (6).
>
> Hoc tenerae faciunt, sed non impune puellae ;
> Saepe, suos utero que necat, ipsa perit ;
> Ipsa perit, ferturque toro resoluta capillos (7).

(1) *Epist.* XI, v. 43.
(2) Lib. XXX, 44.
(3) Id. X, 15.
(4) Id. XXX, 44.
(5) Id. XXX, 43.
(6) Id. II, eleg. 13, v. 1.
(7) Id. II, eleg. 14, v. 37.

Suetonio (1) e Plinio (2) affirmam positivamente que a celebre Julia, filha de Tito, morrêra em resultado d'um aborto; e Plinio (3) aconselhando o alho bravo com leite feminino *porrum sectivum.... sistit.... ex abortu profluvia, poto succo cum lacte mulierum* contra as hemorragias uterinas, consecutivas ao aborto, mostra que este perigo era conhecido. Era sem duvida para não terem que recorrer a meios abortivos que as damas romanas procuravam tanto os eunucos, como parece inculcar Juvenal (4):

> Sunt quas eunuchi imbelles ac mollia semper
> Oscula delectent et desperatio barbae,
> Et quod abortivo non est opus;

e Martial (5):

> Cur tantum eunuchos habeat tua Gellia quaeris
> Pannice? Vult futui Gellia non parere;

e algumas houve que chegaram a tomal-os para maridos, como affirma o mesmo Juvenal (6):

> Quum tener uxorem ducat spado....
> Difficile est satyram non scribere

Mas se os meios de que falla Plinio eram innocentes, e todavia appareciam casos fataes que as damas romanas temiam a ponto de se servirem d'este meio para os evitarem, é porque sem du-

(1) *Vit. Domit.* 22.
(2) *Epist,* IV, 11.
(3) Lib. XX, 21.
(4) *Satyr.* VI, v. 366.
(5) Lib. VI, epigr. 69.
(6) *Satyr.* I, v. 22 e 30.

vida outros havia para esse fim. Juvenal (1) é pouco explicito a este respeito usando apenas de termo generico *medicamina:*

Tantum artes hujus tantum medicamina possunt
Quae steriles facit atque homines in ventre necandos conducit!

Julio Paulo (2) não é mais claro quando diz *Sui abortionis poculum dant.* Ovidio nas *Heroides* (3) vai porem mais longe:

Quas mihi non herbas quae non medicamina nutrix
Attulit audaci supposuitque manu;

indo assim d'acôrdo com o que escreve nos *Amores* (4):

Vestra quid effoditis subjectis viscera telis
Et nondum natis dira venena datis;

e nos *Fastos* (5):

............ictu temeraria coeco
visceribus crescens excutiebat onus.

D'estes passos se vê que tres meios differentes eram empregados para o aborto, *herbae*, *medicamina* e *operações manuaes*; os dois primeiros estão naturalmente comprehendidos na palavra *venena* empregada na elegia 14; e o terceiro nas expressões *telis ictu* e no *audaci supposuit manu.* A lei 39 de poenis no *Digesto* parece fallar d'estas operações, *si qua visceribus suis vim intulerit*, bem como as leis 4 *de extraord. crimini*, e 8 *ad leg. Cornel. de Sicariis.*

(1) *Satyr.* VI, v. 595.
(2) L. XXXVIII, § 5, *Dig. de poenis.*
(3) *Epist*, XI, v. 39.
(4) Lib. II, eleg. 14, v. 27.
(5) L. I, v. 523.

Seneca fazendo dizer a Dejanira (1):

> .... Siqued e nostro Hercule
> Concepit Iole, manibus evellam meis

parece confirmar este uso que de ha muito devia ser conhecido, porque já Hippocrates no *Juramento* fallava de pessarios abortivos.

Segundo parece as amas eram muitas vezes encarregadas d'estas manobras como indica Ovidio (2):

> Quas mihi non herbas, quae non medicamina nutrix
> Attulit, audaci supposuit que manu.

As *sagae* parece que tambem lhe faziam concorrencia, e nem era de estranhar, sendo mulheres de commercio suspeito, a crêrmos Tibullo (3):

> At tu quamprimum sagae praecepta rapacis
> Desere nam donis vincitur omnis amor.

No meio d'esta corrupção parece comtudo que muitas vezes a consciencia se revoltava contra a immoralidade d'este acto: Ovidio nos *Amores* indigna-se contra elle (4):

> Quae prima instituit teneros convellere foetus
> Militia fuerat digna perire sua

> Hoc neque in Armeniis tigres fecere latebris
> Perdere nec foetus ausa leaena suos (5):

acrescentando depois de condemnar esta acção:

(1) *Hercules Oetaeus*, v. 345.
(2) Heroides *Epist.* XI, v. 39.
(3) L. I, eleg. 5, v. 59.
(4) Lib. II, eleg. 14, v. 5.
(5) Id. v. 35.

Est pretium parvae non leve vita morae (1).

No mesmo livro e elegia (2) mostra-se claramente que as idéas achavam ecco no publico:

Ipsa perit, ferturque foro resoluta capillos:
Et clamant merito! qui modo cumque vident;

e nos proprios *Fastos* diz que o senado castigára as mãis desnaturadas

Corripuisse patres ausas immitia nuptas
Jus tamen exemtum restituisse, ferunt (3).

Em virtude dos rescriptos dos imperadores Severo e Antonino foi este acto punido com pena extraordinaria, não porque constituisse por si mesmo um crime, mas por causa do fim com que era praticado; a lei 4, *Dig.*, *de extraordin. crimini*, impõe a pena de exilio á mulher que se fazia abortar, dando como razão *indignum videri potest impune eam maritum liberis fraudasse.* Esta pena parece ter sido a geralmente applicada, como se vê na lei 39, *Dig. de pen.*; e se 'nesta se falla de pena capital imposta a uma certa Milesia pelo crime d'aborto, é porque sendo commettido na Asia, não foi condemnada pela lei romana como adverte Cicero (4). Quando porem um terceiro provocava o aborto, era punido com pena ultima, havendo facto consummado, ou morrendo a mulher em consequencia dos meios empregados (5). Foi apenas no tempo de Trajano que o aborto começou a ser considerado como crime ordinario, e punido como tal no tempo dos imperadores christãos.

DR. ABEL JORDÃO.

(1) Id. v. 26.
(2) V. 39.
(3) Id. 525.
(4) *Orat. pro Cluentio.*
(5) L. XXXVIII, *Dig.* § 5 *de poenis.*

NOTA VIGESSIMA NONA



PAGINA 71 — VERSO 22

FESTAS DO CULTO ROMANO

Para qualquer parte que lancemos os olhos sobre as antigas sociedades, cujos vestigios o volver dos seculos, e o perpassar das gerações ainda não apagaram; sobre esses grupos, como se hoje diz, que por diversas regiões e oppostos climas se reuniram sob variadas formas e regimento, para concertarem uma communidade, ou uma grande familia; 'nesses mesmos incultos rudimentos da vida social descobrimos tantas analogias e similhanças com o que hoje sômos, e com o que se passa no tempo d'agora, que á primeira vista nos maravilha a verdadeira ancianidade d'estas nossas idéas, crenças, habitos, aspirações, projectos, e de quasi tudo, que ou a vaidade, ou a credulidade faziam passar a titulo de novo, e de muito nosso. Ao passo, porem, que a philosophia da historia, e os progressos archeologicos, epigraphicos e palimpsesticos vão descortinando o passado, descerrando-lhe as sombras, e nos mostram as verdadeiras feições e indole dos povos, que de muito desappareceram, pondo-nos á vista as proprias scenas da vida intima, onde melhor se revelam as tendencias, o pensar, e o querer de cada um d'elles, sentimos então esvaícer-se-nos o orgulho, e nos humilhamos á consciencia, e convicção de que estes nossos tão assoalhados progressos, e avanços de ci-

vilisação, que nos faziam olhar com sobranceria para as gerações passadas, não são em grande parte senão um transumpto renovado com mais vivas e frescas tintas, com as quaes cada era, sob côr de mais avantajada, se vai ataviando e arrebicando: e em todas ellas, e em todas associações, de qualquer modo formadas e transformadas, se vai representando a marcha e o movimento da humanidade, involvendo-se 'nesse todo concreto, e complexo a extensão indefinida da intelligencia, e vontade, da liberdade, e progresso, cujo desinvolvimento imprime e exprime 'neste todo novas feições (1).

Estas tão vagas considerações, que, se fossemos traz ellas, nos levariam muito longe do nosso ponto, nol-as suscitaram aquelles versos do antigo poeta latino, a quem o principe dos nossos acabou hoje de passar carta patente de naturalisação, e foros de cidadão portuguez, rubricando, sem o pensar, nem prever, 'neste padrão indelevel os direitos, que ambos adquiriram á immortalidade. Os mesmos versos d'Ovidio fazendo-nos recordar as antigas festas, tambem fixas e mudaveis, como as nossas, nos desprendem agora do tumulto vago das idéas, do labyrinto dos sombrios pensamentos, que nos enleiaram o espirito na contemplação da eterna lida, do continuo redemoinho, e inexoravel destino da humanidade; e descobrindo outra scena d'este immenso drama, nos fazem attentar no vulto colossal do povo gigante, que ha dois mil e seiscentos annos se ergueu entre as nações para as sobreexceder, e assoberbar com seu dominio, *populum late regem, belloque superbum.* Virg. *Aeneid.* 1, v. 21.

E todavia em a nova era, que separa as duas Romas, e nol-as representa antagonistas em quasi todas as condições da vida, a velha Roma, a Roma pagã e polytheista deixou vestigios

(1) Pour le poète comme pour l'historien, pour l'archiologe comme pour le philosophe, chaque siécle est un changement de phisionomie de l'humanité. Vict. Hug. *La Legende des siécles*, tom. I, p. X.

tão profundos, que a moderna Roma, a Roma christã, começando por toleral-os, não os tem podido extinguir; vestigios que desde a época semi-pagã se foram incorporando nos habitos, no trato commum, e até no teor da vida privada dos povos, e 'nelles continuam a exercer maior ou menor influencia (1). Não dizemos com isto, que a sociedade christã recebêra unicamente do

(1) No decurso d'estas, quasi improvisadas, considerações, teremos mais d'uma occasião de ver a generosa tolerancia do christianismo com os proselytos, que de todas as seitas e cultos acodiam a abraçal-o. Pela primeira vez que a sua historia, singela e sem pretenção, nos leva a assistir á magestosa reunião em Jerusalem dos apostolos, discipulos, e anciãos, na qual a nascente igreja assumindo a autoridade suprema, vai a decidir a grande e tumultuosa contenda, levantada pela mal soffrida emulação judaica, e defendida com calor e insistencia pela seita dos phariseus, contra os neophytos d'origem pagã, querendo obrigal-os á circumcisão, e clamando que a lei de Moysés não tinha sido derrogada, e que á risca devia ser cumprida e observada; pela primeira vez, dizemos, que vamos ouvir uma grave sentença proferida pelo primeiro concilio da igreja, sentimos encher-se-nos o coraçãode contentamento, pela justiça, rectidão, viva fé, e solida doutrina d'essa grande decisão. No meio de todo esse ardor pharisaico, e tumulto sedicioso *(facta autem seditione non minima)* appellaram Paulo, e Barnabé para o concilio: ahi sustentou o primeiro os verdadeiros principios da doutrina christã contra um onus, que ella não impunha: levantaram-se os oradores da heresia pharisaica *(surrexerunt autem quidam de haeresii pharisaeorum... quia oportet circumcidi eos, praecipere quoque cervare legem Moysi)* defenderam a circumcisão, e a lei moysaica: e depois da livre discussão e exame dos fundamentos d'ambas partes, vem a inspiração fulminar o èrro: dissemos mal. Não ha fulminação, não ha raios, não ha anathemas, nem censuras, nem interdictos, nem suspensões, e deposições, ou degradações, e excommunhões: decreta a igreja, em nome do Espirito Santo, a verdadeira doutrina, e tudo está concluido. «*Visum est enim Spiritui Sancto et nobis, nihil ultra imponere vobis oneris, quam haec necessaria.*» «Não vos imporemos (escreve-se aos proselytos pagãos) mais nenhum encargo, senão o que é necessario: nada de participar dos sacrificios dos idolos, do sangue, do suffocado, e das sensualidades; abstendo-vos d'is-

paganismo romano essas formas, que em muitos dos seus usos religiosos e civis se nos revelam: a philosophia, e a litteratura grega não foram estranhas á formação d'esta nova sociedade: foi

to, andareis bem: e adeus.» *Act. dos Ap.* 15, v. 28 e 29. D'aqui, d'este grande facto dogmatico, e doutrinal; d'esta resolução franca, do animo, manifestamente declarado 'neste primeiro concilio, de não molestar os novos christãos, que vinham do paganismo; das proprias palavras da sentença, e da simplicidade dos preceitos; de todo este aggregado de circumstancias favoraveis a estes christãos se colhe a benignidade e doçura da nova lei: o seu rotulo, e mote é «*jugum meum suave est, et onus meum leve.*» Os habitos, os usos, as occupações, a vida pagã, que não se oppunha aos dogmas, e á moral do evangelho, tudo era tolerado: e não é para admirar, que com as largas, que o tempo vai dando á introducção das novidades, passassem para os actos do culto muitos usos da vida domestica, e algumas praticas populares, que sendo ahi mal cabidas, não são todavia oppostas á fé; e porque uma vez foram toleradas, só com muita diligencia e com muito correr dos tempos se poderão extinguir: esta diligencia já o nosso Bernardes requeria aos que podiam, e deviam remediar esses abusos; e se alguns acabaram, o tempo tem ainda deixado muitos outros. Oiçâmos o que elle diz na sua *Floresta* tom. 2.º pag. 17: «Emende-se pois o abuso de fazermos, ou permittir se façam vigilias, e saraos á cruz ou a altares, que se armam nas ruas, com aquellas profanidades, que só podem ser aceitas a Baccho, e Venus, e não ao verdadeiro Deus, e a seus santos. Emende-se celebrarmos as noites de Natal nas igrejas, como eu vi celebrar em uma, com pandeiros, adufes, castanhetas, foguetes, tiros de pistola, e risadas descompostas. E advirta-se, que nenhuma d'estas coisas descanta bem com a lettra dos anjos; pois nenhuma dá gloria a Deus nas alturas, nem paz aos homens na terra... E que sentiremos dos bailes feitos nas igrejas e atrios d'ellas por honra dos santos, e dias de festa? Fazer offensa a Deus, e em cima vender-lh'a por obsequio?.... Comer, e beber, e rir, e folgar, e bailar, e chacotear.... e querer encampar tudo isto a Deus por observancia religiosa de votos, e culto de seus santos! E que maior insipiencia, que suppormos, que os santos são como os deuses do paganismo, Baccho, e Flora, e outros da mesma farinha, que eram venerados com similhantes festas.»

porem o judaismo, que 'nella desinvolveu uma acção mais proxima e mais directa. Não seria por isso fora de proposito apontarmos, alem d'algumas festas da antiga Roma, as principaes dos gregos pagãos, e do judaismo: pede comtudo o objecto especial, de que nos occupâmos, que por ora consideremos, quasi exclusivamente, no como, e por quaes circumstancias a antiga sociedade romana, e o polytheismo pagão imprimiram feições propriamente suas em certas praticas e usos christãos, feições, que menos consideradamente levaram não poucos escriptores, e alguns de grande erudição, a considerarem em certas festas, apparatos, e usanças do christianismo, a continuação das festas e jogos *seculares* dos romanos, das *paganaes* e *ambarvaes* aos numes tutelares dos campos, das *sementinas*, das *saturnaes*, *rubigaes*, e de muitas outras commemoradas nos *Fastos* do nosso poeta Ovidio, e no calendario d'este povo; nem já é isso parte para que levemos o reparo a ponto de lançarmos descredito 'nestes escriptores, quando os temos de nossa casa, e mui autorisados por sua doutrina, que não iam muito longe d'essa opinião. O nosso Vieira, para não apontarmos muitos outros, no tomo 5.º de seus *Sermões*, pag. 175, falla ao povo e do povo de Lisboa d'este modo: « Durou, diz elle, esta observancia e costume verdadeiramente christão por muitos annos, em que florecia a igreja; mas emfim prevaleceram contra elle e contra ella os abusos e profanidades gentilicas com tal excesso, que as intemperanças dos jogos furiosos de Baccho, chamados por isso *bacchanalia*, se passaram para estes mesmos dias; e porque Luso, filho do mesmo Baccho, foi o que deu nome á nossa Lusitania, 'nella como peste hereditaria não lançaram menores raizes:...... Passavam uns pontifices, e outros pontifices, e desprezavam-se as suas censuras: passavam uns reis, e outros reis, e desobedeciam-se seus decretos...... ellas não só não admittiam cura, mas como convertidas em natureza se reputavam incuraveis. »

Admittiremos a divisão, que o poeta Ovidio aqui faz, e em parte define, de festas fixas *(stata sacra, stativa)* as quaes tinham dias fixos nos mezes, em que se haviam de celebrar, sem que para isso fosse necessario aviso ou ordem dos sacerdotes, ou magistrados; e das mudaveis *(non stata, conceptiva)* que eram celebradas em dias variaveis dentro de certa estação do anno: *utque dies incerta sacris, sic tempore certo:* e tocava aos magistrados e sacerdotes indicar esses taes dias. Umas e outras pertenciam ás festas publicas do povo romano; assim como as *imperativas (imperativa sacra, feriae repentinae)* decretadas pelas autoridades publicas, e pelos sacerdotes por occasião d'algum acontecimento. As festas particulares pertenciam ás familias por expiações, por nascimento ou morte, por queda de raio em casa, ou ferimento d'elle em pessoa da familia etc. Eram por isso os dias do calendario, desde que o houve, divididos em festivos, e não festivos *(festi et profesti):* nos primeiros, que eram consagrados ao culto religioso dos deuses, celebravam-se alem dos sacrificios, os banquetes, *epulae*, os divertimentos e jogos publicos, *ludi*, e suspendiam-se os trabalhos e negocios, *feriae:* quando estas ferias duravam por todo um dia, e eram publicas, esse dia era *nefasto. Ille nefastus erit, perquem tria verba silentur*, que é o mesmo que dizer: estão fechados os tribunaes, e repartições: não ha despacho. Contrario a este é o dia fasto: *fastus erit* (continúa o mesmo poeta) *perquem lege licebit agi.* Eram comtudo estes dias uteis, *fastos* e *profestos*, entrecortados em parte das suas horas; e o mesmo dia era, ora nefasto, em quanto durava o sacrificio ou causa que impedia os negocios e trabalhos; ora fasto, logo que terminavam o sacrificio e a causa: *Qui jam fastus erit, mane nefastus erat. Nam simul éxta deo data sunt, licet omnia fari: Verbaque honoratus libra praetor habet* (1). Alem

(1) Estas tres palavras, defesas nos dias nefastos, *tria, verba, silen-*

d'estas divisões de festas, e subdivisões de dias, de que se occuparam muitos escriptores, como Columella lib. 2 *De re rustica* cap. 22. Macrobio *Saturn.* lib. 1, cap. 16. Nieupoort *Vit. apud Rom.* sect. 4, cap. 4. Moreri *Grand Diction.* v. fêtes. Hein. *Ant. Rom. syntag.* tom. 2, lib. 4, tit. 6, acrescenta Manucio *De vet. dier. ratione*, que estes dias *profestos* e *fastos* se classificavam ainda em *senatorios* e não *senatorios*, *comiciaes* e não *comiciaes*. Datam estes dias nefastos e fastos quasi da fundação de Roma. Nu-

tur; e permittidas e livres ao pretor nos dias fastos, eram «do, dico, addico» Varrão lib. 5 *De ling. latina*. Macrob. *Saturn.* lib. 16, e ambos lhes dão o nome de palavras solemnes: *Fasti sunt*, diz este, *quibus licet fari praetori verba solemnia*: *do, dico, addico*. Cifravam-se 'nellas todas as especies de causas, e negocios forenses; porque o pretor tinha que sentenciar, e dar despacho em qualquer pleito ou petição por alguma formula comprehendida em uma d'estas tres palavras. O nome, e magistratura de pretor teve varias significações. Tit. Livio, lib. 7: *Lex vetusta scripta verbis, ut qui praetor maximus esset, idibus septembris clavum pangeret, qui summum imperium et potestatem haberet*. Justinian. novell. 25 *de praetore*: *Nomen praetoris proprium imperii romani... veteres suos imperatores praetores adpellarunt, iisque rei militaris summam potestatem tribuerent*. Tanto a antiga lei, a que se refere Tito Livio, determinando o dia, em que este magistrado devia empunhar a insignia do supremo poder; como a novella de Justiniano historiando a antiguidade do nome, e sua applicação, concordam em que o pretor assumia accidentalmente todos os poderes do estado, incluindo o legislativo: *legibusque*, continua a citada novella, *ab eis scriptis parerent*. Deixando essa remota época, em que o nome de pretor seria dado ao dictador, consul, e imperador, no que tambem em parte concorda Varrão *de vita populi romani* lib. 2, daremos noticia da instituição, e numero d'estes magistrados, visto que o exercicio das suas funcções dependia da classificação das festas, e dias do anno. A jurisdicção do pretor era extensiva ao conhecimento, julgamento, e despacho de todas as causas, e petições do fôro, no civel, no criminal, no orfanológico, no fiscal ou de fazenda, e no administrativo. Pomponio citado por Paulo liv. 1 *sententiar.* tit. 15, § 2, expõe com toda a clareza a historia d'es-

ma os instituiu, diz Tito Livio lib. 1, cap. 19, mais por motivos politicos, do que por considerações religiosas: *quia aliquando nihil cum populo agi utile futurum erat*, e assim, tanto nos dias *nefastos*, como nos *fastos e profestos*, não senatorios, e não comiciaes, debalde tentava o povo ser attendido e despachado pelo senado: era necessario, era dever religioso esperar por outros dias para a sua voz poder chegar ao senado; e no entretanto este aproveitava a oportunidade, que tão arteira santificação tantas vezes lhe offerecia, para desassombradamente con-

ta magistratura. Havendo de saír os consules da cidade por acudirem aos logares onde se travavam as pelejas contra inimigos mais ou menos proximos, não ficava 'nella quem administrasse justiça: resultou d'aqui, que se instituisse o pretor, chamado urbano do logar onde exercia sua jurisdicção; passados annos não bastava já um só magistrado para attender e dar expediencia á multiplicidade de negocios, que se haviam augmentado, e complicado em proporção do grande crescimento da população consideravelmente augmentada pelos estranhos, *peregrini*, que se faziam cidadãos romanos: outro pretor foi creado com o nome de peregrino, para conhecer das causas d'estes cidadãos. Conquistada depois a Sardenha, Sicilia, Hespanha, e Narbona; foram nomeados mais quatro pretores, dividindo a sua jurisdicção pelos urbanos e provinciaes: Cornelio Sulla desligando certas questões, formou causas separadas dos parricidas, dos falsarios, perjuros, e dos sicarios, e acrescentou mais outros quatro pretores. Para concluirmos de prompto, rezumiremos a materia dizendo, que Julio Cesar, Augusto, Claudio, e Nerva, ou porque assim o pedia a necessidade, ou porque é politica velha dar cargos publicos a afilhados particulares, (do que nos faz desconfiar a suppressão, que Tito ahi fez, e o juramento de Tiberio perante o senado de que não levariam d'elle o augmentar o numero de pretores: «*et hortante senatu, ut augerei, jurejurando obstrixit, se non excessurum.*» Tacit. *Ann.* lib. 1, cap. 14) fosse como fosse, aquelles todos fizeram augmento 'nelles, e chegaram a ser dezoito em Roma: *Decem e octo praetores in civitate jus dicunt.* Leg. 2, 27 e 32. Deg. *de origine uris*, com diversos sobrenomes: pretor urbano, peregrino, do erario, constanciano, fidei commissario, fiscal, tutelar, etc.

certar os seus planos, e se conchavarem entre si os senadores, que tudo isso significa aquella grande razão d'estado. Com tão diversas categorias de festas, com a mutabilidade de muitas d'ellas, com a distincção dos dias, e alguns ainda subdivididos, como os chamados *intercisos*, *endocisos*, ou *endotercisos*, é facil ver a difficuldade, que antes do calendario havia, para tão numeroso povo conhecer a especie de cada dia da semana, e do mez. Era elle convocado para no primeiro dia dos mezes ser instruido pelo sacerdote menor *(a minore sacerdote)* da classificação dos dias, que entravam em cada um d'esses mezes; e segundo o que se colhe de Polydoro Virg. liv. 2, cap 5, receberia então alguma tabella, d'onde se colhesse esse conhecimento, que lhe era tão necessario, e no qual levava tanto empenho, que tendo um certo Cneo Flavio, amanuense d'Acio Ceco, podido colligir e espalhar contra ordem do senado *(invitis patribus)* logo de pancada todos os dias *fastos* do anno, fôra na primeira occasião, que o povo teve de lhe agradecer o serviço, eleito tribuno da plebe, e chegou ao cargo de edil curul. Notaremos tambem muito de passagem, como os casuistas d'aquelles tempos já entravam com as suas subtilezas 'nestas materias de trabalhos permittidos nos dias defesos, *nefasti*. Alem d'alguns, que nos aponta Virgilio, *Georg.* 1, v. 208, e já não são nem leves, nem poucos, como lavar os gados lanigeros nos rios, limpar as fontes e vertentes, levantar cerrados nas terras semeadas, armar aos passaros, largar fogo á roça etc., Columella acrescenta outros declarando, que sempre assim praticaram os antigos, salvando suas boas consciencias com a razão da necessidade; e no 1.° livro das *Saturnaes* se acha a judiciosa resposta do consul Scevola ás grandes controversias a respeito da legalidade de certos trabalhos, que se faziam nos dias *nefastos* e durante as ferias; e com essa resposta ficou permittido todo o trabalho, de cuja omissão proviria damno: *quod praetermissum noceret.*

Das festas fixas eram as principaes e mais celebradas as *agonaes (agonalia)*, cuja noticia nos dão os bellos versos do nosso Ovidio, mostrando-nos as suppostas e provaveis origens d'esta palavra: celebravam-se em honra de Jano nos idos de janeiro (13 d'este mez); as *carmentaes (carmentalia)*, em honra de Carmenta, ou Nicostrata, mãi, ou, segundo alguns, esposa d'Evandro, nos dias 11 e 15 do mesmo mez; as *lupercaes, (lupercalia)*, a 15 de fevereiro em honra de Pan; e as *matronaes, (matronalia)*, no primeiro de março em honra das matronas, por cuja intervenção poderosa, e grande patriotismo se findou a guerra dos sabinos, e se perpetuou o imperio romano.

As festas, e jogos seculares, *ludi saeculares*, não podiam ter dia fixo, nem entravam nos *fastos*, ou calendario, porque segundo o oraculo, d'onde procederam, deviam ser celebrados de seculo a seculo, ou de cento e dez a cento e dez annos, como os quindecimviros haviam decretado; espaço que soffreu muitas alterações (1).

(1) Pelos annos duzentos e quarenta e cinco de Roma, uma grande peste enchia de terror a cidade espalhando a devastação e a morte por todas as classes: a doença, a morte, o luto, penetrava por todos os estados, e por todas as familias: d'esses guerreiros, que nos combates desprezavam a vida, e muitas vezes a expunham sem necessidade, nem um só se encontrava com a firmeza d'animo, ou insensibilidade que o habito da guerra imprimiu no soldado á vista da morte:

Nec poterat quisquam reperiri, quem neque morbus,
Nec mors, nec luctus tentaret tempore tali. *Lucr.* lib. 6.

Tudo era consternação, e desalento: os recursos, e soccorros naturaes eram já exaustos, e em vão; recorre-se ao sobrenatural e maravilhoso; e o oraculo da sibylla é repetido de bocca em bocca. «Lembra-te, ó romano, de celebrares de seculo em seculo sacrificios aos deuses immortaes no campo banhado pelas aguas do Tibre. Quando chegar a noite, e o sol tiver escondido a sua luz, offerece cabras e carneiros ás Parcas; faze sacrificios ás Lucinias, que presidem aos partos; e logo immolarás

Das festas mudaveis, *non stata, conceptiva*, apontaremos tambem algumas mais notaveis, como as chamadas ferias latinas *latinae*, e *solemnes*, instituidas por Tarquinio Superbo, e celebradas com muita pompa e concorrencia de todas as classes: eram presididas pelo prefeito da cidade, magistratura que ficou permanente em Roma por causa d'esta solemnidade, pois que anteriormente só se elegia este magistrado, quando por occasião de guerra, ou d'algum acontecimento, os magistrados tinham de sair da cidade: *Postea*, reza a lei 2.ª § 53 Deg. de orig. juris, *latinarum feriarum causa introductus est, et quotannis observatur*: era no monte Albano onde tinha logar esta grande festa pelo es-

um porco, e uma porca preta á fecunda Terra; degolla bois brancos no altar de Jupiter, de dia, e não de noite; porque aos deuses, que estão no ceo, aprazem sacrificios feitos de dia. Offerece a Juno uma novilha de formoso pêllo; e o mesmo sacrificio farás a Phebo Apollo, filho da Terra, o qual tambem se chama sol. Meninos e virgens latinas, cujos pais e mãis sejam vivos, aquelles d'um lado, e estas d'outro, cantarão em altas vozes hymnos nos templos sagrados. Estes ritos, e ordenações permanecerão sempre em tua memoria, ó romano, e d'esta arte a terra dos italos, e latinos estará sujeita ao teu imperio para sempre.» Suet. *in Claudio*, cap. 21. Moreri *Gr. Dicc. art. Jeux. secul.* Foi este o oraculo: era o ultimo appêllo na presença d'uma grande calamidade, o consul Valerio Publicola decretou immediatamente a celebração d'esta grande festa com a maior pompa e grandeza possivel; e logo se deu prompta execução a esta ordem, como a situação e anciedade publica o requeriam; sendo 'nesta data, segundo os melhores auteres, assignada a primeira celebração das festas e jogos seculares tão famosas entre os romanos; a segunda no anno 305 de Roma; a terceira em 505; a quarta em 608. Augusto determinou, que tivesse logar esta solemnidade no anno 737; Claudio em o anno 800, por ser principio do seculo; Domiciano em 840. Já se vê, que o oraculo não mereceu muita consideração no que toca ao periodo dos cem annos; e que Horacio no seu *Carmen seculare pro imperii romani incolumitate*, composto por ordem d'Augusto para ser cantado pelos córos de meninos, não fez bem em introduzir aquelle periodo, que os quindecemviros haviam estabelecido, como melhor in-

paço de quatro dias em honra de Jupiter do Lacio, *Laciali Jovi;* eram obrigados a assistir os consules, e os magistrados dos quarenta e sete povos do Lacio. Tambem eram mudaveis, *non stata*, as paganaes, *paganalia*, dedicadas ás divindades tutelares das aldêas: era festa muito popular, e 'nella tomavam o primeiro logar as tribus rusticas.

As sementinas, *sementina*, não entravam nos fastos, e calendario por serem tambem mutaveis; e posto que houvessem de ter logar em tempo ou estação marcada, era necessario que o competente magistrado determinasse o dia, em que se deviam celebrar; o que inculcam as palavras do poeta *Cum mihi... lux*

terpretação do oraculo: *Certus undenos decies per annos*. Ao povo reunido, e ancioso para dar começo a tão grande e apparatosa festa, se lançava pregão, que ia ver os jogos, que nenhum dos então vivos ainda tinha visto, nem havia tornar a ver. «Populum romanum eos visurum esse ludos, quos nemo ejus aetatis unquam vidisset, aut visurus esset posthac.... » Começava logo o grande prestito: o senado, os magistrados, os proceres, e o povo a dirigir-se aos templos d'Apollo e Diana, nos quaes, depois das ceremonias da purificação, entravam todos para lhes consagrarem oblações de trigo, cevada, e favas: caminhava depois este magestoso concurso para o campo Marcio, e nas margens do Tibre, e nos templos se faziam os sacrificios prescriptos pelo oraculo, e mais alguns, que se foram introduzindo com o tempo, terminando nos que se dedicavam a Plutão, e Proserpina. Aqui o senado, os magistrados, e quasi todo o povo se vestiam de branco tomando ramalhetes e ramos nas mãos, e corôas de flores na cabeça. Duravam estas festas tres dias, na estação das colheitas; o terceiro rematava a solemnidade com os córos, e descantes de vinte sete virgens, e outros tantos meninos de familias nobres, cantavam no templo d'Apollo Palatino o bello hymno: *Phoebe, silvarumque potens Diana*, chamado *carmen seculare* de Horacio, seguiam-se os espectaculos nos theatros, e no circo, danças, corridas a cavallo, carreiras a pé, luctas athleticas, e de gladiadores. D'este modo terminavam as festas seculares da velha Roma; e a nova as viu ainda repetidas dentro dos seus muros até ao terceiro seculo, em que foram prohibidas pelos imperadores christãos.

haec indicitur, e era pratica constante em todas as festas publicas mudaveis, acompanhadas, como esta, de dias feriados, que interrompiam a expediencia dos negocios publicos, forenses, e os trabalhos particulares. Celebravam-se estando concluidas, ou quasi concluidas as sementeiras, para se alcançar prospero resultado d'este trabalho, e uma boa colheita: *sementinae feriae fuerunt institutae, quasi ex iis fruges grandescere possent*. Paul. ap. Fest.

As compitaes, *compitalia*, igualmente mudaveis, *conceptiva*, eram do mesmo modo determinadas pelos magistrados, *indicebantur*, para se publicar o dia, em que se deviam celebrar: eram consagradas aos deuses *Lares*, e tinham logar principalmente nas encruzilhadas dos caminhos publicos.

Para concluirmos esta enumeração monotona, e para muitos talvez tediosa, lembraremos aqui, que alem das festas publicas, e particulares, fixas, e mudaveis, havia tambem as festas e ferias *imperativae, repentinae, quae extra ordinem indicebantur*, leg. 26, § 7, Deg. leg. 3, Cod. *de dilatione*. Isto acontecia nas occasiões, que já apontámos, de grandes acontecimentos, tanto prosperos, como victorias, honras, e obsequio de imperadores, principes e generaes; ou adversos e calamitosos, como tempestades, peste, e outras desgraças publicas: assim se instituiram as *novemdiaes*: *Novemdiale sacrum publice susceptum est*, no tempo de Tullo Hortilio; e as preces publicas decretadas pelo senado na presença d'uma grande epidemia no anno 291 da fundação de Roma. *Inopsque senatus auxilii humani, ad deos populum, ac vota vertit.... Ad id, quód sua quemque mala cogebant, auctoritate publica vocati omnia delubra implent.* Tit. Liv. lib. 3, c. 7. Alguns porem d'estes acontecimentos publicos, prosperos. ou calamitosos, sendo de menor monta, não obrigavam as autoridadas a tanto; e ellas se limitavam a decretar o *justitium* ou ferias dos tribunaes: *Justitium indicere* Sueton. in Galba. cap. 20. *Causaque justitio tristi fora.* Lucan. *Pharsal.* 5, v. 32. Em

todas as festas publicas tomavam parte os magistrados, fazendo observar as ferias, a abstenção dos trabalhos, e o dia e hora marcada, ou decretada nas que eram mudaveis, conceptivas, e imperativas; e os sacerdotes, *pontifex maximus*, *rex sacrorum*, e *minor pontifex*, afora os sacerdotes instituidos particularmente para algumas d'estas festas, e sacrificios, cujos nomes, e mister privativo seria longo mencionar com individuação: basta saber-se que até os havia para dançarem, pularem, e andarem cantando, senão pelas portas, ao menos pelas ruas: *Ac per urbem ire canentes carmina cum tripudiis, solemnique saltu, jussit.* Tit. Liv. 1, cap. 20. Estes taes se chamaram *salios*, nome derivado do seu jocoso officio, ou ligeiro beneficio: Numa os instituiu em honra de Marte Gradivo, e lhes decretou hábitos e vestes liturgicas mui singulares. E já que o nosso ponto é considerarmos os vestigios das praticas pagãs entre nós, não vem fora d'elle, senão muito a pêllo, trazer á memoria as danças, descantes, romarias, que por toda a parte estão em uso nas festas, e vigilias dos santos, e o mais é que muitas d'estas é estylo fazerem-se não só nas praças e terreiros, mas nos adros, e dentro das igrejas, e encorporadas nas procissões. Cabia aqui, se não fosse tão sabida a narração do que, mesmo 'nesta capital e côrte, se passava com as folias, danças, castellos d'estanho, e outras usanças na procissão do Corpo de Deus. O nosso Bernardes, comtudo, apesar do seu mau humor contra as danças e bailes nas festas, por serem proprias do paganismo, olhou, e viu com outros olhos « o veneravel fr. João Peccador, religioso capuchinho da familia de Santo Antonio, o qual na procissão de Corpus (todos os annos) ia diante do Senhor bailando, e tangendo uma frauta, ou charamelinha: eu a tive na mão, e venerei como instrumento do louvor divino, procedido de espirito tão acreditado. Chamei a esta acção imitação d'aquella de David; porque a arca foi expresso typo da Santissima Eucharistia. *Florest.* tom. 2.°, pag. 6, § 3, Lisboa

1759.» Nós nem somos tão rigorosos como o nosso Bernardes, nem faremos excepção alguma com tal fundamento de David e da arca, que poderia ter mais larga applicação: condemnâmos todos os *salios* nos actos religiosos, e em todo o culto christão; vemos porem no instincto da dança, um indicio natural de contentamento, uma expressão, uma linguagem d'acção, como a gesticulação, e a mimica, que com o talento e a habilidade de Roscio podiam traduzir em silencio, e só com gestos, os mais eloquentes periodos das orações de Cicero, seu patrono. Limitem-se aos logares, e occasiões onde podem caber; regule-as a prudencia e o decoro, e as danças longe de serem «esse horrivel circulo de demonios tendo Lucifer, o revolvedor de todos, no centro» *Flor.* tom. 2.º, pag. 13, serão, se não um circulo d'anjos, ao menos um passatempo innocente, ou um apparato agradavel e festivo.

Deixemos já os fastos e calendario da Roma pagã com toda a sua fardagem de sacrificios, e sacerdotes, de deuses, e deusas «no sexo differentes, no numero confusos, na multidão caterva, na geração baixesa, na forma torpes... que fôra desgraça e grande descredito havel-os de portas a dentro por servos e creadas, quanto mais servil-os como senhores, e adoral-os como divindades» S. Pedro Chrysologo, *serm.* 57; e voltando-nos á nova Roma, á Roma christã, consideremos de passagem nas circumstancias, que influiram no seu culto, e na disposição de suas festas. A indole da nova religião de paz, de fraternidade, e liberdade, a fazia, mesmo humanamente, superior a todas as sociedades religiosas, emulas, e intolerantes entre si. Esta doçura da nova doutrina, que aniquilava as differenças odiosas das classes, e das raças, das origens, e das condições, para elevar a sociedade humana ao maximo desinvolvimento de civilisação no abraço fraternal de todas as crenças, e de todas as nações; tal indole, e tal doutrina, affaveis, e iguaes para o gentio e para o judeu, para

o circumciso e incircumciso, para o barbaro e para o scytha, para o servo e para o senhor *(ad Colossens* 3, v. 10 e 11) repelliam toda a idéa de violencia, e de força; e os excessos, tanto do zêlo indiscreto, como do fanatismo estulto, ou se extinguiam, ou ficavam reprimidos com a tolerancia dos primeiros seculos, aguardando época mais favoravel á sua explosão. A conversão rapida, e progressiva da gentilidade ao christianismo começava já de manifestar os phenomenos, e as phases d'uma das maiores transformações sociaes, que se têem realisado. As familias neophytas, conduzidas pelos proprios chefes, ou por algum de seus membros influentes, mal podiam deixar de todo os habitos, e os ritos da antiga crença, que lhes lisongeava os sentidos, permittia-lhes todos os interesses, e até lhes santificava os instinctos sensuaes; não eram por isso raras as apostasias, movidas, já pelo interesse e suggestões, já pelas seducções da imaginação contra os dogmas do espiritualismo; e muitas vezes pelas affeições aos amigos, parentes, esposas, e amantes, que lá ficavam abraçadas aos antigos *lares* e *penates*: em um grande numero porem d'essas familias convertidas ao christianismo, era frequente juntarem-se na vida domestica, e por vinculos, que a igreja só mais tarde prohibiu, e em parte difficultou, individuos de diverso culto: trazia por força esta união de diversos crentes na mesma familia, e na intimidade, que os expunha constantemente á alternativa de exercerem, e receberem mutuamente uma grande influencia moral, a confusão dos principios dogmaticos, e doutrinaes, a par da mistura de ritos, e adorações diversas, sem já fallarmos nas discussões, e catechesis renovadas todos os dias na vida privada com o intuito do triumpho para as oppostas doutrinas: muitos factos d'esta ordem poderiamos citar, se não nos tivessemos alargado tanto. Lampridio, *Vit. Alexand. Sev.* cap. 29, conta, que este venerava no oratorio dos *Lares* as imagens d'Abraham e Christo ao lado das d'Orpheu e Apollonio.

O que porem não podemos, por exceder muito nossas forças, é representar ao vivo esses dramas d'imaginação e de consciencia, que resultavam das impressões encontradas, das crenças, e das imagens semivivas da theogenesia pagã a expirarem aos reflexos da luz, e fé christã. É no poema dos *Martyres*, e no mimoso quadro da neta de Homero, onde esta situação se acha representada com toda a riqueza de poesia e de estylo: seu autor aproveitando os phenomenos sociaes, caracteristico d'essa época d'antagonismo entre a idolatria moribunda, e o christianismo nascente, para tecer o enredo, e dar grande brilho aos bellos quadros d'um poema, que vai traduzir as inspirações das duas musas rivaes, e dar vulto aos caracteres asceticos dos martyres e dos confessores da fé christã por entre as risonhas bellezas da mythologia, mostra-nos 'naquella mimosa pintura da neophyta condemnada ao martyrio, e recebendo já o véo, o admiravel effeito, o misto confuso de côres cambiantes de sua imaginação grega: é uma exaltação suprema, em que parecem unidas a alma do avô á da neta para através da luz pouco viva da fé lhe inspirar as illusões poeticas do thalamo e do esposo, do gôso e do amor, dos montes e dos rios, dos vergeis e das flores, das auras e dos perfumes da sua terra natal; e soltar-lhe dos labios aquella canção toda pagã no colorido e nas imagens: « Légers vaissaux de l'Ausonie, fendez la mer calme et brillante; esclaves de Neptune abandonnez la voile au souffle amoureux des vents, courbez-vous sur la rame agile. Reportez moi sous la garde de mon époux et de mon père aux rives fortunées du Pamisus. Volez oiseaux de la Libie, dont le cou flexibile se courbe avec grace, volez au sommet de l'Ithome, et dites que la fille d'Homère va revoir les lauriers de la Missénie. Quand retrouverai-je mon lit d'ivoire, la lumiere du jour si chere aux mortels, les prairies émaillées de fleurs qu'une eau pure arrose, que la pudeur embellit de son souffle! »

Esta excellente pintura representa-nos o verdadeiro estado de transição, cujos symptomas se manifestam não só nas alterações das crenças e praticas religiosas do polytheismo; mas indo mais longe, modificavam, e até mudavam as doutrinas, e os systemas da philosophia pagã. Epicteto, Plotino, Simplicio, Chalcidio, e talvez Seneca, e outros, se não estavam de facto convertidos ao culto christão, pelas maximas moraes e doutrina, que ensinavam em seus escriptos, poderiam passar por catechumenos, ou meio christãos, se a frase nos é permittida.

Nem só os povos da grande sociedade latina, onde pela força da conquista material das armas, e da moral das leis e civilisação se operara a assimilação romana; nem só estes povos sujeitos á dominação do antigo capitolio apresentavam aquelles phenomenos, e condições sociaes da grande transformação: mas ainda as nações da raça germanica, os chamados barbaros do norte, que rechaçaram os exercitos romanos, e depois invadiram o imperio, offerecem os mesmos symptomas na Germania, nas Gallias, e na Britania. Alguns neophytos barbaros tributavam culto ao Deus dos christãos, e ás divindades druidas conjunctamente: outros faziam passar para os seus ritos religiosos os ritos e ceremonias christãs: um dos grandes vultos do seculo v, Clovis ou Chlvolowig, casado, ainda pagão, com a princeza christã Chlotilde, abraça a religião da consorte, e leva a abraçarem o christianismo muitos guerreiros frankos......

A propria supremacia pontificia, favorecida pelas ordenações imperiaes, mostrava-se indulgente com os habitos semi-christãos, e não usava de rigores contra a physionomia meio pagã da época.

Os templos, os monumentos publicos, as obras da antiga arte pagã, e mais tarde a propria litteratura grega e romana, e alguns systemas philosophicos necessarios á polemica, e oratoria, foram como christianisados, e convertidos ao culto, e aos usos

civís da nova sociedade christã, dando-se-lhes novas denominações, ou conservando as antigas.

O pantheon pagão converte-se em igreja christã consagrada ao culto de todos os santos: o celebre templo byzantino, que ainda conserva o mesmo nome, é dedicado a santa Sophia: o tumulo d'Adriano é o castello de S. Angelo: Quirinal, e Basilicas não mudaram de nome: o proprio titulo de pontifice, sacerdote, prelado, parocho, parochia, templo, ara, tiara, baculo eram nomes pagãos, o christianismo não os regeitou. Debalde o imperador Juliano tenta restaurar os templos do polytheismo, e as escolas da philosophia grega; seus esforços quebram-se contra os progressos da civilisação christã (1). De todos estes factos innegaveis se conclue, que alguns usos antigos do paganismo se involveram entre os ritos christãos; e se a igreja tolerou por algum tempo a promiscuidade das festas pagãs no povo christão, não foi isso recebel-as, nem adoptal-as. Os usos populares introduzidos em alguns actos religiosos não são, e nunca foram disposições liturgicas, autorisadas pela igreja catholica.

Não podemos sustentar esta affirmativa em relação ao judaismo. A religião christã, realisação das promessas, e complemento da lei, de que muitos seculos antes fôra depositario o povo judaico, recebendo e tendo de commemorar muitos factos, e algumas ceremonias da religião moysaica, devia adoptar necessariamente alguns dos seus ritos, receber, e santificar algumas solemnidades, e interpretal-as como figuras realisadas. Estas duas religiões, irmãs d'origem, ainda que differentes em muitos dogmas, e em grande parte da sua disciplina, assimilhavam-se na filiação ethnologica, no espiritualismo da sua doutrina, e na mis-

(1) *Hein. de Philosoph. Semichrist.* Exercit. v, opusc. syll. i. Villemain. *Tabl. de l'éloquenc. chret. au iv siécle.* Tierry. *Hist. de la conq. des Norman*, lib. i, pag. 7, 10, e 17.

são de seus apostolos. Se o christianismo abraçava com a doçura, que já vimos, os proselytos pagãos, esta devia de ser muito maior, quando os filhos d'Abrahão, e discipulos de Moysés reconheciam a realisação dos vaticinios, e das promessas, e o complemento da antiga lei: *Nolite putare, quoniam veni solvere legem aut prophetas; non veni solvere, sed adimplere:* Matth. 5, v. 17. E apesar dos excessos do zêlo pharisaico, e dos êrros de outras seitas judaicas, que os apostolos se viam obrigados a combater, como os nicolaitas, essenos, ebionitas, dos sectarios de Corintho, e outros posteriores, a igreja sempre reconheceu a affinidade das duas crenças, e a relação dos dois testamentos. Seria talvez por todas as considerações, que naturalmente dirivam d'este principio, que os apostolos levaram a condescendencia com os proselytos judeus até ao ultimo ponto. S. Paulo tomando Timotheo, filho de pai pagão, por companheiro das suas peregrinações por terras, onde havia muitos d'aquelles proselytos, não duvidou, para lhes tapar a bocca, e tirar todo o pretexto d'opposição, circumcidal-o: *et assumens circumcidit cum propter judaeos, qui erant in illis locis.* Act. Ap. 16, v. 3. Os sabbados foram guardados nos primeiros seculos por muitos d'estes christãos; as superstições, e praticas da vida domestica, as purificações dos copos e baixellas, e outros usos judaicos não se largavam depois da conversão; os Nazarenos, os irmãos Elxai, e outros praticaram, já pelo 2.° seculo da igreja, as ceremonias, e observaram os preceitos do judaismo de mistura com as ceremonias e preceitos christãos. Não procederam por tanto, nem da religião christã como crença, nem da igreja como sociedade, as perseguições, que nos seculos posteriores se moveram contra os judaisantes: a responsabilidade das horriveis scenas de sangue, de ferro, e fogo, ora escondidas dentro dos carceres, ora postas em praça por um odio brutal, cuja origem é bem conhecida, deve recaír toda sobre os culpados: paixões tão ruins, e tão in-

34 *

fima degradação moral não podem encobrir-se com as apparencias mal escolhidas, e sacrilegamente adoptadas; ellas só servem de lhes aggravar o crime, descobrindo-lhes toda a hediondez.

As duas leis deviam abraçar-se porque ambas tinham a mesma origem; ambas baseadas no *monotheismo*, como dogma principal, deviam unir seus esforços, e suas tendencias para extinguirem os absurdos do *polytheismo*. O materialismo devia desapparecer pela acção simultanea do espiritualismo das duas crenças. O judaismo, e o christianismo são duas épocas da revelação. A religião christã recebeu d'aquella os escriptos agiographos em que ella começou e havia continuado, admittiu-os mais tarde ao seu *canon* classificando-os em *deotro*, e *protocanonicos*. Recebeu a grande solemnidade da paschoa, não a paschoa legal, *phase*, que entre o povo judaico commemorava o transito ou passagem, e os prodigios todos, que o livraram do captiveiro do Egypto; mas como figura e allegoria da nova, *Pascha nostrum immulatus est Christus* 1, *ad Corinth*. 5, v. 7, para representar a resurreição de Jesu Christo; assim como a do pentecostes, çincoenta dias depois d'esta, como entre os judeus, para solemnisar a descida do Espirito Santo sobre os apostolos: mudou a santificação do sabbado para o domingo: adoptou o pensamento do jubileu *(jobel)* perdão, remissão, e tambem trombeta feita de pontas de carneiro; porque ao som d'estas trombetas se annunciava a chegada do anno do jubileu tão desejado e tão bem vindo para os pobres, e opprimidos d'aquelle povo. *Et clanges buccina mense septimo... sanctificabisque annum quinquagesimum... ipse enim est jubilaeus. Reverteturque homo ad possessionem suam... Levit.* cap. 25, v. 9 e 10. Pela legislação sobre os contractos d'este povo, principalmente sobre compras, vendas, mutuo, penhores, e toda a qualidade d'emprestimos, e juros, se deixa ver uma severidade, e repetido rigor contra a usura tão expressamente, que nos faz desconfiar, que é como natural nelle a inclinação para os

excessos de lucros, e onzenas, que se lhe nota ainda hoje por toda a parte, para aonde os leva a fatal sentença de sua dispersão. Varios jubileus tem instituido a igreja catholica em diversas épocas. Bonifacio VIII instituiu este grande de cem em cem annos, periodo que foi limitado a cincoenta annos por Clemente VI, a trinta e tres por Urbano VI, e a vinte e cinco por Sixto V. Finalmente observaremos, que algumas festas do christianismo foram estabelecidas pelos factos historicos, que o ligam ao judaismo, como a visitação, a apresentação, purificação, fugida, circumcisão etc.

Tambem as festas christãs são fixas, que cahem sempre no mèsmo dia do mez; mutaveis, que não tem dia certo nem mez, mas que devem vir, em certos dias da semana, como em domingo, em segunda etc.; e transferidas, que se mudam para outro dia, por vir no que lhes era proprio, outra festa de certa classe e rito, que lhes toma o logar. É a paschoa, que regula as festas mudaveis, começando por marcar a dominga da septuagessima, vinte e quatro dias antes das cinzas, as outras duas antes da quaresma, as d'esta, as de paixão, e ramos; e depois a dominga in albis, a festa da ascensão, o pentecostes, a trindade, corpo de Deus; assim como as domingas, e as festas que lhes correspondem, tanto depois da paschoa, como depois do pentecostes.

Sobre a celebração da paschoa dos christãos moveram-se algumas duvidas logo desde os primeiros seculos: o concilio de Nicea em 325 pôz-lhes termo decretando, que fosse celebrada no primeiro domingo seguinte ao dia 14 do mez de nizan, depois do equinoccio vernal, para não coincidir com a paschoa legal dos judeus; pode a paschoa christã cahir, e já tem cahido, no plenilunio de março, ou no immediato ao equinoccio, sem 'nisto haver êrro de calculo, ou transgressão dos decretos de S. Victor, e do concilio; porque o domingo seguinte ao dia 14 de nizan pode ser plenilunio, como aconteceu no anno de 1845.

Daremos por concluida esta nota com a illação, que naturelmente resulta d'esses signaes externos de culto, e adoração, que se manifestam por toda a parte: desde as attitudes rudes e prostrações agrestes do selvagem do deserto, desde as momices das tribus nomades até ás pomposas solemnidades dos templos, onde tudo é grandeza, riqueza, e magestade, por toda a parte se descobre o argumento philologico da crença, e da idéa de Deus. A força imperativa da consciencia impõe a todo o homem sob pena de degradação infima, e de negação absoluta de racional, esta idéa, este sentimento universal. Esse culto externo, seja qual for, é uma formula da mesma expressão; as suas variedades resultam das condições subjectivas, que a razão impõe ao pensamento como necessidade, e como lei. Ao visivel, ou ao invisivel; ao universo, ou ao atomo; á luz, ou ás trevas, que homem dirija, ou pareça dirigir, seu culto, é a Deus que elle o dirige.

FESTAS GREGAS

Nenhum dos antigos povos, por maior que tenha sido sua importancia historica, conseguiu actuar tão extensa e directamente pelo influxo de suas sciencias e lettras sobre a sociedade moderna, como a Grecia. A doutrina philosophica, e as maximas moraes dos outros povos, ou desappareceram com elles; ou, porque não tiveram a consistencia d'um systema, foram transformadas e absorvidas pelas escólas gregas. O ensino das doutrinas, e o curso de todos os conhecimentos humanos d'aquelles povos eram puramente tradicionaes, como na Asia, Phenicia, e Egypto; e faltando-lhes a connexão, e filiação philosophica, unica sancção, que autorisa taes conhecimentos, subordinando-os ás leis da scien-

cia, não poderam alcançar nem a solidez de doutrina systematica, nem a preponderancia d'uma escóla. A Grecia pelo contrario, desde a primeira época da sua philosophia, seiscentos annos antes do christianismo; desde Solon, Thales, e Pythagoras, até esta ultima época começada em Bacon, e continuada em Locke, Reid, Condillac, e em Thomazio, e Tschirnhausen na Alemanha, até Kant, que applica á grande roforma philosophica os principios da escóla de Leibnitz, e Wolf, d'onde saíu; em summa por dois mil e quinhentos annos a Grecia não tem deixado de exercer maior, ou menor influencia em todos os progressos e transformações intellectuaes, com que se tem illustrado, e ennobrecido a antiga e moderna philosophia. Esta acção variamente modificada tem chegado a todos os pontos do complexo social, religião, moral, sciencias, lettras e artes. Na velha Roma haviam sido recebidos e professados quasi todos os systemas religiosos e philosophicos das antigas escólas: Lucullo, Varrão, e Cicero seguiram a dos academicos; Lucilio Balbo a do Portico; Cratippo a do Lyceo; Enio a de Pythagoras; Velleio, e Pomponio Attico a de Epicuro, a cujo rebanho Horacio se declara aggregado:

> Me pinguem, et nitidum, bene curata cute, vises,
> Cum ridere volés Epicuri de grege porcum.
>
> *Epist.* 4, lib. 1.

Por fim Roma pagã, a senhora do mundo, e escrava dos Cesares, abre suas portas ao christianismo. A Grecia perde a sua representação e independencia como nação; mas, como farol e fóco de illustração, estende por mais largos horisontes a irradiação das suas sciencias; interrompem-se, é verdade, estes progressos ao estrondo das armas, e do vozear das hordas germanicas; as luzes d'essa época sáem exclusivamente do clarão dos incendios, a que muitas vezes dão pasto as bibliothecas. A igreja

do oriente adopta o syncretismo: a do occidente a philosophia d'Aristoteles. Basta ler qualquer dos escriptores christãos dos primeiros seculos para encontrarmos uma applicação, ás vezes demasiada, da philosophia pagã das escólas gregas aos tratados theologicos, polemicos e didaticos, apologeticos e oratorios. Vai porem passando, ainda que vagarosa, essa época de barbarie: começam d'apparecer, como symptomas favoraveis da proxima restauração das lettras, as versões das obras gregas ainda no seculo XIII; no seguinte abrem-se escólas da antiga philosophia, e litteratura: Constantinopla é tomada pelos turcos no meio do seculo XV, e esta catastrophe conduz á Europa um consideravel numero de sabios d'origem grega, e grande quantidade d'escriptos em todos os ramos das sciencias e lettras. A casa dos Medicis, o duque Cosme o grande, e o papa Nicoláo V tornam-se illustres na historia d'esta época pelo acolhimento e grande protecção dada áquelles sabios, e pelo impulso, que com todos os esforços deram á restauração das sciencias, applicando grossas sommas em colher por toda a parte livros, e manuscriptos gregos e latinos, e em publicar muitas versões das principaes d'estas obras. Degerando, *Histoir. comparée des system. de Philosophie*, tom. I, chap. 1 etc. Formey, *Hist. abreg. de la Phil.* art. 4, § 1. O sr. dr. Doria, *Element. de Philos. Racion. Hist. da Philos.* § 255. Chaudon et Delandine, *Nauv. Diccion. Histor.* VIII. *Nicolas, et* II *Lascaris.*

D'estas considerações, geraes e rapidas, como a occasião as aconselha, facilmente se deprehende, quanto a Grecia influiu pela sua philosophia e litteratura na transformação da sociedade christã, imprimindo-lhe feições e indole assaz distinctas, não só palpaveis nos escriptores dos primeiros seculos, a que já nos referimos; mas ainda nos que escreveram depois da restauração das lettras; e não menos nos canticos, e hymnos da igreja catholica, cujo variado rhitmo faz recordar as poesias de Anacreonte,

Alceo, Sappho, Aristophanes, e Asclepiades. Ainda quando este facto não fosse tão incontestavel, seria bastante para o nosso intento a intima similhança e relação das duas antigas sociedades, grega e romana. A organisação social d'uma, e d'outra, a legislação, a litteratura, o polytheismo, como systema religioso de ambas, tudo emfim facilitava esse grande influxo da Grecia sobre a vida pagã da velha Roma: esta copiára o apparato liturgico, e quasi todos os ritos das festas hellenicas; porque as crenças symbolisavam: não é por tanto alheio do nosso proposito mencionar aqui algumas das principaes festas e sacrificios gregos.

Era o anno attico de doze mezes lunares; e estes alternadamente de vinte e nove, e de trinta dias segundo a revolução e phases da lua: a denominação particular de cada um derivava d'alguma festa ou sacrificio principal, que se 'nelle celebrava, como vamos a ver; e o nome generico mez (μήν) vinha da palavra μήνη lua. Começava este anno no plenilunio διχομηνία immediatamente seguinte ao solsticio ἡλιουτροπη do estio του θέρεος: e porque 'nesse mesmo ponto terminava um anno, e começava outro correndo circularmente, e como revolvendo-se em si mesmo ἀπό του ἐν ἑαυτῶ ἰέναι, era o nome ἐνιαυτος (anno) que significava esse movimento annual. Não podiam por tanto os mezes d'este anno concordar com os do calendario gregoriano; alem do que nos annos intercalares havia o Ποσειδεων β; e assim vinham estes mezes lunares a começar variavelmente em diversos dias do mez, e continuavam pelos do seguinte, como se observará na conta, que damos dos mezes, e festas, donde a cada um d'elles vinha o seu nome:

Ἑκατομβαιων *(ecatombaion)* era o primeiro mez do anno attico, comprehendia parte de junho e de julho, e tinha este nome do sacrificio de cem bois ἑκατόν cem, a βους boi, ἑκατομβη, que em Athenas, e em outras cidades se dedicava a Jupiter: nem sem-

pre se sacrificava este numero de victimas: eram substituidas por outros objectos, que as representavam. Alem d'este grande e pomposo sacrificio, e das solemnidades, que o acompanhavam, celebravam-se tambem 'neste mez outras festas, como as *isiterias* pela entrada dos novos magistrados no exercicio de suas funcções: as *hippodromias*, ou corridas de cavallos, festas especialmente veneradas e observadas na Beocia: os jogos olympicos, de quatro em quatro annos, em honra de Jupiter: a commemoração da entrada de Theseu em Athenas festejava-se no dia 8 do ecatombaion; a 12 as *chronicas*, festas de Saturno; a 28 as grandes *panathéas*, mui festejada recordação da união e alliança dos povos da Attica no tempo d'Erichtonio; um grande concurso acudia de toda a Grecia a este festejo assaz pomposo, e 'nelle, e nos jogos, e espectaculos publicos, todos tomavam parte.

Μεταγειτνιών, *(metageitnion)* segundo mez, de julho a agosto. Apollo tinha o epitheto de μεταγειτνιως, e as festas, que 'neste mez lhe eram dedicadas *métagitnias* deram o nome ao mez. No dia 24 celebravam-se grandes festividades, proprias de Syracusa, em commemoração da victoria d'Euricles contra os athenienses. Tambem tinha logar 'neste mez a festa de Adonis, filho de Cinyras, amado de Venus, morto por um javalí.

Βοηδρομιών *(boedromion)* terceiro mez do anno attico (agosto a septembro) tinha este nome das festas *boedromias* celebradas desde o primeiro até ao sexto dia em honra do mesmo Apollo. De tres em tres annos, a 12 d'este mez, tinham logar os espectaculos e jogos *nemeos*: o vencedor na lucta em honra d'Hercules, ao qual a festa se dedicava, era coroado d'aipo: chamava-se *nemea* esta briga ο νεμειαῖος ἀγών. Festejavam-se mais 'neste mez *boedromion* os mysterios de Baccho, ou as grandes orgias; e a festa *chelidonia*, originaria de Rhodes: o nome χελιδών (andorinha) d'onde vem a denominação d'esta festa, mostra, que assim era chamada por ser dedicada ás andorinhas. Uma só an-

dorinha não faz a primavera; é adagio grego: Οὐ ποιεῖ ἔαρ μία χελιδών.

Μαιμακτηριων *(maimacterion)* era o quarto mez, e comprehendia parte de septembro e parte d'outubro; este nome vinha das festas chamadas *memacterias* celebradas 'neste mez em honra de Jupiter: eram festas deprecatorias, ou de preces para afastar as tempestades, os raios, e tormentas: tambem 'neste mez se faziam as festas proprias de Chypre em honra d'Ariadne; e a 16 a commemoração funebre pelos mortos na batalha de Platéas.

Πυανεψιων *(Puanepsion)* quinto mez (d'outubro a novembro); o nome d'este mez é composto de duas palavras πύανον *fava*, e εψῶ *cosinhar*, *coser*, d'onde igualmente se derivava o da celebre festa das favas, muito venerada pelos athenienses πυανέψια, ou τῶν πυάνων ἕψησις *cosedura das favas*. Foi Theseu quem instituiu estas festas *pyanepcias* a Apollo. Alem d'esta festa, que deveria ser de rigoroso jejum para Pythagoras, e seus discipulos, e da qual o mez tomou o nome, havia outras em varios dias: as *oschophorias* a Baccho a 8; as *thesmophorias* a Ceres; as *apaturias* em honra de Jupiter, Minerva, e Baccho, por tres dias; as *panbéotes* de grande popularidade em toda a Beocia, d'onde naturalmente tiveram nome com a addição do adjectivo πᾶς πᾶσα πᾶν na terminação neutra; os grandes sacrificios, e offertas de vinho a Apollo no dia 25; e no fim do mez as chamadas *chalicas* consagradas a Vulcano pelos ferreiros, caldeireiros, e outros artifices fabrís deste genero estrepitoso: Ἡφαιστου ἔργα συκ ἄτερ ἤχου.

Ποσειδεων o mez *poseideon*, o sexto do anno attico (de novembro a dezembro) tinha este nome por se celebrarem 'nelle as festas de Neptuno, chamadas *poseidonias*, ποσειδῶνια; e esta mesma divindade supposta tinha o nome ποσειδῶν, como composto de ποσίν δοῖναι dar de beber, ou dar bebida; porque as aguas

do mar molham a terra, que d'ellas se imbebe; ou já porque as ondas repetem contra ella seus embates: παρὰ τὸ σείειν τὸ πέδον.

Γαμηλιων. 'Neste mez vinham as festas de Juno chamadas *gamelias*, d'onde procedeu o nome *gamelion*; coincidia em parte de dezembro, e de janeiro. Juno era a divindade protectora dos casamentos: γάμος, e οἱ γάμοι *(gamoi)* significam as vodas, as nupcias, palavras derivadas do verbo γαμέω, que quer dizer casar, procedendo ellas e elle naturalmente do verbo γάω *(gao)* gerar, e nascer; por esta prerogativa de Juno, invocada nas solemnidades nupciaes, tiveram estas suas festas aquelle nome de *gamelias* na Attica, onde se dizem instituidas por Cecrope. Julgava-se que a supposta divindade, assim invocada, vinha desatar com suas proprias mãos o cinto da noiva; ou que assistindo invisivelmente a este acto, o tornava auspicioso e prospero em toda a vida dos consortes; dava-se-lhe por isso o appellido de λυσιζώνη *desatadóra de cintos*: d'aqui é facil de ver, quanto pode ser fatal tomar em certos casos a nuvem por Juno. Coincidiam igualmente 'neste mez as festas ambrosias, e lenéas a Baccho.

Ανθεστηριών *(anthesterion)* de janeiro a fevereiro, era o oitavo mez: as festas de Baccho com este nome de *anthesterias*, ou festas das flores, celebradas 'neste mez, o fizeram assim chamar; ou porque já começavam a apparecer as flores e rosas temporãs, que concorriam para o esplendor e apparato da festevidade, como grinaldas, festões, thyrsos, e outros ornatos usados 'nestas bacchanaes; e o nome ἄνθος, *anthos*, significa flôr; ou já porque ao mesmo Baccho se dava o nome de florescente ἀνθηρός. Eram estas festas de grande alegria, como é natural, e de muito folgar; os escravos comiam com os senhores, e amos nas mesmas mesas, e por ventura no mesmo prato. Theophrasto, e Suidas referem estas festas *anthesterias* ao mez de novembro: cumpre por isso notar, que a conta d'estes mezes é deduzida do começo do anno, que, como apontámos, era no plenilunio depois do sol-

sticio do estio. Vinham igualmente 'neste mez *anthesterion* as festas a Jupiter libertador chamadas σωτηρια *soterias;* porque 'nellas se dava culto áquella falsa divindade com esta invocação de salvador, e libertador, que uma e outra coisa diz a palavra σωτὴρ σωτῆρος, invocação, que especialmente teve começo entre os sicyonios.

Ελαφηβολιον *(elaphebolion)* de fevereiro a março. As festas *elaphebolias* a Diana, nas quaes se lhe effereciam veados, e grandes bôlos figurando estes animaes, tomaram este nome, e o deram ao mez, da palavra grega ἔλαφος, *veado*, a qual segundo alguns philologos se formou da circumstancia de procurarem os veados com predilecção os bosques dos valles mais profundos ἐν ἔλεσι φάων. Tambem vinham 'neste mez, a solemne commemoração da victoria contra os théssalos, muito celebrada pelos athenienses; as festas d'Esculapio a 7, com as ceremonias da dedicação do templo, que lhe fôra cousagrado: e as dos trezenios, que se assimilhavam ás saturnaes.

Μουνυχιών *(mounuchion)* decimo mez, que começava em março e terminava em abril; assim chamado por ser especialmente dedicado a Diana com o epitheto de Mounychia, Ἄρτεμις μουνυχία, que significa: *Diana solitaria de noite* μύνη νύχει. As festas d'esta divindade pagã com tal epitheto eram no dia 16 d'este mez; as de Jupiter a 19; e afóra estas celebravam-se em varios dias: as *panathenéas* menores em Athenas; os espectaculos *pythicos* em honra d'Apollo nas Cycladas, e em muitas cidades do continente da Grecia; os jogos *isthmios* ou *isthmicos*, dirivados da palavra ἰςθμόσ, por serem feitos no isthmo da Achaia junto a Corintho em honra de Melicerta, de cinco em cinco annos, os da Arcadia a Esculapio tambem quinquennaes; e as grandes *dionysias* festas a Baccho, que tinha tembem mais este appellido διωνυσσοσ.

Θαργηλιών *(thargelion)* d'abril a maio. Nos dias 6 e 7 d'este mez tinham logar as festas thargelias a Diana, e Apollo, que da-

vam o nome ao mez; ou porque o sol já aquece a terra θέρει τὴν γῆν; ou porque sendo estas festas acompanhadas de supplicas a favor das colheitas, e cosendo-se alguns legumes novos em oblação de primicias, chamavam á grande caldeira, ou caldeirão, que 'nesse mister servia, θαργηλον *thargelon;* e porque o cosinhado, e o apparelho para elle necessario, seria o principal da festa, não é para admirar, que a ella, e ao mez désse nome aquelle vaso de tanta devoção. Havia outras festas 'neste mez, e algumas de grande apparato e concurso, como as *hybristicas,* nome derivado da palavra ὕβρις *injuria, affronta, convicio;* ou já do adjectivo υβριςης *injurioso, affrontoso;* porque esta buliçosa e turbulenta festa, commemorando a grande façanha da defensão da cidade d'Argos, sustentada unicamente por mulheres gregas contra o exercito espartiata, dava ao bello sexo o direito de 'nesse dia não reconhecer refreyo, nem superioridade de ninguem: vestiam-se as matronas (despotas de casa lhes chama descortezmente a lingua grega) αἱ οἰκοδεςποιναί; as nymphas casadas, emfim, αἱ νύμφαί (para curar-lhes a mordedura com o pêllo do mesmo cão, que as mordeu) vestiam-se de trajos d'homem, e de guerreiros, e a tal ponto se empavonavam com esta só apparencia, e armadura, que não só olhavam com sobrancéria os verdadeiros homens, mas os injuriavam, ameaçavam, e provocavam com tal desprezo, como se na realidade houvessem com elles trocado a condição e natureza, e não só os trajos: o plano, ou programma, da festa era rebater, e rebaixar os homens; não podia ser confiado a melhores mãos: o que todavia não nos parece muito coherente com esse empenho é vestirem a pelle d'esses lobos, ou lobishomens, aos quaes não se deviam nem por sombra assimilhar. Não eram menos celebres as festas *eleusinas* em honra de Ceres, chamadas: *os pequenos e grandes mysterios,* vedados aos profanos: as *plintherias* em honra d'Aglauros, a 25 d'este mez, durante as quaes estavam fechados os templos de Mi-

nerva: e as *canephoras*, assim chamadas, porque meninas e donzellas offereciam a Diana e a Baccho canistreis de flores, e d'esse ministerio lhes vinha aquelle nome, que o era tambem das festas: χάνης canistrel, ou canastra, φερω levo, conduzo, χανηφορος a virgem portadora do açafate de flores.

Σχιροφοριών *(skirophorion)* de maio a junho, era o ultimo mez do anno attico, que terminava no plenilunio do estio: os toldos, e sombras, que se concertavam e ornavam para as festas consagradas 'neste mez a Pallas Sciria, a Ceres, e Proserpina davam-lhe este nome: Σχίρον significa umbrella, toldo, e qualquer apparelho para fazer sombra, e φορεω levar, trazer etc. A 5 d'este mez havia outra festa, dedicada a Jupiter, chamada *buphonia*, por se matarem e sacrificarem bois, que é o que significa o verbo βυφονέω *buphoneo*.

Seria ultrapassar de mais os limites d'uma nota, que apenas se deve cingir a uma noticia geral das festas pagãs, cujas sombras ainda estamos vendo em muitos usos e estilos populares introduzidos e tolerados em alguns actos religiosos, se nos fossemos alargando na descripção d'essas festas e seus ritos, ou na resenha, que d'ellas poderiamos fazer, recorrendo mais de sobremão aos velhos commentarios: e posto que nos desobrigue d'esse trabalho a certeza de que, tanto a materia do nosso ponto, demasiadamente classico, como o arrevezado dos nomes, e o desengraçado das lettras, que a natureza do assumpto para aqui trouxe como espantalho, devem necessariamente mortificar a paciencia ainda dos mais animosos e intrepidos ledores, e esfriar-lhes o animo; comtudo advertiremos por conclusão, que alem d'estas festas, celebrava a Grecia pagã muitas outras, que não tinham dia certo e fixo, e se distribuiam pelos doze mezes do anno em dias indicados, e que, como em Roma, eram guardados ἀποφράδες ἡμέραι, e não de menor apparato e culto: taes eram as *agrionias* a Baccho, *athenéas* a Minerva, *alectorias*, ou dos gallos, em

memoria d'uma expedição e victoria de Themistocles, *aloenses*, e *amarysias* a Diana e Ceres, *aphrodisias* a Venus, *phallagonias* a Priapo, *eleutherias* á liberdade, celebradas com muita pompa e grande festa em muitas cidades das republicas gregas, e os jogos e espectaculos publicos de grande concurso, como os *epidaurios* a Esculapio, e outros, cuja similhança, e liturgia passaram para os ritos e actos religiosos da velha Roma; ritos e usanças, que não acabaram, nem com os povos que os viram nascer, e os admittiram, nem com as novas crenças e illustração da sociedade actual, que se crê muito superior, e se ostenta em todas as condições da vida antagonista da antiga, donde nasceu, e cujas feições não pode negar.

Μητέρος δείχηλον θυγάτηρ.

FELIX MANOEL PLACIDO DA SILVA NEGRÃO.

NOTA TRIGESSIMA



PAGINA 81—VERSO 7

FEBRUAS

O poeta é 'neste ponto o melhor lexicographo, pois aponta todas as varias significações do vocabulo de que usa, deixando assim pouco trabalho aos seus annotadores. *Februum*, é a forma neutra do adjectivo *februus, a, um*, coisa que purifica; termo particularmente applicado a ritos sagrados do polytheismo ro-

mano; por isso *februa* denota em geral aquillo com que se faz uma purificação, uma expiação, ou aquillo que tem virtude para purificar.

Varrão *(de ling. lat.)* emprega a palavra no singular: *februum.* Por *februa* tambem se entende a festa annual de purificação (de que falla o nosso sulmonense) celebrada no mez de fevereiro, que era antigamente o ultimo do anno, como elle mesmo observa no livro v d'este poema v. 423. D'esta festa faz especial menção Macrobio no I livro das *Saturnaes*, dizendo que tinha por objecto applacar os deuses manes. Festo *(de verb. significat.)* dá a *februarius* a mesma etymologia que Ovidio, mas acrescenta algumas particularidades. Eis aqui as suas palavras: *Februarius mensis, dictus quod tum, id est, extremo mense anni, populus februaretur, id est, lustraretur; vel a Junone februata quod ipsi eo mense sacra fiebant, ejusque sacra erant Lupercalia, quo die mulieres februabantur a Lupercis, amiculo Junonis, id est, pelle caprina, quam ob causam is quoque dies februatus appellabatur.*

ANTONIO JOSÉ VIALE.

NOTA TRIGESSIMA PRIMEIRA

PAGINA 83 — VERSO 7

AEROSTATICA

Não será esse verso

Medea em coche de dragões volantes

um dos muitos argumentos a favor de serem já antigas no mundo as tentativas de voar? Não o serão tambem o coche volante de Ceres, o de Circe, o de Triptolemo, o de Phaetonte, as azas de Mercurio, as de Perseu etc.? Não virá em abono da mesma opinião a frustrada viagem de Simão Mago quando no anno de 57 procurou realisar a sua promessa de subir ao ceo, e veiu despenhar-se sobre a terra?

Tudo nos leva a crêr que assim como da observação das aves aquaticas nasceu a primeira idéa da nautica, assim tambem do vôo de varios animaes nasceu a primeira idéa da locomoção aérea.

É alem d'isso tão natural esse desejo, acha-se elle tanto em harmonia com o caracter do homem, que não admira ter havido muito quem desde a mais remota antiguidade procurasse satisfazel-o; infelizmente porem não existem escriptos alguns, por meio dos quaes possamos fazer idéa dos expedientes que antes do seculo XV se empregaram para realisar o vôo, mas é muito provavel, que não desdissessem dos primeiros de que temos noticia,

por isso mesmo que estes se assimilham ainda aos de que rezam a fabula e a mythologia.

Figura entre as mais antigas machinas de voar de que nos resta menção a de João Baptista Dante; constava apenas de umas azas postiças presas aos hombros, e parece que por varias vezes atravessára com ellas o lago de Trasimene.

Muitos annos decorreram sem que se empregasse outro apparelho, e até sem que se procurasse aperfeiçoar aquelle; continuavam todavia a fazer-se de tempos a tempos suas viagens aerostaticas, umas com feliz resultado, outras acabando por desgraças, e distinguindo-se d'entre todas as de Mabinesbury, Cook, Le Besnier, Baqueville, Bernon e Alard.

É no *Prodromo all'arte maestra*, do jesuita Lana, obra dada á luz em 1670, que pela primeira vez se falla 'num navio, destinado a fender os ares, tentativa que parece não se ter verificado. Outro tanto se não pode dizer da machina volante exclusivamente inventada pelo padre portuguez Bartholomeu Lourenço de Gusmão (por alcunha o voador), que em agosto de 1709 atravessou o Terreiro do Paço, despedida do alto do torreão que ali havia antes do terremoto de 1755. Consistia ella 'numa barca de madeira encanastrada, muito leve, e forrada inferiormente de taboas de pinho delgadissimas: viam-se-lhe nos extremos duas espheras de cobre, onde dizia o inventor que residia o segredo: tinha leme para governar, velame para navegar, e pendentes dos lados umas como azas destinadas *a não cahir a embarcação á banda*. Não era tão resumida a descripção que da barca fazia o padre Bartholomeu; com o fim de melhor guardar a seu segredo, desviando a attenção, attribuia a subida da machina e sua suspensão, a *combinações d'alambres, attracções magneticas e electricas*, e a muita outra coisa igualmente ridicula. O certo porem é que, já por nunca ter revelado seu sygillo, já por ter D. João v decretado que fosse applicada pena ultima a todo aquelle que

sem previa licença do autor usasse da descoberta, nunca se demonstrou qual o meio que empregára: é todavia muito para suppôr (e quasi provado) que existisse no convez um balão, onde fossem abrir dois tubos recurvados, que partindo das espheras se escondiam nos ornatos exteriores: cheias as espheras e o balão de ar rarefeito, ou cheio este de hydrogenio desenvolvido nas espheras, elevava-se e sustinha-se pelos mesmos principios por que se elevam e sustêem na atmosphera os balões tão conhecidos hoje.

Realisou por tanto em 1709 um portuguez a tão antiga aspiração de se assenhorear o homem dos ares, e de levar ao seio da atmosphera a prova do poder da intelligencia humana; mas não brindou Gusmão a sciencia com sua descoberta; monopolisou-a sempre, e só setenta annos depois é que os Montgolfier nos ensinaram a subir ao espaço. Provára Gusmão a possibilidade, inventára o meio, mas conservára-o improductivo: acharam-no depois os Montgolfier e divulgaram-no.

Eram José e Estevão Montgolfier filhos de Pedro Montgolfier, dono primeiramente de uma fabrica de papel no Auvergne, e depois fundador de outra em Annonay. Apesar de destinados a substituirem seu pai na direcção da casa, foi sua educação muito mais vasta do que o exigiam os fins industriaes que se propunham, dedicando-se especialmente José á mathematica, e Estevão á architectura e á mathematica: distinguia-se Estevão pela extensão de seus conhecimentos, e por sua perseverança e reflexão; sobresahia José por sua força d'imaginação: arrojadissimas, e temerarias até, as idéas d'este, eram limadas e aperfeiçoadas pela prudencia e circumspecção d'aquelle. Separados esses talentos, seriam estereis; reunidos, formavam um todo colossal.

Conheceriam os Montgolfier a passarola do padre Gusmão? não é provavel: é mais de presumir que fosse, como se diz, a observação e o attento exame da formação e da subida das nuvens nas encostas dos Alpes que os levou a quererem fazer uma como

nuvem artificial: encheram de vapor d'agua um balãosinho forte e leve, e largaram-no; subia, mas falhava-lhes em parte a experiencia por se condensar o vapor a pequena altura; vendo que nada alcançavam por aquelle meio, lançaram mão do hydrogenio, já muito conhecido por sua leveza especifica, e, com elle encheram varias espheras de papel e de sêda: fraco resultado colheram ainda, porque sendo os involucros permeaveis ao gaz, escapava-se este, e passava a ser substituido pelo ar. Dois caminhos se apresentavam para se chegar á completa solução do problema; utilisar o hydrogenio, e preparar capas que lhe fossem impermeaveis, ou empregar aquellas mesmas de que já se haviam servido, e pôr de parte o hydrogenio. Seguiram, ao contrario do que depois fez Carlos, o segundo d'aquelles trilhos; afastaram de si a idéa de fazer subir balões unicamente em virtude da differença de pêsos especificos, e julgando-se que a electricidade contribuiria talvez muito para o phenomeno da suspensão, e do equilibrio das nuvens, e que juntando um gaz alcalino com outro que o não fosse, obteriam uma mistura dotada das propriedades electricas exigidas, humedeceram uma pouca de palha, juntaram-lhe lã, e deitaram-lhe fogo; recolhido o gaz resultante 'num parallelipipedosinho de séda viram que o apparelho subia rapidamente até se encostar ao tecto do quarto em que trabalhavam: era evidentemente falsa a hypothese de que partiam, e era ainda a differença de pêsos especificos a causa do movimento ascensional do balão.

Repetida a experiencia ao ar livre, e demonstrada a infallibilidade do resultado, fizeram os Montgolfier um balão do doze metros de diametro, aberto, inferiormente; pendia-lhe por baixo da abertura um fogareiro de ferro que encheram com palha humedecida e lã cortada, e annunciaram que faziam a sua experiencia em publico, no dia 4 de junho d'aquelle anno (1783). Chegado o dia fixado, e incendiada a mistura, despediu-se a machi-

na no meio d'enthusiasticas acclamações d'um numerosissimo concurso de povo. Nunca jámais na historia das sciencias se apresentára exemplo d'impressão tão profunda e tão universal!

Com rapidez electrica voou a noticia da experiencia d'Aunonay: muito poucos dias depois se encarregavam Carlos e os irmãos Robert de a repetir em París. Difficilmente se acharia quem offerecesse mais abonos para tal empreza: era Carlos extremamente habil, conhecido pelas prelecções de physica que dava nas salas do Louvre, e tinham-se Robert na conta de serem os primeiros fabricantes de instrumentos physicos d'aquelles tempos.

Grandes modificações e importantes melhoramentos introduziu Carlos logo de principio nos balões; apesar de ignorar qual era o gaz de que os Montgolfier se haviam servido, suspeitou logo a causa do phenomeno e decidiu-se a empregar o hydrogenio; muitos foram os obstaculos com que teve de luctar: em primeiro logar a permeabilidade das fazendas, embaraço que já uma vez havia feito recuar os irmãos Montgolfier; em segundo a grandissima difficuldade que havia então, em obter aquelle gaz em tão grande quantidade; venceu o primeiro envernisando o tafetá de que servia, e o segundo, empregando um tonel cuja tampa era atravessada por um tubo de coiro munido de torneira, e por onde passava para o balão o gaz resultante da reacção produzida pela agua, acido sulfurico e limalha de ferro. No fim de quatro dias d'um trabalho insano, depois de por muita vez se ter desesperado do bom exito de todos os exforços, depois de gastas para cima de mil libras de ferro e de quinhentas d'acido, encheu-se quasi de todo o balão, e saiu da fabrica de Robert, escoltado por tropa e allumiado pela sinistra luz de dois ou tres archotes aterrando todos que o viam, não só por suas collossaes dimensões, sua forma e suas tendencias a fugir da terra, como pelo profundo silencio em que marchava toda a comitiva.

Levado para o campo de Marte, ali foi seguro por cordas ao solo, e ali recebeu mais hydrogenio por se haver já escapado grande parte d'elle pelos buracos dos pontos, mal tapados de resina.

Cheios o campo de Marte, suas immediações, e todos os pontos altos de París com mais de trezentos mil espectadores, e postados em varios logares os homens scientificos incumbidos das observações, soou um tiro d'artilheria como signal de que ia partir a machina; pouco depois, despedaçados os laços que a prendiam á terra, despediu-se com a rapidez d'uma frecha, occultou-se no seio d'uma nuvem, mostrou-se sobranceira a esta, e finalmente desappareceu, para tres quartos de hora depois cahir a umas cinco leguas de París, junto a um grupo de camponezes que atterrados a principio por julgarem que se precipitára a lua, e reconhecendo depois o seu êrro, se vingaram da inoffensiva machina, lançando-se sobre ella, rasgando-a com paus, ferros, unhas e dentes, e atando os seus despojos á cauda d'um cavallo que açoitado os foi arrastando e enlameando por montes e valles.

Não ha palavras que pintem o enthusiasmo de que se possuiu o publico quando viu a magestosa machina em caminho do espaço: gritos loucos, abraços, lagrimas e bençãos acompanhavam o balão, e foi tido em tanta conta esse acontecimento, de tal magnitude foi elle para todos os homens de todas as nações, que fixou uma era como a do christianismo, como a da hegyra, como a da fundação de Roma, como a era de Nabonassar.

Chegára Estevão Montgolfier a París, pouco antes da experiencia do campo de Marte; e encarregado pela Academia das Sciencias de París de repetir a d'Annonay, construiu um aerostato de grandes dimensões, prismatico na parte media, pyramidal na superior e conico na inferior. Terminado o apparelho, designou-se o dia 12 de setembro de 1783 para a ascensão, que todavia se não fez por ter Montgolfier recebido ordem para

a addiar, e por ter depois a chuva desmantelado completamente a machina.

Fabricou-se logo outro balão espherico, a que se juntou um cesto. Levado para Versalhes, depois de examinado pela familia real, e por todos os altos dignatarios do estado, mettidos no cesto um carneiro, e varias aves, incendiaram-se oitenta arrateis de palha e cincoenta de lã collocados no fogareiro que lhe estava appenso, e largou-se o apparelho apoz uma descarga de fuzilaria. Passados uns dez minutos cahia a coisa d'uma legua d'aquella cidade, por se ter rasgado na parte superior.

Muito se havia já alcançado, mas muito pouco em relação aos desejos do homem: era forçoso para se colherem as imaginadas vantagens, que fossem as machinas aerostaticas um vehiculo para o homem 'naquelle elemento por tanto tempo rebelde ao seu imperio; 'nesse sentido se começaram então a dirigir os trabalhos.

Fabricou-se sob a direcção d'Estevão Montgolfier um immenso balão a que se juntou uma galeria circular de vime, destinada a levar os aeronautas, e collocada por baixo da abertura da machina, em torno do brazeiro; seguro o apparelho ao sólo por meio d'uma corda delgada, metteu-se 'nelle Pilâtre des Roziers e subiu a machina tanto quanto o permittia a extensão d'aquella corda: muitas outras experiencias se fizeram depois com varios curiosos, até que no dia 21 d'outubro de 1783, por volta das duas da tarde, annullada pela indignação de Roziers a ordem regia de que só fosse permittida a ascensão a dois condemnados á morte, partiu a machina do bosque de Bolonha, conduzindo Roziers e o marquez d'Orlandes, acompanhados por enthusiasticas acclamações do povo, e pelos votos que aos ceos dirigiam milhares de pessoas para que fosse coroada de bom exito, a temeridade d'aquelles dois representantes da audacia humana. Achava-se Benjamim Franklin entre os espectadores, e conta-se

que perguntado, por essa occasião, para que poderiam servir os apparelhos aerostaticos, respondêra perguntando para que poderia servir uma creança recemnascida. Pouco tempo depois desceu o balão nas visinhanças de París, e d'elle sahiram sãos e salvos os intrepidos viajantes.

Passados dias annunciaram Carlos e Robert que executariam uma viagem pelo ar. Foi então que introduzidos novos aperfeiçoamentos nos balões, se levaram estes ao estado em que hoje se acham; é d'ahi que datam o uso do barometro e a barquinha, o lastro e a valvula que tão necessarios são. Não se limitou Carlos a melhorar o apparelho: como na reacção entre o acido sulfurico e o ferro, para a producção do hydrogenio, se formavam vapores d'acido sulfuroso que iam corroer as paredes do balão, dirigiu elle o gaz antes de entrado na machina, para uma tina d'agua destinada a dissolver o sulfuroso.

No primeiro de dezembro de 1783, cheio o balão, alastrada a barquinha, e embarcados varios instrumentos, preparou-se outra esphera de menores dimensões para se conhecer a direcção do vento, e pediu Carlos a Estevão Montgolfier que cortasse a corda que segurava este balão d'ensaio, como homenagem prestada ao inventor. Pouco depois se elevava magestosamente a machina, conduzindo dois homens, que, similhantes a semi-deuses, se dirigiam para as regiões dos immortaes. Decorridos cincoenta e seis minutos annunciou um tiro de artilheria, que se havia perdido de vista o balão, e passadas umas duas horas apeava-se Robert em Nesle a nove leguas de París, e tornava Carlos a subir sósinho. Depois de por duas vezes, e com intervallo de poucos minutos, ter visto, o occaso do sol, veiu descer no bosque da Tour du Lay, a coisa d'uma legua do sitio em que deixára Robert.

Muitas viagens aerostaticas se seguiram á de Carlos, merecendo de entre ellas especial menção a do balão *Flesselles*, que

tinha trinta e cinco metros de diametro horisontal e quarenta e tres d'alto, e que levou comsigo sete pessoas; a de Andriani na Italia, e a executada em París por Blanchard, que já antes da descoberta de Montgolfier trabalhára muito para a navegação aérea: distinguiu-se esta ultima, por ter Blanchard levado remos e mais instrumentos com que pretendia dirigir o seu barco volante, e por conseguinte guiar o balão; por ter dado origem a ser condemnado a um anno e um dia de prisão, no convento mais retirado da sua ordem o frade D. Pech, em razão de ter insistido muito por acompanhar Blanchard; pela lucta travada na barquinha, no momento da partida entre Blanchard e Dupont de Chambou, da qual resultou ser ferido aquelle; finalmente pelo milagroso salvamento de Blanchard, que completamente destituido de todos os conhecimentos necessarios, encheu totalmente o balão ao largar da terra, e só abriu a valvula quando principiavam a estalar as paredes, dominado não pelo perigo imminente, mas pelo terror que o silencio lhe inspirava.

Muitas outras se seguiram e entre ellas, a de madame Thible, as de Guyton de Morveau, do duque de Chartres (salvo pela sua cobardia), de Lunardi, de Sadlez etc., até que a 7 de junho de 1785 atravessaram Blanchard e Jeffries o canal da Mancha e depois de, por centenares de vezes terem por assim dizer, resuscitado, foram descer no bosque de Guines, junto a Calais. Grande foi a sensação produzida por esta viagem; ergueu-se uma columna monumental de marmore no ponto em que descêra o balão, foi este depositado na principal igreja da cidade visinha, e foi Blanchard agraciado com muitas e grossas pensões. Desgraçadamente porem não foram só estes os effeitos da viagem de Blanchard: Pilatre des Roziers, ambicioso, e mais que tudo invejoso das honrarias concedidas a Blanchard, declarou e annunciou que atravessaria o mesmo canal; mas entre Bolonha e Londres, distancia muito maior que a de Dover a Ca-

lais: imaginára que juntando ao balão de hydrogenio outro de ar rarefeito, collocado por baixo, evitaria o uso do lastro; depois de destruidos milhares de obstaculos, e de vencidas muitas contrariedades, depois de completamente desanimado, e com a morte 'nalma, partiu Pilatre, de Bolonha a 5 de junho de 1785, levando em sua companhia a Romain, physico d'aquella cidade, que puzera por preço da sua coadjuvação a faculdade de o acompanhar em sua viagem. Poucos minutos depois de despedida a machina, veiu ella cahir, servindo de mortalha aos aeronautas, junto ao ponto onde pouco tempo antes havia descido Blanchard, e onde s'erigira o padrão commemorativo: suppõe-se que rasgado o balão junto á valvula pelos esforços feitos pelos viajantes para descerem em procura de corrente que os levasse na direcção que pretendiam seguir, se esgotou o apparelho superior, ainda antes de cheio o inferior.

Lançou essa desgraça a consternação em todos os espiritos, attribuiram-na os profanos aos principios aerostaticos, mas facilmente se demonstrou que provinha da negligencia e mórmente do êrro; dissipados então os receios, recomeçaram as viagens pelo ar, distinguindo-se 'nesses primeiros tempos a de Potain, que atravessou o canal de S. Jorge, as de Testu Brissy, e a de Contelle. Foi Garnerin quem pela primeira vez, a 22 d'outubro de 1797, juntou á barquinha o para-quedas, instrumento de origem muito antiga, mas que só em fins de 1783 foi experimentado na Europa por Lenormand, inspirado pelo que lêra em varias descripções de viagens: diziam estas que tinham por costume os escravos de certos paizes deixarem-se cahir de grande altura, por occasião de festejos solemnes, agarrados a chapeus de chuva.

Diferia apenas o para-quedas de que Garnerin se serviu, dos actualmente empregados em não ter abertura alguma na parte superior: feitos todos os preparativos, e depois de collocado o

para-quedas fechado por cima da barquinha, elevou-se Garnerin a mais de mil metros de altura e ali cortou a corda que o prendia ao balão; abriu-se o novo instrumento, e poucos minutos depois chegava Garnerin ao chão, sem ter padecido o minimo incommodo physico, mas apoz uma descida muito arriscada em virtude das grandissimas oscillações do apparelho, provenientes de ser forçado o ar a escapar-se ora por um bordo, ora pelo outro; foi por isso que o mesmo Garnerin, fez no alto do para-quedas uma abertura circular servindo de base a um comprido tubo; é essa a disposição que ainda hoje apresenta aquelle instrumento, por meio do qual têem descido centenares de vezes Poitevin, Godard, e Greeu, sem que tenha resultado desgraça alguma; cita-se, é verdade, a morte de Cocking, mas deve-se attribuir a um para-quedas por elle imaginado e que tinha a concavidade voltada para cima.

A viagem mais notavel que por ordem chronologica se seguiu ás de Garnerin foi a de Robertson e Lhoest, primeira, por assim dizer, em que se fizeram observações scientificas: partiram de Hamburgo a 18 de julho de 1803, e apearam-se cinco horas e meia depois, a umas vinte e cinco leguas d'aquella cidade, entre Wichtenbeck e Hanover.

Divulgados os resultados que Robertson dizia haver colhido, e que pareciam confirmados pelas observações feitas por Saccharoff quando este, por determinação da Academia das Sciencias de S. Petersburgo, foi encarregado de as verificar, e como fossem d'encontro á theoria, propoz Laplace, na Academia das Sciencias de París, que dois de seus membros, ao mesmo tempo que fizessem outras observações, repetissem essas experiencias. Nomeados Biot, e Gay Lussac, e incumbido Conté de tudo quanto dizia respeito á construcção e aos arranjos do balão, embarcaram-se thermometros, frascos de vidro hermeticamente fechados, barometros, relogios de segundos, hygrometros, bussolas d'incli-

nação e de declinação etc. etc., bem como varios animaes: partiram os dois academicos do jardim do Conservatorio das Artes, a 28 d'agosto de 1803, e desceram passadas tres horas e meia em Mériville, cerca de dezoito leguas de París.

Differiram muito os resultados colhidos por Biot e Gay Lussac dos apregoados por Saccharoff e Robertson; por isso e por não terem aquelles subido alem de quatro mil metros, convencionaram que faria Gay Lussac sósinho, nova viagem aerea para verificar os trabalhos da primeira, não só até á altura a que tinham attingido como para alturas maiores. Com esse proposito partiu Gay Lussac, no dia 20 de setembro do Conservatorio das Artes e Officios, e subiu a cima de sete mil metros, vindo descer, passadas seis horas em S. Gougon, a seis leguas de Roão.

Foi por certo a mais notavel ascensão que se seguiu á de Gay Lussac, a do balão partido da praça de Notre Dame, em París, pelas onze horas da noite de 16 de dezembro de 1804, por occasião da coroação de Napoleão I; era um globo immenso, illuminado por tres mil lanternas de côr, rematando superiormente 'numa coróa imperial doirada, e tendo escripto na circumferencia em lettras tambem doiradas: — *París*, 25 *primaire au* XIII, *couronnement de l'empereur Napoléon par Sa Sainteté Pie* VII. — Appareceu na madrugada seguinte por cima da cupola de S. Pedro em Roma, e do Vaticano, e foi cahir pouco depois no lago Bracciano, levando aos romanos a noticia de ter empunhado o sceptro da França aquelle que d'ali a pouco se proclamava chefe da Italia. É muito para notar que pouco antes da machina terminar sua carreira, foi rastejar pelo tumulo de Nero, e ali deixou parte da corôa.

Muitas viagens aerostaticas se seguiram sem apresentarem coisa alguma de novo a não serem varias desgraças taes como, a morte do imprudente Zambeccari, que foi morrer a 21 de setembro de 1812 em Bolonha, sua patria, victima da sua teima

d'empregar uma alampada d'espirito de vinho em dirigir a machina, e isto depois de por muitas vezes se ter visto por igual motivo em perigo imminente. Pertence ao mesmo grupo a ultima viagem de madame Blanchard, que subiu a 5 de julho de 1819 depois de haver promettido incendiar nos ares uma corôa de fogo de bengalla que fixára ao para-quedas; inflammado por descuido o hydrogenio, veiu a desgraçada e audaciosa aeronauta despenhar-se sobre um telhado da rua de Provença, em Paris, e d'ahi cahiu para a calçada de onde a levantaram com o craneo espedaçado. Igual fim tiveram Harris, victima, em maio de 1824, dos aperfeiçoamentos que dizia ter introduzido nos balões, e o experimentado Sadler que afóra muitas outras viagens, atravessou as quarenta leguas do canal de Irlanda que separam Dublin de Holyhead, e foi morrer em Bolton a 24 de setembro de 1824, por ter sido despedido da barquinha pelo choque d'esta na chaminé d'uma casa.

Muito pouco depoem todavia contra a aerostação todos esses factos desastrosos, e senão compare-se o numero das viagens que até hoje se têem feito com o das fataes; passam de onze mil as effectuadas desde Montgolfier até 1860.

Não vai alem de dezesete o numero das desgraças causadas quasi todas por falta de pratica e imprudencia: serão pois mais perigosas as viagens aerias do que as maritimas? ou mesmo que as terrestres em caminhos de ferro? E note-se que ainda está no berço a aerostação.

Muitos annos decorreram sem que se fizesse ascenção alguma digna de ser especialmente designada, e sem que facto algum importante occorresse 'neste ramo das sciencias. Foi em meado 1842 que renasceu a curiosidade publica adormecida pela quasi inutilidade dos balões, e pela completa desillusão, e despertada pelo privilegio pedido pela companhia á testa da qual se via Henson, e composta em grande parte d'engenheiros, para

estabelecer carreira de barcos volantes, que não só deviam conduzir malas do correio e passageiros, mas ainda carga, e que se propunham ir em quatro dias de Londres a Calcutá.

Denominava-se a machina *Aerial steam carriage* e constava d'um parallelogrammo de madeira muito leve, fazendo grade, e coberto de capa de sêda ou linho; corria-lhe longitudinalmente pelo meio, e de um a outro extremo, uma barra de madeira tambem leve, reforçada com argolas de ferro, e crusada por travessas, a modo de degraus d'escada de mão, com outras dos lados, formando caixilhos. Pela parte de baixo do parallelogrammo se via uma caixa de carruagem a que se ligava pela parte inferior um carrinho de tres rodas. Prendia-se tambem a essa caixa uma como aza de morcego, feita de barras leves, e que se elevava ou baixava por meio de cordas. Dentro da caixa assentava um engenho de vapor de construcção particular, que devia fazer mover duas secções transversaes de umas helices, secções muito parecidas com as velas de um moinho de vento, mas feitas de taboas delgadas, e com o plano de cada palheta inclinado ao eixo. Tinha finalmente um leme por baixo da cauda. Ao marchar a machina devia ir o parallelogrammo de travez, obliquando ao horisonte e levantando um pouco de diante.

Expediu-se o privilegio em data de 29 de setembro de 1842; mas falhou a invenção, e nem mesmo se chegou a experimentar.

Passados varios annos marasmaticos para a historia dos balões, partiram a 26 de junho de 1850, do observatorio de París, Barral e Bixio, com o fim de se dedicarem a trabalhos scientificos; todavia pouco fizeram, apesar de mais entregues a essas observações do que á navegação da machina, o que lhes ia custando a vida, salva apenas por um simples acaso. Só depois de meia hora de viagem é que Barral olhou pela primeira vez para o apparelho, e viu então que em virtude da dilatação do hydrogenio pelo calor do sol, e pela rarefacção do ar na altura de

perto de seis mil metros, perdêra completamente o balão a sua fórma e cobria a barquinha como se fôra um manto; obrigados os viajantes a rasgarem a parede por não poderem abrir a valvula, em consequencia d'aquella mesma dilatação, e quasi asphyxiados pelo hydrogenio, que saía em jorros, despenharam-se de grande altura, e vieram cahir 'numa vinha em Laguy, escapos a troco d'algumas leves contusões.

Subiram novamente os mesmos a 26 de julho de 1850, levando comsigo grande copia de magnificos instrumentos; apesar d'isso, e apesar da grande altura a que se elevaram (pouco inferior áquella a que chegou Gay Lussac, e de que não passaram, porque pelos cinco mil e quinhentos metros se rasgou o envolucro na parte inferior) muito pouco aproveitou a sciencia. Desceram hora e meia depois de terem partido em Peux a sessenta e nove kilometros do ponto de saída.

Seguem-se a desgraçada morte de George Gall, em Bordeos, a 9 de setembro de 1850, filha da embriaguez do aeronauta e de não ter elle sido intendido pelos camponezes que seguravam a machina, e a experiencia feita por Giffard a 24 de setembro de 1852 com um aerostata movido por uma machina de vapor; não se verificou tudo quanto o autor esperava, mas parece que não deve ser desprezada a idéa que elle apresentou.

O facto que por ultimo sobresae na historia da navegação aerea é a morte de Poitevin perto de Malaga.

Noticiadas de corrida as ascensões aerostaticas que desde os tempos de Montgolfier têem por um ou outro motivo prendido mais a attenção publica, apontaremos agora, tambem muito por alto, as vantagens que por meio d'essas machinas se têem colhido para a sciencia, e tocaremos igualmente de leve na questão altamente importante da direcção das machinas aerostaticas.

A muito pouco se reduz infelizmente o proveito real da descoberta dos balões; não serviram até 1794 senão para satisfazer

a curiosidade publica, e foi só 'naquelle anno que se imaginou tirar partido d'elles, como postos d'observação para se examinarem as posições e forças inimigas; pouco tempo durou todavia o emprego d'essas machinas na guerra, não só por se terem apoderado os inglezes da embarcação, que no tempo de Napoleão I, e por ocasião da expedição ao Egypto, conduzia a maior parte dos utensilios necessarios, como por ter Napoleão reconhecido que a vantagem d'essa applicação dos balões morria logo que deixassem de ser novidade, e que o transporte de todos os seus pertences difficultava a precisa rapidez das marchas; a elles se deve comtudo em grande parte o bom exito, para os francezes, da batalha de Fleurus.

Das observações feitas pelo flamengo Robertson em sua primeira viagem se deduzia diminuirem sensivelmente de intensidade os phenomenos de magnetismo terrestre, á medida que augmentava a altura na atmosphera, e d'ahi se concluia affrouxarem com a distancia, as propriedades magneticas do nosso globo; pareciam os trabalhos posteriores de Robertson e Saccharoff confirmar esses resultados, mas nasceu do exame de Gay Lussac e Biot, na sua primeira viagem, a suspeita de que a difficuldade de observar a agulha magnetica em virtude das oscillações do balão teria induzido aquelles physicos em êrros, e affirmaram que na altura de quatro mil metros coincidiam ainda as oscillações da agulha, tanto em numero como em amplitude com as que se faziam á superficie da terra. Desconfiaram tambem os academicos que ao contrario do que dissera Robertson funccionavam a grande altura a pilha de Volta, e todos os apparelhos d'electricidade statica, exactamente do mesmo modo que á superficie do globo.

Repetiu Gay Lussac, e verificou todos esses trabalhos na sua segunda viagem, e ministrou os elementos em que se *baseia* a relação ainda mal conhecida entre a temperatura e a altura na atmos-

phera; tambem se deve a essa ascensão o conhecimento approximado que temos da constituição da atmosphera nas altas regiões.

Reconheceu-se na primeira viagem de Barral e Bixio que não era polarisada a luz das nuvens, e acharam quanto á relação entre a altura e a temperatura, resultados analogos aos obtidos por Gay Lussac. Foi completamente esteril a segunda viagem que fizeram em fins de 50.

Finalmente algumas plantas de varios paizes, e especialmente de cidades se têem levantado por meio de balões.

Eis em poucas palavras tudo a que se reduz o adiantamento da sciencia, devido a esse meio tão apregoado, e que tanto, e com tanta razão se esperava que fosse um dos mais uteis auxiliares da observação scientifica: não desesperemos todavia, e confiemos em que por meio dos aerostatas se poderão algum dia estudar as grandes leis physicas e meteorologicas do nosso *globo*.

Á solução de graves e bem interessantes questões se póde chegar com estas machinas: a verdadeira lei do abaixamento da temperatura com a subida na atmosphera; a diminuição da densidade atmospherica conhecida a qual, se determinarão a altura e os limites physicos d'essa camada gazosa que nos involve, bem como o verdadeiro desvio da luz dos astros, isto é, a refracção astronomica; a lei das variações da humidade com as alturas; a lei da velocidade de correntes constantes de ar, etc. etc., são tudo pontos carecentes de ser estudados e bem definidos.

Mas para se colherem da aerostação todas as desejadas vantagens seria necessario dirigir essas machinas no espaço, problema á resolução do qual se tem consagrado muitas e vastas capacidades: Meunier, Monge, Lalande, Calais, Guyhon de Morveau, Conté, Scott, Borelli, Giré, Gheune, Giffar, Vaussin, Chardanne, Pennec, His etc. etc., todos trabalharam 'nesse sentido: uns procurando lutar directamente contra a resistencia do ar, como Scott em 1788, Calais em 1801, Degeu em 1812, Pauly

em 1816 (com seus peixes aereos movidos de bexiga natatoria, movel e articulada) e Lennox em 1834, com seu navio aereo movido por meio de rodas, e governado por leme etc.; outros, com mais razão, pondo inteiramente de parte a idéa de se lutar contra a resistencia do fluido, e dirigindo seus esforços para acharem o meio de á vontade se poder navegar depois 'nessa corrente. Foi Mennier o primeiro (poucos até hoje tem havido) que em 1784 trabalhou 'neste ultimo sentido, e dos seus escriptos nasceu a memoria de Vacessiu Chardanne, premiada em 1854 pela *Sociedade aerostatica e meteorologica de França*, não porque désse a solução da grande questão, mas pelo muito que aperfeiçoava a aerostação: aconselhava elle o uso de um balão com hydrogenio, similhante aos que ordinariamente se empregam, e tendo interiormente concentrico outros de muito menores dimensões, e prolongados por dois tubos, um superior com valvula, e outro inferior que deve abrir sobre uma alampada de alcool cercada de rêde metallica e collocada na barca; tendo a machina esta disposição é desnecessario o lastro, pois conforme se encher o balão todo de ar rarefeito ou de ar no estado natural, assim se diminue ou augmenta o pêso especifico do apparelho, funccionando por tanto esse balão menor como a bexiga natatoria dos peixes, e servindo apenas o balão exterior para equilibrar no ar toda a machina, com viajantes, mantimentos, instrumentos etc. Outro melhoramento foi por essa mesma occasião proposto por Vaussin; recommendou que para engommar o involucro do balão se empregasse uma mistura de amidon, gelatina e alumen.

Mas será possivel, seguindo qualquer dos caminhos, que acima indicamos, chegarmos ao resultado tão vivamente desejado? Por certo que nada se fará com os simples meios que temos actualmente ao nosso alcance. Mesmo nos tempos mais bonançosos, reinam constantemente nas altas regiões da atmosphera, corren-

tes fortes contra as quaes se tem de lutar mais ou menos. Ora como o fluido que serve de ponto de apoio é o proprio ar, que deve ser ferido com tanta mais rapidez quanto mais raro e mais agitado, seria preciso fazer uso de remos ou de barbatanas movidas com grandissima velocidade para que o fluido não tivesse tempo de lhes escapar; com os motores hoje conhecidos só se obteria essa rapidez de acção com grande dispendio de força, e os apparelhos precisos para se colher esse resultado augmentariam muito o pêso do balão, cuja leveza é a primeira e mais indispensavel das condições; tornar-se-hia pois indispensavel um proporcional augmento de volume do balão, com o que cresceria a sua superficie, e por conseguinte a resistencia a vencer. Já em 1852 lançou mão Giffard da machina de vapor: era ovoide o balão, e tinha uma vela triangular, representando leme e quilha, que se prendia a um comprido barrote; por baixo d'este, e sobre um leito de madeira assentava uma machina de vapor apropriada que punha em movimento um helice propulsor. Não tentava o autor combater directamente o vento, bem conhecia a desvantagem da luta, ou antes a impossibilidade de a travar com proveito, mas affirmou que chegára a progredir em calma, e que lhe obedecêra o balão á acção do leme. Como se não repetiu a experiencia julgamos que as vantagens não eram tantas como as apregoava Giffard, e ainda quando fossem reaes, seriam já grandes inconvenientes o enorme pêso da machina de vapor e do combustivel, e o perigo de se collocar um foco de calorico por baixo d'um gaz tão inflammavel como o hydrogenio.

Outra difficuldade e que não é de pequena monta, consiste em achar o meio de se conhecer em todas as circumstancias a direcção seguida pelo balão, conhecimento indispensavel em muitos casos, e que evidentemente não pode ser satisfeito pela bussola maritima.

Mas derrubados esses obstaculos, resolvida a questão de se

dirigirem balões ou quaesquer outras machinas aerostaticas de modo que se possam procurar as correntes de ar mais favoraveis para o seu trajecto, o que, repetimos, se não pode obter no estado actual da sciencia, será finalmente satisfeito esse grande desejo do homem. Novas, e igualmente nobres ambições se filiarão d'ahi, e succedendo-se as gerações ir-se-ha alargando cada vez mais o dominio da sciencia, e irão por tanto augmentando os titulos de gloria do espirito humano, sem que todavia deixe de ser verdadeira em todos os seculos a sentença de Séneca. — Admirar-se-ha a posteridade de termos desconhecido verdades tão claras.

Tempo virá, e talvez não muito arredado, em que trocada a navegação maritima pela aerea; substituidas as embarcações, que sulcam as ondas por machinas, que fendam os ares; veja o homem crusarem sobre sua cabeça magestosos apparelhos cursando um como mar sem praias, e apresentando mais uma prova do quanto pode a intelligencia.

Horacio ha dezanove seculos cantava ao seu amigo Virgilio.

« Nada aos mortaes é arduo, ao proprio céo aspiramos com a nossa insensatez. »

Victor Hugo antevendo proximos e certos os tempos gloriosos, a revolucionaria e regeneradora época da navegação aerea, recanta o hymno de Horacio com uma ligeira variante: onde o romano dizia *insensatez*, diz o nosso contemporaneo *sciencia*. O navio aereo de vapor que de certo já se está construindo no estaleiro invisivel do genio, o faz exclamar:

«Superbe, il plane, avec un hymne en ses agrès;
Et l'on croit voir passer la strophe du progrès.
Il est la nef, il est le phare!
L'homme enfin prend son sceptre, et jette son bâton.
Et l'on voit s'envoler le calcul de Newton
Monté sur l'ode de Pindare.»

ALEXANDRE MAGNO DE CASTILHO JUNIOR.

NOTA TRIGESSIMA QUARTA

PAGINA 99—VERSO 3

FAMILIA DOS FABIOS

Nicoláo Oresme traduzindo para uso de Carlos v as *Politicas de Aristoteles* creou a palavra aristocracia. Montesquieu querendo fazer conhecer o espirito das leis nas differentes formas de governo, dedicou alguns capitulos á aristocracia, mas, coisa bem notavel, só viu a aristocracia nas republicas de Genova e Veneza: não lhe passou pela idéa a aristocracia das instituições inglezas, commentou-as como instituições *sui generis* a que não eram applicaveis as leis que estabelecêra a respeito da aristocracia.

O que nos parece tanto mais estranho quanto é *certo*, que 'naquelle tempo era a constituição da monarchia ingleza a unica que marcava um logar bem distincto á aristocracia, sendo por tanto ali, e ali unicamente, que era possivel e justo estudar a aristocracia como instituição.

A nossa admiração vendo Montesquieu esquecer a aristocracia ingleza ainda se augmenta quando lemos o paragrapho que d'elle vamos copiar.

« Il y a toujours dans un etat des gens distingués par la naissance, la richesse ou les honneurs. Mais s'ils étaient confondus parmi le peuple, s'ils n'y avaient qu'une voix comme les autres, la liberté commune serait leur esclavage, et ils n'auraient

aucun intérêt á la défendre, parce que la plupart des resolutions seraient contre eux.

« La part qu'ils ont á la legislation doit donc être proportionnée aux autres avantages qu'ils ont dans l'etat, ce qui arrivera s'ils forment un corps qui ait droit d'arrèter lès entreprises du peuple, come le peuple a droit d'arrêter les leurs.... Le corps des nobles doit être hérèditaire. »

E não nos levarão estas palavras de Montesquieu a reconhecer uma verdade latente na época em que vivemos: ¿ isto é, que a aristocracia é uma instituição mais republicana do que monarchica?

Não é aqui o logar de o demonstrar; mas o que de certo ninguem duvida é que a aristocracia é uma das palavras de que mais se tem abusado nos tempos em que vivemos.

Têem uns para si que ella nada representa entre os homens, que o seu tempo acabou para sempre, que as grandes transformações, os grandes melhoramentos sociaes lhe são completamente estranhos, e que apesar d'ella, e não por ella, a sociedade tem caminhado, o progresso se tem desinvolvido, e a civilisação tem produzido os seus maravilhosos resultados. Acreditam outros que a aristocracia é, e tem sido sempre, tudo; que a sociedade tudo lhe deve, e que ainda na época actual basta apenas um nome historico, ou um brasão floreteado, para adquirir influencia, consideração e respeito.

Uns e outros estão em erro manifesto. Nem a aristocracia desempenha o papel que os seus fanaticos admiradores lhe attribuem, nem está reduzida á infima nullidade em que pretendem abysmal-a os seus encarniçados detractores.

O que nasceu herdeiro de uma familia notavel por serviços quaesquer que elles sejam, prestados á sociedade, em vez de poder contentar-se com o patrimonio que assim lhe coube em sorte, tem ao contrario a rigorosa obrigação de procurar tornar-se di-

gno da herança que com esse nome lhe legaram, procurando, senão excedel-o, pelo menos igualal-o. Antes ser o primeiro dos que hão de vir do que o ultimo dos que foram.

É assim que ainda hoje o entendem os membros da nobreza de Inglaterra, e é a isso que em grande parte deve esse notavel paiz o grão de importancia que tem attingido.

Foi tambem assim, que nos tempos da antiga Roma o entendeu a esclarecida familia dos Fabios, a quem especialmente se dedica esta nota resumidissima por absoluta falta de tempo.

A Hercules remonta a origem d'esta familia que com o andar dos seculos se dividiu em quatro ramos principaes: *Vibulani*, *Ambusti*, *Maximi*, e *Pictores*. *Fabio Ambusto (Marco)* tres vezes consul e dictador, *Fabio Ruliano (Quinto)* cinco vezes consul e duas dictador, principe do senado e coroado com as honras do triumpho; *Fabio Curges*, *Fabio Pictor (Quinto)* e ainda outros a illustraram, illustrando-se com a toga e com a espada.

Fabio Maximo (Quinto) a quem chamaram *Verrucozus*, e depois *Cunctator*, era considerado como o heroe dos patricios; sem duvida foi o membro mais celebre da sua familia; a sua historia é em grande parte a historia da invasão d'Italia por Annibal. Tomou o commando contra os carthaginezes depois da perda de Sagunto. Foi um grande capitão, para o que não basta ter aprendido a disciplina militar, prestante vendo, praticando e pelejando, e juntar a essa pratica todos os conhecimentos theoricos da sciencia, e arte da guerra. Injuria fariamos por certo a centenares de generaes nossos contemporaneos, se duvidassemos de que estavam a par da sciencia e da arte, que conheciam as obras de Porbeck, Venturini e Bulow sobre as primeiras campanhas da revolução franceza; a famosa obra de mr. Laroche Aymont verdadeira encyclopedia de todos os ramos, menos a estrategia; Lalemand sobre a pequena guerra, o trabalho do major

Wagner sobre estrategia, e as campanhas de Frederico II de Molborongh, do principe Eugenio, de Napoleão e de Wellington, e sobre tudo os nossos eminentes mestres o general Jomini, e o archiduque Carlos; e de entre essès centenares de generaes, que a todos os conhecimentos theoricos reunem grande pratica de guerra, quantos grandes capitães apparecem?

É porque a todos esses conhecimentos theoricos e praticos para ser um bom commandante em chefe de um exercito, é indispensavel reunir duas qualidades, que mutuamente se repellem, e por isso tão raras vezes concordam. É indispensavel juntar a uma prudencia que muitas vezes tem sido considerada miseravel cobardia, um valor e uma decisão momentanea, que tambem muitas vezes tem sido reputada temeridade inaudita, e mesmo loucura.

Estas duas qualidades possuiu Fabio Maximo e por isso foi grande capitão, e salvou Roma. Conhecendo que Annibal só podia conservar-se na Italia alcançando victorias successivas, não obstante as accusações que vinham de Roma, e os clamores de seus soldados, conservava-se sem perder de vista o inimigo, occupando posições que Annibal se não atreveu a atacar, e sem as desamparar não obstante as provocações de Annibal; mas no momento em que uma imprudencia d'este lhe deu logar, cahiu sobre o inimigo como um raio, e quasi aniquilou o exercito carthaginez. Foi como dissemos o mais celebre membro de sua familia. O que porem a tornou mais acredôra da gratidão patria e da menção da historia, foi o facto que Ovidio tão poeticamente commemora e em que trezentos e seis dos seus membros se prestaram, sem auxilio de mais ninguem, a emprehender uma guerra, onde todos por fim perderam a vida gloriosamente.

Corria o anno 477 antes de Christo. Era consul *Fabio Vibullano*. Roma ardia em uma d'aquellas interminaveis desavenças contra os vigentes. Offerecendo-se em holocausto aos seus

compatriotas, o consul se promptifica para ir acompanhado unicamente pelos membros da sua familia combater aquelles ferrenhos inimigos da republica. Partiram em número de trezentos e seis. Ao principio a fortuna sorriu-lhes, e numerosas victorias os coroaram; até que, surprehendidos nas margens do Cremera (1) depois de haverem feito prodigios de valor, pereceram todos victimas, da sua briosa coragem, da sua dedicação á patria.

Fabio Vibullano foi o unico que escapou por ser ainda menino, e continuou a descendencia dos Fabios.

D'elle procedeu o famoso Quinto Fabio Maximo, o rival de Annibal, e sem contradicção o mais distincto membro d'esta familia, de quem nos temos occupado, e que foi cinco vezes consul (233-209 antes de Christo) e dictador em 217.

Quando Scipião concebeu o projecto de tomar a offensiva contra os carthaginezes, Fabio se lhe oppoz vigorosamente e por isso disseram d'elle que tendo salvo Roma pouco lhe faltou para não salvar tambem Carthago.

Falleceu no anno de Roma 549. Mereceu a Tito Livio a honra de ser por elle celebrado. Virgilio tambem o cantou nos seus versos, e Ennio, o famoso mestre do autor da *Eneida*, posto que amigo de Scipião, tambem lhe dedicou o seguinte verso:

Unus homo nobis cunctando restituit rem.

Com a esclarecida familia d'este heroe se intronca a dos Maximos, ainda existente na Italia e dividida em dois ramos: os Duques Maximos e os Principes Maximos.

Rematemos porem com o que mais acertado nos parece vir para este logar. A terceira e ultima esposa de Ovidio pertencia

(1) Cremera, hoje Valca, é um pequeno rio da Etruria que entra no Tibre depois de haver passado por Veios.

segundo elle mesmo em seus versos o blasona, á esclarecida estirpe de Quinto Fabio Maximo.

Cantando-o pois o nosso poeta festejava de certo modo glorias domesticas.

DUQUE DE SALDANHA.

NOTA TRIGESSIMA QUINTA



PAGINA 103 — VERSO 24

Já 'naquellas afastadas eras poderiam ter logar dois dos nossos rifões campesinos. *Em tempo de figos não lembram amigos*, e *com teu amo não jogues as peras.*

D. MARIA PEREGRINA DE SOUSA.

NOTA TRIGESSIMA SEXTA



PAGINA 123—VERSO 3

INFLUXOS DO LEITE

Crê-se geralmente entre nós ainda hoje que as creanças não só bebem com o leite os males physicos de suas amas, mas tambem os males ou bens moraes.

D. MARIA PEREGRINA DE SOUSA.

NOTA TRIGESSIMA SETIMA



PAGINA 125—VERSO 11

PANCADAS D'AMOR

Ora se os homens não haviam de inventar modo de tyrannisar as mulheres!... Não sei se resto d'esse costume *sonora* será o que em nossos dias se pratica ainda em Miranda do Douro:

'nessa terra classica pelos costumes, romantica pela natureza. Quando uma *rapaza* está para casar, encontra-se pouco antes (por *acaso*) com o *raparigo* seu noivo, e este lhe dá uma grande sova de murros e sôcos. É verdade que ella não soffre a delicada fineza a pé quedo. Despica-se, batendo tambem com todas as suas forças. É de crer porem que ella fique de peior partido. Ninguem se intromette 'neste duello ainda que o presenceie. É duello sem padrinhos nem madrinhas.

D. MARIA PEREGRINA DE SOUSA.

NOTA TRIGESSIMA OITAVA

PAGINA 133—VERSO 10

FESTA DOS PARVOS

O *parvo* não é uma invenção moderna, é um elemento da civilisação historica. A religião e o paganismo são concordes 'neste ponto. As sagradas lettras attestam que o numero dos parvos é infinito, e que são bemaventurados porque é d'elles o reino dos ceos. A historia profana pela sua parte mostra que o parvo é tambem feliz 'neste mundo.

Roma a pagã celebrava, como se vê, a *festa dos parvos*. Aquelles povos ignorantes estragavam mais do que aproveitavam dos dons de Ceres quando torravam o fructo das cearas. O progresso criou os fornos, inventou a deusa que os protegesse, fundou a re-

ligião e estabeleceu o culto. Cada curia tinha na festa, logar marcado; mas não sabendo os parvos de que freguezia eram, como nós diriamos hoje, ou a curia a que pertenciam, como se dizia então, designou-se-lhes a sua vez no fim do dia.

Na Roma christã (1) continuou-se á *festa dos parvos*, a *festa dos asnos*. (Asno, parvo e tolo são synonimos). Em Verona celebrou-se por muito tempo esta festa, na qual se mostravam as reliquias do jumento em que entrara montado Jesu Christo em Jerusalem no dia de Ramos.

Em muitas provincias de França uma sociedade denominada *Sotie* celebrava tambem annualmente a *festa dos parvos*. Com este mesmo nome se celebrava igualmente a *festa dos loucos* em quasi toda a França, mas com mais particularidade em Dijon. Havia tambem uma farça d'este nome, que se representava nas igrejas no 1.º de janeiro, por ser dia da circumcisão, cujo objecto era, como em Verona, honrar o jumento que levara Christo a Jerusalem. Cre-se que esta festa era um resto das antigas saturnaes. Cantava-se 'nella um hymno ridiculo em que se imitava o zurrar do jumento, fazendo-se depois uma procissão solemne e entregando-se os devotos a todo o genero de extravagancias. Fizeram-se esforços desde o seculo XII para se abolir esta festa, o que não se pôde conseguir senão no fim do seculo XVI.

Na cathedral de Rouen celebrava-se a *festa dos asnos* no dia de Natal. Era uma procissão onde certos ecclesiasticos representavam os prophetas do antigo testamento que tinham predito o nascimento do Messias. Balaão apparecia montado 'num jumento, d'onde se deriva o nome da ceremonia. Vinha tambem Zacharias, Santa Isabel, S. João Baptista, Simeão, a sibyla Erithrea.

(1) Toma-se aqui esta expressão por algumas igrejas da christandade.

Virgilio (por causa da sua ecologa *siceldies musae)* e o rei Nabuchodonosor com os tres meninos na fornalha.

A antiguidade era mais avisada e mais sincera do que nós, porque chamava as coisas pelo seu proprio nome. O parvo moderno resiste á denominação e quer ser considerado á fina força um sabio. As festas sob aquella invocação acabaram, mas o numero dos parvos não diminuiu, fizeram-se atheus. Não commemoram o jumento, commemoram-se a si, e a hostia não é mais pura, nem o sacrificio mais digno.

Ha parvos sabios e parvos ignorantes. Os parvos mais parvos são os parvos sabios, segundo Molière que diz:

Un sot savant est sot plus qui l'ont ignorant.

Segundo Jony ha tres especies de parvos; os parvos que não sabem inteiramente nada, os parvos que sabem mal, e os parvos que sabem tudo menos o que deviam saber. Esta ultima classe é hoje a mais numerosa.

O parvo tem admiradores e enthusiastas nos mais parvos que elle, como se vê 'nesta sentença de Boileau:

Un sot trouve toujours un plus sot qui l'admire.

Ha parvos mudos e parvos fallantes. Os parvos mudos são os que nunca deram provas do seu saber, mas que soltam alguns monosyllabos mysteriosos, e baixinho, 'numa roda d'outros mais parvos que os contemplam sem os contrariar. Os parvos fallantes são os mequetrefes que se intromettem a decidir aquillo de que nada entendem.

O parvo enche o mundo de suas façanhas, porque não falla senão de si. Se é militar, julga das campanhas de Alexandre, de Cesar e de Bonaparte, e nota-lhes os erros, mas nunca soube commandar um destacamento: condemna ao mesmo tempo a rapidez dos movimentos de Napoleão e a morosidade dos de Fabio.

Se é juiz, o parvo clama contra a administração da justiça, e nunca proferiu sentença que não fosse annullada ou por contraria á lei, ou por falta de solemnidade essencial no processo.

Se é medico ou cirurgião, o parvo discorre sobre todos as doenças, censura todo o tratamento, mas não ha noticia de enfermo que lhe não morresse nas mãos.

Se é advogado, o parvo nunca falla senão na letra e no espirito da lei, mas o escriptorio está deserto como as ruas de Sião, porque o parvo não advoga causa que não perca.

Se é industrial, o parvo explica com admiravel verbosidade todos os segredos e todos os processos da industria, mas falham-lhe sempre na pratica todos os calculos.

Se é candidato em algumas eleições, o parvo tem sempre a seu favor o voto de todos os eleitores, mas consultada a urna só se lhe encontra no fundo um voto a seu favor, que é o d'elle.

Se é jornalista, o parvo não expõe opiniões, profere oraculos, canta a victoria dos seus correligionarios em vespera da sua derrota, annuncia a morte dos seus adversarios na vespera do seu triumpho, pregôa a estabilidade do ministerio que apoia duas horas antes da sua demissão; exonera os ministros que combate quando o seu poder está mais seguro; affiança a paz quando está para romper a guerra; prognostica uma conflagração geral quando as nações desarmam e licenceiam os seus exercitos.

O parvo antigo era o que não sabia nada, nem de que freguezia era; o parvo moderno não é só o que não sabe, é o que pensa que só elle sabe tudo.

O parvo antigo estragava o que fazia, o parvo moderno arrebenta se não estraga o que os outros fazem melhor do que elle.

O summo curião designava aos parvos antigos a sua vez depois de todos os outros; o parvo moderno toma hoje a dianteira a todo o mundo. Não sabe de que freguezia é, não sabe onde tem a cara, mas a deusa *Fornax* compadece-se da sua situação

e fornece-o de pão que nem é queimado nem cru, mas cosido segundo todas as conveniencias do estomago.

José Daniel construiu o *barco da carreira dos tolos*, fez-se arrais d'elle, quiz transportal-os para a ilha Anticyra, mas depois da duodecima viagem quiz repousar das suas gloriosas fadigas para não se arriscar (disse elle) a perder a gloria adquirida.

A *estupidez* que veiu entre nós estabelecer o seu imperio, teve tambem o seu Homero. Se o parvo não tem sido ha muito adorado, é porque elevando-se todos a idolos, não ficou um só para adorador.

Cremos piamente que a raça dos parvos não acabará nunca. Se a antiga festa foi abolida, substituiu-a o bodo do orçamento, onde o parvo come sem o risco de queimar o pão, e sem necessidade de saber de que freguezia é. Mas se muito come o parvo, mais parvo é quem lh'o dá, como diz o nosso velho adagio.

ANTONIO RODRIGUES SAMPAIO.

NOTA TRIGESSIMA NONA



PAGINA 137—VERSO 22

CASAMENTOS MAL ESTREIADOS

Ha já bastantes annos achei os restos de uma superstição no Minho, de que tenho embalde buscado hoje descobrir signaes, e que me parece seria oriunda d'essa defeza entre os romanos de casarem durante as festas parentaes. Tinha-se por um agoiro ter-

rivel casar 'nuns certos tres dias do mez de fevereiro; mas haviam esquecido quaes eram esses dias, e por isso as familias mais precatadas não consentiam que algum dos seus casasse dentro do dito mez, com medo de que fossem topar com os malfadados dias. Eu já algures fallei d'esta superstição, que tem caído no esquecimento.

D. MARIA PEREGRINA DE SOUSA.

NOTA QUADRAGESSIMA



PAGINA 147—VERSO 7

FESTA DO DEUS TERMINO

No estado actual da civilisação, na ordem das nossas idéas, nada parece mais ridiculo e extravagante que esta deificação de um cippo, de um troço de madeira ou de pedra, cravado no extremo de uma courella: e comtudo, para o espirito que não pára na superficie das coisas, e procura aprofundar a sua razão efficiente, que manancial de elevadas considerações, quantas e quão importantes verdades latentes 'nessa ridicula apparencia! Em o nosso livro philosophico do direito de propriedade, observámos, que nenhum povo antigo soube dar ao direito civil um caracter tão santo e divino como o povo romano nos seus tempos chamados *heroicos*. Para elle o direito não se distinguia da religião; confundia-se com ella tanto no seu principio, como no seu ministerio: o sacerdote era o juiz e o juiz era o sacerdote. Examinai o catalogo dos trinta mil deuses do pantheon latino que nos deixou

Varrão, e não vereis um só direito, um só interesse social que se não ache representado por alguma divindade. Á inviolabilidade que deve guardar-se nos contractos e transacções sociaes preside o deus *Fidius*; á inviolabilidade da propriedade urbana os deuses *Penates*, e o deus *Lar*; á inviolabilidade da propriedade rural, o deus *Termino*, e o deus *Priapo*, *custos hortorum* etc. etc. Mas que outro poder, 'nesses tempos de ignorancia, e barbaridade, que não fosse um poder divino, revelado nos proprios sentimentos naturaes do homem, ainda o mais estupido, poderia fazer respeitar essas primeiras condições de toda a ordem social? Se esse poder apparecia representado de uma forma puramente material, é porque mal se poderia de outro modo, fazer comprehender na infancia das nações. Admiremos pois, como o celebre Vico, a Providencia que se dignou permittir que os homens encontrassem no seu mesmo êrro, 'numa época em que eram incapazes de perceber as relações abstractas do direito, um principio de ordem e estabilidade. Então a jurisprudencia, a sciencia do direito divino social, não podia ser senão o conhecimento dos ritos religiosos, a pratica de certas ceremonias, de certos actos ostensivos. Essas mesmas festas annuaes que os comproprietarios vinham celebrar perante o deus *Termino* eram uma necessidade na falta de documentos escriptos, para verificação e certeza do patrimonio de cada um.

Não foi pois sem razão que os antigos romanos tiveram em tanta conta este deus que lhe deram por divisa o moto — *Nulli cedo* — *Nec Jovi*. Esta divisa explicou-se por uma lenda popular, em que se referia como querendo-se elevar um templo a Jupiter no Capitolio, todos os deuses se retiraram d'ali respeitosamente, menos o deus *Termino*, que não quiz ceder o seu logar.

As offensas feitas ao deus *Termino*, nas violações da propriedade, confiada á sua guarda, eram punidas como um verdadeiro sacrilegio.

ANTONIO LUIZ DE SEABRA.

NOTA QUADRAGESSIMA PRIMEIRA

PAGINA 153 — VERSO 6

ACAMPAMENTO DOS ROMANOS

Arraial, campo ou acampamento é o terreno, ou logar, sobre o qual um exercito se estabelece temporariamente.

Os romanos fortificavam sempre os seus arraiaes. Ainda que não acampassem segundo a ordem de batalha que adoptavam, a natureza das suas armas e a ordem profunda, em que formavam, lhes permittia fechar os campos por quadrados perfeitos, cercados de fossos e de parapeitos pelos quatro lados, e dividir a capacidade interior do campo, de maneira que as tropas podessem dirigir-se rapidamente, e sem confusão ás partes do recinto, que tinham incumbencia de defender. O campo de um exercito consular era occupado por um quadrado, que tinha de contorno 2600 a 3000^{m}. Nos casos, ainda que muito raros, de acamparem dois exercitos, o campo se alongava, tomando a figura de um vasto rectangulo.

Havia differentes especies de campos, conforme o fim para que eram destinados; e do seu destino resultava o maior ou menor gráo de força, com que se fortificava o campo.

Os campos de marcha, ou de passagem, destinados ao acampamento de uma só noite *(mansiones)* tinham os fossos de pequena largura e profundidade; e a espessura do parapeito era

pequena; comtudo podiam considerar-se fora de insulto, pelo modo como eram construidos.

Cada soldado conduzia comsigo um tronco de arvore de 2^m,3 de comprimento e 0^m,09 a 0^m,10 de diametro, aguçado e endurecido ao fogo na parte superior, proximo da qual lhe tinham conservado alguns ramos flexiveis; todos estes páos se cravavam no terreno, verticalmente, e muito proximos uns dos outros; e se entrelaçavam com os ramos, formando uma sebe em paliçada *(vallum)*, por detraz da qual se lançava a terra tirada de um fosso *(fossa)*, que se cavava na frente de uma berma sufficientemente larga, para a solidez da paliçada; e que formavam promptamente um parapeito *(ager)* á prova das armas d'aquelle tempo; e para a defensa do qual todas as armas, tanto de arremeço, como de mão, e sobre tudo as armas compridas, tinham todas as vantagens.

Os campos estaveis *(castra stativa)* dividiam-se em campos de verão *(estiva)*, e campos de inverno *(hyberna)*: uns e outros eram fortificados com esmero, tanto maior, quanto maior era o perigo, que os podia ameaçar. A dimensão do parapeito e do fosso augmentava, sendo aquelle formado de leitos de faxinas alternadas e terra batida, tendo de espessura na base 4^m, e de altura 1^m,3; e este tendo 4^m de largura, e 3^m de profundidade. Quando o tempo e as circumstancias o permittiam, augmentavam-se as dimensões dos fossos e dos parapeitos; guarneciam-se estes com fortes sebes, deixando na parte superior seteiras similhantes ás que têem ainda hoje os velhos recintos dos castellos; construiam-se torres de madeira sobre os parapeitos, com dois e tres andares, tendo em cada andar uma sacada coberta por um peitoril, aberto em seteiras destinadas para bater o inimigo a maior distancia, e para flanquear o fosso.

Era no interior d'estas fortificações que se estabeleciam armazens de guerra, officinas, hospitaes, e outros estabelecimen-

tos, tornando-se assim, algumas vezes, em cidades permanentes.

Estes entrincheiramentos regulares que os romanos construiam em algumas horas para se abrigarem d'alguma surpreza, davam logar a que os generaes não combatessem senão quando julgavam a occasião favoravel, podendo ter os feridos e os doentes em segurança, e sem recearem que uma retirada se tornasse em uma derrota.

Nos sitios das praças esta regularidade desapparecia porque a forma do campo era subordinada á extensão do terreno que era necessario occupar para sitiar a praça, para obstar ás sortidas, e para repellir um ataque do exercito de soccorro.

De todos os campos construidos pelos romanos é sem contradicção o mais notavel, pela força dos entrincheiramentos, pela profundidade dos fossos, pelas linhas d'abatizes e de poços militares, pelos abrolhos e pelas torres, aquelle que Cesar construiu no sitio d'Alexia, o qual lhe permittiu por estas disposições resistir com 10 legiões a dois ataques combinados; um dirigido pelo chefe dos sitiados á frente de uma sortida de 80:000 homens, o outro executado por um exercito de soccorro contando 240:000 combatentes.

MODO DE ACAMPAR

O entrincheiramento que fechava o campo tinha em cada um dos quatro lados, uma larga porta para entrada e saída das tropas: a mais distante da posição do inimigo [1] era chamada porta *decumana;* a opposta á porta decumana, e que por consequencia olhava para o inimigo [2] denominava-se *pretoriana;* em quanto ás duas restantes, a que ficava á mão direita [3] chama-

va-se porta principal direita, e a que ficava á mão esquerda [4], porta principal esquerda (1).

Havia um espaço livre entre o *ager*, e as tendas, de 60^{m} de largura *(spatium ad vallum)* para abrigar estas do incendio e dos tiros, e para facilitar no interior o movimento das tropas. O espaço restante, destinado para as tendas e para os quarteis das tropas, era dividido em cinco ruas perpendiculares á frente do campo, e tres perpendiculares áquellas: a primeira d'estas tres ficava da parte de cima do *pretorium*, a ultima atravessava o campo de tropa dividindo as filas de tendas em duas porções iguaes; tinha 12^{m} de largura, e denominava-se *via quintana;* a do meio que era chamada *via principalis*, tinha 30^{m} de largura, e estabelecia communicação directa com as duas portas principaes passando por diante da tenda do general.

Esta rua era um logar celeberrimo e sacratissimo: ali os tribunos nomeavam o juiz; ali existiam os altares, as divindades, os retratos dos chefes, e as bandeiras das legiões; ali se prestavam os juramentos, se applicavam os supplicios, e finalmente, como em um logar santo, se guardava o dinheiro que os soldados ali punham.

As tropas acampavam debaixo de tendas dispostas por filas *(strige)* perpendiculares á frente do campo. As duas legiões romanas de um exercito consular não exigiam mais de 8 filas de tendas para o seu alojamento. A infanteria dos alliados *(pedites socii)* ordinariamente igual á infanteria dos romanos, e a cavallaria d'aquelles *(equites socii)* que regulava pelo dobro da dos romanos, occupavam um espaço pouco menor que as legiões, quando se tinha escolhido $\frac{1}{5}$ da infanteria *(extraordinarii pedites)* e $\frac{1}{3}$ da cavallaria *(extraordinarii equites)* para reserva, que

(1) Os n.os 1, 2, 3, e 4 estão marcados na planta respectiva.

acampava na rectaguarda da tenda do consul, formando o restante das tropas as duas alas do campo.

A proporção das differentes ordens de soldados era tal que cada uma d'ellas occupava uma fila de tendas simples.

Os infantes ligeiros *(velites)* eram repartidos, para alimentar e para acampar, pelas tres classes de soldados de linha. Cada tenda *(contubernium)* continha 10 soldados *(contubernales)* debaixo do commando de um official subalterno *(decanus)*.

ORDEM DO ACAMPAMENTO

(Est. 1.ª) A ala direita dos alliados occupava a extrema direita do campo ficando a infanteria voltada para o entrincheiramento, e a cavallaria á esquerda voltada para a 1.ª rua em que terminava o seu campo.

Á esquerda da 1.ª rua começava o acampamento da 1.ª legião dos romanos, acampando na 1.ª fila de tendas os *hastati* voltados para a 1.ª rua; á esquerda em outra fila os *principes* voltados para a 2.ª rua.

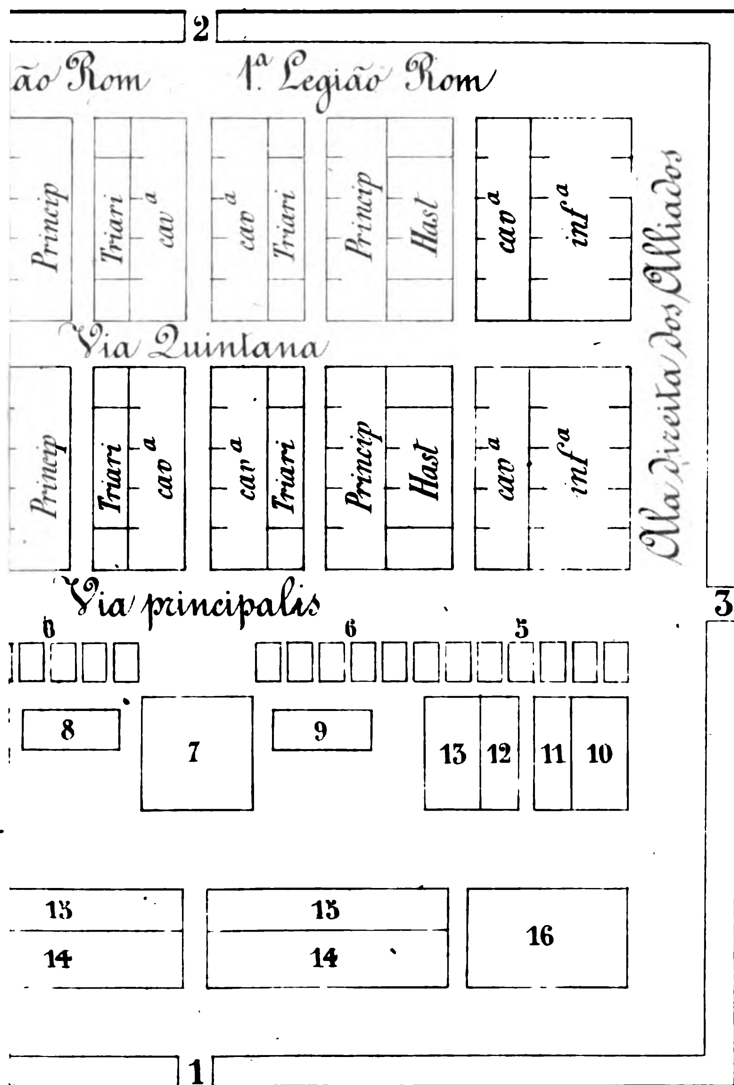
Á esquerda d'esta 2.ª rua os *triarii* voltados para ella ficando-lhe á esquerda a cavallaria voltada para a 3.ª rua, a qual correspondia á porta *pretoriana*, terminando aqui a 1.ª legião.

Continuando para a esquerda, a mesma ordem se reproduzia inversamente nas outras duas legiões.

Os centuriões occupavam as duas primeiras tendas do manipolo a que pertenciam, ficando um á direita, e outro á esquerda.

Os doze tribunos das duas legiões romanas, e os doze prefeitos que commandavam os alliados *(prefecti sociorum)*, acampavam sobre a mesma linha parallela á frente do campo, e á rectaguarda das tropas; ficando os tribunos [5] correspondendo ás

Estampa 1ª



2
ão Rom
1ª Legião Rom
Princip
Triari
cavª
cavª
Triari
Princip
Hast
cavª
infª
Ala direita dos Alliados
Via Quintana
Princip
Triari
cavª
cavª
Triari
Princip
Hast
cavª
infª
Via principalis
3
6
6
5
8
7
9
13
12
11
10
15
14
15
14
16
1

duas legiões romanas, e os prefeitos [6] ás duas alas, todos na frente do *pretorium* para mais facilmente poderem receber as ordens do general, e transmittil-as ás suas tropas.

O consul tinha a sua tenda [7] *(pretorium)* no eixo do campo, e á rectaguarda da linha dos tribunos. Á sua esquerda estava o espaço *(questorium)* concedido ao *questor*, thesoureiro e commissario das tropas, para a sua tenda [8] e para os armazens do commissariado que estavam debaixo das suas ordens. Á direita a praça do mercado *(forum)* na qual estava a tenda [9] *(légati)* do official general junto ao corpo do exercito, que aconselhava o general e dirigia na sua falta as operações, preenchendo ao mesmo tempo as funcções civís e militares.

Na mesma linha estavam as tendas das tropas que tendo acabado o tempo de serviço, se tinham alistado novamente, gosavam por isso de certos privilegios, e faziam algumas vezes os logares de centuriões. As dos alliados ficavam nas alas, a infanteria [10] denominada *(ableti pedites)* voltada para o entrincheiramento, e a cavallaria [11] chamada *(ableti equites)* ao lado d'aquellas. As dos romanos ficavam ao lado: a infanteria [12] denominada *(evocati pedites)* voltada para a cavallaria alliada, e a cavallaria [13] denominada *(evocati equites)* voltada para o centro.

Finalmente no fim do campo ficava a reserva alliada: a infanteria [14] *(pedites extraordinarii)* voltada para o entrincheirâmento, e a cavallaria [15] *(equites extraordinarii)* na rectaguarda.

Os romanos reservavam tambem no fim do campo duas praças [16] uma de cada lado, destinadas para as tropas que se apresentavam no exercito, e não faziam parte das legiões.

As tendas dos soldados quasi sempre eram de coiro, ou de pelles destendidas por cordas; d'onde lhes vem o nome de *tentoria (detendere estender)*: nos arraiaes d'inverno tambem se empregavam as madeiras.

Os creados escravos (*calones*), e os vivandeiros (*lixae*) eram collocados fora do campo, nas proximidades exteriores; construindo-se alpendres (*procestria*) para se abrigarem.

CASTRAMETAÇÃO E SEGURANÇA DO CAMPO

A castrametação ou arte de traçar campos, fazia entre os romanos uma parte essencial da arte da guerra porque d'ella dependia a segurança das tropas cobertas pelos entrincheiramentos, e a facilidade de os defenderem dando-lhes ao mesmo tempo a vantagem de provocar o inimigo e aceitar ou recusar combate.

Nos modernos esta parte está ligada com a escolha das posições militares necessarias, pela difficuldade de fechar as tropas em um campo por meio de entrincheiramentos; como faziam os antigos.

Entre os romanos, quando o exercito se approximava do logar em que devia acampar, um tribuno e alguns centuriões tomavam a dianteira, e escolhiam o logar para acampamento. No sitio mais elevado e mais commodo para a tenda do general, se arvorava uma bandeira; e se collocavam outras, de uma côr differente, nos principaes angulos do campo, marcando somente por meio de estacas as divisões mais pequenas.

Esta operação fazia-se de uma maneira uniforme; as medidas sendo invariavelmente prescriptas, faziam que o soldado uma vez conhecido bem o seu campo, não achasse novidade em outro campo, qualquer que fosse o logar escolhido.

No logar da bandeira que marcava o *pretorium*, se marcava o espaço necessario para a tenda do general, e á direita e esquerda d'esta os espaços precisos para as tendas do *questor* e dos *legati*. Para a frente se traçava uma linha parallela á frente

do *pretorium* para indicar a frente das tendas dos prefeitos e dos tribunos, ficando na rectaguarda d'ellas um espaço necessario para collocar os cavallos e as bagagens que lhes pertenciam.

Na frente dos tribunos se media o espaço para a grande rua, onde terminava a frente das ultimas tendas, que formavam a cauda do campo das differentes legiões.

Marcavam-se depois os campos para cada legião, separados pelas ruas que vinham da testa á cauda do campo da tropa; e o espaço em cada campo que occupavam as differentes classes de combatentes. Do mesmo modo se marcavam os campos das outras tropas.

Quando o exercito chegava á posição em que devia acampar, as tropas tendo já os seus campos marcados, armavam as suas tendas, e construiam o entrincheiramento. Na construcção d'este tomavam parte todas as tropas, construindo os alliados os dois lados em que estavam acampados, os outros dois eram construidos pelos romanos, um por cada legião.

O trabalho era dividido em porções iguaes ao numero das cohortes; havendo um centurião por cohorte, que presidia ao trabalho. Quando tudo estava prompto, os dois tribunos de serviço examinavam a obra, e a approvavam.

As saídas do campo eram fechadas por barreiras, guarnecidas por grossas sebes, que se tiravam e punham á vontade. Quando suppunham ser atacados, juntavam-lhe um muro de leiva, facil de destruir se era urgente fazer uma sortida vigorosa.

Este modo de traçar os campos, e construir o entrincheiramento, variava quando os exercitos se achavam na frente um do outro, e sem que qualquer d'elles julgasse prudente atacar o seu adversario, nem deixar a sua posição, então era preciso, antes de noite, estabelecer um campo, e entrincheiral-o, e particularmente evitar que os trabalhadores fossem insultados pelo inimigo.

Quando isto se dava, o general mandava traçar o campo,

e retirar as bagagens que ahi se estabeleciam; enviando depois 3.ª linha dos *triarii*, para construir os entrincheiramentos. Quando o trabalho estava um pouco adiantado, retirava a 2.ª linha composta dos principes, ficando a frente da linha dos *hastati* coberta pelas tropas ligeiras, e as alas flanqueadas pela cavallaria. Depois faziam-se retirar os manipolos dos *hastati*, um depois do outro, começando pela direita. A cavallaria e os *velites* retiravam quando o entrincheiramento estava acabado.

Foi assim que Paulo Emilio construiu o seu campo na frente dos macedonios julgando acertado não combater.

Foi quasi do mesmo modo que Cesar fez construir o seu campo na presença d'Africanius a quem offereceu batalha, e que não foi aceita.

SEGURANÇA E POLICIA DOS CAMPOS

Estabeleciam-se guardas de segurança no interior do campo para guardarem o parapeito e as portas, e outras alem do fosso, para vigiarem o inimigo. Estas guardas eram feitas pelos *velites*, unico serviço que lhes pertencia. As noites dividiam-se em quatro partes chamadas vigilias; uma vigilia era o tempo fixado para os soldados que faziam sentinellas; um relojo d'agua marcava as vigilias.

Quatro manipolos por legião, dois dos principes, e dois dos *hastati* eram encarregados da limpeza do campo. Os outros manipolos davam as guardas do general, do questor, dos officiaes generaes, e dos tribunos. Os *triarii* não tinham outro emprego senão o de vigiarem os cavallos da cavallaria, junto da qual estavam acampados.

Ao alvorecer os cavalleiros e os centuriões vinham ás ten-

das dos tribunos, e estes á tenda do consul; os tribunos recebiam as ordens do consul, transmittiam-as aos cavalleiros, e centuriões, para estes ultimos, as communicarem aos soldados quando assim convinha.

O signal da noite era dado pelo general do modo seguinte:

A decima turma de cavallaria, e a decima cohorte de infanteria sendo as ultimas de cada legião acampavam sempre na cauda do campo da tropa, proximo do tribuno; d'ellas se escolhiam um cavalleiro da turma, e tres infantes dos tres manipolos *hastati* principes, e *triarii* que compunham a cohorte; a estes quatro homens se chamavam *tessaras*, e eram dispensados da guarda e da sentinella.

Todos os dias antes do pôr do sol, vinham elles á tenda do tribuno de serviço, e recebiam d'elle uma pequena taboa, *tessara*, (1) em que estava escripta a palavra que servia de signal. Com esta taboa voltavam á cauda do campo, e a entregavam ao chefe do seu manipolo, o qual depois a entregava ao centurião do manipolo correspondente na cohorte superior, e assim ia sendo vista por todos os centuriões, até que voltava ás mãos do tribuno.

Haviam outras taboas para as sentinellas, que eram entregues pelo tribuno aos soldados nomeados para fazerem a primeira sentinella. As taboas em numero de quatro, tinham de um lado o numero da vigilia, e do outro o numero do posto; deviam passar successivamente até á ultima sentinella.

Quatro cavalleiros por legião eram nomeados para fazer a

(1) *Tessara militaris* era uma taboa em que estava escripta a palavra que os officiaes davam aos soldados para que elles podessem ter um signal, por meio do qual distinguissem os amigos dos inimigos, era tambem um dos meios de transmittir ás differentes divisões do exercito as ordens do commandante em chefe.

ronda, um por vigilia. O tribuno dava-lhe por escripto o nome dos postos que deviam rondar no interior do campo, e junto ao parapeito. As rondas começavam pelo 1.º manipolo dos *triarii*, que mandava tocar a corneta para advertir os outros manipolos.

Pela manhã os cavalleiros entregavam as taboas ao tribuno, e davam conta do que tinha occorrido.

Em quanto ao modo pelo qual os romanos se defendiam nos seus campos, quando eram atacados pelo inimigo, não me foi possivel colher, do que li, a ordem do combate que empregavam na defensa, mas raciocinando sobre o seu modo habitual de combate, talvez me possa approximar do methodo que então se seguia.

A legião em batalha formava tres linhas: a 1.ª composta dos soldados mais novos de infanteria pesada, denominados *hastati*; a 2.ª composta de soldados mais velhos, denominados principes, formava a 100^m da rectaguarda da 1.ª Uma e outra formavam por manipolos, tendo 12 homens de frente, e 10 de fundo, separados uns dos outros, por intervallos (12^m) iguaes á frente dos manipolos: a 3.ª linha composta dos soldados distinctos por serviços ou por honrosas feridas, chamados *triarii*, formava tambem a 100^m, na rectaguarda da 2.ª, e por manipolos tendo 6 homens de frente, e 10 de fundo. Os manipolos da 2.ª linha correspondiam aos intervallos da 1.ª, os da 3.ª aos intervallos da 2.ª As tres linhas tinham por armas a lança, a espada, e o escudo.

A cavallaria, e os *velites* formavam nos flancos, sendo armados de escudo, de uma espada curta, e de muitas lanças destinadas para servirem de projectís.

Formada assim a legião, quando o inimigo se apresentava, os *velites*, e outros infantes ligeiros dispersavam em atiradores na frente das linhas antes que estas viessem ás mãos; na occasião do choque retiravam-se combatendo por pequenos grupos, entre

as tropas d'infanteria, depois juntavam-se á cavallaria para perseguirem o inimigo quando este se retirava.

Os *hastati* começavam o combate: se não podiam romper a linha inimiga, e eram repellidos, os principes avançavam, e deixando-os passar para a rectaguarda pelos intervallos da sua linha os substituiam no combate em quanto os *hastati* os seguiam; era o que nós chamamos passagem de linha.

Em quanto a luta da 1.ª e 2.ª linha durava os *triarii* se conservavam com o joelho em terra, cobertos com os escudos, e com os piques apoiados sobre o solo, e as pontas levantadas formando uma especie de paliçada na frente da linha.

Se os principes eram tambem repellidos, retiravam passo a passo até aos *triarii*. Era então que estes se levantavam de repente, reuniam na sua linha os *hastati* e os principes, formando todos uma linha cheia e continua, e caíam sobre o inimigo.

Na frente do campo não podiam os romanos empregar a ordem de batalha que empregavam em campo aberto, porque o espaço livre que tinham no interior do campo para combater era de 60^{m} á rectaguarda do parapeito; d'onde se vê que as duas linhas se não podiam formar, uma na rectaguarda da outra, á distancia de 100^{m}, como era costume: por outro lado o intervallo de 12^{m} de manipolo a manipolo, que na sua ordem de batalha era util para a passagem das linhas, applicado á defensa do parapeito, deixaria metade d'elle desguarnecido de tropa para combater o inimigo, que não tinha logar determinado na sua ordem d'ataque.

Se reflectirmos ainda mais, veremos que cada um dos lados era defendido por uma legião, que a legião tinha 24 manipolos de *hastati* e princípes occupando 288^{m} de frente, e 6 manipolos dos *triarii* que occupavam 36^{m} tambem de frente, prefazendo a totalidade dos manipolos, na hypothese de unidos, uma linha de 324^{m}, metade do lado da menor extensão, que tinha ordi-

nariamente o campo de um exército consular, sendo preciso para o guarnecer empregar os 30 manipolos com intervallos iguaes á sua frente.

Não é de suppor que fosse esta a disposição da tropa para a defensa pelo que dito fica, e porque os *triarii* conservados sempre como reserva, deixavam de ter por esta disposição aquella honrosa distincção.

Estas considerações applicadas aos campos de maior extensão, como eram aquelles que se construiam proximo das praças de guerra que iam ser atacadas, e nos quaes se estabeleciam as tropas em quarteis distantes nos levam a suppôr que a ordem das tropas estabelecidas para a defensa dos campos, variava da ordem de batalha em campo aberto.

Eis o modo pelo qual, talvez, a defensa seria feita nos campos entrincheirados.

Ao signal d'alarma os *velites* de cada legião, guarneciam o parapeito; os *hastati* e os principes formariam por centurias com a frente do manipolo, uns ao lado dos outros, e á rectaguarda do parapeito o mais possivel; as outras tropas formariam nas ruas e nos espaços livres, que havia nó interior do campo.

Ao approximar do inimigo os *velites* começariam a atirar sobre elle servindo-se das armas de arremeço de que usavam e continuariam os seus tiros até que o inimigo subisse ao parapeito; 'nessa occasião os *hastati* s'approximariam do parapeito na mesma ordem de formatura em que estavam, e começariam a combater o inimigo com a lança por entre as paliçadas; se este conseguia arrancal-as, os defensores fazendo abobada dos escudos continuavam o combate com a lança, de baixo para cima: se o atacante não era repellido, os principes occupariam o seu logar, e ultimamente os *triarii*; tornando-se individual o combate e com a espada, se o inimigo conseguisse descer o parapeito e collocar-se sobre o campo.

Os *velites*, se a 1.ª linha guarnecia o parapeito, reunir-se-hiam em pequenos grupos nos intervallos das centurias, e continuariam a atirar por entre as paliçadas; e quando o inimigo estivesse sobre o parapeito, retirariam para à rectaguarda d'onde continuariam a atirar para os adversarios collocados sobre o parapeito.

Nos campos em que houvesse *balistas*, a defensa começaria pelo emprego d'estas por lançarem os projectis a maior distancia que os *velites*. Nos campos de grande extensão se o inimigo conseguia entrar no campo, a cavallaria poderia com as cargas auxiliar muito os defensores.

As torres de madeira construidas sobre o parapeito tornariam sem duvida a defensa mais efficaz, e a passagem do fosso mais difficil. As sortidas seriam tambem empregadas quando a occasião se tornasse favoravel pelas tropas escolhidas para reserva do exercito, e principalmente na occasião de retirada, tomando então a cavallaria e os *velites* uma parte muito activa na perseguição.

CAMPOS MODERNOS

Foi no meado do seculo XVI que Mauricio de Nassau resuscitou a forma quadrangular dos campos romanos; elle fortificou os campos e inventou as cabanas *(camp de hutts)*.

Gustavo Adolpho estabeleceu uma policia admiravel nos seus. A França imitou este principe no uso dos campos compactos; ainda que os exercitos de Luiz XIII e Luiz XIV fossem ordinariamente dispersos por pequenos campos.

Em 1667 Luiz XIV vê o regimento do rei alinhar as suas cabanas e as suas armas, e quer que se imite esta novidade. Foi então que os campos começaram a ser arranjados com a frente

em batalha, regulada sobre duas linhas sem entrincheiramentos, ou muito pouco entrincheirados; tendo a infanteria no centro e a cavallaria nas alas; ficando a segunda em xadrez, e os officiaes na cauda do campo.

A guerra terminada pela paz de Reiwick no anno de 1697 mostrou á Europa os primeiros campos de tendas.

O principio actualmente seguido, que a frente do acampamento seja igual á linha de batalha do exercito; a ordem muito singela em que hoje formam as tropas; a grande força dos exercitos modernos, e o alcance das armas, tudo faz com que os campos sejam de grande extensão em comprimento, e por isso difficeis de se fortificar (principalmente os de passagem) com uma solidez sufficiente para resistir á artilheria.

Presentemente só os grandes campos junto ás praças de guerra são fechados por solidos entrincheiramentos, traçados segundo as exigencias e formas do terreno, com o fim de receberem as tropas, que devem formar um exercito, ou recolher aquellas que, sendo forçadas a uma retirada, vierem procurar abrigo debaixo da direcção da praça.

Os modernos supprem hoje esta falta pela forte situação dos campos, pela difficuldade que a natureza do paiz em que são situados oppõe ao inimigo, e pela collocação de um grande numero de postos avançados em todos os logares por onde possam atravessar tropas do inimigo; a estes postos incumbe não só observar e advertir o exercito da vinda do inimigo, mas tambem demorar este quanto baste para se disporem as coisas de modo que as tropas tomem a defensiva.

É por estas razões que elles augmentam a força real das posições que occupam, por meio de obstaculos artificiaes que se possam construir em pouco tempo, taes como abatizes, fossos, barricadas, e algumas pequenas obras de terra.

Na rectaguarda d'estes postos, e distante d'elles 2 a 3 kilo-

metros, é que se formam as tropas em batalha, ficando o seu acampamento por detraz da linha de batalha.

A infanteria, que combate a pé firme, forma-se diante do seu campo, e o cobre dando-lhe a mesma extensão que tem a sua frente de batalha, e de modo tal que a extensão do campo de um regimento corresponda á sua posição em batalha, e o mesmo acontece com o batalhão e as companhias.

O acampamento faz-se por companhias, occupando uma companhia duas filas de tendas, perpendiculares á frente do campo, formando uma larga rua, ou quando as companhias têem pouca força occupando duas companhias as duas filas de tendas, deixando como na primeira hypothese a mesma rua larga entre cada duas companhias.

Á rectaguarda do campo da tropa estão as cosinhas, uma por companhia: a 1.ª fileira de tendas, na rectaguarda das cosinhas, é para o estado menor do regimento; a fileira de tendas que depois se segue, é para os capitães e subalternos das companhias, fazendo frente á grande rua das companhias; a fileira de tendas na rectaguarda das dos officiaes de companhia, é para os officiaes superiores no regimento; finalmente na rectaguarda de tudo estão as tendas d'equipages, etc.

Os cavalletes para as armas ficam na frente das companhias.

A cavallaria, porque combate por cargas, forma-se na rectaguarda do seu campo, e acampa, occupando cada esquadrão duas filas de tendas, separadas por uma rua que tem a largura da extensão da frente do meio esquadrão: as suas cosinhas ficam na frente do campo.

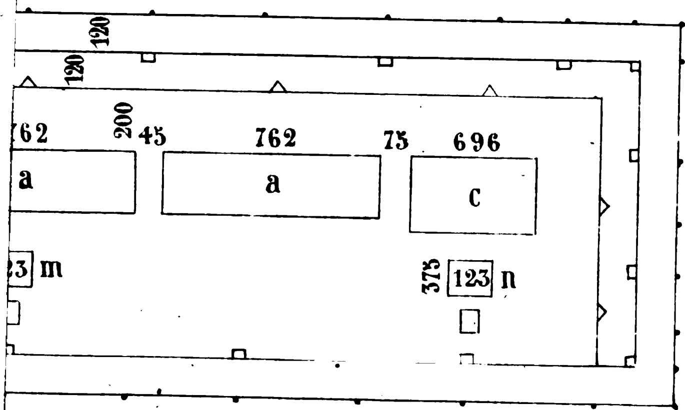
A artilheria acampa por baterias, sugeitas aos mesmos principios, em tres largas ruas, formando seis filas de tendas, em que ficam os artilheiros serventes e os artilheiros conductores, ficando na rectaguarda os officiaes; por detraz e distante das

tendas, ficam as bocas de fogo em uma fileira com os seus carros na rectaguarda e arranjados em differentes fileiras.

O campo é cercado por um cordão de sentinellas tendo na rectaguarda os piquetes; á frente estão os postos avançados formando tres linhas em xadrez: a 1.ª mais proxima do exercito, a das grandes guardas; a 2.ª mais avançada, a dos pequenos postos; e na frente d'estes o cordão de vedeta ou sentinellas. Estes postos são vigiados por patrulhas e rondas, saídas das grandes guardas, e pelas rondas dos officiaes superiores de dia; e vigiam o inimigo estando álerta nas posições que occupam; havendo ainda para mais segurança as descobertas e as differentes especies de reconhecimentos.

Nos exercitos modernos a sua formação tem logar por corpos de exercito; cada um d'estes corpos compõe-se de um certo numero de divisões, tendo a divisão duas brigadas, e a brigada dois regimentos de infanteria. Na composição da divisão entram as duas brigadas de infanteria, dois regimentos de cavallaria, tres baterias montadas, duas baterias a cavallo, e tropas de engenheria. Esta força, ordinariamente de doze a quinze mil homens, e a que mais se approxima d'aquella de um exercito consular, acampa do modo seguinte:

(Est. 2.ª) As duas brigadas de infanteria compostas dos regimentos (a, b) formam uma ao lado da outra; entre as duas brigadas acampam duas baterias montadas (e), que pertencem á divisão; nos flancos da divisão á direita do primeiro regimento da primeira brigada, e á esquerda do segundo regimento da segunda brigada, acampam os dois regimentos de cavallaria (c, d) e na rectaguarda de cada um d'estes uma bateria a cavallo (n); a outra bateria montada (m) acampa na rectaguarda do segundo regimento da primeira brigada; acampando a tropa da engenharia (r) na rectaguarda do primeiro regimento da segunda brigada.


120
120
200
45
762
75
696
a
a
c
m
373
123
n

A divisão assim acampada é guardada pelas grandes guardas (A), que ficam 200 metros a diante da frente e flancos de bandeira, as quaes collocam os seus postos (▭) 120 metros na frente, e estabelecem as sentinellas (.) 120 metros na frente dos postos: a rectaguarda do campo é apenas guardada por uma linha de postos, e outra de sentinellas.

A frente em bandeira de uma divisão, por este modo de acampar, occupa 4983 metros de extensão, e o fundo 730 metros, vindo a ser o contorno do campo de 11426 metros, maior que o de um exercito consular quatro vezes, sendo a superficie d'este menor 14 a 15 vezes que a d'aquelle; tudo isto devido aos differentes modos de acampar e de combater dos exercitos romanos, comparados com os dos exercitos modernos.

JOSÉ MARTINHO THOMAZ DIAS.

NOTA QUADRAGESSIMA SEGUNDA



PAGINA 157—VERSO 8

PERTINACIA DOS ASSEDIOS ANTIGOS

Convidados a explicar esta passagem do poeta, só mui ligeiramente nos occuuparemos da antiga cidade de Ardéa, bem como do sitio ou assedio com que Tarquinio o soberbo a opprimia, pelos annos de 509 antes da vinda de Christo, época em que seu filho Sexto commetteu, contra a illustre e formosa Lucrecia, esposa de outro Tarquinio, o brutal attentado que a indu-

ziu a suicidar-se. Trataremos, porém, mais detidamente da causa por que o mesmo poeta chama pertinaz ao indicado assedio, sem comtudo olvidarmos a brevidade que convem a uma simples nota explicativa.

Todos os assedios, naquelles remotos tempos, eram mais ou menos pertinazes, como este de que se trata; o que provinha de circumstancias nascidas da natureza das guerras de que soíam fazer parte; e por tanto uma succinta idéa, que passamos a dar, d'essas mesmas guerras, nos conduzirá a apreciar devidamente o passo de que nos occupamos.

Ardéa, pois, que não passa de ser um pequeno burgo dos estados romanos, a pouco menos de oito legoas SE. de Roma, foi em antigos tempos uma grande e populosa cidade capital dos rutulos, antigo povo do Lacio, desde a era de Eneas. Depois de haver sido devorada pelas chammas, e deligentemente reedificada, veiu a ser uma consideravel povoação, e a receber uma colonia de romanos 442 annos antes da nossa era, tempo bastante posterior ao do sitio de que tratamos.

Dada esta breve noticia da cidade sitiada, passaremos a occupar-nos do que respeita á pertinacia do sitio, deduzindo-a da natureza das antigas guerras.

Invejas, ambições, cubiça, orgulho,
Flagellos perennaes da humanidade,
E com ella coevos,
Devastaram a terra desde quando
Humanas sociedades se fundaram,
Nascendo do seu torpe ajuntamento
Opposto á natureza
O monstro atterrador, que se diz guerra.

Começariamos pela exposição e analyse dos direitos das nações em tempo de guerra, se algum direito de similhante natureza naquellas afastadas eras se conhecesse; e se mesmo em

nossos mais esclarecidos dias, fossem geral e constantemente seguidos os variados principios de tal direito, que se têem com bons fundamentos estabelecido. Nas antigas guerras, porém, segundo nos mostra a historia, todas as vantagens, e todos os direitos eram partilha dos vencedores, ficando apenas aos miseros vencidos a espoliação e a morte; ou a perpetua escravidão, quasi sempre mais cruel que a mesma morte.

D'esta circumstancia, não menos que de outras que ao diante apontaremos, resultava necessariamente a grande duração dos sitios ou assedios; pois conhecendo os sitiados a sorte que os esperava quando chegassem a render-se, levavam a resistencia aos maiores extremos; retardando por esta guiza quanto lhes era possivel os atrozes padecimentos a que a rendição os conduziria, se não podessem evital-a fazendo com diligencia e tempo levantar o sitio.

É pois evidente que da tenacidade e duração da resistencia deveria resultar a correspondente pertinacia dos sitiadores; mesmo porque não sendo em taes guerras ordinarias as capitulações, ou não podendo confiar-se no cumprimento d'ellas, se alguma se propozesse, só terminavam as marciaes contendas pelo completo aniquillamento de algum dos contendores, e quasi sempre pelo dos sitiados que chegavam a render-se.

As diversas machinas e operações de guerra, em taes eras tambem concorriam consideravelmente para a grande duração dos assedios. A disciplina militar, em harmonia com as grosseiras armas de que os guerreiros usavam, os obrigava a combaterem-se muito de perto, e quasi braço a braço; o que fazendo desordenar a primitiva formatura dos corpos contendores, confundia e baralhava entre si os guerreiros de que se compunham, conduzindo-os infinitas vezes a combates singulares. Em taes occasiões, não podendo tirar-se vantagem alguma dos movimentos e operações estrategicas, por carecerem de espaço en-

tre os mesmos corpos contendores para o seu desenvolvimento, as victorias pertenciam ordinariamente ao mais numeroso, se alguma idéa supersticiosa o não intimidava, ao mesmo passo que outra da mesma natureza animasse, e, por assim dizer multiplicasse o esforço de seus mais diminutos oppositores; sendo indubitavel que da influencia da superstição naquelles remotos tempos, assim como da religião em outros mais modernos, resultaram victorias ou perdas contrarias ao que deveria e soía naturalmente acontecer. Seja d'isto exemplo em nossa heroica monarchia, a memoravel victoria de Ourique, que lhe deu a existencia, e todas as mais alcançadas pelo inclito rei D. Affonso Henriques com poucos portuguezes contra innumeraveis forças mauritanas. O casual vôo de uma ave, em determinada direcção, interpretado desfavoravelmente pelo gentilico fanatismo, assim como alguma verdadeira e mesmo supposta apparição de qualquer ordinario meteoro em sentido contrario interpretada por algum habil e religioso chefe, tem infinitas vezes dado causa a grandes e extraordinarios acontecimentos como os que acabamos de apontar.

Ora, sendo, como fica demonstrado, as victorias em geral, nas ditas antigas guerras, partilha do mais numeroso dos exercitos, ou corpos contendores, forçoso era que o mais fraco em numero de combatentes procurasse algum artificial meio de poder resistir-lhe, evitando quando lhe fosse possivel a sua approximação e corporal encontro e choque. D'aqui nasceram naturalmente os campos entrincheirados, e as povoações fortificadas; pois só d'isto podia resultar o equilibrio do emprego de forças muito desiguaes nas operações da guerra.

Monumentos antigos, que ainda se conservam, nos mostram claramente a natureza e variedade d'essas seculares fortificações. Robustas muralhas, mais ou menos irregulares em seus traçados circundavam as cidades e outras povoações, que por sua importancia podessem vir a excitar a cubiça de algum poderoso poten-

tado, e expol-as a suas violentas aggressões Taes muralhas, baseadas quanto era possivel sobre rochedos e logares escarpados, eram geralmente coroadas por estreitos terraplenos em forma de varandas ou corredores, guarnecidos exteriormente de muros com seteiras e outras aberturas pelas quaes os defensores podessem, a coberto dos tiros de seus inimigos, disparar os seus, e difficultar-lhes a approximação e contacto.

A necessidade de superar estes poderosos e inanimados obstaculos por parte dos sitiantes, para poderem combater de perto seus contrarios, e conseguir uma victoria, produziu a invenção das machinas de guerra denominadas *catapultas-balistas*, e outras mais ou menos aperfeiçoadas, que nos dispensamos de nomear, nas quaes consistia o material de artilheria e sitio em similhantes tempos. Estas machinas, cobertas com tilheiros de madeira, e ainda com coiros frescos para evitar que fossem incendiadas, eram conduzidas para junto das muralhas em que se queria abrir brecha, e ali applicados seus mechanicos esfôrços em deslocar as pedras que as constituiam, e fazel-as abater, o que era não menos demorado que trabalhoso e perigoso para quem as empregava, attentos os variados meios que havia de as destruir, ou annullar-lhes e retardar-lhes os effeitos.

A estes morosos meios de ataque se addicionou ainda outro não menos demorado e trabalhoso, o qual consistiu no emprego das minas. Os sitiadores faziam abrir poços em proximidade das indicadas muralhas, e partindo d'elles por galerias subterraneas, procuravam extraír as terras em que se baseavam os respectivos alicerces, escorando estes com madeiras, que, opportunamente incendiadas, fizessem desabar pelo seu proprio pêso os correspondentes lanços das mesmas muralhas, para assim conseguirem brechas ou roturas mais ou menos accessiveis. Só uma verdadeira pertinacia da parte do sitiador poderia recorrer ao emprego de similhante meio.

Os sitiados, porém, não menos diligentes e perspicazes que seus inimigos, procuravam oppor-se a este novo methodo de aggressão por meio de artificios correspondentes; e d'aqui se originaram os differentes systemas de contra-minas, permanentes e occasionaes, com que se tem muitas vezes prolongado consideravelmente a defensa das fortificações.

Este indispensavel meio de defeza em taes circumstancias, consistia na abertura de galerias similhantes, que partindo do interior das fortalezas, fossem ao encontro das minas e mineiros inimigos, afim de inutilisar ou embaraçar seus trabalhos, fazendo-os desistir da continuação d'elles, por meio de vigorosos combates no interior da terra. D'isto resultou o nome de contra-minas, dado ás galerias subterraneas de que são guarnecidas algumas praças fortes e suas obras exteriores, como se pode ver no nosso bem construido forte de Nossa Senhora da Graça, na proximidade de Elvas. As contra-minas têem sido muitas vezes vantajosamente empregadas contra as operações e obras do ataque, ainda quando os atacantes não empregam as minas; mas este meio de defeza só tem sido usado depois da invenção da polvora.

Não obstante a superioridade que, nas antigas guerras de que tratamos, tinham os meios de defensa dos logares fortes contra os já apontados meios de ataque, ainda aquelles foram ampliados com outros recintos de muralha construidos exteriormente aos que já existiam ao menos em alguns logares a que os atacantes poderiam mais facilmente approximar-se; e d'aqui se originaram as differentes obras exteriores das praças de guerra, e os fossos.

O concurso, pois, e a bem entendida combinação e emprego de todos os supraindicados meios de defeza, conservou por muitos seculos constante superioridade sobre todas as industrias e machinas empregadas no ataque; ao ponto de haverem algumas

praças fortes resistido annos aos mais rigorosos esforços de numerosos exercitos empenhados em submettel-as. Só depois da lembrada invenção da polvora houve neste objecto sensivel mudança, como seria facil demonstrar, se ao nosso intento conviesse; mudança que ainda se vai tornando mais sensivel pelo grande aperfeiçoamento das armas de fogo, de que ao presente se servem os exercitos.

Ainda algum tempo depois da invenção da polvora, e subsequente uso das primitivas armas de fogo, a indicada superioridade dos meios de defensa sobre os de ataque, vigorou sensivelmente; sendo d'isto incontestavel prova a famosa defeza da nossa muito celebre praça de Dio contra o seu primeiro cerco no memoravel anno de 1538. O valeroso e distincto portuguez Antonio da Silveira Menezes, governando aquella praça, que apenas tinha seis centos homens de guarnição, conseguiu resistir, triumphar, e fazer levantar um vigoroso sitio a vinte e dois mil moiros, pela maior parte turcos janisaros, providos de boa artilheria, que resolutamente o atacaram. Outro exemplo nos offerece ainda a mesma praça no seu segundo cerco, em o nunca esquecido anno de 1546, tendo por governador o sempre valeroso e esforçado D. João Mascarenhas, o qual, com pouca gente e diminutos meios, conseguiu resistir por muitos mezes a consideraveis e bem dirigidas forças de varios paizes, capitaneadas por habeis chefes, que nenhuma operação nem industria conhecida de ataque deixaram em esquecimento; dando assim logar e tempo a que o immortal D. João de Castro puzesse termo a tão gloriosa defeza com a famigerada victoria ganhada sobre tão grande multidão de inimigos em 11 de novembro d'aquelle mesmo anno. Não bastaria por certo todo o valor dos portuguezes manifestado em tão memoraveis occasiões, se não se conservasse ainda a superioridade dos lembrados meios de defeza, que havemos examinado, e que assaz concorreram para taes triumphos.

Muito poderiamos avançar sobre esta vasta materia, se a brevidade que nos impozemos o consentisse, e se não nos parecesse sufficiente o que deixamos concisamente expendido para comprovar os verdadeiros fundamentos que Ovidio teve para chamar pertinaz ao sitio de Ardéa de que nesta sua apreciavel obra se recorda.

FREDERICO LEÃO CABREIRA.

NOTA QUADRAGESSIMA TERCEIRA

PAGINA 171 — VERSO 25

JOGOS EQUIRIOS

Em 26 de fevereiro celebravam os romanos as festas equirias, assim chamadas do latim *equus;* por isso que havia nestes certames publicos, executados no campo Marcio, junto ás margens do Tibre, o emprego de cavallos, correndo e tirando coches.

Diz Ovidio nos *Fastos*, liv. II in fine:

Jamque duae restant noctes de mense secundo;
Marsque citos junctis curribus urget equos:
Ex vero positum permansit Equiria nomen:
Quae Deus in campo prospicit ipse suo.

Diz Varrão liv. V *de ling. lat.*: « Equiria ab equorum cursu: eo enim die currunt equi in campo Martio. »

Foi Romulo, segundo a tradição, quem instituiu estes jogos em honra de Marte, seu supposto progenitor e Deus da guerra.

Na antevespera dos idos de março, dia 13, celebravam-se outras *(altera)* festas com o mesmo nome, em honra tambem de Marte por lhe ser consagrado este mez. Se o campo Marcio estava coberto com as inundações do rio, celebravam-se então no campo chamado ao principio Tusco, e depois Marcio pequeno ou menor, que ficava no alto do monte Celio. *Exposição dos Fastos d'Ovidio Nasão* por Domingos Fernandes. Lisboa 1749. — *Publio Ovidio Nasão. Fastos* commentados pelo dr. D. Diego Suarez de Figueiroa, tomo XI. Madrid, 1737. — *L'antiquité expliquée* por D. Bernard de Montfaucon, tomo II, I partie. París, 1722.

Sobre estes jogos poucas e escassas noticias encontramos; sendo certo que alguns escriptores nem sequer os mencionam, pelo menos com este nome, occupando-se aliás extensamente de muitos outros, que em Roma havia. Um d'esses escriptores é Moreri no *Diccionario Historico.*

Alguem affirma, que os jogos equirios se chamavam tambem curues, *ludi-curules. Encyclopedie Methodique Antiquités, Mythologie*, tom. II, París. Não sabemos que credito mereça esta affirmativa. O que nos parece é que elles pertenciam á classe dos espectaculos, chamados circenses, que a plebe romana pedia em altos brados com a mesma avidez, com que clamava pelas distribuições do pão, *panem et circenses.*

Esses grandiosos espectaculos, a que concorriam todos os que em Roma gosavam do direito de cidadão, consistiam em corridas de carros, tirados por dois, tres, quatro e mesmo seis cavallos, que disputavam o premio destinado ao vencedor.

Partindo do nascente para o poente, os carros deviam fazer sete giros em volta dos marcos, que prefixavam a distancia a percorrer. Este numero de sete, que se conservou em quanto os romanos respeitaram os seus antigos ritos, era allusivo aos sete planetas, porque os ritos e festas do paganismo por via de re-

gra symbolisavam originariamente os phenomenos da natureza, e tinham em grande parte significação astronomica.

O espectaculo compunha-se de vinte e cinco corridas ou sortidas *(missus)*, cada uma de quatro quadrigas. Os aurigas, ou conductores, vestiam librés das quatro differentes côres, que symbolisavam os elementos. O povo dividia-se em outras tantas facções, que se distinguiam pela côr da quadriga, que favoreciam.

Quando a avidez dos espectaculos cresceu com o luxo e ociosidade da plebe, augmentou igualmente o numero das sortidas em proporção da riqueza e munificencia de quem dava os jogos. Suetonio diz, que no tempo do imperador Nero (tão apaixonado d'estes exercicios, que elle mesmo figurou ahi como auriga d'uma facção) os jogos chegaram a terminar á luz d'archotes. Domiciano reduziu cada sortida a cinco giros, a fim, diz o citado historiador, de se poderem dar num só dia cem corridas.

Os imperadores do terceiro seculo celebravam os jogos equirios, onde quer que se achavam. Foi numa d'essas festas que Galerio Maximiniano se fez acclamar Augusto pelos soldados no anno 308.

Qual seria a causa, que produziu e conservou os jogos equirios, e os mais que do mesmo genero houve em Roma, não a referem os escriptores, que sobre a materia consultámos. O que vamos dizer pois, é por ventura temerario, ou conjectural, e por isso o submettemos humildemente ao juizo dos eruditos.

Os jogos publicos, tão frequentes entre os povos da antiguidade pagã, tinham origem, ou na religião, como os cereaes, isto é, de Ceres, celebrados no grande circo, em honra d'esta deusa, no dia 13 d'abril; ou nalgum feito memoravel, que se queria perpetuar, como os accianos, instituidos por Cesar Augusto para celebrar a sua victoria sobre Antonio, na famosa batalha d'Accio; ou numa e noutra coisa simultaneamente, como os capitolinos, fundados em honra de Jupiter, por haver conser-

vado o Capitolio, quande os gallos senonenses o sitiaram no anno 364 da fundação de Roma e 390 antes de Jesu Christo.

Se nos não enganamos, porém, Romulo, introduzindo em Roma os jogos equirios, mirou dois fins, não só adestrar cavalleiros na equitação, dispondo-os com taes exercicios para a guerra, mas tambem aperfeiçoar as raças de cavallos, animaes muito uteis em geral, e muitissimo para povos d'indole bellicosa, como os romanos eram.

A arte d'equitação foi no Lacio tão cultivada no tempo de Romulo, que os escriptores latinos e gregos, fallando da creação do corpo dos trezentos *celeres*, d'onde saíu depois a ordem dos cavalleiros romanos, não estranham de modo algum a novidade d'essa arte.

Por outro lado convinha aos romanos aperfeiçoar as raças cavallares, para poderem competir com as excellentes raças que possuiam as colonias ibericas, espalhadas na parte meridional da Italia e da Gallia, e as colonias celticas e germanicas, espalhadas ao norte dos Apenninos, *Histoire de l'Academie Royale des Inscriptions et Belles lettres*, tome septime. París 1773.

Isto é tanto mais de presumir, quanto é certa a inferioridade dos romanos na arma de cavallaria; inferioridade que lhes tornou difficeis suas victorias contra alguns povos, como os numidas e os parthos. Cesar Cantu, *Histoire Universelle*, tome second, edicç. belga, 1845.

Depois d'instituidos, não admira que estes jogos se conservassem, porque, alem das razões apontadas para a sua introducção, eram, já uma diversão util e talvez necessaria ao espirito publico, já um exercicio adequado ao caracter e instituições do povo guerreiro por excellencia.

Existem ainda hoje, como espectaculo publico, embora sem praso nem demarcação fixa nos calendarios, exercicios equestres bastante analogos aos d'aquelle tempo, como são as corridas de

cavallos em Inglaterra, paiz onde as conhecem desde remotas eras.

Fitz Stephen, que escreveu no tempo de Henrique II, falla do enthusiasmo frenetico, que dominava os habitantes de Londres neste divertimento. No reinado da rainha Isabel houve frequentes e apparatosas corridas, que arruinaram casas opulentas. Conta-se de Jorge conde de Cumberland, que só elle gastára em corridas de cavallos mais do que todos os seus antepassados. No seguinte reinado designaram-se logares para as corridas: Croydon no Sul, Garterly em Yorskshire tornaram-se por isso celebres. Camden refere que em 1607 as houvera junto a York, sendo o premio uma campainha d'oiro. *Encyclopedia Britannica*, 2.ª edic. vol. IX. Edymburgo, 1782.

Actualmente todos sabem das famosas corridas de Newmarket, que são o passatempo predilecto da aristocracia britannica e dos membros do Jokey-club, os quaes costumam ahi apostar sommas fabulosas.

Entre nós houve, ha annos, no Campo Grande junto a Lisboa, um ensaio infeliz d'estas corridas.

Os combates de toiros tambem são, em parte, jogos de cavallaria; as caçadas reaes e senhoriaes podem-se conceituar do mesmo modo.

Finalmente um dos dois principios, d'onde nasceram os jogos equirios, em tão diversas partes, com tão diversas denominações e formas, queremos dizer; a conveniencia de se aperfeiçoar a raça cavallar, suggeriu de certo o pensamento, agora geral, e com manifestas vantagens praticas, da exposição de gados e distribuição de premios aos melhores creadores.

Braga 20 de janeiro de 1860.

JOAQUIM JANUARIO DE SOUSA TORRES E ALMEIDA.

NOTA QUADRAGESSIMA QUARTA

PAGINA 145 — VERSO 3

CARISTIAS

CARTA AO TRADUCTOR

....

Tarde chego á festa, tão mimosa e sumptuosamente preparada por vós aos talentos da nossa terra.

Na distribuição dos convites, dois titulos vos guiaram: o da illustração, e o da amizade. Na festa da intelligencia, não quiz o coração perder os seus foros.

Como illustrados, vieram muitos; entre os amigos, vim eu.

Neste banquete litterario, todos os logares são nobres, os ultimos como os primeiros.

Mas se alguem podesse desvanecer-se com a distincção do convite, ninguem com mais razão do que eu podia fazel-o.

Sou convidado á festa das

Caristias
banquete convival entre os parentes;
festejo ao qual o affecto ha dado o nome.

Sou convidado á festa da familia, ao banquete das intimidades, ao santuario dos affectos puros, das conversações intimas,

das expansões suaves, das alegrias immaculadas, e dos prazeres sinceros!

Com que poetico jubilo o elegiaco do Lacio, o nobre cantor dos *Fastos*, escrevia o convite para a festa das *Caristias!*

Mãos puras, peitos sãos, almas sem dolo
accorrei ao convivio; os impios fujam!
....

Era grande aquelle imperio romano! Grande na extensão e na riqueza, na guerra, nas sciencias, nas artes e na poesia! Nas sumptuosas oblações dos templos, nas clamorosas atrocidades dos circos, em tudo! até nas suas memoraveis contradicções.

Tinha *Saturnaes* e *Bacchantes*, tinha *Vestaes* e *Caristias!*

Ali, as alegrias febrís, o prazer delirante, o vicio libidinoso a torpeza esplendida!

Aqui, a virgindade pudibunda, os intimos prazeres, os remansos jucundos, as alegrias suaves.

Veneza, foi licenciosa e proterva, mas escondia nas trevas os vicios, nas mascaras os rostos, e nos canaes do Adriatico os crimes e os amores.

Roma divinisava as torpezas, e com suas bacchantes desgrenhadas, ostentava-se em pleno dia, e tripudiava no *Forum.*

Oh! mas emquanto nas praças e nas ruas corre doida a impudicicia, o candido pudor da virgindade *igualmente* divinisado, refugia-se no templo junto dos altares de Vesta.

Mas, contrastando o tyrso de Baccho e as cachinadas da Folia preside á mesa o ancião da familia; o patriarcha dos *Lares*, assenta junto a si os seus mais *caros:*

Mãos puras, peitos sãos, almas sem dolo

e estreita mais e mais as

..........prisões que urdira o sangue.

Passa a intima festa em jubilos e brindes, e

> crê-se que neste dia alma Concordia
> mais benigna que nunca, assiste ao bodo.

Assim o descrevia Ovidio; assim o reproduz Castilho.

Assim era em Roma.

E nós? nada herdámos do imperio que foi nosso pai?

E nós nada aprendemos do povo que foi nosso mestre?

Herdámos e aprendemos.

Mas outro pai mais amigo, outro mestre mais sabio, nos veiu depurar a herança e aprimorar a doutrina.

Esse pai e esse mestre foi Jesus que proscreveu por affrontosas á humanidade as Bacchanaes e os circos, e santificou as *Caristias* num dos sacramentos da sua Igreja. Para ali convida elle os seus mais *caros*. Prepara-lhes mesa amplissima porque a familia é grande. Pede-lhes que tragam por unicos adornos:

> Mãos puras, peitos sãos, almas sem dolo

e faz-se elle proprio, manjar de seus convivas!...

Feliz o que nasceu em terra de christãos e lavado na pia baptismal acha logar e alimento na mesa *Eucharistica* de Christo!

Eis ahi as nossas *Caristias* divinas, mas temol-as tambem profanas, consagradas nas tradições dos seculos e nos costumes dos nossos maiores.

Triste de quem não tem familia nem lar, que lhe faltam as festas familiares do Natal e da Paschoa.

Este pobre Portugal que tem perdido tanto, e mais que tudo os seus costumes classicos, conserva ainda, principalmente no coração de suas provincias, onde mais tarde chega o *estrangeiramento* que tem invadido todas as nossas coisas e muitas das nossas pessoas, toda a pureza e toda a simpleza das antigas *Caristias* taes como o poeta as descreve. Ide ás festas do Natal e da

Paschoa, e vereis rodeando a mesa sobria ou opipara, somente as pessoas da familia. É porque nesses dias cada familia tem a sua festa.

Andam-se legoas, addiam-se interesses, deixam-se prazeres e arrostam-se intemperies e perigos para chegar á festa da familia. E ai do que não vem! que deixa triste a mesa dos seus mais *caros*, suspirosos os peitos de suas irmãs, e enrugada a veneranda fronte de seu pai!

Ninguem pode vencer a saudade que ali reina quando se olha para aquelle logar vasio, para aquelle talher ocioso... Falta uma luz no santuario da familia, uma voz no côro das alegrias, um affecto no templo das cordialidades!

Felizes os que têem lar e familia, e que nas festas do Natal e da Paschoa se assentam ao banquete das alegrias sem macula com

Mãos puras, peitos sãos, almas sem dolo.

Aceite v. muita amizade e muito reconhecimento de

THOMAZ RIBEIRO.

FIM DO PRIMEIRO TOMO

COLLOCAÇÃO DAS ESTAMPAS



